Alexios

OS KARAMANLIS
LIVRO 3

Autora best-seller da Revista Veja

J. MARQUESI

Alexios

Os Karamanlis
Livro 3

Autora best-seller da Revista Veja

J. Marquesi

Sinopse

Com um passado nebuloso, marcado por traumas, rejeições e violência, há anos Alexios Karamanlis busca entender a si mesmo e, para isso, começa uma caçada sem fim pelo destino de sua mãe biológica, junto a sua melhor amiga, Samara Schneider.

Amigos desde tenra idade, Alexios sempre tentou não a notar como mulher por temer perder sua amizade e apoio, e Samara sempre sonhou com o dia em que o garoto problemático e rebelde se apaixonaria por ela.

Juntos em busca de respostas sobre a verdadeira história do nascimento de Alexios, os dois mergulharão no sujo passado do pai dele, Nikkós Karamanlis, revelarão segredos muito bem guardados e, por fim, descobrirão que não há como reprimir mais a paixão e o desejo que sentem um pelo outro.

PRÓLOGO

Alexios

São Paulo, junho de 2002.

O país todo está enlouquecido!, penso ao passar por mais uma blitz policial sem nenhum problema, acelerando a moto ao máximo, capacete preto espelhado impossibilitando qualquer um de ver que quem pilota essa máquina é um garoto, não um homem.

Eu não sou um homem! Não sou! Se fosse, não estaria aqui neste momento, mas sim na delegacia, gritando por aí, fazendo qualquer coisa que não apenas dar uma de burguesinho filho da puta endinheirado, acelerando uma moto que custa o mesmo que um apartamento popular, mesmo sem ter habilitação para isso, apenas para esquecer os problemas.

Eu sou um merda! E sou isso por causa "dele"!

Caralho! A Paulista está fechada por conta das comemorações do pentacampeonato. É, o Brasil conseguiu mais uma estrela no futebol, o país está eufórico como se não houvesse crianças na rua, assassinos à solta, a corrupção impedindo todo o sistema público de funcionar. *Foda-se, somos penta!*

Faço uma manobra rápida com a moto, deixando marcas dos grossos pneus no asfalto e sigo para outra direção, à procura de mais uma avenida extensa e reta para que eu possa extravasar todo o ódio dentro de mim indo ao limite da velocidade.

Paro a moto de repente e quase sou arremessado para frente. Meus músculos

começam a tremer, meus olhos se enchem de lágrimas, sinto frio, meus dentes batem um no outro. Engulo em seco. Não vou chorar! Não choro mais, não há muitos anos.

Cada soco, cada pontapé, cada xingamento e mentira secaram minhas lágrimas. Elas até se instalam em meus olhos, porém não caem. Sufocam-me, quebram meu coração, desequilibram-me.

Caio no chão em um baque só, gemo de dor por causa do peso da moto sobre minha perna esquerda, mas não choro. Respiro fundo para controlar a dor, parar de tremer, diminuir os batimentos do meu coração. Estou acostumado a essa rotina de tentar não sentir dor, de tentar não sentir mais nada.

Levanto-me calmamente, sinto calafrios, manco, mas volto a subir na moto, acelerando-a, fazendo o motor girar e um ruído alto e potente se misturar aos sons das comemorações pelas ruas da cidade. Respiro fundo várias vezes e, quando não sinto mais nada, tiro o pé do chão e deixo a máquina me levar.

Eu queria poder fugir para o mais longe possível desta cidade, mas não dá, infelizmente não posso ir a lugar algum, estou preso, revivendo o mesmo inferno todos os dias, aceitando meu destino com resignação até poder livrar a mim e a Kyra do demônio que nos formou.

Eu poderia pedir ajuda ao Tim, mas sei que ele tem a própria merda para lidar e que conseguiu sair há pouco do inferno. Sei que precisava ir. Meu irmão estava por um fio, assim como eu, e, se ficasse lá conosco, seria para morrer ou matar, e, como não é da sua natureza matar, iria perecer aos poucos, como Nikkós gostaria que acontecesse.

Então ele foi, e eu fiquei incumbido de uma missão que nós aceitamos sem nem mesmo combinar nada, apenas porque sabíamos do que nosso pai era capaz e decidimos que não o deixaríamos chegar a ela.

Soluço na moto.

Eu falhei!

Eu falhei!

Eu falhei?!

Eu não sei! Simplesmente não sei o que aconteceu ontem! Acelero a moto, pegando uma rodovia, ainda tentando processar todos os acontecimentos e os flashes de memória que tenho.

Cometi um erro na noite passada, fui imprudente e agora preciso lidar com tudo o que aconteceu, mesmo sem entender direito o que houve. Enquanto piloto a moto, tento repassar cada momento de ontem, mesmo sabendo que já fiz isso várias e várias vezes sem nenhum êxito.

Nikkós finalmente viajou a trabalho – ou o que quer que ele tenha ido fazer –, e eu consegui relaxar um pouco. Mantenho constante vigilância sobre minha irmã, uma adolescente de 14 anos de idade, e evito ao máximo deixá-la sozinha com nosso pai. Não há muito que eu possa fazer para protegê-la das loucuras dele, mas o que está ao meu alcance, faço.

Por conta disso, desde que ingressei na universidade – no começo desse ano –, desdobro-me ao máximo para curtir com meus amigos e proteger a Kyra. A babá anterior era a mesma desde quando minha irmã e eu nascemos, totalmente devota ao nosso pai, então, assim que Konstantinos tomou posse de sua herança, demos um jeito de nos livrar dela, e, assim que outra foi contratada, meu irmão se encarregou de pagar uns extras para ela manter os olhos em Kyra.

Nikkós sempre foi um filho da puta covarde, ele nunca iria deixar um serviçal ver o que ele é capaz de fazer aos filhos, por isso tinha seus próprios lugares para executar suas torturas em Kostas e em mim.

Noite passada, uma galera mais velha da universidade fechou uma boate e me convidou para festejar com eles. Estávamos entrando de férias e queríamos muito desopilar o fígado, relaxar, curtir e esquecer todas as pressões dos estudos.

Como Nikkós não estava em casa, e a babá estava por lá com Kyra, por que não ir? *Foi esse meu erro!,* penso ao relembrar.

— O grande Alexios Karamanlis! — Alberto Bragança me saúda assim que entro na boate. — Achei que você não vinha mais, mano!

Ele me entrega uma caneca de 500ml de chope e um cartão para o restante do consumo, e logo vejo os outros caras em uma mesa no fundo do salão. A música alta, tocando um "batestaca" qualquer, não chama minha atenção. Sigo, então, na direção do pessoal e, mal chego lá, peço mais uma rodada de chope para todos.

Meu pai é um grande filho da puta, torturador desgraçado, mas, para manter as aparências, deixa-nos usar cartão sem limites e nos entrega uma mesada gorda. Bebo, sentindo o gosto do chope se tornar mais amargo que o normal, consciente de que essa porra toda é dele, comprada com o seu maldito dinheiro.

— Jefinho está na área! — alguém grita comemorando. — Vamos começar a diversão! Quem vai?

Sou um dos primeiros a me levantar, viro o resto da bebida e sigo com mais

cinco amigos para o banheiro, atrás do traficante oficial da turma. Vejo cada um pegando "no bufê do Jeff" sua viagem preferida e pego um pino de "coca" para começar bem a noite.

"Foda-se, Nikkós Karamanlis!"

Cheiro.

"Foda-se, Sabrina Karamanlis!"

Aspiro mais um pouco.

"Foda-se, Theo Karamanlis!"

Faço outra carreira com o restante do pó.

"Foda-se, Geórgios Karamanlis!"

Seguro a narina fechada, mantendo tudo dentro de mim, sentindo já meu corpo girar, o cérebro acelerar e todas as sensações de abandono e dor se esvaírem como num passe de mágica. Só existe prazer, nenhuma dor, tudo é maravilhoso!

Compro mais três pinos de cocaína e alguns comprimidos de êxtase. Essa noite não quero dormir, quero aproveitar, dançar, zoar, pegar umas universitárias e esquecer quem sou.

Começo a rir de mim mesmo, da piada que acabei de pensar. Esquecer quem sou só seria possível se eu soubesse quem sou.

"Eu não sou ninguém!"

Meu Nokia vibra com a chegada de uma mensagem, confiro ser de Samara, minha única e melhor amiga, e volto a colocá-lo no bolso ao perceber a aproximação de uma gostosa do quarto ano.

— Eu não acredito que você é menor de idade, Alex! — A garota, com luzes nos cabelos e vestido com apenas uma alça, passa a mão no meu peito. — Você não parece ser um garoto, mesmo com esse rostinho angelical.

Respiro fundo para não perder a paciência, pois, se há algo que me irrita muito, é quando dizem que eu pareço um anjo. Aproximo-me dela e a puxo pela cintura.

— Posso provar que não sou um anjo! — Pego sua mão e a levo até a frente da minha calça. A garota arregala os olhos. — Os demônios com cara de anjo são os piores, gata!

— Uau! — Ela lambe meu pescoço. — O que você tomou?

— Coca, mas tenho "bala" no meu bolso. — Ela ronrona, e eu me animo. — Vem comigo!

Levo-a para uma área nos fundos da boate, uma espécie de depósito que se encontra aberto, uma vez que a casa está funcionando apenas para um bando de

playboys endinheirados que preferem não se misturar com a ralé e, assim, fazer suas merdas longe dos olhos curiosos da plebe.

Claro! Afinal de contas, aqui estão reunidos os filhos dos maiores empresários, advogados, médicos, juízes e a porra toda elitizada desta cidade decadente. Bando de fodidos! A maioria desconta, como eu, a falta de afeto e atenção em casa gastando dinheiro, promovendo rachas pelas ruas, consumindo todo tipo de droga tentando preencher o buraco negro instalado nas nossas almas.

"Foda-se!"

Seguro a garota contra a parede fria do depósito e, sem nem mesmo perguntar seu nome, ataco sua boca com fúria, mordendo seus lábios e sugando sua língua. Ela mexe em minha calça, abre-a e retira meu pau para um tratamento especial em suas mãos macias.

— Novinho e pauzudo... — ela geme. — Cadê a balinha para deixar tudo mais divertido?

Sorrio e nego.

— Tem que merecer.

Ela sorri e, sem que eu precise sequer lhe indicar o que quero, ajoelha-se no chão grosso e toma meu pau em sua boca quente e esfomeada. Gemo, gostando da carícia, seguro-a pelos cabelos e a forço a engolir o máximo que consegue.

Tenho quase 17 anos, mas aposto com quem quer que seja que nenhum desses caras daqui tem a metade da experiência sexual que eu. E não, não "tiro onda" com isso, afinal, quem é filho de Nikkós Karamanlis não tem muita escolha sobre quando vai começar a trepar, ele simplesmente impõe, e comigo isso aconteceu quando eu tinha 11 anos de idade.

Afasto o pensamento pestilento sobre meu pai e curto a chupada gostosa que a garota ajoelhada me dá. Ela lambe, chupa, suga com força, arranha com os dentes – coisa que me excita "pra caralho" – e segura minhas bolas com vontade. Percebo que ela quer fazer o serviço completo com a boca, mas definitivamente ela não me conhece.

Ergo-a de uma vez só e a ponho de cara contra a parede. Procuro a camisinha no bolso da calça – uma coisa que se aprende quando se começa a vida sexual trepando com putas é que preservativos nunca podem faltar –, plastifico meu pau e levanto o vestido dela.

Bunda gostosa, magra, mas gostosa "pra cacete" com uma calcinha de cor forte – não sei se vermelha ou rosa; não divago muito sobre a cor, mesmo porque é irrelevante –, afasto a peça e esfrego os dedos em sua boceta depilada.

Ela ofega, rebola gostoso na minha mão. Vou penetrando-a devagar com os dedos, recolhendo um pouco da umidade de dentro de sua vagina para usá-la exatamente no ponto onde quero. Massageio seu clitóris até que ela se contraia em gozo e volto a molhar seu rabo com a lubrificação que solta.

Ela fica tensa quando encaixo a cabeça do meu pau em seu ânus apertado.

— Alex...

— Psiu... — falo devagarzinho em seu ouvido, lambendo sua orelha enquanto vou me afundando no canal estreito, sentindo meu corpo todo reagir à pressão de um local nunca ou pouco explorado. — Eu disse a você. — Ela arfa quando me encaixo por completo em seu rabo. — Os demônios com cara de anjo são os piores!

Meto com força e continuo estimulando seu clitóris, beijando e mordendo seu pescoço, até que ela explode em um orgasmo foda, e eu me deixo ir na camisinha, ainda sentindo as contrações do seu corpo. Quando ela se vira para me beijar, estico minha língua com sua recompensa na ponta. A garota sorri e chupa a drágea com vontade, enquanto eu engulo a outra.

A noite só começou!

Paro a moto em frente ao prédio onde Konstantinos mora. Fico parado olhando para o alto, invejando a liberdade de meu irmão, a coragem que teve ao se libertar assim que pôde do nosso pai. Ele estuda no Largo de São Francisco, vai ser um advogado e, mesmo que tenha tentado disfarçar, ficou contente quando contei que havia passado em todos os vestibulares para os quais havia prestado.

— Vai para algum lugar longe da cidade? — Kostas não escondeu sua preocupação.

— Não, vou ficar aqui — respondi com sinceridade, mesmo que minha vontade fosse ir para o mais longe possível deste inferno de lugar. — Vou continuar no apartamento de Nikkós, pelo menos até a Kyra fazer 18 anos.

Ele respirou fundo, e nossa conversa por telefone acabou aí. Nós não precisávamos externar nossa preocupação um para o outro, sabíamos do que nosso pai era capaz e do perigo que Kyra corria estando sob o mesmo teto que ele. Kostas saiu de casa, pois nunca soube lidar com Nikkós, ao contrário de mim.

O grego maluco tentou fazer comigo o mesmo que fazia com o meu irmão,

porém nunca pensou que não me afetaria, então mudou de tática. O desgraçado tentava me acertar no único ponto que realmente me doía, mas ainda assim eu resistia em demonstrar alguma dor, então ele me fazia sentir na carne.

Esfrego a mão no ombro esquerdo, quebrado há dois anos no que todos acreditaram ser um acidente enquanto eu andava de skate, sem saber que quase tive o braço arrancado pelo homem louco, bêbado e drogado a quem todos respeitavam como um exemplo de pai, criando seus filhos sozinho depois de ter sido abandonado pela mulher.

Farsante dissimulado! Nunca amou ninguém, nunca se preocupou ou se dedicou a ninguém, nem a si mesmo. Eu só não entendo o motivo pelo qual ele não deixou que a puta que me gerou abortasse ou mesmo por que não me deixou com ela.

Eu sou um covarde! Rio, ligando a moto de novo.

Meu maior sonho é vê-lo morto, desejei e planejei isso tantas vezes, de tantas maneiras diferentes, que sei todos os passos de cor. No entanto, nunca tive coragem... Respiro fundo.

Pelo menos até essa madrugada!

Não faço ideia de como cheguei a casa, estava doidão, alto demais, cheirava a cerveja, maconha, sexo e perfumes variados. Não sei nem com quantas garotas trepei à noite, sei que algumas só mamaram meu pau, mas, com outras, a coisa foi mais louca.

Não consigo me lembrar de muita coisa. Só tenho sensações ruins de quando cheguei ao apartamento e percebi que Nikkós havia voltado. Nas memórias, há gritos, choro, mas nenhuma imagem. Tudo o que tenho nítido na cabeça foi o que aconteceu depois que acordei.

Estava deitado na sala principal do apartamento, minhas roupas sujas de sangue, rasgadas, um hematoma no olho e um corte no canto da boca já me incomodando. Não sabia nem onde estava, só sentia dor, confusão, e vomitei ali mesmo, no tapete da sala.

Ao meu lado vi uma faca suja de sangue. Gelei, sem saber o que tinha feito e de quem era o líquido viscoso e vermelho que cobria toda a lâmina. Foi nesse momento que saí do torpor em que me encontrava, peguei o objeto e comecei a correr pela enorme cobertura, entrando em todos os cômodos.

— Kyra! — gritava, mesmo com a cabeça explodindo. — Kyra!

Minha irmã não estava em lugar algum, nem mesmo a Nívea, a senhora que cuidava dela, eu pude encontrar. Meu desespero só aumentou. Liguei para o telefone dela, mas estava dando na caixa de mensagens.

Comecei a soluçar, mesmo não derramando uma só lágrima, e entrei no local proibido da casa, o santuário satânico de Nikkós Karamanlis: seu quarto.

Estanquei quando vi seu corpo enorme e nu jogado sobre a cama *king size.* Notei os cortes em seus braços, bem como o movimento de respiração, seguido dos roncos altos. *O filho da puta não estava morto!* Apertei a faca em minha mão com mais força, pensando que esse seria o momento certo para livrar a todos de sua existência.

Andei até ele devagar, os nós dos dedos brancos de tão firme que segurava a faca. Medi suas costas, imaginando que seria muito fácil perfurar seu pulmão com uma só estocada no lugar certo e que ele morreria afogado em seu próprio sangue lentamente, em uma morte digna dele.

Ergui a faca, fechei os olhos, parei de tremer e me lembrei de todos os anos de abuso e de tortura, do que ele fazia ao Kostas, do que fazia comigo e do que poderia fazer a Kyra.

Respirei fundo, concentrei a força e desci a faca, mas parei a milímetros de sua pele quando ouvi soar a campainha. Joguei a arma para longe e saí correndo daquele cômodo pestilento, descendo as escadas disparado para atender a porta, torcendo para que fossem Nívea e Kyra.

— Alexios? — a voz de Samara me fez prender o fôlego. — Alexios, você está aí?

Abri a porta sem pensar duas vezes e desmontei ao ver minha irmã ao lado da minha melhor amiga. Kyra, minha pequena princesa, linda como uma pintura, seus olhos enormes e verdes cheios de lágrimas e os lábios trêmulos.

— Ainda bem! — exclamei aliviado, puxando-a para meus braços. — Ainda bem!

— Alexios, você precisa de ajuda? — Samara questionou, olhando tudo em volta. — Ontem à noite a senhora Nívea pediu que Kyra ficasse comigo e...

Segurei o rosto de minha irmã, desgostoso por saber que ela mal fala por conta do monstro que temos em casa, sequei as lágrimas que escorriam por seu rosto miúdo e assustado e perguntei:

— O que houve?

Ela deu de ombros.

— Ele voltou mais cedo, estava bêbado, mandou Nívea embora. — Sinto um arrepio de frio percorrer minha coluna. — Os dois discutiram. — Ela soluçou. — Ele bateu nela, ela desmaiou...

— E você, onde estava?

Kyra desviou os olhos, e eu senti como se um soco acertasse a boca do meu

estômago. Olhei para Samara em busca de uma resposta, mas minha amiga apenas deu de ombros, indicando que minha irmã também não falou com ela.

— Quando ela acordou, me levou para o apartamento da Malinha*,* e aí eu fiquei lá. — Kyra olhou em direção ao corredor. — Ele ainda está...

Assenti.

— Vá para o seu quarto, tranque a porta, tome um banho; daqui a pouco vou me encontrar com você. — Ela tentou sorrir em agradecimento para Samara, mas depois desistiu, seguindo diretamente para seu quarto. — Samara...

— Vocês precisam denunciar isso! — Ela tocou meu rosto. — Você é só um garoto, Alexios, não pode proteger vocês dois.

— Posso! — afirmei cheio de raiva. — Você sabe muito bem que, se uma denúncia for feita, ela será tirada de nós. Eu ficarei um ano em algum abrigo, mas e ela?

— O Tim não pode...

Neguei.

— Não acho que o deixariam cuidando de dois adolescentes, ele só tem 20 anos! — Fechei os olhos, cansado, com medo, sem saída e senti quando ela me abraçou apertado.

— Onde você esteve ontem à noite?

— Fui me divertir...

— Não. — Seus olhos lindíssimos encararam os meus. — Você não se diverte, Alexios, você tenta se matar. — Passou a mão pelo meu rosto. — Quanto usou?

Dei de ombros, não querendo discutir isso com ela. Nunca termina bem!

— Isso não ajuda ninguém. Nem a você, muito menos à sua irmã. — Tentou sorrir para disfarçar o sermão, seus dentes cheios de plaquinhas do aparelho ortodôntico, o rosto redondo de menina fazendo covinhas, coisa que ela sempre teve e sempre achei lindo. — Eu sei que só tenho 15 anos, mas...

— Eu agradeço que você tenha feito companhia a Kyra, mas agora preciso resolver tudo aqui. — Apontei para a sala. — Ficou tudo bem com seus pais?

— Sim, não acharam nada estranho que Kyra dormisse lá em casa, afinal, somos amigas.

Ri amargamente.

— Essa amizade é aceitável para os Schneiders, não é? — Samara ficou vermelha. — Kyra é uma boa menina, não um porra-louca como eu, filho de uma puta e...

Samara pôs a mão sobre minha boca.

— Você é meu melhor amigo, apenas isso deveria te bastar para calar qualquer outra coisa que meus pais possam pensar de você.

Abracei-a forte, a consciência pesada por falar mal de sua família, pois sei quanto ela os ama, depois me despedi e tratei de limpar a sala, jogar a roupa que usava fora e fiquei até há pouco com minha irmã, ambos trancados no seu quarto.

Só saí para espairecer, para processar tudo o que aconteceu na madrugada passada, pois mais uma vez Samara agiu como um anjo e convidou minha irmã para assistir à final da Copa do Mundo com ela e depois terem uma noite de meninas, com direito a festa do pijama.

Entro na garagem do prédio, mando uma mensagem para Samara informando-a de que cheguei e que estou indo buscar minha irmã. Sinceramente eu não sei como vou fazer até encontrar outra pessoa de confiança para deixar com Kyra quando eu não estiver em casa, pois Nívea disse que nunca mais colocará os pés no nosso apartamento, depois de ter recebido uma boa quantia para que não denunciasse o que se passa dentro de nossa casa, pois entendeu que prejudicaria Kyra.

Não importa! Kyra precisa de mim, e, nem se eu precisar mudar toda minha rotina por causa dela, a terei protegida.

Alexios

São Paulo, tempo atuais.

Acordo com uma dor de cabeça filha da puta, ressacado, tão zonzo que tropeço ao sair da cama, e a primeira coisa que me vem à cabeça nesta manhã (ou será nesta tarde?) é que hoje é véspera de Natal. *Foda-se!* Sou ateu, esses feriados religiosos não significam nada para mim.

Sigo pelo corredor em direção à cozinha, com muita sede, louco para tomar um analgésico para exterminar a dor de cabeça. Não vou tomar! Não tomo remédios para dor há anos, aprendi a conviver com as pontadas, com as ardências. A dor me tornou mais forte, resiliente, aprendi há muito que nada é capaz de me ferir mais do que eu mesmo.

A maioria dos meus ossos trazem lembranças de como superei, as marcas no meu corpo também, porém, nenhuma dessas cicatrizes é mais forte do que o vazio dentro de mim.

Encho um copo d’água até transbordar e o bebo em um só gole. A cabeça martela ainda mais por conta da bebida gelada, mas ignoro-a por completo. Não há remédio para o que sinto, não há cura para toda a raiva que carrego dentro de mim, então posso, sim, conviver com umas horas de pontadas no cérebro.

Olho para a porta fechada na área de serviço. Os cômodos dali eram a tal

dependência de empregados, mas, como eu nunca tive nenhum, aproveitei-os para outros fins. Inspiro, os cheiros tão familiares chegando às minhas narinas. A raiva natural com que acordo todos os dias se aplaca; não some, apenas se recolhe, dando lugar às sensações de prazer.

Confiro as horas e xingo ao perceber que já estamos no meio da tarde. Sinceramente, não sei por que Kyra inventou essa ceia de Natal, não depois de todos esses anos. Não entendo minha irmã, sinceramente. Há muito convivo com seu gênio forte, sua determinação, mas ainda não sei quem é ela. A garota divertida da infância se tornou uma adolescente quieta e taciturna, uma jovem inteligente e ajuizada e, por fim, uma adulta completamente misteriosa. Eu a acompanhei em todas as fases de sua vida, mas ainda assim não sei quem é a verdadeira Kyra Karamanlis.

Assim que ela completou 18 anos, abandonamos a luxuosa cobertura de Nikkós e fomos morar em um cafofo velho e caindo aos pedaços. Eu estudava como um louco no meu último ano de faculdade, e, como ela passou para uma universidade pública também, tínhamos que morar próximo de uma das duas universidades. Preferi ficar próximo da dela e me fodia andando de bicicleta até a minha todos os dias.

Nessa época eu estagiava na Novak Engenharia e, com a bolsa do estágio, eu mal conseguia pagar o aluguel do quarto e sala que aluguei. Ela nunca soube, mas quem bancava nossa alimentação, transporte e outras despesas era o Kostas. Meu irmão e eu nem éramos amigos, na verdade mal nos falávamos, mas todo mês o dinheiro aparecia na minha conta, e eu sabia que vinha dele.

Formei-me e já fui efetivado na Novak. Trabalhei com o Nicholas, com quem aprendi demais e construí uma amizade forte, assim como com seu irmão Bernardo. Os tempos de bagunça, baladas, drogas e bebidas acabaram quando nos libertamos da prisão daquele apartamento e da convivência maligna de Nikkós.

Kyra estudava muito, era extremamente aplicada em tudo o que fazia, e, irritada por não conseguir conciliar seu horário de estudos com um emprego, começou a fazer doces e salgados dentro do nosso pequeno apartamento e vendê-los na faculdade.

Rio ao pensar que foi assim que nasceu a promoter de eventos, em uma cozinha de seis metros quadrados, com um forno capenga, um fogão com só duas bocas funcionando e uma geladeira que parecia um monomotor, de tanto barulho que fazia. Em pouco tempo ela estava fornecendo encomendas para festas e pequenos eventos, depois começou a fazer projetos de decoração, então,

quando se formou, foi trabalhar em um grande e caríssimo bufê da cidade, auxiliando a cerimonialista com os projetos.

Hoje ela é a dona de uma empresa especializada em produções de eventos diversos, bem-sucedida, com um negócio em progressão geométrica de crescimento. Tenho muito orgulho dela, principalmente por ser a única que não ficou agarrada ao cordão umbilical familiar dentro da Karamanlis.

Agora qual a necessidade da porra de uma ceia de Natal para comemorar a expansão de seu negócio? Vou ter que ficar com um maldito sorriso no rosto, carinha de anjo, lidando com o caralho da minha gastrite me corroendo ao pensar na hipocrisia do mundo.

Respiro fundo e decido combater a ressaca e a dor de cabeça com mais bebida. Pego uma cerveja na geladeira, abro-a na beirada da pia e entro no outro ambiente, a sala, integrada ao outro cômodo, separados apenas por uma enorme bancada.

Eu mesmo projetei esse prédio, há alguns anos, ainda trabalhando na Novak. Bernardo Novak é meu vizinho de porta, e Nicholas foi o primeiro dono da cobertura duplex que toma todo o último andar, hoje habitada por um casal e uma menininha. Comprei o apartamento pensando em vir morar com minha irmã, mas qual não foi minha surpresa quando ela anunciou que só sairia do cafofo para seu próprio lugar?

Pois é, vim sozinho, ocupo apenas a suíte principal, e os outros dois quartos estão praticamente vazios. A sala foi decorada – pela própria Kyra –, bem como a cozinha, mas nunca mandei fazer os móveis da sala de jantar, pois não vejo nenhuma função para eles. Eu como sozinho no balcão da cozinha, assistindo a TV ou ouvindo música.

Resgato meu celular, seleciono uma das minhas muitas playlists, e a caixa de som já liga automaticamente, deixando o som pesado do Matanza ecoar pelos ambientes. Sorrio ao ouvir "Bom é quando faz mal", as recordações das loucuras da faculdade, de toda a merda que eu fazia. Não tenho vontade alguma de fazer de novo, mas também não posso dizer que me arrependo. Era o meu jeito de extravasar, tresloucado, admito, mas ainda assim muito mais normal do que o que eu vivia dentro de casa.

Preparo qualquer coisa para comer, balançando a cabeça e cantando as músicas de várias bandas de rock, algumas famosas, outras nem tanto, mas que marcaram minha vida de alguma forma.

O telefone toca, e a chamada atrapalha minha diversão musical. Bufo, jogo o pano de prato sobre a pia e pego o aparelho.

— Oi, Millos — atendo meu primo.
— Boa tarde, Alexios. Animado com a reunião de hoje à noite?
— Ô, tão quanto eu estaria para fazer um exame de próstata. — Millos gargalha. — Ela convidou você também?
— E o Kostas. — Isso me surpreende, pois, até onde eu sei, não temos nenhuma convivência com ele. — Bom, liguei para dizer que irei viajar na virada do ano, por isso preciso que você não deixe de ir ao baile dos Villazzas.
Gemo ao pensar em vestir um smoking.
— Porra, Millos, não fode! Aposto que Theodoros vai, afinal Frank e ele são quase um casal! — Millos ri do meu deboche acerca da amizade entre meu irmão mais velho e o CEO da rede Villazza de hotéis. — Não tenho a mínima...
— Konstantinos confirmou presença também.
Puta que pariu!
Preciso me sentar depois dessa informação, pasmo só em imaginar Kostas com alguma puta, sentado na mesma mesa de Theodoros. *Vai dar merda!*
— Eu não tenho companhia — tento me justificar. — E você poderia adiar a sua viagem só por uns...
— Não, não posso, já fiz todos os arranjos, reservas em hotéis, o cronograma da viagem! Você tem que ir para evitar que os dois prejudiquem a imagem da empresa.
Reviro os olhos ao pensar na *imagem da empresa*. Millos é doido ao pensar que temos uma imagem a zelar. Todos nesta maldita cidade, neste meio asqueroso no qual vivemos, sabem que somos todos fodidos e que nosso pai cagou em nosso nome com a sucessão de merdas que fez.
E olha que a maioria não o conheceu de verdade, não soube o monstro que ele era, escondido por detrás de uma fachada bonita e um sorriso de conquistador barato! Um lobo em pele de cordeiro, um demônio com a face de um anjo... assim como eu.
Bufo de raiva.
— Cadê aquela sua amiga? — Franzo a testa, sem acreditar que ele está se referindo à Samara. — Vocês viviam para cima e para baixo juntos, ela te acompanhou em um dos primeiros eventos dos Villazzas e...
— A Samara mora em Madri há mais de três anos, Millos. — Decido não entrar em detalhes e contar a ele que nos afastamos por algum motivo idiota que eu não consigo lembrar. — Vou ter que ligar para alguma...
— Isso, ligue — ele me corta. — Mulher nunca foi seu problema, aposto que você tem um caderninho cheio de telefones.

— E daí? — afronto-o. — Gosto de sexo, nunca escondi isso, diferente de você, que nunca foi visto com nenhuma mulher além daquela sua amiga motoqueira. — Decido provocá-lo: — Millos, acho que está na hora de sair do armário, porra!

O filho da puta ri alto.

— Eu não teria problema algum em sair se fosse o caso. Ainda mais agora, que Dimitrios saiu, e o *pappoús* continuou vivo e... — Millos para.

É sempre assim quando algum assunto referente à família na Grécia vem à tona. Eu não conheço ninguém, nunca fui à Grécia, nem tenho a mínima vontade de ir. Não conheço o tal *pappoús*, nem primo algum além de Millos, que só conheci quando veio morar no Brasil.

Sou o Karamanlis renegado, indigno do sobrenome.

— Vou ligar para alguém e convidar a ir comigo — encerro o assunto constrangedor. — Mas não garanto atuar de mediador como você.

— Você, mediador? — Millos se surpreende. — Alexios, se eu não tivesse interferido, você teria criado uma situação com Theodoros na festa de final de ano da Karamanlis. Eu só quero que você vá com alguém e iniba um pouco aqueles dois.

Bufo e concordo.

— Eu vou.

— Obrigado. — Estou prestes a desligar, quando ele me chama de novo: — Ah, Alexios, não encha a cara, senão você vai falar merda para o Theo, e o Kostas vai se aproveitar disso.

— Vai se foder, Millos! Eu já vou, porra, não diga o que tenho que fazer.

Desligo irritado, perco a fome e a vontade de terminar o que estava preparando.

Mesmo puto, preciso admitir, Millos tem razão sobre eu perder a cabeça com Theodoros, principalmente quando bebo. Eu não odeio meu irmão mais velho como sei que Kostas o faz, apenas ele não significa mais nada para mim.

Convivo bem com ele, pelo menos no sentido profissional, mas não quero nenhum tipo de ligação mais pessoal. Ele perdeu o *timing* quando, depois de toda a merda que ajudou a fazer, nunca mais quis saber de nós. Era como se nem existíssemos! Ele excluiu Nikkós de sua vida, mas acabou nos descartando junto. Nunca se preocupou em saber de nenhum de seus irmãos, muito menos de sua adorada Kyra, a mais vulnerável de todos nós.

Então, sim, eu perco a cabeça com ele, principalmente com seu jeito esnobe, intocável, como se somente ele importasse e mais ninguém. E foi por isso que

nos estranhamos na festa de final de ano da Karamanlis, porque, simplesmente, este ano a festa não foi *Theocrática*[1].

Millos e eu nos reunimos com alguns gerentes e coordenadores para entender o que os funcionários da Karamanlis gostariam de ter em uma festa de encerramento do ano. Depois, contratamos todos os serviços – sem ser da Kyra, pois neste ano ela se livrou de nós na cara dura – e fizemos a festa focada nos funcionários.

Aparentemente, isso chocou e desagradou ao CEO com síndrome de deus, e sua cara fechada e seu olhar de desprezo não ficaram nada disfarçados.

— Ei, *irmãozinho!* — Eu o parei, enquanto andava como um deus do Olimpo visitando terráqueos. — Aproveitando a festa?

— Espero que não tenha vindo de moto! — o filho da puta tentou me repreender como se estivesse preocupado com minha segurança, e isso, juntamente a toda cerveja que eu já tinha tomado, irritou-me.

— Preocupado com minha integridade física, *oh, poderoso Theo*!? — Ri, já muito bêbado para me conter. — Vê só como seu nome já lembra a divindade que você é! *Théos*[2]*!*

Theodoros franziu o cenho com meu deboche, comparando seu nome à palavra deus em grego. Estava prestes a dizer algo, mas se conteve quando de repente fui abraçado pelos ombros. Nem precisei olhar para saber que nosso *interventor* havia chegado.

— Alex, que festança, não? — Millos comentou. — Eu nunca vi nosso pessoal tão à vontade e tão satisfeito com uma festa de final de ano!

— Você só pode estar brincando! — Theodoros pareceu perplexo. — Essa confraternização não chega aos pés da do ano passado!

Gargalhei ao confirmar que ele era mesmo um grande egocêntrico, incapaz de perceber a diferença da festa deste ano à do ano passado por estar focado nos detalhes e não no que realmente importava: as pessoas.

— Na do ano passado, o pessoal quase dormiu nas cadeiras com aquele sonzinho de jazz que foi colocado para agradar a um certo CEO! — respondi como se estivesse sóbrio, mesmo não estando. — Você não conhece seus funcionários, não sabe do que eles gostam e...

— Chega, Alex! — Millos me cortou.

— Foi ele quem organizou isso aqui? — Theodoros perguntou ao Millos, apontando o dedo em minha direção como o grande babaca que sempre foi.

— Fui! — respondi. — Olhe além do seu mundinho privilegiado, *Théos!* — Tentei demonstrar com gestos o que dizia, abri os braços de repente, e meu

punho bateu no peito do Millos, que chegou para trás. — A festa está no fim, todos foram dispensados a ir mais cedo para casa, mas... — olho para um grupo dançando e vários outros conversando, comendo e se divertindo — você está vendo alguém ir?

Ele ficou um tempo olhando em volta como se notasse, pela primeira vez desde que chegou, que realmente os funcionários estavam adorando a descontração deste ano.

Eu só não esperava que ele tentasse ser condescendente comigo:

— Bom trabalho! O pessoal parece realmente estar gostando!

Só faltou dar umas batidinhas em minha cabeça como se eu fosse a porra do seu cãozinho de estimação. Meu sangue ferveu, travei os punhos e não me contive:

— Vá se...

— Nós agradecemos! — Millos interrompeu-me e me abraçou novamente pelos ombros. — Foi um trabalho em equipe! Somos um só time dentro desta empresa.

Mal acabou de falar, seguiu para o outro lado, levando-me consigo.

— Porra, moleque, não tem como ser menos reativo não? A festa está um sucesso graças ao seu feeling, ao modo como você conhece e percebe as pessoas, para que estragar isso batendo boca ou — ele me encarou —, como percebi que queria fazer, enchendo a cara do Theo de porrada? Sai dessa!

Concordei com meu primo e respirei fundo. Depois disso tomei quase um litro de café amargo, ele me pôs em um Uber, e eu vim para casa, onde continuei a beber, desmaiei no sofá e, no outro dia, fui correr ainda um tanto trôpego, sendo desclassificado no teste do bafômetro.

Perdi minha última corrida do ano, grande fracassado que sou!

Volto a ligar minha playlist, e a música que toca é exatamente a que eu preciso para sair da fossa dessas lembranças todas:

— *Eu não tenho nada pra dizer. Também não tenho mais o que fazer. Só para garantir esse refrão, eu vou enfiar um palavrão: cu!*[3]

02

Alexios

Entro no showroom da Αγάπη[4] – a empresa de eventos de Kyra – e já admiro o trabalho dela com a decoração do local. A enorme mesa com vários lugares ocupa o centro do enorme salão, com castiçais, flores, louças e talheres milimetricamente colocados, junto a taças de cristal e guardanapos de linho.

No restante do salão, há mesas altas para apoiar drinques, sofás e poltronas brancas, com almofadas e outras coisas de decoração seguindo a paleta de cores da festa: verde, vermelho e dourado.

Clichê! Mas é Natal, tem como não ser?

Dou de ombros e vejo Kyra de costas, junto à belíssima morena que trabalha com ela desde que abriu a empresa e as duas chefes de cozinha que conheceu ainda quando trabalhava no outro bufê e as roubou na cara dura quando resolveu estabelecer seu próprio negócio. Uma delas, acho que é a doceira – Mari, como todos a chamam – me vê e logo cutuca minha irmã.

— Ah, Alex! — Kyra abre um enorme sorriso, entrega para a morena – como é mesmo o nome dela? – os penduricalhos de Natal com os quais enfeitava o enorme pinheiro e vem até mim. — Que bom que chegou, tenho uma coisa para

você!

Ah, puta que pariu! Ela me comprou um presente? Fico imediatamente sem jeito, pois não comprei absolutamente nada para ela. Eu nem imaginava que iríamos trocar lembranças, nunca fizemos isso!

Alívio toma conta de mim quando ela vem com uma caixinha pequena e claramente de doces.

— Quando experimentei, lembrei logo de você. — Ela tira um doce dourado de dentro da caixa. — Prove!

Franzo o cenho e abro a boca. Mastigo devagar, emitindo sons de prazer, adorando o contraste de texturas e o sabor doce e... picante. Abro um sorriso.

— Chocolate com pimenta! — Termino de comer. — Perfeição!

— Bombom Helênico. — Faço careta para o nome, não combina em nada. — Eu sei, é péssimo, mas as meninas quiseram fazer uma homenagem para a Helena, então... — Dá de ombros.

Helena!, minha mente grita ao lembrar o nome da morena gostosa, mas que nunca sorri e mal fala comigo quando apareço aqui.

— Hum... gostosa! — Começo a rir quando noto que falei alto. Kyra me olha séria. — O quê?

— Nem pense, ela está comprometida!

Ergo as mãos em minha defesa.

— Não falei nada!

— Não precisa! Sua fama de embusteiro conquistador te precede! — Faço careta, e ela ri. — Estive com saudades de você.

— Então por que não foi me ver ou me ligou? — pergunto sem enrolação.

— Não sei.

Respiro fundo. Ela se fecha, é sempre assim e não só comigo. Ela se empolga, vibra, deixa as pessoas se aproximarem, mas nunca demais. Quando chega a seu limite, simplesmente retrocede com a mesma rapidez e naturalidade com que atraiu alguém. É por isso que suas amizades ou mesmo seus relacionamentos amorosos nunca duraram muito.

Porém o que faço eu aqui, julgando-a?

— Alexios Karamanlis! — Viro-me ao ouvir a voz de Millos.

Meu primo – *filho de uma égua!* – carrega uma enorme caixa de presente toda embrulhada e com laços. Kyra abre um enorme sorriso e vai saltitante até ele, abraça-o pelo pescoço – coisa que não faz nem comigo – e agradece o regalo.

— É para decorar sua sala de empresária fodona — ele brinca com ela, e

Kyra gargalha ao tirar uma estátua toda colorida de um unicórnio. — Eu me lembrei daquela sua fantasia no dia das bruxas...

Kyra para de boca aberta.

— Millos, eu tinha quatro anos! — ela recorda e, de repente, parece lembrar também que, naquela época, tudo parecia realmente possível, mágico e feliz.

Meu primo a abraça forte e fala algo em seu ouvido, baixinho. Kyra assente, e eu fico paralisado vendo a troca de carinho entre eles. Parece normal, não é? Mas, creiam-me, não é. Millos evita qualquer contato físico com outras pessoas. Ao cumprimentá-las, ele prefere baixar a cabeça do que dar um aperto de mãos; o máximo que o vi fazer até hoje foi tocar no ombro de alguém, mas somente quando julga necessário. Até comigo, o máximo que ele fez até hoje foi me abraçar para evitar um embate entre mim e Theo. Então assistir aos dois se abraçando é realmente algo inédito.

— Feliz Natal, *pesménos ángelos*[5].

Mostro o dedo do meio para ele.

— Ah, pesquisou! — Ri debochado, mas logo para ao aceitar o chope que Kyra nos oferece. — É um absurdo você não saber nada da nossa língua.

— Não tenho interesse algum por nada que venha de lá — justifico e bebo. — Kyra também não sabe!

— Quem disse? — Ela começa a rir. — *Anóito*[6].

— Quando foi que você se interessou por essa porra? — questiono-lhe surpreso.

— Você leu o nome da empresa dela na fachada? — é Millos quem retorna minha pergunta. — Está em grego!

Millos e Kyra engatam uma conversa, enquanto eu ainda estou paralisado com essa nova informação. Não é exagero, mas eu pensei que ela, assim como eu, desprezasse qualquer coisa que tenha relação com Nikkós. No entanto, ao contrário de mim, ela sempre foi aceita por todos os Karamanlis como parte da família, então é natural que tenha algum apreço por eles.

— Ah, mais convidados estão chegando!

Kyra deixa-nos a sós e vai até um grupo que não conheço.

— Ela parece feliz — comento com Millos.

Meu primo dá de ombros.

— Há pessoas com o dom de demonstrar apenas o que querem que vejam. — Bebe o resto de seu chope e me encara. — Já resolveu o assunto do baile dos Villazzas?

— Ah, Millos, não fode mais a minha noite! — Vejo duas lindas mulheres

adentrarem ao salão e abro um sorriso. — Pode ser que ela esteja começando a melhorar.

Millos ergue uma de suas sobrancelhas, e eu o deixo sozinho, caminhando em direção ao meu mais novo alvo da noite, que, neste exato momento, cumprimenta minha irmã.

— Kyra, eu gostaria de... — finjo interromper-me quando as desconhecidas me olham. — Desculpem-me. — Kyra rola os olhos, mas suas convidadas não desviam o olhar do meu rosto. — Millos estava falando do chope, e nós fizemos uma pequena aposta, mas posso ver isso depois, atenda seus convidados. — Abro novamente meu melhor sorriso na direção delas.

— Valéria e Priscila, esse é meu irmão, Alexios Karamanlis — Kyra faz nossa apresentação, e eu sei que depois irá jogar na minha cara que eu estou lhe devendo por isso.

— Um prazer, Valéria! — Aproximo-me para cumprimentá-la e logo depois saúdo a outra: — Prazer, Priscila.

— O prazer é meu, Alexios — Priscila responde, sorrindo, e vejo a mão de Valéria tocar suas costas num gesto um tanto territorialista. *Perfeito!* Trocamos beijos no rosto em cumprimento. — Eu já te vi em algumas revistas especializadas em engenharia e arquitetura, principalmente quando o conselho dessas classes era o mesmo.

— Arquiteta? — tento adivinhar, mas ela nega e aponta para sua amiga.

— Valéria é, eu sou designer industrial. — Faço cara de surpresa, mesmo sem achar nada de mais. — É, eu sei, a maioria das pessoas que me conhece acha que sou modelo ou estilista, mas você quase acertou. — Seu sorriso é claramente de quem se sente lisonjeada. — Trabalho conceitos para grandes marcas.

— Incrível! — Olho-a de cima a baixo, e Kyra bufa. — Você também parece incrível, Valéria. — Sorrio, e ela relaxa.

— Alexios, chegaram outros convidados, você poderia fazer companhia a elas? — Ela pega na mão das amigas. — Vocês não se importam, não é?

— Claro que não, você é a anfitriã da noite! — Valéria diz, e sinto seu olhar brilhar em minha direção. — Nós ficaremos em boa companhia com seu irmão, afinal, é o anjo rebelde dos Karamanlis.

Puta que pariu!

Kyra arregala os olhos quando sua convidada fala essa maldita expressão e me encara. Minha irmã sabe como eu odeio ser chamado assim, principalmente desde que uma revista que cobre a alta sociedade brasileira fez uma entrevista

comigo e pôs essa alcunha na capa.

Anjo rebelde dos Karamanlis! Parece piada!

— Alex? — Kyra me chama. Eu respiro fundo, volto a sorrir *como o anjo que sua amiga espera que eu seja*, e ela relaxa. — Divirtam-se.

Acompanho minha irmã com o olhar e a vejo cumprimentar mais pessoas que acabaram de chegar. Confesso a vocês que meu tesão despertado pelas curvas deliciosas das mulheres à minha frente deu uma caída, mas não vou deixar Kyra em uma saia justa com suas convidadas, que podem ser somente suas amigas, mas também possíveis clientes.

— Então, Alexios, o que você curte fazer quando não está à frente da K-Eng? — Priscila é quem pergunta, claramente interessada.

Encaro-a sem responder por alguns minutos, jogo um olhar para sua amiga, percebendo que ela também entrou no jogo, e disparo:

— Trepar.

A mulher, que, enquanto eu estava distraído olhando para Kyra, pegou uma taça de champanhe, se engasga e tosse, tentando disfarçar, mas Valéria não se faz de rogada, abre um enorme sorriso, como quem já esperava por essa resposta.

— Uau! Que resposta mais direta! — Ela olha para sua companheira.

— Está mais para anjo malvado do que rebelde...

— Até os *anjos* têm sexo, baby! — confesso, assumindo minha faceta de cafajeste. — Não tive um só pensamento celestial desde quando vocês apareceram.

Priscila sorri sem jeito, mas claramente interessada e mais uma vez consulta a mulher ao seu lado com o olhar.

— Podemos marcar um jantar qualquer dia para... — Valéria é quem começa, mas ela não me conhece! Não vou deixá-la assumir as rédeas do jogo não!

— Já estamos em um. — Aponto para a mesa posta. — Podemos pular essa parte. — Pisco.

Agora ela me olha cheia de tesão, e eu confirmo que gosta de um pulso firme também.

— Você está nos propondo sexo?

— O quê?! — Priscila arregala os olhos. — Agora?

Chego perto dela, a mais delicada das duas, olhando intensamente para seus olhos, depois abaixo levemente a cabeça e falo perto de seu ouvido:

— Estou te propondo alguns orgasmos de Natal junto à sua amiga. Sexo é só a caixinha de presente. — Ainda abaixado, com a boca a pouco centímetros de sua orelha, olho para Valéria. — Conheço este lugar como a palma da minha

mão, ajudei a planejá-lo.

— Val? — A pele arrepiada não nega que ela está doida para aceitar o convite, mas julguei certo ao perceber quem decide as coisas entre as duas e quem derreteria com uma abordagem mais firme.

— Adoraria conhecer o local!

Sorrio de forma doce e inocente, o mesmo sorriso político que uso na empresa e que faz as pessoas me acharem fofo e inofensivo.

Eu não sou!

Faço um gesto para que elas passem à minha frente e as guio, apoiando levemente minhas mãos na base da coluna de cada uma delas. Kyra arregala os olhos quando nos vê passar indo em direção à sua sala de reuniões. Pisco para ela e sussurro:

— Não vou danificar nada!

Abro uma porta e ofereço passagem às minhas companheiras.

— Senhoritas, por favor!

Olho para o salão uma última vez antes de adentrar ao corredor que nos levará até o local onde, por algum tempo, vou descontar a frustração e a chatice de estar neste evento e vejo Konstantinos chegar. Cumprimentamo-nos com um gesto de cabeça, ele segue até onde Millos conversa com Helena, e eu fecho a porta, pronto para a diversão.

O tesão volta a me acertar quando vejo as duas já *esquentando os motores*, beijando-se como se estivessem se comendo. Fico parado, assistindo, apenas um voyeur desfrutando da magnitude plástica que é ver duas mulheres juntas. Perfeição, lindas, tão naturais e soberanas que tenho desejo de eternizá-las.

— Você só vai ficar olhando? — Valéria pergunta, provocando-me.

— Claro que não. — Tranco a porta do corredor por dentro, mas sei que o pessoal da cozinha também tem acesso a este lugar. — Vou orquestrar!

A bela morena com cabelos afro juntados no alto da cabeça ergue uma de suas sobrancelhas, mas não para de acariciar a loirinha miúda que está abraçada a si.

— Como você quer?

Cruzo os braços. Sei que ela é a dominante, mas sou perverso o bastante para tirá-la de sua zona de conforto.

— Quero que ela te coma — desafio-a.

Valéria prende a respiração, avaliando meu pedido, e eu me encosto contra a porta que tranquei, esperando, sorriso bonzinho na cara, como se não tivesse pedido nada de mais.

A morena começa a desabotoar o vestido, tomando as rédeas da situação. Reconheço sua inteligência, vai continuar no comando, mesmo sendo passiva.

— Pri — chamo a loirinha —, eu quero que você a deixe nua, a beije e a chupe inteira até que goze.

Priscila segura as mãos de Valéria, impedindo-a de continuar, mas a sinto ficar tensa. Mudo de jogo, vou até as duas, posto-me contra a parede e as puxo para perto, às costas de Valéria. Beijo seu pescoço cheiroso, seguro firme seus cachos, fazendo sua cabeça inclinar para o lado, expondo mais sua orelha para que eu possa provocá-la.

Priscila desce pelo corpo curvilíneo e perfeito de Valéria, desnudando-a, lambendo-a como uma gata faminta. Sinto o tesão no corpo da morena, sua temperatura mais alta, o movimento involuntário do seu quadril contra o meu, pressionando meu pau.

Os cabelos fartos já estão enrolados em meu punho, firmes, sendo puxados quase dolorosamente, enquanto a beijo no pescoço, orelha, ombros e boca, girando sua cabeça ao máximo para que nossos lábios se encontrem.

Priscila está de joelhos no chão, a cabeça enfiada entre as coxas torneadas de Valéria, sua língua trabalhando rápido na boceta molhada da amiga, que geme alto e segura com força meu pau, ainda aprisionado pelos tecidos da roupa, atrás de si.

O gozo de Valéria é incrível de se assistir! Uma orquestra bem afinada parece produzir seus gemidos, seu corpo todo brilhante pela fina camada de suor, os músculos tensos, o desespero demonstrado no aperto forte em meu pênis.

— Agora... — sussurro em seu ouvido assim que vejo Priscila se erguendo lambendo os lábios — você e eu vamos comê-la juntos!

Ela ri, deliciada, buscando minha boca, abraçando-me de frente. Seguro firme em suas nádegas, moendo-a contra meu pau, sugando sua língua, mas sem tirar os olhos da loirinha gostosa de quem vamos desfrutar.

03

Samara

Confiro a lista em minhas mãos, certificando-me de que não estou esquecendo nada. *Sempre esqueço!*, penso rindo, fechando a terceira mala que acabei de aprontar. Se tem algo em que eu sou mestre é esquecer algum item essencial ao viajar.

Bebo o restante do chocolate quente – já frio, diga-se de passagem – que comprei pouco antes de subir até meu apartamento e voltar a arrumar a mala. Desci para comprar mais uns sacos organizadores, porque eu sou a típica pessoa que gosta de tudo separado e guardado dentro da mala, simplesmente não consigo levar nada solto, e aproveitei para tomar meu último chocolate espanhol, pelo menos por uns meses.

Suspiro e olho em volta no apartamento onde moro há três anos, desde que vim para cá estudar, acabei arrumando trabalho e fincando raízes que estão se tornando cada vez mais fortes.

Caminho até um móvel do quarto e pego o porta-retratos onde Diego e eu aparecemos juntos, sorridentes e felizes, dentro de uma gôndola em um dos canais de Veneza, depois de termos nos conhecido na Piazza San Marco[7],

quando ele derrubou meu tripé com a câmera que eu usava para fotografar o local.

— *Lo siento*[8] — ele disse nervoso e depois começou a rir. — *Mi scusi!*[9] — Percebi que estava bem nervoso, tentei não rir, e ele ficou ainda mais. — *Sorry?*

— *"Lo siento" fue lo suficiente. Yo hablo español.*[10] — Ele soltou o ar audivelmente e sorriu, seus olhos cor de chocolate brilhando divertidos, os cabelos revoltos por causa do vento. — *No hay problema.*[11] — Ele pareceu não entender e franziu as sobrancelhas. Apontei para a câmera. — *Con la cámara fotográfica.*[12]

Foi então que ele sorriu de modo diferente, formando covinhas em suas bochechas, e eu percebi o quanto era bonito. Alto, magro, bem-vestido e muito, muito cheiroso.

— Diego Ramírez González de Vergara — apresentou-se.

— Samara Esther Cohen Schneider.

Rimos juntos dos nossos nomes enormes, ele me convidou para tomar um *espresso*, conversamos, descobrimos que ambos morávamos em Madri e que estávamos em viagem de férias/trabalho. Marcamos um jantar, passamos a noite juntos, e ele voltou para Madri. Quando voltei para a Espanha, dez dias depois, encontrei um enorme arranjo floral e um cartão com seu nome, desejando-me bom retorno e me convidando para outro jantar.

Isso aconteceu há um ano. Desde então, estamos juntos.

Diego viaja muito, pois é jornalista esportivo e acompanha exclusivamente o Real Madri. Vemo-nos com frequência durante a Copa do Rei, férias ou quando há jogos aqui na Espanha, mas no geral ele está viajando atrás do time. Eu nunca fui muito ligada em futebol, mas aprendi a gostar – e a torcer – indo com ele aos campeonatos e assistindo aos treinos. Nós nos damos bem, somos amigos, parceiros e gostamos muito da companhia um do outro.

Suspiro e olho para minha mão direita, onde, ontem, no nosso jantar de despedida, ele colocou um anel de noivado. Fiquei sem reação com o seu pedido de casamento, pois não esperava por isso, muito embora já morássemos juntos havia seis meses. Mas casamento?

Ponho o porta-retratos no lugar, ainda com o som da porta principal batendo com força quando eu lhe disse que só iria responder depois que voltasse do Brasil, ou seja, daqui a alguns meses.

— Eu queria que você já saísse daqui com um compromisso firmado — justificou. — Eu nem conheci sua família ainda, Samara, tive que dormir na casa

do Juan quando sua mãe veio te visitar!

Concordei com Diego. Nunca achei que era a hora de falar sobre ele com minha família, embora meu irmão saiba que existe um namorado espanhol. Meus pais são muito tradicionais, não consigo me imaginar contando a eles que estou morando com alguém.

— Um noivado não seria o momento ideal para lhes contar que estamos juntos? — Diego questionou.

— Não quero te prender! — respondi. — Vou ficar uns meses no Brasil, enquanto mamãe faz o tratamento. — Ele concordou. — Não sei exatamente quando volto para cá, não acho justo te prender...

— Não acha justo me prender ou *se* prender? — Diego se afastou de mim. — Tivemos oportunidade de contar à sua família, eu me dispus a ir ao Brasil contigo, a passar essa virada de ano lá com você, mas você parece que quer me esconder.

— Eu não tenho motivo para te esconder de ninguém!

— Não? — Ele pegou o anel, colocou-o de volta na caixinha de veludo e caminhou até a porta principal do apartamento. — Não é o que parece. — Deu de ombros. — A sensação que eu tenho é de que, enquanto você estava aqui o tempo todo, seu coração estava em outro lugar.

Não respondi, fechei os olhos e ouvi a porta batendo com força. Senti-me injustiçada, ao mesmo tempo em que lhe dava razão. Nunca pude dizer a ele que o amava. Mesmo sentindo algo forte, nunca senti que "amor" fosse a palavra. Pelo menos, não como o amor que já senti uma única vez na vida.

Pego meu celular e pesquiso – em vão, mais uma vez – nas redes sociais o nome de Alexios Karamanlis. *Nada!* Ele continua antissocial, sem Facebook, Twitter ou Instagram. Quando jogo o nome dele no Google, tudo que aparece são reportagens sobre ele e suas farras, sobre a K-Eng ou sobre sua família.

Abro minha nuvem de arquivos e olho as fotos que tenho dele. Entre elas, uma de quando éramos ainda crianças, ele mais velho que eu apenas dois anos, andando de bicicleta no condomínio onde morávamos. Ele tinha uma bike estilosa, aventureira, e eu, uma rosa, com cestinha branca e rodinhas. Na foto, tirada pela minha babá na época, estamos lado a lado, ele olhando para frente e rindo, e eu o fitando já com olhos apaixonados.

Sim, nem lembro quando me apaixonei por Alexios, talvez desde sempre. Seus cabelos lisos e loiros, o rosto perfeito, os olhos ora verdes, ora azuis, o sorriso gigante, tudo isso me fazia suspirar a partir do instante em que eu soube que o que sentia era mais que amizade. Eu sonhava com ele, que era meu

príncipe encantado, que cresceríamos juntos, teríamos uma casa cheia de cães – nunca pudemos ter um bichinho de estimação –, vários filhos, alguns morenos como eu e outros loirinhos como ele e comeríamos bife com batata frita todos os dias.

Então, as coisas mudaram na casa dele, o garoto doce e brincalhão ficou estranho, quieto, já não sorria ou conversava comigo. Fiquei triste, achei que ele já não gostava mais de mim, e só fui me dar conta do que estava acontecendo anos depois, quando passei a enxergar as marcas em seu corpo e a dor em sua alma.

Estava com 13 anos quando ele me pediu para ser mais amiga da Kyra do que dele. Fiquei magoada, não entendi o motivo pelo qual ele me pedira isso, até que soube que ela havia menstruado, estava cheia de dúvidas sobre o que acontecia consigo, e Alex, cheio de medo por alguma razão.

Pensar em Kyra parece tê-la evocado, pois o celular vibra em minha mão, e a mensagem dela, ansiosa pela minha volta, prometendo buscar-me no aeroporto, aparece na tela.

Não perdi o contato com ela durante o tempo em que estou na Espanha, ela já veio me visitar, inclusive é uma das únicas amigas que sabe sobre Diego. Temos um acordo tácito de não falarmos sobre Alexios, com quem não tenho nenhum contato desde que saí do Brasil.

O aviso de que o carro que pedi para o aeroporto está à minha espera me desperta de todas essas memórias e reflexões, pego minhas malas, jogo o copo descartável do chocolate na lixeira pública do prédio e respiro fundo, despedindo-me de Madri para voltar ao Brasil, onde está o homem que sempre habitou meu coração, mesmo sem querer, impedindo qualquer outro de entrar.

Eu preciso esquecer Alexios e seguir minha vida!

Desembarquei em Guarulhos cansada, com um humor péssimo, depois de horas de voo, uma escala no Galeão e a cabeça martelando. Eu sabia que não seria fácil estar de volta, embora tenha sido sofrido demais ficar longe por tanto tempo.

A especialização que fui fazer em Madri foi só uma desculpa para sair do país e me afastar, com a esperança de que pudesse tocar minha vida para frente. Estava próxima dos 30 anos, vários relacionamentos falidos no currículo, uma inconstância total entre fazer o que eu amava – o design de interiores – e o que

esperavam de mim.

E, acima de tudo, queria esquecer Alexios Karamanlis de vez, perder toda a paixonite que desenvolvi por ele ao longo dos anos de amizade. Ele nunca seria capaz de me corresponder ou de ser de novo o homem pelo qual me apaixonei. Eu tentei entender, juro que tentei relevar as coisas que me disse pouco antes de eu decidir morar na Espanha, mas me magoaram demais.

A voz de Alexios ressoa como se estivesse falando aos meus ouvidos neste instante:

— *Você vê o mundo por detrás de lentes cor-de-rosa! Tudo é perfeito! Samara Schneider não merece nada menos que a perfeição!* — E riu, bêbado demais. — *Vou te contar a verdade, menina mimada, te iludiram a vida toda! Não existe "felizes para sempre"; não existe "amor verdadeiro", muito menos príncipe encantado, que é o que parece que você anda buscando nesses seus namorados toscos.*

Doeu, principalmente porque eu nunca busquei perfeição ou um príncipe encantado, apenas ele; Alexios era meu príncipe, apesar de seus defeitos. Foi a partir daquele dia que percebi que estava fazendo tudo errado, pautando minha vida em um sentimento infantil e em um homem que há muito havia deixado de ser o menino que eu amava.

Arrumo a bolsa sobre meu ombro, sentindo-a incrivelmente mais pesada do que quando saí do meu apartamento ontem. Não está, claro, apesar de agora conter algo que não havia naquele instante.

A caixinha de veludo com o anel de noivado parece ser de chumbo! É psicológico, eu sei, na realidade não pesa nada, mas minha consciência me acusa de ser covarde de duas formas diferentes: por não ter dito "sim" e por não ter dito "não" ao Diego.

Ele apareceu no aeroporto assim que escutei a chamada para o voo em direção a São Paulo, com escala no Rio de Janeiro, e decidi entrar para a área de embarque, pois já havia feito o check-in e despachado as bagagens. Simplesmente segurou meu ombro, e eu me virei para encará-lo.

— Não pude deixar você ir sem vir te abraçar. — Diego puxou-me para seus braços. — Eu amo você, Samara, e, se precisa desse tempo para me responder, eu vou esperar.

— Diego, eu não...

Ele me calou com um beijo e, antes de se afastar para ir embora, colocou a caixinha com o anel na minha mão.

— Se, quando você voltar, estiver usando-o, terei minha resposta.

Observei-o indo embora, paralisada, segurando a caixinha de uma joia caríssima na mão, no meio do Madrid-Barajas[13], com meu voo sendo anunciado e a cabeça confusa demais.

Nem sei como me recompus para poder ingressar no terminal de embarque, mas o fato é que passei todo o tempo da viagem acordada, sem conseguir nem mesmo cochilar, sem comer, apenas ansiosa e cheia de questionamentos. Sentia que estava cometendo um erro ao tê-lo deixado para trás sem uma resposta, mas me justificava dizendo a mim mesma que eu não sabia que resposta lhe dar.

Empilho minhas malas no carrinho e saio do desembarque já procurando a Kyra. Não demoro muito a achá-la, alta, linda, corpo escultural de modelo, os cabelos negros e compridos e uma postura de segurança e poder que sempre me deixam perplexa – porque conheço bem a verdadeira Kyra – e que atraem olhares de homens e mulheres.

Magnetismo dos Karamanlis!

Eu senti em minha própria pele esse poder de sedução que cada um deles tem, lindos e poderosos, porém com histórias de vida tão fodidas que eu chegava a sentir pena.

Com Kyra também não foi diferente.

— Malinha!!! — Ela grita. — Você voltou!

Gargalho, revirando os olhos para ela e esse apelido absurdo. Sim, pasmem, minha melhor amiga me chama de *Malinha!* Na verdade, não tem nada a ver por eu ser chata ou algo do tipo, é apenas, segundo ela e sua lógica louca, o diminutivo do meu nome. Papai e mamãe, por muitos anos, me chamaram de "Samarinha". Kyra não conseguia reproduzir o som igual e só me chamava de "Samalinha", daí, com o tempo, mesmo já falando perfeitamente, ela resolveu diminuir o diminutivo, e eu virei "Malinha".

— Oi, Kyra! — Abraço-a com força, matando um pouco da saudade. — Obrigada por ter vindo me buscar!

— Eu nunca deixaria você voltar para casa, depois de tanto tempo longe, em um Uber! — Ela me ajuda com o carrinho, não antes de enviar um olhar "eu sei que sou gostosa, então babe" para um sujeito que a come com os olhos. — Estamos atoladas lá na empresa com o baile dos Villazzas. — Sorri animada. — Eu te contei que vencemos a concorrência, não? — Assinto, porque ela me ligou ensandecida de alegria, principalmente por ter se livrado de ter que trabalhar para o babaca do Theodoros. — Pois bem, vou chegar atrasada hoje, mas a Lena dá conta!

— Que bom que você a encontrou, eu estava ficando preocupada por você ter

que gerir dinheiro. — Ela fecha a cara. — Ué, nós duas sabemos que você não nasceu para isso! Economiza no que não deve e gasta no desnecessário.

Kyra dá de ombros, mas não fala nada. É difícil para ela lidar com a verdade nua e crua das coisas, mas sei que depois voltará a relaxar, a sorrir e a usar sua *capa* de normalidade.

— Meu carro! — Aponta, ainda um pouco azeda, para um utilitário no estacionamento. — Economia porca ou gasto desnecessário?

Rio.

— Quem escolheu o modelo?

Ela fecha a cara de novo, mas logo começa a rir.

— Helena! — Faz careta. — Você é uma mala mesmo!

— Sou, mas sou a mala que te suporta e que te ama.

Pronto! Cara fechada de novo, mas dessa vez não por mau humor ou azedume, apenas por não saber como lidar com o que eu lhe disse.

Entramos no carro mudas depois de colocarmos todas as malas no pequeno baú cheio de caixas de algum fornecedor que ela já deve ter visitado hoje e seguimos para o meu apartamento no Castellani. Respiro fundo, odiando-me por ter comprado minha unidade no mesmo prédio onde Alexios também mora.

— Pedi a uma faxineira lá do Castellani, a mesma que cuida do apartamento do Alex, para dar uma geral no seu. — Sorrio agradecida. — Invejo a facilidade que vocês têm naquele prédio, deveria ter comprado meu apartamento lá, mas na época não tinha grana.

— Te vendo o meu! — disparo sem pensar, e ela me encara, parada no farol vermelho. — O quê? Nunca disse que estava voltando para ficar, apenas para acompanhar mamãe na quimioterapia!

— Eu pensei que... — Suspira. — Bom, você sabe o que é melhor!

Kyra volta a dirigir e a se concentrar no trânsito. Ela nunca expressaria sua opinião, afinal, precisaria se expor. Mesmo que tivesse que se despedir de mim, nunca me pediria para ficar ou diria que iria sentir minha falta.

— Ah, antes que eu me esqueça — ela volta a falar pouco antes de chegarmos ao meu prédio —, vou fazer uma ceia de Natal, e, antes que você diga que não é cristã e por isso não comemora, é só uma desculpa para comemorar a expansão dos negócios.

— Já vai crescer? — animo-me. — Ah, Kyra, que notícia ótima! Claro que eu vou!

Ela para em frente ao portão da garagem, eu pego minha identificação de moradora, ela a coloca no scanner, mas ainda assim o porteiro fala pelo

interfone:

— Pois não?

Debruço-me sobre Kyra para que ele possa me enxergar na câmera.

— Voltei, seu Pedro, é a Samara!

— Oh, dona Samara, pode entrar!

O portão é liberado, e Kyra me ajuda a tirar a bagagem. Fico tensa, olhando para o lado, procurando o carro ou a moto do Alex nas vagas de seu apartamento, porém não acho nenhum deles.

— Ele deve ter saído e levado a moto — Kyra parece ler minha mente. — Agora comprou um negócio que põe atrás do carro e carrega a moto para onde vai. — Ela dá de ombros. — E só Deus sabe onde!

— Eu não... — tento disfarçar, mas ela me olha cheia de tédio.

— Não fode, você olhou diretamente para a vaga do apartamento dele! — Bufo por ela ser assim, tão observadora ou me conhecer tanto. — Bem, de qualquer forma, é melhor vê-lo do que somente aos pertences dele.

Enrugo a testa, sem entender.

— Ele vai estar na ceia de Natal.

Isso me surpreende, afinal, uma ceia de Natal era o último local em que eu imaginaria vê-lo.

E... pensando bem, o último lugar em que ele espera me ver também!

Escolhi morar no sétimo andar do Castellani. Não é muito alto, eu sei, mas ainda assim me arrependo. Não gosto de altura, então quase não vou até minha sacada. Minhas plantas foram espalhadas dentro do apartamento exatamente por causa disso, e a tal “varanda gourmet” nunca foi usada por conta da minha fobia.

Seria, confesso, muito mais prático ter comprado uma casa em algum condomínio fechado, mas, quando o coração comanda, a cabeça sofre. Vim morar aqui para ficar mais próxima “dos meus amigos”, mesmo sabendo que Kyra nunca teve intenção de se mudar para cá com Alexios.

Abro a porta do apartamento onde não piso há três anos e suspiro saudosa ao encontrar tudo no lugar. O cheiro de limpeza, dos produtos usados no piso e revestimentos me faz sorrir, mas ao mesmo tempo me causa apreensão.

— Cadê o Godofredo? — pergunto à Kyra, assustada.

— Relaxa, ele está com sua mãe essa semana. — Respiro aliviada. — É a primeira vez que vejo uma tartaruga ficar em guarda compartilhada.

Rio e concordo.

— Primeiramente, ele é um jabuti, e a culpa disso tudo é sua, nunca mandei me dar um bicho que irá sobreviver a todos nós!

Kyra faz careta.

— Como eu ia saber? Eu tinha 16 anos e o achei tão pequeno e indefeso!

Gargalho, pois agora Godofredo é enorme e a odeia! Os pés de Kyra sofrem com mordidas do meu *cão de guarda* quelônio. Ele é o único a desfrutar do jardim da varanda gourmet, pois passa as manhãs lá tomando sol para não ficar deprimido. É, meu bichinho tem que ter seus cuidados, mas talvez eu o tenha mimado demais!

— Difícil agora vai ser convencer sua mãe a devolver o cascudo para você! — Kyra mostra a língua. — O bicho já era mimado, olhando para todos com aqueles olhos entediados, rosnando e mordendo como um cão quando entrávamos em seu território, mas agora... eu sofro quando é minha semana de ficar com ele!

Olho-a espantada.

— É só um jabuti! — Rio. — Você o trata como se fosse gente!

— Gente, não, homem! — Ela abre minha geladeira e sorri ao pegar uma garrafa de água com gás, seu vício. — Eu deveria ter escolhido uma fêmea, aposto que não seria tão melindrosa!

Ela começa a rir, desistindo de fingir que, apesar das mordidas, é louca pelo *cascudo*, tanto que briga com minha mãe para levá-lo para sua casa.

Arrasto minhas malas até minha suíte e fico séria quando avisto, em um porta-retratos bem grande, uma foto de muitos anos atrás, onde três adolescentes aparecem abraçados: uma melancólica Kyra espremida entre um zangado Alexios e uma sorridente eu.

— Sente falta dele, não é?

Pulo ao ser surpreendida pela pergunta.

— Sinto falta da nossa amizade, nada mais do que isso — minto, mas sei que não a convenço. — Diego me pediu em casamento.

Olho para Kyra – que está com a garrafa de água parada a meio caminho de sua boca aberta – e sorrio triste.

— Aceitou? — ela indaga, por fim.

Dou de ombros, pego a caixinha de dentro da bolsa, e ela arregala os olhos ao ver o diamante.

— Ele disse que, se eu voltar usando-o, terá minha resposta.

Kyra suspira.

— Você sabe o que eu acho sobre casamentos, não é? — Assinto. — Mas isso sou eu! Você combina com essa imagem de família de comercial de margarina, amiga. Sabe? Você, alguns remelentos, o Godofredo velho e com flatulência e um homem babando por você mesmo com seu sobrepeso pós-parto.

Faço careta, mas rio, achando-a ainda mais maluca do que me lembrava.

— Eu te amo, sabia? — declaro-me para ela. — Você é minha irmã, minha amiga, mesmo sendo tão doida como é.

Kyra fica séria, sem jeito, olha para todos os lados sem saber o que falar, procurando algo para mudar o foco da conversa.

— Nem adianta, que não vou te ajudar a desfazer as malas. — Bebe um longo gole de água e se afasta, indo para a sala. — Ah, e coloque um belo vestido para a ceia de Natal! Vermelho combina!

Ouço a porta principal bater e suspiro resignada, voltando a olhar para o porta-retratos, nostálgica, sentindo falta do tempo em que éramos tão juntos, mesmo que, ao mesmo tempo, agradeça que aquele período tenha passado, pois não foi fácil para eles.

Sim, eu sinto falta dele mais do que deveria sentir!

Odeio a Kyra!, desço do Uber amaldiçoando minha amiga pelo convite, por esse evento e pela dica de vestido – que acabei acatando! Bom, acho que não posso culpá-la muito por estar usando esse traje, afinal, comprei-o na Espanha e o trouxe com o firme propósito de usá-lo, então não posso afirmar que ela me obrigou a nada.

Mas me induziu! Sinto mais uma vez a revolta assim que desço a saia do vestido. Respiro fundo na calçada do showroom de seu bufê, tentando manter a calma e não parecer uma maldita adolescente desajeitada e clichê de filmes americanos ao rever Alexios.

Tenho 31 anos, sou bem-sucedida, experiente, não há motivos para me sentir insegura, muito menos vestindo uma criação da minha amiga Angela Velázquez, uma brasileira filha de espanhóis que voltou para o país dos pais para estudar arquitetura e se descobriu uma estilista talentosíssima.

— Samara? — a voz de Helena me faz voltar à realidade. — É você, não é?

A mulher, que é o braço direito da Kyra, encara-me com um sorriso enorme. Nós ainda não nos conhecemos pessoalmente, embora já tenhamos falado por vídeo-chamadas.

— Sou eu, sim! — Abraço-a. — Que prazer em te conhecer! — Olho para seu companheiro e o cumprimento. — Oi, Bê!

— Oi! Finalmente voltou ao Brasil! — ele brinca comigo. — Mamãe vai adorar saber disso, ela sente falta de suas dicas com as orquídeas.

Rio sem jeito.

— Nada! Dona Cecília é ótima com as plantas! — Percebo as mãos dos dois entrelaçadas. — Oh, meu Deus!

Bernardo ri de minha surpresa, e Helena fica corada.

— É, estamos juntos.

— É perfeito! — digo com sinceridade. — Vocês dois formam um belo casal, parabéns!

Helena volta a me abraçar, e Bernardo agradece.

— Precisamos ir, ceia lá em casa. Vou dizer à mamãe que você está de volta!

— Mande um abraço para todos!

Eles entram no carro, e fico parada – ainda na calçada – com um sorriso congelado. Conheço o Bernardo Novak desde menina e confesso que não gostava muito dele na época, mas soube o que aconteceu anos atrás e acredito que isso o tenha mudado muito.

Kyra me contou sobre a situação da Helena, e, juntando as coisas agora, acho mesmo que eles são perfeitos um para o outro. Tomara que deem certo!

Larga de ser covarde e entra!, minha consciência canta, fazendo-me rir. Bom, vim até aqui, não vou retroceder. Uma hora ou outra eu teria que me encontrar com Alexios; que seja já.

Abro a porta dupla de vidro, passo pelo hall principal e então adentro no salão. Tento controlar meu olhar para não o procurar e agradeço a boa sorte de dar de cara com a Kyra.

— Ah, você veio! — minha amiga, em um vestido ao estilo sereia, todo bordado com cristais dourados, cumprimenta-me. — Achei que teria que pedir a alguém para te arrancar daquele apartamento!

— Sem graça! — Percebo a decoração e abro um sorriso. — Uau, você fez um trabalho lindíssimo!

— Eu fiz, sou foda! — Dá de ombros sem nenhuma modéstia. — Vem, que eu quero te apresentar a algumas pessoas. — Ela me puxa. — Pena que Helena já foi...

— Me encontrei com ela e o com o Bernardo Novak na saída.

— Ah, que bom! Bê Novak tem sido uma grata surpresa, e, pelo bem dele, espero que continue sendo, porque ele sabe que eu luto bem.

Gargalho e pego uma taça de champanhe de um garçom que passa, ainda sendo arrastada por ela.

Chegamos a um grupo de pessoas, e ela me apresenta a cada uma delas. São integrantes de sua equipe, fornecedores e parceiros. Sorrio, troco beijos, pego a mão, mas meus olhos passeiam pelo salão à procura de um certo homem.

Avisto Konstantinos Karamanlis conversando com alguém que não conheço e me surpreendo ao vê-lo aqui. Nunca fui muito próxima dele, pois era um adolescente esquisito, introspectivo e sempre com uma cara amarrada. Depois tomei raiva quando ele foi embora estudar e deixou Alexios e Kyra sozinhos.

Millos está perto da chopeira, conversando com o pessoal responsável pela bebida. *Uau!* Os anos se passam, e ele fica ainda mais gostoso e misterioso, o típico mocinho *bad boy* dos livros de *motoclub* que fazem sucesso por aí. Nunca tive intimidade com o primo de Kyra, mas uma vez o vi treinar artes marciais junto a minha amiga e fiquei sem reação. Grande, musculoso, tatuado... lindo!

Procuro por Alexios mais uma vez, mas não o vejo. *Será que ele não...*

— Ele está aqui, mas está ocupado — Kyra cochicha no meu ouvido.

Bufo e tento disfarçar:

— Não estou procu...

— Me poupe, Malinha! — Rola os olhos. — O diabo está com duas clientes minhas – cujo casamento eu fiz, diga-se de passagem – lá na área de escritórios.

Franzo a testa.

— Trabalhando?

Kyra engasga-se com o champanhe.

— Samara, Alexios escondido com duas mulheres enquanto minha festa acontece. Adivinha o que ele está fazendo com as duas!

Arregalo os olhos, meu coração dispara, e desvio os olhos dos dela para que não perceba o quanto isso me afeta. A constatação de que ele não mudou nada, continua sendo o safado de sempre, quebra um pouco a expectativa que eu tinha – mesmo sem querer ter – de que ele possa ter amadurecido.

Não, continua o mesmo cafajeste sedutor.

Incrivelmente, isso me ajuda a relaxar, a me esquecer da presença de Alexios – ou da falta dela – aqui, e consigo conversar e socializar como uma pessoa normal. Antigamente, quando eu o via com alguém, tinha duas reações: ia embora chorar na cama, que é lugar quente, ou ficava puta e pegava o primeiro que me dava mole.

Amadureci! Alexios Angelos Karamanlis não tem tanto poder mais sobre mim! Sorrio, sentindo-me segura, bebo mais um gole de champanhe e olho em

volta, feliz pela conquista da minha amiga e por ter vindo celebrá-la com ela.

— Ele é demais, não é? — alguém sussurra ao meu lado.

Volto para o homem ao meu lado a fim de lhe perguntar a quem está se referindo, mas acompanho seu olhar e vejo Alexios, entre duas lindas mulheres, entrar no salão como se nada tivesse acontecido entre eles. O safado sorri para elas, acena e se afasta, vindo na direção do grupo onde estou.

Nossos olhares se encontram. Vejo-o titubear por um segundo, então abrir aquele sorriso angelical – e totalmente falso – e vir na minha direção.

— Samara Esther, você está de volta!

Tento sorrir para ele da mesma forma com que faz para mim, porém não sou tão boa em esconder minhas emoções.

— Oi, Alexios — cumprimento-o seca.

Ele fica sério, por um momento sua máscara de “anjo rebelde” cai, e eu vejo constrangimento e confusão, mas então ele logo volta a sorrir, cruza os braços e me encara com ar descontraído e sedutor.

— Achei que você também não comemorasse o Natal.

Bebo o champanhe para tirar um pouco do bolo que sinto em minha garganta antes de responder:

— Vim comemorar o sucesso da minha melhor amiga. — Relaxo o corpo, viro-me de frente para ele e decido ser bem sincera: — Três anos, Alexios, e nenhuma porra de telefonema, agora vem todo faceiro puxando assunto comigo?

Seu sorriso morre de vez, ele olha para os lados e segura no meu cotovelo, separando-me do restante do grupo. Tento me soltar sem fazer movimentos bruscos, afinal não quero fazer uma cena aqui, mas ele mantém sua mão como uma garra em meu braço.

— Você foi embora sem me falar nada, Samara! Você! — sua voz sai grave, posso sentir a raiva e o ressentimento, tão inerentes a ele com todos, mas pela primeira vez comigo. — Fui igual a um idiota ao seu apartamento, bati, achei que você tinha saído, voltei várias vezes, até que um dos seus vizinhos disse que você tinha viajado e que Kyra tinha ido lá resgatar o Godofredo.

Paramos praticamente atrás da gigante árvore de Natal, e ele me solta.

— Você não tentou contato! — jogo em sua cara.

— Você não se despediu! Isso foi um sinal claro de que estava querendo ficar longe de mim, então, por que eu te procuraria?

Sua pergunta me deixa paralisada, completamente sem condições para lhe responder. *Por que ele me procuraria?!* Porque somos amigos desde que nasci? Porque estive ao lado dele em todos os momentos? Porque ele tomou um porre,

apareceu lá em casa, chorou no meu ombro, beijou-me e depois fingiu que nada tinha acontecido?

Respiro fundo para controlar o volume da voz e não gritar que ele é um idiota, mas, antes que eu abra a boca, Kyra aparece esbaforida com um telefone na mão.

— Ei, Malinha, você está com seu telefone na bolsa? — Alexios olha para a irmã, puto por ela estar nos interrompendo, e eu franzo a testa, sem entender a pergunta dela. — Seu celular! — Ela bufa... — Seu irmão acaba de ligar para o meu telefone. — E balança o aparelho.

Arregalo os olhos, meu coração dispara, e logo penso em mamãe, que vi apenas um pouco ontem, quando fui buscar o Godofredo. Pego o telefone e confiro as ligações perdidas. Noto Alexios se afastando, mas não me importo; ele continua o mesmo egoísta de sempre.

04

Alexios

Samara Schneider está de volta!

Mastigo mais um pedaço do pernil que Kyra serviu como opção de carne na ceia de Natal e não consigo deixar de pensar na volta daquela que foi minha grande amiga e companheira.

Até hoje não entendo o que aconteceu para que ela tomasse a decisão de ir estudar na Espanha sem falar nada comigo. Claro, eu sabia que tinha a possibilidade, afinal, havia anos o pai dela pressionava por isso, para ela ir estudar arquitetura clássica na terra de Gaudí[14]. No entanto, para minha total surpresa, em vez de ir morar em Barcelona, Samara foi para Madri.

Eu, que até então me considerava seu melhor amigo, só fiquei sabendo desses detalhes todos porque Kyra me contou depois que fui atrás dela para saber o paradeiro de Samara.

Pego a taça com água para ajudar a engolir a comida, pois estou com um aperto na garganta desde que a vi. Eu tinha acabado de sair da sala de reuniões de Kyra depois de um ménage espetacular com Valéria e Priscila, mais animado para encarar a noite *especial*, sem imaginar a grande surpresa que encontraria no

salão e que quase me fez tropeçar em meus próprios pés.

Assim que meus olhos bateram nela, assustei-me, pois a danada da Kyra não havia me contado que Samara tinha voltado. Tentei um sorriso e uma aproximação amigável, como se ela não tivesse me abandonado por longos três anos sem nenhuma notícia. Ela está diferente, ainda mais bonita do que eu me lembro, mas tentei não reparar muito e ser o amigo de sempre.

Nada disso adiantou, pois, ao que parece, Samara desejou que eu corresse atrás dela, que a procurasse e reestabelecesse contato. Como eu poderia imaginar algo assim? Não sou adivinho! Ela some sem nenhum motivo e ainda se sente no direito de ficar puta por eu não ter tentado contato?

Quem entende a cabeça das mulheres?!

— Sua amiga foi embora cedo — Millos comenta ao meu lado. — Será que houve algum problema com a mãe dela?

Olho para meu primo, sentado ao meu lado à mesa, e ele entende meu total desconhecimento do assunto.

— A mãe dela, dona Ana Cohen, está em tratamento contra um linfoma. — Millos bebe mais chope. — Você não sabe nada sobre a vida da sua amiga?

— E você? Como sabe?

O filho da puta apenas dá de ombros, evasivo como sempre, adorando estar sempre um passo à frente de todos. Millos é um sujeito estranho. É o único que consegue interagir com todos nós sem tomar partido e sem revelar nada da vida pessoal de ninguém, nem mesmo da sua. Somos amigos, nos damos bem, mas eu sei pouco sobre ele, sobre suas atividades, e o máximo que conheço de sua vida pessoal é que tem um passado fodido como o meu, frequenta alguns clubes de sexo, tem uma amiga que por sinal é uma gostosa do caralho – mas nunca me deu mole, infelizmente – e só.

Como profissional, o homem é uma verdadeira coruja! Quieto, observador, parece que consegue olhar em 360 graus, além de ser um caçador de informações inigualável. Não há nada que passe despercebido por ele, e o que expõe ou o que fala, tenho certeza de que é o mínimo do que sabe. Por isso, todo cuidado é pouco quando o assunto é Millos Karamanlis, porque o desgraçado é um manipulador de mão cheia!

— Eu não sabia que dona Ana está doente, não vejo os pais de Samara há anos — contesto-o. — Espero que nada grave tenha ocorrido.

— Não vai ligar para saber? — Millos volta a questionar.

Franzo as sobrancelhas, encarando-o, tentando entender o motivo pelo qual ele está tão interessado no assunto.

— Não — respondo seco e volto a comer, mesmo com o questionamento dele na cabeça. Para mim o assunto acabou! Samara já demonstrou que não quer papo comigo por algum motivo, e, mesmo chateado com isso, devo respeitar a decisão dela. Millos é um manipulador e sabe que esse é um assunto que me atinge diretamente, por isso tocou nele.

Não preciso ligar para Samara, como não liguei para ela durante todo o tempo em que esteve fora, mas isso não quer dizer que eu não queira saber o que está acontecendo. Kyra sempre foi minha fonte de informações sobre ela e, caso tenha que ser assim, continuará sendo.

Termino minha refeição, fico mais algum tempo com Kyra e seus convidados, brindo ao sucesso do negócio dela e logo depois vou embora. Tinha pretensão de ir para casa, mas, no meio do caminho, uma mulher com quem eu já saí algumas vezes me manda uma mensagem dizendo que está na cidade, e vou encontrá-la.

Dia 26 de dezembro, pior dia de trabalho do mundo, certamente! Rio ao passar por mais dois engenheiros com cara de ressaca ou, talvez, de quem comeu demais e agora passa mal do estômago.

— Melhor colocar a lixeira perto! — passo, sacaneando meu colega de trabalho, Pedro, engenheiro químico. — Se emporcalhar a sala, vai ter que limpar você mesmo.

— Porra, Alexios, fala mais baixo! — Ele põe a mão na cabeça.

Gargalho e me sento à minha mesa, lotada de projetos, planilhas e minha coleção de lápis. É, eu coleciono lápis! Cada um tem a coleção que lhe cabe, não é?

Ligo o computador, olho para meu caderno de tarefas e arregalo os olhos ao ver um nome que eu não imaginava rever anotado lá – por outra pessoa.

— Ethernium? — questiono olhando para o Pedro.

— Sim! Acabamos de saber, mas o CEO lá da Karamanlis vai querer conversar com você, certamente.

Bufo ao pensar em subir até o *Olimpo* para conversar com Theodoros, sem esquecer as discussões que tivemos nas últimas semanas por conta de seu egocentrismo e insensibilidade com os funcionários da casa.

Sua mania de pensar que é Deus, inabalável, inatingível e perfeito me irrita, principalmente porque sei que ele não é nada disso, apenas a porra de um

filhinho de vovô mimado, que sempre achou que podia fazer qualquer coisa que quisesse sem pensar nas consequências, que o velho grego limparia suas cagadas.

Admito, o velhote sempre fez tudo para seu neto querido. Entretanto, não pôde limpar a merda que Theodoros deixou para trás, apenas jogou-a para debaixo do tapete, limpou a consciência do seu netinho querido, que seguiu a vida como se nada tivesse feito e deixou o resto se fodendo sem se importar o mínimo.

Theo é arrogante, e eu não tenho saco para lidar com gente assim.

Ouço passos, um poc-poc característico de saltos, e em seguida a voz de Lia, outra engenheira que trabalha na minha equipe direta.

— Bom dia! — sua voz soa animada. — Ah... sem Papai Noel de chocolate este ano! — ela resmunga, e eu a vejo procurando sobre sua mesa. — Poxa, Alex, você já foi mais generoso!

— Eu?! — Começo a rir. — Você realmente me imagina comprando e colocando chocolate em formato de Papai Noel nas mesas dos outros? — Ela faz careta e nega. — Eu achava que era você!

— Por quê? Só porque sou mulher?

Rolo os olhos.

— Não, porra, porque você é viciada em chocolate!

— Ele está certo, Lia! — Pedro se mete na conversa em minha defesa. — Eu também achava que era você por causa disso.

Ela se senta frustrada por não ter encontrado o presente do “Papai Noel” misterioso da Karamanlis.

— Bom, não sou eu, e eu contava com isso! Não falha por anos! — Olha em volta para as outras estações de trabalho, ainda vazias sem os profissionais. — Ninguém recebeu?

Nego, e Pedro faz o mesmo.

— Estranho...

— Coisas estranhas têm acontecido por aqui — digo e lhe estendo meu caderno com a anotação da Ethernium.

— O quê? De novo? — Ela geme. — Esses caras da Ethernium são uns malas! Sério, Alexios, eu não vou aguentar gracinhas pra o meu lado de novo não!

— Eu disse que você devia ter respondido a ele. — Dou de ombros. — Mas agora sabe que tem meu total apoio! Se alguém da equipe deles fizer piadas machistas de novo, responda.

— Quem é o machista? Que vou com você dar uma surra nele. — Eliane chega já mostrando as garras – que garras! Minhas costas sofreram com elas – e se senta em sua estação. — Bom dia, feliz Natal, foi tudo ótimo! Agora, silêncio, porque ainda estou agarrada a um cálculo estrutural que não tem me deixado dormir. Obrigada. De nada.

Pedro começa a rir, e Lia só balança a cabeça. Eliane é assim, direta e sem rodeios, por isso mesmo achei-a ideal para o trabalho pelo qual é responsável. Nós nos conhecemos em uma balada, transamos, depois voltamos a nos encontrar na entrevista dela aqui na K-Eng tempos depois. Nunca mais voltamos a trepar, mas conseguimos construir uma relação de trabalho quase perfeita. Sei que posso contar com ela para qualquer coisa aqui dentro.

Tenho mais duas pessoas na minha equipe: Evandro e Michel, mas os dois estão de férias e ainda não retornaram. Não é normal dois membros da mesma equipe saírem em férias juntos, mas, como eles são casados, a lei lhes garante esse direito.

A K-Eng não é formada apenas pela minha equipe de engenheiros em suas especialidades, a verdade é que cada um aqui gere suas próprias divisões. O Pedro, por exemplo, é engenheiro químico, e na divisão dele estão químicos industriais, técnicos em química e outros engenheiros dessa área. Já a Lia é engenheira ambiental, e, dentro de sua divisão, há biólogos, gestores ambientais e engenheiros sanitaristas. A Eliana trabalha com projetos, e ela coordena outros engenheiros, arquitetos e projetistas. O Michel faz toda a parte de planilhas e medições, e o Evandro é responsável pelas operações, é quem lida com empreiteiros, clientes e atua também como fiscalizador de obras.

Além do corpo técnico da K-Eng, a empresa, que é uma subsidiária da Karamanlis, ainda tem setores administrativos e financeiros, e eu, como CEO dessa *bagaça* aqui, sou quem comanda essas áreas.

O único setor que dividimos com a Karamanlis, infelizmente, é o jurídico, por isso aturo muito a prepotência inglesa do Konstantinos e seu humor ácido. Geralmente não tenho paciência com ele, zoo com sua cara ou apenas o ignoro. Ele não é bem quisto por ninguém da minha equipe, principalmente pelas mulheres.

— Por falar em machismo... — Lia volta a falar. — Será que a Kika não vai voltar mais não?

Dou uma risada por ela ter entrado no assunto justamente quando eu pensava no meu irmão *machista*.

— Está um silêncio total na Karamanlis — Eliana se pronuncia. — Dá até

medo de andar pelos corredores, clima pesadão!

— A Kika era incrível, né? Gata, alto-astral, competente — Pedro lamenta. — Uma pena que tenha perdido a cabeça e tenha sido mandada embora...

— Opa! — Eliana o interrompe. — Ela *se* demitiu!

— Enfim, está desempregada depois de ter ganhado uma puta promoção para a gerência.

— Eu a preferia à Malu Ruschel. — Lia treme toda. — Aquela mulher congelava até meu sangue só de estar perto dela.

Definitivamente, não o meu!, penso ao me lembrar de Malu Ruschel, a ex-gerente dos *hunters* da Karamanlis. Malu era bonita, tinha classe e aquele seu jeito focado me enchia de tesão. *Uma pena ter ido morar no fim do mundo!*

Já com a Kika, nunca senti essa atração, talvez por sempre tê-la achado tão receptiva, maravilhosa com seu jeito espontâneo, que logo gostei dela como se fosse uma amiga de longa data. Tenho muito apreço por ela e lamento que tenha saído da empresa.

Os engenheiros começam a conversar, mas o assunto não me interessa o mínimo, então coloco meus fones de ouvido – a voz forte e rasgada da Janis Joplin soa bem alta – e volto a mexer no projeto em que estava trabalhando.

— Ei, moleque! — Millos me chama assim que para sua moto. — Você não sabe curtir um passeio, puta que pariu!

Ele desce da motocicleta, tira o capacete e a jaqueta e se senta à mesa do bar ao meu lado. Bebo minha água sem responder, porque a única coisa que eu poderia lhe falar é que não sou um velho para ficar andando nessas motos de colecionador há 80 km por hora.

Estou aqui esperando-o há pelo menos 20 minutos, e isso porque saímos juntos de São Paulo em direção ao Guarujá, em uma viagem não programada e cujo motivo, sinceramente, nem entendi. Ele apenas apareceu lá na K-Eng e me chamou para andar de moto com ele, e eu topei.

— Qual é o propósito disso? — resolvo perguntar sem rodeios.

— Do quê?

Millos agradece à garçonete que lhe entrega um coco verde com um canudo e nem percebe a moça comendo-o com os olhos (ou talvez só esteja assustada com suas tatuagens, que cobrem os braços, pescoço e peito).

— Desse “passeio”. A gente se viu há alguns dias na ceia da Kyra, e você

não comentou nada sobre isso.

— Nada de mais! — Ele bebe a água de coco. — Vou viajar no Ano Novo, ficar um tempo fora e queria passar um tempo contigo. Já jantei com seus irmãos, mas como você é todo amalucado para comer, achei que uma volta de moto iria cair bem, mas esqueci que você é louco nisso também.

— Você está ficando velho, Millos, sinto lhe informar — debocho. — Acha mesmo que, com essa potência italiana nas mãos, eu iria ficar molengando contigo na estrada?

— Não é molengar, é curtir a viagem, a paisagem...

— Ah, não, você curte essas coisas paradas, não eu. Meditação, ioga, essas coisas todas aí que você faz, tô fora! Não sei ir devagar, Millos, em nada!

— Deveria... talvez assim conseguisse agradar às mulheres. — Ele pisca e tenta disfarçar a troça bebendo mais de sua água.

Eu gargalho.

— Pode ter certeza, elas não reclamam da minha rapidez. Não basta saber correr, tem que saber tirar o máximo proveito de uma máquina, fazê-la dar tudo de si, e isso eu faço.

— Está falando das motos ou das mulheres?

— Tem diferença?

Ele ri novamente.

— Você é um moleque, não sabe nada ainda!

— Falou aquele que nomeia suas motos com nomes femininos!

Nós dois rimos juntos, e o clima fica descontraído.

A verdade é que ele e eu temos muito em comum. Ambos adoramos motocicletas, rock e carne. Apesar de sua onda “zen budista”, Millos nunca conseguiu se livrar da proteína animal e das comidas pesadas que adora preparar para acompanhar suas cervejas artesanais.

Ah, esse é outro ponto em comum: adoramos cerveja! Ele fabrica, eu apenas bebo, mas tenho tanto conhecimento quanto ele, e esse é um dos pontos sobre o que mais conversamos quando estamos juntos, geralmente comendo alguma carne e ouvindo rock.

Raramente saímos juntos de moto, exatamente por ele fazer o estilo *tiozão* que gosta de andar de Harley, apreciando paisagens, e eu e minha Ducati Multistrada 1260 não temos saco para andar quase parando não.

Embora eu reconheça que tenho que agradecer a esse *tiozão* por ter minha moto dos sonhos, a que uso para correr nas competições. A Ducati só disponibilizou três unidades da 1299 Superleggera para venda no Brasil, há

quase dois anos, e um dos amigos do Millos foi quem comprou uma delas, e, quando ele decidiu vendê-la, meu primo prontamente me avisou, e não pensei duas vezes.

Eu gosto das italianas mais do que das americanas ou japonesas, pelo menos para as motos; não sou tão seletivo assim com mulheres.

— Baile dos Villazzas...

— Ah, Millos, não fode com esse assunto de novo! — reclamo, entendendo agora o motivo do encontro.

— Alexios, preciso de você lá.

Rio.

— Mano, aqueles dois não são crianças, e, muito menos, sou a babá deles! Eles não precisam que eu vá para manter a ordem e o bom nome da...

— Kyra me mostrou o projeto do baile, ela parece bem animada com sua primeira grande produção sem a intervenção dos Karamanlis.

Porra! Ele vai pegar pesado!

— Você é muito filho da puta, sabia?

Millos dá de ombros e bebe mais água.

— Acho que vocês deveriam ir para apoiá-la, acima de todos, você! Será importante para ela, além disso... acho que ela está sem acompanhante, porque deu com o pé na bunda do último idiota que estava comendo.

— Porra, Millos! — Xingo-o. — É a minha irmã, porra!

— E o quê? Só por isso ela não trepa?

— Vai se foder! — Levanto-me da mesa puto e pego o capacete.

— Alexios... — ele me chama, mas não dou atenção, já montando na moto para ir o mais longe possível dele.

Antes que vocês me julguem como machista ou irmão ciumento, adianto logo que não se trata disso. Cada um lida com a merda dentro de si de um jeito, e esse é o jeito da minha irmã de lidar com seu passado. Respeito isso, mas não quer dizer que não me doa ou mesmo que eu não me sinta responsável por ela ser assim.

Eu gostaria que as coisas fossem diferentes, esforcei-me o máximo que pude para que ela fosse menos fodida do que todos nós, mas, a cada novo relacionamento seu destruído, sinto-me um fracassado, o que me dói profundamente.

Piloto rápido, passando pelos radares sem me importar com as multas, sentindo o vento forte bater em mim como se pudesse deixar todas as marcas do meu corpo e da minha alma para trás. Contudo, não posso. Ele fodeu a minha

vida várias vezes, não só com as coisas que fez contra mim, mas principalmente por eu ver que também destruiu minha irmã.

05

Samara

— Como ela está, Dani? — pergunto ao meu irmão assim que ele entra na cozinha da casa dos meus pais, onde tomo meu desjejum com a Cida.

— Dormiu bem. — Ele beija minha cabeça. — Mas foi um susto essa febre alta assim do nada.

Ele se senta, visivelmente cansado, e Cida logo lhe serve uma xícara de café. Acostumados demais a dividir as refeições com Cida desde que nascemos, sempre tomamos nosso café juntos. Ela está em nossa casa há tanto tempo que não sei como seria minha vida sem sua presença, e certamente Daniel sente o mesmo.

Minha mãe, Ana Cohen, sempre foi muito ocupada na direção do sistema de ensino criado pelos meus avós, franqueado e distribuído por colégios do Brasil todo. Já meu pai, Benjamin, vem de uma longa linhagem de comerciantes e industriais, como bem acentua nosso sobrenome, que é uma derivação da profissão de algum ascendente que foi alfaiate.

Os Schneiders possuem lojas, fábricas ou empresas que prestam serviços, como era o nosso caso. Meu avô não tinha formação quando fundou sua primeira

fábrica de móveis, porém eram um marceneiro muito habilidoso, e meu pai aprendeu com ele. Os negócios iam bem, então papai foi estudar arquitetura e, por fim, design, elevando o nível dos negócios familiares, fazendo dos móveis com nosso sobrenome sinônimos de classe e riqueza.

Há 10 anos meu irmão está à frente dos negócios, desde que papai teve seu primeiro infarto – ele já teve outro e fez duas pontes de safena. Daniel é um administrador maravilhoso, fechou com grandes empresas, e hoje os móveis Schneider não enfeitam mais as coberturas e mansões luxuosas de São Paulo, tão somente redes enormes de hospitais, clínicas, lojas de alto luxo e restaurantes em todo o país.

Meu irmão é incrível! Nós dois somos muito amigos, sempre fomos. O único ponto tenso entre nós era Alexios Karamanlis. Daniel é 10 anos mais velho que eu, um quarentão, como eu costumo provocá-lo, e sempre achou Alex uma péssima companhia. Bom, ele realmente era, mas não para mim. Eu sabia das loucuras que Alexios aprontava, seu envolvimento com drogas, farras, lutas valendo dinheiro e rachas pela cidade. Ele não foi um adolescente fácil, mas sempre me tratou como se ainda conservasse o menino que eu conheci. Sempre me deu conselhos para ficar longe de tudo aquilo que ele mesmo fazia, nossa amizade sempre foi separada das outras companhias dele.

Ainda assim, Dani nunca gostou de Alexios, em compensação, tornou-se um dos grandes amigos de Millos Karamanlis, primo do Alex, mesmo que eu não consiga entender o que, de fato, o executivo tatuado e meu irmão tenham em comum.

— Desculpe-me por tê-la tirado da festa da Kyra — meu irmão volta a falar, afastando-me dos pensamentos. — Eu liguei para o doutor Henrique e já ia pedir uma ambulância, quando fiquei com medo de acontecer algo e você não estar aqui.

Pego sua mão.

— Eu sei. Foi um susto!

Retornei as ligações dele assim que Kyra me alertou, e, quando Dani atendeu, o doutor já havia chegado e ministrado medicamentos. O médico preferiu que ela continuasse em casa por conta de sua baixa imunidade, mas ficou acompanhando durante boa parte da madrugada.

— Ela convulsionou, e eu achei que fosse... — Ele me olha, seus olhos acinzentados tristes. — Eu quase perdi o papai tempos atrás, lembra? — Assinto. — Eu estava com ele quando teve o infarto, e agora quase...

— Dani, não pensa nisso! — Abraço-o. — Você é o melhor filho e irmão do

mundo, sempre ao lado deles, ao meu lado. Agora estou aqui também e vou ajudar no que for preciso.

— Eu sei, Samara. Essa fase do tratamento é a mais complicada, por causa da baixa imunidade, mas, quando ela estabiliza, é a mamãe que sempre conhecemos e amamos.

— E a Bianca? — pergunto-lhe sobre sua noiva. — Como vocês estão, faltando pouco para o grande dia?

Ele ri sem jeito.

— Você sabe que não tem essa de grande dia, não? Nós vamos ao cartório, assinaremos os papéis e pronto. — Dá de ombros. — Vida que segue.

Cruzo os braços. Não gosto nada desse conformismo estranho.

— Tem certeza disso, Dani?

Ele olha para a Cida.

— Vou fazer 41 anos, pirralha. 15 anos de relacionamento com ela, então...

— É isso? — Cida balança a cabeça negativamente. — Viu? A Cida não concorda também! E não é que você seja já um solteirão arrastando chinelos, Dani! Você é lindo!

— Não é sobre isso, Samara.

— Ele quer ter uma família, menina. — Arregalo os olhos. — Seu pai vive mais entretido na fazenda do que aqui, sua mãe, antes de adoecer, não parava quieta, sempre viajando com as amigas e...

— Eu na Espanha.

Daniel termina o café sem me encarar, sem falar nada e se levanta.

— Vou voltar para o quarto, render um pouco a enfermeira.

— Também vou, Dani!

Seguimos juntos, mudos, pelo corredor. Meu irmão é a pessoa mais discreta do mundo, completamente o oposto de outros filhos de grandes empresários desta cidade. Nunca gostou de sair em revistas de fofoca, nunca namorou modelos, atrizes ou *socialites*. Na adolescência, namorou uma garota da escola, depois teve duas ou três namoradas na faculdade e, por fim, conheceu a Bianca em um torneio de polo – esporte em que ele é fera. Desde então engataram nesse relacionamento xoxo, totalmente ioiô – eles já terminaram umas 30 vezes ao longo dos anos – e que agora vai se tornar um casamento meia-boca.

— Você merece mais, Dani — solto sem conseguir frear minha língua, e ele ri.

— Você diz isso porque é minha irmã, pirralha. — Ele tenta bagunçar meus cabelos como quando eu era criança. — Bianca pode não ser o grande amor da

minha vida, mas é uma boa amiga e companheira.

— Isso é loucura! Você merece amar, ser amado, estar apaixonado...

— Como você esteve a vida toda por aquele doidivanas? — Paro em seco no corredor e arregalo os olhos. — Qual é, Samara, você achava que eu não sabia? Estava escrito na sua testa e em todos os seus cadernos, com direito a corações rosa! Você teve um peixe daqueles que ficam sozinhos no aquário...

— Um beta. — Começo a rir, sabendo exatamente do que ele está lembrando.

— Pois bem, você teve um beta e o nomeou...

— Beto Schneider Karamanlis — falamos juntos, e eu começo a rir.

— Sim! E como você nunca me deu indícios de ter uma queda pela Kyra, eu supus que era o *outro* Karamanlis. — Daniel me olha sério. — Por que Diego não veio contigo?

A pergunta é tão inesperada que demoro a processar que ele está falando do meu namorado.

— Não sei quanto tempo vou ficar, então...

— Besteira! Ele poderia passar uns dias aqui contigo, os times estão todos em recesso até a primeira semana de janeiro. — Suspiro e olho para o chão. — Não estraga sua vida, Alex não vale a pena.

Assinto, lembrando-me de tudo o que aconteceu noite passada. Alexios continua igual, vendo e querendo todas as mulheres ao seu redor, menos eu. Sempre fui a amiga, quase uma irmã, menos uma mulher, e, como acabei de perceber, todos sabem da minha paixão por ele, então, Alexios deve simplesmente ignorá-la.

Por muito tempo eu achei que ele não soubesse. Ficava fantasiando que, no dia em que eu tomasse coragem e lhe contasse, Alexios iria se declarar também. *Iludida!* É isso que eu era, porque, depois do beijo que trocamos, era impossível que ele não soubesse.

Respiro fundo, resignada. Alexios sabe, só não se importa e nem sente o mesmo!

Meu irmão bate levemente na porta do quarto de mamãe e em seguida entra. Sigo-o pelo enorme ambiente, que me traz tantas lembranças alegres dos momentos que dividi com ela, deitada em sua cama, contando sobre meus sonhos.

— Samara Esther! — Mamãe estende os braços, sentada na cama, recostada nos travesseiros. — Trouxe Godofredo de volta?

Rio e concordo.

— Trouxe, está lá embaixo no jardim. — Beijo sua testa. — Como está se sentindo hoje?

— Eu estou bem! — Ela dá uma olhada de esguelha para meu irmão. — Ele é superprotetor, sabe? Exagerado!

Daniel permanece alheio às críticas, conversando com a enfermeira.

— Mamãe, ele não é, e a senhora sabe! — Ana suspira. — A senhora está em tratamento, precisa de cuidados, e, com o papai isolado na fazenda, Daniel é que estava responsável por acompanhá-la em tudo, mas agora estou aqui também!

— Dois superprotetores! — ela finge reclamar, mas sorri satisfeita. — Seu pai quis vir para cá para ficar comigo, mas achei melhor que ficasse por lá. Você sabe como ele é, não me daria um minuto de paz.

Eu rio, mas sou obrigada a concordar. Meus pais são incríveis, mas têm uma relação um tanto estranha desde que Daniel e eu saímos de casa para viver nossas vidas. Passaram a viver cada um no seu espaço, com suas coisas. Dão-se incrivelmente bem, mas cada um com sua vida.

É verdade que eles não eram nada parecidos. Mamãe sempre foi uma mulher de negócios, cheia de trabalho, viagens e reuniões, porém extremamente carinhosa com os filhos. Papai é um homem mais reservado em seus sentimentos, embora seja um artista.

Olho para um dos móveis da minha mãe, e a escultura em madeira em cima dele me faz sorrir. Nela há um casal e um garotinho com a mão na enorme barriga da mulher. Papai deu vida à imagem de uma foto que tiraram quando mamãe estava grávida de mim, e a peça ficou tão perfeita que dá para sentir a alegria de todos.

Quando eu era criança, tinha coleções das esculturas dele: cavalos, cães, gatos, pássaros. A que eu mais gostava era a do Pinóquio, que ganhei quando comecei a ler e andava para baixo e para cima com o livro do boneco de madeira que queria ser menino de verdade.

— Você vai até lá visitá-lo? — minha mãe pergunta, talvez adivinhando que estou pensando nele, por estar olhando a estátua.

— Por agora não. Tentei falar com ele quando cheguei e ontem também, mas não consegui. — Dou de ombros. — Papai se isola quando quer, a senhora sabe.

— O doutor Henrique acabou de dizer que os resultados dos exames ficaram prontos e que ele virá assim que puder para conversar conosco. — Daniel senta-se ao meu lado na cama. — É bom ter Samara aqui perto, não é?

Ele me abraça pelos ombros.

— Eu também estou gostando de estar de volta.

Mal termino a frase, e meu telefone toca. A foto de Kyra tentando beijar Godofredo, e ele de boca aberta para mordê-la aparece na tela, e minha mãe sorri.

— Eu estou esperando pela visita dessa filha emprestada desnaturada. — Ana reclama. — Pode dizer a ela que não vai comer mais minha *paella*!

— Pode deixar! — Levanto-me da cama e vou para um canto do quarto. — Oi, Kyra! — atendo o telefone.

— Quero notícias! Mal consegui dormir essa noite, deixei mil mensagens no seu telefone. Como está sua mãe?

— Está bem, mas ameaçou greve de *paella* se você não vier visitá-la em breve.

— Está bem mesmo? — ouço preocupação na voz da minha amiga, e meu coração se aperta, pois sei que minha mãe foi o mais próximo que Kyra teve de figura materna. — Malinha*?*

— Está, sim. O médico dela explicou que, por conta da medicação, ela ficaria suscetível a doenças, a imunidade está baixa, então qualquer resfriado ataca com força.

Kyra suspira ao telefone, e eu abro um sorriso ao ver o quanto minha amiga durona é, na verdade, tão sensível quanto eu.

— Que bom! Fico feliz em ouvir isso e mais aliviada para te fazer um convite.

Faço careta, já prevendo que ela vai me meter em algum evento seu de final de ano, vestida de garçonete.

— O que você está armando, Kyra?

— Nada! — ela logo se defende, indignada. — Eu só queria companhia! Na véspera do Ano Novo acontecerá o Baile Branco e Preto dos Villazzas, e, como eu estou sem nenhum boy no momento, você podia ser meu par, o que acha?

— Kyra! — Rio. — Um baile? Sério?

— Baile? — mamãe logo se mete na conversa e pergunta lá da cama. — Por acaso é o baile dos Villazzas?

Fodeu! Minha mãe sempre amou bailes e conheceu a matriarca dos Villazzas tempos atrás, através de sua amiga, Cecília Novak. Certamente ela adorará a novidade, achará moderno eu ir acompanhando minha amiga, e eu não terei escapatória.

— É, mamãe, eu vou com Kyra — respondo resignada.

— Eu sabia! — Minha amiga ri ao telefone. — O traje branco é obrigatório para mulheres, então, abuse de cores em outros locais!

— Eu vou te matar, Kyra Karamanlis! — sussurro para que somente ela escute.

— Depois do baile; antes, quero usufruir de tudo o que planejei! Vai ser o evento mais incrível que você já viu!

Relaxo, percebendo que ela realmente está feliz e confiante.

— Tenho certeza disso, Kyra!

Nós nos despedimos, mas não retorno imediatamente para a cama, ao lado da minha mãe e do meu irmão, fico pensando em como é bom estar de volta. Realmente me sinto em casa aqui, com as pessoas que eu amo, ainda que tenha feito amigos na Espanha.

Penso no Diego e sinto um pequeno aperto no coração, um misto de saudade e remorso. Daniel me olha, curioso por eu estar parada no mesmo lugar, sem falar ou fazer nada, e reflito sobre o que ele me disse. Reconheço que eu recuei ante o pedido de casamento de Diego por ter esperança de voltar ao Brasil e encontrar Alexios mudado, porém ele não mudou e nem mudará jamais, mas isso não muda o fato de que ele ainda mexe comigo.

Diego e eu nos damos muito bem, somos amigos, companheiros, temos gostos parecidos. Enquanto eu estava na Espanha, longe do magnetismo e atração de Alexios, realmente pensei que pudesse amá-lo e ter uma vida com ele. Os momentos que passamos juntos foram maravilhosos, mas agora me questiono se, mesmo voltando para Madri, é justo manter essa relação.

O Uber me deixa em frente ao Villazza SP, e vejo a entrada principal do hotel cheia de pessoas bem-vestidas e penteadas. Ando na direção delas, questionando-me se os convites estão sendo verificados na entrada, mas me surpreendo ao ouvir um dos homens que está parado na entrada:

— Nós só queríamos comprar o convite, não conseguimos responder a tempo e...

— Senhor, o que me foi passado foi que esgotaram, eu sinto muito — um dos seguranças responde antes de se virar para mim, mas, vendo o convite em minhas mãos, abre a porta. — Seja bem-vinda!

Entro no saguão principal do enorme hotel e suspiro, apreciando todos os detalhes da construção e da decoração, orgulhosa por ter sido parte da equipe que ajudou a deixá-lo perfeito desse jeito.

O escritório de arquitetura que projetou o Villazza SP foi o dos Boldanis, e o

arquiteto principal que assinou o desenho foi ninguém mais, ninguém menos que meu ídolo e professor, Julio Boldani. O italiano é fera demais nas suas linhas clássicas misturadas às modernas.

Eu ajudei o pessoal que compôs o projeto de decoração, pois estava me especializando e, por isso, trabalhei um tempo no Boldani. Foi ali que descobri que, por mais que papai fizesse pressão para que eu fosse uma arquiteta, eu queria mesmo era ser designer de interiores.

Subo as escadarias de mármore com corrimão e guarda-corpo de ferro fundido na cor ouro velho em arabescos e folhas e, no saguão da entrada do salão Royal, encontro a recepção do baile montada como se fosse uma bilheteria antiga de circo.

Sorrio ao pensar na Kyra, reconhecendo que minha amiga sabe como dar vida aos seus projetos de maneira perfeita, pois vi os desenhos quando almoçamos juntas anteontem e confesso que está tudo muito mais bonito do que a ilustração em 3D que ela me mostrou.

Olho em volta, procurando-a, pois combinamos de nos encontrar na entrada, mas arregalo os olhos ao ver Alexios, de smoking preto, vindo em minha direção.

Mesmo contra a minha vontade, minhas mãos gelam e meu coração dispara apenas por vê-lo, por notar o quanto ele está lindo com esse sorriso largo e os olhos brilhando.

Por que ele tinha que ter essa aparência e essa boca?!, penso na injustiça do mundo, indignada por ser tão *comum*, e ele...

— Samara Esther. — Bufo, pois só ele e minha mãe chamam-me assim. — Você está... linda!

Alexios sorri e me olha desde as unhas dos pés, pintadas e cutiladas, até o alto da cabeça.

— Linda! — repete como se não fosse possível que eu estivesse desse jeito.

— Oi, Alexios — cumprimento-o seca, tentando não dar importância ao fato de que ele parece ter tomado um soco só por me ver mais arrumada. — Estou esperando sua...

— Eu sei, foi ela quem me mandou ficar aqui de plantão te esperando. — Enrugo a testa, sem entender. — Kyra resolveu bancar a fada madrinha e ajudar uma amiga a ter seu baile com um príncipe encantado e, por isso, vai ter que trabalhar esta noite. — A expressão no rosto dele é de deboche ao falar do conto de fadas. — Então, restou a mim.

Puta merda, Kyra!

Pego o celular dentro da bolsa e mando mensagem para ela, mas tenho certeza de que, ocupada com o começo do baile, ela não irá ler. *O que eu faço?* Penso se devo aceitar fazer companhia ao Alexios ou se devo ir embora, afinal, só vim a esse baile por insistência da Kyra.

— Samara, eu sei que nossa amizade está um tanto estremecida por conta da distância e do tempo, mas... — Alexios me encara, e noto que ele está se esforçando para falar — eu gostaria que você me acompanhasse esta noite.

Minha boca fica seca ao ouvir isso, porque, mesmo com a distância, eu ainda consigo saber quando ele está sendo sincero. Alexios me quer ao seu lado esta noite, e isso é...

— Como nos velhos tempos, lembra? — ele complementa, e, mais uma vez, percebo o quanto sou iludida.

Nada mudou!

Imediatamente me lembro do meu baile de formatura do ensino médio, no qual ele foi meu acompanhante. Chegamos juntos, eu estava empolgada para dançar com ele a noite toda, arrumei-me para parecer uma mulher aos seus olhos e não mais a menina de cabelos revoltos que o seguia para toda parte quando criança.

Havia decidido que iria contar a ele o que sentia naquela noite e que, depois de ele se declarar também, iríamos fazer amor, e eu, aos 17 anos, finalmente teria minha primeira noite com o homem que amava.

Ledo engano!

Alexios dançou uma música comigo, depois foi para o bar, encheu a cara, sumiu com uma garota bem mais "servida" que eu e voltou para o salão todo amarrotado. Eu queria ir embora, mas ele acabou dançando (e sumindo) com mais umas três mulheres.

— Seu acompanhante te deixou sozinha, não é? — Marlon, um dos garotos que estava se formando comigo me perguntou, e só aí percebi que ele estava sentado à mesa comigo.

Começamos a conversar e, naquela noite, tive minha primeira experiência sexual. Não foi ruim, namoramos por um tempo, mas reconheço que ela só aconteceu porque Alexios não me quis. *Ele simplesmente não me via!*

— Samara? — ele me chama e me faz voltar à realidade.

Por Deus! Não sou mais uma garota de 17 anos, sou adulta, independente, com uma carreira bem-sucedida na Espanha e um dos homens mais gostosos de Madri ao meu lado!

— Vamos entrar! — decido e marcho até uma das "bilheterias", onde recebo

minha máscara preta e uma pulseira.

Alexios recebe as dele e ri ao me mostrar a máscara branca como a de *O Fantasma da Ópera*. *Ah, merda!*

— Você se lembra? — Ele ri. — Me obrigou a ver esse filme um milhão de vezes e sabia até as falas!

O desgraçado põe a máscara, ergue uma das sobrancelhas, dobra-se em reverência e sorri.

— Vamos logo com isso! — Saio de perto dele sem rir de sua gracinha, coração retumbando, a cabeça cheia de lembranças da nossa adolescência.

Quando as portas se abrem, perco o fôlego ao ver o que Kyra idealizou.

— Puta que pariu, minha irmã é foda! — Alexios fala ao meu lado.

Eu pulo de susto, não por causa do que ele disse, nem mesmo ao ver um dos artistas cuspindo fogo, mas tão somente por sentir a sua mão em minha cintura. Meu corpo inteiro aquece, a pele arrepia e aquela sensação que sinto desde que os hormônios despertaram em mim na adolescência volta a me tomar.

Atração! Química!

Não sei explicar, mas meu amor de criança transformou-se nisso quando me tornei moça, e a cada toque, cada resvalo, eu resfolegava. Sonhava com ele, acordava suada e sem saber o que estava acontecendo. Meu primeiro orgasmo com masturbação foi pensando nele, instintivo, depois de um sonho erótico e proibido.

Achei que, com a distância, principalmente depois que me envolvi com Diego, isso ia passar, mas parece que me enganei.

Olho-o e percebo que ele permanece alheio ao que me causa, sua atenção tomada pelos malabares que executam movimentos precisos na entrada do baile.

Respiro fundo.

— Vamos?

Ele assente sem me olhar, e seguimos juntos, passando entre os convidados que ainda se encontram de pé conversando ou bebendo no bar, em direção ao centro do salão, tomado de mesas e cadeiras reservadas.

— Onde nós...

Nem preciso terminar a pergunta, pois logo vejo Theodoros Karamanlis, acompanhado de uma lindíssima loira, a uma mesa com o sobrenome deles na placa de reserva. Eu não sou muito fã do irmão mais velho de Alexios, mas sempre fui educada com ele, então armo meu melhor sorriso e o cumprimento:

— Theo! Que bom vê-lo esta noite! — Olho para sua acompanhante agora mais de perto e sinto como se a conhecesse de algum lugar.

— Samara, essa é Valentina de Sá e Campos — Theodoros nos apresenta, e eu sorrio, reconhecendo os sobrenomes dela. — Valentina, essa é a Samara Schneider, uma incrível designer de interiores.

— É um prazer, Valentina! — saúdo-a.

— O prazer é meu, Samara. — Valentina sorri. — Nos conhecemos já?

— Eu acho que sim, embora não me recorde de onde pode ser.

A loira para a fim de tentar se lembrar, e eu ouço a conversa entre Theo e Alexios.

— Viu só esse trabalho da Kyra?

— Claro! — Alexios debocha do irmão. — Seria impossível não ver, já que estou aqui! Já fui até cumprimentá-la, mas está tão ocupada que não consegui nem falar com ela direito.

Só o suficiente para que ela o encarregasse de me acompanhar nesta noite! Kyra me paga!

— Imagino que esteja. Viu o Kostas? — Theo pergunta, mas não consigo ouvir a resposta de Alexios, pois Valentina volta a falar:

— Lembrei! — ela comemora. — Nos encontramos na festa de inauguração da loja da Miriam Benides, lembra?

Eu não faço a mínima ideia do que ela esteja falando, mas, mesmo que não esteja com nenhuma vontade de prosseguir com a conversa, sorrio e concordo por educação.

— Puxa vida, quanto tempo não vejo você por lá! — Valentina continua.

— Eu estava morando em Madri — informo antes de me sentar.

— Ah, eu adoro a Espanha!

Sorrio sem graça, percebendo que vamos conversar. Não quero ser mal-educada com ela, é só que não estou muito confortável em estar aqui neste baile, não depois de perceber que ainda quero Alexios e que não adiantou de nada impor distância.

— Família! — a voz debochada de Kostas interrompe a conversa de Valentina, e ela me pergunta baixinho quem é o homem abraçado a uma loira com um vestido branco tão justo e transparente que beira à indecência.

— Konstantinos... — sussurro antes de ele apresentar sua acompanhante a todos.

— Bruninha, conheça os Karamanlis! — Ele aponta para Alexios e para Theodoros. — Claro que você pode deixar seu cartão com eles depois, mas eu sou o mais bonito, não sou?

Ele faz a mulher girar em seu próprio eixo, e, pela primeira vez depois da

tensão toda em que eu estava desde que vi Alexios, sorrio divertida. Kostas é uma figura! Ainda me lembro de quando ele morava no prédio, na cobertura de seu pai, e juro, se não fossem os olhos azuis e a voz, eu diria que não se trata da mesma pessoa!

— Já bêbado? — Theo pergunta a Alexios.

— E mais uma vez com acompanhante paga! — Alexios se aproxima de Theo e cochicha, e isso me surpreende. Não sabia que os dois estavam conseguindo ter uma relação tão cordial. — Estou achando que nosso querido irmão é do outro time.

Theo gargalha e nos olha sem graça.

— Perdoem-me, foi irresistível! — Tenta se conter e bebe mais do seu uísque. — Bom, certamente ele é arrogante e orgulhoso demais para "sair do armário".

Quem? Kostas?! Olho para o homenzarrão com a prostituta e nego instintivamente com a cabeça. *Não mesmo!*

— Seria apenas mais um rejeitado pelo seu querido *pappoús!* — ouço Alexios dizer isso, e meu coração aperta. Olho-o, respiro fundo, lamentando profundamente por ele ainda se sentir rejeitado, percebendo que isso também não mudou.

Rejeição, abandono, violência o tornaram o homem que é. Sei disso, dei essas desculpas para seu comportamento por muitos anos. Toda vez que ele aprontava, eu usava isso para justificá-lo.

Até quando?, penso, olhando-o fixamente. Até quando ele deixará que os erros dos outros façam-no errar também?

— Você gosta muito dele, não é? — Valentina dispara, e eu desvio os olhos de Alexios. — Seus olhos brilham diferente ao olhar para ele.

— Somos amigos há muitos anos — disfarço.

— Bom, isso é muito bom, mas... — Ela ri. — Desculpe-me se estou sendo invasiva, mas seu olhar é de quem é apaixonada, não apenas uma amiga.

Dou um sorriso amarelo para ela, e Valentina fica quieta.

— Tudo bem aí? — Alexios me pergunta, e eu assinto. — O jantar já tinha sido anunciado antes de você chegar, então não deve demorar muito.

Resolvo conversar com ele normalmente, afinal, seria ridículo fazer birra na minha idade.

— Kyra estava muito ansiosa com o jantar desta noite. Um grande chef internacional, ela me contou, é quem está preparando tudo.

— Sim, está na programação. — Alexios lê o nome do chef francês, e eu não

consigo deixar de olhar sua boca. Pego a taça de champanhe e a viro de uma só vez. — Uau! — Sorri e faz sinal para um garçom se aproximar com mais. — Minha acompanhante está sedenta.

— Estou. — Decido não discutir e bebo a outra taça. — E com fome também.

Alexios toca minha coxa por cima do vestido, mas logo tira a mão.

— O jantar não deve demorar — repete sério e se vira para olhar o outro lado do salão.

Fico um tempo olhando para minhas pernas, permitindo a sensação de brasa que a mão dele deixou em minha coxa passar, chateada demais por reagir assim a ele e continuar sendo praticamente invisível.

06

Alexios

Que porra é essa que está rolando?

Essa pergunta retórica fica martelando minha cabeça enquanto tento prestar atenção em qualquer coisa neste maldito salão lotado que não seja *ela*. Eu só posso estar com algum problema, só pode! Samara sempre foi minha amiga, quase minha irmã. Eu estar aqui com uma maldita ereção – pela segunda vez esta noite, frise-se – só pode ser loucura!

Preciso de um médico! A loucura congênita dos Karamanlis começou a se manifestar em mim. *Sentir tesão por Samara é quase... incestuoso!*

Pego a taça com champanhe e a termino em uma só golada a fim de aplacar o fogo que apenas um toque em sua coxa me causou.

A verdade é que eu não esperava encontrar-me com ela nesta noite. Vim por insistência do Millos e, claro, por sua maldita manipulação eficaz ao falar da Kyra e do suporte a ela em seu primeiro grande evento. Cheguei junto aos primeiros convidados e a encontrei correndo de um lado para o outro, "armando" uma surpresa para sua amiga e funcionária, a gostosa da Helena, que, por sinal, está namorando o Bernardo Novak, um amigo de longa data.

Quando finalmente ela terminou todos os preparativos, foi à cozinha falar

com o tal chef francês que a estava deixando nervosa, conferiu tudo com as bandas, DJ e artistas circenses é que me deu atenção.

— Oi, Alexios. — Sorriu cansada. — O baile nem começou direito, e eu já estou de um lado para o outro. — Ela espiou a fila se formando na recepção do evento. — Gostou da decoração?

Seus olhos verdes, como os meus, brilharam ansiosos. Eu cheguei perto dela, beijei sua testa e falei baixinho:

— Está tudo perfeito, Kyra. Parabéns, estou muito orgulhoso!

Ela suspirou e depois se afastou.

— Claro que está! Não tinha dúvida alguma disso. — E, do nada, pegou-me pela mão e me arrastou em direção ao salão. — Vem ver!

— Kyra, eu ainda não troquei meu convite e...

— Ah, Alexios, vem ver!

A decoração estava esplêndida, embora eu soubesse que, com os efeitos de luz e os artistas executando seus números, iria ficar ainda mais incrível. A banda, no palco ao fundo do salão, já estava se posicionando, e alguns funcionários de Kyra ajeitavam os últimos detalhes das mesas, arranjos florais ou acendiam as velas.

— Perfeito! — elogiei-a novamente.

— Você ainda não viu nada! — E deu aquele sorriso que eu sei que fode com a cabeça de qualquer homem. É duro ter uma irmã como ela, linda e sexy, e ver os caras babando em cima e não poder socar a fuça de nenhum. — Ah, preciso de um favor.

Estava demorando!

— Kyki, estou de smoking, mas ainda não sei segurar uma bandeja — sacaneei.

— Não, seu idiota! — Ela me estapeou as costas. — É meu par desta noite! Não vou poder participar do baile como havia previsto, então preciso que você faça companhia...

— Ei, ei, pode parar! Não vou ficar pajeando nenhum marmanjo não!

Ela rolou os olhos.

— Não é marmanjo, idiota! Posso terminar de falar? — Assenti. — É a Samara. Convidei-a a vir comigo esta noite e não quero que fique sozinha.

Samara Esther Schneider!

Fiquei um tempo olhando para Kyra, tentando entender se ela tinha feito isso de propósito, para tentar nos reaproximar, afinal, sempre fomos um trio de amigos/irmãos, e, com a relação entre mim e Samara estremecida, Kyra devia

estar um tanto confusa.

— Sem problema. — Sorri. — Você avisou a ela?

— E Samara atende aquele celular? — Ela bufou. — Você terá que esperá-la lá fora. Se importa?

— Não — fui sincero.

— Ótimo, agora vaza, porque ainda tenho coisas a fazer antes de abrirmos o salão. — E, do mesmo jeito que me arrastou, colocou-me para fora.

Fiquei um bom tempo esperando por Samara do lado de fora, o que foi surpreendente, pois ela sempre foi pontual. Vi o salão ser aberto, o baile começar, o discurso do doutor Andreas Villazza, o anúncio do jantar, e nada de a minha (ex?) melhor amiga chegar.

Estava olhando para um detalhe na construção do hotel, executada pela Novak Engenharia, quando meus olhos foram atraídos para o topo da escadaria. Não é exagero eu dizer que meus olhos foram atraídos, porque foi como se um ímã puxasse minha atenção para aquele ponto.

Engasguei-me com minha própria saliva ao ver Samara. Sim, ela estava linda, mas não foi o vestido branco ou o penteado elaborado que chamou minha atenção, foi *ela.*

Ela é linda e, por conta da nossa amizade e do receio que tinha de machucá-la, parei de perceber sua beleza e não notei a mulher que se tornou.

Fiquei parado, tomando nota de tudo, como se a estivesse vendo pela primeira vez, sentindo um incômodo por estar olhando-a com lascívia, afinal, era a *Samara!*

Balancei a cabeça, tentando voltar a pôr os neurônios no lugar, justificando para mim mesmo que isso aconteceu por causa dos anos distantes, mesmo sabendo que isso era pura enganação, pois ela não mudou nada nesses últimos anos.

O que aconteceu, então? Não sei, ainda estou confuso, tentando entender por que fiquei excitado com o perfume dela ou por que meu pau acordou apenas por eu a ter segurado pela cintura a fim de andar com ela até a mesa.

Tive que ficar parado, olhando para os malabares sem vê-los realmente, com cara de paisagem, fingindo que nada estava acontecendo. Eu não queria que ela soubesse que eu estava reagindo daquela forma a ela; certamente ficaria horrorizada. Sempre fomos como irmãos!

Tentei me conter, agradeci por Theodoros e sua companhia já estarem à mesa, fiquei um tempo distraído conversando com meu irmão mais velho, mesmo que isso fosse uma dor no saco. Não sou tão rancoroso quanto o

Konstantinos sobre o Theo, apesar de concordar com meu irmão sem noção sobre ele nos ter abandonado nas mãos do louco Nikkós, mas o que Theodoros poderia fazer? Eu mesmo estive nessa situação quando pude sair de casa, mas não tinha como tirar Kyra dele, por isso fiquei.

O DJ que executa as músicas antes do jantar e da banda ao vivo coloca *My Immortal*, de Evanescence, e é impossível não olhar para Samara.

— Sua música preferida na adolescência — comento com ela.

Samara sorri e balança a cabeça, olhando os casais indo para a pista de dança.

— Tocou na minha formatura...

— Eu sei, eu queria dançar com você, mas você não parecia muito a fim, então fui beber.

Ela arregala os olhos e me encara como se não soubesse do que eu estou falando. Provavelmente nem se lembra, estava nervosa e ficava repetindo o caminho todo dentro do carro que a gente nem deveria ter ido, que era besteira.

Não somos mais adolescentes!

— Quer dançar? — inquiro impulsivamente e estendo a mão para ela.

Samara olha para minha mão por um tempo, mas aceita.

Porra, que loucura!

Ela pega minha mão, e minha vontade é de puxá-la para mim e beijar sua boca. *Foda!* Não consigo mais refrear meus desejos; sempre consegui com ela, por isso não entendo o que está acontecendo agora. Não é qualquer mulher aqui comigo, indo para a pista de dança para ficar de corpo colado no meu – *porra!* – é a *Samara!*

Samara!

Minha amiga de infância!

Quase uma irmã...

MERDA!

— Está tudo bem? — ela me pergunta, e eu tento relaxar, já que estou dançando como antigamente: a um palmo de distância dela.

— Sim, tudo. — Tento dar meu famoso sorriso, mas não rola, então pigarreio. — Estou com sede, calor... acho que é essa decoração toda.

— Pode ser. — Ela desvia os olhos de mim. — Quer voltar para a mesa?

Quero!

— Não, a não ser que você...

— Tudo bem.

Ela se solta de mim no exato momento em que a música muda para um

instrumental baixo e as luzes se acendem.

— O jantar. — Aponto para os garçons em fila e os convidados voltando aos seus lugares. — Vamos?

Salvo pelo gongo do cozinheiro!, penso ao ajustar disfarçadamente minha calça para não andar de pau duro e assustar a todos por causa da claridade do salão.

Samara bebe mais uma taça de champanhe, e eu rio, já preocupado. Nunca a vi beber tanto! Sempre foi séria, careta, estudiosa e boa filha. Ela nunca fazia nada de errado, nunca decepcionou os pais, fazia tudo o que eles queriam... quer dizer, tudo menos se afastar de mim.

— Acho que já quero ir — ela comenta de repente. — Vou chamar um Uber...

Levanta-se um pouco tonta, e eu a amparo pela cintura.

— Você quase não comeu, e bebeu muito — falo, e ela levanta uma sobrancelha atrevida e irônica para mim. — Não estou dando lição de moral, mesmo porque não tenho nenhuma, apenas constatei um fato.

Ela ri.

— Você não tem nenhuma moral *mesmo*! — arrasta a última palavra. — Sempre foi um galinha, essa cara de santo aí só engana as outras!

Gargalho.

— Elas não ficavam enganadas por muito tempo, pode acreditar!

Samara funga, indignada, e fecha os olhos.

— Eu acho que realmente bebi demais.

Olho em volta; o salão já está praticamente vazio, apenas um ou outro convidado conversando em pequenos grupos. Theodoros se despediu, com Valentina grudada em seu pescoço, há mais de uma hora, e Kostas nem jantou conosco à mesa, provavelmente ficou no bar com sua acompanhante.

Inicialmente eu tinha pensando em esperar tudo terminar para acompanhar Kyra até em casa, mas, com Samara no estado em que se encontra e com tudo aqui ainda para ser desmontado, é melhor eu levar minha amiga para casa – aproveitando que moramos no mesmo prédio – e voltar mais tarde para acompanhar minha irmã.

Pego a pequena bolsa que ela trouxe e, ainda abraçado a ela, caminho para a saída.

— Alexios... tudo está rodando...

— Muito natural depois de todo aquele champanhe.

Ela suspira e joga a cabeça para trás.

— Você é um chato, sabia? Não posso entender o que *todas* aquelas mulheres viam em você!

— Imagino que não possa mesmo — respondo-lhe, sabendo que vai se irritar.

Samara sempre disse que eu respondia politicamente ou me evadia quando sentia que o assunto poderia ir para alguma direção que não me deixaria confortável. Ela tinha razão na maioria das vezes, mas, neste momento, só estou a fim de irritá-la.

— Você é um babaca, Alexios Angelos!

Opa! Falou meu nome todo! Rio de sua irritação bêbada, talvez por estar um tanto alto como ela, mas sóbrio o suficiente para carregá-la em segurança até a calçada.

Não vim de moto ou carro sozinho exatamente por saber que iria beber – principalmente para aguentar sozinho a companhia dos meus irmãos à mesa –, porém previ que a saída do baile estaria um inferno e que seria difícil conseguir um táxi ou um carro de aplicativo que estivesse por perto, por isso deixei o Cris, que me trouxe, de sobreaviso no estacionamento.

Mando mensagem para ele e espero até meu carro aparecer. Abro a porta de trás e coloco sobre o banco uma Samara parcialmente adormecida por cachaça francesa.

— Essa foi nocaute! — Cris ri quando eu entro. — Para onde?

— Para o Castellani. — Ele dá um sorrisinho malicioso e pisca. — Ela é minha vizinha, Cris, sossega.

— Falou, chefinho.

— Para de merda e dirige.

Ele tenta sair da entrada do hotel, mas é praticamente impossível com o número de carros que também tentam deixar o local. Olho para trás, confiro que Samara está mesmo apagada e fecho os olhos, recostando-me contra o assento do carona.

— Foi uma festança, hein? — Cris volta a falar. — Só vi entrar filé, pena que a maioria estava acompanhada.

— Geralmente isso não é problema — comento, mordaz. — Já comi muita mulher no banheiro de recepções como essa enquanto o marido conversava com os amigos e falava de negócios.

Cris gargalha.

— Você nunca valeu nada, Lex!

Não retruco o apelido ridículo com que ele me chama e me faz parecer o vilão do Homem de Aço. É pura perda de tempo ralhar com Cristino, então simplesmente ignoro, cansado, meio zoado e com tesão frustrado.

Ele e eu nos conhecemos há alguns anos, quando visitei um dos prédios da Karamanlis que foram invadidos por movimentos pró-moradias. O homem era motorista de profissão, com anotação em sua carteira de trabalho em várias empresas, que juntou todo o dinheiro que tinha, investiu em um carro e um ponto de táxi, mas foi engolido e enxotado pelas grandes cooperativas.

Assim, quando nos conhecemos, ele estava sem casa, sem carro, sem emprego e com uma enorme dívida, fazendo bicos aqui e ali. Ajudei-o primeiro a conseguir emprego, depois por fim saiu da invasão, e, nesse ínterim, nos tornamos amigos.

Ano passado, quando a filha dele nasceu, quis que eu a apadrinhasse, mas educadamente declinei, explicando que, mesmo honrado, não poderia aceitar, pois sou ateu, e o apadrinhamento de uma criança tem a ver com questões religiosas, tem um sentido específico, e eu não seria a pessoa certa para isso. Ele entendeu, mas a garotinha já me chama de Didi (seu jeito fofo de bebê de chamar seu *dindo*, mesmo que oficialmente eu não o seja).

Acho que cochilei também até o Castellani, pois, quando me dei conta, já estávamos na garagem. Cris me perguntou se eu queria ajuda com Samara, mas agradeci e o mandei para casa. Ele não trabalha como meu motorista diariamente, mas sim na Karamanlis, transportando quem quer que precise fazer serviços externos. Contudo, toda vez que preciso, chamo-o para ganhar um extra.

Há muito parei de combinar bebida e direção, não por mim, mas por medo de acontecer algum acidente e eu acabar prejudicando outras pessoas.

Chamo o elevador, e somente dentro dele é que *a bela adormecida* parece voltar a si.

— Alexios... — Samara olha em volta. — Este é o elevador do Castellani?

— Parece que sim — respondo-lhe divertido.

Samara bufa.

— Só desmaiada é que eu aceitaria vir com você na direção nesse estado em

que se encontra.

— Estou melhor que você. — Ela se encosta contra o espelho, olhos fechados e um enorme sorriso bêbado no rosto. — Além do mais, viemos com motorista.

— Bom... — Samara fala devagar e lambe os lábios como se estivessem secos. O efeito no meu pau é instantâneo. Sinto meu corpo inteiro acender, minhas mãos formigam de vontade de tocá-la. Sua pele parece brilhar, atraindo-me como uma chama atrai uma mariposa.

Tento me afastar, pensar em outra coisa, mas o espaço reduzido do elevador não ajuda. As paredes parecem se fechar cada vez mais, aproximando-me de Samara, apertando-me contra ela, espremendo meu corpo...

— Alexios... — ela geme meu nome, e eu me espremo mais, fazendo-a grudar contra o espelho. O seu perfume inebria meus pensamentos, a pele, tão quente e macia que a sinto mesmo por baixo do vestido, me enlouquece. Preciso provar o sabor de sua boca, conferir se o hálito quente e um tanto etílico se confirma em sua saliva.

Sim!

Agarro-a com mais força, minha ereção pressionada contra sua barriga, minha boca correndo em seu pescoço. Tudo parece congelar à nossa volta, não existe mais tempo e nem espaço, apenas o vácuo e nós dois dentro dele, em chamas.

Lábios nos lábios. Meus dedos esfregam sua nuca, a pele arrepia, os pelos eriçam, meu corpo treme. É a viagem mais louca que eu já fiz sem ser através de uma substância química entorpecente... não! É química ainda, é uma droga viciante, é tesão!

Devoro sua boca sem nenhum pudor ou impedimento. Ela me acolhe, abre-a para minha exploração, prende meus lábios entre seus dentes e morde com força, despertando com a dor ainda mais meu desejo.

Enfio os dedos no meio do seu penteado, seguro o cabelo com força, e ela retribui o desespero cravando as unhas nos meus ombros.

Estou pronto para fodê-la, minha cabeça já trabalha uma forma de abrir o zíper da calça social, sacar meu pau e buscar o caminho de sua boceta, que, a julgar pela forma com que ela come a minha boca, já está molhada e quente.

Um pigarrear me faz sobressaltar, e eu me afasto dela o mais rápido possível. Um casal de idosos também vestido em *black tie* entra no elevador no saguão do prédio, sinal de que o elevador subiu e desceu de novo enquanto nós dois quase nos comíamos dentro dele.

Olho para Samara, mas ela não parece constrangida ou assustada, apenas passa a mão pelos lábios e me encara, sua expressão cheia de perguntas e curiosidade.

Caralho, o que eu estou fazendo?! É a Samara, minha amiga, aquela que eu sempre quis manter longe desse meu lado sem vergonha! Puta que pariu!

Espero o casal descer em seu andar e, assim que as portas se fecham, respiro fundo.

— Desculpa, Samara, acho que estou mais bêbado do que imaginei a princípio. — Não tenho como olhá-la, dividido entre o constrangimento e o desejo ainda pulsando na minha calça. — Somos amigos, eu não deveria atacar você dessa forma, me des...

— Para! — sua voz soa magoada, e eu tenho vontade de socar a cabeça contra o espelho. — Não precisa dizer mais...

— Eu prometo que isso não voltará a acontecer. — Finalmente a encaro e fico fodido ao ver sua expressão confusa. Ela parece não ter gostado do que aconteceu, deve estar achando que eu sou um filho da puta aproveitador. — Você é minha amiga, Samara, mesmo depois dessa distância, eu ainda a vejo como se fosse minha irmã e...

— Chega! — ela grita, e as portas do elevador se abrem no seu andar. — Você tem razão, foi um erro e não deve voltar a acontecer!

Ouvir isso é como um balde de água fria, mesmo reconhecendo que é o certo.

— Eu não quero que isso afete novamente a amizade que nós temos e...

Samara sai pisando duro do elevador sem olhar para trás. Minha vontade é de correr atrás dela, voltar a encostá-la em alguma parede e beijá-la novamente até que perca a razão ou eu alivie esse tesão indesejável que estou sentindo.

As portas se fecham, e eu, ao invés de apertar o botão do meu andar, mando o elevador de volta para o térreo e chamo um Uber.

Preciso trepar!

— Essa sua cara de cachorro cagando na chuva é ainda ressaca do baile? — Kyra me pergunta, sentando-se ao meu lado na rede que ela tem em sua varanda. — Quer café?

Resmungo ainda com os olhos fechados:

— Quero paz!

Ela ri.

— Isso está em falta por aqui hoje, passa na semana que vem... — Encaro-a, puto com a piadinha. — O que aconteceu?

Não respondo, meus olhos fixos no topo do prédio do outro lado do parque. Balanço a cabeça, decidindo ser mais covarde do que tenho sido desde a madrugada do dia primeiro de janeiro e fecho os olhos para tentar nem pensar na confusão que arrumei.

— Você não deveria estar trabalhando hoje? Ou eu? — Kyra volta a me importunar, mas continuo mudo. — Mano, você continua o mesmo chato da porra de sempre! Fica aí com essa cara de Maria do Bairro e não abre a porcaria da boca para me contar o que diabos você fez dessa vez!

— Obrigado pela confiança em mim! — retruco irônico.

— Ah, boquinha para ser mal-educado comigo você tem! — Ela me cutuca o ombro, mas depois suspira e deita a cabeça nele. — Você sabe que faz merda, mas que eu estou aqui, disposta a te ouvir e te ajudar a limpar os cagaços. Somos uma dupla, você e eu, sempre fomos e sempre seremos.

— Costumávamos ser um trio... — assim que eu comento, imediatamente me arrependo, pois Kyra salta da rede – quase me derrubando no percurso – e emite um ensurdecedor: “ahá!”.

— Eu sabia que tinha acontecido algo na madrugada do baile! Samara está estranha, esquiva, e isso não é o natural dela. Que merda você aprontou? — Continuo ignorando-a, sem nenhuma disposição para contar sobre o beijo, o amasso e a confusão que isso criou em mim. — Alexios! — Minha irmã começa a pirar por causa do meu silêncio, mas, se me conhece um pouco, já deve imaginar que eu não irei abrir a boca para falar desse assunto. — Está certo! Você e sua maldita boca de siri. — Volta a se sentar, mas dessa vez não se deita em mim. — Alex, ela é nossa amiga, não a magoe, ok? Samara merece ser feliz, e esses anos que passou na Espanha foram ótimos para ela. Eu morria de saudades, mas estava feliz por ela estar realizada trabalhando com o que ama fazer, com um puta gato espanhol lambendo seus pés e — abro os olhos, mas Kyra não se freia — querendo formar família com ela.

Sento-me bruscamente, e Kyra balança.

— Como assim formar família?

— Ele a pediu em casamento. — Surpreendo-me, mas tento não reagir, não demonstrar. — Deu-lhe um lindíssimo e caro anel de diamante e está esperando pelo retorno dela.

Essa informação, apesar de ter me pegado de surpresa, não é nenhuma novidade. Sempre achei que algum homem de sorte iria conquistar o coração da

minha amiga de infância e tê-la para sempre. Samara é a pessoa mais leal que eu conheço, mais incrível, merece muito ser feliz ao lado de alguém que valha a pena.

— Ela não estava usando anel... — penso em voz alta.

— Ainda não falou com os pais dela... — Kyra olha fundo nos meus olhos, procurando qualquer reação minha, mas sei que não irá encontrar nenhuma. Há muito aprendi a sentir sem demonstrar ou a mostrar apenas o que eu quero que os outros vejam. — Vocês não conversaram ontem?

— Acho que ainda não conseguimos estreitar os laços de amizade novamente.

— Hum... — Ela olha para seu relógio no pulso e suspira. — Preciso ir para o trabalho, vai ficar aqui? — Assinto. — Eu tenho a sensação de que você está se escondendo, só não faço ideia do quê.

Ela entra no apartamento, e novamente olho para o alto do Castellani, do outro lado do parque. Daqui do prédio onde ela mora, consigo ver o heliponto no telhado, algumas janelas da cobertura onde Cadu mora, o andar debaixo, onde Bernardo Novak reside, e uma pontinha da minha varanda. O apartamento de Samara fica uns andares abaixo do meu, então não tenho como vê-lo, mas somente por saber que ela está lá dentro, sinto vontade de ficar aqui, bem longe.

Não me entendam mal, não estou fazendo isso porque não quero que ela se aproxime de mim, pelo contrário, estou aqui, exilado como um covarde no apartamento da minha irmã mais nova, porque, se pisar no Castellani, sei que não conseguirei me manter distante dela.

Mesmo depois da maratona de sexo que fiz com uma mulher com quem já havia saído antes das festas de final de ano, não tenho segurança de estar no mesmo ambiente que Samara e me controlar para não a pressionar contra alguma parede e fodê-la sem ao menos dizer um cumprimento.

Definitivamente não vou fazer isso, não com ela!

Muito menos depois de saber que há alguém que a merece, que está à altura dela, esperando sua volta.

Rio de mim ao pensar que estou aqui, evitando-a, quando na verdade ela é quem deve estar querendo ficar a quilômetros de mim. Talvez esteja até indignada e ofendida pelo modo com que a toquei e beijei sem nenhum aviso, como se fôssemos um casal qualquer que se encontrou na balada para trepar, e não duas pessoas que são amigas desde que se entendem por gente.

Não entendo por que perdi o controle do tesão que sempre reprimi, mas me conheço o suficiente para saber que ele não passou. Raramente sinto aquela

química com alguém. Era como se meu corpo estivesse sendo atraído, como se algo nela estivesse provocando reações em mim que eu não conseguia controlar. Foi animal, carnal, a famosa atração de pele que muita gente procura, mas pouca tem.

E eu tive justamente com minha melhor amiga!

Kyra volta a aparecer no meu campo de visão, agora com os belíssimos cabelos escuros, longos e fartos soltos, o rosto maquiado e uma roupa de deixar qualquer homem lobotomizado.

— Esse bode aí está foda para passar, hein? — comenta antes de se abaixar para pegar um guarda-chuva no móvel ao lado da rede. — Têm umas sobrinhas do baile na geladeira, cerveja – por favor, não tome todas, mas se tomar, as reponha –, e meu chuveiro tem muita pressão e água fresca. — Pisca para mim, e eu franzo a testa, sem entender. — Você está meio rançoso.

— Vai se ferrar, Kyra — ralho com ela, mas rio.

Ela se aproxima e beija minha testa, e isso, sim, arranca um sorriso sincero meu. Gosto que ela confie em mim o suficiente para me tocar, para recostar-se no meu ombro ou mesmo ficar abraçada, pois sei que ela não é assim com todos, principalmente com homens em geral.

— Fica bem e ouça meu conselho... — Ela anda até a porta antes de complementar: — Tome um banho, você cheira a álcool e a perfume vagabundo.

Levanto o dedo do meio para ela e a escuto ir gargalhando apartamento adentro até a porta de entrada bater. É, eu bebi bastante, sim, devo estar exalando álcool pelos poros, e o perfume barato se impregnou em minha roupa ontem, quando a recoloquei depois de mais de 12 horas nu, e a mulher me abraçou toda perfumada.

Saí do apartamento dela e vim direto para o da Kyra, torcendo para que minha irmã estivesse em casa e sozinha a fim de que eu pudesse cair aqui nesta rede onde estou e tentar pôr a cabeça certa no controle do meu corpo.

O telefone fixo toca alto, afastando meus pensamentos, e aproveito para tomar o banho aconselhado pela minha irmã viciada em limpeza. Entro na sala desabotoando a camisa branca que usei com o smoking – pois é, ainda estou com a mesma roupa do Ano Novo em pleno segundo dia do ano – e noto que não faço ideia de onde estão o paletó e a gravata-borboleta.

A primeira foto que vejo ao entrar no quarto de Kyra é uma que tiramos juntos – Samara, ela e eu – na formatura da minha irmã. Eu fui o par dela, então estava de smoking, e as duas, de vestido longo, maquiagem e penteado. Caminho até o aparador e pego o porta-retratos, focando em Samara e me perguntando

como eu conseguia me manter longe do mulherão ao meu lado. Era uma beleza diferente da minha irmã, Samara tem o olhar doce, sorriso largo, nenhum mistério, seu rosto expressa suas emoções, sua sinceridade.

Kyra sempre foi exuberante, beleza herdada de sua mãe, devo acrescentar, pois Sabrina ainda continua tão linda quanto era na época em que era casada com Nikkós. Contudo, minha irmã ainda recebeu alguns belos traços dos Karamanlis, principalmente da famosa *giagiá*[15], que todos sempre fazem questão de dizer que era linda e tinha a mesma coloração de olhos da minha irmã (e minha também, só que os Karamanlis nunca engoliram bem que eu realmente tenha o sangue nobre deles).

No papel, Kyra e eu somos filhos dos mesmos pais, pois Sabrina me adotou legalmente quando eu ainda era um garotinho. Ela, por poucos meses, possuía a diferença de idade obrigatória pela lei entre nós (16 anos) e, por isso, conseguiu, aos 18, adotar-me aos dois anos. Logo em seguida nasceu a Kyra, e a *família* ficou completa.

Na verdade, eu nunca soube da minha mãe. Tentei descobrir algo durante a adolescência, principalmente por ser esse um dos pontos que meu sádico pai adorava usar contra mim. Inventar uma história nova a cada dia sobre meu nascimento, minha origem, era sua principal diversão e tortura psicológica.

Nunca entendi nada sobre mim, a única certeza que tenho é de que, infelizmente, sou mesmo filho dele, algo que comprovei através de exame de DNA, cujo resultado positivo nunca divulguei, porque eu tinha esperança de não ter o sangue daquele monstro.

Volto a prestar atenção na foto, dessa vez em meu próprio rosto cheio de enfado por estar naquele baile com elas. Sorrio. Eu fazia esse tipo, mas a verdade é que adorava cada momento que passávamos juntos, pois me sentia em família de verdade.

Ponho a moldura no lugar e respiro fundo, controlando meu corpo, colocando juízo na minha cabeça, ressaltando tudo o que tem de importante na amizade entre mim e Samara e concluindo que um envolvimento fora desses termos entre nós só serviria para destruir anos e anos de companheirismo.

Samara merece ser feliz com alguém que possa ser o homem com que ela sempre sonhou, o *príncipe encantado* dos seus sonhos de menina, alguém que saiba quem é, que tenha valor e que possa demonstrar todo o amor que sente por ela e reconheça o privilégio que é ser amado.

Esse homem não sou eu!

Depois do banho na casa de Kyra, fui direto para a empresa. É providencial ter uma mochila de roupas minhas no apartamento dela, mas confesso que não vou muito de jeans e camisa de malha para a Karamanlis.

Passei no Castellani apenas para pegar minha moto, nem me atrevi a subir até meu apartamento, sendo covarde mais uma vez. A questão é que eu não saberia nem mesmo o que dizer a Samara caso nos encontrássemos de novo.

Estava saindo do estacionamento quando meu celular tocou, mas, como já estava sobre a moto – e não queria demorar muito na garagem, porque o carro de Samara ainda estava na vaga dela –, deixei para conferir a ligação quando estivesse no prédio, o que faço agora, retornando a ligação.

— Oi, Chicão! — cumprimento-o assim que atende.

— Alex, seu grande safado, feliz Ano Novo! — o homem mais velho, que se tornou um grande amigo e a quem eu considero como um pai – no sentido do que realmente um pai deveria ser – por pouco não me ensurdece ao telefone. — Cheguei ao inferno hoje, queria saber se poderia passar uns dias lá naquele seu apartamento cinco estrelas.

Abro um sorriso de felicidade ao pensar que ele está de volta a São Paulo. Francisco Salatiel Figueiroa é o nome dessa figura de quase 60 anos, paulistano – mas que odeia sua cidade natal – e viciado em esportes radicais assim como eu.

Nós nos conhecemos quando eu ainda estava no colégio, devia ter uns 15 anos e fui participar de um racha de moto pela cidade. Ele apareceu por lá, chamou-me em um canto e me convidou a fazer cross ao invés de colocar minha vida e a de outras pessoas em risco correndo pelas ruas.

Comecei a ir para o os circuitos de motocross, tomei muito tombo, enlameei-me até o pescoço e me senti mais vivo do que quando me arriscava nos rachas. Nós nos tornamos amigos mesmo com nossa gritante diferença de idade, pois ele dizia que eu lembrava o moleque atentado que ele mesmo tinha sido um dia, e comecei a acompanhá-lo em suas atividades.

Foi por causa dele que deixei de buscar alívio e fuga nas drogas, pois conseguiu me mostrar que, se eu quisesse me livrar de Nikkós, teria que ser melhor que ele. Não foi um processo fácil, admito, levei anos para entender e ouvir seus conselhos, mas nem por isso ele desistiu de mim ou se afastou.

Francisco começou a me mostrar que eu poderia extravasar toda minha

angústia, solidão, medo e revolta em esportes como trilhas de moto, bike, escaladas, voos livres, paraquedismo e, quando tirei minha carteira de motorista, apresentou-me a alguns amigos dos circuitos de motovelocidade.

Os esportes aliviavam meu corpo da tensão vivida em casa, mas minha cabeça e minha alma continuavam pesadas, então, um dia, ele me viu desenhar e descobriu como eu poderia tratar os demônios dentro de mim.

Devo muito a ele, não só pelo equilíbrio que consegui hoje em minha vida, como também por permanecer vivo e são. Samara e ele foram os únicos a permanecerem ao meu lado nos piores momentos da minha vida, ela me auxiliando principalmente com Kyra, e ele entendendo meus problemas e me ajudando a achar soluções.

— Meu apartamento é seu! Te dei a chave, afinal.

— Eu sei, mas é sempre bom dar uma conferida, vai que você resolveu sossegar seu pau numa boceta só.

Gargalho com seu jeito rude e direto.

— Não, meu pau ainda gosta de explorar por aí. — Ele me chama de "vadio" e ri. — Estou na Karamanlis agora e...

— Ah, me diz que estou sonhado... — estranho o que ele fala, escuto vozes ao fundo e percebo que não falou comigo. Espero que ele retome a ligação, entro no elevador, cumprimento as pessoas com a cabeça e sorrio para uma mulher gostosa que nunca vi aqui no prédio. — Seu trapaceiro de uma figa! Samara está de volta e, caramba, mais linda do que nunca.

Só de ouvir o nome dela, sinto meu corpo reagir como se uma descarga elétrica tivesse me atingido.

— Encontrou-se com ela agora?

— Sim, seu embuste! Quantos anos ela esteve fora? Caralho, você já a viu?

Franzo a testa, desço no meu andar, confuso com a perplexidade dele apenas por ter visto a Samara no prédio, afinal, ele sabe muito bem que ela tem um apartamento lá.

— Já, desde que chegou — respondo distraído, acenando para os funcionários da K-Eng. — Por quê?

— Alexios, eu sempre me perguntei se você era cego ou apenas muito burro. — Ouço o barulho de uma porta se fechando. — Nunca entendi por que vocês dois nunca tiveram nada um com o outro.

Paro no meio do corredor, atraindo os olhares de pelo menos dois engenheiros que passam por mim. *Que merda é essa?!*

— Ela é minha amiga — digo o óbvio.

— Ela é incrível *e* sua amiga, isso já não é meio caminho para um relacionamento de sucesso?

Um alerta dispara em meu cérebro. Chicão nunca foi um homem ligado a relacionamentos permanentes, tanto que é solteiro até hoje, então não entendo o motivo pelo qual está falando essas coisas sobre mim e Samara.

— Chicão, sou eu! Eu não tenho relacionamentos, eu fodo por aí, só isso. E, definitivamente, Samara não é uma mulher apenas para se foder.

Ele emite um grunhido, e, ao fundo, escuto o bipe da minha cafeteira sendo ligada.

— Nisso concordamos. Mas ela é incrível, sempre foi, se eu tivesse a sua idade e a sua aparência, não perderia a oportunidade de tê-la comigo.

Mas o que... Arregalo os olhos, e meu coração dispara.

— Você está morrendo? — inquiro-lhe como se fosse a única opção válida para essa mudança de comportamento.

Chicão gargalha.

— Não, mas estou ficando velho e sozinho. — Bufa. — Mas isso não é assunto para discutirmos ao telefone, já que você está na empresa.

— Chicão, está tudo bem?

— Vai trabalhar, embuste, depois conversamos. Viajei a noite toda, quero tomar um banho, comer algo e dormir um pouco. Obrigado pelo abrigo.

Ele ainda não me convenceu, algo está errado.

— A casa é sua! — declaro, e ele encerra a ligação.

Samara

— Quer mais um travesseiro? — pergunto à minha mãe assim que ela se deita na cama.

— Não, filha, estou bem. — Sorri, mas o cansaço não permite que o faça por muito tempo. — É sempre assim no dia da medicação, mas passa.

Balanço a cabeça concordando, enternecida por ela estar tentando me consolar, quando é ela quem está passando por isso tudo. Sempre a admirei por sua força, seu destemor e a capacidade de realizar qualquer coisa que se propunha a fazer.

Mamãe não tem um gênio fácil de lidar, mas nunca negou amor e afeto aos seus filhos, mesmo sendo brava e exigente como era. Dani e eu tínhamos muito mais medo dela do que do papai, que sempre foi mais maleável, mas moderno e liberal.

O relacionamento dos meus pais, enquanto casal, não era um mar de rosas, mas eles eram amigos, companheiros. Ele sempre a apoiou em tudo, e ela acima de tudo o admirava. Não tinham grandes arroubos de paixão, pelo menos não na nossa frente, mas se respeitavam, conversam, riam e, principalmente, nos amavam muito. Dani, como filho e mais velho, sempre foi agarrado a minha mãe

mais do que a nosso pai. Os dois se dão bem, são muito parecidos em alguns aspectos, mas quem sempre teve mais afinidade com papai fui eu.

Acho que nossas almas são parecidas. Ambos somos apaixonados pelas formas, perfeccionistas, românticos e, arrisco dizer, sonhadores. Eu sou assim, gostaria de ser prática como mamãe, mas há muito que parei de tentar ser quem não sou. Demorei, mas consegui aceitar meu jeito e me respeitar acima de tudo.

É dolorido tentar ser quem não é para se encaixar ou seguir uma tendência. Eu sou forte, mesmo sendo doce; sou feminista, mesmo sendo feminina e vaidosa; sou empoderada, mesmo sonhando em casar e ter uma família.

Eu me importo com a opinião alheia, sim, porque ninguém é uma ilha e não teria sentido na vida se todos fôssemos autossuficientes e não dependêssemos de ninguém. Não tenho preconceitos, sou feliz com a felicidade dos outros e não me importo que a recíproca não seja verdadeira. Cada um escolhe o caminho que quer percorrer. Eu escolhi ser assim, exatamente como sou.

Chegar até essa conclusão não foi fácil, principalmente quando se percebe que o homem por quem você é apaixonada prefere as mulheres que têm atitude, que são furacão e não calmaria. Eu quis fazer tipo e percebi que estava indo na contramão de tudo o que uma “mulher de atitude” prega, que estava tentando ser outra pessoa para agradar a um homem.

Foi aí que aquela máxima tão clichê, mas que é tão difícil de ser vivida, fez sentido para mim: quem me amar, precisa me conhecer e me aceitar como sou.

Demorei a perceber a importância disso, precisei praticamente ter isso esfregado na cara. Então arrumei minhas malas, disse ao meu pai que não iria para Barcelona, mas sim para Madri, e segui com minha vida.

Alexios foi o estopim que eu precisava para explodir naquela época, depois de ter aparecido no meu apartamento bêbado a ponto de não se aguentar de pé. Ele pediu para dormir no meu sofá, tivemos uma dura discussão quando tentei lhe passar sermão e, no meio da noite, acordei com ele na minha cama.

Fiquei sem reação quando senti sua mão na minha cintura, alisando minha pele por cima do pijama de seda. Fechei os olhos, excitada e ansiosa, e o deixei prosseguir com a exploração. Não o impedi quando me virou, nem quando me beijou e subiu em cima de mim. Tinha esperado por aquilo a vida toda, e estava acontecendo.

Ledo engano!

Ele ficou imóvel, esmagando-me com seu peso, então percebi que havia dormido. Joguei-o para o lado e passei a noite em claro, sem entender nada, esperando que ele acordasse e explicasse.

Acabei dormindo e acordando sozinha na cama. Ele tinha ido embora, e não conversamos, mas esperei que a conversa viesse mais tarde. Não veio. Ele simplesmente ignorou o beijo, as carícias, como se não fossem nada, como se *eu* não fosse nada.

Fiquei irritada, subi para perguntar diretamente a ele o motivo pelo qual tinha me beijado, mas, quando cheguei ao seu apartamento, estava rolando uma de suas *festinhas* regada a bebidas e sexo, e o filho da mãe estava sentado no sofá com uma mulher de cada lado em um beijo triplo.

Ele nem me viu, fechei a porta, desci e decidi parar de protelar minhas decisões esperando por algo que nunca iria acontecer. Um relacionamento com Alexios era uma ilusão infantil, mas eu já não era mais criança.

Viajei dois dias depois e pensei que, quando voltasse, toda essa ilusão teria se desfeito.

— Então o nome dele é Diego — mamãe fala, e eu quase pulo de susto, deixando as lembranças para tentar entender do que ela está falando. — Diego Vergara!

Sento-me na beirada da cama, curiosa sobre como ela conseguiu essa informação.

— O nome dele é mais comprido do que isso, mas, sim, Diego Vergara.

Ela sorri cheia de sabedoria.

— E você deve estar aí querendo saber como eu sei o nome dele. — Concordo. — Seu irmão me contou.

Daniel e sua boca! Meu irmão sempre foi o maior X9 do mundo, não é de se espantar que tenha contado sobre o Diego para minha mãe.

— Há quanto tempo estão juntos?

Não sei o que dizer a ela e agradeço quando uma enfermeira entra no quarto, dando-me a desculpa perfeita para escapulir de sua curiosidade. O fato é que tudo mudou depois da noite do baile dos Villazzas.

Não sei o que levou Alexios a me beijar daquela forma no elevador, eu estava bem bêbada dessa vez, mas ele não tanto, além disso, eu senti a energia entre nós, senti o tesão que ele exalava, que trazia na saliva e em cada toque no meu corpo. Alexios não escondeu em nenhum momento o quanto estava excitado, esfregou sua ereção contra mim, esmagou-me contra o espelho do elevador parecendo que queria me comer ali mesmo.

Depois, do nada, mudou. Pediu desculpas! *Desculpas por me beijar!* Só faltou dizer que estava com tesão, e eu era a única mulher próxima dele, mas que nem assim servia.

Para piorar, quando entrei no apartamento e peguei o celular, vi uma mensagem de Diego dizendo o quanto sentia minha falta e como ele gostaria de poder estar aqui comigo. Foi a gota d'água! Senti-me um lixo, uma pessoa má que engana e trai e percebi que tê-lo deixado na Espanha sem uma resposta definitiva foi uma atitude egoísta.

Chorando, sem pensar direito, fiz uma chamada de vídeo para ele e, quando atendeu, disparei:

— Diego, eu sou uma pessoa horrível, mas não posso fazer isso com você! — Soluçava tanto que ele se assustou e me pediu para falar devagar. Todavia, eu não conseguia. — Você é um homem incrível, um amigo maravilhoso, e eu adorei cada momento que passamos juntos...

— *Calmarse, Samara! Yo no comprendo!*

— Você merece mais, merece alguém melhor, e eu não posso...

— *Usted* está me *dejando* preocupado, *cariño.*

— Eu não queria fazer isso assim, por telefone. — Ele ficou sério, atento, prevendo o que eu lhe diria. — Mas não é justo que você fique aguardando minha volta para que eu diga isso. — Respirei fundo, armando-me de coragem. — Eu não posso aceitar seu pedido, Diego. Eu não estou pronta para amar você como deveria, como você merece.

— Samara, *sucedio* algo com *su mamá*?

Neguei.

— Não. Sou eu, não mereço você. Você tem razão ao dizer que meu coração nunca pôde estar aí contigo.

— Samara, *despues hablamos*, está *muy* nervosa. — Tentei dizer a ele que não, mas não me deu oportunidade: — *Tengo* que ir.

— Diego, não...

Ele encerrou a chamada. Tentei retornar outras vezes, porém a ligação não completava. Deixei mensagens, mas que, até o momento, ele não visualizou. Volto a olhar para mamãe, que boceja, visivelmente cansada, e fecha os olhos, recostada nos travesseiros, enquanto a enfermeira mede sua pressão. Eu voltei ao Brasil apenas por causa dela, para estar ao seu lado nesses momentos tão difíceis, não por qualquer outro motivo. Sinceramente, não esperava essa pressão acerca de Alexios e Diego. Minha família nunca foi assim, muito menos mamãe, que sempre pregou que uma mulher não precisa de marido e filhos para se sentir completa e feliz.

Mamãe adormece, e eu saio do quarto. Quando estou prestes a descer a escada, escuto uma voz conhecida e muito amada:

— Minha Samara está de volta! — Papai está no corredor de braços abertos. Sorrio e vou até ele para abraçá-lo. — Ah, que saudades!

— Eu também estava, mas cheguei há mais de uma semana, e você nem se dignou a vir me ver.

— Eu sei, mas agora vim para ficar, *Herzchen*[16], e estou feliz por te ter de volta aqui em casa. — Ele beija minha testa. — Não pretende voltar para a Espanha, não é?

Suspiro. Papai foi o primeiro a me incentivar a ir estudar fora, mas o único a ficar chateado quando decidi ficar depois que terminei a especialização. Nunca foi me visitar. Embora falássemos sempre, eu percebia que ele ainda não havia entendido minha necessidade de ficar longe.

— Vou voltar, sim, tenho compromissos de trabalho por lá que...

— Besteira! Aposto que você já tem tudo desenhado e organizado e que, em uma visita ou duas, poria fim a esses "compromissos".

— Papai, não vim para ficar, e o senhor sabe. Mamãe está na parte mais agressiva do tratamento, e Dani precisou de mim para ajudar a cuidar dela e acompanhá-la...

— Estou aqui também! — ele se ofende por não ter sido incluído. — Ela diz que não precisa de mim, mas estou aqui, sempre estive por ela.

Oh, Deus, que situação!

— Eu sei, pai.

Benjamin Abraão Nogueira Klein Schneider nunca entendeu bem a distância fria de mamãe, por mais que os dois sempre tenham se dado bem. Acho até que foi por esse motivo que se afastaram depois que crescemos e que, após minha ida para a Espanha e a de Dani para seu próprio apartamento, papai decidiu se mudar para a fazenda.

Uma vez, quando eu ainda era uma garotinha, eu o vi bêbado no escritório do antigo apartamento em que morávamos. Ele bebia e parecia mal, chorava e segurava alguns documentos. Quando me viu, tentou sorrir e me chamou para perto de si.

— Tudo bem? — perguntei na inocência dos meus oito anos de idade e limpei suas lágrimas.

— Tudo. — Ele guardou a papelada dentro de uma caixa, onde vislumbrei também algumas fotos, trancou-a com chave e depois respirou fundo. — A vida adulta é complicada, *Herzchen.* Fazemos escolhas baseadas no que achamos ser melhor e esquecemos o preço que isso cobra, tanto aqui — ele apontou para sua cabeça — quanto aqui. — E, por fim, tocou em seu coração.

Na época não entendi nada, mas esse momento nunca deixou minha memória e, com o tempo, supus que ele estivesse falando de seu relacionamento com mamãe. Os dois se davam bem, mas era ele quem sempre cedia numa discussão ou quem corria atrás quando as coisas ficavam tensas entre eles.

— Vi seu bichinho pré-histórico lá no jardim comendo algumas plantas — ele ri, mudando de assunto. — Você poderia ter adotado um cachorro ou um gato como qualquer outra pessoa, não é?

— Pai, eu o ganhei de presente e gosto dele.

— Mas ele é feroz! — Faz cara de medo. — Já me mordeu algumas vezes.

Gargalho.

— Godofredo é muito territorialista, ele sempre ataca os homens.

— Hum, que interessante! Começo a gostar desse bichinho. — Rio do seu ciúme. — Você não trouxe nenhum espanhol junto contigo, não é?

Suspiro.

— Não. E se o Dani disse algo para o senhor também, ele é...

Benjamin me afasta de seus braços, segurando-me pelos ombros, e me olha surpreso.

Merda!

— Ele não disse nada, não é? — pergunto, achando-me idiota.

Meu pai nega:

— Era só uma pergunta brincalhona e especulativa. — Olha em volta. — O que ele deveria me dizer?

— Eu tinha um namorado em Madri, mas ele ficou por lá.

Ele põe a mão sobre o peito.

— Adorei esse tempo verbal: "eu *tinha* um namorado". — Rio. — Agora você terá que me contar sobre esse tal...

— Ele me pediu em casamento — disparo. — Mas eu não pude aceitar.

Ficamos um tempo um olhando para o outro, parados no corredor, sem emitir um som sequer. Papai sempre foi bom ouvinte e dava bons conselhos. Mesmo não sendo muito de falar sobre como se sentia, mesmo reservado em seus sentimentos, até mesmo com seus filhos, ele sabia ouvir sem julgar e só opinava quando achava necessário, o contrário de mamãe.

— Preciso de um café ou de algo mais forte — confessa, e eu rio nervosa. — Vou falar com sua mãe e...

— Ela acabou de dormir — informo-lhe.

— Certo! — Respira fundo. — Se lembra daquele seu namorado da faculdade? — Gemo e assinto. — Você tinha dúvidas quanto ao caráter dele e,

mesmo com todos os seus instintos te alertando que algo não estava bem, você aceitou o namoro e...

— Meus instintos estavam certos, ele era um pilantra filho da puta casado!

— E eu quis castrá-lo. — Ele sorri doce, como se isso não fosse nada. — Enfim, o meu conselho para essa questão sempre é: siga seus instintos. Se você não se achava pronta para aceitar o pedido, então fez certo ao recusá-lo.

— Então, você acha que eu fiz certo ao ouvir meu coração?

Ele ri e nega.

— Não, eu disse para ouvir seus instintos, porque seu coração não tem juízo. — Eu rio, achando que ele está fazendo troça, mas, então, ele completa: — Já se apaixonou uma vez por Alexios Karamanlis!

Fico séria, coração disparado, porque, embora ele saiba de todos os meus namorados e experiências, nunca contei a ele sobre Alexios.

Era óbvio para todos, não sei como consegui enganar a mim mesma! Eu ainda amo aquele safado!

Alexios

— Alexios? — Termino de calçar os tênis antes de me virar para olhar Laura deitada na cama. — Já vai?

Ela se contorce languidamente, seu corpo curvilíneo, dourado de sol se mexendo contra os macios e perfumados lençóis de sua cama. Sorrio, deslizo a mão pela curva de seu lindo rabo e desfiro um tapa nele, fazendo-a rir.

— Preciso ir, tenho reuniões importantes agora de manhã na empresa, e, com a viagem de Theodoros para a Grécia e a demora na volta de Millos, as coisas ficaram acumuladas entre mim e o Kostas.

Ela bufa e se senta.

— Eu sei, ontem eles me passaram as informações sobre a propriedade no Rio de Janeiro, da reunião que tiveram na quinta-feira. — Ela dá de ombros. — Achei que Kika ia aparecer cheia de gás na sexta-feira, mas nem ela e nem seu irmão apareceram na empresa.

— A área é boa mesmo? — pergunto, pois apenas vi algumas imagens do local, e, como Laura é do geoferenciamento, deve ter detalhes bem específicos.

Ela confirma.

— O pessoal do jurídico está alvoroçado, e fiquei sabendo que o Leo, o braço

direito da Kika, pediu para o pessoal acelerar com as outras áreas, porque gostaram muito da do Rio. — Laura me abraça pelos ombros e lambe minha orelha. — Falando em acelerar, adorei aquela rapidinha ontem na sala de servidores.

Eu rio, mas balanço a cabeça.

— Você jogou sujo comigo. — Levanto-me da cama, e a safada senta-se na beirada do colchão, os peitos cheios e rosados, as coxas musculosas bem abertas. *Porra!* — Goza para mim! — ordeno, e ela não se faz de rogada, tocando-se sem nenhum pudor. Vou até uma das luminárias, acendo-a e tenho a visão perfeita de sua boceta totalmente depilada já molhada de tesão.

Foda-se!

Apenas abro o cinto da calça, baixo o fecho e saco meu pau para fora. Pego uma camisinha em cima de seu criado-mudo, e ela ri quando avanço até onde está.

— De costas!

Ela se deita de bruços, e eu me agacho para entrar em uma única investida. Fecho os olhos, concentrando-me nas sensações, excitado com seus gemidos, mas, de repente, sinto um cheiro diferente, os sons mudam, e um rosto doce, sorridente, de lindos olhos castanhos aparece em minha mente.

Xingo alto, querendo expulsar a imagem de Samara, aumento as estocadas até sentir as pernas arderem e gozo sem ao menos saber se minha parceira teve seu prazer.

Caralho!

Afasto-me dela e apoio as mãos contra o aparador, colocando a culpa das súbitas aparições de Samara em minha mente na distância que impus entre nós depois daquele beijo no elevador. Claro que, se ela não tivesse se mudado para a casa da mãe, certamente essa distância não seria tão dura, afinal, eu poderia encontrá-la *casualmente* pelos corredores do Castellani, mas quem disse que a sorte gosta de mim?

Agora, além de ter *visões* dela durante minhas trepadas, acordo excitado por algum sonho erótico protagonizado por ela e ainda tenho que aguentar os questionamentos de Kyra e de Chicão sobre o motivo pelo qual eu e Samara não nos falamos mais.

— Tudo bem? — Laura me toca o ombro, fazendo com que eu desperte dos devaneios sobre Samara.

— Tudo. — Retiro a camisinha e a jogo no lixo. — Preciso ir, já está amanhecendo.

— Eu sei.

Ela sorri, doce e compreensiva, e eu respiro fundo, sabendo que estou fazendo merda. Primeiro, por ela ser funcionária da Karamanlis, e segundo, por eu estar fazendo sexo com ela há duas semanas.

Nunca fico tanto tempo com alguém. Para falar a verdade, não me lembro da última vez que mantive uma única parceira, mas, por algum motivo, tenho andado preguiçoso, sem vontade de sair e, como trepei com ela e gostei, achei mais simples continuar.

Despeço-me dela apenas com um aceno de cabeça. Laura me acompanha até a porta de seu apartamento, e eu desço até o térreo, onde minha moto está estacionada em frente à portaria do prédio.

Sigo para o Castellani, mas a cabeça continua a vagar por lembranças dessas longas seis semanas desde o baile dos Villazzas. Tanta coisa aconteceu dentro e fora da Karamanlis, ainda assim senti o tempo passar lentamente.

No trabalho, as coisas começaram a ficar mais intensas, apesar de começo de ano sempre ser mais devagar. Com a conta da Ethernium, tive que mobilizar boa parte dos profissionais para elaborar croquis baseados na planta da siderúrgica e as áreas que foram aparecendo. A volta de Kika à empresa foi providencial, pois ela nos apresentou uma ideia que facilitou muito a vida de todos.

Eu ainda estou surpreso por Theodoros ter colocado a gerente dos *hunters* e meu irmão trabalhando juntos, pois isso não é algo do perfil do meu irmão mais velho. Foi então que, conversando ao telefone com Millos, descobri que tinha dedo dele nessa história.

A ideia de os dois trabalharem juntos não surgiu na reunião preliminar do projeto, mas foi algo que Theodoros e Millos combinaram assim que souberam que ela iria voltar para a empresa. Agora, conhecendo Millos como conheço, só me pergunto o que, especificamente, meu primo pretendeu ao dar essa sugestão.

Esperei que os dois se matassem desde a primeira semana juntos, ainda mais depois que Theodoros viajou, mas não, aparentemente tudo tem transcorrido bem entre os dois, e a conta da Ethernium parece estar em boas mãos.

Em casa, com a presença de Chico, que ainda está por lá, tenho sempre companhia para jogar bilhar, videogame ou para corridas aos finais de semana. Decidi não participar de nenhum campeonato este ano, nem de moto, nem de carro, pois o trabalho iria consumir muito de minha equipe, e eu não sou o tipo de chefe que deixa seus funcionários se fodendo de trabalhar e sai cedo para treinar ou viajar. Não sou profissional por isso, não consigo me dedicar integralmente às corridas, embora goste muito delas. Vejo-as com um hobby,

assim como os esportes e outras atividades que uso para ocupar minha cabeça.

Entro na garagem do prédio, paro a moto e, assim que tiro o capacete, paro em seco ao ver Samara.

— Bom dia — ela me cumprimenta, sem parar para falar comigo e sem olhar para trás.

Confiro as horas no relógio e estranho que ela esteja saindo tão cedo de casa.

— Algum problema? — pergunto preocupado.

Samara para e me olha.

— Não. — Abre o carro, mas me aproximo antes que entre. — O que foi, Alexios? — sua voz é impaciente, e eu percebo que o clima estranho está de volta.

— Como está sua mãe?

Ela franze a testa, ajeita o cabelo e ri amarga.

— Teve que se encontrar casualmente comigo para lembrar que minha mãe está doente? — Balança a cabeça. — Sempre soube que você era desligado com as coisas, Alexios, mas na verdade é um egoísta.

Suas palavras cheias de mágoa me acertam. Aperto a mão no capacete, ciente de que ela tem razão. Eu poderia tê-la procurado, ter ligado, ter sido o amigo que ela merecia, mas, em vez disso, escolhi me afastar e deixá-la sozinha com seus problemas.

Sim, além de covarde, um grande egoísta!

— Você tem razão. — Aceno. — Bom dia.

Dou a volta e sigo em direção ao elevador, achando-me ainda mais desprezível do que sempre me achei.

— Ela está melhorando — a voz de Samara ecoa na garagem, e eu paro. — A quimioterapia está tendo os resultados esperados, e os médicos estão confiantes.

Viro-me para olhá-la, ainda parada do lado de fora do carro, com a porta do motorista aberta.

— Eu sinto muito por não ter ligado antes. — Ela dá de ombros como se não se importasse, mas sei que se importa; eu me importaria. — Você tem razão sobre eu ser um egoísta, você merecia um amigo melhor.

Samara bufa e, sem dizer nada, entra no carro, fecha a porta e liga o motor. Instantes depois, vejo-a passar por mim sem dizer nada e me sinto um bundão. Subo para meu apartamento e, assim que entro, encontro Chicão no meio da sala, usando apenas uma cueca, meditando.

— Que visão do inferno! — sacaneio e sigo para meu quarto.

— Bom dia, embuste! — saúda-me sem ao menos abrir os olhos. — Você

deveria tentar, pelo visto nem suas trepadas diárias estão conseguindo mantê-lo relaxado, então, quem sabe a meditação...

— Nem fodendo! — grito para ele e sigo para o banheiro.

Somente quando fecho a porta é que toda a armadura se vai. Fico parado, olhando para o espelho, tentando analisar além da aparência que todos veem. Eu sou um filho da puta egoísta e imbecil, um impostor, uma fraude gigante que perambula pela cidade sem nem mesmo saber quem é.

Anjo dos Karamanlis! Engenheiro filantropo! Chefe preocupado com funcionários... tudo mentira!

Retiro a roupa, jogando-a no cesto de roupa suja antes de me enfiar debaixo da água gelada do chuveiro. Gostaria que, da mesma forma que essa água consegue limpar meu exterior, pudesse fazer o mesmo dentro de mim. Sou tão vazio e frio quanto meu irmão do meio e tão arrogante e egoísta quanto Theodoros. *Sou tão louco quanto Nikkós!*

Doeu-me ver e ouvir a mágoa que causei em Samara, mas é somente isso que causo nas pessoas. *Decepção!* Eu não mereço sua amizade e nem estar perto dela. A raiva de mim mesmo explode como há muitos anos não a sinto. Sem pensar, soco o vidro do boxe, que se espatifa e desaba sobre mim.

A porta do banheiro é aberta com um estrondo, e um apavorado Chicão aparece, olhos arregalados, olhando a destruição que causei ao meu banheiro.

— Merda, Alexios! — Ele salta em minha direção sem se preocupar com os cacos de vidro pelo chão e tenta me tirar do boxe. — Porra, sai daí.

Nego, o sangue escorrendo pelo ralo do banheiro, minha mão ardendo, assim como meus braços e os pés. Não me movo, apenas tremo, tentando ainda conter toda a fúria dentro de mim.

— Sai daí, Alex, você está ferido, porra! — Chicão grita.

— Não! — Não me movo. — Eu sou um lixo! Ele nunca deveria ter me pegado no lixo onde me encontrou, deveria ter me deixado morrer, deveria...

— Para com essa merda! — Some para dentro do meu quarto e, quando volta, está calçando meus coturnos. — Você não vai mais fazer isso, ouviu?

Chicão entra no que restou do boxe, desliga a água, joga uma toalha sobre meu corpo e me ergue. Não consigo reagir, a cabeça girando, todos os insultos e histórias sobre mim que ouvi de Nikkós por tantos anos enchendo meus ouvidos, torturando-me mais uma vez, ressaltando o quanto sou desprezível.

— Você não vai fazer isso consigo mesmo de novo, ouviu?! — Chicão esbraveja, fazendo pressão com a toalha de rosto na minha mão. — Ele te machucou, você se machucou, mas essa merda já acabou faz tempo. Ele não

pode mais, Alexios, nem te tocar e nem contar mentiras a você. Chega!

Nego.

— Eu sinto tanta raiva... — Meus dentes batem um no outro, e eu os travo. Minha vontade é de gritar, socar, foder com tudo.

— Eu sei, já passamos por isso antes, e eu... — ele baixa o tom de voz e expira — achei que já tinha superado.

— Como? — questiono-lhe. — Como posso esquecer, se continuo a ser a mesma pessoa desprezível de sempre? Não são as marcas que ele causou no meu corpo que me causam essa raiva, sou eu!

— O que aconteceu?

Nego, trêmulo e me sento na cama. Gemo ao sentir as dores dos cortes, percebendo que a adrenalina passou mais rápido do que antigamente. Eu aprendi a controlar a dor usando a raiva. Durante anos de espancamento, percebi que, quanto mais raiva eu sentisse, menos dor ele me causava. Mais tarde, quando sentia raiva por qualquer motivo, eu mesmo me machucava, levava-me ao limite do meu corpo e quase me destruía.

Era um círculo vicioso que eu achei que já havia passado, mas, aparentemente, não.

— Encontrei Samara na garagem, provavelmente indo se encontrar com sua mãe e levá-la ao hospital — confesso, cansado demais para guardar qualquer coisa. — Eu não a via há semanas, desde o baile dos Villazzas no Ano Novo.

— Eu também só a vi uma vez aqui no prédio...

— Eu não liguei, não procurei por ela, não justifiquei meu ato e nem meu sumiço — interrompo-o e o encaro. — Ela está magoada comigo.

Chicão confere o sangramento da mão, tirando a toalha e depois se senta ao meu lado na cama.

— Por que você fez isso? Sumiu e não a procurou?

Respiro fundo; comecei o assunto, agora preciso terminá-lo.

— Preferi me afastar. — Olho para baixo, envergonhado. — Eu quase trepei com ela no elevador aqui do prédio. — Fecho os olhos. — Eu a quis como mulher, não consegui reprimir a vontade, como sempre fiz, e agi feito um idiota excitado.

— Ela o repeliu?

— O quê?

— Samara o repeliu? Te xingou? Bateu em você? Disse que você abusou dela? Mandou que ficasse longe?

Lembro-me daquela noite, a forma como reagiu ao beijo, o jeito que gemia e

parecia tão excitada quanto eu.

— Ela estava bêbada, me aproveitei dela, sou um canalha.

— Nisso concordamos, mas o que ela pensa sobre o acontecido?

Balanço os ombros.

— Não sei, não falo com ela desde então. — Lembro-me da conversa com Kyra no dia seguinte ao baile e praguejo. — Ela está noiva.

— Samara? — Assinto. — Que merda!

— É, o beijo foi uma merda enorme, e eu não sei como...

— Não, seu idiota! — Ele estapeia minha cabeça. — Que merda que Samara esteja noiva, ela é a mulher perfeita para você.

Olho-o como se ele estivesse louco.

— Claro que não, ela merece alguém muito melhor do que eu! Samara nunca cogitou qualquer tipo de relacionamento comigo a não ser o de amizade.

Chicão bufa.

— Você não é idiota, Alexios Karamanlis, é um burro!

Ele joga a toalha, manchada de sangue, no chão do quarto e sai puto comigo ou com alguma coisa que eu disse. Ele não entende, óbvio! Samara é... especial, e alguém especial como ela nunca se relacionaria com alguém tão ordinário como eu.

Olho para minha mão e rio ao pensar na bagunça que sou.

Obviamente ela nunca se relacionaria e nem deveria se relacionar com alguém tão fodido como eu.

— O que houve com sua mão? — Laura me pergunta de repente, assustando-me, pois eu nem mesmo sabia que estava por perto. Encaro-a sem entender como e o que está fazendo aqui na K-Eng. Seu olhar é de assombro aos machucados em minha mão, além de questionadores, o que me irrita um pouco.

— Um pequeno acidente — respondo seco. — O que você está fazendo aqui?

Levanto-me da mesa, agradecendo por não ter mais ninguém por aqui a essa hora e fico de frente para ela. Laura abre um sorriso sem graça, mas logo se pendura em meu pescoço.

— Tem mais de uma semana que não te vejo, você não liga e nem aparece lá no meu apartamento. Então, se Maomé não vai até a montanha...

Reviro os olhos e retiro as suas mãos de mim.

— Laura, você trabalha na Karamanlis, então já deve ter percebido a movimentação infernal na empresa por conta da Ethernium. — Ela concorda. — Além disso, não entendi o motivo pelo qual eu deveria dar satisfação ou ter regularidade em nossos encontros.

A moça arregala os olhos por causa de minha sinceridade.

— Eu pensei que... — ela suspira — estávamos tendo essa regularidade, afinal, ficamos juntos por umas semanas e...

— Ficamos porque estava gostoso — não tenho medo de ser direto. — Mas não significa que temos qualquer tipo de compromisso. Não sou desses, Laura, e foi a primeira coisa que te disse quando trepamos a primeira vez.

Ela fica um tempo muda, olhando para o nada, então, de repente, abre um sorriso e desliza a mão pelo meu peito.

— Disse. Como disse também que queria trepar mais, lembra? Eu ainda quero mais, Alex — sua voz é ronronante. — Sempre imaginei como seria fazer sexo aqui na sua sala.

Respiro fundo, levemente excitado com o oferecimento, contudo, sem nenhuma vontade de fodê-la aqui – ou em qualquer outro lugar – depois desses questionamentos.

— Infelizmente, eu estou muito ocupado agora, motivo pelo qual ainda estou na empresa quando todos já foram. — Ela faz um biquinho, mas me afasto e volto a me sentar à mesa. — Acho melhor você ir.

Ela bufa.

— Sério isso?

Volto a olhá-la, sem esconder meu desagrado e impaciência, e ela se sobressalta.

— Sério.

Laura fica um tempo me encarando, depois vira as costas e sai da sala, andando firme e visivelmente puta. Balanço a cabeça, repreendendo a mim mesmo por ter deixado as coisas chegarem a esse ponto. Foi muito bom trepar com ela, aposto que a recíproca é verdadeira, porém não imaginei que ela criaria tantas expectativas e se sentisse no direito de vir me cobrar algo.

Erro de cálculo!, penso, sem deixar de pontuar que isso, para um engenheiro, é algo muito perigoso, que pode pôr tudo a perder.

Pego a pequena bola de borracha que tenho usado para exercitar minha mão e reparo nos machucados nela. Os cortes já estão todos secos, e os pontos que tomei em um deles já foram retirados.

Socar o vidro do boxe foi um momento de loucura, como tantos outros por

que já passei. Fazia muito tempo que eu não perdia a cabeça daquele jeito, e sei que o que Samara me disse foi o gatilho responsável por isso. Não tiro, em hipótese alguma, a razão dela para me dizer aquelas palavras, mas elas acertaram o alvo na mosca.

Fecho os olhos e tensiono o pescoço, tentando relaxar um pouco para voltar a trabalhar e não enveredar pelos acontecimentos dessa semana, mas ainda não tenho esse controle total da mente e dos meus pensamentos.

A frustração me bate ao me lembrar do almoço com Konstantinos, meu irmão advogado. Achei que, pela primeira vez, ele iria se dispor a me ajudar com as respostas que procuro por anos, mas, ao que parece, ser egoísta e frio é algo familiar.

Mexo na minha agenda de anotações e encontro lá o endereço do sobrado de propriedade de Kostas. A voz da mulher misteriosa que encontrei na porta do Castellani ainda ressoa nítida em meus ouvidos:

"Eu conheci sua mãe biológica. Se quiser respostas, procure pela casa de Madame Linete."

Foi o encontro mais estranho da minha vida. Ela estava parada lá, olhando o prédio e, quando me viu, logo perguntou se eu era um Karamanlis. Estranhei a pergunta, tentando reconhecer a senhora frágil e de cabelos brancos, mas não precisei responder, pois ela logo disse essas duas frases e se afastou sem me dar a chance de perguntar qualquer coisa mais.

Claro que eu já havia cogitado a ideia de que tinha sido gerado por alguma prostituta daquela maldita casa, afinal, era o local que meu pai mais utilizava. Não deveria ter começado do nada sua *amizade* com a cafetina asquerosa, mas nunca achei nada que me ligasse àquele local até esse encontro.

Talvez fosse uma pista falsa apenas, mas eu não poderia ignorar mais nada, não enquanto não achasse as respostas que procurei por toda minha adolescência a fim de tirar esse poder das mãos de Nikkós.

Não conhecer meu passado era o suficiente para meu pai ter uma enorme arma psicológica contra mim, coisa que ele utilizou por muitos e muitos anos.

Foi pensando em exterminar todo e qualquer poder que meu pai ainda pudesse ter sobre minha vida que atraí meu irmão para um almoço com a desculpa de falar da conta na qual estávamos trabalhando em conjunto.

Confesso que estranhei quando ele aceitou sem que eu tivesse que recorrer a inúmeros subterfúgios, mas agradeci a boa sorte, e nos encontramos em um restaurante neutro, escolhido a esmo, embora de alta gastronomia.

Achei que seria difícil introduzir o assunto, principalmente porque ele iria

saber que pesquisei o maldito imóvel e descobri que ele o comprou há anos, quando foi a leilão. Isso me surpreendeu, claro, saber que ele comprou o sobrado e que ainda o mantém de pé sem nenhuma modificação ou uso. O assunto não surgiu naturalmente. Kostas estava estranho, mesmo falando de negócios, o que me surpreendeu, pois sempre imaginei que ele fosse se aproveitar da distância de Millos e Theo para tentar assumir a empresa.

— Eu acho que temos um acordo implícito de não falarmos sobre o passado — decidi não ser mais sutil, e Kostas reagiu imediatamente:

— Não é implícito. Não quero falar do passado. Mais explícito que isso, impossível!

Eu sabia que não seria fácil, ele é tão fechado quanto eu, então precisei desarmá-lo. Aproximei-me dele por sobre a mesa do restaurante e abaixei o tom de voz:

— Dessa vez, não poderei acatar sua vontade, Konstantinos. Sei que você comprou o sobrado da Rua...

Kostas levantou-se.

— Perdi a fome, vou voltar para a empresa.

Pus-me de pé também e o vi caminhar na direção da saída do restaurante, mas não ia desistir, não quando já havia agitado o vespeiro.

— Eu nunca te pedi ajuda. — Meu irmão parou, mas não se virou para me olhar. Decidi continuar por essa linha de ação: sinceridade. — Eu não podia te ajudar, então nunca pedi ajuda também.

— Alexios, não faça isso...

Eu soube que atingi o ponto certo, pois podia sentir a tensão no seu corpo. Nós dois temos consciência do que passamos na mão do nosso pai e de tudo que fizemos para que a loucura de Nikkós ficasse longe de Kyra. Kostas não aguentou por muito tempo, e eu o entendo, mas fiquei lá sozinho, lutando contra o monstro, tentando proteger minha irmã, mesmo sem ninguém para fazer o mesmo por mim.

Nunca tinha pensado em lhe cobrar, mas situações extremas pedem medidas extremas.

— Eu preciso, senão não faria. Há chances de eu descobrir o que Nikkós fez com minha mãe.

Fiquei satisfeito ao vê-lo se virar completamente surpreso.

— Sua mãe? Você soube algo dela?

— Nada conclusivo, mas acabei cruzando com uma pessoa que, quando soube que eu era filho dele, disse tê-la conhecido.

— Isso é loucura! Você procurou durante sua adolescência toda, quase se matou por isso, não há pistas, não há nomes, não há nada!

Lembranças de anos e anos de buscas vãs me fizeram titubear por alguns instantes. Eu não tinha um ponto de partida na época, pois ela podia ser qualquer pessoa, mas, naquele momento, eu tinha a maldita pista do imóvel.

— Preciso acessar o sobrado — voltei a falar, mas Kostas negou. — Preciso entrar e remexer tudo lá.

— Não!

— Foda-se, eu vou! — Soquei a mesa, decidido, puto demais por estar ali pedindo ajuda a ele pela primeira vez e não ser compreendido. Eu sempre o entendi, sempre o justifiquei quando saiu do apartamento e foi viver sua vida. Quando descobri que o sobrado lhe pertencia, nunca pensei em questionar seus motivos, apenas o entendi. Não era justo não ter o mesmo tratamento e consideração. — Eu sei que, por algum motivo bizarro, você o comprou, trancou-o com tudo dentro e o tem deixado apodrecendo por mais de 15 anos! Pode ter alguma pista lá.

— Não é seguro. Não vou arriscar que você morra lá dentro e eu ainda tenha que responder a...

Caralho de desculpa mais esfarrapada!

— Porra, Kostas, não fode! — Perdi a paciência, circundei a mesa e me aproximei dele, disposto a jogar pesado. — Eu sei dos teus motivos, respeito-os. Como disse, nunca te pedi ajuda antes porque sabia que você também precisava e não tinha a quem pedir, mas agora estou pedindo, agora estou contando com você. Não me faça arrombá-lo, porque eu o farei, apenas dê-me as chaves de todas aquelas grades que pôs lá.

Vi-o pensar, achei mesmo que eu estivesse tocando em alguma parte ainda viva de seu corpo, talvez no menino que conheci quando chegou para morar conosco, mas não, ao que parecia, meu irmão havia virado a porra de uma rocha fria e sem sentimentos.

— Tente invadir. Será um prazer implodir aquela merda com tudo dentro!

A mera possibilidade de ele destruir a única pista que tive do meu passado me desconsertou. Kostas aproveitou-se do momento e foi embora do restaurante.

Fiquei um tempo parado, até que ouvi um leve pigarrear e vi os garçons chegando com nossos pedidos. Estava sem fome, um bolo havia se formado em minha garganta, então pedi que embrulhassem tudo e deixei as quentinhas com o primeiro morador de rua que achei pelo caminho.

Andei sem rumo, sem saber o que fazer ou como agir. Tinha aberto meu peito

para ele, pedira ajuda pela primeira vez e recebera um sonoro não. Senti algo inédito pelo meu irmão, raiva. Kostas nunca fora o alvo da minha revolta, pois sempre o compreendi, mas naquele momento não podia mais entendê-lo, não quando eu poderia ter respostas para acabar com minha tortura.

Sair de casa ajudou meu irmão a dar fim ao poder de Nikkós sobre sua vida, mas o mesmo não aconteceu comigo, e, enquanto eu não souber sobre o meu passado, não poderei tirar do homem que me gerou a possibilidade de voltar a me ferir.

O som de mensagem no celular me faz deixar de lado essas lembranças, e eu leio a mensagem de minha irmã me convidando para jantar com ela.

"Kyra, ainda estou na empresa, não poderei ir."

Envio a mensagem esperando que seja suficiente, mas não é.

"Uma hora você precisará comer, e eu não tenho nenhuma intenção de jantar cedo. Venha no horário que puder, esperarei você."

Merda, ela sabe ser insistente!

"Ok."

Olho para o monitor do computador, respiro fundo e desisto de trabalhar. Minha barriga ronca, e decido aceitar o convite inesperado de minha irmã. Antes, porém, olho novamente o endereço do sobrado e traço um plano para invadi-lo sem que Konstantinos tome conhecimento.

As respostas que busco sobre mim mesmo podem ser achadas lá; não vou desistir tão fácil assim de encontrá-las. Nunca desisti fácil de nada, essa não será a primeira vez.

Imediatamente a imagem de Samara aparece em minha mente, e eu bufo, chamando-me de hipócrita. Claro que já desisti fácil de algo, eu só não gostava de admitir isso por não me achar sequer digno dela.

Quem sabe se eu achar as...

Interrompo o pensamento antes de criar ilusões que só serviriam para me machucar. Não há possibilidade de eu tê-la, mesmo que tenha todas as respostas da minha vida. Samara nunca estará ao meu alcance, e, sinceramente, acho bom que não haja nenhum envolvimento entre nós.

Ela merece mais!

Samara

Pego mais um copo de café e volto a me sentar ao lado de Daniel, sacudindo a perna, bebericando ou soprando a bebida quente. Olho para o corredor e, sem nem mesmo consumir metade do café, levanto-me para pegar um copo d'água.

Volto a me sentar, as pernas agitadas, confundo os copos e dou uma golada no café fumegante.

— Merda!

Daniel põe a mão no meu joelho e me obriga a parar de sacudir a perna.

— Se você não sossegar agora, juro que te ponho para fora — ele me ameaça.

— Desculpa. — Sorrio sem jeito. — Estou nervosa com os resultados desse primeiro ciclo de quimio e acho que deveríamos ter entrado com ela para saber mais...

— Nosso pai entrou com ela, Samara. Sossegue, você está me deixando irritado parecendo uma criança ansiosa! — Daniel fala alto, e eu o encaro surpresa. — Desculpa. — Ele põe a mão na cabeça e esfrega os olhos. — Eu quase não dormi essa noite, mas você não tem nada a ver com meu mau humor.

— Ela vai ficar bem, Dani. — Ponho minha mão em seu ombro.

— Eu sei que vai! Nunca tive dúvidas disso.

Respiro fundo e concordo com ele, embora não tenha a mesma confiança que ele demonstra ter.

Têm sido dias difíceis desde que cheguei ao Brasil, mas em momento algum me dei a oportunidade de esmorecer perto deles. A cada medicação, mamãe tinha reações mais fortes, requerendo tanto cuidado e atenção que decidi desistir de morar no meu apartamento e voltei para a casa dos meus pais.

Confesso que essa decisão também me ajudou a manter distância de Alexios Karamanlis. Não que eu ache que em algum momento ele tenha notado minha ausência ou se importado com isso, mas para mim fez toda a diferença.

É aquele ditado, sabe? *O que os olhos não veem...*

Suspiro.

— Você foi incrível nesses dias, Samara — Daniel volta a falar. — Mamãe esteve muito mais à vontade com você por perto do que comigo.

— Não fala besteira, Dani! — Ele sorri, sabendo que é o xodó da mamãe. — Eu gostei de ter conseguido ajudar e estar com ela de novo.

— Ela também ado... — ele para de falar assim que vê nossos pais vindo até onde estamos. Levantamo-nos juntos, apreensivos, esperançosos, e o sorriso de mamãe é reconfortante.

— O que o médico disse? — indago assim que eles se aproximam.

— O medicamento fez o efeito esperado para esse primeiro ciclo. Agora é esperar o tempo de descanso para começar de novo. — Mamãe sorri.

— E a radioterapia? — Dani questiona, e ela dá de ombros.

— O doutor ainda não prescreveu — papai responde. — Vamos torcer para que a quimio resolva sem precisar da rádio! — Ele sorri e abraça mamãe pelos ombros. — Em breve você terá sua vida agitada de volta.

Ela suspira cansada.

— Bom, vamos todos almoçar para comemorar o fim desse primeiro degrau rumo à vitória! — tento animar a todos, mas só meu pai sorri. — Ah, gente, vamos lá! Mamãe?

Ela assente e olha para Daniel.

— Você não está cansada? — meu irmão pergunta a ela.

— Não, podemos ir!

Bato palmas e a beijo na testa.

Eu entendo o desânimo dela, seria cruel não entender, pois, ainda que todos estejamos empenhados em seu tratamento, é ela quem passa por todos os efeitos colaterais dos medicamentos e pela doença. Mamãe nunca foi uma mulher

parada ou passiva, e depender de outras pessoas deve estar sendo uma verdadeira prova para ela.

Foram semanas difíceis, não nego. Fiquei totalmente à disposição de minha mãe, levando-a às consultas e às sessões, fazendo companhia a ela, amparando-a em momentos de indisposição e dor. Godofredo e eu nos mudamos para a mansão da família, e eu mal tive tempo para ir ao Castellani ou mesmo visitar amigos.

Kyra esteve várias vezes conosco, geralmente após o expediente de trabalho, quando não tinha eventos. Daniel e Bianca, sua noiva, também estiveram presentes nos jantares e almoços de finais de semana, e, claro, papai.

Sorrio ao pensar em como é bom ter meu pai por perto. Ele e eu temos muitas afinidades, então, passamos muito tempo conversando, vendo filmes ou ouvindo música. Mamãe prefere ler sozinha em seu quarto à noite, por isso faço esses programas todos com papai.

Assim, o mês de janeiro se foi, e fevereiro entrou com força total com a finalização do primeiro ciclo de quimio da mamãe e o inesperado convite de Daniel para que eu trabalhe na empresa com ele.

— Dani, eu sou designer de interiores. Já trabalhei decorando mansões, apartamentos, iates e até um *motor home*, mas nunca fiz nada empresarial. — Fiz careta ao lhe responder. — É tudo muito frio.

— É um hotel — ele logo me informou. — Vamos redecorar um enorme hotel.

Meus olhos brilharam.

— Ele vai seguir algum padrão já existente? É um hotel de rede?

Ele nega.

— Não. É uma casa de campo que está virando hotel. — Arregalei os olhos. — O projeto de reforma é da Karamanlis, e a executora da obra é a Novak.

— K-Eng? — inquiri baixinho, e ele suspirou.

— É, mas quem está acompanhando é um dos braços direitos do seu amigo.

Havia muitos dias eu já não pensava no Alexios e nem no beijo do Ano Novo. Não foi o primeiro que trocamos depois de umas bebidas, então eu não devia lhe dar tanta importância, embora reconhecesse que ter me afastado do Castellani ajudou muito a manter distância dele. Alexios e eu já não somos mais amigos!

A perspectiva de trabalhar em um projeto como aquele enquanto eu estivesse no Brasil era maravilhosa, mesmo com a possibilidade de encontrar o CEO da K-Eng eventualmente.

— Aceito olhar o projeto e conversar sobre o briefing, só isso. — Daniel sorriu satisfeito. — Se eu puder executar meu trabalho sem a interferência de pessoas que nada entendem de decoração, pego para fazer; do contrário, estou fora.

— É assim que se fala! Você vai amar o projeto de reforma, ficar cheia de ideias, e tenho certeza de que os responsáveis pelo empreendimento vão adorar seu trabalho.

O projeto realmente estava incrível, e a ideia de como os donos queriam a decoração dos quartos e áreas comuns me deixou louca para começar o trabalho. Aceitei a proposta, negociei sob a garantia da Schneider e fechei um belo negócio aqui no meu país.

Penso no meu trabalho na Espanha e Diego me vem à cabeça. Entro no carro, no banco do carona, ao lado de Daniel e suspiro.

— O que foi? — meu irmão pergunta, seguindo o carro do papai para fora do estacionamento.

— Estava pensando no Diego.

— Vocês têm se falado?

— Sim, por mensagens. — Balanço a cabeça. — Não sei mais o que fazer para ele entender que não estou tendo nenhum tipo de crise por conta do tratamento da mamãe. Eu fui sincera com ele quando terminei. Não foi certo fazer por vídeo, mas eu não podia mais me sentir enganando-o.

— Eu entendo você, embora não goste nada do motivo que a levou a isso.

— Não tem nada a ver com Alexios, nós nem temos nos visto. Eu pensei em ir até a Espanha para conversar melhor com Diego, mas acabei de pegar esse projeto enorme e não posso me ausentar por agora. Além disso, ele está seguindo o time na Champions...

— Não sei se é boa ideia você ir atrás dele. Acho-o um tanto insistente demais. Concordo que não foi certo terminar por vídeo-ligação, mas depois disso vocês conversaram várias vezes, e o homem não para de insistir.

Eu concordo, mas ao mesmo tempo me sinto culpada.

— Sim. Mesmo assim sinto que lhe devo uma explicação.

Paramos no farol, e ele me olha.

— Você quer retornar para Madri mesmo depois desse término?

Respiro fundo e dou de ombros.

—Sim, trabalho em uma ótima empresa lá, então, por que não voltar?

Meu irmão ri.

— Isso é você quem tem que responder a si mesma. — Ele me puxa para

perto e beija o topo da minha cabeça. — A decisão é sua; certa ou errada, cabe a você decidir o que fazer.

— Eu sei.

Sorrio, mesmo com minha cabeça fervendo de perguntas sem respostas, mesmo sem entender o que eu quero e por onde devo ir.

Fui para a Espanha para fugir de um sentimento que parecia não ter fim, mesmo diante da impossibilidade de se tornar algo real, e acabei fazendo amigos e criando laços por lá, mas é aqui que minha família e meus amigos estão. A decisão não é fácil!

Quanto a Alexios... o sentimento não morreu, obviamente, porém não guardo mais nenhuma ilusão com relação a ele. Sempre serei vista como a grande amiga e nada mais.

10

Samara

— Alexios está esquisito essa semana — Kyra comenta.

Eu rio e bebo mais um gole do vinho.

— Quando ele não foi esquisito? — debocho.

— Exatamente, a esquisitice dele não me surpreende, mas essa semana ele está *mais* esquisito. — Presto atenção ao que Kyra diz, pois minha amiga não costuma exagerar, pelo contrário. — Eu sei que ele está em um ritmo frenético de trabalho, mas, quando falei com ele ontem, achei-o um tanto...

— Esquisito — complemento, e Kyra revira os olhos ante minha brincadeira. — Kyra, seu irmão é a pessoa mais fechada do mundo, você sabe. Mesmo que ele esteja com merda até nos ouvidos, precisa quase se afogar nela para pedir ajuda ou falar com alguém.

Ela assente, e nós duas ficamos mudas. Eu me lembro de quando tomei conhecimento, pela primeira vez, do que eles viviam com o pai. Alexios telefonou para minha casa pedindo para que eu subisse até a cobertura, pois precisava de um favor. Não pensei duas vezes e fui até ele pensando que queria ajuda com algum jogo ou matéria – história nunca foi o seu forte –, mas, quando o vi, mal conseguia me mover.

Ele estava todo machucado nas costas. Os cortes eram verdadeiros talhos, de

onde saía muito sangue, e eu tive que respirar fundo várias vezes para não vomitar.

— Samara, preciso que você seja dura agora — ele me disse com a voz calma, com toda sua sabedoria de 15 anos de idade.

— O que você quer que eu faça? — perguntei temerosa, já prevendo que ele me pediria para limpar e fazer curativos.

O problema era que, por conta do tamanho e da profundidade dos cortes, curativos não seriam o bastante. Ele ergueu uma agulha curva com um enorme pedaço de linha preta.

— Costure.

Neguei várias vezes com a cabeça, incapaz de abrir a boca sem derramar todo o lanche que havia acabado de tomar, mas ele me olhava suplicante. Percebi que, mesmo sentindo dor, ele tentava não demonstrar.

— Você precisa de um médico!

— Não. — Ele ergueu a agulha novamente. — Preciso de você.

Peguei o metal curvado. Minhas mãos tremiam, o queixo também. Era possível ouvir o som dos meus dentes batendo forte um contra o outro. Não entendia o que estava acontecendo, o motivo pelo qual ele estava daquele jeito e não ia até um hospital.

Eu mal sabia bordar, e somente a possibilidade de machucá-lo ainda mais me apavorava.

— Se fosse em outro local, eu juro que não pediria isso a você, mas eu não consigo suturar as costas sozinho.

Foi então que percebi que não era a primeira vez.

— O que foi isso, Alexios?

Ele sorriu tentando me despistar, mas depois suspirou.

— Caí em cima da mesinha de centro da sala lá de cima. — Apontou para o segundo piso da cobertura. — Ela era toda espelhada, por isso me cortei.

— Caiu?

Ele não respondeu, apenas virou-se de costas para mim e começou a me dizer o que fazer.

— A agulha já está desinfetada, e eu tomei banho, mas ainda assim preciso que você passe esse antisséptico, limpe bem o sangue e comece a costurar. — Ouvi o som de sua risada. — Pense que sou um dos seus tecidos finos e delicados de almofada e borde em mim.

Bufei com a comparação.

— Não achei graça nenhuma!

Foi um longo processo, mas cumpri com o que ele pediu e somente anos depois é que entendi tudo aquilo, inclusive a história esfarrapada do "caí por cima da mesa".

Fiz muitos favores como esse para ele por muito tempo ainda. Aprendi a costurar sua pele, a recolocar seus ossos no lugar quando se deslocavam e até mesmo a imobilizar alguma parte de seu corpo. Porém, mesmo estando ao lado dele em todos esses momentos dolorosos, Alexios só me contou que era o pai que o espancava depois que saiu de casa com Kyra.

Eu sofri tanto por pensar nas atrocidades que eles viveram, porque minha amiga até reclama do irmão, mas são farinha do mesmo saco. Não faço ideia de como Nikkós a afetou, mas é certo que ela não foi poupada da loucura do pai.

— Ei, Samara no mundo da lua! — Kyra me cutuca. — Está pensando em quê? Perguntei por Diego, e você ainda nem me respondeu o que ficou decidido.

— Nada de diferente. — Ela cruza os braços. — Temos conversado bastante por mensagens, mas ele parece não aceitar que acabou. Diz que estou em crise e que, assim que puder, virá ao Brasil.

— Para quê?

— Conversar pessoalmente. — Fecho os olhos. — Gostaria tanto que tudo fosse diferente, sabe? Que eu pudesse gostar dele da forma como deveria.

— E por que não pode? — Olho para Kyra, e ela entende a resposta. — Uma merda isso! Então você não vai voltar para Madri mais?

Penso em Diego e em todo esse tempo em que estivemos juntos, recordo-me de como me senti feliz ao lado dele e do escritório maravilhoso de design em que trabalhei durante esses anos. Ele tem alegado isso, que estou confusa por estar longe, com medo de mudar de vez para Madri e ficar longe da minha família. Não é isso! Ter voltado ao Brasil mexeu, sim, com meus sentimentos, principalmente quebrou a ilusão de que eu tinha esquecido Alexios. Por isso ainda penso em voltar a morar na Espanha, mas não quero mais me enganar e enganar outra pessoa no percurso.

— Eu gostaria de ter essa resposta, Kyra — volto a falar. — Gostaria de saber o que é melhor para mim, mas não sei. Aqui há tantos motivos para eu ficar, como também para que eu vá, mas ainda estou indecisa.

— Eu sei. — Ela sorri compreensiva.

A campainha do apartamento dela soa alto. Estranho, porque ela não me disse que teríamos companhia, mas, por sua reação, Kyra já estava à espera de alguém.

— Talvez o motivo de sua indecisão tenha chegado agora.

Arregalo os olhos com a possibilidade de ser Alexios.

— Kyra, o que você... — não termino de formular a frase, pois minha amiga abre a porta, e o vejo olhá-la com um sorriso cansado, entrar no apartamento e parar surpreso ao me ver.

— Oi — cumprimento-o.

— Oi. — Ele desvia o olhar para Kyra.

— Vou ver se o jantar já... — ela para de falar e ergue a mão dele. — O que houve?

Os olhos de Alexios não deixam os meus, então ele abre um sorriso lindo – esse é o bendito que ele usa quando quer disfarçar alguma situação séria ou desviar o assunto – e dá de ombros.

— Um pequeno acidente besta, nada importante. — Kyra parece não engolir a desculpa esfarrapada também, mas não insiste, pois conhece o irmão muito bem. — Tem cerveja?

— Claro que tem! Vou pegar umas para você. — Ela aponta para mim. — Faça companhia para a Samara.

Nós dois a olhamos, entendendo que o jantar foi uma armadilha dela para que voltemos a nos falar. Sinceramente não entendo minha amiga. Ela sabe o que sinto e o que Alexios não sente, mas ainda assim insiste em nos manter unidos, mesmo dizendo sempre que seu irmão não é uma boa opção para mim.

Como se um dia ele considerasse me ver como mulher!

— Como estão as coisas com sua mãe? — Alexios puxa assunto de repente e se senta em uma poltrona individual bem longe de onde estou.

— O primeiro ciclo de quimioterapia acabou, e ela está bem — respondo seca. — E você, como está?

Ele abre o maldito sorriso fingido.

— Ótimo! Cheio de trabalho, sem tempo para fazer bobagens...

— Não parece. — Aponto para sua mão. — Achei que seus momentos de fúria já tivessem passado desde que começou a praticar esportes. — Ele fica sério. — Por falar nisso, vi o Chicão lá no prédio esses dias. Ele está hospedado contigo?

— Está, como sempre. — Alexios olha para trás, na direção da cozinha de Kyra e respira fundo. — Eu queria pedir desculpas novamente por...

— Não precisa — interrompo-o antes que eu seja obrigada a socar sua cara.

— Preciso — ele insiste. — Kyra me contou sobre seu relacionamento — meu coração dispara ao ouvi-lo falar sobre isso como se não tivesse importância alguma. — Espero que ele seja o homem que você merece e que sejam muito

felizes como você sempre sonhou.

Engulo em seco, abro um sorriso – fervendo de raiva da Kyra – e digo a primeira coisa que me vem à cabeça:

— Ele é! — minto, e Alexios fica sério, seus olhos claros fixos nos meus. — Um verdadeiro príncipe como sempre sonhei.

— Quem bom. — Ele se levanta. — Vou até a cozinha pegar a cerveja, estou morrendo de sede.

Acompanho-o com os olhos e, quando desaparece da minha vista, gemo e me dou um tapa na cabeça. *Que ridícula!* Por que, mesmo sendo tão madura em vários aspectos, sou uma imbecil quando estou perto dele? Parece até que estou de volta ao aniversário de 18 anos da Kyra, quando saímos nós três para comemorar, e eu fiquei com um babaca total só porque Alexios pegou uma das garçonetes da pizzaria.

Não sou mais essa garota!

Alexios e Kyra voltam para a sala, ele, bebendo uma longneck, e minha amiga, com uma travessa na mão.

— Escondidinho de camarão, como vocês dois sempre gostaram — ela anuncia.

— O cheiro está incrível! — elogio, levantando-me do sofá e indo ajudá-la. — Há muitos anos não sinto algo tão delicioso!

— Eu também não — Alexios fala perto de mim.

Os pelos do meu corpo se arrepiam todos por causa do som de sua voz e seu hálito no meu pescoço. Viro-me para ele, sem entender o motivo pelo qual está tão próximo de mim e me surpreendo por um instante ao decifrar seu olhar: fome, e não é de comida.

Balanço a cabeça, achando impossível que seu olhar esfomeado seja para mim e me afasto dele, indo posicionar os pratos como Kyra me ensinou a fazer tempos atrás.

— Andou treinando? — minha amiga brinca ao me ver executar com perfeição seu ensinamento.

— Sim, fiz alguns jantares em Madri — conto orgulhosa. — Recebi poucas pessoas, a maioria amigos, e fiz questão de colocar em prática tudo o que você me ensinou...

— E que você achava que era bobagem! — Ela ri e olha para Alexios. — Uma arquiteta de interiores deve, no mínimo, saber montar uma mesa, não acha?

Alexios franze a testa, pensa um momento e depois concorda.

— Pregar pregos na parede, fazer arranjos florais, pintar um quadro... —

Kyra fica séria, e ele começa a rir. — Há profissionais para isso, Kyra, Samara é responsável pelos layouts de móveis e projetos de planejados, não precisa saber fazer tudo!

Kyra parece estupefata, e, confesso, eu também estou, porque geralmente os dois se uniam para brincar ou me provocar, e agora ele acabou de me defender!

Alexios parece ficar sem jeito com o silêncio e dá uma enorme golada, até pôr fim ao conteúdo da garrafinha de cerveja, em seguida volta para a cozinha.

— O que está rolando? — Kyra me pressiona.

— Não sei do que...

— Samara, sem essa de "não sei do que você está falando". Não nasci ontem, percebi que vocês estão estremecidos. Achei que tinha sido por conta dos anos longe, mas achei que isso ia passar depois do baile, mas então Alexios aparece aqui mais perdido do que cachorro que caiu da mudança e se recusa a falar o que aprontou contigo na virada do ano! — Aproxima-se. — Conte-me já!

Nem em sonho!

— Não há nada para contar.

Alexios retorna, e sua irmã avança para ele igual a um anjo vingador.

— O que está rolando entre vocês dois? — Ela põe a mão na cintura. — Sempre fomos amigos! Éramos um trio, estivemos juntos nos piores momentos de nossa infância e adolescência, parem já com qualquer merda que estiverem fazendo!

— Quanto você bebeu? — Alexios debocha. — Nada está acontecendo, não é?

Ele me encara, e eu concordo, impossibilitada de falar depois do desabafo de Kyra. Minha amiga sempre soube que eu era apaixonada por seu irmão, como fez questão de frisar quando cheguei ao Brasil. Por mais que eu entenda que tudo o que sinto não passa de uma ilusão, ela também não pode achar que a amizade entre mim e ele seguiria normal, como se nada tivesse acontecido.

Não dá! Não quero mais viver esse amor platônico.

— Eu não suportaria ver qualquer um de vocês magoados! Vocês são meu único referencial de família!

— Não há nada de mais acontecendo, Kyra — tento acalmá-la. — Alexios e eu só ficamos muito tempo afastados...

— E continuam desde que você voltou — ela completa.

— Kyra, essas coisas não se forçam — Alexios diz com calma. — Nós sempre seremos um trio, mas crescemos, cada um tomou seu rumo, não somos mais adolescentes...

— Embora alguns ajam como um... — solto sem querer, e um clima pesado se forma.

Alexios me encara como se não entendesse o que eu disse, e Kyra sorri.

— Prometam que sempre seremos os melhores amigos independentemente do que acontecer.

Respiro fundo, pois me lembro bem de quando ela nos fez prometer isso pela primeira vez, há mais de 10 anos.

— Prometo — Alexios responde e me encara.

Respiro fundo.

— Prometo.

Kyra sorri, balança a cabeça e volta a arrumar a mesa, porém Alexios e eu não nos movemos.

— Queria que você soubesse que, embora tenha pedido desculpas pelo que aconteceu no elevador, não me arrependo — meu coração dispara ao ouvir isso. — Não quero nunca perder sua amizade e sei que você nunca quis que misturássemos as coisas, ainda mais agora, que está noiva, por isso me desculpei, mas não me arrependo. Quis beijar você e beijei.

— Por quê? — minha voz sai baixinha.

— Não sei, também me questionei isso, não consegui separar as coisas como fazia antes e...

— Aconteceu — respondo e dou uma olhada de rabo de olho para a Kyra apenas para confirmar que ela está entretida com a mesa. — Pouco antes de eu ir embora, você me beijou. — Alexios franze a testa, seus olhos inquietos como se tentasse lembrar. *Ele não se lembra!* — Você bebeu, foi até meu apartamento e dormiu lá, então...

Ele arregala os olhos.

— Abusei de você?

Nego.

— Um beijo parecido com o do elevador, mas na cama. — Ele fica cada vez mais surpreso. — Não se lembra mesmo?

— Não, do beijo, não. Foi por isso que foi embora sem se despedir? Ficou chateada comigo? Eu devia estar muito bêbado, sei que não é desculpa, mas...

— O jantar está servido! — Kyra anuncia.

Dou de ombros, ainda sem saber o que falar para ele ou o que sentir sobre isso. Eu sempre achei que ele se lembrava, mas que preferiu ignorar o que houve, por isso nunca tocou no assunto ou tentou me contatar na Espanha.

— Samara? — Alexios me chama. — Eu sinto muito.

A cada pedido de desculpas dele, mais um buraco se abre entre nós dois.

— Não precisa se desculpar pelo beijo, você estava bêbado e...

— Não estou me desculpando por ter te beijado, mas sim por não lembrar. — Isso me surpreende. — É um absurdo não me lembrar de um beijo seu. — Alexios sorri cheio de malícia. — Seus beijos são um tesão!

Ele passa por mim, seguindo para a mesa de jantar, mas não consigo me mover, totalmente confusa sobre essa conversa. Nunca tocamos nesse tipo de assunto, não sobre mim e ele, e é tão inusitado que não sei o que pensar.

— Samara? — Kyra me chama.

Vou até eles e tomo assento à mesa de frente para Alexios. Olho para ele e novamente vejo a expressão diferente em seu rosto. Suas pupilas verdes me transmitem coisas que nunca achei possível ver em seu olhar.

Desvio a atenção para a comida servida no meu prato, em dúvida sobre se estou enlouquecendo ou se ainda consigo lê-lo como antes. Se realmente ainda conheço meu melhor amigo da infância, não posso estar errada.

Alexios Karamanlis me quer!

11

— O que você pretende com esse jantar? — disparo assim que invado a cozinha de minha irmã, fazendo-a pular de susto enquanto lixa a unha encostada em uma das bancadas da cozinha.

— Merda de susto, Alexios! — Ela põe a mão no coração.

— Vim pegar minha cerveja, achei que você estivesse ocupada, mas, pelo visto, só estava aqui fazendo hora enquanto eu "fazia sala" para a Samara. — Cruzo os braços. — O que você está tramando?

— Eu? — Ela faz cara de inocente, mas minha irmã não me engana. — Só estava esperando o jantar ficar pronto. — Aponta para o forno. — Qual é o problema de você e Samara conversarem um pouco depois de tanto tempo?

— Kyra, você não me engana! Festa de Natal, baile dos Villazzas e agora esse "jantarzinho" aqui. Fala o que você pretende!

Ela me dá as costas e abre o forno, tirando uma travessa de dentro dele.

— Vocês estão estranhos um com o outro. Queria reestabelecer a paz e nossa amizade.

Claro que eu sinto que há mais do que isso, mas, como não quero que ela perceba que algo mudou em relação à minha percepção sobre Samara, deixo-a pensando que seu papinho furado me convenceu.

Volto com ela para a sala e, assim que ponho os olhos em Samara de novo, sinto meu pau reagindo com fúria. *Porra!* Não posso passar a noite toda excitado, parecendo um velho babão comendo-a com os olhos.

Ela está noiva!, friso a todo momento, mesmo que eu ligue um foda-se para esse tipo de "empecilho" quando quero comer alguém. O único porém é que ela não é qualquer mulher, não é uma desconhecida com quem eu poderia trepar e depois nunca mais ver, é a Samara, a melhor amiga de minha irmã, que, um dia, também foi minha melhor amiga.

— O cheiro está incrível! — Samara elogia a comida que Kyra carrega em uma travessa, levantando-se do sofá e indo ajudar minha irmã a pôr à mesa. — Há muitos anos não sinto algo tão delicioso!

Não resisto a me aproximar por trás dela e inalar bem fundo seu perfume suave e de bom gosto, imaginando como seria ter meus lençóis impregnados com esse aroma.

— Eu também não — minha voz sai cheia de tesão, meu hálito se choca contra a pele do pescoço dela e só então percebo que me aproximei demais.

Samara me encara sem entender o que está acontecendo. Eu me aprumo, e ela se afasta.

Controle seu cavalo, Alexios Karamanlis!, repreendo-me, querendo concentrar-me em algo que me faça relaxar enquanto vou à cozinha. Nem preciso procurar muito quando volto, pois minha irmã arma uma cena – sim, uma cena muito teatral, na qual, pelo visto, Samara cai direitinho – para nos deixar sozinhos e constrangidos.

Não sei o que me impulsiona a me abrir com ela, pois isso não faz parte de quem eu sou, mas algo me impele a falar sobre o beijo e como me senti.

— Queria que você soubesse que, embora tenha pedido desculpas pelo que aconteceu no elevador, não me arrependo. — Ela fica sem ação. Temo perder sua amizade – que nem sei se ainda tenho –, mas continuo: — Não quero nunca perder sua amizade e sei que você nunca quis que misturássemos as coisas, ainda mais agora, que está noiva, por isso me desculpei, mas não me arrependo. Quis beijar você e beijei.

— Por quê? — a pergunta dela me surpreende, pois pensei que iria ignorar a questão ou ficar puta comigo.

— Não sei, também me questionei isso, sempre consegui separar as coisas como fazia antes e...

— Aconteceu — Samara me interrompe, e eu não entendo do que fala. — Pouco antes de eu ir embora, você me beijou. — Tento me lembrar de como e

quando aconteceu, mas nada me vem à memória, somente o amasso no elevador.
— Você bebeu, foi até meu apartamento e dormiu lá, então...

Arregalo os olhos, lembrando-me exatamente do dia ao qual ela se refere. Eu tinha tido uma discussão com Theodoros, algo relacionado aos prédios inativos de Nikkós e minha ideia de transformá-los em moradias populares, feitas com materiais de qualidade, mas vendidas a preço justo, desconsiderando sua localização, e ele me chamara de idealista sonhador.

Não sou, nem nunca fui a porra de um idealista sonhador. Sou um playboy endinheirado por acaso, mas poderia ser qualquer outro homem trabalhador, sem direito a morar, a transitar e a usufruir do melhor desta cidade caótica. Todo o bem que eu faço tem fundo egoísta, pois eu sempre me coloco na situação, imaginando como seria se Nikkós não tivesse me assumido. Eu não teria vivido o inferno que vivi nas mãos dele, mas poderia ter conhecido outros.

Sempre que sou obrigado a me encarar por baixo de toda a beleza estética que todos elogiam, por trás da máscara de burguesinho herdeiro, eu faço besteira. Bebi e fui parar no apartamento de Samara, porém achei que, como acontecera outras vezes, ela me deixou dormir lá e nada mais.

— Abusei de você? — indago receoso, sabendo que nunca me perdoarei se tiver feito algo a ela.

Ela nega, e sinto alívio imediato.

— Um beijo parecido com o do elevador, mas na cama. — Arregalo os olhos mais uma vez, excitado, imaginando o corpo de Samara sob o meu, o cheiro dela despertando todos os meus sentidos. — Não se lembra mesmo?

Porra, como pude esquecer?!

— Não, do beijo, não — confesso, e as coisas parecem fazer sentido, pois nunca entendi o motivo pelo qual ela foi para a Espanha sem falar comigo. — Foi por isso que foi embora sem se despedir? Ficou chateada comigo? Eu devia estar muito bêbado, sei que não é desculpa, mas...

— O jantar está servido! — Kyra anuncia e me interrompe.

Samara tenta demonstrar que o assunto não tem importância, mas eu sei que teve, que, por isso, ela foi embora e nós ficamos longe por três anos.

— Samara? — chamo-a antes que volte à mesa. — Eu sinto muito.

— Não precisa se desculpar pelo beijo, você estava bêbado e...

Merda! Mais uma vez não estou me desculpando pelo beijo, porra! Beijá-la é uma delícia, só fico puto por não ter feito isso antes!

— Não estou me desculpando por ter te beijado, mas sim por não lembrar. É um absurdo não me lembrar de um beijo seu — sorrio, deixando bem claro que

estou falando sério. — Seus beijos são um tesão!

Não espero que ela me responda e sigo para a mesa, o corpo todo acalorado, a mente tentando puxar a lembrança de tê-la em meus braços, sonolenta e disponível, o pau pulsando de vontade dela.

— Samara? — Kyra a chama, e ela se senta à minha frente. Nossos olhos se encontram, e noto que ela percebe o quanto estou excitado por sua causa. Não me escondo, deixo que ela tenha consciência de que mexe comigo de forma diferente do que somente amizade.

Ela desvia o olhar, e eu respiro fundo, prevendo um longo e doloroso jantar, contando os minutos para poder estar sozinho e tocar uma para me aliviar.

— Doutor Alexios? — Ana Flávia, uma das recepcionistas, me para na entrada do prédio da Karamanlis duas semanas depois do jantar na casa de Kyra.

Infelizmente não me encontrei mais com Samara depois daquela noite, e, segundo informações obtidas com minha irmã, ela ainda está na casa dos pais, pois, além de cuidar da mãe, está passando mais tempo com o velho Ben Schneider.

Nunca gostei do pai dela, principalmente por ele ser tão amigo de Nikkós. Houve uma época em que pensei que os dois eram da mesma laia, mas tanto Samara quanto o seboso do Daniel eram “normais”, para passarem pelo que meus irmãos e eu passávamos.

Quando Samara soube o que ocorria em minha casa, logo também começou a questionar a amizade entre nossos pais e chegou à conclusão de que Benjamin não sabia das atrocidades de Nikkós. Ela pensou em pedir ajuda ao pai, mas desencorajei-a, pois seria muito perigoso caso ele realmente fosse mais um dos súditos de meu pai.

Então ela continuou achando que seu pai não sabia de nada, e eu, achando-o farinha do mesmo saco do maldito Nikkós Karamanlis. Minha amizade nunca foi aprovada por eles, que sempre fizeram questão de dizer o quanto Samara era infinitamente melhor que eu.

Nunca os contestei, porque era verdade; nunca estive e continuo não estando no mesmo nível que ela. Não tenho nada a oferecer à *minha melhor amiga* a não ser toda raiva e revolta que carrego dentro de mim, por isso, mesmo me sentindo incomodado, fiquei contente que ela tenha achado o homem dos seus sonhos.

— Bom dia! — cumprimento a recepcionista, o sorriso automático que uso

com todos, curioso pelo motivo que a tirou detrás do balcão da recepção para vir correndo atrás de mim.

— Bom dia, tenho um recado do doutor Millos. — Ela parece ofegante. — Ele pediu para que o doutor subisse diretamente para a sala dele.

— Ele disse algo mais? Ou aconteceu algo relevante?

— É só o que sei, doutor. — Ela sorri. — Desculpa não poder ajudar.

Agradeço e sigo o mais rápido possível para o último andar do prédio onde ficam as salas de Theodoros e Millos. Não é comum meu primo, que chegou há duas semanas de viagem, chamar-me em sua sala. Quando ele precisa falar comigo algo pessoalmente, geralmente desce até a K-Eng e, claro, não costuma deixar recados na portaria.

Pego meu telefone e me espanto com o número de ligações e mensagens de Millos. O aparelho estava silenciado desde ontem, e me assusto com a urgência do meu primo para falar comigo.

— Dormiu comigo? — a voz de Laura me faz olhar para o lado, dentro do elevador, e a encaro sério.

— Não te vi aí — digo seco. — Bom dia.

— Bom dia! Como você está?

Respiro fundo.

— Bem. — O elevador para no andar onde fica o departamento de TI, a gerência responsável pelo georreferenciamento. — Seu andar. — Aponto para fora.

Ela se aproxima de mim devagar, seu perfume me envolve, e sua voz soa sexy em meus ouvidos:

— Essa noite, que tal?

Fico excitado, claro, nós nos damos muito bem na cama e, mesmo com outras preocupações na cabeça, assinto. *Não valho nada!*

Ela sai do elevador sorrindo. Concentro-me um instante em sua bunda gostosa antes de as portas se fecharem e me lembro da pressa de Millos para falar comigo.

Alguma coisa deu merda!

Nos segundos que ainda fico dentro do elevador, fico tentando adivinhar o que poderia ter disparado meu primo “zen” desse jeito. As possibilidades não são poucas, porém, as que mais acredito são relacionadas ao Kostas. Sim, porque meu irmão é foda quando enfia algo na cabeça, e desde sempre ele quer ver Theodoros fora da empresa, por isso armou uma arapuca bem armada com o Conselho Administrativo.

Então, eis as possibilidades: o Conselho conseguiu provas de mais merdas de Theodoros (eu acho essa a mais improvável); a auditoria que o Conselho quer fazer na gestão de Theo vazou para a impressa, e nossas ações caíram (sei que vai parecer louco, mas sorrio amplamente com essa possibilidade); e, por último, Kostas e Kika se mataram e foderam nosso processo com a Ethernium.

Saio do elevador gargalhando, apostando na última opção.

— Bom dia, Luiza! — cumprimento a secretária da diretoria. — Millos está...

— Graças a Deus, doutor Alexios! — Ela se levanta correndo da cadeira e praticamente me arrasta pelo corredor que leva à sala do Millos. — O doutor Millos está me deixando louca aqui, nunca o vi tão agitado!

Outra luz vermelha de alerta se acende em minha cabeça. *Fodeu!*

Millos é tão insuportavelmente calmo – pelo menos o que ele nos deixa ver de sua personalidade, porque o homem é um camaleão na hora de esconder o que sente e sabe – que enervaria até o feroz Godofredo da Samara.

Samara...

— O doutor Alexios! — Luiza me anuncia, o que é estranho, porque nunca somos anunciados, e chega para o lado para que eu entre.

Bem, se eu não conhecesse um pouco meu primo, não iria querer entrar e ficar sozinho com ele nesta sala. O homem anda de um lado para o outro. Os cabelos, sempre penteados e fixos com alguma pomada, estão bagunçados, caindo no rosto; ele não usa paletó, e as mangas da camisa social estão dobradas até os cotovelos, deixando todas as tatuagens que ele mantém escondidas à mostra.

— Alex! — ele bufa. — Ainda bem, preciso de você.

— Meu, o que aconteceu para te deixar assim? — Rio um pouco, mesmo preocupado.

Millos fecha os olhos e respira fundo. Ele parece falar algo baixinho para si mesmo e então arruma o cabelo e começa a ajeitar a camisa.

— Sente-se, Alex, estamos esperando Konstantinos.

Bingo! Perdemos a Ethernium.

— Não pode adiantar o assunto?

Ele veste o blazer e se senta, plácido, em sua cadeira.

— Prefiro contar de uma vez só, então, vamos aguardar o...

A porta da sala é aberta, e vejo Kostas entrar seguido por Luiza, que parece sem saber o que fazer, nervosa e confusa. Meu irmão não é nada polido e acha que ser gentil com as pessoas é desnecessário. Ele é direto, objetivo, do tipo

“*time is money”*!

— Ainda bem que chegou, sente-se — Millos começa, e Kostas, para meu espanto, faz o que ele pede sem questionar.

Franzo o cenho, pois continuo achando-o diferente. *Algo está rolando!*

— Bom, chamei vocês aqui para dizer que estive com Duda Hill — Millos olha de um jeito estranho para Kostas — no hospital e conheci a Tessa, uma garota de oito anos que foi diagnosticada com uma doença rara e...

— Millos, resume! — perco a paciência, curioso demais sobre o rumo dessa narrativa.

— Ela é filha do Theo.

Eu me engasgo com minha própria saliva, e Konstantinos arregala os olhos, além de ficar branco como nunca o vi.

— Como assim a menina é filha do Theodoros? — ele questiona embasbacado.

Millos dá de ombros.

— Não chamei você aqui para fazer fofoca da vida pessoal de seu irmão mais velho, e todos nós temos idade suficiente para saber como se faz um filho. — Suprimo uma risadinha e a piada que estava na ponta da minha língua quando ele ergue a sobrancelha na minha direção. — O fato é que Tessa é filha dele sem sombra de dúvidas, e precisamos fazer algo para ajudá-la.

— A doença é muito grave, Millos? — pergunto.

— É, e rara. — Millos olha para Kostas. — Em algum momento você já ouviu falar em Geórgios II?

Meu corpo inteiro gela. Ouvi novamente a voz de Nikkós me comparando ao irmão morto enquanto me socava e dizia que eu não servia nem como peça substituta, pois só ficou comigo quando nasci porque pensou que minha “semelhança” com o filho primogênito de Geórgios o faria ganhar pontos, mas isso não aconteceu.

— O filho mais velho do *pappoús* — Kostas fala, e meu estômago embrulha. — Morreu jovem de uma doença rara.

— É a mesma doença? — Assusto-me, pois conheço essa história de cor e não posso crer que esteja se repetindo.

— Parece que sim. — Millos respira fundo. — Precisamos de um doador familiar.

— Caralho! — xingo, com pena da menina e da mãe. — Theo sabe?

— Ainda não, mas já está voltando ao Brasil, então poderei conversar com ele com calma. — Concordo com meu primo. — Reuni vocês aqui para

perguntar se estão dispostos a fazer o teste.

— É claro que eu quero! — respondo de pronto, mas Kostas ainda parece chocado, sem saber de onde veio o tiro que o acertou.

Millos e eu olhamos sério para ele, aguardando a resposta. Se esse advogado sarado, bonitão e frio que está ao meu lado ainda conservar algo do irmão que conheci quando criança, não se negará a ajudar.

— O quê? — Kostas parece despertar do transe no qual estava e questiona, totalmente perdido.

— Fazer o teste de compatibilidade com ela — Millos fala sem paciência.

— Temos chance? Afinal somos todos de mães diferentes! — Millos assente, e eu abaixo os olhos, porque, enquanto eles sabem de quem são filhos, eu não faço a mínima ideia. — Eu farei também, conte comigo!

A resposta de Konstantinos me faz ter certeza de que algo realmente está acontecendo com ele. Millos e eu sorrimos satisfeitos. Talvez meu primo também esteja vendo o mesmo garoto que ia passar férias na Grécia e que brincava com ele, assim como eu vejo o Tim no meu sisudo irmão.

— Alex, tem um pessoal de laboratório aqui solicitando te ver.

Elis, a única secretária da K-Eng, avisa, parada na porta da sala de projetos, onde estou debruçado sobre uma enorme prancha com desenhos padrões da Ethernium.

Estamos correndo contra o tempo para adequar o padrão internacional da empresa às normas de construção e ambientais brasileiras, o que cabe à minha equipe aqui na K-Eng, mesmo que ainda não estejamos avaliando a fundo todas as questões da instalação da empresa, pois estamos montando apenas um croqui para a área escolhida pelos *hunters* e fazendo os estudos necessários para a apresentação ao cliente sobre a viabilidade do local.

É uma parte chata, mas que eu gosto de fazer, por isso dispenso ajuda para trabalhar sozinho, intercalando entre o AutoCad e as pranchas impressas.

— Até que enfim! — Levanto-me da cadeira onde trabalho e faço sinal para que ela o deixe entrar.

Estou à espera do pessoal do laboratório para recolher minha amostra de sangue desde que Millos anunciou que não precisaríamos ir até o hospital. Não sei se posso ajudar, mas estou disposto a isso caso seja compatível, ainda que não tenha um relacionamento harmônico com Theodoros.

Confesso que fiquei um tanto decepcionado por não ter de ir ao hospital para o exame, pois tinha esperança de conseguir usar essa desculpa para conhecer a menina e a mãe, que vi apenas uma vez, quando Millos inventou um jantar de aniversário e reuniu nós três – Kostas, Theodoros e eu – no restaurante de Duda Hill.

Meus irmãos mais velhos foram embora, mas Millos e eu decidimos ficar mais um pouco e tomar mais algumas cervejas, e, no final da noite, a chef saiu da cozinha, e Millos a cumprimentou. Meu primo a conhecia bem, pois esteve negociando com ela por muitos anos a compra do imóvel onde funcionava o bar.

— Boa tarde, doutor Alexios! — um dos profissionais do laboratório me saúda. — Preciso, antes de colher o material, fazer umas perguntas a você, pode ser?

Meu corpo começa a ficar tenso.

— Pode, sim — respondo sério e sorrio para a garota nova e bonita que o acompanha.

Ofereço assento a eles perto de uma das mesas baixas que temos aqui nesta sala, cheia de pranchetas e mesas enormes para comportar projetos, e o homem tira um iPad da bolsa.

— Bom, primeiro vou fazer perguntas básica para cadastramento no site do REDOME, caso o doutor queira se tornar um doador de medula, ainda que não seja compatível com sua sobrinha.

— Sem problema, eu nunca doei nem sangue, mas preciso lhes informar que tenho algumas tatuagens.

A moça ri.

— Isso não tem problema! — o entrevistador diz sério. — Preciso dos nomes de seus pais completos, documentos, endereços e contatos. O doutor prefere responder diretamente ou a mim?

Estendo a mão em sua direção, e ele me entrega o aparelho. Faço o cadastro, mas omito o nome de Sabrina, mesmo tendo-a em meus documentos no local de filiação materna.

— Ficou um espaço obrigatório em branco. — O homem aponta exatamente para a lacuna de preenchimento do nome da mãe.

Respiro fundo, dando continuidade à farsa que sempre foi minha vida.

— Sabrina Ferreira Karamanlis — respondo a contragosto.

O homem me explica sobre a doação, sobre o cadastro para a rede de doação de medula, mas não presto muita atenção, a mente vaga pela questão de minha filiação, pelo desejo louco de encontrar respostas sobre o que aconteceu quando

nasci, como e por que a mulher que me gerou me entregou ao Nikkós e nunca mais voltou.

Percebo, depois de um tempo, que a garota loirinha e de cintilantes olhos azuis não para de me olhar. Estava tão perdido em pensamentos que nem notei que estava olhando na direção dela, porque eu a fitava sem ver. De soslaio, confirmo que o homem lê algo no tablet e então retribuo o olhar interessado dela sem nenhum pudor.

Ela ruboriza e sorri sem jeito, olhando para baixo. Seu jeito inocente desperta minha fome de sexo, aguçando meus sentidos, fazendo-me perceber o cheiro que ela exala, sentir o calor de seu corpo e constatar que, pela resposta do seu corpo ao meu, separados por apenas uma mesa, a inocência é algo a ser esquecido se eu a encontrar em local reservado.

— Compreendeu tudo?

Volto a prestar atenção ao homem que a acompanha.

— Perfeitamente — minto, pois não ouvi uma palavra sequer.

A garota se levanta, abre a maleta com a qual veio e tira de dentro dela verdadeiros instrumentos de tortura. Rio nervoso, lembrando-me de que nunca gostei de injeções, mas arregaço a manga da camisa que uso para deixar meu braço à sua disposição.

Ela desinfeta o local, pesquisa a veia e depois coloca um tipo de guia e começa a encher o tubinho de sangue. O processo é rápido, praticamente indolor – talvez por eu estar distraído com os olhares de apreciação dela a cada segundo –, e logo ela etiqueta meu nome no tubo e o põe numa frasqueira.

— Agora nós vamos recolher o sangue do doutor Konstantinos — ele informa, despedindo-se.

A garota não o acompanha imediatamente, pois enrola para descartar tudo o que usou dentro de um pack especial para material contaminante.

Aproximo-me dela.

— Quer ajuda?

Ela me encara, abre um sorriso em retribuição ao meu e nega.

— Já acabei aqui. — Aponta para meu braço. — Tudo bem?

Seguro o riso por ela estar preocupada que eu esteja dolorido em razão de uma picada de agulha. Mal sabe ela que já suportei coisas muito piores.

— Você tem a mão de um anjo, não sinto nenhum desconforto no braço. — Ela olha para as próprias mãos. — Lindas e habilidosas, do jeito que eu gosto.

A moça me olha, mas saio de perto dela, voltando para a mesa com o projeto da Ethernium. Não demora muito, e ela põe um cartão do laboratório sobre o

tampo.

— Meu número está anotado atrás, caso precise novamente da minha mão.

Pego o cartão, confiro o número e sorrio.

— Curioso para conferir todas as habilidades dela.

Não a vejo sair da sala, pois volto a prestar atenção à prancha aberta na mesa. Faço algumas anotações, olho o arquivo no computador e continuo a trabalhar sem pensar de novo na garota do laboratório.

Qual era mesmo o nome dela? Não faço ideia!

Depois de todas as emoções do dia na Karamanlis, com a revelação de que Theodoros tem uma filha de oito anos e que a menina está doente, o dia passou rápido, e, por conta da pressão de Kostas sobre a Ethernium, trabalhei boa parte da noite também, chegando a casa bem tarde.

Chicão, ainda instalado no meu apartamento, lavava a louça do jantar e me deu um olhar curioso sobre minha demora.

— Trabalho, meu amigo! — disse, colocando minha mochila no sofá. — Ainda sobrou algo comestível aí?

— Infelizmente, não, mas posso fazer algum sanduíche para você.

Chicão abriu a geladeira e me mostrou os ingredientes. Aceitei a oferta e, enquanto ele trabalhava, notei dois pratos lavados no escorredor.

— Teve companhia no jantar?

Ele riu.

— Samara, sua amiga, aceitou o convite de acompanhar esse velhote aqui em uma refeição saudável. — Sua cara debochada não me passou despercebida, porque, muito embora o homem tenha quase 60 anos, está longe de ser um *velhote*. — Encontrei-a no saguão chegando aqui ao prédio e a convidei para me fazer companhia.

Samara...

A reação nova e intensa que apenas o nome dela me causa é algo que me surpreende ainda, mas que já aprendi a aceitar. Desde nosso reencontro, já não consigo vê-la como via antes. A amiga – quase irmã – deixou de existir, e, cada vez que a vejo ou penso sobre ela, só vislumbro a mulher que enlouquece meu corpo e me faz pensar em todo tipo de sujeira que ela e seu jeito conservador nunca aceitariam.

— Ah, merda! — Chicão xingou e chamou minha atenção para si, deixando

meus pensamentos e o tesão sobre Samara de lado. — Esqueci de oferecer a ela meu cheesecake de tofu.

Fiz careta.

— Aposto que ela vai te agradecer por isso.

Ele negou e pôs um enorme pedaço em um prato.

— Claro que não, ela adora tofu e o estilo de vida que adotei. — Minha careta incrédula o fez me encarar sério. — Ela elogiou muito minha comida, algo sobre o namorado dela também ser vegano.

— Outro fresco, então — comentei, e Chicão riu. — O que foi?

— É algo novo ver Alexios Karamanlis com ciúmes!

O quê?!

— Chicão, você está louco! — Ri em deboche. — Eu com ciúmes da minha melhor amiga? Ela já teve vários namorados, nunca me importei.

Ele perdeu a expressão brincalhona.

— Nunca se importou ou se acostumou a não se importar por achar que ela merecia alguém melhor que você? — Engoli em seco ao ouvir a pergunta. — Eu ainda me lembro de quando você me contou sobre o baile de formatura dela, quando ela o convidou para que você a acompanhasse e...

— Isso não importa, eu era um garoto — cortei o papo rápido, pois nem me lembrava de ter contado isso a ele.

Ele suspirou e deu de ombros.

— Vou levar a sobremesa para ela — anunciou, caminhando para a porta. — Depois eu monto seu...

— Não acha que está muito tarde para ir até o apartamento dela? — Apontei para o enorme relógio de aço na parede da cozinha. — Amanhã...

— Ela me disse que está trabalhando em um projeto grande com o irmão e que por isso iria passar boa parte da noite acordada.

Fui até meu amigo e peguei o prato com a torta de sua mão.

— Pode deixar, que eu levo para ela. Meu sanduíche não está pronto, e eu estou com fome. — Apontei para os ingredientes que ele pegou na geladeira. — Enquanto vou lá, você adianta isso aí.

O filho da mãe riu da minha desculpa mal dada.

— Está certo.

Desci os andares de escada até o apartamento dela e por isso estou aqui, prato com um cheesecake de tofu na mão e dedo prestes a tocar a campainha, mas nervoso como estava no baile dela há tantos anos.

O clima entre nós mudou de uma forma surpreendente. Nunca imaginei que a

certinha, feliz e bem-resolvida Samara Schneider fosse corresponder ao meu tesão. A verdade é que nem eu imaginava sentir-me assim com relação a ela.

Samara sempre foi uma amiga companheira e incrível, e eu a admirava demais, principalmente seu jeito doce de tratar minha irmã, às vezes tão incompreendida por todos. Todavia, quando ela fez 17 anos, algo mudou na forma como eu a enxergava – não que eu a achasse gostosa ou que ela despertasse meu tesão naquela época –, passei a vê-la como a mulher perfeita, aquela à qual qualquer homem sentiria orgulho de ter ao seu lado e a coloquei em um pedestal quase divino, um alvo inalcançável que eu nunca seria digno de tocar. Nunca Alexios Karamanlis chegaria aos seus pés por causa das marcas que trazia consigo, seu passado nebuloso e seus traumas.

Bufo de raiva com esse pensamento e aperto o botão da campainha.

Foda-se! Ela e eu não somos mais as mesmas pessoas, e ter percebido que o interesse que sinto por ela agora é recíproco me faz ignorar todas as certezas que eu tinha sobre o que era melhor para nós dois: distância física.

Ela abre a porta, um tanto surpresa com minha visita, mas não emito nenhuma palavra, nem mesmo um cumprimento, pois só consigo olhá-la, fitar os cabelos ao estilo natural, encaracolados e cheirosos, o aroma de um banho recém-tomado e o roupão cobrindo seu corpo.

— Alexios? — ouço sua voz questionadora, mas não respondo de volta, feito um idiota.

A verdade é que estou paralisado buscando controle. Meu corpo inteiro está me empurrando na direção dela, com vontade de jogar o prato com a sobremesa pelos ares, puxá-la contra mim como fiz no elevador e só parar quando estivermos os dois nus, suados e satisfeitos.

Encaro seus olhos e me surpreendo com o reflexo desse mesmo desejo.

Foda-se de novo!

Escuto o barulho da louça se partindo no chão, mas ligo uma merda para a bagunça que a horrorosa torta de tofu fez nos corredores, pois minha concentração está toda no corpo dela, cheiroso e fresco, junto ao meu e na minha boca, que devora a dela com fome.

Samara corresponde ao beijo com a mesma intensidade, sua língua atacando a minha, suas mãos agarradas na minha camisa me puxando mais para perto, como se quisesse me fundir a ela.

Não penso mais nada a não ser em tê-la nua contra mim e, arrastando-a para dentro de sua sala de estar, puxo o cinto do roupão, afasto-o dos seus ombros e sinto a peça de seda deslizar por seus braços, mas não cair no chão.

Apalpo devagar sua pele, tremendo e gemendo, minha boca ainda grudada na dela. Sinto a curva dos seios cheios, as ondulações de suas costelas, a cintura fina e firme e – meu pau quase explode neste momento – a carne macia de sua bunda.

Que doideira!

Minha vontade é de beijá-la inteira, desde o dedão dos pés até o alto da cabeça, lambê-la devagar, arrastar minha língua, lábios e dentes por sua pele, vendo-a se arrepiar, sugando os pontos mais sensíveis de seu corpo, sentindo o sabor de sua boceta, e beber seu orgasmo, deliciando-me como se fosse uma iguaria.

Abro os olhos e paro o beijo sem afastar meus lábios dos dela. Samara me olha de volta, seus olhos castanhos brilhando de puro tesão, um respirando o ar do outro.

Não movo meus dedos, ainda cravados nos músculos de seu rabo delicioso. Sinto meu pau latejar pressionado contra sua barriga, minha cabeça dá mais voltas do que quando eu curtia um *barato*, e não sei discernir quem é que está tremendo, se eu ou ela.

Ainda olhando-a, contorno sua boca com minha língua, chupo seu queixo, beijo sua mandíbula. Não quero falar nada, não precisamos de palavras, embora eu saiba que ela irá precisar delas mais tarde. Não quero pensar nisso, apenas senti-la. Neste momento nós dois somos iguais, sentimos o mesmo desejo, não importa o quão diferentes realmente sejamos.

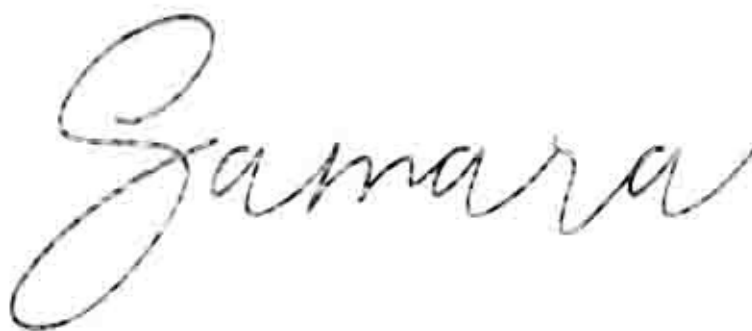
Samara geme alto e volta a fechar os olhos, suas mãos agarram meus cabelos enquanto beijo e mordo seu pescoço. O roupão continua todo aberto, pendurado em seus braços, tentando-me a olhar para o corpo nu que já senti com minhas mãos e que, mesmo sem ver, consigo imaginar perfeitamente apenas com o toque.

Desço mais, continuando os beijos em seus ombros, colo, ansioso por chegar aos peitos maravilhosos e tomá-los na boca sem nenhum pudor, sugando e mamando como um esfomeado.

Os gemidos dela se misturam ao som de um celular vibrando que ela nem parece perceber e que, embora eu tenha escutado, não faço o menor gesto de alertá-la para o fato, ainda mais agora, quando tenho o que quero nas mãos.

Gemo com ela quando sugo um mamilo rígido e afago o outro com o polegar. Chupo devagar, conhecendo-o, entendendo suas terminações nervosas e calculando seu prazer a cada sucção mais forte ou mais leve.

O som da campainha do telefone fixo soa alto, mas é ignorado sumariamente,

como foi a vibração do celular. Rio contra o peito dela, perverso, seguro-o com os dentes, deliciando-me com os suspiros e gemidos enlouquecidos, o leve ondular de quadris que ela executa contra meu corpo, evidência máxima de que está pronta para mim.

— Samara*, cariño, contesta.*

Imediatamente ela fica fria, tensa, e eu nem preciso questionar para saber de quem é a voz que soa alta na secretária eletrônica.

Porra!

Afasto-me a contragosto, e a expressão culpada e assustada dela me faz sentir como um monstro.

Merda!

12

Samara

— Samara*, cariño, contesta!*

Meu corpo, até então completamente entregue e seduzido por Alexios Karamanlis, quente pelo toque de suas mãos sobre minha pele, seu beijo intenso e todas as promessas de prazer que cada gemido e suspiro fez, parece receber um banho de água fria ao ouvir a voz de Diego soar na secretária eletrônica.

Diego?!

Um arrepio de frio perpassa meu corpo, fazendo-me perceber que estou nua, exposta, e o constrangimento me toma de um jeito que nunca senti. Abro os olhos e descubro que os de Alexios já estão me encarando.

Não sei o que falar ou como agir, sinto-me mal pela situação e, ao mesmo tempo, querendo ser a mulher que não sou, mandar tudo pelos ares e voltar a agarrá-lo.

Não sou assim, não sou inconsequente ou movida por impulsos.

Alexios parece entender o meu dilema e, sem olhar para o meu corpo, recoloca o roupão nos meus ombros, e eu junto as abas dele para criar a distância necessária e para o fim da exposição.

— Eu sinto... — Alexios começa, e eu balanço a cabeça, não querendo mais ouvir nenhuma palavra de desculpas. Olho para trás, para o móvel onde meu

telefone está e sinto uma enorme dor na consciência. *Por quê?*

— O que tem significado isso tudo, Alexios? — pergunto ainda sem olhá-lo. — Já não é a primeira vez que...

— Acho que a distância me deixou confuso.

Encaro-o, sobressaltada com a resposta.

— Como assim?

Ele parece nervoso, não me olha diretamente e está prestes a sair daqui o mais rápido possível. Reconheço essa reação, pois sempre que ele percebia que estava fazendo merda, agia assim.

— Você é uma mulher bonita, Samara, nunca ignorei isso, mas nossa proximidade te mantinha a salvo. — Ele ri e, quando me olha, está com a expressão que usa quando quer disfarçar algo, e eu sei que vai mentir para mim. — Você me conhece, sabe que eu sou galinha e que não posso ver uma boc... mulher. Acho que a distância quebrou essa armadura, sabe? Mas está errado, você não foi feita para uma foda sem sentido, já tem um cara que deve ser *compatível* com você, e misturar as coisas entre nós só vai dar merda.

— Compatível? — volto a questionar, sem entender o que ele quis dizer com esse discurso todo. Eu tive várias *fodas sem sentido*, principalmente porque me sentia carente ou enciumada por vê-lo desfilar com seu séquito de mulheres, não sou a santa delicada e pura que ele me faz parecer. Sobre Diego, o que significa essa de *compatível?* Ele nem sabe de quem se trata!

— Porra, Samara! — Alexios bufa. — Ele deve ser alguém que...

O telefone volta a tocar, e Alexios aproveita a deixa para acenar e sumir do apartamento. Fico parada, olhando para a porta que ele bateu ao sair, ouvindo a campainha irritante do telefone, sem entender o que está realmente acontecendo.

— Samara? — fecho os olhos ao ouvir a voz de Diego novamente. — *Cariño*, estou ligando porque *llegué* a São Paulo. — Corro até o aparelho, trêmula com a notícia. — Se *suponía* que seria *una* surpresa, *pero no* lembro *tu dirección, así que...*

Percebo o quanto ele está confuso, intercalando o espanhol e o português a todo momento, então saio da letargia causada pelo momento em que ligou e a surpresa de sua vinda ao Brasil e pego o aparelho.

— Diego!

— *Carajo!* — o palavrão é carregado de alívio. — *Ya iba a un hotel, me alegra que hayas respondido. No se nada de esta ciudad.*

— Você está mesmo no Brasil? — indago perplexa, e ele responde que sim. — Quando chegou?

— *Hace una hora.* Feliz por esta surpresa*?*

Olho para a porta. Ainda sinto o cheiro do perfume de Alexios em toda a sala. Respiro fundo e tento me concentrar na situação estranha em que me encontro agora. Diego veio ao Brasil sem me avisar, como se todas as nossas conversas sobre o término não tivessem existido. Ele parece enxergar sua vinda como uma surpresa positiva, como se eu estivesse esperando-o aqui ansiosa.

Deus do Céu, o que será que ele está pensando? Tento raciocinar com calma. Estou abalada com o que houve com Alexios há pouco e confusa com tudo isso.

— Diego, vou te passar meu endereço pelo aplicativo.

Pego meu celular, vejo as inúmeras mensagens e chamadas que ele fez e que ignorei para estar nos braços de Alexios, recebendo as migalhas de atenção e desejo que ele resolveu me dar. Meu coração se aperta, e a cabeça ferve, o orgulho ferido por mais uma vez estar agindo como a garota carente que suspirava pelo garoto rebelde pelos cantos.

Mando o endereço para Diego, que confirma que recebeu, despeço-me dele e tomo consciência de que ele está no Brasil, que veio atrás de mim, coisa que Alexios nunca seria capaz de fazer, afinal, passou três anos sem nem mesmo pegar um telefone para me ligar. Claro que eu não esperava que Diego viesse e, na verdade, nem sei como me sinto com relação a isso. Estou confusa e sem reação.

Encaro-me no espelho que tenho em cima de um móvel e vejo não só a mim mesma, mas todos os meus medos, inseguranças e dúvidas, que voltaram a partir do momento em que pisei no Brasil no final do ano passado.

Diego não reconhecerá essa mulher, nunca fui assim com ele, nem com mais ninguém a não ser Alexios. Sou segura, independente, conheço meu valor tanto como mulher quanto como profissional. Então por que Alexios mexe comigo a esse ponto? Por que me desestrutura tanto?

Chega!, penso irritada.

Vou para o banheiro e ligo o chuveiro em temperatura fria e com alta pressão a fim de tirar de mim todo o desejo e as sensações que o beijo de Alexios me causou há pouco.

Ele não é para mim, nunca foi e nunca será!, vou repetindo isso durante o banho, lavando minha pele como se pudesse lavá-lo do meu coração e dos meus sonhos.

— Oi! — Diego me saúda assim que abro a porta do apartamento, experimentando mais uma palavra em português das muitas que lhe ensinei ao longo dos anos de convívio.

Abro um sorriso, reparando em sua beleza máscula, seus olhos escuros, rosto anguloso, nariz reto e comprido e boca sedutora. Ele é alto, magro e tem um senso de moda extraordinário. E me pergunto por que não consegui me apaixonar por ele.

— *Hola!* — Ele gargalha e me puxa para um abraço. Fico tensa, mas ele não parece perceber e me beija. Como não correspondo ao beijo, Diego se afasta e me olha como se não entendesse o motivo pelo qual não retribuí sua carícia, mas depois sorri como se nada tivesse acontecido.

— Entra — chamo-o para sair do corredor. — Sua vinda me pegou realmente de surpresa, nem sei o que dizer.

Diego se desvia de algo, e vejo cacos de louça e o resto de uma torta no chão. Imediatamente lembro-me que Alexios segurava algo antes de me beijar e fico vermelha ao pensar que ele jogou para o alto antes de se atracar a mim.

— Era a ideia. — Ele ri. — *Usted* estava confusa, e a distância *no* ajudava, *así que aquí estoy*.

Assinto, nervosa, e fecho a porta, como se isso pudesse acabar com a lembrança do beijo de Alexios e a dor de mais uma vez sentir sua rejeição. Diego continua me encarando, seus olhos brilhando de curiosidade, a testa levemente vincada de preocupação.

— Você deve estar exausto depois dessa viagem, não quer se instalar e tomar um banho?

Ele concorda.

— *Tu hablas* mais corrido aqui — ele fala enquanto anda atrás de mim, arrastando sua mala. — *Pero* treinei muito para compreender.

— Está se saindo muito bem! — Sorrio sem jeito e lhe mostro o banheiro.

Diego beija minha testa. O gesto de carinho aperta meu coração, e mais uma vez me questiono por que as coisas não podem dar certo entre nós. É certo que entre mim e Alexios nunca vai haver nada, então é justo eu ficar a vida toda esperando por um milagre enquanto posso tentar ser feliz ao lado de alguém que gosta de mim?

Eu tentei! Tentei mesmo, com afinco, tanto que achei que havia conseguido superar o que sentia, mas percebi que estava apenas reagindo à distância que impus ao Alexios e não o esquecendo.

— Eu li que o Real perdeu do Ajax nas oitavas da Liga — puxo um assunto

neutro, e Diego assente e dá de ombros ao mesmo tempo.

— *Sí!* — diz desanimado. — Está *una desorden* por lá, então, só posso ficar *unos* dias contigo. — Diego cheira meu pescoço, e institivamente eu me afasto. — Vamos juntos para o banho?

Nego, precisando de um tempo para achar uma solução para esse imbróglio em que estou metida. Não quero magoá-lo, mas não vejo como não ser sincera com ele, mesmo tendo percorrido essa distância toda para me ver.

— Diego, nosso relacionamento acabou, não era uma *crise* minha e estou te recebendo aqui como um amigo. — Ele fica um tempo me olhando, parado, mas não fala nada.

— Desfrute do seu banho e descanse, vou preparar o quarto de hóspedes e algo para você comer quando sair.

— *Te quiero,* Samara.

A declaração quebra meu coração, e sinto meus olhos marejarem. Não respondo nada, apenas sorriso e corro para a cozinha. Que situação mais fodida essa!

Quando escuto barulho no banheiro, sento-me à mesa, coloco as mãos na cabeça e tremo, nervosa, sem saber como fazer para lidar com tudo o que está acontecendo.

— Uau! — Kyra comenta assim que Diego sai da mesa do restaurante onde nos encontramos para almoçar. — Não me lembrava de que ele tinha esse *sexy appeal* latino!

Rio dela e dou uma olhada em direção ao banheiro.

— Ele tem! — Suspiro. — Veio de surpresa ontem, e eu não sei o que fazer para convencê-lo de que minha decisão foi definitiva. Acabou!

— Talvez se mostrasse a ele a porta da rua? — Kyra ri.

— Kyra! — ralho com ela. — Não posso fazer isso assim! Não tenho motivo algum para maltratá-lo, Diego sempre foi um homem bacana comigo. Eu não queria magoá-lo...

— Amiga, vamos encarar a realidade! De qualquer maneira você irá magoá-lo, porque não quer o mesmo que ele. Para de ser covarde e diga logo que não vai voltar para ele e que não há chance de ficarem juntos! — aponta para minha cara — Seja franca!

Bufo.

— Já falei, mas parece ele não está me levando a sério. Não sei mais o que fazer!

Minha amiga olha para o fundo do restaurante, onde ficam os banheiros, e volta a me encarar.

— Resolva isso!

— Como? Ele veio da Espanha só para me ver, não tenho motivo nenhum para expulsá-lo. — Mostro a língua quando ela abre um sorriso. — Kyra, é cruel demais!

— E daí? O homem já se mostrou meio louco, recusando-se a aceitar o término e ainda vindo aqui para pressionar você! Larga de ser trouxa e mostra a ele a realidade, senão daqui a pouco, por conta da sua pena, farei esse casamento, e, amiga, esse eu faço questão de fazer e nem vou me sentir culpada!

Reviro os olhos diante da sua provocação.

— Eu sei! Estou me sentindo mal com isso tudo e, para piorar... — interrompo-me antes de falar o que não devo.

— Para piorar... — Ela me olha séria. — Samara, o que você está me escondendo?

— Alexios e eu nos beijamos — confesso, e Kyra arregala os olhos — algumas vezes.

— O quê?! — ela fala tão alto que chama a atenção dos ocupantes das mesas vizinhas.

— Shiiiiiiii! — Faço sinal para ela falar mais baixo. — É isso, Alexios e eu nos beijamos e... — abaixo ainda mais meu tom de voz — se Diego não tivesse chegado e ligado para meu telefone, teríamos transado.

Kyra arregala os olhos novamente.

— Que empata-foda do cacete! O que foi que eu perdi? — Ela ri nervosa. — Vocês mal estavam se falando, tanto que montei aquele jantar exatamente para tentar resolver isso e...

— E o baile dos Villazzas também foi uma armadilha? E a noite de Natal? — acuo-a e, pela expressão culpada, percebo que sim. — Merda, Kyra, o que você pretendia com isso tudo? Agir como cupido?

— Não! — responde de pronto. — Eu só não aguentava mais ficar atuando como garota de recados de vocês dois — não entendo o que ela me diz, e Kyra simplifica: — Alexios perguntava de você de tempos em tempos enquanto esteve na Espanha, e eu não estava disposta a continuar nessa levada com você de volta a São Paulo.

Sou tomada de surpresa pela informação.

— Alex procurava saber de mim enquanto estive fora? — Ela confirma. — E você nunca me contou isso?

— Ué? Você mesma me pediu isso ainda no aeroporto, lembra? — Concordo. — Eu sabia que você tinha ido embora para tentar esquecê-lo! E, bem, por causa de Diego, achei que tivesse superado, mas... que história é essa de beijos?

— Não sei, só aconteceram... — paro de falar ao ver Diego se aproximar da mesa. — Depois conversamos mais.

— Pode ter certeza de que vamos! — Ela sorri para Diego. — É sua primeira vez em São Paulo? Sabia que a cidade tem ótimos hotéis?

Arregalo os olhos com a sua cara de pau.

— *Sí!* Já estive no Rio, mas nunca aqui. — Ele me abraça pelos ombros e ignora a deixa dela sobre os hotéis. — Estou contando com Samara para fazer tour pela *ciudad*. *Tengo unos* companheiros de trabalho que vieram morar aqui, *pero* ainda *no* conseguir *hablar* com eles.

— Eu já expliquei que acabei de fechar um trabalho aqui e que o tour não será possível.

Diego assente, mas não disfarça sua decepção.

— Bom, faço questão de recebê-los para um jantar. — Ela sorri para ele, mas reconheço sua expressão maldosa. *Filha da mãe!*

— Ah, Samara disse que *usted* é *promoter*. — Kyra faz que sim, orgulhosa. — Quem sabe então não realiza nosso casamento?

Quase me engasgo com a água que acabei de colocar na boca. Kyra para de sorrir no mesmo instante e me olha alarmada. Consigo ouvir o que ela está pensando apenas por sua cara assustada. Sempre tivemos isso, essa comunicação sem palavras. Ela acha mesmo que Diego é louco; também começo a sentir uma certa apreensão.

O clima fica tenso. Não sei o que responder, então Kyra desvia o assunto, mas não deixa de me olhar cheia de avisos a cada oportunidade que tem. Ela tem razão, preciso resolver isso rápido, antes que as coisas se descontrolem.

13

Alexios

Acordo sentindo dor nas costas, o chão gelado arder na minha pele, a cabeça rodar, e a minha boca parece cheia de cinzas. Abro um olho; a claridade irrita-o, depois abro o outro. Tento me mexer, mas há um peso no meu braço que me impede.

— Merda! — resmungo baixinho.

Ontem à noite, depois de ter quase levado Samara para o sofá da sala dela e trepado como um louco, não consegui voltar para meu próprio apartamento e acabei ligando para Laura.

Eu precisava de uma transa rápida e urgente, por isso liguei para ela, pois já havíamos trepado tantas vezes que achei que não teria nenhum problema. Realmente não teve.

Cheguei, bebemos, trepamos, depois bebemos mais e voltamos a fazer sexo. Caímos exaustos e acordei agora, com Samara ainda na cabeça e a vontade de sair correndo daqui e ir até ela me cortando por dentro. *Não vou!* Apesar de não querer dizer o que disse, não menti quando falei sobre o tal espanhol ser melhor para ela do que eu.

Qualquer um é melhor do que eu!

Samara merece o melhor, sempre foi perfeita, e me envolver com ela é

egoísta da minha parte, pois sempre serei só um arremedo de homem, um ser destruído que esconde suas frustrações e imperfeições por detrás de um rostinho bonito e uma atitude falsa.

Nunca poderia oferecer a ela mais do que ofereço a qualquer outra mulher: interesse sexual intenso, porém regado a frieza emocional e total desprendimento. É isso que sou, o oposto do que ela é.

— Bom dia! — Laura ronrona ao acordar.

Respiro fundo e abro um sorriso.

— Bom dia! — Aproveito que ela acordou e me levanto do chão. — Preciso ir para o trabalho.

Ela geme, seu corpo delicioso exposto.

— Ah, temos um tempo ainda...

Nego e coloco a calça.

— Preciso mesmo ir. — Pisco para ela. — Até mais tarde.

Saio praticamente correndo do apartamento dela, entro na garagem e subo na moto sem pensar duas vezes. Estou com fome, meu estômago ronca alto, então me lembro de que não como há horas, pois não tive a oportunidade de jantar na noite passada antes de ir até o apartamento da Samara com aquela maldita torta de tofu.

Novamente meu corpo sente os efeitos do tesão inesperado que estou sentindo por ela. Não olhei para seu corpo nu, mas toquei-a de maneira que a imagem se faz completa em minha cabeça, potencializada pela percepção de sua pele, a maciez, as curvas, a temperatura, o músculo tenso da base da coluna e sua bunda de glúteos duros.

Bufo dentro do capacete, excitado na moto a ponto de sentir dor por causa da posição de pilotagem.

Pensei que buscar alívio para essa atração fosse a solução para a loucura que é querer minha melhor amiga, mas percebi que não, não foi e talvez nunca seja. Eu a quero, preciso do toque de sua pele na minha, da respiração quente que escapava de seus lábios entreabertos enquanto eu beijava seu pescoço, do sabor de sua saliva e de toda a doçura que há nela e que contrasta com minha acidez.

Quando eu era mais jovem, senti-me puxado para ela de uma forma que me assustou, principalmente porque achei que Samara nunca entenderia. Freei-me e esqueci, mas, ao que parece, o sentimento só ficou represado, crescendo dentro de mim, enquanto eu negava ou fingia que não a via.

Bom, admitir que, a cada vez que a vejo, tenho vontade de comê-la inteira já não é mais nenhuma surpresa; nem mesmo dizer que acho loucura qualquer

pensamento de um envolvimento entre nós além do de amizade. O que eu tenho que fazer então é lidar com esse tesão inesperado e indesejável da maneira com que sempre lidei com o que me incomoda: ignorando-o.

Deixo a moto na garagem do prédio e subo apreensivo dentro do elevador, com medo e ao mesmo tempo ansioso por vê-la. É uma merda essa situação toda. Essa mistura de sensações dentro de mim me faz parecer o menino que nunca fui, pois sempre fui atirado e inconsequente com as coisas que queria.

— Bom dia! — Chicão me cumprimenta assim que entro no apartamento.

Ele, como todas as manhãs, está sentado em seu tapete de ioga na sala de jantar – totalmente sem móveis – se alongando. Já tentou me convencer a praticar o exercício várias vezes, porém nunca me interessei, mesmo achando que poderia me fazer bem.

Francisco tem quase 60 anos, com uma saúde e musculatura invejável para qualquer "rapazola". Gostava de sair com ele para a balada, pois logo chamávamos a atenção das mulheres e sempre nos divertíamos muito em noitadas de sexo muito loucas.

O homem com seus cabelos brancos e tatuagens atrai garotas como o açúcar atrai formigas, é impressionante!

— Bom dia — resmungo sem nenhuma cordialidade e coloco água na máquina de café, sem deixar de perceber que há verduras e frutas frescas na bancada da cozinha. — Foi às compras?

— Fui — ele responde, mesmo estando de cabeça para baixo. — Vou preparar umas marmitas de saladas, porque quero fazer uma trilha nesse final de semana. Topa ir junto?

Nego.

— O trabalho está uma loucura, é impossível sair. Além do mais, tem a situação da filha de Theodoros, que eu gostaria de acompanhar.

Ele sorri e se senta.

— Eu pensei que você tivesse passado a noite no sétimo andar, mas descobri que não. — Chicão me encara. — O que houve?

Respiro fundo, pego a xícara fumegante de café e dou de ombros.

— Passei a noite com uma mulher com quem tenho saído. — Meu amigo se surpreende. — Nada de mais, ela sabe que é só diversão e sexo. Mas como você soube que eu não tinha passado a noite com... no sétimo andar?

Chicão levanta-se, enrola o colchão e passa por mim.

— Encontrei a Samara com um homem na garagem hoje de manhã. Os dois riam, ele a abraçou e beijou várias vezes, então era óbvio que você não esteve

com ela.

— Um homem na garagem? — Os nós dos meus dedos ficam brancos tamanha a força com que seguro a xícara. — Tem certeza de que era a Samara?

— Tenho! — ele grita de dentro do quarto da área de serviço. — Ela não me viu, mas era ela, sim. Acho que era o tal noivo.

Penso na ligação dele, sua voz chamando-a de *cariño*, a tensão no corpo dela e a culpa em seus olhos. *Será que o "cabrón" veio para o Brasil?*, penso incomodado, imaginando-o tocando-a como eu mesmo fiz ontem à noite e indo além.

— Merda! — resmungo, e Chicão, que já está de volta à cozinha, olha-me curioso, seu semblante irritando-me, como um velho monge sábio. — Pode tirar da cara essa expressão de Mestre dos Magos[17]!

Ele ri.

— Não estava fazendo isso, apenas tentando entender tudo, porque eu lembro que você saiu daqui com um pedaço de cheesecake de tofu para ela e só está voltando agora de manhã. Estou só tentando ligar os pontos!

— Fodam-se os pontos! — Abandono a xícara praticamente cheia de café em cima da bancada. — Eu não passei a noite com ela, o que foi sensato, e o noivo deve ter vindo atrás...

— Porque ele não é bobo e tem atitude de homem.

Meu sangue ferve de raiva.

— Vai se foder, Francisco! Não tenho mais 20 anos, você não consegue mais me manipular com suas provocações e psicologias reversas.

— O que é uma pena, porque você precisa delas tanto quanto precisava aos 20 anos. — Ele bufa, demonstrando finalmente impaciência e raiva. — Vai mesmo perder a única mulher com quem você realmente se importou a vida toda fora sua irmã?

— Samara é... era minha melhor amiga, por isso teve essa permanência na minha vida. Se eu tivesse trepado com ela em algum momento, certamente ela nem olharia mais na minha cara. — Respiro fundo. — Além do mais, ela merece coisa melhor.

O clima fica pesado. Chicão e eu ficamos um longo tempo em silêncio, constrangidos. Talvez ele também reconheça que eu nunca deveria ter cogitado a ideia de ter algum tipo de relacionamento com ela. Samara merece mais, merece alguém que possa amá-la, e eu não sou esse cara.

— Deu a ela esse poder de escolha? — ele pergunta de repente.

Encaro-o.

— Não vou foder a vida dela por causa do meu tesão. — Chicão concorda. — Samara não é do tipo que teria um caso “de férias” comigo e depois voltaria para o noivo como se nada tivesse acontecido.

— Sim, ela não faria isso.

— Exato. — Aprumo meu corpo e decido me arrumar para o trabalho. — Ela merece mais do que uma casca vazia.

— Você não é...

Meu telefone soa alto, e ele se cala.

— Oi, Kyra! — cumprimento minha irmã do outro lado da linha.

— O resultado do exame de compatibilidade saiu — sua voz parece tensa, quebrada.

— Eu sei. O meu deu negativo, infelizmente. — Ela soluça. Sei que não está chorando, mas imagino seu estado de ansiedade. — O que houve?

— Eu sou, Alexios! — Sorrio ante a resposta, cheio de esperança de a menina ter a chance de continuar vivendo.

— Vai doar? — questiono-lhe apenas para ter sua confirmação, porque não tenho dúvida nenhuma de que ela irá fazer isso.

— Sim, mas ainda estou em choque com o resultado. — Ela funga. — Eu gostei, claro, mas você entende que, de todos, a única compatível fui eu, justamente eu, que passei anos odiando o pai dela?

— Sim, e ver que você superou o ódio e está disposta a fazer isso por eles me enche de orgulho. Eu tenho orgulho da mulher que você se tornou — declaro, consciente da mágoa que ela teve do nosso irmão mais velho por tudo o que aconteceu, principalmente por causa de Sabrina.

— Vou ao hospital mais tarde hoje, quero dar a notícia pessoalmente, mesmo que ache que eles já saibam. — Ela suspira emocionada. — Millos me disse que ela parece conosco, Alex. Tem olhos como os nossos e os cabelos claros como os seus, mas ainda não a conheci. Eu quero!

— Uma Karamanlis — murmuro, pensando se o velho grego irá rejeitá-la por não ter nascido de um casamento tradicional, assim como fez comigo. — Que ela tenha mais sorte que todos os outros!

— Ela terá!

Apesar de não ser tão positivo como minha irmã, sorrio e concordo. Tessa terá mais chances do que todos nós tivemos, principalmente por ter passado boa parte de sua infância longe de todos os monstros dessa família.

Encerramos a ligação, e eu entro no banho para começar mais um dia de trabalho, porém, devo confessar, apesar de toda essa situação em torno de Tessa

e Theodoros, não consigo deixar de pensar em Samara e no homem que Chicão viu com ela hoje mais cedo.

Meu estômago arde, a típica queimação que tenho sempre quando algo me desagrada muito. Acho besteira sentir ciúmes ou qualquer sentimento relacionado a possessividade com relação a ela, mas não posso dizer que não esteja sentindo.

Eu queria poder merecê-la, essa é a verdade. Mantive-me todos esses anos o mais afastado possível dela como homem, vendo-a apenas como amiga, alguém com que eu poderia contar, confiar, mas não como mulher. Por quê? Simples! Medo de perdê-la.

Eu nada mais sou que a porra de um covarde!

A situação no trabalho no resto da semana foi tensa, e aproveitei essa desculpa para ficar longe do Castellani. Saía cedo de casa e voltava quase de madrugada, trabalhava sem parar e tentava não pensar em mais nada fora dos assuntos da Karamanlis.

Na tarde daquela mesma manhã em que soube que o espanhol tinha vindo atrás de Samara, recebi outra ligação de Kyra, só que dessa vez em tom menos amigável do que da primeira.

— Que merda você fez com a Samara? — ela disparou assim que eu atendi.

— Não sei do que você está falando.

— Merda, Alexios, beijos?! — Fechei os olhos ao pensar que Samara contara isso para ela, temeroso também pela forma com que o tinha feito.

— Não quero falar sobre isso...

Ela começou a rir, e eu fiquei tenso.

— Conte uma novidade! Você nunca quer falar sobre nada!

Isso me surpreendeu a ponto de me fazer levantar da minha cadeira.

— Eu?! — Ri sarcástico. — O sujo falando do mal lavado, não é, Kyra?

— Exatamente por isso estou falando que você se fecha em copas, somos parecidos. A única diferença é que eu não brinco com os sentimentos dos meus amigos.

A acusação doeu bem no local onde ela deve ter mirado. *Filha da puta!*

— Não estou brincando com ninguém, aconteceu, apenas. Não foi nada de mais para nenhum dos dois, tenho certeza.

— Meu Deus, Alexios! — Kyra resmungou impaciente. — Você é cego ou é

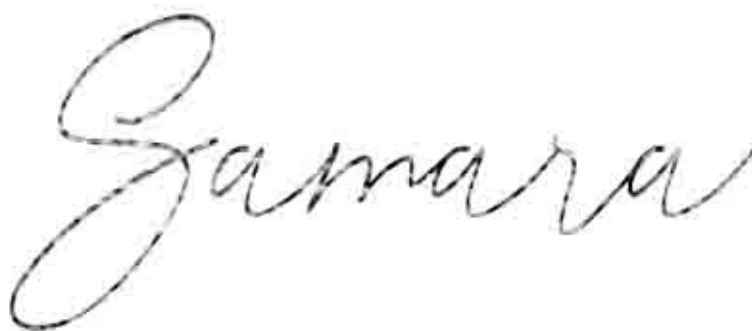
burro? — aguardei que ela me explicasse esse questionamento retórico, mas ela seguiu com o assunto: — Diego está no Brasil. O homem realmente gosta dela, atravessou o oceano para passar apenas uns dias em sua companhia.

— Eu imagino.

— Eu odeio pensar que, se ela se casar com ele, irá morar na Espanha e que só nos veremos de tempos em tempos, como antes — sua voz soou triste. — Mas respeito a decisão dela e quero que ela seja feliz, e ele realmente parece ser um homem decidido, que vai atrás do que quer. Ele entende que é um sortudo por tê-la, então, não fode tudo!

— Eu não tenho intenção alguma de...

— Eu sempre sonhei em ver vocês dois juntos — ela me interrompeu e me deixou completamente boquiaberto com sua revelação. — Era o cenário perfeito na minha cabeça, sabe? Meu irmão e minha melhor amiga juntos. Vocês são tão diferentes, mas tão complementares, que eu tinha a esperança de que...

— Eu não posso, Kyra — cortei-a antes que seus sonhos me contaminassem também. — Samara merece mais, você sabe disso.

— Você também merece, Alex. Samara sempre esteve ao nosso lado, nunca nos julgou, nunca questionou nosso jeito, foi nosso amparo, nossa tábua de salvação, nossa amiga. Eu quero muito que ela seja feliz. O espanhol bonitão pode conseguir fazê-la se sentir assim, mas quem poderá fazer você perceber que também merece ser?

Espanhol bonitão... confesso que, quando ela disse isso, eu não foquei muito nessa questão, mesmo porque a sua pergunta me fez sentir um peso enorme no peito, uma vontade desgraçada de ter o que nunca havia tido. Entretanto, agora, voltando a analisar a conversa, o ciúme e a curiosidade me corroem por dentro.

Samara me fez muita falta durante os anos que passou no exterior, e sei que minha irmã também se sentiu assim. Eu não sabia que ela tinha ido embora do Brasil magoada comigo por causa de algo que eu nem lembrava que tinha feito – *maldito álcool* –, e me senti abandonado por ela.

Nunca tive noção de que ela me desejasse, pois sempre a vi numa redoma intocável, em um pedestal inatingível. Não sei como agir de agora em diante, se apenas ignoro o tesão e a vejo ser feliz como merece ou se sigo sendo o mesmo inconsequente de sempre e vou atrás do que quero.

Merda!

14

Samara

— É um prazer, senhora — Diego cumprimenta minha mãe com seu forte sotaque, arrancando suspiros de dona Ana Cohen.

— Ah, tão bom ouvir esse sotaque de novo! — Mamãe sorri. — Seu avô falava exatamente assim, lembra, Samara?

— Sim — respondo, ainda tensa, sentada no sofá da sala de estar da mansão dos Schneiders, com minha mãe em uma poltrona, meu pai em outra, meu irmão e sua noiva em pé, perto do aparador, conversando.

De alguma forma, meus pais souberam que ele estava aqui no Brasil e, então, começaram a me pressionar para levá-lo até eles. Tentei de todas as formas demovê-los dessa ideia, mas então meu pai apareceu em meu apartamento – em horário em que eu não estava, e ele sabia – e convidou o Diego para um jantar.

Não tive mais como me recusar a vir com ele, e o pior foi descobrir, quando chegamos, que minha mãe estava promovendo um jantar familiar para conhecer meu namorado. E agora está aqui, completamente apaixonada pelo encantador Diego Vergara. *Puta que pariu!*

Estou há dias tentando conversar com Diego, mas o homem se fecha a cada vez que tento entrar no assunto. Ainda continua dizendo que estou confusa, que

a distância entre nós me deixou assim e o pior: que veio para me reconquistar.

Eu quase não tenho ficado em casa, saio para o escritório da empresa todos os dias para trabalhar, e ele anda pela cidade, fazendo o tour que planejou, como se estivesse tudo bem.

Estou ficando preocupada com isso. Não sei o que ele pretende, pois está claro como o dia que não vai mais rolar nada entre nós. Tentei enxergá-lo como um amigo que veio à passeio, mas agora realmente a situação está indo longe demais e tirando meu sossego.

Nos primeiros dias, fiquei tensa pela possibilidade de cruzar com Alexios pelos corredores do Castellani, receosa com minha reação ao encontrá-lo depois do que houve. Contudo, mesmo morando no mesmo prédio, não coincidimos nenhuma vez em horários, e eu acabei relaxando. Não vou mentir que ainda penso no que poderia ter acontecido naquela noite, nem que eu tremo só de me lembrar do toque dele.

Meu pai pergunta a Diego sobre o seu trabalho como assessor de imprensa, e os dois entram em uma conversa longa sobre futebol. Peço licença a eles para ir até a cozinha – para onde Dani foi há pouco – e encontro meu irmão conversando com a Cida.

— Tudo bem?

Ele dá de ombros, e vejo a Cida rolar os olhos.

— Bianca teve um imprevisto e não vai ficar para o jantar — meu irmão justifica. — Estava aqui dizendo a Cida que teremos um a menos na mesa. O que merda esse homem está fazendo aqui com você? Já não tinham terminado?

— Ai, Dani, a situação está mais complicada do que imaginei — resmungo. — Algum problema sério com Bianca?

— Não, trabalho — responde seco, e percebo que ainda está incomodado com a presença de Diego. — Parece que o espanhol conquistou a mamãe...

Fico sem jeito, e Cida ri.

— Basta saber se conquistou a Samara. — Ela me encara. — Não parece.

Faço careta, e Dani bufa.

— O que está acontecendo?

Não quero preocupar meu irmão ou envolvê-lo nos meus problemas.

— Nada, estamos conversando apenas. Ele quer me reconquistar.

— Não estou gostando disso, Samara. Resolva essa situação.

Eu confesso baixinho:

— Estou tentando.

Olho para o meu irmão, sério, encarando-me como se estivesse analisando

minha reação mais do que minha resposta. Ele me conhece bem demais para ter deixado passar o susto que passei com o convite e o constrangimento que estou sentindo por ter Diego aqui.

— Acho melhor voltarmos para a sala. — Daniel passa por mim. — Não pega bem deixar o visitante lá e ficarmos aqui de conversa fiada. Além do mais, ainda tenho que dizer à mamãe que Bianca teve que ir embora. — Ele parece contrariado. — Eu disse que esse jantar era uma péssima ideia!

— O que está acontecendo, Cida? — indago assim que ele sai da cozinha. — Tenho a impressão de que meu irmão não está muito feliz para alguém que está prestes a se casar, estou certa?

— Daniel nunca foi uma pessoa que demonstra o que sente, filha.

Bufo, cada vez mais preocupada. Meu irmão não se abre comigo, e, ao que parece, Cida também não vai falar nada. Eu o amo tanto que chego a sentir arrepios de medo só em imaginá-lo em uma relação que não quer apenas para agradar aos outros e não entendo o motivo pelo qual ele está insistindo no casamento.

Bianca e ele juntos no mesmo ambiente deixa tudo tão frio que eu chego a estremecer!

Eu não quero ser assim e, apesar de ter compatibilidade em muitas coisas com Diego, não sinto por ele o que sente por mim, e isso me deixa certa da decisão que tomei ao terminar antes que a coisa se complicasse ainda mais.

Volto para a sala, e o olhar de mamãe para Diego diz tudo sobre seu encantamento pelo homem. *Que situação*! Meu pai é mais reservado, escuta a conversa dos dois sobre viagens sem se manifestar, mas sei que sua cabeça deve estar anotando cada palavra de Diego para poder montar um julgamento sobre ele.

— Você já conheceu o Godofredo? — mamãe muda de assunto quando eu me sento ao lado de Diego.

— *Sí!* — Ele ri. — Meus *pies* sofreram!

— Ele é ciumento, não gosta que invadam seu espaço — justifico meu bichinho.

— Aquele bicho é feroz! — papai entra na conversa, também parecendo divertido. — Kyra deu um belo presente para minha filha. Você já a conheceu?

— *Sí!*

— Nós almoçamos juntos esses dias.

Mamãe fica séria.

— Já conheceu o irmão dela também? — questiona para Diego.

Ele franze o cenho, mas nega.

— Diego não conheceu muitas pessoas ainda, mamãe — respondo e mudo de assunto: — Estou louca para comer o que a Cida está preparando. O cheiro na cozinha está delicioso.

— Sim, está! — Minha mãe me olha de um jeito estranho. — Que bom que vai dar tempo de Diego participar do casamento de Daniel — engasgo com minha própria saliva quando ela diz isso. Ela olha para os lados para confirmar que meu irmão não está na sala. — Ele não sabe, mas terá uma pequena festa, e é claro que você está convidado.

— *Gracias!* — Diego responde, sorrindo encantado, e eu tenho vontade de chorar.

Merda! Eu queria ter tido tempo de ter explicado à minha família sobre essa situação, mas estou me tornando vítima das surpresas ultimamente.

Vim para a empresa para rever com Daniel o projeto de decoração que estou fazendo para seu cliente. Já tem quase uma semana que Diego chegou ao Brasil, e o dia de ele voltar para a Espanha está se aproximando. Não tenho insistido mais no assunto da conversa sobre nosso término, decidi esperar para fazer isso no último dia e, por isso, tenho tentado ficar o mínimo em casa.

Ele também não tem ficado por lá! Encontrou-se com alguns antigos companheiros de trabalho que vieram morar por aqui e tem saído sempre com eles, enquanto eu vou à empresa. O clima está pesado, e não entendo como ele ainda insiste em tentar reatar comigo. Não dá!

Diego só está hospedado comigo porque eu o considero um amigo, mas não acredito que ele ainda espere que eu siga com o relacionamento.

Um lembrete de agenda aparece no visor do meu celular, lembrando-me do encontro com Kyra para um jantar no próximo domingo. Minha amiga está se recuperando de um procedimento cirúrgico, e eu tenho tentado estar com ela sempre que posso.

A verdade é que estou muito feliz, pois ela conseguiu resolver uma questão de seu passado que sempre foi dolorida para ela. Nunca senti tanto orgulho, e isso acendeu minha esperança de um dia vê-los, meus dois amigos de infância, felizes.

Espero que, daqui para frente, ela consiga lidar melhor com suas dores e traumas. Kyra é maravilhosa. Mesmo que não saiba demonstrar seus

sentimentos, sei que tem bom coração e muito amor dentro de si, e o que aconteceu agora pode fazê-la enxergar o mundo de forma diferente.

Lembro-me de quando ela me contou sobre o resultado do exame de compatibilidade e o que decidiu fazer. Estava emocionada, achei até que fosse chorar – coisa que nunca a vi fazer nesses anos todos de amizade –, e isso me fez senti-la mais perto de mim. Abracei-a forte, mesmo sabendo que ela não curte muito, e lhe disse o quanto a amava.

Tive vontade de lhe perguntar sobre a reação de Alexios à decisão dela, mas me contive. Nós não nos vemos desde aquela noite em que Diego chegou, mas soube notícias dele através de uma dessas revistas de fofocas.

Eu estava no salão para cuidar dos meus cabelos e, assim que abri a revista, vi que Alexios tinha dado uma festinha regada a champanhe e muitas celebridades em seu iate. Na foto, tirada de longe por algum *paparazzo*, ele aparecia agarrado a uma mulher escultural na proa do barco.

Nunca conheci o iate dele!, pensei, mas logo depois ri ironicamente, pois era óbvio que eu nunca pisaria lá, afinal, nunca fui um de seus casos de uma noite, e ele também nunca precisou me impressionar, sempre fomos amigos.

Confesso que aquela foto me incomodou, mexeu comigo, mas tratei logo de deixar essas sensações de lado. Cada vez mais percebo o quanto ele tem razão sobre nós dois. Sim, aconteceu de ele ter atração por mim, algo que até pouco tempo era um sonho distante, mas é só isso. Alexios nunca será o tipo de homem que se entrega de verdade, e eu o entendo até certo ponto, pois imagino tudo o que passou, mesmo que não tenha me dito nada; eu vi suas marcas.

Talvez seja a hora de eu estar sozinha. Tenho pensado muito sobre isso. Passei boa parte da minha vida apaixonada por um homem que nunca me viu e tentando compensar com outros. Diego foi mais uma compensação, e deu certo porque eu estava longe e tinha uma sensação de liberdade que percebi que era ilusória. Meu coração nunca se libertou de Alexios, e homem nenhum me ajudou a deixar esse sentimento de lado. Agora é a hora de tentar sozinha, sem bengalas, sem distância ou mesmo escudos.

— Bom dia! — Josué, o braço direito do meu pai e do meu irmão aqui na empresa, cumprimenta-me e alivia minha mente do assunto pesado.

— Bom dia! Vim assim que me chamaram. Algum problema?

— Não, não, apenas uma reunião rápida com o cliente e uns colaboradores.

Alguém bate à porta da sala de reuniões onde estamos, e ele manda entrar.

Alexios entra na sala, e eu arregalo os olhos, surpresa. Não esperava encontrá-lo aqui hoje, mesmo porque o engenheiro que acompanha essa obra é

outro, ainda que seja funcionário da K-Eng.

— Bom dia, Josué! — ele cumprimenta o homem mais velho e depois me olha. Não sorri. — Bom dia, Samara.

— Bom dia — minha resposta é baixa. O clima é um tanto constrangedor.

Alexios baixa os olhos rapidamente, mas seu olhar procurando algo em minhas mãos não me passa despercebido. *Ele está procurando por um anel?*

— Estamos só aguardando o cliente e o pessoal da Novak chegarem e...

O celular de Josué toca, e ele pede licença, saindo para a varanda a fim de atender o aparelho.

Sento-me à mesa e abro meu laptop, revisando algumas linhas do projeto, mas, na verdade, estou tentando me concentrar em outra coisa que não Alexios.

— Você está linda — ele fala de repente, e meu corpo inteiro se arrepia. — Gostei do corte de cabelo.

Encaro-o, ainda mais surpresa por ele ter percebido algo tão sutil como a mudança no meu corte, afinal, não fiz nada drástico com minhas madeixas, apenas encurtei-as um pouco e dei uma leve repicada nas pontas.

— Obrigada.

Os olhos dele não escondem toda a curiosidade e desejo, o que me faz ficar sem fôlego. Lembranças dos beijos, do toque, do tesão compartilhado com ele naquela noite me fazem ficar quente e tensa.

Volto a olhar para a tela do notebook, respirando calmamente para me controlar. Alexios é realmente meu ponto fraco, minha tentação, mas eu tomei uma decisão e não vou voltar atrás. Preciso de um tempo comigo mesma, e é isso que vou ter.

— Recebi uma pista sobre minha mãe — ele informa de repente, e eu me levanto assustada.

— Como?

Ele olha para fora, onde Josué está, e respira fundo.

— Alguém entrou em contato e me deu uma pista, mas ainda não achei nada e nem sei se um dia irei.

Sinto dor ao ouvir sua voz. Esse era o único assunto que o fazia se abrir comigo, a falta de identidade por não saber o que houve em seu nascimento. Parece bobagem alguém se importar tanto com isso, mas não é, quando se passa anos ouvindo todo tipo de absurdo de seu pai acerca disso.

Nikkós adorava torturá-lo com essa questão, e eu sei que isso o feriu e o marcou mais do que as pancadas no corpo.

— É mais do que você já conseguiu nesses anos todos — tento motivá-lo.

— Sim. — Alexios se aproxima, e meu coração parecer saltar. — Eu fui até um antigo bordel da cidade para... — ele se interrompe no exato momento em que um engenheiro da Novak entra na sala de reuniões nos cumprimentando. *Droga!*

Alexios se fecha, põe sua máscara de sempre, o sorriso angelical, e eu sinto uma frustração enorme por não ter conseguido entender a história toda.

— Samara — ele me chama quando eu faço menção a voltar a me sentar, e vou até ele. — Eu nunca agradeci todo o apoio que você me deu esses anos todos nessa história. — O sorriso morre. — Chegou a hora de eu deixar ir e parar de procurar por algo que nunca...

— Não! — interrompo-o. — Não agora, que você tem uma...

— Não deve haver nada lá!

Sorrio.

— Você sempre foi péssimo para achar as coisas! Se lembra dos ovos de páscoa no condomínio? — Ele sorri com a lembrança. — Você nunca achava nenhum.

— E você ganhava sempre!

— Exatamente!

Uma ideia passa pela minha cabeça. Tento rejeitá-la, convencer-me de que é loucura, mas não consigo me conter. Acima de qualquer coisa, somos amigos, e eu nunca deixaria um amigo sozinho em um momento como esse.

— Vou com você procurar.

Alexios arregala os olhos e nega.

— O local é...

— Não importa, vou contigo! — Sorrio para ele. — Essa história também é minha, Alexios, a dividimos por tantos anos que ela passou a ser minha também. Eu quero desvendar esse segredo tanto quanto você.

Ele parece em dúvida.

— Tem certeza disso? E seu noivo?

Noivo? Engulo em seco ao pensar em Diego e em todo esse imbróglio em que estou. Eu tenho, sim, muita coisa a resolver, bem como tomar posse de todas as resoluções que fiz para minha vida daqui para frente, mas Alexios é e sempre foi meu amigo, e eu sempre o apoiarei no que precisar.

— Somos amigos, Alexios, pode sempre contar comigo.

Ele não diz nada, apenas me encara de um jeito que não consigo ler o que pensa. Tenho receio de que rejeite minha ajuda, o que talvez seja o sensato a ser fazer, mas então seus olhos ficam mais apertadinhos e brilham diferente. Sua

boca não se move, mas meu coração se enche de alegria.

Aí está o verdadeiro sorriso dele!

— Obrigado! — ele sussurra.

Minha pele se arrepia como se seu hálito tivesse encostado em mim, atravessando a barreira de tecido da roupa. Isso não é bom sinal! Talvez meu oferecimento de ajuda não tenha sido uma boa ideia.

Merda, Samara!

15

Alexios

Pense em semanas infernais. Agora realize o pensamento juntando mais de 18 horas de trabalho, finais de semana virados na farra e ereções dolorosamente fora de hora apenas por sentir certo perfume no corredor do Castellani.

Pronto! Agora vocês têm ideia da merda que têm sido meus dias.

Eu sei que vocês irão dizer que a culpa é minha, afinal, fui eu quem disse a Samara que não éramos compatíveis. A questão não é essa, e sim que essa consciência não aplaca em nada o desejo que sinto a cada vez que a porra do elevador passa pelo sétimo andar.

Tento controlar, lembrar que o namorado – noivo? – está aí com ela esses dias todos, mas é algo que está além da minha racionalidade. *Ela* está além da minha racionalidade! Sinceramente, não sei o que mudou para que eu derrubasse as barreiras de amizade e sentimento fraterno que sempre senti por ela.

Talvez eu tenha finalmente enxergado a mulher que ela se tornou e não mais a menina que eu queria tanto proteger de mim mesmo. A ideia de me envolver sexualmente com Samara sempre foi repelida por mim, não por falta de vontade, mas por ter a noção de que, se nossa amizade já era tão problemática para ela por conta de sua família, imagina se eles desconfiassem que o *rebelde*, o *filho de uma puta*, o *drogado* estava comendo a menininha de ouro dos Schneiders?

Mais do que isso! O que pesou foi o medo de perdê-la, de, após ter saciado o tesão, ela se magoasse e não quisesse mais contato, nem comigo, nem com Kyra. Então, toda vez que a possibilidade passava pela minha mente perversa, eu a ignorava e ia comer outras bocetas por aí.

Exatamente como estou fazendo agora!, constato triste, percebendo que pouco mudei nesses anos todos.

A única interrupção que tive em minha tortura foi a surpresa de minha irmã ser compatível para doar a medula para Tessa e o chamado de Kostas para conversar sobre o sobrado.

Eu tinha aceitado o convite de Millos para tomar uma cerveja e conversar um pouco, achando estranho que ele não tivesse me chamado para ir até seu *loft*. Sempre que meu primo viaja, ele me convida para ir à sua casa a fim de compartilhar comigo alguns momentos de sua aventura, principalmente fotos de monumentos e paisagens que ele sabe que eu gostaria de ver.

Não aconteceu dessa vez!

Ele chegou há um mês, e nunca o vi mais agitado e esquisito.

— Suas filosofias zen budistas não estão fazendo efeito não? — sacaneei-o em algum momento.

Estávamos em um pub muito bacana da rede Dominus, cercados de gente bonita – principalmente mulheres –, cerveja e petiscos de alta qualidade. Ambos decidimos ficar ao balcão, pedimos uma costela com molho barbecue e chope.

— Não sou zen budista! — retrucou e encerrou o assunto, desviando-o de si mesmo. — Aquele seu amigo ainda está no seu apartamento?

— Chicão? Sim, vai ficar até amanhã, depois seguirá para algum lugar do mundo. Por que o interesse?

Millos deu de ombros.

— Você nunca teve curiosidade sobre ele? Para onde vai quando some ou sobre seus amigos e família?

Estranhei os questionamentos, pois conheço bem essa raposa grega para saber que ele não faz nada sem um sentido por trás.

— O que você está querendo saber de Chicão?

— Absolutamente nada, apenas estava puxando assunto. — Olhei-o desconfiado, pois não me convenceu. — Você soube que seu pai se casou novamente? Theodoros encontrou-se com ele na Grécia e...

— O que te faz pensar que eu me importo com as cagadas de Nikkós? Porra, Millos, que assuntos são esses?

— Desculpe, é que seu amigo Chicão é quase da idade de seu pai, e uma

coisa me fez pensar na outra. Besteira. — Ele bebeu o chope. Um *longo* gole. — Soube que você foi visitar a Tessa.

Respirei fundo, irritado com as misturas de assuntos sem a conclusão de nenhum.

— Fui. A menina é um encanto — tentei ser objetivo e não demonstrar o quanto ver Tessa mexeu comigo.

— Ela lembra muito a Kyra quando pequena. — Ele me olhou por um longo tempo antes de acrescentar: — Parece ainda mais com você, só que em versão feminina.

— Você não tem como saber disso!

Millos e eu só nos conhecemos quando eu já era adulto, e nunca fui do tipo que mostrava fotos da infância para ninguém, mesmo porque é um período que eu prefiro fingir que não existe.

— Eu vi fotos suas o bastante para saber que, de todos, você é o mais parecido com a *giagiá* e o tio Geórgios.

Fiquei lívido ao ouvir isso. Lembranças de Nikkós bêbado, espancando-me enquanto me chamava de Geórgios e alucinava sobre ser melhor do que ele em tudo me fizeram estremecer.

— Você está conseguindo azedar o chope e estragar a carne com essa conversa, Millos. Qual é a sua?

— Desculpe, eu só estava falando de Tessa e de como...

— Onde você viu essas fotos? Tenho certeza de que Nikkós não te mostrou nenhuma, orgulhoso do filho com uma puta.

Millos bufou.

— Não, não foi seu pai quem me mostrou essas fotos. — Um garçom nos interrompeu oferecendo mais uma rodada de bebida. — Estou confiante no sucesso do transplante e satisfeito por saber que sua irmã conseguiu perdoar...

— Millos, onde você quer chegar com esses rodeios todos? Eu te conheço, mano, e sei bem que nenhum desses assuntos é aleatório.

Meu primo riu.

— *Pappoús* virá ao Brasil para conhecer Tessa. — Arregalei os olhos, pois imaginei que, assim como fez comigo, o velho grego iria rejeitá-la. — Eu acho que chegou a hora de vocês dois se conhecerem.

Comecei a gargalhar.

— Não tenho nenhum interesse em conhecê-lo — disse categórico. — Fico feliz, de verdade, que ele esteja agindo com Tessa de forma diversa do que agiu comigo, mas isso não muda o fato de que ele não existe para mim.

— Alexios, nem tudo é como parece ser.

— Foda-se! — irritei-me. — O velho desgraçado teve 33 anos para me conhecer. Chegou tarde demais, em todos os sentidos, na minha vida.

— É sua palavra final sobre isso?

— Sim.

Millos sacudiu a cabeça e começou a conversar sobre sua viagem como se não tivesse tocado no assunto mais desconfortável da minha vida. *Conhecer-me!* Houve uma época em que eu sonhava com isso, em ser resgatado por ele, ou que Kyra fosse. Eu rezava para que o tal *pappoús* descobrisse as maldades de seu filho e viesse ao nosso socorro.

Ele nunca veio! Agora é tarde demais, já não sonho ou rezo e, muito menos, preciso dele!, penso, voltando a assinar a papelada burocrática da K-Eng, a parte que eu mais odeio do meu trabalho.

— Alexios? — Elis me chama. — Marcaram uma reunião no cliente do Bela Vista, só que o engenheiro responsável pela fiscalização da obra e projeto não está aqui essa semana. O que eu faço?

— Quando é a reunião?

— Amanhã.

Olho minha agenda e reorganizo alguns compromissos.

— Confirme, eu vou.

Volto a pensar no encontro com Millos e na mensagem que recebi de Kostas no mesmo dia, assim que entrei em meu apartamento:

"Encontre-me às 9h, naquela maldita rua. Vou atender seu pedido, então faça direito o que tem que fazer, porque será sua única oportunidade."

Olhei para o relógio; era madrugada. Dormi pouco, mas, no horário marcado, encontrei-me com ele, parado dentro de seu carro em frente ao velho casarão.

Não entendi a mudança de atitude dele, mas há algum tempo tenho percebido Konstantinos diferente. Nunca mais ouvi qualquer reclamação sobre seu comportamento com a *hunter* Kika, e, apesar de ter fodido com o Theo junto ao Conselho e iniciado uma auditoria, motivo pelo qual estou aqui assinando essa papelada toda, o discurso dele em relação ao nosso irmão mais velho está mais brando.

Questionei-lhe assim que entrei em seu carro, e a resposta dele me surpreendeu:

— Decidi zerar o meu passado. — Apontou para o casarão. — Isso é uma

parte dele que eu nunca deixo ir, que mantenho para me lembrar de quem eu sou, de quem me tornei.

Entendi perfeitamente como ele se sentia. Sabia bem o que ele tinha passado ali, dentro daquela casa, e se eu, que havia estado ali um par de vezes, estava todo arrepiado e tenso, imaginei como ele estaria.

— Você vai o demolir? — inquiri ao me lembrar de sua ameaça no restaurante.

— Vou — respondeu seco ao me entregar as chaves. — Vasculhe tudo, o máximo que você puder, depois me avise para eu ter o prazer de apertar o botão de implosão dessa porra toda.

Ah, se também todas as lembranças e traumas pudessem desaparecer com um simples apertar de botão!, pensei triste, consciente de que isso não era possível.

— Eu vou, mas não hoje, e prometo te ajudar com toda a papelada para pôr esse lugar no chão e explodir tudo o que representa para você e para mim.

Kostas pôs a mão no meu ombro e me perguntou como fiquei sabendo sobre minha mãe biológica.

— Encontrei alguém que ouviu sobre ela e que me deu a dica de que poderia encontrar algo aqui, afinal todos os móveis ainda estão dentro da casa — fui suscinto na resposta, pois eu mesmo não sabia de nada.

— Casa... — ele riu da palavra que usei. — Isso nunca será uma casa, é o lobby do inferno, o hall do capeta!

Tentei não rir, porque ele tinha razão, mas, vendo-o gargalhar, acompanhei-o, e logo depois nos despedimos. Subi na moto e vim direto para a empresa, onde estou neste exato momento, divagando com as lembranças, ao invés de me concentrar no trabalho.

Sento-me na cadeira do café de frente para Samara, admirando-a não só pela beleza, mas também pela mulher incrível que é. Sinto vontade de me dar umas porradas por estar aqui fazendo exatamente o que eu disse que não ia mais fazer, aproximando-me dela.

Eu acho que, ao final das contas, eu curto uma tortura, só pode!

Encontramo-nos na reunião do cliente cujo projeto foi feito pela Karamanlis, a obra realizada pela Novak e a parte arquitetônica e decorativa com a Schneider. Eu não imaginava que Samara tinha voltado a trabalhar no Brasil e me questiono

sobre o que isso significa.

Ela não vai mais voltar para a Espanha? Se não, isso significa que o noivado azedou?

Qualquer que seja a explicação, o fato é que eu não tinha noção de que nos encontraríamos assim, depois de dias evitando me encontrar com ela. É claro que o desejo e a porra do tesão voltaram com tudo! Fiquei excitado, tentando controlar meu pau para que eu não ficasse com a "barraca armada" no meio de uma reunião importante, parecendo um tarado.

Samara estava com um vestido azul-marinho, sóbrio e comportado, os cabelos sem os cachos e cortados de uma forma diferente do que eu me lembrava que ela usava. Elogiei-a, e o clima ficou estranho na hora. Não estranho de modo ruim, pelo contrário, a atração entre nós era quase visível dentro da sala de reuniões. Ela ficou sem jeito e logo se fechou, voltando a trabalhar em seu computador, então, como um desesperado por atenção, por ter mais dela, falei a primeira coisa que me veio à cabeça:

— Recebi uma pista sobre minha mãe.

Esse foi o pontapé inicial para que ela voltasse a ser a Samara que sempre conheci, a amiga de todas as horas, e o motivo de eu estar aqui com ela. Sobre a atração, ela continua, está aqui de modo palpável, pairando sobre nós, entre olhares e sorrisos, mas controlada pelo assunto que ela sabe que é tão importante para mim.

— Quando vamos até lá? — pergunta-me assim que nosso café *espresso* é deixado sobre a mesa de madeira.

— O local é perigoso, está fechado há muitos anos, sem nenhuma manutenção. Não sei o que tem dentro, então acho melhor eu ir primeiro e...

— Não! — Ela põe a mão sobre a minha, e uma descarga elétrica percorre meu braço e, com certeza, o dela também, pois logo a tira. — Eu quero estar com você nesse momento.

— Samara...

— Alexios, eu te conheço bem, imagino o quanto isso tudo está mexendo contigo e como mexerá depois.

Concordo, mas ainda assim não acho boa ideia.

— Você não pode ser minha tábua de salvação sempre, Samara.

A expressão dela não esconde a tristeza por me ouvir falar isso. Tenho certeza de que se lembrou do momento em que, drogado e bêbado, depois de ter sido espancado mais uma vez, abracei-a com força e disse que ela era minha tábua de salvação.

Eu queria me matar, usei tanta porcaria que, sinceramente, não entendo por que não tive uma overdose, mas então ela me achou, no esconderijo de sempre – o fosso do elevador – e chorou ao meu lado, dizendo o quanto eu importava para ela e para Kyra.

— Você não precisa mais de uma tábua de salvação, Alexios, precisa de uma amiga.

Meu coração dispara, meu corpo reage à presença dela, à sua voz, e, sem conseguir mais refrear minha vontade, seguro a mão dela e a encaro sem deixar dúvidas do que quero.

— Não, eu preciso de você!

16

Samara

— Não, eu preciso de você! — a voz de Alexios somada ao toque em minha mão, o leve roçar de seus dedos em meu punho me fazem perder o ar. É loucura isso, eu sei. Já tomei minha decisão sobre não mais fantasiar ou mesmo querer Alexios, mas como convencer meu corpo a respeitar essa resolução?

Puxo a mão o mais rápido que posso e deixo de encará-lo.

— Eu sempre estarei ao seu lado como amiga, Alexios, como fui todos esses anos.

Ele pigarreia, respira fundo e diz:

— Eu sei e agradeço. — Encaro-o, porque ele nunca foi alguém grato por nada ou a alguém. — Fiquei surpreso por saber que você está prestando serviços para a empresa da sua família — ele muda de assunto, e me sinto aliviada.

— Sim, Daniel me convidou para fazer esse projeto, então, como vou ficar um tempo ainda no Brasil, aceitei.

Alexios considera minha resposta por um tempo.

— Como está sua mãe?

— Melhor, mas o novo ciclo de quimio vai começar e, caso não dê resultados melhores do que o primeiro, ela terá que fazer radioterapia, então vou ficar no

Brasil até que ela esteja bem, e o câncer, em remissão.

— E o espanhol?

Hein?! Tenho vontade de rir ao ouvi-lo se referir a Diego pela nacionalidade dele.

— O que tem o Diego?

— Ele ainda vai ficar por aqui?

Franzo a testa.

— Mais alguns dias, por quê? — decido provocá-lo para ver até onde vai. — Quer conhecê-lo?

Alexios me encara surpreso, mas depois sua expressão muda, e eu sei que me dei mal na história. Nunca fui páreo para ele com as provocações, e sua *devil face* é indício suficiente de que comprou minha ideia.

— Claro! — o irritante responde. — Que tal um japonês lá em casa qualquer dia? Você pode subir com ele e...

— Alexios! — Começo a rir nervosa. — Você não quer mesmo conhecer o *espanhol!*

— Quero, sim! — retruca. — Você é minha amiga, então quero saber se ele presta. Vamos combinar que você nunca foi boa em escolher namorados.

Arregalo os olhos.

— O quê?

Gargalho, achando-o completamente louco! Alexios nunca pareceu se importar – ou mesmo perceber – com meus namorados. Nunca emitiu nenhuma opinião sobre eles ou mesmo quis conhecê-los. Por que isso agora?

— Se lembra do Alberto? — Alexios ri. — Péssima escolha!

Estremeço só em lembrar, pois, além de ter sido um péssimo namorado, foi uma péssima experiência sexual em todos os sentidos. Eu era ingênua, apaixonada e me sentia desprezada, então, quando Alberto apareceu e jogou charme, logo embarquei no namoro com o firme propósito de esquecer Alexios. Ele era mais velho, descolado, lembrava um pouco o jeito do meu amigo rebelde, então achei que pudesse substituir o dono dos meus sonhos. *Ledo engano!* Em menos de um mês percebi que não tínhamos nada a ver e que, mesmo sendo *rebelde* como Alexios, ele não tinha as outras características que me faziam amar meu amigo.

— Não tenho mais 18 anos, Alexios — respondo-lhe sem brincar.

Ele fica sério.

— Não, não tem. — Suspira. — Então você vai voltar para a Espanha quando o tratamento de sua mãe acabar. Será definitivo?

Essa é a pergunta que eu me fiz ao longo desses meses que estou no Brasil, mas agora não titubeio ao respondê-la, mesmo que ele não saiba que pretendo voltar para lá *sozinha.*

— Sim.

Alexios assente.

— Vamos sentir sua falta, Kyra e eu, mas fico feliz se você estiver.

Sorrio, o coração disparado, a boca seca e os olhos ardendo com vontade de derramar lágrimas. Controlo-me. Tomei minha decisão, ela é a melhor. Mesmo que me parta o coração pensar em estar longe, sei que é a escolha sensata.

— Eu vou ser — respondo sem olhá-lo.

Daniel disse que o casamento ia ser uma data como qualquer outra, que ele e Bianca iriam apenas passar pelo cartório, assinar a papelada e fim, mas, ao que parece, ele não conhece a mãe que tem.

Sorrio ao ver a movimentação na mansão, onde Cida coordena um pequeno grupo para deixar o almoço ao ar livre perfeito.

Sem Daniel fazer ideia, mamãe chamou alguns parentes mais próximos e amigos – 20 pessoas no total – para dividir esse momento conosco. Kyra ficou incumbida, em cima da hora, de fazer a decoração da mesa do almoço e fez um trabalho incrível, não só na decoração, como também na entrega dos doces e do bolo.

Eu gostei da ideia da tenda no gramado, a mesa enorme, com toalhas de linho, louças e cristais finos, e a as flores, muitas e muitas flores. A mesa do bolo ficou uma perfeição à parte. Kyra pendurou com cordas alguns pequenos apoios de madeira, onde colocou doces, flores e velas, e, no maior, no centro, o bolo de três andares, todo branco e decorado com flores de açúcar.

Nunca vi nada tão lindo e original, pois não ficaram enfileirados um ao lado do outro, o que conferiu movimento, mesmo com os “balanços” parados.

Ontem, no chá promovido pela minha cunhada como despedida de solteira, tomei conhecimento de que ela irá vestir um tailleur de saia na cor creme e que meu irmão usará um terno escuro tradicional. Mamãe, claro, não gostou nada da ideia, queria os dois de branco, como é costume entre os judeus. Contudo, como os noivos quiseram uma cerimônia laica, ela não insistiu na tradição.

— Bianca não é judia, temos que respeitar — ela disse quando chegamos juntas à casa e nos encontramos com Diego. — Mas, quando Samara for subir ao

altar, vamos seguir todos os ritos.

— Será um prazer — Diego respondeu e me olhou de uma forma que me senti pressionada a, querendo ele ou não, encerrar esse assunto de vez.

Depois do casamento do meu irmão!, penso resolvida. *Essa situação não pode passar desse dia!* Ele ficará mais alguns dias aqui, pela sua programação, mas não posso aceitá-lo em meu apartamento se ele não entender de uma vez por todas que nosso relacionamento amoroso acabou e que somos apenas amigos.

— Os convidados estão chegando, e não deve demorar para os noivos chegarem — mamãe avisa e se posiciona ao lado do papai para receber os primeiros convidados.

— Sua mãe está uma pilha, e ela não deveria — Kyra comenta comigo. — Achei que você seria testemunha do casamento.

Nego.

— A irmã da Bianca é quem vai ser, e o Daniel convidou seu primo Millos para ser o *best man* dele.

A informação surpreende Kyra tanto quanto me surpreendeu.

— Millos padrinho de casamento? — Ela ri. — Essa é nova!

Dou de ombros e, aproveitando que ainda estamos sozinhas, pois Diego está conversando com meu pai em algum lugar, pergunto:

— Alexios comentou contigo sobre a pista que recebeu?

Kyra suspira e assente.

— Estou preocupada com isso — confessa-me. — Você lembra tão bem quanto eu como ele ficava com essa história de procurar sua mãe biológica. Não sei se quero vê-lo mergulhado nessa procura sem fim de novo.

— Eu também me preocupei, por isso me ofereci a ajudá-lo.

Kyra tenta conter o sorriso, mas não consegue.

— Obrigada por isso, Malinha. Fico muito feliz em saber que vocês se acertaram e que voltaram a ser como antes.

Forço um sorriso e concordo, mas não consigo emitir nenhum som tamanho o nó em minha garganta. Eu tenho consciência de que as coisas mudaram entre nós, nada está como antes. Nós não tínhamos essa energia sexual; embora eu sempre tenha me sentido atraída e apaixonada, Alexios nunca correspondeu a nada disso. Agora sinto que ele me quer tanto quanto eu sempre o quis, e isso, além de ser muito confuso, é um ponto de tensão que não tínhamos antes.

— Espero não dar azar ao Dani — Kyra sussurra de repente.

— Para com essa história, que coisa! — repreendo-a. — Você é sempre muito supersticiosa, depois diz que não acredita em nada.

— Não acredito em religião, mas em carma, não tenho nenhuma dúvida. — Ri. — Não gosto de fazer casamentos de amigos, você sabe.

— Besteira!

Paramos de conversar, pois ela tem que ir resolver algo com o manobrista a serviço de sua empresa de eventos.

— O que acha de casarmos *en* Brasil? — Diego me indaga em certo momento, e eu fico tensa. *Como é possível que ele ainda não tenha entendido?!* — Gosto desse jeito que *su mamá* organizou tudo.

— Diego, nós já conversamos sobre nós. Somos apenas amigos, o namoro acabou.

Ele nega.

— Necessito *una* segunda chance para provar que não acabou.

Respiro fundo e não respondo, pensando seriamente em ser dura com ele, dizer que eu amo outra pessoa e que, por isso, não posso amá-lo.

Não sou assim! Não posso feri-lo dessa forma!, penso e pego rapidamente uma taça de champanhe que os garçons começaram a distribuir para os convidados em sinal de que os noivos já estavam chegando, para tentar engolir essa situação.

Não demora muito mais, e todos levantamos as taças em um brinde quando Bianca e Daniel aparecem. Meu irmão não esconde seu assombro, mas Bianca parece exultante ao seu lado. Ela cumprimenta a todos depois de mamãe ter lhe oferecido um chapéu com um pequeno tule sobre a testa e um buquê de orquídeas brancas.

— Ela conseguiu transformá-la em uma noiva! — Kyra comenta enquanto passa por mim, e eu rio.

Abraço Daniel quando ele chega até onde estou.

— Que porra toda é essa? — sussurra em meu ouvido.

— Seu casamento — digo o óbvio.

— Não, é a teimosia da sua mãe!

Gargalho e o encaro.

— Agora é a *minha mãe*, não é? — Dou um tapa de leve em seu ombro. — Relaxa e curte, poderia ser pior.

— Não, não poderia. — Ele olha para os convidados. — Que merda!

Diego o cumprimenta, e ele volta a fingir que está feliz. Sinceramente, não entendo o que está rolando com meu irmão, o motivo pelo qual insistiu nessa união, sendo que parece repeli-la a todo tempo.

Eu nunca iria querer isso para mim e nem para Diego, não é justo fazer algo

sem estar feliz! Esse pensamento reforça minha resolução de ficar sozinha até que eu realmente seja capaz de amar outra pessoa de verdade. Só vou entrar em outro relacionamento quando me sentir pronta para viver a relação por inteiro.

— Parabéns! — cumprimento minha cunhada.

— Obrigada, Samara. — Ela sorri cortês, porém fria como sempre foi comigo. — Essa é minha irmã, Chiara.

A bela e miúda loira sorri para mim e me abraça calorosamente. Eu nunca tive contato com os familiares de Bianca, mesmo ela estando com meu irmão há mais de uma década. Conheci a mãe dela enquanto era viva, mas nunca tinha visto o pai, nem a irmã, pois ambos moram fora do país.

— Seja bem-vinda! — cumprimento-a.

— Obrigada! Está tudo tão perfeito e carinhoso! — Os olhos dela se enchem de lágrimas. — Tenho certeza de que mamãe adoraria.

Bianca segue para cumprimentar o próximo convidado e a arrasta junto.

— Tão doce, a pequena Chiara — meu pai comenta. — Tão diferente da irmã. — O velho debochado ri. — Eu me lembro dela pequena no funeral da mãe.

Franzo o cenho, não me recordando de tê-la visto. Não penso muito mais no assunto, sigo para a mesa, onde mamãe faz um discurso e depois praticamente obriga Daniel a fazer o mesmo.

O almoço começa a ser servido, e, em algum momento, acabo trocando olhares com Millos Karamanlis, que acena com a cabeça. Os olhos dele, tão parecidos com os de Alexios, fazem-me pensar na ironia da situação, pois, embora o primo, que toda a minha família conhece há uns 10 anos, possa estar aqui, Alexios, que foi nascido e criado conosco, não pode.

Engulo o champanhe como se fosse feito de água suja ao perceber mais uma vez que ele nunca seria aceito.

Compatíveis!, a palavra odiosa que ele usou martela minha mente, e eu olho de esguelha para meu companheiro de mesa, Diego, alguém que acabaram de conhecer, mas que todos estão tratando como nunca o fizeram com Alexios.

Será que, em algum momento, essa resistência da minha família contribuiu para que Alexios se mantivesse distante de mim? *Não!*, rejeito a ideia. Ele nunca foi do tipo que liga para opiniões alheias, então é claro que isso não contribuiu, ele apenas nunca me quis.

Até agora!

Suspiro e fecho os olhos, tentando entender o que mudou. Uma ideia se forma. Tento não dar ouvidos a ela, mas é mais forte do que eu. Será que meu

suposto compromisso teve algo a ver com a repentina atração de Alexios? Arregalo os olhos e fito meu prato rapidamente, tentando disfarçar meu espanto com a possibilidade.

Claro! Como não pensei nisso antes?

Alexios sempre foi um competidor nato, sempre odiou perder, então, saber que eu estava *noiva* pode ter despertado algum gatilho nele que o fez imaginar que me queria.

Só pode ser isso! Então, quando ele souber que eu não irei me casar, tudo voltará ao normal!

17

Alexios

Pensar em Samara está me causando calos nas mãos e me fazendo parecer um adolescente viciado em punheta novamente. No começo, eu me sentia constrangido por estar usando a imagem dela como inspiração, mas agora já estou tão acostumado a essa rotina que, mesmo tendo trepado, preciso expurgar o tesão que sinto por ela, e essa, no momento, é a única forma plausível.

Ela me provocou, durante o café que tomamos juntos, com a possibilidade de conhecer o espanhol, e eu, corroendo-me de ciúmes por ele poder tocá-la como eu mesmo queria fazer, caí na esparrela e ainda sugeri um encontro.

Idiotice!, penso ao terminar de me vestir para me encontrar com eles em um restaurante japonês no bairro da Liberdade. Não esperava que Kyra fosse encabeçar um encontro entre nós todos, mas, pelo que ela deixou a entender, eu *preciso* conhecer o tal noivo. Sinceramente não entendi isso, mas, como a curiosidade está me roendo, aceitei.

— Você vai sozinho? — Kyra questionou-me quando me ligou mais cedo.

— Não, vou com você.

Ela riu.

— Eu vou com alguém, Alexios.

Puta que pariu!, pensei, totalmente sem saco para atuar como *castiçal* para

dois casais. Foi então que me encontrei com Laura no elevador e a convidei para jantar.

Idiotice ao quadrado!

Nunca misturei as mulheres que como com meus familiares. Já saí com amigos, já peguei alguém enquanto estava com eles, mas com Kyra será a primeira vez. Tento justificar minha ação alegando que não dá para ir sozinho, como um *mané* qualquer.

Ter Laura à mesa será como ter um escudo, essa é a vantagem. Eu não ficarei o tempo todo com uma ereção enquanto a mulher que provoca essa reação no meu pau estará feliz e contente ao lado do noivo.

Rio da situação clichê e degradante. *Estou fodido!*

Saio do Castellani de moto, levando um capacete extra para minha companhia, o som no fone de ouvido tocando um rock nacional que sempre prefiro ouvir quando ando de moto.

Chicão sempre me critica por escutar música alta pilotando, pois diz que distrai a atenção, mas eu não penso assim, continuo focado na via mesmo tendo o som maluco do QR-1 estourando meus tímpanos.

Meu amigo foi embora para mais uma de suas andanças. Tentei descobrir para onde iria, mas, como sempre, ele se esquivou e apenas disse que não tinha rumo, que apenas precisava ir, mas que em breve estaria de volta para treinar comigo para o Rally dos Sertões. Quando acordei, ele já tinha juntado as suas trouxas e partido.

Paro em frente ao prédio onde Laura mora e admiro o quanto ela é bonita e seu bom gosto para se vestir. Sem tirar meu capacete, entrego o outro para ela e continuo o percurso até o bairro da Liberdade.

Estaciono a moto me sentindo mais tenso que o natural, não só por estar acompanhado, mas por saber que a mulher que tem mexido com meu tesão se encontra dentro do restaurante com o homem que a levará para longe para sempre.

— Tudo bem? — Laura pergunta-me quando me abraça pelo pescoço e me beija.

— Maravilhoso!

Entramos juntos no restaurante, porém sem encostarmos um no outro, e a primeira coisa que enxergo são os cabelos encaracolados de Samara, o jeito que eu mais gosto de vê-los. Logo meu olhar é direcionado para o homem ao lado dela, sorrindo e falando algo com Kyra e sua companhia.

— Boa noite! — cumprimento a todos. — Essa é a Laura.

Samara parece surpresa por eu estar acompanhado, mas logo abre um sorriso e se põe de pé junto aos demais para nos cumprimentar.

— Diego, esse é meu amigo de infância, irmão de Kyra, Alexios Karamanlis. — Ela me olha. — Esse é o Diego, Alex.

— O noivo! — completo ao cumprimentá-lo, e Samara arregala os olhos.

— *O amigo!* — ele retorna a saudação com seu forte sotaque.

O clima fica estranho, então minha irmã intervém.

— Alex, esse é o Patrick. Ele é americano, mas trabalha aqui no Brasil em uma empresa de publicidade. — Aceno com a cabeça para a companhia dela. — Esse é meu irmão Alexios.

— Prazer!

Seguro o riso por causa da mistura de sotaques e me pergunto se estou em alguma reunião da ONU. *Porra, se eu soubesse, teria trazido alguma italiana ou asiática!* Samara me encara de um jeito estranho e depois ri, deixando claro que sabe exatamente o que pensei.

A filha da mãe me conhece bem demais, e isso é um perigo!

Sento-me ao lado do espanhol, e Laura fica entre mim e o americano. Faço meu pedido, e ela, o dela, mas comemos algumas peças da enorme barca que os dois casais que chegaram mais cedo já estão degustando.

— Achei que você não vinha mais, Alex — Kyra puxa assunto.

— Eu também — é Laura quem responde. — Mas ele sempre faz isso, marca um horário e aparece bem depois. — Sorri para mim, toda cúmplice. — Ainda bem que isso não se aplica aos seus compromissos de trabalho.

Dou uma olhada rápida na direção de Samara e a pego me encarando com os olhos levemente apertados.

— Você trabalha na K-Eng? — Kyra é quem indaga novamente.

— Não, na Karamanlis.

Minha irmã me dá um olhar enviesado, do tipo que sempre recebo quando estou fazendo merda. *Porra, eu sei!*

— O que é a *Karamanlis?* — Diego pergunta, e eu, resumidamente, porque não tenho saco para isso, explico sobre a empresa da família.

Depois disso, talvez impulsionado pelo assunto sobre trabalho, ele começa a falar do Real Madrid sem parar e da decepção que foi a campanha do time no começo deste ano.

Interesso-me um caralho por futebol, então, enquanto ele fala do seu importante trabalho pela Europa seguindo o time milionário de perto, não consigo desviar os olhos de Samara, nem mesmo com meu escudo ao lado. Ela

levanta uma de suas negras sobrancelhas e desvia os olhos na direção de Laura, questionando-me silenciosamente sobre ela.

Dou de ombros e sorrio safado, fazendo-a entender qual é o nível de entendimento que eu tenho com minha companheira. Samara fica séria e se concentra na falação do *noivo*.

Noto que nenhum dos dois usa anel e fico pensando em que tipo de noivado desprendido é esse que eles têm. Geralmente quem firma um compromisso desse porte gosta de exibir a situação.

Não sei exatamente o que deixei transparecer, mas, em certo momento, tomei um bicudo na canela e tenho certeza de que a agressão veio da minha irmãzinha. Fico sério, mas a danada abre um sorriso na direção do espanhol como se não tivesse quase quebrado minha tíbia.

Samara de repente se levanta.

— Com licença, vou ao toilette.

Kyra se ergue em seguida.

— Te acompanho. — E olha para Laura. — Você quer vir conosco?

Minha companhia abre um enorme sorriso.

— Claro!

Elas saem da mesa e me deixam a sós com um maldito americano que nunca vi na vida e um espanhol arrogante que faz meu punho travar ao olhar sua fuça comprida e fina.

— Eu gosto de moto também — Diego começa o assunto ao apontar para minha jaqueta de couro e adivinhar meu meio de transporte. — Tenho uma Harley Road King.

— Um clássico! — o americano diz empolgado.

Minha cara não disfarça meu tédio com relação ao assunto de suas motos *policiais*, já que esse é um dos modelos mais usados pela polícia americana, como vemos nos enlatados americanos.

— Prefiro as italianas. Tenho alguns modelos da Ducati.

O espanhol não parece intimidado.

— Não *me gusta* correr — ele explica. — Aprecio *hacer* as *cosas* lenta *y* cuidadosamente. Aprendi a ser paciente com a maturidade, *así que* quando *usted* estiver mais maduro perderá essa... — Diego parece procurar a palavra — *prisa*[18].

Uau! Estamos trocando farpas? Daqui a pouco mediremos os paus para saber quem tem a maior piroca da mesa e assim validar nossas masculinidades. *Tédio!*

— Não é uma questão de pressa, é saber dar à máquina aquilo que ela pede.

Não é porque ela pode andar a 180 km por hora que eu preciso estar sempre correndo, mas entender que ela pode chegar a isso e saber fazê-la chegar lá é o que difere um verdadeiro piloto de um amador.

O americano, sentindo que estamos falando mais do que de motos, intromete-se na discussão e começa a falar de vários modelos de motos e de campeonatos de corrida. O assunto me interessa – ou talvez eu queira só isolar o boçal hispânico da conversa –, e entro de cabeça.

Ficamos tão entretidos que nem percebemos – na verdade eu finjo não perceber – quando Diego sai da mesa.

— Ué, cadê o espanhol bonitão da Samara? — Kyra pergunta quando elas retornam do banheiro.

Apenas dou de ombros.

— Nem vi que tinha saído! — Sorrio sarcástico, e Samara levanta a sobrancelha.

— Demoramos muito? — Laura inquire, abraçando-me pelo pescoço e me dando um selinho. — Adorei a companhia das meninas, obrigada por ter me convidado.

Fico sem saber o que responder, então lhe dou meu melhor sorriso angelical.

— Laura nos contou que vocês estão juntos há alguns meses já. Confesso que fiquei surpresa, pois nunca soube de um relacionamento seu que fosse tão longe — Kyra comenta, e eu imediatamente desvio os olhos para Samara, tentando avaliar sua reação ao que minha irmã acabou de dizer. *Nada!* Ela sorri para Laura como se aprovasse nosso *relacionamento*, o que me deixa confuso, pois não esperava essa reação.

Será que ela está mesmo feliz com o espanhol?

— Isso é bom, não é, *cunhadinha*? — Laura diz animada.

Meu, tenho vontade de dar um tapa na minha própria testa ao ouvir isso. Que porra é essa de ela dizer que estamos *juntos* há meses? Nós trepamos algumas vezes ao longo de uns poucos meses, não há relacionamento nenhum, e eu sempre deixei isso muito claro para Laura.

— Ô, que evolução, cunhadinha! — Kyra dispara seu sarcasmo e me encara com sua sobrancelha erguida, em clara mensagem de que estou fazendo merda.

O nosso pedido chega, e, enquanto Laura devora seu kone, eu aproveito para analisar a expressão de Samara. *Nada boa!* Minha amiga não me olha, concentrada em um sashimi que eu devoraria em uma só mordida, mas que ela está levando um tempão para comer.

Tenho vontade de falar para ela que não há relacionamento, que Laura e eu

só trepamos, mas então paro e me questiono o motivo pelo qual quero me justificar para ela. Samara não tem nada a ver com minha vida privada, com quem eu trepo ou deixo de trepar. Além disso, não sou eu quem está *noivo!*

Diego volta, e o cheiro de cigarro deixa evidente o que o espanhol foi fazer. Franzo a testa, confuso, pois sei bem que Samara sempre detestou esse vício e ficava me enchendo o saco – isso quando não escondia meus maços de cigarro – quando eu comecei a fumar.

Parei por causa dela, quando percebi que isso a deixava incomodada e com os olhos ardendo. Sorrio com a lembrança do quanto ela comemorou quando eu disse que fumar estava fora de moda e que iria parar por isso. Nunca admiti que foi por causa dela. Na verdade, nunca percebi o tanto que Samara foi decisiva em alguns pontos importantes da minha vida. Sempre foi tão natural contar com o apoio e a opinião dela que eu lhe agradava com a mesma naturalidade. Nunca me senti obrigado a nada, pressionado, apenas fazia o que a deixava mais feliz.

Encaro-a por um longo momento, questionando-me isso novamente: ela está feliz? Eu sei que disse que o espanhol poderia ser compatível com ela, mas, conhecendo-o agora, não acho que esse homem seja o certo.

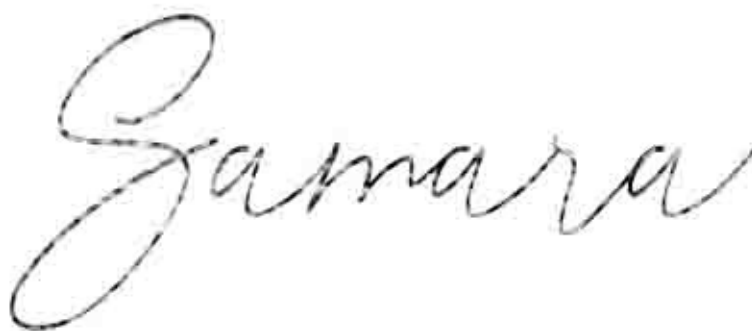
Olho para minha irmã, lembro-me das palavras dela sobre ele ser o responsável por levá-la para longe de nós, e uma ideia surge.

É perigosa.

É idiotice.

É deliciosamente perversa e junta a fome com a vontade de comer.

Pode ser apenas uma desculpa para eu dar vazão a todo o tesão que tenho sentido por minha amiga desde que ela retornou e pode também ser um tiro no pé, principalmente se Samara se apegar a mim mais do que deve. Contudo, acho válido o empenho em ser... paro para pensar em uma expressão que defina o papel que pretendo desempenhar.

Um rito de passagem? Sim, pode ser isso! Serei um rito de passagem, entre esse *embuste* – como diria meu amigo Chicão – e o homem certo para que ela se case. Definitivamente, esse espanhol arrogante não merece estar ao lado de uma mulher incrível como a Samara, e, se ela não enxerga isso sozinha, talvez precise de um empurrãozinho e uma distração.

Sou uma boa distração, e é hora de tirar o espanhol da jogada!

Nunca me senti tão perverso quanto agora, voltando, depois de anos, a fazer jus ao apelido de *anjo mau* que já me impuseram uma vez.

Pego minha cerveja e a levanto em um brinde, fazendo Kyra e Samara estranharem o gesto inesperado, e sorrio maléfico para Diego, pensando que os

dias dele estão contados aqui conosco.

Hasta la vista, baby!

18

Samara

Ciúmes! Eu estou sentindo ciúmes de Alexios!

Eu nunca o vi assumir nenhum relacionamento, a não ser os de amizade, e mesmo esses apenas comigo e com o Francisco. Então vê-lo com uma mulher – uma bela mulher, diga-se de passagem – a tiracolo e saber que os dois têm saído juntos há meses é, no mínimo, desconcertante.

Não, não estou desconsertada, mas, sim, enciumada! *Merda!* Não sei onde estava com a cabeça quando aceitei essa ideia maluca da Kyra de sairmos juntos.

O almoço do casamento ontem na casa dos meus pais impossibilitou a conversa, porque Diego bebeu demais – coisa que eu nunca o tinha visto fazer –, e, quando voltamos para o meu apartamento, ele não tinha condição alguma de conversar.

Então, hoje de manhã, Kyra nos convidou para essa noite de comida japonesa. Tentei negar, mas ela alegou que era uma comemoração pelo transplante de medula que fez para a sobrinha e que precisava sair um pouco com os amigos.

Aceitei, claro, e não tive como não estender o convite a Diego, afinal, ele estava perto quando conversamos por telefone.

Suspiro e olho mais uma vez para o casal à minha frente. A garota cheia de

vida, falante e sorridente toca e beija Alexios com uma intimidade que é estarrecedora. Confesso que fico dividida entre estar feliz com o fato de ele estar se abrindo e o despeito por eu mesma nunca ter conseguido atingi-lo dessa forma.

— Samara, não quer ir embora? — a voz de Diego faz com que eu desvie os olhos do novo casal e o encare. Suspiro e concordo.

— Sim, estou cansada.

Ele assente, afinal, fiquei o dia todo na empresa resolvendo assuntos que nem conhecia direito, auxiliando o substituto de Daniel, que está em uma curta lua de mel.

Esse é outro assunto que tem me feito pensar bastante: o casamento de meu irmão. Ele estava tão estranho durante a festa que eu não conseguia parar de encará-lo. Vi como estava impaciente, como tentava parecer relaxado e curtir a ocasião, porém sem conseguir deixar de ter uma ruga de preocupação em sua testa.

Mais tarde, depois que todos foram embora, estávamos Kyra e eu juntas numa mesa enquanto tudo era desmontado, e eu não resisti a desabafar com ela.

— Dani está estranho.

— Quando é que ele não foi? — ela ironizou, e eu a fuzilei com o olhar. — Mas concordo, ele estava *mais* estranho do que o normal.

— Sério, Kyra, deixe suas rusguinhas de lado e tente parecer preocupada com meu irmão pelo menos uma vez!

Ela fez careta, tomou o resto do champanhe e fingiu me dar atenção. Eu admito que Daniel nunca teve paciência alguma com ela, mas também não o crucifico por isso, porque, mesmo sendo amiga e a amando como se fosse minha irmã também, Kyra teve uma fase do cão na adolescência. De repente a garota calada, magrela e bocuda se transformou em um mulherão que fazia os homens todos babarem, mas tinha um gênio do capeta. Enquanto ela foi uma menininha tímida e calada, Daniel a tratava bem, mas, depois que ela passou a perceber o quanto era bonita e o quanto isso lhe dava poder com os caras, ele passou a evitá-la e a condená-la por isso.

Meu irmão é muito tradicional!

— Daniel David é um chato! — Kyra rebateu meus pensamentos. — Eu tenho pena de Bianca por tê-lo que suportar agora na mesma casa.

— Kyra...

— Eu sei, eu sei — ela me interrompeu —, ele é um ótimo irmão, admito, mas ainda assim é entediante. — Kyra se aproximou de mim e sussurrou: —

Daniel deve trepar de meias e com gel no cabelo para não desarrumar os fios.

Não resisti e gargalhei com a visão que se formou em minha mente. Sim, era bem a cara do Dani o que ela acabava de descrever.

— Seu primo não o acha entediante...

Kyra ficou séria.

— Millos tem um lado sério e certinho como o do Daniel, pelo menos ele se força a ter — não entendi bem o que ela quis dizer com isso, mas concordei. — Teve uma época que eu achei que ele fosse gay e não quisesse assumir por causa do *pappoús.*

Quase me engasguei com a bebida que tinha acabado de colocar na boca.

— Millos gay? Será?

Ela deu de ombros.

— Bom, desconfiei uma vez do Dani também... — Kyra abriu um sorriso malicioso. — Tudo o que eu fazia que excitava os caras parecia não funcionar com ele...

— Você tentou seduzir o meu irmão?! — foi realmente uma surpresa enorme saber daquilo.

Ela deu de ombros novamente.

— Eu estava sem controle naquela época, você sabe, então...

Comecei a rir imaginando os dois juntos. *Sem chance!*

— Ainda bem que não rolou nada! Já pensou agora você fazendo o casamento dele com outra? Ia ser constrangedor.

— E ia parecer vingança quando os dois se separassem. — Ela ergueu uma de suas sobrancelhas maldosas.

— Para com essa merda! Isso é coisa da sua cabeça, esqueça!

Kyra virou o resto do champanhe e se levantou para ajudar sua equipe, que trabalhava desmontando as coisas da festa.

— Depois não diga que não avisei!

Fiquei por um bom tempo sentada sozinha à mesa, pensando na conversa, analisando todos os fatos sobre o nosso passado, sobre o que a Cida disse em um dos nossos desjejum juntos, e meu coração se apertou ao imaginar que Dani pudesse ser gay e estivesse se casando só para manter as aparências. Isso seria muito triste se fosse verdade! Ninguém deveria se obrigar a viver uma vida de mentira, ser e fazer infeliz no percurso.

Eu espero que não seja esse o caso, porque me dói pensar que ele esteja se reprimindo para se encaixar em um molde de “normalidade” que não existe. Eu quero que meu irmão seja feliz, e não o vi assim durante a cerimônia.

Algo de errado está acontecendo, e não saber, não ter a confiança dele para dividir comigo o que o está frustrando me deixa magoada.

— Samara está cansada... — Diego anuncia já se levantando, e eu tomo um susto com sua reação inesperada. — *Nosotros* vamos embora.

— Já tão cedo? — Laura pergunta com um biquinho. — Chegamos tão atrasados que nem pudemos conversar melhor.

— Aposto que não faltará ocasião, não é, Alex? — Kyra questiona, e, para quem não a conhece, pode parecer uma pergunta inocente, mas eu noto cada alfinetada que ela dá no irmão.

Encaro meu amigo e sinto o corpo todo arrepiar ao chocar meu olhar com o dele. Uma energia forte, como aquela da noite em que ele me beijou e tocou minha pele nua, percorre-me de cima até embaixo, concentrando-se no meio das minhas coxas.

Ele está sério, um tanto incomodado, seus olhos parecem arder com algum propósito, como sempre ficam quando ele cisma com algo.

Diego pigarreia, e eu desvio a atenção.

— Vamos *ahora!* — Diego sai praticamente me arrastando do restaurante, e sinto um arrepio cruzar meu corpo, pois nunca o vi desse jeito.

— O que aconteceu ali? — Diego indaga de repente.

Meu coração dispara, porque sei que ele está me questionando sobre Alexios e mim; não imaginava que ele tinha percebido qualquer coisa.

— Como assim?

Ele bufa de raiva e acende um cigarro. Eu achei que ele tivesse largado o vício há algum tempo, mas, como não quero enveredar sobre o assunto que ele começou neste momento, não emito nenhuma opinião sobre ele ter voltado a fumar.

Entramos no carro mudos, e eu dirijo até o Castellani sentindo o clima pesado no ar. Várias vezes o olho de esguelha e o noto olhando pela janela ou para o nada. Percebo que a situação já foi longe demais e que preciso fazê-lo entender que nós terminamos de uma vez por todas.

— Eu quero conversar com você sobre...

— *Yo sé*! — ele me corta, sua voz alta. — *Carajo*! — Encara-me. — *No puedo creer que quieras dejarme por ese estúpido hijo de puta!*

— Diego, não estou te deixando por ninguém...

— *No! No soy ciego!* — Ele balança a cabeça enfaticamente. — *Hablamos sobre todo* das nossas vidas, *pero* nunca tivemos *una sola* palavra acerca de Alexios Karamanlis!

— Não tem a ver com ele. — Pego suas mãos. — De verdade! Eu só percebi que não é justo eu dar a você menos do que merece.

— *Siempre quise ser el dueño del brillo en sus ojos, pero hoy descubrí que ya le pertenece a alguien. Lástima, te darás cuenta de que ese mocoso arrogante nunca lo mereció.*[19]

Não consigo articular uma só palavra para responder a isso e o vejo sair do carro e andar pela garagem em direção ao elevador sem poder me mover. Sabia que nosso término não seria fácil, que iria doer, pois somos amigos, e eu tenho um carinho enorme por ele, mas nunca pensei que, além da mágoa, haveria tanta raiva.

A decisão de não dar prosseguimento ao relacionamento nada teve a ver com Alexios. Claro que o fato de eu ainda ser apaixonada por ele contribuiu para que eu enxergasse que não quero para Diego o que não quero para mim. Ele merece mais! Merece ser amado completamente, e eu, no momento, ainda não posso lhe dar essa entrega. Contudo, preciso fazê-lo entender que não terminei com ele por causa de quem quer que seja.

Pelo contrário! A decisão é sobre mim, sobre tomar de volta o controle da minha vida, independentemente de um homem. Fiz muitas coisas movida pela frustração de não ser correspondida por quem eu amava e agora percebo que não fiz a mais importante: me amar.

Diego não conseguirá entender isso, tenho certeza, mas não posso permitir que ele pense que está sendo trocado por outro, porque isso não é verdade.

Saio correndo do carro, entro no elevador de serviço e invado meu apartamento, estancando ante a cena da mala aberta em cima da cama e de Diego dobrando suas camisas.

— Eu não estou trocando você por ninguém! — disparo.

Diego ri e dá de ombros.

— Negue o quanto quiser, *pero* sei que é mentira! Vi os olhares trocados, percebi o ciúme em cada palavra dele. *No soy um tonto e no seré um cornudo.*

Arregalo os olhos, e meu coração se aperta.

— Isso não aconteceu. Estou há dias tentando te convencer de que nosso relacionamento acabou e...

— *Para abrir las piernas para él?* — Diego se aproxima de mim, e, pela primeira vez desde que nos conhecemos, sinto medo. — *Me dijeron que no debía tomarme en serio a una brasileña, son buenos para follar, pero no valen la pena.*[20]

A ofensa me atinge como se fosse um soco na cara. Não fiz nada proposital,

não o enganei, pelo contrário, assim que percebi o que ainda sentia por Alexios, tentei ser sincera com ele, mesmo achando que não rolaria nada entre mim e meu amigo.

— Vá embora! — digo trêmula, entredentes.

— Já estava indo! — Ele pega a mala. — *No se preocupe,* vou tirar minhas coisas do seu apartamento em Madri e deixar *las llaves* com Gisele.

Concordo, pois minha vizinha já possui uma cópia das minhas chaves e não há problema em ficar com mais uma. Seco o rosto, coração moído, afinal estávamos juntos há mais de um ano, tinha-o como um amigo acima de tudo, e a forma com que terminamos tornou manter qualquer tipo de relação com Diego impossível para mim.

— Como ele teve coragem de te ofender assim?! Você deveria ter respondido que ele queria ser corno mesmo, se fingindo de surdo esse tempo todo! *Hijo de puta*! — Kyra dá um berro quando eu lhe conto o que houve.

— Eu nunca imaginei que terminaríamos assim... Só queria que ele tivesse mais do que eu poderia lhe dar.

Ela faz careta.

— Que porra de discurso altruísta é esse com aquele babaca? — Ela começa a rir. — Ele não merecia nem o pouco que você lhe deu e, amiga, depois da ofensa a todas nós, brasileiras, não merecia nem que você tivesse *dado* para ele! Esqueça a Espanha, Samara, seu lugar é aqui!

— Não, Kyra, o que ele disse não afeta minha ideia de voltar para Madri.

— O quê?! — Kyra desliga o som do carro, e eu a olho, aproveitando que parei em um farol. — Por que você quer morar longe da sua família e dos seus amigos? É pelo idiota do meu irmão?

— Não, não é — respondo com sinceridade. — Eu gosto de Madri, lá eu sou uma designer de interiores que trabalha para um enorme escritório de arquitetura, não a Samara Schneider, entende? Lá eu sou como você, cresci sozinha.

— E por que não pode fazer o mesmo aqui? A Karamanlis é na mesma cidade que a minha empresa! Isso é desculpa, Malinha*!*

Nego.

— Não, não é! Eu gosto de lá, gosto da liberdade que tenho, dos colegas de trabalho e...

— Foda-se tudo isso, eu não estou lá!

Tento ficar séria, mas não consigo. Abraço-a rapidamente, rindo, adorando tê-la ao meu lado. Kyra é como uma irmã, e eu a amo demais, mesmo quando é sem noção.

— Eu amo você, e isso não vai mudar com a distância. Já fiquei três anos longe e não deixei de te amar.

Ela bufa e me afasta.

— Eu sei que você não vai me esquecer, mas é que... — ela não completa a frase, mas eu sei o que quer dizer. Ela se sente sozinha, não confia em muitas pessoas, não tem muitos amigos.

Pego sua mão e a aperto sem tirar os olhos do trânsito.

— Você fez as pazes com o Theo, ganhou uma cunhada e uma sobrinha.

— E o Tim foi incrível comigo no dia em que nos encontramos.

Rio do apelido, não conseguindo mais ver o enorme Konstantinos Karamanlis como o desengonçado Tim.

— Viu só? Vocês vão ficar bem, voltar a ser uma família e...

— Eles não substituem você.

Sorrio largo, coração quentinho ao ouvir isso. Kyra não é de demonstrar sentimentos, de dizer o que sente, mas essa frase demonstra o quanto me ama também.

— Não quero ser substituída, não é preciso! Ter pessoas ao nosso lado é importante, e não tem quantidade de vagas a serem preenchidas. Podemos ser felizes com poucos e verdadeiros amigos, assim como com muitos deles.

Ela suspira e não responde.

Seguimos sem falar mais nada até o hospital onde ela veio para exames após a doação da medula para Tessa. Eu vim trazê-la e a busquei após o procedimento. Queria ter ficado ao seu lado também, mas ela me contou – com a voz cheia de felicidade – que seu irmão mais velho fazia questão de estar lá para segurar sua mão.

— Então é isso, chegamos! — Ela sorri nervosa. — Ando ansiosa para saber se o transplante deu certo.

— Tenho certeza de que deu e que em breve vamos ter essa garotinha correndo para lá e para cá.

— Eu sei, confio nisso. Tessa merece ter a infância que nos foi negada, merece ser feliz.

Meu coração se aperta.

— Você também merece ser, Kyra.

Ela me encara.

— Então fique!

Ai, merda, ela não joga para perder!, penso ao vê-la ir para o hospital, torcendo para que tudo dê certo, porque já chega de sofrimento para os Karamanlis.

19

Alexios

Ando de um lado para o outro dentro da sala de reuniões da K-Eng. Estou nervoso com toda essa situação da empresa, auditoria sobre a gestão de Theodoros, Millos como CEO interino, Kostas estranho de um jeito que nunca vi.

Está tudo tão confuso que parece que chegamos àquele ponto da vida que é uma espécie de divisor de águas. Algo me diz que nada mais voltará a ser como antes, e, posso estar sendo exagerado, mas sinto o vento de mudança chegando forte, passando por Theodoros agora. Eu só não sei quem será o próximo a senti-lo.

O celular vibra alto no tampo da mesa, e eu corro para ele.

"O exame mostrou que está tudo bem comigo, já me recuperando. O médico disse que esse cansaço é normal."

A mensagem de Kyra me faz sentar-me na cadeira, as pernas bambas e uma leve camada de suor gotejando em minha testa. Sei que tudo é simples, mas todos estamos colocando tanta expectativa sobre esse transplante que eu tenho

medo de algo dar errado, afinal, somos os Karamanlis.

“Alguma notícia sobre Tessa?”

Questiono-lhe, e ela logo retorna:

“Não, Theo já está aqui comigo agora. Eles ainda estão aguardando para ver o resultado, mas estão confiantes.”

Respiro fundo e tento não sentir ciúmes ou mesmo emitir qualquer opinião pessimista sobre meu irmão mais velho. Kyra foi a mais afetada de todos nós com o que Theodoros fez no passado, isso é inegável, e ela ter podido perdoá-lo demonstra seu amadurecimento.

Eu não sinto raiva do meu irmão, apenas não sinto nada por ele. Fui ao hospital conhecer Tessa, também conheci a Duda Hill pessoalmente, fiquei encantado com as duas e achando o Theodoros um filho da puta sortudo por tê-las. Como diz o Chicão, o destino é um misto de carma e escolhas, e, mesmo que as escolhas de Theo tenham sido falhas, seu carma foi bonzinho.

“Samara quis ficar também. Ela me trouxe até aqui. O que eram aqueles olhares no jantar? Eu te conheço e sei que você não vale muita coisa, então não estrague tudo de novo.”

Abro um sorriso, porque realmente minha irmã me conhece bem. Minha única intenção é não deixar o espanhol levar a melhor e tirá-la de nós. Tenho certeza de que, se Kyra souber meu propósito, irá me apoiar, pois também não quer que Samara vá embora. No entanto, prefiro não dividir com ela a ideia que tive.

Aquele jantar foi estranho, principalmente quando Samara e o *espanhol* foram embora. Eu estava de saco cheio já das alfinetadas da Kyra e da loucura da Laura, falando como se tivéssemos um relacionamento.

— Para mim também já deu! — anunciei, e Laura arregalou os olhos. — Se você não quiser ir, pode ficar.

— Eu vim com você, volto com você! — disse com um sorriso doce. — Kyra, foi um prazer conhecê-la!

Minha irmã jogou mais um de seus olhares recriminadores e depois

correspondeu ao sorriso.

— O prazer foi meu!

As duas se cumprimentaram, e, antes de irmos embora, Laura pediu para que eu a esperasse ir ao banheiro. O americano que acompanhou minha irmã estava no caixa, pois fez questão de pagar a conta, e então Kyra aproveitou para colocar em palavras todos os olhares que recebi naquela noite.

— Odeio pensar que você a está iludindo. Sinceramente, eu nunca poderia esperar uma atitude dessa vinda de você!

— Não estou iludindo ninguém! Temos transado com alguma regularidade, não nego, mas *juntos por meses* foi loucura da cabeça dela.

— Ela parecia bem sã e consciente do que nos contou no banheiro. — Kyra parecia realmente puta com essa história. — A garota conhece você, me convenceria fácil sobre o relacionamento se eu não soubesse o quanto você é fodido para isso também.

Resolvi ser sincero.

— Eu não entendi isso que rolou aqui hoje, mas foi um bom alerta de que essa "constância" com Laura precisa acabar.

Kyra desviou os olhos para o fundo do salão e sussurrou:

— Boa sorte com isso, porque ela não parece disposta a largar o osso de jeito nenhum. — Riu. — Samara me disse, ainda no banheiro, que estava feliz por você ter encontrado alguém *compatível* com você, mas discordo dela, pois não acho que vocês tenham...

— Samara disse o quê? — cortei-a, sem poder acreditar que ela tinha usado essa palavra.

— Voltei! Podemos ir! — Laura ressurgiu e se pendurou no meu pescoço. — Até uma próxima vez, cunhadinha!

Kyra gargalhou, cumprimentou a garota e foi atrás do americano.

— Vamos! — falei. Tirei as mãos dela de mim, resgatei a moto e, quando paramos em frente ao prédio em que ela mora, resolvi esclarecer as coisas.

— Eu não sei se foi alguma brincadeira ou se você realmente está levando a sério essa coisa toda de cunhada, relacionamento sério comigo e etecetera. — Laura arregalou os olhos. — Não temos isso, Laura, e você sabe. Nós trepamos algumas vezes, mais do que eu costumo fazer, confesso, mas foi somente isso.

— Tem certeza? — Seus olhos estavam brilhando de raiva, e eu conhecia bem demais esse sentimento para ignorá-lo. — Então qual foi o motivo do convite? Te proteger de parecer um idiota babão para sua amiga e o noivo dela? Não conseguiu!

— De que merda de proteção você está falando? Não tem...

— Alexios, eu não sou idiota e não gosto quando tentam me usar como se eu fosse. Assim que chegamos ao restaurante e ganhei a primeira olhada surpresa dela, percebi que algo estava rolando e que eu estava sendo usada para disfarçar isso.

— Não tem nada *rolando* entre mim e Samara, ela está comprometida e não é esse tipo de pessoa. — Irritei-me. — Bom, o assunto somos nós dois, não ela, então, *sobre nós dois*: não existe relacionamento, e acho melhor pararmos de fazer sexo para evitar confusões futuras.

Ela começou a rir, mostrou-me o dedo do meio e disparou, antes de virar as costas e entrar no prédio:

— Vá se foder, Alexios Karamanlis!

Fui para o Castellani me sentindo mais aliviado e, ao passar pelo andar de Samara, subindo dentro de elevador, senti vontade de ir até o apartamento dela e desmentir Laura, dizendo que tinha acabado porque não éramos compatíveis, assim como ela não o era com o espanhol.

Não soube mais de Samara nesses dias todos. A confusão armada aqui na Karamanlis, bem como a pressão de Kostas e Kika para o término dos projetos da Ethernium me consumiram a tal ponto de eu não pensar em mais nada.

Quer dizer... começo a rir sozinho com meus pensamentos. Pensei em sacanagem, acordei várias vezes durante a noite, excitado e duro como uma pedra, necessitado de tocar uma. Usei aquela noite do beijo com Samara como inspiração para gozar todas as vezes. É louca essa situação de ter alguém para fantasiar. Nunca precisei disso, bastava apenas imaginar umas sacanagens bem sujas e pronto.

Ter um rosto nas imagens sacanas já é uma novidade, e esse rosto ser o de Samara é algo que nunca sonhei em acontecer. Não por ela, mas por eu ter sempre reprimido qualquer tipo de atração ou pensamento libidinoso sobre minha amiga. Sempre tive receio de estragar as coisas, não só para mim, para Kyra também, e um envolvimento sexual com Samara seria problemático.

Ainda é, reconheço, porém ela já não é mais uma menina, e eu não sou mais o total cabeça de vento drogado de antes. Continuo fodido, seco, revoltado e cheio de raiva, mas já não tento me matar a todo instante. Desde que os dois tenham consciência de que é somente para aplacar a vontade, ter alguma diversão, estaremos seguros.

Suspiro. Deve ser foda trepar com alguém com esse nível de intimidade que temos, e essa é uma das coisas que mais me excitam. Samara me conhece, e eu a

ela, sabemos praticamente tudo da vida um do outro. Entretanto, nessa área, não sabemos de nada. Eu fico imaginando como ela gosta, como serão os seus gemidos, como será sentir sua boca em minha pele e o sabor de sua boceta.

Meu pau endurece com a simples imaginação, e eu preciso arrumá-lo sob a roupa, jogá-lo para baixo, porque, de lado ou para cima, dá um volume enorme.

Eu queria tocar uma... Hum, não... eu queria foder agora!

A imagem dos cabelos volumosos e cacheados, ao natural, presos em minhas mãos, a bunda empinada em minha direção, o corpo apoiado na mesa e meu pau deslizando macio e molhado para dentro dela, saboreando, explorando, reconhecendo toma minha mente em cheio. Irei devagar para saber até onde ela me aguenta. Eu tenho um pênis de tamanho considerável, então fazer essa "medição" é fundamental para não a machucar.

É por isso que eu gosto tanto de comer o cu. Não tem fundo, posso enterrar até as bolas sem nenhuma preocupação de bater em algum órgão sensível. Se ela me aguentar na largura, o comprimento não será problema.

Bufo como um bicho e apoio as mãos na mesa. Não tenho por que ficar excitado no horário do expediente, não se não for para trepar com ela até perdemos a razão e conseguir tirar o espanhol da jogada.

— Já está tudo bem mesmo? — pergunto a Kyra.

— Foi só uma indisposição, mas já estou em casa. Estou esperando o resultado dos exames, mas tenho andado tão ansiosa que não estou me alimentando direito.

Fico nervoso, temo que ela fique doente também.

— Precisa comer, acabou de doar a medula. Quer se mantar?

— Fique calmo, eu vou! Samara está até aqui cozinhando. — Kyra ri. — Eu estava com saudades da comida dela.

Abro um sorriso, visto minha jaqueta e pego o capacete.

— Estou indo aí!

Não a espero falar nada, porque não quero que tenha tempo de me dispensar alegando que é um de seus programas *girl only.* Samara está lá, e, além da oportunidade de ver Kyra pessoalmente, não posso perder a chance de provocar mais reações em minha amiga.

Paro um instante ao me lembrar do espanhol. Não sei se ele está por lá. Prefiro pensar que não, afinal, Kyra está convalescente, não seria bom para ela

um monte de gente em seu apartamento. Então, caso o espanhol esteja lá, é melhor ir se preparando para sair.

— Alexios! — Kostas me cumprimenta assim que entro no elevador. — Foi bom ver você, eu queria uma indicação.

Franzo o cenho.

— Vai construir algo?

Ele ri, e isso, por si só, já me surpreende.

— Não, preciso encomendar um móvel e me lembrei daquela sua amiga, a que estava no baile dos Villazzas.

— Samara Schneider. — Ele assente. — A empresa não trabalha mais para pessoas físicas, mas ela é designer de interiores, pode fazer o projeto e indicar um local para a execução.

— Ótimo!

Pego o telefone e envio o contato profissional de Samara para ele. Nunca estive no apartamento onde Konstantinos mora, mas sei que é aqui perto, uma espécie de *home office* já todo mobiliado. Embora curioso, não questiono o que ele quer fazer, satisfeito apenas por ele propor mais um trabalho a ela, mostrando-lhe que seu local de trabalho perfeito é realmente aqui, em São Paulo, não em Madri.

Kostas agradece – surpreendente mais uma vez – e sai do elevador andando firme e sem olhar para ninguém, como está acostumado a fazer. Meu irmão virou um trator, aprendeu a passar por cima antes de ser esmagado. O fato de Theodoros estar passando por uma auditoria só demonstra que ele não esquece quem o machuca e segue implacável para ter uma revanche.

Cada um lida com suas merdas da forma com que acha melhor. Kostas se apoiou nessa vontade de fazer Theo pagar, já eu não culpo outra pessoa senão Nikólaos Karamanlis por tudo o que nós passamos, e essa raiva é o que me manteve vivo por muitos anos. Tenho certeza de que o momento de deixá-la ir chegará, e eu vou beber e comemorar sobre a sepultura daquele porco desgraçado.

Enquanto isso, convivo comigo mesmo, com meus traumas, com minha própria culpa por não ter sido um irmão melhor para Kyra e contenho a raiva dentro de mim, amenizando-a com coisas paliativas, como Chicão me ensinou.

Cumprimento o porteiro de Kyra, que já me conhece e libera minha entrada sem nem mesmo interfonar. Aguardo ansioso dentro do elevador, afiando minha língua para fazer com que o espanhol voe para fora daqui, caso esteja no apartamento de minha irmã.

Toco a campainha, e é Samara quem me atende.

Porra!

Os cabelos dela estão naturais como eu os fantasiei mais cedo, embora presos no alto da cabeça. O aroma que sai dela é delicioso, agridoce, especial, e eu tenho certeza de que ela fez alguma das receitas de sua família.

Aproximo-me dela e a faço arregalar os olhos, aspiro o cheiro e abro um sorriso.

— Cordeiro!

Samara ri, cruza os braços e faz sinal com a cabeça para que eu entre.

— Claro! Kyra dormiu, ainda nem comeu, mas avisou que você estava vindo para cá.

Olho para todos os lados, à procura do cara de fuinha, mas nem sinal dele por aqui.

— Estão sozinhas?

Ela me encara por alguns segundos e concorda.

— Veio jantar ou só saber da Kyra?

Ah, Samara... porra!

— Você acha que eu recusaria a oportunidade de comer algo seu?

Imediatamente ela fica vermelha e desvia os olhos. É delicioso saber que entendeu bem o que eu quis dizer, mesmo que ainda não esteja pronta para responder à altura.

— Então se sente à mesa, porque já está pronto.

Samara sai da sala segura, e isso me deixa um tanto inseguro. Sua voz não demonstrou nada do que vi acontecer em sua expressão, muito menos o seu corpo. *Será que entendi errado, e ela já não compartilha esse desejo louco comigo?*

Vou até o quarto de Kyra e dou uma espiada em minha irmã, a cabeça martelando com a reação de Samara. Passo no lavabo, lavo as mãos antes de ir para a sala, e, nem bem me sento, a personificação das minhas fantasias aparece, já sem avental e com os cabelos soltos, carregando uma assadeira.

Levanto-me apressado para ajudá-la e coloco o utensílio, incrivelmente cheiroso, no tampo da mesa. Viro-me de repente para elogiá-la pelo aroma, mas acabo trombando com ela e a seguro pela cintura para não cair.

— Desculpa — falo tão perto de seu rosto que posso sentir o calor de sua respiração. — Eu ia dizer que está muito cheirosa sua comida.

Ela engole em seco, e acompanho os movimentos de sua garganta. Meu pau acorda, impulsionado pela proximidade, os contornos de seu corpo e a

possibilidade de eu apenas me inclinar mais um pouco e tomar sua boca com mais fome do que a que sinto por seu cordeiro.

Ela me encara, o desejo lá, tirando todas as dúvidas que eu tinha sobre ter entendido errado, mas se afasta.

— Obrigada, mas recomendo comer para saber se o sabor está a contento.

Respiro bem fundo, o pênis latejando e criando volume na calça, com vontade de bufar feito um touro pronto para a monta, enquanto ela parece a serenidade em pessoa, falando da comida, sorrindo simpática.

Ela está sob controle, talvez por conta de seu compromisso com o espanhol, e isso é algo com que eu não contava.

Sento-me à mesa, e ela volta para a cozinha. Fico um tempo analisando tudo, reprogramando estratégias, porque, mesmo que não queira demonstrar, ela sente, só precisa de um pequeno empurrão.

Sorrio.

Ah, nada melhor do que trazer à tona o "anjo caído" e tentá-la até que se renda ao pecado.

20

Samara

Encosto-me à bancada da cozinha e respiro fundo, grata pela planta do apartamento de Kyra não ser moderna, e a cozinha estar separada da sala. *Controle-se!*, exijo a mim mesma, um tanto trêmula, arrepiada e, confesso, molhada.

Ainda não entendo o que está havendo com Alexios. O homem é mais estranho do que qualquer pessoa que já conheci, essa é a verdade! Eu nunca pensei que teríamos esse tipo de clima entre nós, sempre imaginei que ele não me enxergasse como mulher, então vieram os beijos, as carícias, a malícia e o toque.

Poderia ter sido simples, mas logo Alexios veio com a história de não sermos compatíveis e sumiu, mas bastou a gente se reencontrar naquele bendito restaurante japonês, e, mesmo diante de nossa incompatibilidade, a energia sexual se tornar tão presente a ponto de fazer com que Diego não só percebesse o clima, como também decifrasse meus sentimentos.

Não entendo!, suspiro. Alexios é uma contradição ambulante ou, simplesmente, alguém que não consegue manter uma decisão firme. Por que o interesse em mim? Por que esse jogo de quero/não quero para o meu lado?

Bufo, irritada, e pego a travessa com salada e a outra com arroz. Não

esperava ter que lidar com ele hoje, pensei em apenas ficar um pouco com minha amiga, cuidar dela e lhe dizer o quanto me sinto orgulhosa de sua força, coragem e gesto. Preparei uma das receitas que ela mais gostava de comer, mas logo percebi que Kyra estava mais cansada do que com fome.

— Malinha! — ela me chamou. — Alexios vem me visitar, mas eu acho que não vou conseguir esperar nem por ele, nem pelo jantar.

Bocejou e fechou os olhos.

Nem tive oportunidade de falar nada, porque ela logo estava ressonando, e fiquei seriamente tentada a não terminar a refeição e dispensá-lo assim que chegasse.

Obviamente, não fiz isso! Olho para as travessas em minhas mãos e volto para a sala com o firme propósito de compartilhar o alimento com ele e logo depois comunicar que também estou cansada e que quero ficar sozinha com Kyra.

Não sou um brinquedo para ser tratada desse jeito – ora ele me quer, ora não – e não vou ceder com apenas algumas frases maliciosas e olhares sugestivos. *Ele está muito enganado!* Já não me derreto com a simples possibilidade de tê-lo, e isso confere um poder sobre mim mesma que nunca tive em se tratando dele.

Se Alex realmente me quiser, terá que ser direto e explicar como e o que quer comigo. Não nego que vibro inteira só de pensar nisso, mas preciso ser racional e analisar se me envolver com ele, conhecendo-o como conheço, é uma boa ideia.

Alexios não se envolve emocionalmente com nenhuma de suas parceiras, não sabe amar e nem acredita em sentimentos, a não ser no que sente pela irmã. O pior é que nem com Kyra ele se dá conta de que sua preocupação, proteção e culpa são ligadas ao sentimento fraterno; ele acha natural se sentir daquela forma apenas por ela ser sua irmã mais nova.

Caso ele revele o que quer, e eu decida aceitar o que ele propor, preciso estar consciente de que é apenas algo passageiro, uma prova, uma experiência para, quem sabe, conseguir desencanar e seguir adiante, pronta para relacionamentos mais profundos e sérios.

— Uau, tinha me esquecido de como você apresenta um simples prato de arroz — Alexios comenta assim que volto para a sala e deixo as travessas na mesa. — Senti falta de você durante todos esses anos, Samara.

Porcaria! Retenho o fôlego para me impedir de tremer.

— Achei que nem se lembrasse mais da minha existência, afinal, não recebi

uma mensagem ou telefonema.

— Eu sei — o jeito evasivo da resposta me decepciona. — Eu não esqueci, apenas achei que você quisesse um tempo.

— Por ter ido embora sem me despedir? Alexios, você sabia que eu poderia ir para a Espanha a qualquer momento, falamos disso...

— Sim, mas não entendi sua atitude de ir sem ao menos um adeus. — Seus olhos ficam fixos nos meus. — Não até entender que eu, de alguma forma, a magoei. — Ele pega minha mão por cima da mesa. — Não me lembrava do que tinha feito e peço desculpas por isso.

Aperto os olhos, desconfiada, não comprando essa demonstração de humildade repentina.

— O que você quer, afinal? — decido eu mesma ser direta. — Achei que já tivéssemos deixado claro que não éramos compatíveis e que...

O telefone dele começa a tocar, e eu faço sinal para que atenda, levantando-me da mesa com a desculpa de pegar bebidas.

Escuto-o falar com alguém, sua voz se tornando mais alta a cada momento. Retorno para a sala e o encontro andando de um lado para o outro, visivelmente nervoso.

— O que houve?

Alexios xinga, vira-se de costas para mim, olhando para a noite. Fico quieta, mas continuo na sala. Percebo que ele tenta se acalmar e o deixo fazer isso no seu tempo.

— Alguém ligou para me aconselhar — sua voz baixa não me engana, sei que está possesso de raiva. — Disse que é melhor eu deixar o passado morto e enterrado, ou terei que lidar com a podridão da minha existência.

Aproximo-me dele, mas não o toco. Sei bem que ele odeia pena ou qualquer tipo de demonstração de compaixão pela sua história.

Alexios percebe que estou perto e se vira para me encarar.

— Eu preciso descobrir essa história, preciso entender o que houve, mesmo que a mulher que me gerou não esteja mais viva.

Concordo! Ele nunca teve paz por causa de todas as coisas que seu pai lhe disse e fez durante sua infância e adolescência, nada mais justo do que descobrir a verdade e tirar qualquer poder daquele verme.

— Nós vamos descobrir! — incentivo-o. — Você já foi até o sobrado?

— Uma vez — seu olhar vagueia pela sala ao dizer isso. — Não passei do salão principal, comecei a me sentir mal ao me lembrar de tudo o que vi e fiz naquele local.

Não conheço a história que ele tem com o tal sobrado, achei que era somente uma pista sobre a mãe, mas parece haver mais.

— Quer voltar lá? — pergunto, e ele assente no mesmo instante. — Vamos juntos dessa vez.

— Samara, eu não...

Venço a pouca distância entre nós e ponho o dedo sobre sua boca.

— Vamos juntos! Lembra quando eu tinha medo de pegar a bola nas vezes em que ela caía no jardim atrás da quadra? — Ele sorri ao se lembrar. — Era o jardim mais malcuidado do condomínio, parecia uma mata, e eu morria de medo de encontrar algum bicho.

— Você sempre foi péssima boleira, sempre que era queimada e ficava na ponta, todo mundo logo sabia que você não iria conseguir resgatar as bolas sozinha.

— Você sempre foi comigo e nunca reclamou.

Alexios respira fundo.

— Não é a mesma coisa, Samara. Aquele local não é um jardim malcuidado, cheio de plantas e escuro. É um antigo bordel onde muitas atrocidades aconteciam, inclusive à força. Lá dentro é podre, é pesado, é...

— Para você, Alexios! Eu nunca estive lá, o local não significa nada para mim, mesmo que eu estremeça só de pensar nas coisas que lá aconteciam. Você entrava no jardim comigo porque, para você, não passava de um amontoado de plantas. Eu vejo aquele sobrado como uma construção decadente e abandonada, nada mais, não vejo os bichos e fantasmas de lá.

Ele toca meu rosto com carinho, e eu fecho os olhos, sentindo uma energia gostosa se desprender da ponta de seus dedos e agitar meu corpo todo.

— Você é incrível! — Volto a olhá-lo. — Parece ser tão frágil em alguns momentos, mas é muito mais forte que eu.

Nego.

— Cada um tem seu ponto fraco. Eu sempre te vi como um herói, sempre nos protegendo, preocupado com Kyra, mas esse assunto sempre foi sua criptonita. — Alexios sorri com a comparação. — Eu só o via se desestabilizar quando algo relacionado ao seu passado aparecia. Nunca o vi chorar por causa das marcas roxas no corpo, mas via seus olhos cheios d'água quando ele atingia você com essa história.

— Eu sei que parece bobagem eu dar tanta importância...

— Não é! Enquanto você não souber, seu pai continuará tendo o poder de te machucar. Descobrir sua história é tirar dele a arma que usa para te ferir. Não é

bobagem, Alexios!

Sou puxada para seus braços em um abraço apertado. Ele está trêmulo, frio, machucado. Não é bobagem! Alexios precisa dessas respostas para ser feliz e seguir em frente.

— Quando poderemos ir até lá? — indago baixinho.

— Amanhã. — O abraço se afrouxa, mas ele não me solta. Eu concordo com a data com um gesto de cabeça. — Não sei o que vamos encontrar, nem se vamos descobrir alguma coisa, não sei o quão suja essa história é, mas te ter comigo me torna mais forte para enfrentar o que for.

Meu coração bate descompassado ao ouvir isso, e meus olhos se enchem de lágrimas. Nunca tive a dimensão do quanto ele me considerava, porque sempre me via como aquela que estava lá para ele e não era vista. Talvez eu tenha tido uma percepção errada, e Alexios não só me via, como também o simples fato de eu ter estado ao seu lado lhe tenha dado forças para continuar vivo.

— Não! — Ele limpa meus olhos úmidos com beijos. — Não quero te ver triste, Samara.

— Não estou — asseguro-lhe, deslizando os dedos pelos seus cabelos. — Estou confiante de que vamos ter respostas e certa de que, independentemente do que descobrirmos, estarei ao seu lado.

Alexios fecha os olhos e encosta sua testa na minha. Sinto que ele deseja dizer algo, mas não consegue. Não precisa! Não é preciso palavras entre nós sobre nossa amizade, nunca tive dúvidas dela.

Minha questão com ele sempre foi eu querer mais do que ele poderia me dar. Concordo com isso, sei que ele nunca poderia me amar como eu o amo, por vários motivos. Alexios nunca poderá amar ninguém se não conseguir amar a si mesmo!

Ele abre os olhos. Eu sempre me sinto impactada pela coloração deles, entre o azul e o mais puro verde, límpido, quase transparente. Sinto a ponta do seu nariz roçar no meu, sorrio, gostando da carícia, mas, antes que eu processe o que ele pretende, seus lábios encostam nos meus, suaves, um leve roçar, nossos olhares ainda fixos um no outro.

— Eu quero você!

A confidência inesperada me surpreende e, ao mesmo tempo, confirma algo que ele já vinha demonstrando há algum tempo, mesmo que eu ainda não entenda os motivos.

— Por quê? — inquiro.

— Não sei. — O movimento de sua boca falando comigo é uma carícia

deliciosamente perversa. — Eu sou fodido, mas você sabe disso. Não tenho nada a esconder, não represento nenhum mistério. Não posso fazer nada mais além de te querer, mas, ainda assim, te quero.

— Eu sei.

Alexios se afasta, e eu percebo que deixou a decisão sobre o que irá acontecer entre nós para que eu a tome. Como eu queria, colocou as cartas na mesa; agora espera uma decisão.

Sinceramente, acho loucura me envolver com ele sentindo o que sinto. Contudo, passei anos desejando-o, frustrada ao vê-lo sair com outras mulheres e nunca olhar para mim. *Racionalidade!* Preciso ter em mente que ele não vai me dar nada além de sua amizade e seu corpo.

Suspiro.

— O cordeiro deve ter esfriado... — tento fazer troça, mas ele não cai.

— Por mim, que gele! — Rio, notando seu desconforto com sua excitação. — Sim, eu estou fervendo, Samara, há muito tempo. Sei que você não é do tipo que trai, respeito isso, mas manter minhas mãos, minha boca e meu pau longe de você está sendo uma tortura.

Ele ainda não sabe sobre Diego! Isso me dá tempo para pensar no que devo fazer com relação aos meus sentimentos e o tesão que sinto.

— Não, eu não sou desse tipo, Alexios.

Ouço sua respiração ruidosa, quase um bufo e o observo pegar a jaqueta e o capacete.

— Obrigado pelo jantar, tenho certeza de que está delicioso! — agradece ao passar por mim e seguir para fora do apartamento.

Olho para a mesa posta, a comida ali esfriando, mas realmente não consigo pensar em mais nada a não ser no que ele me falou e na proposta implícita.

Ele me quer, e eu sempre o quis!

Esperei por ouvir isso, por senti-lo do jeito que tenho sentido, por anos. Conheço-o bem, como ele mesmo admitiu, sei até onde ele consegue ir e o que lhe é impossível de sentir. Não estou enganada ou iludida, basta apenas decidir se quero arriscar ainda mais meu coração.

21

Alexios

Trabalhar foi quase uma missão impossível hoje! Senti-me o Tom Cruise em um dos filmes mentirosos dele e, para piorar, tive duas reuniões em que tive que fingir que estava prestando atenção e entendendo tudo.

Que grande fraude!

Minha cabeça só tem espaço para dois assuntos: a visita ao sobrado e Samara. Bem, como ela também está incluída na visita, posso então dizer que monopolizou minha mente o dia todo.

Passei as horas entre receoso e excitado, ambos os sentimentos em níveis astronômicos. O receio, claro, é sobre o que eu poderei achar naquela maldita casa, e a excitação nada tem a ver com isso, é exclusivamente causada por Samara. Gemo ao me lembrar da noite passada, do modo com que a senti tão perto, como ela é especial, o medo que tive de magoá-la e perdê-la, mas que foi sufocado pelo desejo de provar seu corpo.

Eu a quero, e não quero pouco!

É foda sentir esse tesão todo misturado ao sentimento de amizade. Tudo fica mais intenso, o fato de ela me conhecer e saber o que deve ou não esperar de mim potencializa ainda mais esse desejo. Não preciso me conter, não tenho a frieza distante que mantenho com outras parceiras, não tenho medo de ser quem

eu sou.

A única coisa que ainda está fodendo tudo é o espanhol e o fato de eu ter feito a burrice de dizer a ela que deveria investir em alguém compatível. Ainda penso nisso, que ela merece achar alguém que tenha os mesmos propósitos, que possa amá-la, formar uma família, criar filhos e aquele jabuti enfurecido.

Esse não sou eu, e ela sabe disso.

Entretanto, também não é o espanhol, e eu preciso mostrar a ela!

O único ponto do meu dia em que Samara não esteve presente foi quando Cris entrou em contato comigo para comunicar a invasão de mais um dos prédios sob guarda da Karamanlis e a presença de crianças nele. Imediatamente acionei alguns amigos envolvidos nesse tipo de movimento pró-moradia e disponibilizei alguns profissionais para que garantissem a segurança dessas pessoas em questão de instalações elétricas.

Sim, eu disse a vocês, sou uma fraude!

Enquanto Theodoros e Kostas ficam desesperados procurando um meio de retirar as pessoas dos prédios, afinal, isso é da responsabilidade deles, não sabem que seu irmão mais novo mantém contato com líderes desse tipo de movimento e tenta resguardar o mínimo de dignidade a essas pessoas enquanto estão dentro de um prédio nosso.

Não sou santo, vocês sabem! Não faço isso porque sou empático ou mesmo porque estou preocupado com a questão de moradia do nosso país. Faço apenas o que acho ser certo enquanto a justiça – lerda e nem sempre justa – analisa o caso. Inevitavelmente a Karamanlis ganha a retomada da posse e consegue tirar todas as pessoas dos prédios, e eu fico com a consciência tranquila ao ver todos saírem em segurança, sem nenhum problema com instalações malfeitas e mortes por incêndios.

Isso aconteceu uma vez, e foi quando tomei a decisão de fazer algo para ajudar. Não apoio ou incentivo as invasões, mas entendo os motivos e conheço alguns líderes sérios desses movimentos. Conheci uns picaretas também, que só queriam extorquir dinheiro, ameaçar e lucrar em cima do desespero alheio e do que não lhe pertencia.

O fato é que, independentemente da liderança, são pessoas ali dentro, e elas merecem o mínimo de segurança, não ser mortas carbonizadas por conta de gambiarras. O resto é com a justiça, deixo isso nas mãos competentes de Konstantinos e nas decisões racionais de Theodoros.

O prédio invadido irá abrigar mais de 50 famílias. Cris marcou uma reunião com os líderes e ofereceu ajuda. Eles não sabem meu nome e nem o quanto estou

envolvido. Faço isso anonimamente, principalmente se for de grupo desconhecido, pois já sofri chantagem de um líder mau-caráter que queria me expor.

— Tem o levantamento da quantidade de crianças? — perguntei durante nossa conversa.

— Sim, enviei para aquele seu e-mail — Cris respondeu. — A situação é muito precária, a maioria chegou somente com a roupa do corpo e tem muito imigrante, tanto quanto eu nunca vi.

Respiro fundo.

— Levante profissões e tente enquadrar quem der em alguma empresa parceira. A situação não anda boa em questão de empregabilidade, mas não custa tentar. São venezuelanos?

— A maioria, mas têm alguns vindos da África também.

— Certo, Cris, fique de olho. Provavelmente vão alertar o jurídico da Karamanlis ainda essa semana, e, conhecendo o Kostas, ele vai pedir logo uma liminar para a retirada das pessoas. Veja como conseguimos ajudar.

— E o Porto Seguro?

Olhei para todos os lados, assegurando-me de que estava sozinho, fechei a porta e respondi:

— Faltam algumas liberações ainda, mas em breve vamos conseguir usá-lo, porém sabe que não vamos conseguir atender a todos.

— Sim, temos uma lista prévia, e o Pacheco já organizou estatutos e convenções para serem aprovados depois entre os que ficarão responsáveis. Foi um belo gesto, chefe.

— Não fiz sozinho, e você sabe.

— Sei, mas a ideia foi sua!

Encerramos a ligação, e eu fiquei pensando em há quantos anos estou empreendendo o projeto chamado "Porto Seguro". São residências em um condomínio para pessoas que não possuem condição de moradia. A execução do projeto contou com o apoio de várias ONGs, e, anonimamente, fiz todos os projetos. É algo sustentável, com economia local, uma espécie de experimento de um modelo único e que, se der certo, pode revolucionar o modo do governo pensar em moradia popular.

Envolvi-me nisso, a princípio, como uma forma de anarquia – já disse que sou ateu, mas também sou revoltado com a forma de política que temos hoje – e queria ver a sociedade civil fazendo algo com menos recursos e com mais resultados do que os projetos milionários do governo.

Mais uma vez reforço, não sou bonzinho, não faço nada sem que haja uma intenção por trás e convergência com o que acredito. Sou teimoso, gosto de provar minhas razões e desafiar lideranças.

Meu único calcanhar de Aquiles verdadeiro são as crianças. Ver um pequeno em situação de risco desperta em mim o mesmo instinto protetor que tinha com Kyra. Acho que não a ter conseguido proteger como eu queria, faz com que minha eterna penitência seja tentar proteger o maior número de crianças possível. Sei que é humanamente impraticável, mas faço o que posso.

O celular vibra, tirando-me das lembranças sobre o que aconteceu mais cedo, e respiro fundo ao ler a mensagem de Samara sobre se encontrar comigo na rua do casarão e me pedindo o endereço.

“Não, eu vou pegar você para irmos juntos. Vim trabalhar de carro.”

Ela visualiza a mensagem e em resposta envia uma mão com o polegar para cima. Rio e pergunto:

“Onde você está?”

Resolvo fazer graça e envio um *emoji* pensativo.

“Em casa, no Castellani.”

Gargalho com a figura que ela me manda junto à resposta, uma caveira sentada na cadeira esperando.

“Estou saindo daqui, não precisa morrer de esperar!”

O *emoji* escolhido dessa vez por ela é a de uma piscada com a língua de fora.

Guardo o celular no bolso e saio sorrindo da sala de reuniões. Adoro essa interação com Samara, não tenho isso com mais ninguém, ela me deixa leve, feliz, como se toda a raiva acumulada dentro de mim desaparecesse por algum tempo. Só ela consegue isso, é assim desde que meu tormento começou na infância.

Encontro-me com Millos na portaria, saindo apressado, parecendo tão aéreo que nem mesmo nota que suas mangas da camisa estão enroladas, e suas tatuagens, de fora.

— Ei, algum problema?

— Não, tudo certo! — sua resposta não me convence.

— Millos, o que está acontecendo?

— Nada.

Vejo-o sair em disparada, acentuando ainda mais minha percepção de que algo estranho aconteceu ou está acontecendo com ele. Bom, cada um com seus problemas! Eu entendo que há situações para as quais nós mesmos precisamos buscar soluções.

Dirijo até o Castellani, e, mal estaciono na frente da garagem do prédio, Samara salta para dentro do carro.

Encaro-a, olhos arregalados, sem entender o que ela pretende.

— Só faltou a touca ninja! — debocho, rindo.

Ela faz careta, mas posso ver que está tentando não rir.

— Não sabia o que vestir e estava nervosa. — Ela abre a bolsa de lona que trouxe, e vejo inúmeras lanternas. — Acha que alguma dessas vai servir?

Gargalho sem me conter.

Estamos indo para o local que foi um verdadeiro inferno na minha vida, onde há poucos dias não consegui passar do salão principal, tanto que os fantasmas de lá me incomodaram, e ela consegue me fazer rir!

Olho-a de cima até embaixo, desde os cabelos preso em um coque, passando pela blusa de mangas longas e gola alta, a calça de malha – dessas de malhar – e as botas. Tudo preto, inclusive as luvas de couro que traz em suas mãos. *Ainda bem que não as calçou, porque senão iriam pensar que estávamos indo cometer crimes!*

— Eu pretendo estar fora daquele local antes que a noite chegue.

Samara balança a cabeça.

— Como você pode fazer cálculos de engenharia e não conseguir calcular tempo? É óbvio que vamos demorar muito por lá! Vamos vasculhar cada canto, cada cômodo, e, pelo que você já deu a entender, a tal casa é grande.

Sou obrigado a concordar com ela e fico sério, imaginando como seria voltar para aquele sobrado à noite, exatamente o período de mais movimento e onde as piores coisas aconteciam.

De repente Samara tira dois bonés pretos da bolsa e estende um para mim. Enrugo a testa quando uma lembrança se insinua, então sorrio ao pegar a peça.

— Os exploradores do Bloco C! — exclamo. Samara sorri, os olhos brilhando, e eu percebo o que ela está tentando fazer com a roupa e agora com os bonés. — Você quer que eu me sinta em uma aventura, como quando éramos crianças e explorávamos a garagem e a casa da piscina de madrugada.

O sorriso dela se alarga.

— Já que temos que ir lá, por que vamos entrar como se estivéssemos em uma cova? Não! Eu sei que o assunto é sério e importante, mas podemos enxergar como uma caça ao tesouro, e o prêmio é descobrir finalmente algo sobre seu passado. Não vamos deixar que os fantasmas e as lembranças doloridas pesem mais do que o necessário. Vamos entrar lá, enfrentar tudo e ainda sair com respostas.

Meu coração dispara, e me sinto um privilegiado por ter a amizade dela. Sinto os olhos apertarem e os cantos da boca repuxarem de leve. É, estou sorrindo de verdade, e ela é uma das poucas pessoas que consegue isso.

Coloco o boné, sentindo-me meio idiota, mas adorando ver as coisas sob essa nova perspectiva. Ela tem razão, não tem por que darmos mais peso a algo que já é pesado. Abro o compartimento onde guardo os óculos de sol e os coloco.

Samara ri e pega os dela.

Porra! Eu queria beijar essa mulher agora até perdemos a razão!

— Está pronta para entrar no salão do capeta?

Ela ri, sopra o ombro e depois confere as unhas pintadas de preto também.

— Nasci pronta, baby!

Ô, se nasceu! Arrumo-me no banco do motorista, incomodado com meu pau apertado na calça jeans e ligo a seta para voltar à estrada. O perfume dela enche o carro, sua presença é suficiente para me deixar desperto e esfomeado.

— Eu queria trepar com você nesse instante!

Samara engasga, e eu gargalho. Não tinha a intenção de soltar isso assim do nada, mas, já que já saiu, foda-se!

Sinto seus olhos manjando o volume nas minhas calças, e isso faz meu pau se contorcer. Ela geme, pigarreia e liga o som. O refrão de *Closer*, da banda Nine Inch Nails quase nos ensurdece, e ela desliga o aparelho o mais rápido que consegue.

Paro no sinal vermelho e a encaro, sorriso malicioso, tesão refletindo nos olhos.

— Acho que a banda concordou comigo.

Samara enfrenta meu olhar.

— É? — indaga provocante. — Como um animal?

Ela leva a mão até minha ereção, e fecho os olhos com a carícia deliciosa.

— Se você quiser! Eu só quero foder você, não importa como.

O sinal abre, e ela tira a mão quando um apressado filho da puta dispara a buzina do carro. Respiro fundo, volto a dirigir, mas percebo que ela adorou a brincadeira e a interrupção.

Gostei disso! Ter a mão dela sobre meu corpo foi algo inesperado, mas completamente bem-vindo!

Preciso de mais!

22

Samara

I want to fuck you like an animal![21]

Puta merda! Apresso-me a desligar o som do carro, resistindo à enorme vontade de gargalhar de mim mesma. Alexios consegue me desconsertar e me excitar ao mesmo tempo. Estávamos aqui, falando em deixar nossa exploração do tal sobrado mais leve, e, de repente, ele dispara que quer trepar comigo, como se essa frase fizesse parte do contexto da conversa.

Adorei ouvir isso! Já sabia – óbvio, diante de todas as carícias e todos os amassos que já demos –, porém, ainda assim, adorei ouvi-lo soltar a frase quase como se estivesse pensando em voz alta.

Só não soube como responder. Não sei ser direta, nunca fui assim, então, como a idiota que sou, resolvi ligar o som, e a música não poderia se encaixar melhor ao momento.

Alexios comenta o mesmo que pensei agora:

— Acho que a banda concordou comigo.

Encaro-o. Estamos parados no farol vermelho. O carro dele é blindado, com película preta em todos os vidros. Isso me ajuda a tomar coragem e agir de um jeito que nunca pensei em fazer, mas que agora acho que é o momento de começar.

Ele merece um pouco do próprio veneno!

— É? — minha voz sai sussurrante. Passo a língua timidamente pelos lábios. — Como um animal?

A calça dele se move novamente, como a vi fazer antes, seu pau pulsando sob o tecido grosso. Sempre quis tocá-lo, sempre quis saber se era verdade o que as outras garotas comentavam sobre ele ser magro, mas ter o pênis grosso como um braço.

Deve ser um total exagero, mas por que não comprovar?

Sem pensar duas vezes, toco-o, arrastando a mão sobre sua ereção, os pelos do meu braço arrepiando-se pouco a pouco até que a sensação chega à minha nuca e eriça os poucos fios soltos que não consegui prender no coque. Membro duro como pedra, grosso com certeza e muito quente.

Aperto um pouco as coxas, excitada e úmida. A fantasia de me sentar sobre seu colo enquanto dirige é deliciosamente perversa.

Eu queria ser perversa assim também!

— Se você quiser! Eu só quero te foder, não importa como.

Perco o fôlego e já o imagino realizando todas as minhas fantasias, ensinando-me coisas que nunca vivi com nenhum outro parceiro, mostrando-me como Alexios Karamanlis trepa.

Sim, eu quero isso, e quero agora!

Uma buzina alta, disparada longamente, assusta-me, e eu tiro a mão dele. O farol já abriu, mas não percebemos, então Alexios volta a dirigir.

Ao que parece, decidi sobre arriscar ou não um envolvimento sexual com ele. Quero! Sempre fui curiosa sobre ele na cama, ouvi histórias, morri de inveja e ciúmes, então por que agora não aproveitar?

Não saí de casa com essa intenção hoje, e realmente o que disse sobre estar ansiosa sobre a ida até a mansão dos horrores era verdade. Troquei de roupa várias vezes, calcei tênis, depois sapatilhas e, por fim, decidi pelos coturnos. A roupa toda preta de malha me lembrou de quando brincávamos no prédio de explorar locais escuros e vazios e como cumpríamos desafios propostos pelas crianças dos outros blocos.

Kyra, coitada, morria de medo, mas ia, enquanto Alexios e eu, e, por algum tempo, o Tim adorávamos a aventura. Era uma época boa, éramos crianças normais, brincando e sendo felizes. Pena que durou pouco.

Saí do meu apartamento correndo e entrei na primeira loja em que encontrei bonés. Comprei dois pretos, esperando que ele se lembrasse e que isso lhe trouxesse mais leveza e alegria, pois, se entrássemos naquele local temerosos,

ele iria nos engolir, por isso era necessário que não levássemos tudo tão a sério, mesmo que fosse.

Já próximo ao local, um bairro bem estranho ao qual nunca vim, noto Alexios mais tenso, a mandíbula apertada, as mãos firmes no volante do carro. Ponho a mão sobre sua coxa e faço pequenos movimentos, acariciando devagar. Vejo seus olhos repuxarem um pouco.

— Quando foi que você ganhou massa muscular? — puxo um assunto qualquer para distraí-lo. — Você era tão magrinho e, de repente, apareceu cheio de gominhos na barriga, braços definidos e essas coxas...

Alexios gargalha.

— De repente? — sua voz soa indignada. — Levei anos malhando, tomando suplemento e fazendo dieta para conseguir o que você acha que apareceu como mágica. Chicão me ajudou porque eu inventei de tomar bomba e, quando ele descobriu, fez um sermão da porra.

— Chicão é ótimo! Ele contribuiu muito para o homem que você se tornou, é um bom exemplo.

Ele faz careta.

— Sim, reconheço isso, mas bom exemplo? — Gargalha. — Aquele filho da puta queria me tornar zen budista, vegano e praticante de ioga. — Agora sou eu quem gargalho com a mera ideia. — Os conselhos, o esporte, a forma como me ajudou a crescer sem precisar tomar bomba, sim, foram ótimos, mas se eu não tivesse personalidade, ele teria me transformado em uma cópia sua: todo zen, mas safado ao extremo!

Arregalo os olhos.

— Chicão é safado ao extremo? — Surpreendo-me, pois ele sempre foi muito respeitoso comigo e com Kyra. — Confesso que ele é muito bonitão, charmoso, se cuida muito e, por onde anda, vejo mulheres – não importa a faixa etária – babando por ele, mas nunca soube de...

— Ele é discreto, mas, pode crer, não vale nada!

— Pior do que você? — provoco.

Alexios me olha de esguelha e, com um movimento rápido, puxa minha mão em sua coxa de volta para seu pau.

— Bem pior...

O gemido que solto é involuntário, apenas de prazer. Essa energia sexual que me percorre toda vez que o toco, ou o ar vibrante cada vez que estamos no mesmo ambiente são coisas que eu já li em livros ou vi em filmes, mas que nunca vivenciei.

Faço o mesmo movimento que fazia em sua coxa agora em seu membro – que incrivelmente continua duro – e escuto sua respiração mais ruidosa.

— Isso está sendo uma tortura! — Ele para o carro e me olha. — Não sei como estaremos após nossa aventura no inferno, mas eu preciso que você diga quando.

Sorrio.

— Deixa acontecer.

Ele se surpreende, e eu tenho vontade de vibrar com minha atitude. Para que planejamento? Tudo sempre foi tão planejado na minha vida, quero coisas diferentes!

Alexios me puxa pela nuca e come minha boca com fome. Sim, ele come meus lábios, morde-os, chupa minha língua, geme, lambe... *Uau!* Os dedos estão enfiados em meus cabelos presos, a mão me mantendo firme contra ele, a outra fazendo a mesma coisa que a minha, só que em mim.

Eu sei que seria muito *non sense*, mas queria estar de vestido. Queria sentir a mão dele, que agora acaricia meu sexo por sobre a calça de malha, diretamente na minha pele. Eu abriria seu zíper – faço isso enquanto fantasio –, pegaria em seu pau – nós dois gememos quando toco a pele macia e quente e sinto a dureza molhada –, e ele me puxaria para seu colo, encaixando-se em mim, liberando minha entrada apenas jogando a calcinha de lado.

Ouço um barulho de algo elétrico, e, como se ele lesse meus pensamentos, sou erguida e encaixada exatamente onde eu gostaria de estar. *Porcaria, queria um vestido!*

Olho para baixo e salivo. Seu pênis grosso é claro, e a ponta vermelha brilha molhada, enquanto mais uma gota translúcida se forma na pequena fenda da cabeça. Alexios está sentado, e sua ereção passa com sobra de onde deve estar seu umbigo por trás da camisa.

Toco-o novamente, curiosa, querendo ter ideia do tamanho, questionando se caberia bem dentro de mim. Nunca vi nada assim, pelo menos não pessoalmente. Circundo-o, admirando a circunferência, as veias altas que consigo sentir na ponta dos meus dedos e a forma como, a cada movimento meu, ele reage de volta.

É muito grande!

— 22 centímetros.

Arregalo os olhos.

— O quê? — rio nervosa.

— Você disse que é muito grande, e eu te informei a medida.

Fico imediatamente vermelha, pois não tinha me dado conta de que tinha falado em voz alta.

— Você fica o medindo?

— Não, deixei de medir no começo da adolescência — diz como se fosse a coisa mais natural do mundo. — Mas já mediram depois de adulto.

Sua arrogância quanto ao assunto não passa despercebida. É óbvio que ele sente orgulho do tamanho de seu membro e gosta do quanto impressiona. *Safado convencido!* Sinto o ciúme me roer ao pensar na mulher que o mediu.

— Você deve se sentir por causa disso! — provoco-o.

— Na verdade, não, Samara. É complicado quando se tem um pau de 22 centímetros e a maioria das bocetas por aí têm uns 15 de profundidade. Sobram sete centímetros que, ou se aprende a controlar, ou se machuca a parceira.

Penso sobre o que ele me diz e concordo. Esteticamente é bonito, mas realmente não deve ser muito prático.

— É como um carro grande — ele continua. — No começo é complicado parar em qualquer vaga, mas, depois que se pega o jeito, qualquer buraco é estacionamento!

— Que horror!

Rimos juntos, e ele volta a me beijar, porém com menos desespero, apenas saboreando a sensação de nossos lábios juntos. Não é de caso pensado, mas, quando percebo, já estou rebolando sobre seu colo, pressionando seu pau entre mim e ele, subindo e descendo, usando o tecido fino e macio da malha da calça para masturbá-lo.

— Rebola, gostosa! — Alexios fala ainda com a boca na minha e segura meus quadris, adicionando força ao movimento, esmagando-me contra ele.

Um grupo de pessoas passa na calçada, falando e rindo muito, e eu travo, abro os olhos assustada, e ele ri.

— Já tínhamos chegado, mas suas carícias me fizeram esquecer o que viemos fazer. — Concordo, pois o mesmo aconteceu comigo. — Preciso estar dentro de você, ouvir seus gemidos, sentir suas unhas na minha carne enquanto me afundo devagar, medindo sua boceta com meu pau, procurando o encaixe perfeito para te fazer gozar como uma louca.

Seguro o fôlego e sinto o corpo todo tremer. Sinto que poderia gozar como uma louca agora por muito menos do que ele acabou de falar, apenas com a fricção do meu sexo contra o dele, de roupa, apertados neste carro.

Merda, eu queria um vestido!

Alexios respira fundo e olha para o outro lado da rua. Acompanho seu olhar e

vejo o sobrado, antigo, todo fechado, as janelas com tapumes e uma enorme grade na porta principal. Movo-me para sair de seu colo, mas ele me detém.

— Podemos voltar outro dia e ir para algum local terminar o que começamos aqui.

Nego, mesmo tentada.

— Estamos aqui, vamos entrar; depois terminaremos o que começamos. Onde você quiser.

Ele sorri maldoso.

— Tenho uma promessa?

— Tem! — Abraço-o e novamente ajo por impulso. — Ainda hoje você poderá fazer todas as sacanagens que gosta comigo.

Alexios geme.

— Samara... — ele me adverte. — Não mexe comigo, você não me conhece, não na cama.

— Cama? — Levanto a sobrancelha e saio de cima dele. — Que coisa mais quadrada... esperava mais criatividade.

Pego a sacola de lona, ajeito minha roupa e dou uma piscadinha antes de sair do carro. A expressão sombria que tomou conta do rosto dele quando olhou a construção sumiu, e Alexios tem os olhos sorridentes.

Puxo o ar profundamente e vou soltando-o devagar. Apesar dessa deliciosa interação dentro do carro, sei que o clima irá mudar assim que abrirmos os portões que trancam esse lugar tão fortemente quanto um presídio.

— Pronta? — ele me pergunta antes de pegar minha mão e atravessarmos juntos a rua.

O tilintar das chaves quando Alexios saca o chaveiro do bolso faz com que eu o compare a um carcereiro, e um frio perpassa meu corpo, fazendo-me estremecer.

Não faço ideia de como ele está se sentindo, mas imagino que infinitamente pior do que eu, afinal, esse lugar fez e ainda faz parte de sua história de vida. Dentro dessas paredes antigas, com pintura desgastada e muitas pichações, podem estar todas as respostas que ele um dia buscou.

Grades abertas, Alexios abre a porta principal, duas folhas enormes e pesadas de madeira maciça, ao que parece. Suas dobradiças enferrujadas rangem quando ele força a abertura, e eu instintivamente me preparo para ver a vermelhidão do fogo, sentir o cheiro de enxofre e a quentura do inferno.

— Só falta aparecer o cão Cérbero! — comento adentrando o hall, lanterna na mão, porque, mesmo de dia, com todas as janelas tampadas não dá para

enxergar nada. — Que cheiro horrível!

— Com certeza algum bicho se decompondo.

Tremo.

— Espero que seja *mesmo* um bicho.

Alexios passa o braço sobre meu ombro.

— Você não precisa fazer isso, Samara.

Paro e olho para ele.

— Não, não preciso, mas quero e vou. — Entrelaço minha mão na dele. — Contigo!

Seguimos andando. Um grande salão aparece, cheio de prateleiras de vidro e espelhos. A maioria está quebrada. O carpete, mesmo puído e imundo, mostra sinais de que um dia foi da cor do carmim. Não há móveis, apenas o que restou do balcão do bar em madeira nobre, sem tampo, provavelmente algum mármore que foi saqueado.

— Como você conseguiu as chaves daqui? Vim pronta para arrombar.

Ele não ri da minha piadinha.

— Kostas é o proprietário.

Pronto, agora, sim, meu queixo está no chão! Konstantinos comprou este sobrado, aonde os dois passaram anos tentando não ir? Com que propósito? Que loucura! Sempre achei que Kostas tinha ficado meio esquisito depois que cresceu – não fisicamente, porque é lindo como um deus grego –, mas estava sempre soturno, debochado, com uma aura tão escura em volta de si que chegava a me dar medo.

— Sinceramente, nunca vou entender vocês! — confesso, e Alexios concorda.

Oh, família complicada!

Paro de pensar nas peculiaridades de cada um dos irmãos e do pai maluco e abro todas as gavetas que ainda restam na parte de alvenaria do balcão, onde deveria ser o caixa, bem como olho todas as prateleiras que ainda estão firmes debaixo desse.

Alexios revira o lixo no chão, à procura de qualquer coisa que possa indicar nomes ou datas.

— Aqui deveria ter um escritório, não? — inquiro.

Ele pensa por um instante, imóvel, como se puxasse as memórias do tempo torturante que passou por aqui.

— Não lembro de ter visto qualquer coisa semelhante, mas certamente há. — Abre uma porta debaixo da enorme escada de madeira. — Chapelaria, porra!

Ele está impaciente, ansioso. A casa vai ficando cada vez mais escura, e eu, achando-me muito inteligente, vou espalhando lanternas para todos os cantos a fim de facilitar as coisas.

— Vou subir — anuncio e piso no primeiro degrau, que range alto.

— Espera! — Alex passa por mim. — Deixe-me ir na frente, não sabemos as condições desta escada.

Subimos devagar, eu bem distante dele, enquanto ele pisa com cuidado e depois coloca seu peso sobre o degrau. Apesar de ruidosa, aparentemente a escada está firme. Dou um berro quando chegamos ao piso superior, pois uma ratazana – sim, porque é quase do tamanho de uma capivara, só pode ser a fêmea – passa em cima das minhas botas.

O desgraçado começa a rir com o meu desespero e depois com minha indignação.

— Eu estava estranhando você tão calma, sabia? — Puxa-me para seus braços. — Lembro bem do seu pavor de baratas voadoras.

— Por que você acha que vim com os cabelos presos? Sempre tive pavor de um inseto desses se agarrar na minha juba; nunca mais iria conseguir sair!

A gargalhada dele ecoa pelo lugar sem vida, e eu o toco no rosto. Alexios fica sério com a carícia, mas não recua ou me impede. Ele é lindo, tem traços perfeitos, que se complementam. Quando mais novo, reclamava do nariz grande, mas a maturidade conseguiu harmonizar todos os seus ângulos.

Eu o vi de tantos jeitos, desde o menino loiríssimo, até se tornar o jovem de cabelos castanho-claros. Acompanhei seu crescimento, assim como ele fez com o meu. Vi seus primeiros sinais de barba, a voz mudar, as espinhas no rosto, o aparelho nos dentes, o ganho dos músculos... e cada vez ele ficava mais lindo. Era como uma pintura de um anjo quando criança, mas hoje sua beleza transcendeu à figura angelical graças a detalhes másculos que foram aparecendo com o passar dos anos.

Alexios segura minha mão e a beija, depois faz o mesmo com meu rosto, fazendo uma trilha de beijos curtos, mas sensuais, até tomar minha boca com carinho.

— Aqui eram os quartos que os clientes usavam. — Abre uma porta. — Foi aqui que eu iniciei minha vida sexual, aos 11 anos de idade.

Não consigo esconder o choque dessa revelação, pois nunca falamos sobre isso. Alexios ficou diferente depois que sua mãe adotiva foi embora, mas nunca imaginei que Nikólaos o tinha trazido para este lugar tão novo.

Eis os fantasmas!, penso ao entrar no cômodo fedendo a mofo e bagunçado.

23

Alexios

Demônios!

Não são fantasmas, essa palavra não consegue exprimir o que há dentro deste lugar. Tentei vir sozinho; não passei do salão principal. Era como se eu tivesse voltado no tempo, vindo para cá para satisfazer a tara do Nikkós e trepar com as putas que ele selecionava.

Bastou uma vez, e perdeu a graça para ele. Eu não tinha o mesmo problema do Tim, havia sido criado, até pouco antes de ele enlouquecer, em uma família aparentemente normal. As garotas – inclusive as putas – me achavam bonito, então, sim, no começo eu me diverti.

Qual garoto mimado não ia gostar de ter o pai pagando para fazer algo que lhe dava prazer? Eu não entendia o que estava acontecendo, não tinha um pingo de maturidade sequer para entender o ato e tudo o que ele representava. Na minha inocência, estava tudo certo. Se meu pai me mandava foder, eu fodia; se a puta queria apanhar, eu batia.

Claro que o objetivo de Nikkós não era fazer com que eu me divertisse, e, antes de encerrar minha visita a este lugar, fez questão de abrir meus olhos, levando-me para uma sala onde Kostas estava. Eu chorei quando entendi qual deveria ter sido minha reação e o que havia por trás de tudo aquilo; não era

diversão, era tortura.

Nunca disse a Kostas que o tinha visto, mas passei a olhá-lo diferente, com mais amor fraterno, entendendo o motivo de ele estar tão sério e quieto e evitar a todos.

Depois desse dia, Nikkós mudou seu modo de ação e, finalmente, conseguiu abrir, inflamar e infeccionar uma ferida em mim. E ela ainda permanece aqui, voltando a sangrar a partir do momento em que pisei neste lugar, apenas menos dolorida por conta da presença de Samara.

A diferença entre minha primeira incursão até aqui e agora é que, na primeira vez, eu me desestabilizei, travei e ajudei a terminar o caos que alguma invasão anterior começara. A parede ao fundo do bar ainda conservava os espelhos e as prateleiras, então, com um pedaço de madeira que achei no chão, fiz minha pequena demolição particular.

Eu me sentia um covarde, o mesmo que não fez nada para ajudar o irmão dentro daquela maldita sala espelhada, o mesmo que enfiou a cara nas drogas e na zoeira e deixou Kyra desprotegida, por isso a agressividade. Eu queria explodir o prédio comigo dentro!

— Alex? Tudo bem? — a voz de Samara, a lembrança de que ela está aqui para me apoiar, consegue diminuir a revolta e a culpa que começaram a borbulhar dentro de mim. Balanço a cabeça em sinal afirmativo e abro uma cômoda toda capenga; totalmente vazia.

— Acho que será perda de tempo, Samara.

— É muito cedo para dizer isso — ela prontamente rebate. — Já olhei outros três quartos enquanto você estava aqui e notei que, ao final do corredor, perto de uma escada de concreto, há um cômodo trancado.

A informação chama minha atenção, e, antes de eu dizer a ela que não é seguro ficar andando por aqui sozinha, arrasto-a comigo para o tal quarto.

— Não trouxe um pé de cabra — ela faz graça quando eu pego o cadeado.

— Amadora! — Pisco para ela.

Lembro-me então do enorme e maciço pedaço de madeira que usei para quebrar o salão principal. Não sei se será suficiente, mas não custa tentar. Peço a ela que me espere nesse exato lugar onde está e desço correndo. Demoro a encontrar o pau, mas mudo de ideia sobre ele assim que vejo uma barra de ferro, provavelmente alguma que sobrou da grade que Konstantinos mandou instalar e que abandonaram aqui mesmo.

Volto correndo mais uma vez, sem me importar com os barulhos da escada, mas gelo ao perceber que Samara sumiu.

— Samara! — grito por ela. — Porra, Samara, cadê você?!

— Aqui! — sua voz vem do sótão, e eu sinto meu estômago embrulhar.

Puta que pariu!

Subo as escadas de concreto pisando duro, puto demais por ela não ter feito o que pedi e a encontro parada, iluminando o enorme vitral colorido.

— Um puteiro com vitral de igreja! Era para disfarçar?

Dou de ombros.

— Não sei, nunca estive aqui.

Ela se vira para mim.

— Nunca? Por quê? Não fazia parte da área "recreativa" da casa?

Engulo em seco.

— Não. Eu só soube muitos anos depois para que usavam "a escola". — Ela franze as sobrancelhas com o termo que usei. — Aqui eram iniciadas as putas, em qualquer idade, principalmente crianças e adolescentes. — Samara arregala os olhos e põe a mão sobre a boca. — Isso aqui era área VIP, leilões eram feitos em troca de virgindade, além de servir como local de armazenamento de drogas.

— Como você soube...

— Quando a polícia encerrou as atividades da cafetina e a prendeu, a história toda vazou para a imprensa. Eu reconheci o lugar na hora. Logo depois a casa foi posta em leilão, e o Konstantinos a comprou.

— É asqueroso pensar que existem pessoas capazes de fazer isso. Crianças! — Ela soluça. — Que tipo de monstro o ser humano pode se tornar?

— Muito pior que o Capeta que as religiões pregam.

A imagem do homem que me criou me vem nitidamente à cabeça. Sua voz cortante, seu jeito arrogante, suas bebedeiras e loucuras. Pensar em tudo o que ele representou a nós três é ter a certeza de que os demônios são humanos perversos como ele.

— Quero sair daqui — Samara fala de repente. — Vamos descer, abrir aquele quarto e sair.

Ela desce as escadas rapidamente, e meu coração se aperta, preocupado. Samara não vivenciou nada disso, sempre teve uma família estruturada, pais carinhosos, um irmão protetor. Mesmo que ela tenha convivido comigo nos piores momentos de minha existência, ficava à margem da verdadeira natureza de Nikkós.

Agora, tendo tudo tão às claras, é normal que ela se sinta enojada e abalada com tudo isso.

Vou ao encontro dela, trêmula, esperando à porta do quarto trancado. Ela está

se esforçando para cumprir o combinado, mas esse fardo não é dela, Samara não precisava estar aqui, não precisava ser apresentada a essa realidade tão crua e cruel.

— Não precisamos fazer isso. — Ela me olha ainda soluçando, seus olhos úmidos de lágrimas. — Podemos ir embora agora. Essa é a minha história, Samara, ela é suja, cruel, nojenta, mas é minha, e a responsabilidade de pôr fim a ela é minha também, não sua.

— Abre o quarto, Alexios.

— Não sabemos por que isso está trancando. Não quero que você sofra mais do que já...

Samara puxa a barra de ferro da minha mão e, com o mesmo desespero com que quebrei as prateleiras dias atrás, ataca o cadeado. A porta de madeira ganha um rombo enorme enquanto ela desconta toda a sua indignação. Deixo-a; conheço bem o sentimento de revolta e sei que pôr para fora é a melhor forma de deixá-lo ir.

O som metálico da tranca se quebrando é como o sinal de que já basta. Toco seu ombro; está quente, a blusa úmida pelo suor causado pelo esforço, a respiração ofegante. Samara para, deixa a barra de ferro cair e respira fundo.

— Eu poderia matá-lo neste momento por ter submetido vocês a tudo isso.

Fecho os olhos, impactado por suas palavras.

— Não poderia, não, creia-me. — Abraço-a, e ela chora em meu peito. — Eu tentei, tinha todos os motivos do mundo, mas não pude. Sinto-me um covarde por isso, principalmente porque poderia ter evitado muita coisa.

— Você não é covarde, Alexios, nunca foi!

Balaço a cabeça negativamente e dou um bicudo na porta, escancarando-a de uma só vez.

— Eis o escritório!

Samara se vira para olhar o quarto, ainda todo mobiliado, a cama com a colcha puída, cheia de traças, os móveis cobertos de poeira e teias de aranha, um armário antigo, uma cômoda e uma mesa cheia de papéis revirados.

— O quarto da dona?

— Madame Linete — digo o nome sujo antes de entrar.

— Parece que tudo foi revirado — Samara diz, iluminando as roupas e os papéis pelo chão.

— Polícia. — O desânimo toma conta de mim. — Se eu esperava encontrar algo aqui, essa é a prova de que não irei. A polícia deve ter levado todo e qualquer material relevante, como nomes de clientes, contabilidade e qualquer

coisa que pudesse nos dar uma pista.

Samara concorda, mexendo nos maços de folhas amareladas e abrindo algumas gavetas.

— Contas de consumo de energia, água, bebidas... nada de mais. — Ela suspira. — Parece que não há mais nada sobre o negócio.

— Não. — Estendo a mão para ela. — Vamos embora!

Saímos mudos. Ela espera eu voltar a trancar tudo. A noite está escura, sem luar ou estrelas, o tempo carregado como se fosse chover. Meu humor não está diferente. A vinda até aqui foi uma total perda de tempo, e a mulher que entrou em contato comigo deveria apenas estar brincando.

Nunca vou saber o que realmente houve!

Entramos no carro mudos. Samara tira o boné, descalça as luvas e as botas com pressa, mas somente quando arranca a blusa é que eu questiono o que está acontecendo.

— Estou me sentindo suja com o pó de lá. — Ela se levanta como se não percebesse que está ficando praticamente nua ao meu lado e tira a calça de malha. — Eu não quero me contaminar com... — o soluço me faz ficar preocupado — aquela podridão. — Ela chora. — Me desculpe por isso, Alexios, mas acho que estou tendo algum tipo de ataque histérico.

Estaciono o carro no primeiro local que encontro, uma rua sem saída, vazia e, talvez, perigosa. Puxo-a para mim, embalando-a, contendo seu pranto, deixando-a lavar a alma depois de tudo o que soube. Eu sabia que seria pesado, que não teria como ela ir comigo e não sentir o que eu sinto.

A diferença entre mim e Samara é que ela consegue expressar, consegue chorar; eu não. Eu acumulo a raiva e a frustração dentro de mim, a desesperança, o desconhecimento de algo que sempre foi tão importante, algo que poderia encher o vazio que trago na alma.

— Psiu... — conforto-a. — Está tudo bem! Acalme-se.

— Desculpe... eu queria ser mais forte, você precisava que eu fosse mais forte...

— Samara, eu precisava de você. Estou aqui, inteiro, lúcido e sóbrio porque você esteve lá comigo. Não teria conseguido sem sua companhia, mesmo me sentindo culpado por ter te deixado assim.

— Não! — Ela me encara. — Você não é culpado, Alexios, por nada, entende? Nada do que aconteceu, no passado ou agora, foi culpa sua.

Ela atinge o ponto mais dolorido dentro de mim com essa frase. Eu gostaria de acreditar nisso; tiraria um peso enorme de sobre meus ombros, mas não

posso. Reconheço o que fiz e o que poderia ter feito para evitar muitas coisas que aconteceram.

— Samara, eu não sou inocente nessa história, eu sabia do que ele era capaz e, mesmo assim, arrisquei por conta de egoísmo...

Sou calado por um beijo. E não é um beijo qualquer, apenas um cala-boca, mas um cheio de desejo, desespero e entrega.

Mesmo diante de tudo o que passamos dentro daquele lugar, meu corpo reage ao dela, minhas mãos deslizam sobre suas costas, apertam suas nádegas, circundam sua cintura e seguem em direção ao sutiã que guarda os seus maravilhosos peitos.

Samara geme e se contorce sobre o meu colo. Afasto o banco do volante o máximo que posso, dando-nos espaço. Ela se inclina para trás quando enfio as mãos por dentro de seu sutiã. Assisto-lhe se deleitando com o toque, seus mamilos duros contra a palma das minhas mãos, o corpo ondulando contra o meu.

Posso sentir seu cheiro, sua excitação, tenho certeza de que já está molhada. Salivo de vontade de prová-la, de chupar sua boceta para descobrir seu gosto, brincar com a carne inchada de seu clitóris com a língua, penetrá-la, comê-la e sumir dentro dela.

Abro o fecho frontal do sutiã e libero os peitos perfeitos, cheios, mamilos escuros, bicos salientes. Inclino-me sobre ela e tomo um em minha boca, sugando-o, lambendo, mordendo de leve, enquanto ela segura com força meus cabelos e geme alto.

É loucura, não conheço este bairro, não sei nem onde estamos parados, mas não há possibilidade alguma de interromper este momento.

Não era assim que eu pensava em trepar com ela, parecendo dois adolescentes desesperados dentro de um carro. Contudo, não há força neste mundo que possa me impedir de possuí-la completamente. Precisamos disso, precisamos um do outro. Buscar abrigo no corpo dela é a melhor solução para aplacar todas as cargas negativas daquele lugar.

Eu preciso disso, ela também!

Não penso mais, abro o zíper da minha calça, saco meu pau, que ela toma imediatamente em suas mãos, masturbando-me com força e rapidez. Travo os dentes, acelerado de prazer, contendo meus uivos de tesão.

Puxo o prendedor que mantinha seus cabelos presos. Eles estão lisos hoje, mas ainda assim cheios, fazendo uma moldura perfeita para seu rosto. Seguro-os firmemente, puxo-os, trago-a até mim guiada por eles, a cabeça pendente para

trás, o pescoço à minha disposição.

Samara se levanta, e eu aproveito para tocar sua boceta. *Molhada, puta que pariu, muito molhada!* Afasto a calcinha e afundo o dedo em seu interior. Meu pau pulsa ante a perspectiva de fazer o mesmo caminho, afundar-se na maciez molhada e quente de Samara.

— Alexios... — ela geme alto.

— Peça.

— Por favor...

Rio, o dedo médio entrando e saindo enquanto o polegar circula seu clitóris sem parar.

— Peça!

Samara abre os olhos, as bochechas rosadas em uma mistura causada pela excitação e a vergonha de falar abertamente o que quer que eu faça.

— Me possua!

Travo a mandíbula, mas o gemido soa alto ainda assim.

— Não vou fazer isso. — Sorrio quando ela arregala os olhos. — Não vou possuir você, Samara, vou me juntar a você, vou me tornar parte de você. — Guio meu pau para sua entrada. — Vamos nos possuir.

Ela me recebe lentamente, seu canal apertado se acomodando a mim, causando sensações foda a cada centímetro. Deixo-a ir sozinha, sem forçar, dando-lhe o controle de parar quando sentir que não dá mais. Ela não para, e eu me desespero de prazer, tocando-a profundamente, seus músculos vaginais apertando-me tão forte quanto sua mão o fez.

Seu quadril toca no meu; ela não se move, nem eu. Sinto espasmos, a boca seca de respirar forte, os bufos de prazer se tornando cada vez mais intensos. Nunca foi assim, nunca senti tanto e...

— Camisinha... — gemo a palavra, lembrando-me de que não pus a proteção, e isso nunca ocorreu antes dela. *Porra, que sensação!* — Samara...

Ela se move, rebolando curto, mantendo-me ainda todo enfiado dentro de si. Minhas bolas são esmagadas pela sua bunda. O roçar constante de sua umidade com a base do meu pau me enche de prazer. Sinto-me febril, o calor dela me fazendo derreter, tirando qualquer racionalidade ou mesmo juízo.

Foda-se!

Forço-a para cima, afastando-a um pouco de mim, mantenho-a erguida apoiando seus peitos, apertando-a contra o volante do carro. Finco meus calcanhares no chão e impulsiono meus quadris, socando em desespero, rápido, firme, profundo.

Samara grita de puro prazer. Eu rebolo, arremeto e estoco. Ela se agarra ao forro do teto do carro, seu abdômen contraído, as coxas trêmulas, a boceta me enforcando de um jeito inacreditável. Então assisto à cena mais foda do mundo, sua entrega ao prazer sem nenhum filtro ou contenção.

O som de seus gemidos sai como se fosse música, a expressão de seu rosto é digna de uma pintura, seu corpo retesado, a pele arrepiada, quente e levemente úmida de suor.

Preciso fechar os olhos para controlar meu próprio gozo. Meu pau desliza com mais facilidade, sinto a cueca e parte da calça encharcada e sei que isso está vindo dela, de dentro dela, do prazer dela.

Porra!

Samara cai em cima de mim, e eu tento desesperadamente me puxar para fora dela, porque sinto que vou explodir a qualquer instante. Ela entende minha agonia, levanta-se um pouco e acompanha, deslumbrada, minha porra jorrar e sujar toda a frente da minha camisa.

Relaxo, encosto a cabeça no banco do carro e a encaro.

Samara ri, rosto corado, cabelos despenteados, satisfatoriamente fodida.

— Você é linda! — declaro, e seu sorriso aumenta.

— Somos loucos!

Concordo.

— Acho melhor irmos, nem sei onde parei. — Ela sai do meu colo e se senta no banco do carona, tentando ajeitar a calcinha e colocar o sutiã. — Tudo bem?

Samara apenas balança a cabeça, sem me olhar, visivelmente constrangida. Fico tenso, não sei o que ela está pensando, agora que o corpo esfriou e a paixão foi satisfeita. Ela estava vulnerável, em uma clara crise, e talvez eu tenha errado ao ter feito sexo com ela.

Samara tem um noivo!

A mera lembrança do espanhol e a possibilidade de que ela esteja estranha assim por causa dele me fazem ferver de raiva. Se ele fosse o homem certo, ela nunca teria ficado comigo, Samara não é assim!

Ela continua muda, sem me olhar, sem nem mesmo se mexer. Aciono o motor do carro e saio o mais depressa possível da rua estranha onde ficamos parados.

Foi uma loucura!

Foi uma delícia!

Mas, porra, o que ela está pensando?!

24

Samara

Que loucura foi essa?!, penso ao estremecer. O calor do momento, da excitação já não está tão mais potente, e eu começo a pensar na loucura que acabamos de fazer. *Eu nunca fiz sexo dentro de um carro!*, sinto-me nervosa ao pensar sobre isso.

Então, como um clarão, a realidade me atinge, e eu olho para o lado, para o homem que esteve enterrado dentro de mim, gemendo como um touro, há instantes.

Eu fiz sexo com Alexios Karamanlis!

A maior e mais longa fantasia que já tive, desde o começo da minha vida adulta, realizou-se. E, nossa, eu nem cheguei perto de imaginar como seria realmente. *Foi mágico, rápido, quente e muito safado!*

Suspiro, pensando que nunca gozei com essa intensidade, nem mesmo senti tanta fome e vontade de recebê-lo todo dentro de mim. Não foi fácil, realmente ele é grande, mas a posição e o controle que eu tinha, ajudaram a achar um modo de tê-lo todo sem me machucar.

Bom... estou latejante ainda, um tanto dolorida, mas incrivelmente realizada. Contudo, sem saber como agir.

Claro que não sou inexperiente, tenho 31 anos, nada garotinha, mas

reconheço que o sexo louco foi consequência de tudo o que passamos dentro daquele casarão. Foi um modo de extravasar e expurgar todas as lembranças e revelações dolorosas.

Agora como vamos encarar isso?

— Vai mesmo entrar no elevador de calcinha e sutiã? — ele pergunta de repente.

Olho para fora e percebo que estamos próximos ao nosso prédio.

— Nem tinha me dado conta de que estávamos perto. — Sorrio sem graça. — E você?

Alexios dá de ombros.

— Vamos torcer para que não tenham vizinhos no elevador. — Ele tenta rir, mas percebo que está um tanto sem graça também. — Qualquer um que divida um espaço pequeno conosco vai adivinhar rápido o que andamos fazendo.

Sim... cheiro de sexo, cheiro do gozo.

Visto a blusa com o coração disparado.

Não falamos nada depois, apenas aquelas poucas palavras quando saí de cima dele e seguimos mudos. Uma incerteza começa a crescer dentro de mim.

Será que ele gostou?

— Está tudo bem? — arrisco a pergunta.

Ele nega e puxa minha mão, mostrando-me que já está excitado novamente, usando sua ereção para responder à pergunta.

E que resposta!

— Arrependida? — indaga, e meu coração parece pular.

— Não, por que estaria?

Ele não responde, concentrado em entrar na garagem subterrânea do nosso prédio.

— Não sei, talvez por conta do seu compromisso com o espanhol. Sei que você não é assim, agiu por impulso e...

Ai, merda!

— Alexios — interrompo-o, e ele me olha assim que desliga o carro. — Acabou — confesso. — Não tenho mais compromisso, Diego voltou para Madri sozinho.

Ele demonstra surpresa.

— Quando?

— No dia do nosso jantar juntos. Eu já havia terminado com ele, porém Diego estava um tanto resistente a isso. Mas, por fim, ele entendeu, e acabamos. — falo sem dar mais detalhes.

Alexios parece ponderar o que eu disse, e isso me deixa nervosa, pois não sei o que pode estar pensando.

— Éramos compatíveis, você tinha razão, porém somente isso não era o suficiente. — Ele ainda não fala nada, e meu nervosismo aumenta. — Eu não estou pronta para amar alguém ainda.

— Por quê? — ele enfim reage.

— Acho que preciso de um tempo para me amar antes, fazer algumas coisas que fui deixando para trás por conta de outras pessoas.

Tento ser sincera na resposta, mesmo que omita a parte de estar apaixonada por ele e, por esse motivo, não conseguir amar ninguém mais. Alexios não saberia lidar com isso, e essa é uma questão com que apenas eu posso lidar, não é responsabilidade dele.

— O que aconteceu entre nós... — prendo o fôlego quando ele começa. — Eu não quero que afete nossa amizade, tenho receio disso. — Concordo. — Mas não vou mais reprimir o desejo que sinto por você. Só não quero machucá-la. Você me conhece, sabe que um envolvimento comigo não tem futuro.

Uau! Dói admitir, mas ele tem razão. Um envolvimento sexual com ele é somente isso, sexo e diversão passageira. Eu o conheço, talvez mais do que ele imagine, e reconheço que, do jeito que ele está, ferido como está, não consegue amar a si próprio, quiçá outra pessoa

— Eu sei — acalmo-o. — Eu quero o mesmo que você, deixar de reprimir minhas vontades, explorar o que você tem para mim sem culpa, sem pensar no amanhã. Vamos continuar amigos, com a diferença de que, sempre que quisermos, poderemos gozar juntos.

Ele sorri.

— Tem certeza?

Assinto.

— E a sua namorada? Eu não quero magoar ninguém também.

Ele ri.

— Não tenho namorada, Samara, e você sabe disso. Laura floreou as coisas naquela noite, e confesso que me pegou desprevenido. — Ele se aproxima de mim. — Ela só foi comigo porque eu estava com medo.

— Medo?

Alexios lambe meus lábios.

— De parecer um idiota ciumento ao ver outro homem te tocar.

Merda! Não leva para o coração, Samara!

Ouvir que ele tem ciúmes de mim acende a indesejável esperança de um dia

ele me amar. Reprimo-a, sufoco-a, mandando-me ser realista e deixar de ilusão. Eu estou entrando em um envolvimento casual com ele, para realizar a fantasia, perceber que realmente nunca poderíamos dar certo juntos e curar essa paixonite.

É isso! Estar junto a ele agora vai me desiludir de vez, e aí, sim, poderei seguir em frente.

— Eu não desejo um amor pela metade, Alexios. Quando chegar a hora, vou amar e ser amada na mesma medida, por isso não me sinto pronta a me comprometer com ninguém.

Ele concorda.

— Você merece tudo o que desejar — sinto os olhos ficarem úmidos ao ouvir isso, pois certamente ele não tem ideia de que sempre foi ele que eu desejei. — Não posso dizer que lamento a saída do espanhol *de campo*, já que gosta tanto de futebol. Não gostei dele desde que pus os olhos naquela cara comprida. — Rio de sua implicância, mas logo ele muda de assunto, deixando-me com as pernas trêmulas: — Seu apartamento ou o meu? Quero trepar com você sem afobação.

Ele pisca, e pondero sobre o que fazer.

Não quero que ele vá para o meu apartamento. Eu sei que parece loucura isso, mas só habitaram meu espaço homens com quem namorei, com quem tive algum tipo de compromisso. Sexo casual – os poucos que tive – nunca foi na minha cama, e, se levar Alexios para lá, poderei confundir as coisas.

Preciso proteger meu coração acima de tudo!

— No meu não, prefiro no seu — respondo, e ele se surpreende.

Sim, eu sei que ele já fez muita putaria por lá, porém não quero que façamos diferente apenas porque somos amigos. Eu não quero me sentir especial sem ser de verdade, não quero me iludir.

— Tudo bem — ele responde seco e sai do carro.

Demoro um pouco mais a sair com a desculpa de que estou terminando de me ajeitar, quando, na verdade, estou avaliando a reação dele. Alexios pareceu contrariado, como se não me quisesse em seu espaço. *Mas ele ofereceu!*

— Vamos torcer para não encontrar ninguém! — faço piada na porta do elevador, e ele ri.

— Eu mal conheço meus vizinhos. — Dá de ombros. — Eu queria subir sozinho com você no elevador por outro motivo.

Cruzo os braços.

— Qual?

Alexios me puxa pela nuca e me beija com ardor. O elevador chega à garagem, e o som das portas se abrindo me faz abrir os olhos também, porém ele não me solta. Entramos assim, agarrados. Penduro-me nos ombros dele e ligo o foda-se para quem for entrar no elevador conosco. Tudo o que consigo pensar é nele, no prazer que ele me desperta, no poder de saber que ele mal se contém de vontade.

Sou esmagada contra o espelho, como naquela noite do baile dos Villazzas. Alexios levanta uma das minhas pernas, segurando-a por trás do joelho, encaixando sua ereção bem no meu centro.

Há câmeras no elevador e a possibilidade de, a qualquer momento, alguém entrar nele, mas estamos tão envolvidos no beijo, no jeito como nos movemos juntos, mesmo vestidos, que é como se estivéssemos em local isolado.

Eu quero tudo com ele!

Tudo o que ainda não fiz, tudo o que fantasiei e sonhei. Deixar de lado a Samara certinha e controlada, a moça recatada de família e ser apenas uma mulher se descobrindo nos braços do homem que sempre a excitou.

Sua boca sai da minha e se arrasta pelo meu queixo, pescoço e orelha. Gemo alto, sem controle, o tesão renovado com força total, pronta para mais uma viagem louca em direção ao prazer.

O elevador para, e eu abro os olhos rapidamente, porém Alexios não para de me beijar.

— Eita, porra! — Reconheço o roqueiro de madeixas longas, amigo do outro que mora na cobertura. — Eu pego outro!

Ele some rapidamente, e a porta volta a se fechar.

— Era o Luti? — Alexios pergunta com riso na voz.

— Acho que sim. — Encaro-o.

Começamos a rir como loucos da situação constrangedora, mas logo ele volta a rebolar contra mim.

— Eu disse que queria sem afobação, mas a vontade que estou é de te comer aqui mesmo, de pé, subindo e descendo os andares deste prédio.

Arregalo os olhos.

— Seríamos expulsos!

— Eu sei, não é excitante?

Mordo o lábio e concordo. A Samara normal nunca concordaria com isso, nunca acharia excitante, mas esta agora aqui com ele, tomada por volúpia e vontade de ser livre, ficou toda molhada só em pensar na possibilidade.

— Eu quero essa loucura com você — confesso. — Quero que você me mostre tudo o que gosta e que me dará prazer.

— É só me pedir, Samara. Peça, e eu realizo, estou completamente à sua disposição.

— Então me mostre... — Meus olhos escuros se perdem nos dele. — Mostre como Alexios Karamanlis dá prazer a uma mulher.

Ele sorri, safado, malicioso, e morde meu lábio inferior.

— Seu pedido é uma ordem!

Como se fosse combinado, as portas do elevador se abrem no andar dele, e Alexios me arrasta para fora. Eu entrelaço as pernas em sua cintura enquanto ele me carrega, achando tudo muito novo e divertido.

Ele abre o apartamento sem me soltar e só me põe no chão quando volta para trancar a porta.

Olho em torno. Não venho aqui há anos, e pouca coisa mudou. O sofá onde ele estava se divertindo com duas modelos lindas ainda é o mesmo, e sinto uma enorme insegurança tomar conta de mim. Ele já teve muitas mulheres, de todos os tipos, já deve ter realizado muitas coisas, nada mais deve ser novidade, enquanto para mim quase tudo é novo.

Meus relacionamentos foram sempre dentro do mesmo padrão. Eu tinha namorado mais para sair e distrair a cabeça do que efetivamente para sexo. Nunca me considerei boa de cama, nunca tive esse poder de enlouquecer um homem. Era sempre tudo natural. Eu conhecia alguém, a gente tinha afinidades, gostava da companhia um do outro, e aí o sexo rolava.

Alexios, não. Ele certamente sabe o que é enlouquecer uma mulher, sabe o que dizer e o que fazer; nada mais para ele deve ser segredo.

— Samara? — Viro-me para ele tentando não transparecer minhas preocupações. — Vamos para o banho.

Concordo sem falar nada, ainda sentindo um certo incômodo por ter escolhido ir para o apartamento dele, o mesmo lugar onde todas as mulheres que comeu provavelmente já estiveram.

Droga! Por que é tão difícil ser racional? Eu quis vir, eu escolhi aqui exatamente para não me dar uma falsa ilusão do que estamos tendo! Não era para eu estar me sentindo estranha com isso!

Alexios não me leva para a área íntima do apartamento, e estranho, pois pensei que ele iria me levar para o banheiro de sua suíte. Noto que transferiu a lavanderia para perto da cozinha, que é parte integrada à sala, e quando ele abre a porta do que deveria ser a área de serviço, perco o fôlego.

Em um canto, próximo à enorme janela espelhada que dá vista para um pedaço do Ibirapuera, ele instalou uma *jacuzzi* e alguns equipamentos de ginástica.

— Gosto de malhar pesado e depois receber massagem — explica, ligando a água. — Nos banheiros daqui não cabia uma dessas, então adaptei a planta original e criei uma espécie de SPA. Gostou?

— Claro que sim! — respondo com sinceridade. — Sinto falta de não ter uma banheira. No meu quarto lá na casa dos meus pais tem. Eu gosto muito da sensação de estar cansada e me deitar na água quente.

Alexios liga a água e começa a desabotoar a camisa.

— Eu geralmente me deito em água fria após os exercícios. — Ele tira a calça. — Mas eu sabia que você iria gostar; sempre amou estar na água.

Sempre amei o quê?!

Não consigo acompanhar o raciocínio dele, porque, desde o momento em que tirou a camisa e começou a desbotoar a calça, meu cérebro entrou em stand-by e os hormônios tomaram conta do meu corpo, causando revolução, incendiando tudo.

Ainda não o tinha visto nu!

Claro, já o vi de sunga, sem camisa, mas... – gemo quando ele tira a cueca – nunca nada assim. Que visão ele é! Sua pele clara, coberta por pelos aloirados, o peito definido, a barriga cheia de gomos, as coxas fortes e grossas. Simplesmente congelo o olhar sobre seu membro, que vi apenas parcialmente no carro, tendo noção agora de seu tamanho.

Suspiro.

— Samara? — Alexios me olha preocupado, mas depois parece entender *o que* eu estou olhando. Ele ri e vem até onde estou. — Também te quero nua! — Lambe minha orelha e começa a erguer minha blusa. — Naquela noite pude sentir, mas não olhei; agora quero tudo, ver, tocar, beijar...

Ajudo-o a se livrar da peça e abro o fecho do sutiã. Alexios se abaixa, retira minhas botas e puxa minha calça juntamente à calcinha.

— Porra... — ele sussurra.

Fecho os olhos assim que sinto a ponta do seu nariz se esfregando contra a parte interna das minhas coxas como se quisesse absorver o cheiro. Suas mãos apertam meu bumbum e me puxam para frente, e, antes que eu entenda o que ele pretende, sinto sua língua dura e quente avançar entre minhas dobras.

— Ah... — gemo e o seguro pelos cabelos.

Ele explora sem nenhum pudor, abre minhas pernas, inclina meu quadril para

frente e esfrega a língua vagarosamente. Abro os olhos e o encaro, pois, mesmo me lambendo, ele não deixa de me observar. O brilho e o leve repuxar em seus olhos indicam que está sorrindo, então, sem nenhum aviso, ele fecha a boca sobre meu clitóris e chupa com força, ritmicamente, fazendo-me ter que segurar seus cabelos com mais força para não cair.

Minhas pernas parecem feitas de gelatina, e os músculos tremem tanto que temo não me sustentar de pé. A sucção junto ao aperto de suas mãos em meu corpo me faz vibrar, acender, perder o fôlego, de modo que, quando o orgasmo me toma, despenco sobre ele no chão.

Alexios me ampara em um abraço forte. Seu corpo firme também está trêmulo, sua respiração, irregular, e o coração soca seu peito com tanta força que posso senti-lo em mim. Sorrio extasiada, ainda curtindo os espasmos do êxtase criado por sua boca e os pequenos choques que, involuntariamente, vibram em meu clitóris inchado e sensível.

— Não estava enganado — sua voz rouca ressoa em meu ouvido, o hálito quente fazendo minha pele arrepiar de tesão. — Sua boceta é uma delícia! Gosto de mulher excitada, cheiro de tesão e aparência da porta do paraíso.

Gargalho.

— Exagerado!

— Não, você é um exagero, Samara. — Ele bufa. — Puta que pariu, que exagero!

Levanto o rosto e o olho, esperando encontrá-lo com seu típico sorriso malicioso, mas não, ele está sério, olhos brilhantes e uma expressão cheia de desejo.

Deslizo minha mão entre nossos corpos, procurando aquele pau lindo e assustador que vi há pouco. Os músculos definidos parecem se contrair ao meu toque enquanto ondulo entre os gominhos de sua barriga, passo pelo V em sua bacia e entro na área com pelos aparados, que me espetam levemente.

Nós dois gememos juntos quando seguro seu membro, duro como pedra, quente como brasa e molhado. Passo o polegar pela cabeça avermelhada e espalho sua lubrificação para poder masturbá-lo mais gostoso. Movimento os dedos para baixo e para cima, tocando-o diretamente na carne, pois não há prepúcio, o que indica que, em algum momento, ele fez a retirada da pele.

Já tinha percebido isso no carro, quando estava sentada em seu colo, e seu pau entre nós. Achei tão lindo, tão esteticamente perfeito ter tudo exposto, o contorno da cabeça, a forma como ela é desenhada de forma tão eficiente que parece ter sido calculada por um engenheiro. Ponta fina que vai engrossando até

chegar no corpo do pênis, que continua o processo de aumentar de largura até a base.

Aperto-o mais, sinto o sangue correndo para encher cada cavidade, as veias mais grossas pulsando, enquanto ele fica ainda mais duro.

— Você é lindo — declaro sem nenhum pudor. — Eu quero provar você também, descobrir se seu gosto combina com o meu, para depois poder misturá-los e definir se esse novo sabor é gostoso.

Alexios parece surpreso com o que eu disse. Confesso que também estou, pois não sou assim tão direta em relação aos meus desejos. Todavia, com ele me propus a ser, quero explorar tudo o que ele puder me dar, e, como sei de sua limitação emocional, tudo o que vou ter dele é isso: sexo, desejo e realização de fantasias.

— Prove o quanto quiser! Meu pau é seu enquanto você o quiser, para qualquer experimento que desejar fazer.

Sorrio maliciosa e ergo a sobrancelha.

— Tem certeza disso? Pode ser perigoso.

— Perigo é um dos meus sobrenomes! — Pisca para mim.

Aperto-o com mais força, e ele geme, contorcendo-se sob mim. Ergo-me, afastando nossos corpos, contemplando seu membro duro e brilhante em minha mão, a pele esticada ao máximo, a lubrificação criando pequenas gotas translúcidas na ponta. Salivo, louca para experimentar.

Faço um caminho de beijos sobre seu abdômen, sentindo os pelos aparados coçarem meu nariz, até a base de seu pênis. Ergo-o para ter acesso a tudo e começo a lamber desde a virilha até a cabeça.

— Porra, Samara! — Alexios geme em desespero.

Sim, eu também posso ser malvada!, penso ao repetir o movimento, usando somente a ponta da língua para instigá-lo, porém sem chupar ou ficar por muito tempo sobre a parte mais sensível de seu pau.

— Chupa! — Ele ergue o quadril para que eu o tome em minha boca.

— Não...

Passo a língua toda agora, não só a ponta, deixando-o ainda mais molhado. Alexios xinga mais uma vez, impaciente, mas eu não tenho pressa; esperei a vida toda para fazer isso.

Deixo seu pau um pouco de lado e concentro minha atenção em suas bolas, chupando-as, massageando-as, admirando como ficam firmes por ele estar tão excitado. Decido provocá-lo e atinjo a textura do períneo com a ponta do dedo.

Alexios delira com minha boca em suas bolas, uma das mãos em seu pau,

masturbando-o sem parar, e a outra brincando no entorno de seu rabo.

Nunca me senti tão excitada fazendo sexo oral, mas agora, talvez por ser ele ou tão somente por estar me permitindo curtir esse ato, sinto minhas coxas melarem, e basta apenas um apertar de coxas para que eu goze novamente.

Só que ele não permite; antes que eu me dê conta, levanta-se e me leva consigo para a banheira, já cheia d’água. Ele não liga os jatos massageadores, entra, senta-se na beirada, o mármore já quente da temperatura tépida que vem da água, ajoelha-se e arreganha minhas pernas sem nenhum pudor, deixando-me escancarada para ele.

Seguro a respiração diante de sua avaliação. Não é fácil deixar de lado todos os pudores e tabus; crescemos com a noção de que nosso sexo não é para ser visto ou notado, enquanto os homens desde meninos exploram e vangloriam-se de seus paus.

— Linda! — O sorriso sincero me faz relaxar, e consigo corresponder. — É incrível pensar que passei anos tentando não notar você como mulher. Eu me culpava quando ficava muito tempo olhando para seus peitos sob alguma camiseta ou quando ficava escondido na sacada, vendo você com a Kyra na piscina do condomínio onde morávamos.

— Você me notava?

Samara, cuidado com isso!, minha cabeça alerta o tempo todo, enquanto meu coração parece derretido.

— Não sou cego, mas precisava ser.

— Por quê? Por que éramos amigos?

Ele concorda, e meu coração dói.

— Eu não queria magoá-la; ainda não quero.

— Você não vai. Sei bem o que estamos fazendo, Alexios, não vou esperar mais do que isso. — Tento sorrir para aliviar o bolo em minha garganta e decido provocá-lo. — Então é bom você fazer isso valer a pena, pois, se não der conta de mim, aí, sim, vamos...

Paro de falar – ou de pensar – no exato momento em que ele me puxa mais para a beirada e mergulha entre minhas coxas. *Sim, não é exagero!* Eu o sinto todo aqui, não só sua boca, mas todo ele me chupa enlouquecidamente. Grito de tesão, as mãos apoiadas sobre o mármore, segurando meu corpo, enquanto o prazer me inebria sem reservas.

Estou sendo fodida por sua língua, que também lambe cada contorno do meu sexo, brinca com meus lábios, estimula meu clitóris. Alexios vira um pouco a cabeça, e sinto seus dentes se fecharem nas laterais de minha boceta, antes de ele

chupá-la com força.

Fecho os olhos, o corpo reagindo a cada movimento, os músculos tensionando, correntes elétricas me cruzando de norte a sul, fazendo minha respiração ficar ofegante e minha mente em branco. Sou toda sentidos agora, não consigo fazer mais nada, apenas desfrutar das sensações, esperando o momento em que tudo irá explodir dentro de mim e me fazer viajar ao encontro de uma nuvem de prazer.

Acontece!

Não me controlo, aperto minhas coxas contra a cabeça dele, não contenho os espasmos, perco o fôlego e me seguro em seus cabelos.

A água quente da banheira me envolve logo em seguida, mas não toco a louça, pois Alexios me senta sobre seu colo devagar, seu sexo encaixando-se no meu, preenchendo-me, inundando meu corpo de sensações.

Ele segura meu rosto junto ao seu, cara a cara. Os arrepios na minha pele obviamente não têm nada a ver com a temperatura do ambiente, mas sim com a reação química que acontece sempre que encostamos um no outro.

— Não se mexa — ele pede. — Esqueci de pegar camisinhas, mas estou limpo, Samara. — Assinto, mas confesso que não estou entendendo o que ele me fala, afinal, minha cabeça ainda parece flutuar. — Eu sei que não devemos arriscar tanto, não sei se você está protegida, então não se mexa.

Movimento-me, e ele xinga alto em meio a gemidos.

— Eu uso contraceptivo — informo-lhe quando compreendo sua preocupação. — Também estou limpa. — Tento me concentrar nele e dizer com seriedade: — Você tem certeza de que...

Alexios não responde, pois começa a se mover sem parar, segurando-me pelos quadris, imobilizando-me enquanto me fode e fazendo boa parte da água transbordar.

Seguro-me em seus ombros, deliciada com a expressão de deleite em seu rosto. Ele geme alto, seu corpo se contorce, seu pau pulsa dentro de mim de um jeito foda e me toca em um ponto específico que faz uma onda de prazer tão forte me atingir que acabo gozando junto a ele.

Abraço-o, trêmula, suada mesmo dentro d'água, sentindo-me satisfeita e feliz por descobrir tantas formas de prazer com ele.

Não precisei me estimular, não precisei fantasiar ou forçar o gozo. Tudo veio naturalmente, fácil, como se eu estivesse esperando pelo toque certo.

Pelo homem certo!

25

Alexios

Ter Samara assim, deitada encostada no meu corpo após o delicioso sexo que fizemos, nunca passou pela minha cabeça. *Que idiota!* Nunca vi entrega maior do que a dela, uma sensação de que eu a guiava ao prazer, mas porque ela me permitia fazer isso.

Eu imaginava que o sexo com ela iria ser foda por conta de nossa amizade, mas não fazia ideia de que seria como foi.

Esplêndido!

Confesso que, no começo, não entendi a preferência dela pelo meu apartamento. Eu jurava que ela iria querer ficar em sua própria cama, mais confortável, e não entendi a recusa. Era como se ela não me quisesse em seu espaço por algum motivo, e me isso me incomodou.

Depois, já aqui, percebi o olhar dela vagueando pela sala e um certo ar de arrependimento. Samara sabe que eu nunca vali nada, acompanhou muitas vezes a legião de mulheres subindo e descendo aqui em festinhas regadas a bebidas e foda.

Senti-me constrangido e por isso decidi que ela teria tratamento diferenciado.

— Gostando da vista? — pergunto a ela, que parece admirar as luzes do

parque ao longe.

— Sim — responde baixinho. — Aposto que faz sucesso com todas as mulheres que você traz para cá.

Franzo o cenho ao ouvir isso, pensando que, sim, faria, caso eu já tivesse trazido alguma.

— Não sei, esse espaço é meu, não é uma área que criei para sacanagem. — Ela olha para cima a fim de ver meu rosto. — É a primeira vez que divido essa banheira com alguém.

Samara se senta de repente, afastando-se de mim, e pega uma toalha.

— Acho que já estamos muito tempo na água... — justifica-se, saindo da banheira.

Não entendo a reação dela, parece que o que eu disse a assustou. Abro a boca para questionar, mas logo a fecho, admirando-a se secar. Samara não é grande, tem estatura média, pernas definidas de quem faz alguma atividade física – eu lembro que ela fazia balé quando mais nova, mas não lembro se continuou –, a cintura fina, bumbum redondo e proporcional, peitos fartos, pesados e ombros miúdos. Uma falsa magra, como dizem.

A pele morena, ressaltada pelos cabelos e olhos escuros, me atrai muito. Tudo nela sempre me atraiu, na verdade, pois quase não trepo com loiras.

Ela se enrola na toalha e me encara, ainda aqui deitado na água morna.

— Vou pedir algo para comer. O que você prefere?

— Você! — respondo de pronto. — Samara na banheira, uma especialidade que já experimentei. Samara no carro, uma iguaria perigosa, digna de aventureiros, mas que já desbravei. Faltam muitas opções desse menu ainda: Samara na cama, no balcão da cozinha, em cima da mesa, no tapete da sala, no chuveiro...

— Alexios! — Ela ri. — Estou falando sério.

— Eu também! — Levanto-me. — Porém me satisfaço com uma pizza portuguesa bem grande e com muito ovo, como você gosta.

Ela sorri, alegre, demonstrando que ganhei pontos por ter me lembrado de sua pizza favorita desde a infância.

— Pizza, então. Vou pegar meu celular.

Samara caminha em direção a uma das portas, e eu pulo da banheira a fim de a impedir de abri-la.

— Porta errada. — Abro um sorrisão para disfarçar. — A saída é aquela outra lá.

Eu deveria saber que minha ação iria despertar a curiosidade dela e que meu

sorriso só a convenceria de que estou escondendo algo.

— O que tem aqui?

Merda! Não sei se quero mostrar a ela ainda, mesmo que, algum dia, eu decida fazê-lo. Aposto que iria gostar. Não, tenho certeza de que ela iria gostar!

Abro a porta e a deixo ver por si mesma.

— Você voltou a pintar? — pergunta surpreendida.

Ela entra no pequeno quarto que uso como ateliê, o cheiro forte de tinta e solvente no ar, os cavaletes com pinturas inacabadas e a bagunça que "todo artista" faz ao criar.

— Às vezes, como forma de terapia, Chicão sugeriu, e eu gostei. — Dou de ombros como se não tivesse importância, mas ela sabe que tem. — Ainda não terminei nenhuma, mas sigo tentando.

Samara analisa meticulosamente cada uma das telas, olhos brilhando, sorriso orgulhoso a ponto de me fazer sentir vergonha do descaso com que executo esse trabalho.

— Eu me lembro de quando você desenhou meu rosto com carvão, lembra? — Ela ri. — Foi na época do filme *Titanic*.

— Eu tinha só 12 anos, nem sabia o que estava fazendo.

— Ah, mas amei! Meus pais não me deixaram ver o filme no cinema, mas depois vi na casa de uma amiga, e, quando Jack pintou a Rose, me lembrei de você fazendo o mesmo comigo.

— Só que não nua... — Abraço-a pelas costas e tiro sua toalha. — Eu ainda não tinha como saber, naquela época, que bela pintura nua você daria.

Samara ri, e eu estico a mão para pegar um pincel de marta, de pelo macio e suave, e contorno seus ombros, pescoço e nuca com ele, adorando ver a pele dela se arrepiando a cada movimento.

— Eu tinha medo de fazer besteira e perder sua amizade — confesso.

— Como assim?

Rio, já prevendo o choque e a incredulidade dela.

— Nós crescemos juntos, brincávamos como se fôssemos irmãos, mas teve uma época em que eu me dei conta de que não éramos. — Ela se vira para me olhar. — Eu já tinha feito sexo, já era experiente, e você sempre foi inocente, doce, completamente o oposto de mim.

— E? — sua voz soa um tanto trêmula, e eu rio, balançando a cabeça, receoso do que ela irá pensar se eu lhe disser que senti tesão por ela, masturbei-me algumas vezes olhando para sua foto e fiquei uma semana andando de pau duro quando ela me convidou para o baile de formatura.

— Coisa de adolescente...

— Não, me diz o que você ia contar. Por que você temia perder minha amizade?

Bufo, arrependido de ter começado o assunto, mas faço o que ela me pede.

— Porque eu quis te comer. — Samara arregala os olhos. — Mas percebi a tempo que isso só iria nos afastar, e você não era só minha amiga, mas também da Kyra, e eu não queria fazer merda contigo. Foi por isso que te deixei sozinha no baile de formatura, porque naquela noite eu só pensava naqueles malditos filmes americanos, louco de vontade de terminar a noite desvirginando você no banco de trás do carro. — Faço careta, debochando do meu pensamento, esperando que a cara de espanto que ela faz se desfaça. — Muito idiota eu, não?

Ela solta o ar devagar, como se o estivesse prendendo desde que comecei minha confissão.

— Não tem medo de perder minha amizade mais?

Nego.

— Somos adultos agora, sabemos bem o que queremos. Naquela época eu era um porra-louca, e você, uma menina sonhadora. Certamente iria dar em merda.

Ela concorda balançando a cabeça, mas sua expressão ainda é um enigma para mim. Sinto-me estranho, não sei se foi uma boa ideia falar sobre isso, então decido mudar de assunto.

— Nunca mais pintei nenhuma modelo viva. — Olho-a da cabeça aos pés. — Mas eu gostaria de tentar se você quiser.

Samara arregala os olhos e fica vermelha.

— Me pintar nua?

— Sim, por que não?

Ela ri nervosa.

— Porque é... — Olha em volta e morde o lábio inferior, fazendo meu pau acordar imediatamente. — Não sei, mas é tão... depravado, isso.

Gargalho.

— Samara, as pessoas hoje mandam nudes a torto e a direito.

— Eu sei, mas uma pintura... — Ela respira fundo. — Pode levar muito tempo e...

— É uma ótima ideia, eu acredito. — Toco seu rosto. — Vou adorar captar na tela seu rosto depois de gozar.

— Alex... — ela sussurra quando eu abaixo a cabeça e abocanho seu mamilo — a pizza...

— Foda-se a pizza, Samara! — Ergo-a e a coloco sentada sobre o banco que uso quando pinto. — Eu sinto fome de você!

— Não achou nada? — Kyra me pergunta pelo telefone.

— Não — respondo seco. — Kyra, não quero que Samara volte lá. Ela ficou muito abalada com tudo o que lhe contei.

Ouço o suspiro dela.

— Alex, você sabe que, se ela cismar que vai, ela vai.

Não, ela não vai mais!

— Estou abrindo mão de procurar qualquer coisa naquele lugar. Vou devolver as chaves e esquecer essa história. Não sou criança mais.

— Eu sei, mas isso ainda o fere, e *ele* sabe disso.

Cerro os punhos, tentando conter a raiva que sinto por tal coisa. Raiva de mim mesmo, da minha fraqueza, de ser esse menino assustado querendo saber o que houve com sua *mamãe.*

— Ele não tem por que se aproximar da gente mais, não teria essa coragem.

— Eu espero que não, não sei o que eu seria capaz de fazer se ele se aproximasse de mim de novo — a dor que sinto ao ouvi-la dizer isso é lancinante.

Eu odeio aquele homem, deveria tê-lo matado quando tive a oportunidade, mas não o fiz. Merecia; mais do que qualquer outro, ele merecia morrer.

— Bom, tenho uma reunião agora, últimos ajustes com minha equipe nos projetos do maior negócio da Karamanlis nos últimos tempos.

— E a situação do Theo? — Kyra parece genuinamente preocupada.

— A Karamanlis ainda está sob auditoria, e Millos tem andado de um lado para o outro para conseguir tudo que os auditores querem. Está um tanto engraçado, mas nem um pouco fácil.

— Ai, Alex, você tem um humor esquisito! — Ela ri.

— Olha quem fala! Depois falamos mais.

— Sim, vou sair com Samara mais tarde. Ela sumiu nesse final de semana, mas nem posso culpá-la, deve ter ficado com a família. — Sorrio malicioso, adorando saber *exatamente* onde e com quem Samara esteve durante o final de semana todo. — Até mais!

Kyra desliga, e eu entro no prédio da empresa. Ao contrário do que ela disse, não estou com humor esquisito, estou de ótimo humor!

Passei o final de semana todo trancado no apartamento com Samara. Sim, nós não saímos de lá para nada, a não ser ela, que desceu alguns andares para pegar seus itens de higiene e um vestido para o dia que retornasse para lá sem ter que colocar aquela roupa preta de ninja.

Trepamos muito, admito, foi bom "pra caralho", uma experiência como nunca tive, porque, além do sexo bom, tínhamos conversa boa e muitas coisas em comum. Samara e eu jogamos juntos, ouvimos música, fodemos, vimos séries, fodemos de novo, fizemos comida e... claro, fodemos na cozinha.

É gostoso demais estar com ela, tanto que só de me lembrar, volto a ficar excitado.

Bom, Kyra tem razão sobre ela precisar se concentrar na família, afinal está aqui para acompanhar a mãe durante a luta contra o câncer, e, pelo que sei, dona Ana Cohen já voltou a fazer quimio.

— Alexios? — um dos funcionários da K-Eng me chama. — Deixaram uma pasta para você na sua sala agora de manhã, está marcada com urgência.

— Obrigado, vou olhar.

Sigo para a sala, de terno, todo burguesinho hoje por conta da maldita reunião e abro a pasta despreocupado, mas logo a solto ao ver o recorte da reportagem no jornal sobre o sobrado de Madame Linete.

Sento-me na cadeira sem ação, conferindo a data do periódico, confirmando ser realmente da época em que o bordel foi fechado, e a cafetina, presa.

Procuro por qualquer pista sobre quem possa ter enviado o envelope, mas não tem nada, apenas o maldito jornal velho e fedendo a mofo. Quem iria me mandar uma reportagem de 15 anos atrás? E por quê?

Não há nada naquele maldito lugar que valha a pena mantê-lo de pé, e Kostas já disse que irá demoli-lo, então por que algum filho da puta está me mandando mensagens anônimas sobre aquela porra?

Eu não quero mais Samara naquele lugar, por isso mesmo, não vou contar a ela que vou voltar, mas é algo que eu preciso fazer. Tenho de vasculhar tudo uma última vez e tentar encontrar alguma coisa.

A chave do mistério sobre a minha história está naquele maldito sobrado!

26

Samara

Mudo o layout da sala de reuniões mais uma vez, trocando móveis, decoração e as cores da paleta. *Paleta!* Suspiro mais uma vez, distraída, cabeça nas nuvens, sorriso frouxo e olhos brilhando.

Parecia um dos meus sonhos, com a diferença de que era real! Eu passei um final de semana inteiro com Alexios, mas não como amiga, como sua amante, em seus braços, recebendo todo o tipo de atenção que fantasiei a vida toda, mas que superou – e muito! – qualquer sonho erótico que eu já havia tido com ele.

Tento não viajar demais no que aconteceu entre nós, porque sei bem que não vai passar disso: sexo. Contudo, preciso ser sincera e dizer que é difícil proteger o coração depois de tudo o que ele me revelou.

Ele me via! Fecho os olhos e sorrio como boba. *Ele sentia atração por mim!* A menina que eu fui se rejubilou com essa confissão, meu coração ficou tão apertadinho, como se eu pudesse confortar a mim mesma, dizendo que *ela* era vista e que ele a queria também.

Só quem já amou alguém tanto, platonicamente, pode entender essa sensação. Era um sentimento puro, feito de ilusões e sonhos bobos, que se

transformou em desejo na adolescência e em amor na vida adulta. *Eu amo Alexios, não tenho dúvida alguma disso!*

Tento manter em mente que, apesar de ele me querer, de ter dito que começou a sentir esse desejo desde nossa adolescência, não muda o fato de que não pode me corresponder no que eu mais quero. Alexios não pode me amar, e eu compreendo isso demais! Sou sua amiga acima de tudo, e cada vez que conheço mais um pouco de sua história, penso em como ele poderia ter noção desse sentimento, se só viveu rejeição, brutalidade e loucura.

Alexios não conheceu muito o amor de mãe, porque, muito embora a mãe de Kyra o tenha adotado, aquela vaca não foi mãe da própria filha de seu sangue, imagine de um menino que já carregava o estigma de ser filho de uma prostituta. Quanto ao pai dele...

Sinto arrepios em minha pele ao pensar no homem que, por um bom tempo, frequentou minha casa. Nunca entendi o motivo de, de repente, papai começar a se afastar de Nikólaos, renunciar aos projetos da Karamanlis e distanciar nossas famílias a ponto de nunca aceitar bem minha amizade com Alexios.

Isso foi sempre algo que me incomodou, porque mamãe tratava Kyra como se fosse sua filha, mas papai sempre foi distante dele e evitava Alexios ao máximo.

Agora, sabendo do que o pai deles é capaz, entendo meu pai. Provavelmente ele descobriu sobre as atrocidades cometidas por Nikkós e decidiu se afastar. Benjamin é e sempre foi um homem que preza a honestidade e o bom caráter, tenho certeza de que ter descoberto os podres do amigo o fez terminar a amizade, mas não o aproximou dos meus amigos e muito menos de Alexios.

Alexios... suspiro, o nome dele saindo baixinho pelos meus lábios. Nunca vivi nada parecido com o que fizemos nesse final de semana. Talvez me sinta assim por conta do que sinto. Contudo, posso dizer com certeza que foi a melhor experiência até aqui.

Depois do sexo na banheira e de ter descoberto o pequeno estúdio de pintura, transamos mais uma vez, lá, no meio das tintas e cavaletes. Foi uma rapidinha desenfreada e gostosa, e, quando eu ainda tentava recuperar o fôlego, ele voltou a me pedir:

— Posa para mim.

Fiquei vermelha, imaginando como seria ficar horas parada para que ele pudesse colocar na tela o que via.

— Não seria mais prático você tirar uma foto minha e pintar por ela?

Alexios fez careta.

— E qual seria a graça? — Ele resgatou o pincel de pele macio, que havia caído enquanto trepávamos como coelhos e começou a excitar meus mamilos com ele. — Não vou cansar você, pelo menos não de posar. A ideia é ir devagar, pintando e trepando, não nessa ordem, claro.

— Isso é tão...

— Excitante?

Ri e neguei.

— Safado! É bem a sua cara me propor isso. — Ele fez uma carinha de anjo suplicante linda, e eu não resisti. — Aceito, mas vamos ver se vou gostar dessa coisa de ser modelo...

— Musa! — ele me corrigiu. — Você será minha musa!

Fiquei sem jeito, ganhei um beijo carinhoso na testa e ajuda para me levantar. Meu coração estava completamente rendido a ele, mas minha mente protetora me lembrava o tempo todo do que havíamos combinado e de que eu não deveria criar expectativas.

Mas e esse carinho todo?, questionava-me, mas logo a razão respondia: *vocês são amigos, é óbvio que o tratamento seria diferente, afinal, ele não te pegou numa balada, vocês têm história! E se não for isso?*, meu coração teimoso voltava a questionar, ao mesmo tempo em que a razão rebatia: *ele deve ser assim com todas as mulheres que come!*

— Ser assim como?

Arregalei os olhos e percebi que tinha falado em voz alta e que ele me olhava curioso.

— O quê?

— Você disse: ele deve ser assim com todas! E eu perguntei: assim como?

— Atencioso — tentei disfarçar. — Eu vou pedir a pizza pelo aplicativo, agora estou com mais fome ainda.

Alexios se aproximou de mim e levantou meu rosto, segurando meu queixo levemente.

— Sim, eu tento ser atencioso com todas as mulheres com quem me envolvo, mesmo por uma noite só. Não vejo sentido em tratar mal alguém com quem eu estou compartilhando prazer, não sou desse tipo. — Concordei e tentei voltar a olhar para o celular, mas ele continuou mantendo minha cabeça erguida para encará-lo. — Com você é diferente, sim, admito. Somos amigos há muitos anos, você me conhece como ninguém, assim como eu a você. Nada mais normal do que ser mais carinhoso e atencioso, afinal, você não é qualquer mulher.

Sorri, sincera, gostando de que ele me visse assim, sentindo-me agradecida

por todos os receios e dúvidas de quando chegara ao apartamento dele terem sido dissipados aos poucos.

Alexios fez questão de fazer sexo comigo em locais de seu apartamento onde ninguém mais havia estado. Tentei não levar isso para o coração, mas foi impossível. Eu só precisava ficar repetindo o tempo todo que tudo aquilo acontecia porque éramos amigos, nada mais do que isso.

Pedimos a pizza e comemos juntos ao balcão da cozinha, porque percebi que ele até então não havia feito os móveis do projeto de decoração que eu tinha feito quando ele fora morar ali.

— Você disse que queria *Samara na mesa*, mas não há nenhuma aqui. — Apontei para a sala de jantar vazia.

— Tenho um pequeno escritório, tem mesa lá. — Ele se aproximou de mim. — Não ficaremos sem provar essa delícia!

A pizza acabou esquecida ainda pela metade, pois, assim que ele me beijou, eu soube que não iríamos comer mais. Alexios me ergueu, apoiou-me na bancada de pedra e me devorou com toda a fome que dissera que sentia por mim.

Não tive dúvidas, realmente ele estava faminto!

Tomamos banho de chuveiro juntos, e pude ensaboá-lo todo, admirando seu corpo esbelto e firme, enquanto ele lavava meus cabelos.

— Você faz isso bem! — elogiei.

— Treinei muito com a Kyra — contou-me. — Quando Sabrina foi embora, Nikkós ficou sumido por uns dias, e a babá estava de férias. Kostas e eu revezávamos para cuidar dela. Muita coisa a menina já fazia sozinha, mas lavar os cabelos era complicado, então essa tarefa coube a mim, porque Kostas ficou com a parte de fazê-la comer e dormir nos horários certos.

— Eu não me lembro disso. Por muitos anos eu não suspeitei de nada.

— Normal, éramos crianças.

Saímos do boxe, e ele me deu uma camisa de malha para vestir, porque eu queria descer para meu apartamento a fim de buscar itens pessoais, mas ele me fez desistir. Deu-me uma escova de dentes nova, emprestou-me uma camisa e me fez gozar com sexo oral, esparramada em sua cama.

Dormimos quase nada naquela noite, apenas desmaiamos e acordamos tarde no sábado. Tomamos café da manhã juntos, mais um banho na *jacuzzi*, dessa vez bem demorado, com direito a conversa, carícias e sexo. Ele pediu uma entrega de comida, e entramos em uma disputa de game que levou a tarde toda.

— Quer ir a algum lugar essa noite? — ele me perguntou assim que anoiteceu.

— Não, estou com preguiça.

Era desculpa, pois eu queria ficar com ele o máximo de tempo possível, pois não fazia ideia de até quando iríamos continuar naquela coisa de “amizade colorida”.

Cozinhamos, bebemos, vimos filme e, quando nos deitamos, cansados, não conseguimos tirar as mãos um do outro e acabamos fazendo mais sexo.

— Me conta suas fantasias — Alexios pediu, deitado na cama ao meu lado.

— Ah, não sei... — Ele me olhou como se não acreditasse, e eu resolvi ser sincera. — Não experimentei muita coisa, nunca usei um brinquedo. — Ri sem jeito. — Nunca tive nem um vibrador para chamar de meu.

— Gostaria de ter?

Mordi o lábio. Estava pronta para dizer que preferia um pênis de verdade, o dele, mas então mudei de ideia.

— Gostaria! E de fazer sexo em locais diferentes também.

— Onde, por exemplo?

Foi impossível não revisitar uma das minhas maiores fantasias: o iate dele! Sempre via reportagens em revistas ou em sites de fofoca sobre o barco festeiro de Alexios Karamanlis. Sonhava que, um dia, seria eu lá com ele, viajando pelo litoral, passando os dias quentes na água com ele e às noites frias no mar em seus braços.

— No mar — respondi genericamente. — Parar em alguma praia à noite, com o céu estrelado e...

— Romântico. — Ele riu. — Eu estava esperando descobrir que você gostaria de fazer sexo em um elevador, por exemplo, e você fala do mar à noite.

— Desculpa? — ironizei.

— Malcriada! Eu ia só dizer que essa sua fantasia combina muito mais contigo. Eu consigo te ver na proa de um barco, nua, toda prateada pela luz da lua, deixando o sortudo ao seu lado desnorteado e louco de vontade de estar dentro de você.

— Hum, gosto disso!

Alexios rolou para cima de mim.

— Eu estaria louco para isso. — Levantei a sobrancelha ao sentir seu pênis duro no meio das minhas coxas. — Na verdade, já estou!

No domingo, Kyra me ligou cedo, mas não atendi. Certamente ela me perguntaria onde eu estava, e não poderia lhe mentir. Naquele dia só falei com meu pai, querendo saber notícias sobre mamãe, e, quando soube que ela estava bem, relaxei.

Alexios me pediu para dormir com ele novamente, por isso desci até meu apartamento, peguei algumas coisas e voltei para o dele. Começamos a sessão de pintura à tarde, enquanto o mundo parecia cair em São Paulo, pois começou a chover forte. Nós definimos a posição, e ele começou os esboços.

— Prometa-me que ninguém verá isso! — exigi antes de começar.

— Assim que o quadro estiver pronto, ele será seu!

— Você não o quer?

Alexios me abraçou pela cintura.

— Quero você!

Beijamo-nos longamente. Alexios segurava meu rosto e sugava meus lábios, lambia-os, arrastava a língua contra a minha, e eu gemia. Mesmo com a boca colada na dele, sendo devorada por ele, eu gemia, incendiada, acesa, tão louca de tesão que não parecia que estávamos há três dias fazendo sexo sem parar.

Rio, lembrando-me do banho de assento que terei que fazer hoje, porque, mesmo com lubrificação abundante — minha e dele – minha *menininha* foi muito usada e precisa de um refresco.

Vim direto trabalhar, e Alexios também seguiu para a Karamanlis, não antes de me contar a confusão que está por lá. Senti pena do Theodoros, mesmo tendo sentido raiva dele quase a vida toda. Na verdade, acho que meu sentimento negativo com relação a ele era em consideração à Kyra, então, a partir do momento em que minha amiga o perdoou, perdeu o sentido continuar xingando-o.

Falei com ela há pouco por telefone e marcamos de sair mais tarde para conversarmos. Ela anda muito tensa esperando o resultado do transplante em sua sobrinha, e nada mais justo do que estar com ela nesse momento, acalmando-a, incentivando-a a acreditar no melhor.

Bom, vai ser complicado esse jantar, porque ela não se convenceu nem um pouco de que passei o final de semana em casa – mentira, mas tentei me justificar dizendo que estava no mesmo prédio pelo menos –, e vou ser tão pressionada que acabarei lhe contando o que está rolando entre mim e Alexios e não imagino a reação dela.

Nem a dele, na verdade, porque não conversamos sobre isso ficar apenas entre nós ou se eu posso dividir com a Kyra. *Seja o que Deus quiser!*

Meu telefone toca. Não reconheço o número, porém, como ele é o profissional, atendo.

— Samara? — uma voz grave pergunta.

— Sim, quem fala?

— Doutor Konstantinos Karamanlis. Sou irmão de Alexios.

Como se houvesse muitos Konstantinos Karamanlis por aqui!

— Ah, olá, tudo bem? — tento ser educada, mesmo que o ache um tanto arrogante. — Em que posso ajudá-lo?

— Eu preciso de um móvel planejado, mas não poderia ser qualquer planejado, por isso peguei seu número com meu irmão. É um presente e tem significado especial.

Olha, o homem parece ter alguma sensibilidade!

— Eu estou no meio de um megaprojeto. Se não for algo complicado...

— Não, não é! Vou mandar todas as informações para o aplicativo de mensagens desse número.

— Está certo, e, se fecharmos, eu vou até...

— Não! — ele me corta. — Você não poderá ir ao local. — Ele sussurra: — É uma surpresa.

Surpreendida ao quadrado!

— Está certo, então me mande tudo o que conseguir. Vou montar algo e lhe envio para aprovação.

— Consegue mandar fazer com um prazo bem curto?

— Olha, bem curto é impossível, mas posso pressionar, sim.

Ele agradece e desliga, e eu fico parada, pensando no que está acontecendo com o mundo. Konstantinos Karamanlis sensível, cheio de surpresas e educado.

Eu tenho que aproveitar essa maré de mudanças!, penso rindo, refletindo sobre minha própria situação surpreendente.

27

Alexios

Ando de um lado para o outro dentro do meu apartamento, olhando as horas de tempos em tempos, como também o aplicativo de mensagens. Samara esteve online há mais de três horas, e Kyra também, um sinal claro de que as duas ainda estão juntas, conversando.

Tentei falar com Samara mais cedo, porém ela não atendeu as minhas ligações, provavelmente ocupada com o projeto que está desenvolvendo. Fiquei me sentindo preso como um bicho enjaulado dentro da empresa, andava para cima e para baixo, tenso, sem saber o que fazer ou como agir.

Tudo no que eu pensava era que queria estar com ela.

Não sei se irei contar sobre o recorte do periódico, pois, como disse à minha irmã, não quero mais submeter Samara àquele lugar, e, se ela souber do recado implícito em forma de jornal, certamente irá querer ir até lá novamente.

Não! É muito pesado!

Abro a geladeira e pego uma cerveja, tentando esfriar a cabeça. Já tomei banho, malhei, entrei no chuveiro de novo, porém nada adiantou. Sinto-me impotente, amarrado, servindo de brinquedo para algum sádico que decidiu se

divertir com... paro em seco, a cerveja a meio caminho da boca.

Não! Ele não faria isso!

Nikkós sabe que esse é o único ponto em que ele consegue me acertar, a única situação não resolvida para mim depois que abandonei aquela maldita cobertura e livrei a mim e a Kyra das suas loucuras. A não ser que esteja tentando me desestabilizar novamente, tornar-me louco como ele mesmo é, não creio que estaria lá no raio que o parta tentando me envenenar aqui.

Ele é sádico demais para fazer as coisas “na encolha” e não levar o mérito por suas torturas.

Olho para o aplicativo de mensagens e vejo que Samara visualizou a mensagem e que está digitando algo.

“Oi! Boa noite, ainda acordado?”

Sento-me no sofá, aliviado por apenas saber que ela está online.

“Sim. Como foi a noite?”

Samara digita devagar ou talvez seja minha ansiedade atacada que está impaciente.

“Boa! Kyra é uma companhia divertida, e a comida estava maravilhosa.”

Sorrio ao pensar nas duas juntas, mas fico sério ao lembrar que ambas são lindas e que, certamente, algum abusado tentou se aproximar delas.

“Foram muito assediadas?”

Samara põe um *emoji* gargalhando.

“Kyra é como uma chama, você sabe. Impossível ela pisar em qualquer local e não deixar meia dúzia de homens e de mulheres babando. Eu sou normal, não chamo tanta atenção assim.”

Que porra de *normal* é essa? Samara é linda por dentro e por fora, além de fazer sexo com uma fome e uma vontade de experimentar tudo que nunca encontrei em parceira alguma.

Fico excitado ao pensar nisso, mas não resisto.

“Você é linda. Cansada?”

Minhas pernas tremem de impaciência, esperando que ela digite.

“Um pouco. Acho que estou ficando velha, minhas costas estão um pouco doloridas por ter ficado o dia todo sobre a prancheta.”

Levanto-me e sigo até meu quarto, questionando o motivo pelo qual ela não usa programas de computador, mas prefere fazer alguns de seus projetos à mão. Ficam lindos, é quase um trabalho artístico e totalmente personalizado, mas dá uma trabalheira sem fim.

Acho o que estava procurando e saio, indo pelas escadas até o andar dela.

“Um banho quente e uma massagem podem aliviar.”

“Queria, mas estou aqui, sentada na cama, sem roupa, conversando com você.”

Ando mais rápido e chego à porta dela ofegante.

“Então se enrole em um roupão e venha abrir a porta para mim, que prometo deixar suas costas bem relaxadas.”

Samara sai rapidamente do aplicativo de mensagens e, segundo depois, abre a porta para mim, olhar surpreso e um sorriso.

— Achei que não íamos nos ver hoje — ela dispara e me deixa um tanto inseguro.

— Se você não quiser, posso...

Ela olha para o frasco em minha mão e cruza os braços.

— Óleo de massagem? Hum, como recusar? — Arruma o cinto do roupão.

— Se eu subir assim vai ficar...

— Por que temos que subir? — inquiro curioso. — Estou aqui, à sua porta, com um óleo de massagem, excitado como um cão no cio, louco de vontade de estar com você. — Aproximo-me. — Deixe-me entrar.

Escuto-a respirar fundo e temo que rejeite. Ainda não sei o motivo pelo qual Samara parece tão resistente a me ter em seu apartamento, mas tenho certeza de que é proposital.

— Entre.

Sorrio e a abraço forte, esquecendo tudo o mais, deixando meus questionamentos, inseguranças e ansiedade do lado de fora do nosso abraço. Aqui, dentro dele, só existe o quanto ela me faz leve e o desejo latente que sinto quando a toco.

— Aconteceu algo? — Samara questiona baixinho, e eu percebo que a estou apertando há muito tempo.

— Dia fodido, precisava de você.

Ela sorri.

— Estou aqui. O que posso fazer para...

— Deixe-me cuidar de você, te fazer relaxar, parar de sentir as costas doloridas e só sentir prazer. — Fecho a porta e abro o seu roupão. — Quero ser escravo do seu tesão, servir você como quiser, para então eu ter meu gozo completo em seu corpo.

— Alexios...

Pego-a no colo e caminho para o seu quarto. O cheiro de Samara está impregnado no ambiente, assim como sua personalidade doce, sonhadora, amigável e compassiva. Eu vejo um pouco da alma dela em cada detalhe, em cada canto e fotografia.

Entro no banheiro e lamento a falta de uma banheira. Seria perfeito tê-la deitada na água quente enquanto eu a massageio.

Coloco-a no chão, ligo o chuveiro e, sob seu olhar apreciativo, dispo-me.

— Você se ofereceu para me mimar... — espalma a mão sobre meu peito e brinca com os pelos curtos — mas não creio que *ele* — aponta para meu pau — esteja tão paciente para isso.

— Foda-se ele! — Puxo-a para dentro do boxe. — O meu prazer hoje será o seu prazer.

Coloco-me debaixo da ducha de água morna, segurando-a junto ao meu corpo. Samara geme quando sente minhas mãos massageando com calma a base de sua coluna, depois subindo devagar em direção aos ombros.

Ela se rende, fecha os olhos. Eu me abaixo e abocanho seu mamilo, chupando-o com força, brincando com o bico túrgido com a língua.

Fui sincero quando disse que o prazer dela seria o meu. Sinto o pau latejando, duro ao extremo, as bolas contraídas, loucas para pôr para fora tudo o que acumularam no dia de hoje, depois de tantos orgasmos no final de semana. Apenas estar em contato com sua pele, sentir o sabor e o aroma de seu corpo é suficiente para me manter em estado permanente de excitação.

Samara chama meu nome mais algumas vezes enquanto vou intercalando os seios em minha boca. Viro-a de costas para mim, encaixo meu pau entre suas coxas, mas sem penetrá-la e me movimento devagar, usando-o para deixá-la molhada.

Continuo a massagem nas costas, dessa vez já nos ombros, percebendo vários pontos de tensão. O roçar constante do meu pau sobre seus lábios de baixo arrepia minha pele, e sinto a cabeça mais sensível.

Paro de massagear seus ombros e, com uma das mãos, seguro seu seio e, com a outra, invado o meio de suas coxas, pela frente, e encontro o ponto eriçado e duro, dispersor de prazer para todo o seu corpo.

Samara treme quando movimento em círculos seu clitóris sem parar de friccionar o resto de sua boceta com o pau. Ela pende a cabeça para trás, encostando-a em meu peito, a boca levemente entreaberta, soltando gemidos baixos de quem está gostando muito do carinho.

Continuo devagar, um ritmo cadenciado, firme, mas lento. Sei que ela também gosta assim, principalmente hoje, que está mais cansada. Preciso ser atencioso a fim de que possa curtir cada uma das sensações que seu corpo e seu tesão proporcionam.

Ela levanta os braços e agarra minha nuca, rebolando contra mim, melando minha mão e meu pau com sua lubrificação deliciosa. Tiro os dedos do clitóris e os chupo, sentindo na língua o delicioso sabor de mulher, o gosto de Samara.

Com o clitóris bem estimulado e meu pau dando porradinhas nele com a cabeça, sou agarrado com força enquanto ela goza desenfreadamente, inundando meu pau com o líquido maravilhoso de seu tesão.

Não paro, continuo mexendo, rebolando, friccionando-me nela sem parar, até senti-la relaxada, trêmula e febril.

Samara se vira ainda em meus braços e me beija sem nenhum controle, totalmente entregue, o prazer do orgasmo ainda reverberando em seu corpo. Enfio os dedos por entre seus fios de cabelo, desfazendo o nó que ela fez para tomar banho, e eles se encharcam.

Eu não gozei, continuo aqui, duro, mas, de alguma forma, a entrega dela me fez relaxar e esquecer de tudo o que me perturbou o dia todo.

— Vou te dar banho — aviso-lhe ainda sentindo sua boca na minha.

Pego um sabonete e o espalho por sua pele, espumando devagar com a ponta dos dedos, em movimentos circulares. Lavo suas costas, sorrindo a cada arrepio que a faz estremecer e depois desço para suas nádegas.

Ensaboo-a toda, dos pés ao rosto, e depois beijo cuidadosamente cada pedaço seu que fica livre da espuma, cheiroso e tentador. Mordisco áreas específicas como pescoço, orelha, ombros, seios, abdômen e o interior de suas coxas.

Samara retribui o carinho – sem eu esperar ou pedir –, e sou ensaboado também, porém ela se aproveita da espuma para me masturbar gostoso, fazendo com que eu tenha o primeiro gozo seco da noite.

Ah, porra, adoro isso!

Quando saímos, seco-a cuidadosamente, pego o vidro com o óleo e a carrego para a cama. Samara se deita de bruços, nua, e eu despejo um pouco do conteúdo do frasco em suas costas.

— É quente! — exclama surpresa.

— Eu sei, e vai ficar ainda mais.

Começo a trabalhar sobre seus músculos, concentrando-me em realmente relaxá-la. Eu gosto de fazer massagem nos outros, mas a verdade é que aprendi em mim mesmo, depois das surras e contusões que sofria em casa; hoje, contudo, estou usando o que aprendi em um momento de dor para causar alegria a alguém muito especial para mim.

Por muito tempo fui egoísta com Samara, principalmente por medo de me aproximar dela além do que deveríamos, mas agora não. Ela já sabe – e já comprovou – que sinto essa atração forte por ela desde que éramos adolescentes, e nada mais me impede de lhe mostrar como eu gostaria de tê-la tratado todo esse tempo.

Começo a massagear seus músculos doloridos. O óleo, que trouxe em uma das minhas viagens para a Índia, impregna o ambiente com seu cheiro de especiarias. Ele vai esquentando gradualmente, trazendo uma sensação boa, tanto para mim, que executo a massagem, quanto para ela, que a recebe.

— Hum, acho que alguém esconde um dom — sua voz soa preguiçosa, cheia de prazer.

— Não é dom, é só algo que gosto de fazer — explico. — Quando conheci o Chicão, ele me incentivou a tentar descontar minhas frustrações em trabalhos manuais. Tentei cerâmica, escultura, a pintura foi algo natural, porque já

desenhava, mas aí me lembrei de quanta massagem fazia em mim mesmo e resolvi arriscar.

— Foi um risco certeiro! Você faz isso muito bem.

— Pode ser, mas não tenho muita prática, se é sua próxima pergunta. — Ela ri, pois certamente iria insinuar que as mulheres que passaram pela minha cama eram sortudas, assim como aconteceu na banheira. — Sexo para mim sempre foi só isso, Samara. Nunca achei necessidade de me conectar com ninguém além do superficial.

— E agora? — ela indaga baixinho.

— Ainda não me vejo *fazendo amor.* — Rio. — Mas você e eu já temos uma conexão forte, então é diferente.

Ela geme quando alcanço sua cervical, desfaço os nós em sua musculatura e a sinto relaxada.

Sorrio, excitado, consciente de que cumpri o que me propus, relaxá-la. Contudo, ainda tenho outras ideias. Jogo mais óleo sobre sua lombar e o espalho por suas nádegas. Massageio com força, erguendo-as, separando-as, deslizando por suas coxas, roçando de leve em sua boceta, subindo pelo vale de sua bunda, untando seu ânus rosado.

Os gemidos que outrora eram de relaxamento e preguiça se tornam de puro prazer, e ela rebola a cada movimento sobre seu corpo sensível. Sua pele brilhando ao absorver o caro e perfumado óleo, o calor de minhas mãos em contato com seu corpo, o perfume quente e sensual, tudo isso contribui para que a experiência seja única para nós dois.

Samara se entrega em minhas mãos, relaxada, rendida, confiando plenamente no que faço ao seu corpo.

Deito-me sobre ela, beijo sua orelha, gemendo, meu pau encaixado entre as bochechas de sua bunda.

— Eu preciso...

— Eu também! Por favor...

Não penso duas vezes, ergo meus quadris, e meu pênis parece conhecer o caminho para seu sexo quente e molhado. Samara se contrai inteira quando me afundo dentro de si, geme alto, ergue a cabeça, desejando tanto quanto eu as sensações que nossas peles juntas, sem nenhuma barreira, nos causam.

Firmo seus quadris contra o colchão, segurando-o com as duas mãos, ajoelho-me parcialmente e começo a me movimentar, deliciando-me com a visão do meu pau entrando e saindo de suas dobras, fervendo, molhado, fazendo pequenos barulhos que aumentam ainda mais meu tesão.

Fico um tempo assim, comendo-a, degustando-a lentamente, assistindo-lhe e gemendo. O primeiro gozo vem, eu tremo, mas não me deixo esporrar, apenas sentir. Ergo os quadris de Samara para que ela me receba o máximo que conseguir. Vou fundo, e ela grita, mas não de dor, depois ri quando estoco curto, usando apenas a cabecinha para me movimentar dentro dela.

A safada finca os joelhos na cama e aproveita para rebolar no meu pau deliciosamente. Seus movimentos são precisos. Eu travo os dentes de vontade de...

— Eu quero tudo de você, Alexios... — ela geme. — Não se trave...

A percepção que ela tem do meu corpo e das minhas vontades é surpreendente e um tesão. *Foda-se!* Movimento-me com ela, segurando-a pelos cabelos, fazendo-a arquear as costas. Desdobro uma perna, apoiando a planta do pé no colchão, pegando mais velocidade e força. Aperto-a, escuto-a gemer alto, o prazer me entorpece, eu vibro, encaixo-me, transcendo com ela, por ela, através dela.

Defiro um tapa em sua nádega, e ela ri, provocando-me, rebolando gostoso contra mim. Dou outro, mais forte, arrancando um gemido de puro deleite. O molejo dos seus quadris aumenta. Minhas pernas tremem. Enlaço sua cintura e a ergo comigo, grudando-a contra a parede da cabeceira de sua cama, comendo-a de pé, empalando-a até o máximo que consigo, sentindo no corpo a necessidade de me tornar parte dela, de estar impregnado dentro de si para sempre.

Samara goza alto, sua pele se arrepia, os pelos do seu corpo se levantam. Meu pau se encharca de uma maneira tão poderosa que quase não me sinto mover dentro dela, afogado em seu gozo, em seu prazer.

Quando começo a sentir o orgasmo se aproximar, não o seguro mais, deixo-o me atingir com força e urro como um louco. Espalmo a mão contra a parede, enfio minha cara na curva do pescoço de Samara e gemo, pulsando a porra, misturando meu prazer ao dela.

— Isso foi...

— Foda! — completo, e ela concorda.

Depois do gozo, simplesmente tombamos na cama juntos, abraçados, meu pau amolecendo dentro dela devagar, mas sem nenhuma vontade de puxá-lo para fora, pois adoro a sensação da boceta dela se contraindo ainda por conta do orgasmo forte.

Samara passa a mão sobre meu rosto. O carinho me constrange um pouco, mas não o repilo. Não estou acostumado a isso, sempre que me deparei com alguma mulher carinhosa, esquivei-me das carícias, mas com Samara, não. Com ela tudo é diferente!

Perco-me em seus olhos da cor do chocolate, vendo ali tanto que meu coração se contrai.

— Hoje recebi uma correspondência anônima — solto, quase como se estivesse hipnotizado pelo olhar sincero dela, contagiado.

Seu sorriso morre, e vejo a preocupação no franzir de suas sobrancelhas.

— Como assim? O que tinha nessa correspondência?

Bufo, puto comigo mesmo por ter lhe contado isso.

— Um recorte de jornal. — Sento-me, separando-me dela. — Samara, nós não vamos mais voltar àquele sobrado.

— Por que não?

— Não quero te ver daquele jeito de novo. — Ela tenta me interromper, mas não deixo: — Não sei o que querem me atraindo para lá, mas, se fosse algo concreto, já teríamos achado. É como buscar uma agulha no palheiro, não precisamos voltar.

— Tem certeza? — Assinto, e ela suspira. — O que tinha no jornal?

— A notícia do fechamento do bordel.

Samara arregala os olhos e se senta na cama, assustada com o que acabei de revelar. Eu não esperava reação diferente, sabia que ela processaria essa informação como se fosse algo muito importante e que, a partir desse momento, vai insistir para que continuemos a buscar por pistas.

— Não — respondo assim que ela começa a falar. — Nós não vamos voltar lá.

— Alex, é óbvio que alguém está indicando o caminho. Não podemos simplesmente ignorar!

Respiro fundo e saio da cama, negando.

— Não sei qual o propósito disso! Aquele lugar esteve fechado por anos, e nunca ninguém o ligou ao meu nascimento. Por que agora?

— Não sei.

— Pois é! Não vou correr esse risco, Samara, não com você junto.

Samara desvia os olhos de mim, contrariada, e tenho vontade de me dar um soco por a estar chateando com esse assunto depois dos momentos foda que acabamos de ter.

Normalmente eu iria embora depois de uma discussão, evitando mais

embates ou simplesmente por falta de saco para ficar próximo da pessoa. *Não com ela!* Volto a me sentar ao seu lado e a puxo para meus braços, beijando sua testa.

— Se, para descobrir sobre meu passado, eu tiver de pôr você em risco, prefiro continuar não sabendo.

— Mas então você irá sozinho?

Droga, ela é esperta, e eu não tenho como mentir!

Concordo.

— Achei que íamos fazer isso juntos. — Ela se afasta e pega um roupão em cima de um móvel, visivelmente chateada. — Alexios, eu estou mesmo cansada, então, se você puder...

Fico surpreso com sua reação, afinal, estou falando em protegê-la, por isso não quero levá-la comigo. Samara ficou desesperada no local, não entendo essa insistência em querer voltar para lá.

— Samara, eu acho muito perigoso para você...

— Alexios — ela me corta, séria —, você já tomou a decisão *por mim*, então não há nada mais a falar sobre esse assunto, e eu estou mesmo cansada. — Vai em direção ao banheiro. — Bata a porta quando sair, por favor.

Entra no banheiro, recolhe e traz minhas roupas e faz exatamente o que me mandou fazer, bate a porta na minha cara. Fico um tempo parado, olhando para a maldita porta fechada, sem entender o que fiz para que ela me dispensasse dessa forma. Eu tinha sérias intenções de dormir aqui com ela!

Visto-me rapidamente, ignorando a camisa, e a deixo como pediu, porém, sentindo um gosto amargo na boca e uma enorme sensação de vazio.

28

Alexios

Perdi a hora hoje de manhã, pois passei a maior parte da noite em claro, refletindo sobre o que aconteceu para azedar o clima entre mim e Samara. Nunca, nunca mesmo tive uma experiência como a da noite passada e, pasmem, eu achava que já tivesse feito de tudo no quesito sexo.

Entendo que não foi a *performance*, mas sim as sensações que Samara me trouxe que deixou esse gostinho de algo especial. Depois, quando nos deitamos juntos, eu me sentia acolhido, calmo e até feliz, mas então tive que abrir a boca e estragar tudo.

Bufo, impaciente, saindo do elevador no andar da K-Eng e dando de cara com Evandro, um dos engenheiros de minha equipe direta, esperando-me no corredor.

— Pedi que lhe avisassem assim que você entrasse na empresa — o tom dele me assusta.

— O que houve?

— O doutor Millos está descendo e pediu para que eu reservasse a sala de reuniões para vocês dois, pois tem um assunto sério para conversar. — O engenheiro parece tenso. — Alexios, acho que deu alguma merda com a Ethernium de novo.

— Falei com a equipe responsável ontem...

— Eles ligaram há pouco cobrando agilidade na impressão das pranchas dos projetos-modelo. — Evandro suspira. — O Michel está pressionando todo mundo desde cedo.

Ele mal acaba de falar do marido, e o vejo passar pelo corredor carregado de tubos telescópicos[22], falando rápido com a Lia, ambos parecendo muito tensos também.

Porra, o que está acontecendo para deixar minha equipe assim?!

Pego o telefone a fim de ligar para Millos, mas logo vejo uma mensagem do meu primo pedindo para que eu suba até a diretoria, pois não poderá vir até a K-Eng.

— Ele me pediu para subir até sua sala — informo. — Evandro, acalme a equipe, por favor, não quero o pessoal fazendo as coisas no atropelo, e, se puder, não comente sobre Millos com ninguém.

— Pode deixar, Alexios, não comentei e nem vou.

— Ótimo! Vou mantê-lo informado.

Solicito o elevador para ir até o *Olimpo* e, quando chego, Luiza está no meu aguardo.

— Bom dia — diz tensa, sem perceber que já não estamos de manhã mais. — O doutor Millos está à sua espera.

Entro na sala e o encontro de olhos fechados, sentado em sua cadeira, longe, parecendo que está meditando.

— Millos?

— Alexios, que bom que veio! — a voz dele é lenta, e isso me acelera, porque sei que, para meu primo estar meditando em horário de expediente, a coisa não está boa.

— O que aconteceu? Cheguei à K-Eng e encontrei um dos meus engenheiros a ponto de ter uma síncope.

Millos puxa o ar lentamente e depois o solta de uma vez.

— Perdemos a área da Ethernium.

Arregalo os olhos.

— O quê?! — Imediatamente penso em Kostas, na rivalidade dele para com Theodoros e em tudo o que está havendo na empresa por conta da auditoria. — Kostas?

Millos dá de ombros.

— Houve um vazamento de informações, coisa séria, de dentro da Karamanlis. — *Porra!* Isso nunca aconteceu, nem sob a gestão do filho da puta

de Nikkós. — A Dédalus conseguiu a área para uma concorrente direta da Ethernium.

— Caralho! — Levanto-me indignado, pensando em todo o trabalho que minha equipe e eu desenvolvemos por meses junto com os *hunters* e vários outros setores da Karamanlis. — Você já falou com Kostas? Eles não tinham fechado acordo lá com o governo?

— Ainda não falei com ele e Kika, estava esperando conseguir uma informação. — Millos treme, a mão cerrada, e vejo a luta que está tendo para manter seu autocontrole. — O documento que vazou é algo exclusivo da Karamanlis, que eles usaram para embasar a instalação da empresa e acelerar o processo de licenciamento.

Um frio sobe pela minha coluna.

— O tal parecer que Konstantinos estava elaborando? — Millos concorda. — Ele não seria tão...

— Não creio que foram eles, Alexios. — Millos se levanta. — Mas, de qualquer forma, a bomba vai estourar lá, e, com a empresa passando por auditoria e o Conselho em cima, não importará muito quem foi, mas sim ver alguma coisa sendo feita.

Concordo com ele que o momento para isso acontecer foi péssimo. Procuro soluções, respostas, mas tudo o que consigo pensar é em apagar o incêndio que essa notícia irá causar.

— Eles pesquisaram várias áreas, não precisamos perder o cliente, o que seria péssimo para a empresa, só trocar a área por outra.

— Mas e todo o material já feito?

Sim, é uma merda ter que mudar tudo agora, mas não tem jeito!

— Vou conversar com minha equipe e trazê-los para junto de nós nesse desafio. Vamos conseguir!

Millos põe a mão sobre meu ombro.

— Vou dar a notícia para Kika e Kostas. Não converse agora com sua equipe, espere para falar com os dois e ver a melhor solução.

— Está certo, vou aguardar aqui.

Millos sai da sala, e então eu exprimo toda a indignação que sinto em um caminhão de palavrões e um soco na parede.

Não demorei muito na sala da diretoria, pois fui chamado até a K-Eng para

resolver um assunto relacionado a outro cliente. Estava no elevador, vendo mensagens no celular, estranhando não ter recebido nenhuma de Samara, e, então, deixando o orgulho de lado e procurando por ela, quando o elevador parou e de repente Kika entrou, rosto vermelho de chorar.

Ela parecia perdida, destruída, e isso mexeu comigo de uma forma tão intensa que não pensei duas vezes antes de puxá-la para dentro do elevador e abraçá-la forte.

— Tente ficar calma — disse, e ela começou a chorar em desespero. — Eu acabei de saber sobre essa sacanagem, mas nós vamos arranjar um jeito.

Nós continuamos abraçados, mesmo depois que o elevador chegou ao térreo. Sentia que ela precisava de ajuda para não desmoronar e me lembrei de Samara e de todos os momentos em que ela fez papel de contenção para me manter erguido, exatamente como eu estava fazendo com Kika.

— Nossas informações foram passadas para eles, Alexios — falou entre soluços. — Informações que só seu irmão e eu tínhamos.

— Eu sei. — Sequei seu rosto e tentei animá-la. — Nós vamos descobrir como isso aconteceu.

Kika ficou tensa e me olhou.

— Não acha que fui eu? — Neguei com veemência. — Por quê?

— Porque trabalhamos juntos há algum tempo já, e eu sei que você não faria isso e, se fizesse, é inteligente demais para deixar as coisas assim, tão na cara. — Fiz uma pequena pausa, pensando se Kostas teria coragem de fazer isso, prejudicar tanto assim a todos apenas para afundar ainda mais Theodoros. *Não, ele está mudado!* — Se as coisas estivessem como antes, eu suspeitaria de Kostas, mas agora sei que não foi ele também.

Kika começou a chorar de novo ao ouvir isso, e eu a abracei forte, percebendo que ela não teria condições de ir embora sozinha.

— Vou te levar para casa e...

— Konstantinos tinha motivos para desconfiar de mim — ela me interrompeu, e contou tudo o que meu irmão viu e as suspeitas dele. Kika ficou surpresa por eu não ter desconfiado dela, mas isso não a ajudou a melhorar, pois, enquanto eu dirigia para levá-la para casa, ouvia seus soluços magoados e via muitas lágrimas molharem seu rosto.

Definitivamente essa reação não era somente por conta do trabalho! O modo como ela falou de Kostas, as coisas que disse que ele viu e desconfiou, a diferença que percebi nele ao longo do tempo em que os dois estão trabalhando juntos só me levaram a uma conclusão: ambos estavam envolvidos, e a coisa era

séria.

Por causa dessa constatação, fiquei um tempo parado em frente ao prédio onde Kika mora, pensando que dificilmente eu iria imaginá-los como um casal, porém me dei conta de que eram perfeitos um para o outro, principalmente por serem tão diferentes.

Wilka estava trazendo Tim de volta, e isso com certeza era algo positivo, porque eu mesmo fui testemunha da morte do garoto sonhador, carinhoso, cheio de esperanças e doce.

Se ela estava conseguindo ressuscitar o que aquele demônio matou, certamente teria todo o meu apoio!

De repente, ainda parado dentro do carro, lembrei-me do que vi naquele maldito salão na casa de Madame Linete, o que as putas falavam para meu irmão, debochando, esfregando em sua cara que nunca ninguém iria amá-lo ou querê-lo sem interesse, e percebi o que havia acontecido.

Ele pensa que Kika o traiu!

Liguei o carro e saí cantando pneu como um louco, imaginando que ele estaria tão quebrado quanto ela. Não sei o que me levou a dirigir até o sobrado, mas o fato é que cheguei aqui, fiquei um bom tempo dentro do carro, ponderando se deveria entrar ou não e, quando o fiz, encontrei meu irmão em frangalhos.

— Kostas? Caralho, o que aconteceu com você?

— O demônio está de volta ao inferno de onde fugiu, mas que nunca saiu dele! Nunca mais tinha entrado aqui desde que me libertei daquele filho da puta desgraçado.

Aproximei-me dele e assenti.

— Eu sei. — Olhei tudo em volta, as lembranças de quando vim quando jovem me enchendo a cabeça. — Só vim aqui uma vez. Acho que o assustei com minha reação, e ele achou que a técnica de tortura que usou contigo não funcionava comigo.

Sim, o filho da puta não queria que eu me divertisse, então me mostrou qual realmente era o propósito disso aqui ao me colocar naquela maldita sala de espelhos onde Kostas estava.

— Mas ele achou outras, não?

Suspirei, pois nunca contei a ele o que vi naquela maldita noite.

— Achou, ele sempre achava. — Sentei-me ao seu lado. — O que desencadeou essa visita?

Conversamos, ele saiu correndo, e eu fiquei aqui, exatamente onde estou

agora, cercado de demônios, fantasmas e da minha própria consciência, que insiste que, na noite passada, cometi um erro ao tentar excluir Samara das minhas tentativas de descobrir o que houve com minha mãe biológica.

Pego o celular e, sem pensar ou medir palavras, escrevo para ela tudo o que estou sentindo e termino com um pedido de desculpas por tê-la feito se sentir rejeitada. Nunca foi minha intenção, eu queria apenas poupá-la de toda a carga negativa daqui, mas não lhe dei direito de escolha. Esse foi meu erro!

Samara pode parecer frágil, mas, lembrando-me de tudo o que já passamos, de tudo o que ela viu ao meu lado, tenho certeza de que é mais forte do que aparenta. Aquela mulher, ainda menina, foi minha fortaleza e meu ponto forte por anos!

Espero um pouco para saber se ela irá me responder, mas Samara não visualiza a mensagem. Decido ir atrás dela, disposto a arrastar a bunda no chão se necessário, mas algo me faz parar e olhar para dentro de um pequeno depósito do sótão.

Ligo a lanterna do celular e ilumino cada pequeno canto, até notar que o forro de madeira está deslocado para o lado, deixando uma abertura suficiente para que alguém coloque ou tire algo de lá.

Casa velha!, penso, ignorando meus instintos, disposto a ir embora. No entanto, uma armação de metal que foi uma cadeira de ferro algum dia me faz recuar na decisão de sair, e eu subo nela, postada exatamente embaixo do forro deslocado.

Esconderijo!

Não dá para ver nada, mas estico o braço e tateio a parte de dentro da madeira. Meu coração dispara ao tocar em algo envolto em plástico. Tiro o objeto devagar, a respiração suspensa, a adrenalina por ter descoberto algo misturada ao medo de não saber do que se trata.

A embalagem plástica nada mais é do que uma sacola, e dentro dela há uma caderneta, que pego em minhas mãos, sentindo o desgaste do couro da capa e o intenso cheiro de mofo que se desprende das folhas.

Desço do ferro retorcido, abro-a aleatoriamente e a ilumino com a lanterna do celular.

Fico lívido.

29

Samara

— Como assim você terminou com o Diego?! — minha mãe fala tão alto que meu pai faz careta ao ouvir sua voz esganiçada.

— Terminando! — é ele quem responde e toma um olhar fuzilador de dona Ana. — Não posso dizer que estou triste com isso, mesmo porque seu irmão me contou que você vem tentando fazê-lo entender o término desde o ano passado.

Fico sem jeito com isso, prometendo a mim mesma que nunca mais conto nada para o fofoqueiro do Dani.

— E por que o trouxe para nos conhecer?

— A culpa foi minha! Fui eu quem invadiu o espaço de Samara e o convidou. — Ele me olha cheio de culpa. — Perdoe-me, filha.

— Tudo bem, pai, o senhor não tinha como ter adivinhado.

— Exatamente! Deveria ter nos falado. Ele veio até ao casamento do seu irmão, Samara!

— Eu sei, mamãe, desculpe por isso! — Suspiro. — Eu o considerava um amigo, mesmo que não quisesse mais continuar com ele. Quando chegou aqui de surpresa, não pensei que seria tão difícil quanto foi, mas Diego fingia não me ouvir e ainda dizia que eu estava em crise.

— Filho da puta! — papai reage, e mamãe o olha repreendendo-o pelo

palavrão. — O quê? Ele é mesmo! Nunca vi isso, ficar impondo presença quando a pessoa já disse que não quer mais. — Ele me olha. — Cuidado com esse homem se retornar a Madri; ele parece meio psicopata.

Rio.

— Não, pai, tenho certeza de que Diego não vai fazer nada.

— Você ainda pretende voltar a Madri? — mamãe pergunta.

Respiro fundo, pensando em Alexios, nos momentos que tivemos ontem e em tudo o que significaram para mim. Não sei se vou realmente conseguir manter essa relação em nível sexual, afinal, nunca foi só isso. Somos amigos, conhecemos muito bem um ao outro; já seria difícil não me envolver só com isso, imagine sentindo por ele o amor que sempre senti?

Talvez voltar para Madri não seja mais uma opção, mas sim uma necessidade. Alexios está empolgado com o jeito com que combinamos sexualmente, mas isso vai passar e, quando acontecer, não restará mais nada.

— Vou voltar, sim, mamãe, tenho uma vida lá — respondo-lhe. — Mas só retornarei quando a senhora estiver de volta à sua rotina louca de mulher de negócios.

Ela suspira.

— Não vejo a hora!

Sorrio sem jeito, pensando que, quando isso acontecer, terei que voltar para a minha vida e deixar essa fantasia que estou vivendo com Alexios para trás. O que me conforta nisso tudo é que não tenho ilusões sobre um futuro com ele, sobre ser amada como o amo. Não, não tenho essa ilusão, e isso me conforta e corta meu coração ao mesmo tempo.

— Não vi o Dani desde que chegou de viagem — comento, mudando de assunto.

— Eles também não vieram aqui. — Mamãe não esconde sua contrariedade. — Liguei ontem para a Bianca, mas não me atendeu.

— Ana, eles ficaram alguns dias fora e devem ter retornado à rotina intensa de trabalho. Soube que Daniel ficou na empresa até tarde da noite todos os dias desde que voltou. — Ele me olha. — Você não o encontrou lá ontem e hoje?

Nego.

— Nem sabia que ele estava indo!

Papai franze as sobrancelhas no exato momento em que ouvimos um barulho de carro estacionando no jardim da casa. Mamãe limpa a boca com o guardanapo e se levanta antes mesmo que Cida apareça para dizer quem é o visitante.

— Daniel acaba de chegar — anuncia.

Toda a contrariedade de mamãe vai embora, e seu semblante se ilumina, à espera de seu filho mais velho.

Meu celular vibra, e aproveito a distração que Dani causou para verificar minhas redes sociais. Meu coração dispara ao ler a mensagem de Alexios:

"Eu fui um imbecil ontem à noite, Samara. Nunca pensei em ver você do jeito que vi no dia em que fomos ao sobrado, nem mesmo quando você costurava meus machucados ou recolocava meus ossos no lugar. Eu fiquei tão desesperado quanto você, não pelas lembranças, mas por ter te machucado. Não quero isso, mas percebi agora que me esqueci de todos os momentos em que você esteve ao meu lado e, admito, eu estava forte naquela noite porque te tinha comigo. Você me fortalece, Samara, você é minha força. Desculpe-me por ter sido um idiota machista ontem e ter decidido o que era melhor mesmo contra sua vontade. Eu preciso de você, então, se quiser continuar nessa busca insana – e que provavelmente não levará a lugar nenhum – será um prazer te ter comigo novamente. Sempre!"

Meus olhos se enchem de lágrimas, e mal consigo engolir o pedaço de rosbife que estava mastigando ao ler. Nunca imaginei que ele pudesse ter essa reação, ter essa percepção das coisas. Alexios realmente está me vendo, admitindo seus erros e – o que é o mais surpreendente de tudo – pedindo desculpas.

Tento abafar a esperança de que as coisas mudem, de que ele possa sentir, amar-me, permitir-se ser feliz independentemente do seu passado e das cicatrizes que carrega. Não quero me iludir, não posso me iludir!

Fecho o aplicativo sem lhe responder, porque estou tão tomada por emoções que, se escrevesse algo para ele agora, seria o que sinto, seria: eu te amo, seu idiota, sempre amei!

— Boa noite! — Daniel cumprimenta a todos.

Mamãe o abraça apertado e olha para a porta da sala de jantar, esperando que Bianca entre.

— Cadê minha nora?

Papai e eu trocamos olhares, porque, além da falta de Bianca, percebemos no semblante de Daniel que algo não está bem. Essa não é uma visita qualquer!

— Eu soube que Samara estava aqui — ele começa e sorri para mim. — Liguei para cá, e Cida me disse que vocês estavam jantando.

— Tentei convidar vocês, mandei várias mensagens para os dois, mas

ninguém me respondeu.

Ele concorda e beija a testa da mamãe sem soltá-la.

— Bianca viajou para a Itália.

Estranho, porque eles não viajaram para fora do país em lua de mel porque ambos estavam atolados de compromissos de trabalho, e agora, dias depois do casamento, ela simplesmente vai para a Itália?

— Ah, Daniel, por que você não foi junto? — Mamãe olha para meu pai. — Parece até alguém que eu conheço, que nunca tinha tempo para viajar comigo.

Papai ri.

— A história não é bem essa, Ana. Suas viagens a trabalho eram sempre decididas em cima da hora, e eu nunca era consultado para ajustar minha agenda.

Mamãe o ignora e olha para Daniel.

— Quando ela volta? — Seu sorriso feliz e ansioso me faz ter calafrios, porque há algo nessa história que eu temo que ela não vá gostar.

— Não volta — declara frio, como se não fosse nada de mais.

Como previ, o sorriso morre nos lábios da mamãe, e ela arregala os olhos, apavorada.

— O que está acontecendo, Daniel? — Papai se levanta e afasta mamãe de meu irmão, abraçando-a pelos ombros.

Dani suspira, dá de ombros e joga a bomba que eu temia ouvir:

— Vamos nos divorciar.

Mamãe fecha os olhos, e papai a abraça forte. Eu tento medir a reação do Daniel e entender o que está acontecendo, mas, na minha mente, só vem uma pessoa: Kyra!

Ô, boca dos infernos!

Gargalho horas depois, após papai ter retirado a mamãe da sala e a levado para o quarto, e, claro, de muitas doses de uísque no escritório de papai com meu irmão.

— O seu casamento só está perdendo para o da Britney Spears, querido Dany Boy! — Ele faz careta para o apelido, mas ri também. — Podia, pelo menos, ter entrado no livro dos recordes como o mais rápido da história!

— Que bom que está se divertindo com isso. — Bebe mais. — Mas confesso que tive vontade de desistir assim que pus a assinatura no livro.

Fico séria.

— Então por que continuou? Por quê, Daniel?

Ele dá de ombros.

— Achei que éramos amigos e que ela me entenderia. — Suspira. — Estava enganado.

— Entender o quê?

Ele fecha os olhos e se arruma no sofá.

— Em tudo. A gente espera isso de quem diz nos amar, não é? Que nos entenda, que tente se adaptar, mas nem sempre isso acontece. Eu só não esperava receber repulsa...

— Meu Deus, Dani, o que aconteceu?

Ele dá de ombros.

— Acabou, Samara. 15 anos ouvindo que não importava nada, além do amor e da amizade que tínhamos, só que isso durou até que ela me conhecesse de verdade.

Armo-me de coragem para perguntar o que martela minha mente há algum tempo, então viro o copo de uísque, sentindo a garganta arder com o líquido.

— Você é gay, Dani?

Meu irmão se engasga com o uísque, cuspindo-o longe e me olha assustado.

— O quê? De onde você tirou essa ideia?

— Não sei, só me ocorreu quando vi que você estava se casando com alguém que, obviamente, não amava, mas que, por algum motivo, se encaixava em seus planos de "família tradicional".

— Se eu fosse gay, seria um problema para você?

Nego.

— O único problema para mim é se você não for feliz. Então, se for isso, quero que saiba que tem meu total apoio, que te admiro muito e que vou continuar vendo-o como o irmão mais velho, dedo-duro e protetor de sempre.

Ele gargalha e me abraça.

— Você é incrível, Samara!

Aconchego-me em seus braços, sentindo seu amor e carinho, algo que compartilhamos desde que nasci. Dani sempre foi mais do que um irmão. Apesar do seu jeito rígido, é um amigo para todas as horas e, independentemente do motivo que levou a *profecia* de Kyra a se concretizar, continuarei amando-o incondicionalmente.

O som do toque de ligação do meu telefone interrompe nosso momento fofo. O aparelho está em cima da mesinha, e nós dois vemos quem é que me liga.

Dani bufa e se afasta de mim.

— Isso é algo de você que não entendo — declara seu incômodo com minha amizade com Alex —, mas que sei que é importante pra você. Atenda!

Ele se levanta e vai até o aparador se servir de mais bebida.

— Oi, Alexios — atendo.

— Samara, onde você está? — dispara, agitado. — Kyra e eu estamos no meu apartamento, deixamos algumas mensagens para você, mas não retornou. Fiquei preocupado.

Sorrio.

— Estava jantando com meus pais. — Meu coração se aquece ao me lembrar da mensagem que ele me mandou. — Li sua mensagem e concordo: você é um idiota quando quer ser um.

Ele ri.

— Eu sei, desculpa.

Meu sorriso fica ainda maior por ouvi-lo se desculpar. Isso não é típico de Alexios, nunca foi, ele faz mais o tipo "revoltadinho" indignado do que o humilde.

— O que vocês estão aprontando aí juntos que requer tanto minha presença? — questiono, sentindo-me voltando no tempo, quando éramos um trio e só fazíamos as coisas juntos.

— Eu fui ao sobrado de novo. — Fico séria, mas logo ele explica: — Aconteceu algo na empresa que mexeu com Kostas, e ele se entocou lá. Precisei ir, entende?

— Tudo bem — sou sincera.

— Achei algo lá, nem estava procurando, mas achei.

Levanto-me num pulo, coração disparado, chamando a atenção de Daniel para minha reação.

— O que você achou?

— Uma caderneta com nomes e códigos, da época em que nasci.

Olho para meu irmão, apavorada, sem entender que golpe de sorte foi esse que levou Alexios a achar um item que pode ter a chave de seu passado.

— Estou indo encontrar vocês! — digo antes de desligar, e Daniel balança a cabeça.

— Você bebeu.

Rio.

— Um copo de uísque, Dani.

Ele pega as chaves do meu carro e as balança.

— Sempre foi fraca para bebidas destiladas. Eu te levo! — Desiste da bebida

e estende a mão para mim. — Seja o que for que Alex te disse, notei que é importante para você, então, é importante para mim.

— Eu te amo muito!

— Eu também, Samara — declara-se em meio a um suspiro. — Por isso não quero te ver machucada. Promete que, acima de qualquer coisa, vai proteger seu coração.

Olho-o sem entender.

— Se ele ainda não notou a mulher linda que você é, em algum momento vai deixar de ser idiota. Conheço a fama dele, Samara. Só se proteja, ok?

Assinto, envergonhada, mas aliviada por ele me entender. Abraço-o forte, sentindo-me feliz por ter o melhor irmão do mundo!

30

Alexios

Kyra anda de um lado para o outro pensando em que poderiam ser todas as letras e números na caderneta. Confesso que também estou curioso, mas estou mais ansioso pela chegada de Samara do que outra coisa. Não quero descobrir nada sem ela estar presente. Esse momento, se ocorrer, será nosso, como tantos outros na nossa vida. Samara, Kyra e eu juntos, como sempre fomos.

Kyra busca por códigos na internet, tentando achar algum sentido para todas as anotações.

— Você poderia ajudar, não é? Fica aí com essa cara de paisagem, enquanto eu estou me descabelando para achar respostas.

— Samara ainda não chegou. — Dou de ombros.

Kyra para com sua agitação e me olha estranho. Seus olhos lindos se apertam, noto o quanto está desconfiada, mas não falo nada. Sinceramente nunca liguei de comentar sobre as mulheres com quem saía com ela, mas Samara é diferente, ela é nossa amiga, e não sei qual será a reação de Kyra ao descobrir que estamos juntos. A decisão de falarmos ou não tem que ser tomada em conjunto, pois não sei como Samara irá lidar com isso.

— Alexios Angelos Karaman...

A campainha toca providencialmente. Salto da poltrona onde estava sentado

e corro para a porta a fim de abri-la para Samara.

O impacto que sinto ao vê-la e não poder agarrá-la, beijá-la e comê-la como na noite passada é como um soco no estômago. Ela sorri e dá uma espiada dentro do meu apartamento antes de me dar um abraço casto e rápido.

Ela não quer que Kyra saiba!, a constatação me traz um estranho sentimento de rejeição, como se eu fosse um segredinho sujo, e não gosto disso. Respiro fundo para não deixar o negativismo tomar conta dos meus pensamentos, mas pontuo que devemos conversar sobre isso depois.

Eu sei que não temos nada sério, que estamos nos divertindo, sendo amigos com benefícios, mas não queria ter de fingir que não a quero, ainda mais para minha irmã, com quem ela sempre divide tudo.

— Desculpem a demora, vim o mais rápido que pude. — Ela abraça e beija Kyra. — Daniel veio me trazer, porque eu bebi um pouco com ele.

Samara vai até a cozinha e se serve de água, sabendo exatamente onde pegar o copo.

Kyra olha para nós dois como se estivesse sentindo algo estranho. Tento me manter sereno, como se não estivesse escondendo que estou dormindo com nossa melhor amiga.

— Samara, você poderia fazer café para nós?

Um sinal de alerta soa em minha mente, e eu disparo:

— Pode deixar...

— Claro! — ela responde em uníssono a mim e abre o armário onde eu guardo a cafeteira e as cápsulas.

— A-há! — Kyra grita, e ela pula de susto.

Ponho as mãos no rosto e começo a rir, porque minha irmã nunca foi boba, e enganá-la não era – e continua não sendo – nada fácil.

Samara olha para mim como se não estivesse entendendo nada.

— Como você sabia que a cafeteira estava aí? — Kyra questiona, e Samara fica vermelha.

— Alex sempre guardou...

— Samara, eu dei essa cafeteira para ele no Natal!

Ela me olha de soslaio, e eu, atrás de Kyra, confirmo.

— O que está rolando aqui? Você entrou como se não tivesse passado três anos sem vir aqui, pegou copo, bebeu água, sabe onde fica a cafeteira, que ele raramente usa...

— Kyra, nós estamos aqui por outro assunto — tento distraí-la, mas não funciona.

— Você tem frequentado o apartamento do meu irmão e, por algum motivo, não comentou nada comigo?

— Ela veio aqui uma vez depois que voltou — respondo com sinceridade, afinal, Kyra não precisa saber que essa única vez durou um final de semana inteiro. — Vamos ao que interessa?

— Samara? — Kyra quer a confirmação do que eu disse.

Samara me olha longamente, vejo dúvidas, receio, então balanço os ombros e concordo, dando meu aval para que ela conte o que está acontecendo entre nós.

— É isso, vim uma vez e vi Alexios fazer café. — Ri. — Acho que sou muito confiada, faço isso na sua casa também... — Coloca a máquina na bancada, mas não prepara a bebida. — O que vocês já descobriram?

Mais uma vez tenho a sensação de estar sendo escondido. Não gosto disso, não entendo o motivo pelo qual ela não quis contar nada à Kyra. Será que sente vergonha de estar comigo?

— Nada! — Kyra responde, meio puta. — Eu fucei vários sites e não descobri nada sobre esses códigos, além do mais, Alex não queria nem tentar antes que você chegasse.

Samara sorri para mim, agradecida, e eu penso que, pelo menos dessa vez, parece que dei uma dentro com ela.

Kyra leva a caderneta até o balcão da cozinha e se senta ao lado de Samara, em uma banqueta alta. As duas começam a discutir sobre os códigos dos diários que escreviam na adolescência. Acompanho as duas, de longe, testando letras e números, tentando trazer sentido a todas as coisas que estão lendo.

Nada faz!

— Eu preciso comer algo, odeio pensar com a barriga vazia — minha irmã comenta.

Samara gargalha e a chama de gulosa.

Sinto-me cheio de tesão por ter Samara aqui. Ela sabe disso, pois troca olhares comigo, enquanto Kyra não desgruda os olhos da caderneta.

— Isso pode ser uma espécie de xarada, sabe? — comento. — Acho muito estranho achar esse tipo de coisa naquele lugar, do jeito que estava e ninguém nunca ter visto lá. A casa foi vasculhada pela polícia em busca de drogas, depois foi pilhada, destruída e está fechada por anos!

— Você acha que a pessoa que te mandou o recorte colocou isso lá? — Samara pergunta.

— Que recorte?

Resumo a história para a Kyra, e ela bufa.

— Óbvio que foi armação! — Fecha a caderneta. — Provavelmente foi algum filho da puta que quer brincar com essa situação e que a essa hora está dando gargalhadas só de imaginar a gente quebrando a cabeça aqui.

— Não sei, Kyra. — Samara analisa a caderneta. — Ela parece autêntica, não algo criado agora para imitar uma versão de mais de 30 anos. — Ela mostra os furinhos causados por traças, olha a cola da lombada da caderneta – que nem é em espiral – e a capa de couro desgastada. — Não sou perita, mas no meu trabalho vejo muita antiguidade e coisas antigas de brechó. Não acho que seja uma armação.

Concordo com ela.

— Mas isso não muda o fato de que a pessoa que está me guiando sabe muito bem todos esses segredos e está brincando de caça ao tesouro comigo. Por que simplesmente não conta a porra da verdade?

— Sim. — Kyra estremece. — Parece ser o tipo de jogo mental que aquele cão fazia.

Samara cobre a mão dela com a sua em sinal de consolo, e eu me questiono sobre Kyra ter se aberto com ela sobre o que efetivamente aconteceu naquela cobertura. Espero que minha irmã tenha feito isso, pelo menos com alguém que tenha sido capaz de lhe oferecer algum conforto e alívio.

Sobre ser Nikkós brincando comigo, já pensei nessa possibilidade, e Kyra tem razão, parece ser o tipo de jogo torturante que ele gostava. Só não sei se ele se daria ao trabalho de fazer isso tudo, apontando sempre para o mesmo local e época, pois gostava de me torturar inventando coisas diferentes, sempre me deixando na dúvida sobre qual era realmente a minha história.

— Então por que estamos caindo nessa? — pergunto, embora seja mais uma questão para mim mesmo. — Por que estamos aqui debruçados sobre essa caderneta bolorenta?

Samara suspira.

— Porque qualquer pista é uma possibilidade de encerrar com qualquer *jogo* do pai de vocês.

— Eu não tenho pai, Samara, ele está morto há muitos anos. — Kyra se levanta. — Está ficando tarde, e não chegamos a lugar nenhum, então vou para meu apartamento.

Vejo a mágoa nos olhos dela, misturada a medo e raiva. Pego sua mão, e ela nega, entendendo meu questionamento apenas por meu olhar, sem eu precisar exprimir em palavras.

— Eu posso ir sozinha, não se preocupe.

— Também vou! — Samara salta da banqueta.

Não entendo o motivo pelo qual ela também quer ir embora. Achei que, quando minha irmã fosse para casa, ela ficaria aqui comigo. Será que ainda está chateada? Mandei aquela mensagem como um pedido de desculpas, mas talvez ela não tenha aceitado.

— Não, Samara, fique mais um pouco. Sua cabeça está mais fresca que a minha para tentar desvendar isso aí. — Kyra sorri para nós dois e se despede. — Amanhã voltamos a nos falar.

Acompanhamos Kyra até a porta, e Samara vai com ela até o elevador. Entro, sento-me onde está a maldita caderneta e fico lendo as anotações sem sentido, distraindo minha cabeça do fato de Samara ter escondido de Kyra que estamos dormindo juntos e de ela não querer ficar aqui comigo.

O que será que está acontecendo?

Olho para ela assim que fecha a porta do apartamento.

— Por que você não queria ficar? — questiono à queima-roupa.

Ela sorri.

— Não foi isso, eu apenas achei que, se descesse, iríamos disfarçar ainda mais.

— Por que esconder isso de Kyra?

Ela arregala os olhos.

— Achei que era o nosso combinado! Eu não sei qual será a reação dela ao que estamos fazendo, nem agora, nem depois que acabar, então achei mais prudente deixá-la à margem do que está acontecendo.

Samara pensou em tudo, como fica claro, e eu deveria estar me sentindo aliviado por ela não estar criando ilusões sobre o que temos, mas não, não sinto alívio, apenas uma vontade enorme de questionar se ela já não quer mais, se já acabou a curiosidade e o tesão.

Só há um jeito de saber!

Saio de perto da bancada e caminho até ela decidido. Samara enruga a testa, sem entender o que estou fazendo, e emite um som de surpresa quando a pego no colo e a coloco contra a parede, aproveitando-me de que está usando um vestido para ter acesso ao seu corpo.

— Alexios, o que...

Ela não termina de formular a pergunta, mesmo porque não teria resposta, e a beijo sem nenhum freio, segurando-a pelo queixo, devorando sua boca com a sofreguidão que meu desespero por saber o que ela sente me impulsiona. Ela corresponde, agarra-se a mim, passa as pernas pelos meus quadris e geme.

Animo-me com a sua resposta, moo meu corpo contra o seu, rebolando, deixando o volume do meu pau, sob o jeans, provocá-la direto em sua carne sensível.

Tiro minhas mãos de sua cintura, pressiono-a mais firme contra a parede para que não caia e abaixo as alças de seu vestido, gostando de tocar direto sobre sua pele, sem sutiã, sem nenhum tipo de barreira entre nós. Aperto seus peitos pesados, estimulo seus mamilos com os polegares, balançando-os, beliscando-os e arrancando gemidos de Samara.

Minha boca sai da dela e explora seu rosto, pescoço e ombros. Mordo sua clavícula, chupo sua orelha e volto a beijar seus lábios, segurando o inferior com os dentes e passando minha língua sobre ele, fodendo sua boca do mesmo modo com que gosto de foder sua boceta: enfiando minha língua o mais profundo possível.

Desgrudo-a da parede e a carrego para o sofá, deitando-a sobre o encosto de costas para mim. Levanto seu vestido, gemo ao ver a calcinha larga de renda, sem nenhum elástico ou costura e não penso duas vezes ao rasgá-la ao meio.

Samara geme mais alto, e me ajoelho aos seus pés para mergulhar minha língua dentro dela, como estava fazendo há pouco com sua boca. Ela rebola quando a passo entre suas nádegas e paro bem em cima de seu cu apertadinho. Meu corpo inteiro reage, meu pau pulsa tão forte que estica a frente da calça jeans.

Brinco com o anelzinho enrugado, lambendo em volta, enfiando a língua devagar para sentir sua resistência, louco para explorar essa área, que adoro.

— Alex, você está me enlouquecendo!

— Não mais do que já estou! — respondo e abro bem suas pernas, deleitando-me com a visão molhada de suas coxas, os lábios vaginais brilhantes, inchados, prontos para mim. Caio de boca literalmente, pegando-a de surpresa com a fome que estou sentindo pelo seu gosto feminino.

Chupo devagar, bebendo do líquido inebriante, segurando cada pequena dobra entre meus dentes antes de me aventurar com língua e dedos para dentro dela.

— Porra, Samara! — gemo ao enfiar dois dedos em seu canal quente e muito molhado, macio, envolvente, trazendo para o meu pau exatamente a sensação que tem sempre que está dentro dela. *Conforto, pertencimento, lar.* Samara é minha, toda minha para lhe dar todo o prazer que eu puder fazê-la sentir.

Volto a beijar sua bunda, enquanto meus dedos vão fodendo-a lentamente. Ela acompanha o ritmo agitando seus quadris, rebolando devagar na minha cara,

agarrada às almofadas do sofá, gemendo em desespero.

Gosto disso! Gosto dos sons que ela faz, pois me indicam quando estou fazendo algo extremamente bom, e eu continuo a seguir seus gemidos para aprender sobre seu corpo e seu prazer.

Estou enlouquecendo de tesão, louco para liberar meu pau e me afundar nela sem nenhuma outra coisa na cabeça senão o prazer. Adoro a sensação de que minha pele *fala* com a dela, que nosso tesão se encontra no mesmo nível de entrega e desejo. Somos compatíveis demais na cama, e isso me agrada.

Compatíveis!, penso irritado, lembrando-me do que disse a ela uma vez. Foda-se compatibilidade, foda-se racionalidade, nada é maior neste momento do que o que compartilhamos, independentemente do que seja.

Tiro meus dedos molhados de dentro dela e procuro o pequeno nervo duro que sei que a fará explodir. Encontro-o, tomo cuidado para não a machucar com meus dedos grossos e começo a estimulá-lo devagar, apenas acariciando, sem impor ainda nenhum tipo de peso sobre ele.

Os gemidos de Samara mudam, ficam lamentosos, como se ela aguardasse o gozo que sabe que está próximo.

— Gosta disso? — pergunto quando apoio minha mão sobre sua pélvis e uso o pulso para esfregar seu clitóris.

— Sim...

Sorrio e mudo o jeito de masturbá-la, agora com os dedos, em velocidade e pressão maiores. Samara geme muito alto, sua pele se arrepia toda. Meu sorriso se expande ao vislumbrar o orgasmo se acercando dela.

Arreganho suas pernas e me enfio entre elas, girando meu corpo para ficar encostado no sofá e conseguir sugar o exato ponto em que ela necessita. Chupo, esfrego a língua, molho os dedos em seu interior e sigo até seu ânus para brincar com ele.

— Alex...

— Goza para mim, Samara! — peço em desespero. — Preciso do seu gozo.

Afundo um dedo em seu traseiro e chupo seu clitóris com força, deliciando-me com os sons do orgasmo, os tremores involuntários dos músculos de suas coxas e o líquido maravilhoso que pinga sobre mim.

Um verdadeiro néctar!

Espero que ela se acalme um pouco para que eu possa...

Não dá tempo, porque ela se apruma, vem para o chão comigo, abre meu zíper em desespero, liberando meu pênis e o toma em sua boca até onde consegue engolir.

— Porra...

Seguro-a pelos cabelos, apenas apoiando seus movimentos, porém a deixando livre para ir até onde consegue. Tenho vontade de fechar os olhos e apreciar sua boca, enquanto imagino mil e uma coisas bem sujas, curtindo o tesão, mas não o faço.

Quero vê-la!

Ver suas mãos me envolvendo com força, segurando meu pau para cima a fim de explorá-lo em toda sua extensão. Samara se concentra na glande, sua língua macia e ágil agitando-se na ponta, penetrando a pequena fenda, chupando-a como a um sorvete delicioso.

Quando ela segura firme minhas bolas, meu abdômen se contrai, o prazer me fazendo contorcer-me da cabeça aos pés. Ela não para. Não quero gozar em sua boca, mas Samara não larga meu pau, pelo contrário, agita-o enquanto chupa forte, indo e voltando, fodendo-o com sua garganta.

Travo sua cabeça, segurando-a firme pelos cabelos, e ela me olha. A lambida de lábios que dá é suficiente para me fazer ver estrelas, ofegante, sentindo o anúncio da minha porra pronta para jorrar.

— Abre a boca! — ordeno em um rosnar.

Samara faz o que eu peço, e, segundos depois, vejo minha porra branca e espessa acertando o alvo desejado, escorrendo por seu queixo e pescoço, marcando-a de uma forma foda, como minha propriedade!

Que viagem!

Samara se deita sobre mim, nossas respirações em consonância, os corpos trêmulos e quentes. Abraço-a forte, sentindo-me muito bem, não só por ter gozado como um louco, mas por ela estar aqui comigo.

31

Alexios

O assunto da semana na empresa, certamente, é o vazamento de informações sobre a Ethernium, a perda da área no Rio de Janeiro e como a Karamanlis irá fazer para entregar outra área possível ao cliente.

Paro um pouco meu trabalho e observo minha equipe, na total correria, e penso que é esse o jeito que iremos dar para cumprir o prazo: fodendo a mente de todo mundo!

O trabalho não pode parar, mesmo que os *hunters*, nossos principais parceiros para a escolha da nova área, estejam sem liderança, pois Kika foi suspensa para a apuração de sua responsabilidade, e Kostas esteja sumido, possivelmente numa dor de cotovelo do caralho.

Sim, porque é óbvio que, mesmo que tenha saído do sobrado com a intenção de ir atrás dela, ele não conseguiu convencê-la a aceitar suas desculpas, por isso deve estar entocado em algum local, chorando suas mágoas.

Konstantinos apaixonado!

Essa é uma afirmação que nunca imaginei ser verdade. Contudo, não só é real, como também, a julgar pela reação de Kika, ele é correspondido. *Sortudo filho da puta!*, penso rindo, sentindo-me feliz por ele, mais do que todos, esperando que os dois consigam se acertar para que, finalmente, eu consiga

acreditar em finais felizes.

Apesar de que Theodoros já conseguiu o seu! Duda é uma mulher incrível, e Tessa, uma menina muito doce, então, sim, ele foi um sortudo que, embora eu ainda tenha minhas reservas, conseguiu seu *happy end*.

Kyra anda exultante com a alta de Tessa. Decorou o quarto da menina, com a ajuda da Samara, claro, e vai praticamente todos os dias até o apartamento de Theodoros para vê-la. Ela me disse que, após a doação, sente-se parte de Tessa, como se a menina, de certa forma, também fosse sua.

Achei incrível ouvir isso dela, a única expressão verdadeira de sentimentos que já vi minha irmã admitir. Ela ama Tessa, e, mesmo não traduzindo em palavras, seus gestos dizem tudo.

Volto a pensar na Ethernium e na urgência que temos em resolver essa questão, mesmo sem os principais atores desse projeto. Antes de eles decidirem pelo Rio de Janeiro, tinham separado mais três áreas possíveis, e, para ganhar tempo quando tudo se normalizasse, solicitei à minha equipe que trabalhasse as três possibilidades, por isso a correria aqui na K-Eng.

— Alexios, Luiza me ligou agora — Elis informa, entrando na sala. — O doutor Millos pediu para que vá até a sala dele.

— Agora? — Bufo, olhando o tanto de coisas que tenho que fazer ainda hoje, lamentando já a perda do jantar com Samara. *Merda!*

Saio da minha mesa e, antes que eu passe pela secretária, uma ideia pipoca em minha cabeça.

— Elis, você conhece alguma floricultura boa? — Ela arregala os olhos, mas assente. — Ótimo! Encomende algo para entregarem, mando o endereço por mensagem.

— Que tipo de flor? — Faço careta, e ela entende que eu não faço ideia. — É profissional ou pessoal o motivo do envio?

— Pessoal. — Tento não rir com a ideia de que eu possa mandar flores para algum cliente. — Alguém muito especial, então capriche.

Ela sorri.

— Vai ter cartão ou algum outro mimo?

— Consigo mandar a mensagem direto para eles? — Ela concorda. — Ok, então depois me passe o número para que eu envie e... — Sussurro: — Eu sei que pode ser complicado achar, mas preciso de uma tartaruga de pelúcia fêmea.

Elis não disfarça seu espanto, mas anota em sua agenda o meu pedido estranho.

— Só isso?

Rio, sabendo exatamente que não é *só* isso. Dei um trabalhão para ela, fora de suas atividades na K-Eng, coisa que nunca fiz.

— Só, e eu agradeço demais a ajuda. — Ela sorri, corada. — Vou lá ao *Olimpo*.

Elis gargalha com o apelido do andar da diretoria, e eu vou para o elevador pensando na reação da Samara ao receber as flores e uma parceira para Godofredo, o jabuti de que sua mãe tomou posse e que ela não tem coragem de tirar da mansão dos Schneiders.

Quando chego ao andar da diretoria executiva, Luiza aponta direto para a sala de Millos enquanto fala ao telefone, parecendo muito ocupada.

— Olá! — Entro na sala do meu primo sem bater. — Pediu que eu viesse, aqui estou eu! Diga, chefinho!

— Pode parar com o deboche! — Ele aponta para uma cadeira a fim de que eu me sente. — Os auditores acabaram o trabalho e pediram para marcar uma reunião para apresentarem os resultados.

— Aposto que você já sabe! — Pisco para ele.

— Claro que sei, assim como você deveria saber também! Theodoros não tem absolutamente nada que o desabone.

— O deus perfeito e irrepreensível — caçoo, e Millos fica puto, mas logo depois relaxa. — Quando será a reunião?

— Amanhã. — Surpreendo-me com a pressa. — Mandei avisar a todos, Luiza está em desespero tentando falar com cada um.

— E o Kostas?

— Apareceu hoje, até que enfim. — Millos respira fundo. — As investigações sobre o vazamento também foram concluídas, por isso mandei chamarem a Kika de volta.

— Descobriram quem foi?

Millos nega.

— Mas não temos nenhuma evidência que aponte para ela, então, como precisamos terminar essa conta da Ethernium, preciso que ela volte ao trabalho.

— Entendi. O que mais você quer comigo, Millos? Não me chamou aqui apenas para comunicar isso, podia fazer por e-mail.

— Eu fiz. — Ele ri. — Mas você é esperto, não foi somente para comunicar essas coisas que te chamei. — Millos fica sério. — Eu sei que você tem suas desavenças com Theodoros, mas gostaria de saber sua posição sobre ele continuar no cargo de CEO.

Surpreendo-me por ele querer falar disso antes da reunião, como se

estivéssemos confabulando para alinhar o discurso e votar juntos – caso seja requisitado algum tipo de votação entre os conselheiros. A questão é: alinhar para o lado de quem?

— Gostou de estar no comando e quer continuar como CEO ou...

— Não fala merda, moleque! — Millos me interrompe. — Eu quero saber se posso contar contigo para trazer Theodoros de volta ou não!

— Pode! — respondo sem titubear. — Theodoros é um bom CEO, mesmo quando faz suas cagadas. — Millos assente. — Quem deveria preocupá-lo não sou eu, mas sim Kostas.

Millos sorri.

— Não me preocupo com seu irmão, não mais.

A arrogância de quem sabe mais do que quer revelar me enerva, porém, concordo com ele. Se eu não tivesse visto e ouvido Konstantinos tão diferente ultimamente, poderia até imaginar que ele está a postos para jogar a última pá de terra em Theodoros.

Kostas mudou graças ao se amor por Kika, e isso me traz uma sensação estranha que mal conheci em minha vida: esperança.

Eu não poderia estar mais surpreso do que neste momento!, reflito, ainda sentado à mesa de reuniões da Karamanlis, onde há pouco estavam reunidos o Conselho Administrativo, a diretoria e a empresa contratada para auditar a gestão de Theodoros.

Não, não foi descoberta nenhuma falcatrua ou ingerência de meu irmão mais velho. O que me deixou aqui sentado, embasbacado, foi ter ouvido e *visto* – porque, se alguém tivesse me contado, eu nunca acreditaria – Kostas *defender* a permanência de Theo como CEO da empresa.

É certo que achei que ele não se oporia à volta de nosso irmão mais velho para seu cargo na Karamanlis, mas não esperava que ele defendesse e ainda propusesse solução para o prejuízo causado pela nota promissória que a empresa comprou e decidiu não usar.

Assim que ele começou a usar toda sua experiência em oratória, adquirida por anos e anos de trabalho – tedioso – jurídico, percebi que, ao invés de botar lenha na fogueira da inquisição de Theodoros, ele o estava salvando de perder o cargo. Busquei por Millos na sala, boquiaberto, esperando encontrar meu primo tão surpreso quanto eu, mas o filho da puta parecia tranquilo, como se nada de

mais estivesse acontecendo ali.

Foi um marco, puta que pariu! Será que ninguém percebe que isso significa algo? Será que ninguém consegue enxergar que, a cada dia, mais coisas do antigo Tim aparecem?

Meu irmão está se curando!

Eu gostaria de poder saber onde Kika está para parabenizá-la pessoalmente, porque *consertar* um Karamanlis fodido não é tarefa fácil para ninguém, e ela conseguiu, porque isso a que assisti há pouco ou foi um milagre – e eu não acredito *mesmo* nessas coisas –, ou foi obra do relacionamento dos dois.

Theodoros não participou da reunião, mas estava aqui no prédio, e certamente é com ele que Millos está falando neste momento ao telefone, informando-lhe que a vaga no cargo máximo do *Olimpo* continua sendo sua.

Levanto-me da mesa e passo por todos, sem conversar com nenhum dos conselheiros, disposto a encontrar Konstantinos e conversar um pouco com ele sobre tudo o que vi e o que encontrei no sobrado. Acho que ele irá se interessar pela caderneta também, ou talvez não queira se envolver nesse assunto, pois, como me disse antes, quer zerar sua história e recomeçar.

Desço até o andar onde fica o jurídico e a gerência de *hunter* e nem perco meu tempo indo até aquela que sempre foi sua sala, pois aposto que está na que dividiu com Kika durante o tempo em que trabalharam juntos.

Não, ele não está na sala. Encontro-o parado no corredor, olhando para a porta como se estivesse perdido.

— Kostas?

— Oi, Alexios — responde sem me encarar. — Toda vez que eu entro aqui, parece que está faltando algo, sabe? Nada tem luz sem a presença dela.

Faço careta por causa do romantismo exacerbado, mas não o sacaneio por isso, entendendo que ele ainda não se acertou com a pequena gerente e que isso o está machucando.

— Eu vim dizer que achei algo no sobrado. — Kostas me olha. — Uma caderneta.

— Achou algo sobre sua mãe?

— Ainda não sei, ela está em códigos. — Dou de ombros. — Alguém mais, além de você e eu, tem acesso àquele lugar? — Kostas nega. — Acho que a pista foi plantada.

Ele arregala os olhos.

— Por que você acha isso?

— Eu a achei dentro de um depósito do sótão. — O semblante de meu irmão

se transforma com essa revelação. — O forro estava afastado, e a caderna, dentro dele. Contudo, não acho que esteve por lá por 15 anos, Kostas.

— Sim, a casa foi toda vasculhada pela polícia na época da prisão da cafetina traficante e, antes de eu arrematá-la, foi invadida e saqueada várias vezes.

Concordo, pois pensei o mesmo.

— Não sei como alguém possa ter acesso sem as chaves, o local está fortemente fechado — ele continua. — Minhas chaves ficam muito bem guardadas dentro de um cofre, e a que você está usando ficava no meu chaveiro.

— Eu sei, também não entendo como aquilo foi parar lá e por que a pessoa está deixando essas pistas para mim. Primeiro, aquela mulher aqui na Karamanlis, depois o recorte do jornal... — Kostas fica curioso, mas eu não explico — e agora a caderneta.

— Tome cuidado, Alexios, as pessoas envolvidas com aquele tipo de negócio são barra-pesada, sem escrúpulos ou limites.

Penso em Samara e no perigo em que a expus ao levá-la comigo para lá. Um arrepio cruza meu corpo, fazendo-me tremer de frio, como se um espírito pestilento estivesse a me rondar, avisando-me do perigo.

Se eu estivesse sozinho, iria rir e garantir ao meu irmão que não tem perigo algum, que não tenho medo do que possa achar, mas acontece que não estou, tenho muito a perder agora, e Samara é alguém muito importante para que eu a exponha desse jeito.

— Vou tomar. — Ele suspira e volta a encarar a porta. — E Kika? Se acertaram?

Ele balança a cabeça negativamente e entra na gerência parecendo carregar um enorme peso. Meu coração se aperta ao pensar que ela não o perdoou e que, mais uma vez, ele não irá conseguir realizar os sonhos que tinha quando chegou aqui ao Brasil: uma família.

Todos nós quisemos uma em algum momento de nossas vidas. Kostas queria se sentir pertencente a algum lugar; eu queria saber a verdade sobre mim, ter direito à minha identidade; e Kyra queria a mãe. Chorou por meses quando Sabrina foi embora e depois parou de falar nela, como se nunca tivesse existido, mas o vazio ficou.

Vou até o elevador, decidido a ir embora e surpreender Samara – que hoje está trabalhando em casa –, já que ontem tive que cancelar o nosso jantar e não pude vê-la, pois cheguei a casa às altas horas da madrugada.

Meus olhos se repuxam em um sorriso bobo ao me lembrar das mensagens que ela me mandou antes de dormir, quando recebeu o arranjo da floricultura e o

bichinho de pelúcia.

“Alexios, seu safado, mandou um presente para mim ou para conquistar Godofredo? Kakakakaka.”

Gargalhei como um louco ao ler a mensagem e depois suspirei quando ela me enviou uma foto abraçada com a tartaruga.

“E as flores, gostou?”

Ela, então, mandou-me uma foto do arranjo, e eu fiquei satisfeito ao ver que era uma linda orquídea e me lembrei de que ela ama essa flor. *Boa, Elis!*

“Você ainda gosta de orquídeas? Eu lembro que, quando você se mudou, encheu sua casa com elas. Mas devo confessar que quem escolheu essa planta foi minha secretária.”

Mandei um *emoji* tampando a cara, e ela retribuiu mandando um pensativo.

“Adorei, e que bom que ela acertou e você se lembrou de que eu gosto delas. O bichinho foi ideia dela também? Porque, se foi, ela deve ter algum sexto sentido.”

“Não, o bichinho foi ideia minha, porque sei que sua mãe sequestrou o Godofredo e você sente falta dele. Não queria que se sentisse sozinha essa noite, mesmo que eu não possa estar aí para te fazer companhia.”

Ela demorou um pouco para responder, mas, quando o fez, percebi o quão egoísta eu fui com ela por toda minha vida.

“Quem é você que tomou o corpo do meu amigo? De que planeta você veio? Pode contar, não vou fazer nada para te tirar daí. Gostei muito!”

Respondi com uma gargalhada, mas a verdade é que isso me tocou profundamente. Samara sempre esteve ao meu lado para tudo, e talvez eu, no meu afã de manter distância sexual dela, tenha deixado de retribuir e lhe demonstrar o quanto ela era importante.

Isso não vai acontecer mais!, decido firmemente. Samara entenderá o quanto é importante para mim e o quanto valorizo sua amizade e seu apoio.

Neste momento, mexido com o que houve na sala de reuniões e pela conversa há pouco com Kostas, só desejo estar com ela. Dane-se a Ethernium, já tomou meu tempo ontem; hoje, vou me dedicar à Samara.

32

Samara

A orquídea e o bichinho de pelúcia não estão à minha vista, porém não saem da minha cabeça.

Ontem, quando Alexios mandou mensagem cancelando o jantar, dizendo que precisava ficar até mais tarde na Karamanlis por conta da tal conta em que houve o vazamento de informações, eu a princípio achei que era uma desculpa, que ele devia estar querendo sair sozinho.

Porém, então, horas depois, chegou a encomenda.

Suspiro.

Meus olhos se encheram de lágrimas ao ver o bichinho, uma tartaruga com um baita laço rosa na cabeça, e a orquídea florida e linda. Abri o envelope com o cartão e achei o bilhete impresso.

> *Samara,*
>
> *As coisas hoje não foram bem como eu gostaria. Queria sair com você para jantar e depois passar a noite inteira trepando contigo, mas, infelizmente, não posso abandonar minha equipe se fodendo e fingir que as coisas aqui não estão prestes a pegar fogo. Contudo, não queria que ficasse sozinha e, como Kyra te deu o Godofredo, nada mais justo*

que eu dê a você algo parecido (porém mais dócil e fofinho de apertar).

Desculpe-me pelo bolo,
A.K.

Confesso que tive que reler o bilhete várias e várias vezes e até duvidei de que fosse ele mesmo quem tinha mandado, mas já vi a assinatura que ele usa na empresa, e não era aquela. Nós sempre zoamos seu nome e seu gênio, dizendo que combinavam.

A.K. é um tipo de arma, e Alexios, na adolescência, era algo tão agressivo quanto uma. Ele se lembrou de quando o chamávamos assim e assinou o bilhete para eu ter certeza de que tinha sido ele mesmo quem o escrevera.

Mais tarde, ele me mandou mensagem, ainda trabalhando na K-Eng e reforçou o que estava no bilhete: a tartaruga era para me fazer companhia, já que ele havia furado comigo. Nunca imaginei que Alexios pudesse ter tanta consideração por alguém e, por isso, sacaneei-o perguntando se tinha um ET dentro dele.

Fiquei tentada a dormir com a tartaruga, abraçada a ela, mas não o fiz. Já é difícil controlar meus sentimentos por Alex sendo ele como é; se eu começar a admirar a forma carinhosa com que tem me tratado e toda sua consideração para comigo, será impossível não criar ilusões.

Coloquei a orquídea na varanda, local onde quase nunca vou, e a tartaruga dentro do meu armário, junto às malas de viagem.

Doeu-me o coração fazer isso, mas sei que irá doer muito mais se eu começar a me iludir com a possibilidade de todo esse carinho de Alexios se tornar algo mais forte e ele me enxergar mais do que só como a amiga de infância.

Não! Fiz o certo!, penso ao voltar a trabalhar, acertando os últimos detalhes do projeto padrão da franquia para a qual estou trabalhando – através da empresa da família –, a fim de poder começar a planejar a estante de livros de Konstantinos.

Eu não ia pegar o projeto do irmão de Kyra e Alexios, mas, depois que ele me mandou as fotos do local e os detalhes do que queria, percebi que ele estava fazendo isso para alguém especial, que era um sonho dessa pessoa e, por isso, não neguei.

Fiquei encantada com a possibilidade de fazer algo que eu mesma gostaria de ter em minha casa, um quarto cheio de livros, com poltrona e iluminação própria para meus momentos de leitura. Fiquei tentada a desenvolver algo parecido para

o meu apartamento, até me lembrar de que pretendo voltar a Madri assim que o tratamento de mamãe se encerrar.

Graças a Deus, Ana Cohen está indo muito bem nessa nova fase da quimioterapia, e o médico ainda não viu a necessidade de começar a usar a radioterapia. Mamãe está decidida a se curar, e isso já é um enorme passo para sua recuperação. Ela tem andado mais otimista, mais ativa mesmo durante os dias de medicação e, principalmente agora, com a notícia do divórcio do Dani, mais presente para a família.

Papai não retornou para a fazenda desde que voltou para casa. De vez em quando mamãe diz para ele ir, mas ele finge não a ouvir e fica ao seu lado.

Tenho falado com meu irmão todos os dias, na empresa ou por telefone, pois me preocupo muito com ele e com tudo isso que aconteceu. Ainda não entendo seu casamento relâmpago, mas sinto que há algo muito sério por trás disso, que ele não quer revelar.

Kyra continua achando que ele pode ser gay, mesmo depois que eu lhe contei a conversa que tive com ele sobre o assunto. Sinceramente eu estava com receio de contar à minha amiga sobre o divórcio, pois sabia que ela iria dizer que havia avisado que isso iria acontecer.

— Só não previ que fosse acontecer tão rápido! — ela disse às gargalhadas. — É meu mais novo recorde, menos de um mês de duração! O ranking era de um que durou seis semanas.

— Coincidências, não se dê esse poder todo! — provoquei-a de volta.

— Estou te dizendo! — Riu. — Vou criar até um slogan: — ela abriu os braços, exagerada como sempre, chamando a atenção das pessoas à nossa volta — Quer afundar um relacionamento? Contrate *mama* Kyra para fazer o casamento!

Não resisti à criatividade dela, e começamos a rir juntas, sem nos importar com as outras pessoas que tomavam café silenciosamente na confeitaria onde nos encontrávamos.

Consigo brincar com o que houve com meu irmão porque, de certa forma, acho que o que aconteceu foi uma boa solução. Daniel não amava a Bianca, e acho que ela também não o amava. Sei que ele está contrariado, afinal, se casou por algo que achava que deveria fazer, mas não está sofrendo, e isso é prova suficiente de que a relação dos dois já havia morrido muito tempo antes.

A campainha do meu apartamento soa alto, fazendo-me pular da banqueta onde estou trabalhando. Confiro as horas; ainda estamos na metade da tarde, então não pode ser Alexios. Deve ser Kyra.

— Entra, Kyra! — grito sem sair do lugar.

A porta se abre, e Alexios entra carregando uma caixa e um suporte com dois copos de café. Meu coração parece que vai saltar, e fico petrificada, sem saber o que fazer ou o que dizer por tê-lo aqui a essa hora.

— Espero que eu sirva no lugar de minha irmã. — Ele pisca. — Mas, caso não seja suficiente, declaro que trouxe donuts e capuccino.

Ele põe os itens em cima da mesa e vem até onde estou, ergue meu queixo, abre um sorriso e me beija.

— O que você está fazendo aqui a essa hora?

— Atrapalho muito? — Aponta para meu computador e as revistas em cima da mesa.

Nego.

— Só não esperava te ver hoje, ainda mais tão cedo. — Ergo uma sobrancelha. — Você não estava atolado de trabalho com sua equipe?

— Estava não, estou! — Dá de ombros. — Daqui a pouco volto para a K-Eng para virar a noite lá com eles, mas antes queria vir te ver e aproveitei o horário para comer algo com você. — Levanta um donut coberto com creme de limão, meu preferido. — Podemos fazer uma troca...

Sorrio, prevendo safadeza.

— Que tipo de troca?

Sinto a pele toda se arrepiar de vontade quando ele abre seu melhor sorriso safado.

— Troco essa rosca pela *sua* rosca.

Gargalho alto, quase caindo da banqueta, e ele enfia a língua no meio do donut, como se o fodesse.

— Você não vale nada, Alex!

— Nunca tive dúvidas sobre isso. — Pisca. — E aí? Cobertura de glacê de limão siciliano... — Lambe a cobertura, deixando minha boca cheia d'água. — Topa fazer a *troquinha?*

Desço da banqueta e dou uma mordida no donut, respondendo a sua questão. Ele geme alto e me agarra, beijando-me ainda com o sabor doce e azedo da cobertura na boca.

Suas mãos não têm nenhum pudor ao subir o vestido que uso e ir direto ao ponto desejado. Arrepio-me inteira quando ele arrasta suas unhas cortadas no meu cóccix e depois as desliza para o meio do meu bumbum, parando apenas para circular o orifício que está tentando conquistar e invadir.

— Nunca fiz isso — confesso.

Alexios para imediatamente, abre os olhos e não esconde sua surpresa.

— Nunca, nunca mesmo? — Confirmo. — Nem mesmo um dedinho?

— Só você até agora.

Ele fecha os olhos e respira fundo. Fico tensa, pensando que ele deve estar me achando monótona e inexperiente, mas fazer o quê? Não vou mentir para ele apenas para parecer mais descolada do que sou. Nunca fiz e nem tive vontade de fazer sexo anal, até ele.

— Desistiu? — pergunto.

— De jeito nenhum — responde de olhos fechados. — Estou louco para te mostrar isso, mas, como é sua primeira vez, teremos que ter um cuidado especial.

Faço careta.

— Desculpa pelo trabalho.

Ele ri.

— Está louca? — Pega minha mão e me faz sentir sua ereção pulsando na calça. — Eu quase gozei só de me imaginar iniciando você nisso, em todas as brincadeiras e safadezas que podemos fazer juntos. — Sorrio animada. — Mas não hoje...

— Por quê? — Faço biquinho e aperto mais seu pau latejante.

— Porque preciso providenciar umas coisas, e você precisa fazer uma preparação para se sentir mais segura.

Concordo, pois já li sobre isso.

— E agora? Como sua rosca sem dar nada em troca?

Alexios abre a calça, deixa seu pau escapulir para fora e se senta no meu sofá.

— Vem! — Balança o donut. — Senta aqui enquanto te alimento.

Meu corpo esquenta com a imagem de Alexios segurando o donut com uma das mãos e o pau com a outra. Meu sexo pulsa de vontade, e sinto uma leve umidade em minha calcinha.

Coloco as mãos por baixo da saia do vestido e retiro a lingerie devagar, sentindo os olhos dele sobre mim, acompanhando cada movimento. Balanço a calcinha na mão, assim como ele faz com a rosca, mas depois a lanço para o lado.

— Delícia de mulher safada, vem aqui!

Ando devagar, olhos nos dele, e paro de frente para onde está sentado.

— É assim? Levanta esse pau e acha que eu devo me sentar?

Alexios desliza seu pé, ainda calçado, pela minha perna e, quando chega na

parte de trás do meu joelho, bate o calcanhar, fazendo-me desequilibrar e cair sobre seu colo.

— Isso foi golpe sujo! — acuso-o, rindo muito.

— Não, isso foi desespero. — Ergue meus quadris e se encaixa na minha entrada. — Estou louco por isso desde ontem, frustrado por não ter passado a noite toda dentro de você.

Não me abaixo, e ele também não se ergue. Sinto sua cabeça inchada entre meus lábios, mas não o insiro em mim, olhando-o intensamente, tentando descobrir se o que está tentando fazer é alguma espécie de jogo ou se realmente sente isso tudo.

Ele não mentiria para mim, e querer trepar comigo a noite toda não requer sentimentos ou mesmo mudança da parte dele, apenas tesão, e isso nós temos de sobra.

Rebolo curto, devagar, e ele trava a mandíbula e suas narinas se dilatam. Faço novamente, e ele geme entredentes. Esfrego meu sexo no dele, deliciando-me com a sensação de estar sendo lubrificada com meus próprios fluidos, excitada ainda mais ao ver sua reação violenta ao prazer que isso lhe dá.

— Caralho, Samara, senta e acaba com essa tortura!

Nego e mordo o donut, lambendo os lábios faceira, o que o faz me puxar pela nuca e devorar minha boca. Entrego-me, sento-me e sinto cada centímetro dele preencher meu interior. Gememos com as bocas coladas. Eu me movimento, e ele apoia a base da minha coluna, ajudando-me a mexer com mais intensidade.

Inclino o corpo para trás, e ele espalha glacê no vale dos meus seios pelo decote do vestido e depois o lambe todo. Rio, gostando disso, e ele continua, afastando as alças da peça de roupa, fazendo-a cair e se embolar em minha cintura. A cobertura de limão é usada nos meus mamilos, e ele a come toda, chupando e mordendo, enquanto eu subo e desço no seu pau.

De repente, Alexios se ergue e me leva consigo até a varanda gourmet em que evito sempre estar e me coloca sobre a mesinha alta de bufê que tenho aqui. Fico tensa, pois o local é aberto, e é possível que sejamos vistos.

— Relaxa, você tem muitas plantas aqui. — Ri. — Apenas curta, me sinta dentro de você e esqueça o resto.

Ele se movimenta gostoso, rebolando devagar, afundando-se lentamente em mim, saindo, estocando curto e então entrando com tudo, fazendo-me arquear as costas no tampo de vidro.

Olho para ele, acompanhando seus movimentos perfeitos dentro de mim e ergo os dedos para que ele os chupe. Alexios sorri, toma-os na boca, mas, em

vez de me deixar levá-los até a minha boca também, como se compartilhássemos um beijo, ele os coloca sobre meu clitóris.

— Se toca para mim — pede. — Goza enquanto te como gostoso aqui, com o som do parque ao longe e o sol iluminando nós dois.

Não espero outro pedido e começo a me masturbar como ele pediu. As estocadas aumentam, no mesmo ritmo que meus dedos trabalham sobre meu clitóris duro. Fecho os olhos, curtindo a sensação indescritível que tenho ao fazer isso, mas ele me pede para abri-los.

— Quero que olhe para mim enquanto gozo dentro de você... — geme. — Você é a primeira com quem faço isso...

Não entendo a afirmação, e ele se explica:

— Sem camisinha e com gozo dentro. — Alexios ri. — Porra, como isso é bom!

Sua expressão muda, vejo vulnerabilidade, prazer e carinho misturados em seu olhar. Os gemidos se intensificam, e meus músculos começam a se retesar. Como se tivéssemos cronometrado, gozamos juntos, sem limites, os sons altos de júbilo e êxtase se espalhando pelo ar, misturando-se aos sons da rua.

Fecho os olhos e engulo em seco as palavras que chegaram à minha boca no momento mais forte do orgasmo.

Você também é meu primeiro, Alexios; meu primeiro amor!

33

Samara

— Aqui tem as letras OLMD e os números 10, 17 e 23 — Kyra lê, e eu anoto em outro local. — Depois muda para... — Kyra boceja.

— Não quer parar para tomar um café? Você trabalhou até de manhã!

Ela concorda.

— Boa ideia! — Levanta-se da banqueta da cozinha de Alexios e começa a preparar a bebida. — Por que ele ainda não chegou? Não marcou conosco hoje depois do almoço?

— Relaxa, Kyra, ele deve ter pegado um trânsito infernal.

Minha amiga concorda, mas não para de me olhar.

— Não vai mesmo me dizer o que está rolando entre vocês? — pressiona, e eu fico vermelha. — Malinha, eu te conheço bem e mais ainda àquele safado, não precisa...

— Estamos transando, só isso.

Kyra arregala os olhos.

— Puta merda... Puta... — Ela parece em estado de choque. — Eu imaginava que estivesse rolado um clima, uns tapas e beijos, mas não que a coisa já estivesse nesse estágio.

— Pois é, mas está.

Não dou mais detalhes e volto a olhar a caderneta.

— Contou a ele que você o ama?

Suspiro.

— Não. — Kyra xinga. — Entrei nessa sabendo que tudo o que ele pode me dar é prazer, então estou ignorando essa parte enquanto posso.

— Samara, isso é loucura! E depois?

Controlo o tremor na minha voz, o nó em minha garganta e sinto os olhos arderem com a vontade de chorar. Depois? Depois vou voltar para Madri e tentar viver minha vida sem pensar no que poderia ter sido se ele me amasse também, sem desejar que as coisas tivessem sido diferentes.

Não há essa possibilidade!

— Depois só o tem...

O barulho da chave na porta me faz calar, e eu faço sinal para que ela não diga nada a ele e mantenha o segredo.

— Oi! — Alexios nos cumprimenta ao entrar no apartamento. — Desculpem a demora, trânsito!

— Sem problema. — Pisco para ele. — Kyra está fazendo um café.

— Ótimo! Tenho algumas horas antes de conferir tudo o que minha equipe montou e mandar lá para os *hunters*. — Alexios sorri aliviado. — Kika voltou ao trabalho hoje. — Ele olha para a irmã. — Ela e Kostas estão juntos.

Kyra arregala os olhos com a notícia, e eu também fico surpresa, dando um rosto agora à futura dona dos armários que estou desenhando.

— Eu conheci a Kika nas festas de final de ano, ela ia sempre com Malu Ruschel, e eu até achei que elas eram um casal.

— Melhores amigas — Alexios esclarece. — Nosso irmão está apaixonado, com os pneus arriados e a língua de fora. — Ri. — Ontem, na hora que os dois saíram juntos da empresa, quase fiquei diabético de tanto amor.

— Isso é bom, não? — questiono-lhe, o coração disparado à espera da resposta.

— Para quem pode sentir o mesmo, sim! — responde seco. — Descobriram algo? — ele muda de assunto, e eu evito o olhar de Kyra, pois aposto que ela está me olhando preocupada.

— Ainda não, dei uma parada, pois não conseguia nem enxergar...

— E se essas letras forem siglas de nomes de clientes? — disparo de repente. — Pode ser que sejam.

— Ou das prostitutas! — Kyra se anima. — Mas e os números?

— Dinheiro! Aposto que você irá achar um N.K. em muitos lugares.

Concordo e assinalo todos os que encontro.

— Ninguém Ker! — Kyra debocha. — Era o código *dele* que fizemos por suas iniciais.

Assinto, lembrando-me.

— Sim, você era a Kero-Kero. — Rio quando ela me mostra a língua.

— Seu irmão era o Dedo-Duro! E seu pai... — Kyra olha para Alexios, e eu volto a assinalar as siglas N.K. na caderneta. — Lembra, Alexios? Era algo que remetia a dinheiro.

— B.A.N.K.S. — ele fala a sigla do nome completo do meu pai, que forma a palavra "banco" em inglês.

— Isso mesmo! — Kyra comemora. — Você era...

Não termino de ouvir o que ela diz, pois assinalei algo no automático, sem prestar atenção, e agora sinto meu coração parar de medo. Olho para meus amigos, rindo e se divertindo com as lembranças do passado, e o temor me faz tremer na cadeira.

Fecho a caderneta e salto para fora da banqueta.

— Preciso ir!

Os dois param a conversa e me encaram. Antes, porém, joguei a caderneta dentro da minha bolsa.

— O que aconteceu, Samara? — Alexios pergunta preocupado.

Tento pensar rápido em alguma desculpa convincente e ainda não gaguejar, pois desconfiariam de que estou mentindo.

— Lembrei agora que Daniel não vai poder ir com a mamãe à quimio e que eu me comprometi a levá-la.

Kyra estranha, não parece nada convencida, mas não alerta o irmão. Alexios se aproxima e fala baixinho:

— Tudo bem mesmo? Você parece assustada.

Engulo em seco quando lhe respondo:

— Está tudo bem, só me assustei por te me esquecido de mamãe, mas já vou indo!

Despeço-me deles, mas, antes que eu siga para a porta, Kyra me chama:

— Samara, e a caderneta, onde está?

Fecho os olhos, as lágrimas ameaçando cair.

— Deixei aí em cima, deve ter caído. Depois a gente se fala.

Saio correndo do apartamento de Alexios, desço as escadas, porque não quero esperar o elevador, e, quando chego à garagem do prédio, esbaforida e nervosa, entro no meu carro e volto a abrir a caderneta.

B.A.N.K.S.

Não pode ser!

Pego uma borracha dentro da bolsa e apago o círculo que fiz com o lápis enquanto Kyra e Alexios se lembravam das siglas que usávamos quando não queríamos falar os nomes das pessoas.

Deve ser uma coincidência ou haver outra explicação! Meu pai nunca frequentaria aquele lugar, nunca compactuaria com as coisas que aconteciam por lá, nunca!

Saio dirigindo como uma louca e acelero o máximo que posso, enfrentando o trânsito caótico até a casa dos meus pais.

Cumprimento a Cida na entrada e confirmo que meus pais não estão em casa, pois quem acompanhou mamãe na quimio hoje foi ele. Entro em seu escritório, o mesmo que ele usava para trabalhar e onde ele guarda a maioria de seus documentos e pastas.

Abro todas as gavetas até encontrar a chave da gaveta de documentos importantes dele, onde meu pai sempre guardou sua arma, pregada com um ímã embaixo do fundo de uma delas.

Vasculho pasta por pasta, olhando documentos e anotações, mas nada me remete àquele lugar ou aos números anotados na frente do nome dele. Procuro sua sigla em outro lugar nessa caderneta dos infernos, mas não há nada, apenas naquela maldita página, bem na época em que Alexios nasceu.

— O que você está procurando?

Pulo de susto com a voz de Daniel e encaro meu irmão com os olhos cheios de lágrimas. Ele se assusta, corre ao meu encontro e me ampara quando começo a chorar.

— Samara?

— Alexios encontrou uma caderneta com anotações do bordel onde a mãe dele trabalhava — conto em meio às lágrimas, e Daniel bufa de raiva. — Tem várias siglas e números, e então pensei que pudessem ser iniciais.

— Samara, isso é loucura! Olha só o que aquele doido está fazendo com sua cabeça...

— Não, Daniel, é sério. — Aponto para a caderneta em cima do móvel. — Ela é autêntica, tenho certeza.

— Mas o que tem a ver essa coisa e o fato de você estar aqui, no escritório do papai, em prantos?

— O nome dele está na lista da caderneta.

Daniel se afasta de mim e nega.

— Papai nunca frequentaria um local assim, não, ele é todo tradicional, nunca iria a esses lugares!

Mostro-a para ele, mas ele continua a negar.

— Isso aí não prova nada, vocês mal sabem o que significam. Alex fica enfiando caraminholas em sua cabeça e...

— Ele não sabe, Dani! — Soluço. — Menti para ele e para a Kyra e saí correndo, furtando a caderneta igual a uma gatuna, para ganhar tempo antes de ter uma solução sobre o motivo de as iniciais de papai estarem aqui.

Ele pega a caderneta e arranca a folha.

— Solução arranjada!

Choro em desespero, imaginando a reação dos meus amigos quando eu contar o que descobri e eles virem a folha faltando. Pego-a da mão dele antes que a rasgue e a recoloco na caderneta.

— Eu não sei o que significa, mas o lugar era horrível demais, e aconteciam atrocidades por lá.

— Papai nunca iria a um local desse, esqueça isso!

Não posso esquecer, não se for realmente uma pista real para que Alexios encontre a mãe ou saiba a verdade sobre sua história. Não posso simplesmente ignorar e fingir que não vi o nome do meu pai lá.

Ao mesmo tempo, se Alexios souber, virá como um trator para cima de Benjamin, e papai já sofreu várias intervenções no coração, e eu temo que um confronto entre os dois seja forte demais para ele aguentar.

O que eu faço?

— Vou conversar com ele, Dani, e pedi explicações sobre isso. — Meu irmão faz um gesto negativo com a cabeça. — Se ele sabe de algo que possa ajudar a localizar a mãe de Alexios, preciso que me diga.

— Samara, isso é loucura, e você irá magoar nossos pais por causa de Alexios. — Ele se senta numa poltrona e apoia a cabeça entre as mãos. — Já pensou se isso for verdade, no que vai significar?

Que papai traiu nossa mãe! Sim, eu pensei nisso. Mamãe está numa fase delicada também e, se souber de algo assim, irá ficar desapontada e muito machucada.

— Não temos certeza de nada — digo.

— Isso! Não tem por que fazer alarde. Vamos pensar com calma. Eu ajudo você, e encontraremos uma solução para esse caso, eu prometo.

Assinto, mas dentro do meu coração há um buraco. Sinto que estou traindo meus amigos não contando a eles o que descobri. Dói profundamente pensar em

omitir de Alexios que, talvez, meu pai saiba o que realmente aconteceu com sua mãe. Entretanto, dói também o medo de causar mágoa e prejudicar a saúde dos meus pais.

Estou numa sinuca de bico, e qualquer movimento que eu faça não será nada bom!

34

Alexios

— Bem-vinda de volta mais uma vez! — brinco com Kika assim que a vejo dentro do elevador, subindo para sua sala. — Fiquei feliz ontem, quando sua reunião acabou, mas preocupado com essa história de você pedir demissão depois de terminarmos o projeto da Ethernium.

Kika ri sem jeito.

— Já mudei de ideia sobre isso. — Faço cara de paisagem, mas ela percebe o que estou pensando e ri. — Nos acertamos, Alexios. Obrigada pela ajuda naquele dia.

— Sempre aqui quando precisar. — Ela me abraça, e eu rio, pois Kika sempre foi assim, expansiva, carinhosa. — Não dá mole para meu irmão, viu? Rédea curta com ele para mantê-lo na linha.

Ela gargalha.

— Pode deixar! — Suspira, seus olhos parecem brilhar. — Vamos conseguir uma área incrível para fazer esse pessoal da concorrência tremer?

— Vamos!

Ela faz um *high five*, e eu bato minha mão na dela antes de sair do elevador e entrar na K-Eng. A intensa rotina de trabalho na qual estamos agora tem me deixado louco, agitado, mas extremamente feliz. Gosto disso, adoro qualquer

tipo de adrenalina, mesmo a de um prazo apertado no trabalho.

Achei que ia ficar um tempo fora daqui hoje, porque nem almocei para poder me encontrar com minha irmã e Samara no meu apartamento a fim de analisar a tal caderneta, mas algo aconteceu com Samara e não fez mais sentido ficar por lá.

A caderneta sumiu!

Foi estranho quando, do nada, Samara se lembrou de que precisava levar a mãe à quimioterapia e praticamente saiu correndo do meu apartamento. Kyra e eu trocamos olhares, sem entender, pois não é nada típico de Samara esquecer um compromisso.

— Algo aconteceu — Kyra comentou. — Estava tudo bem até você chegar.

Franzi o sobrolho, confuso por minha irmã achar que o fato de ela ter saído correndo se devia à minha presença.

— E por que deixaria de estar quando cheguei? — retruquei, braços cruzados.

— Samara me contou o *rolo* que vocês andam tendo. — Isso me surpreendeu, pois ela tinha rejeitado a ideia de contar para Kyra. — Não machuque minha amiga, não a afaste de nós!

Mais uma vez a confusão me tomou.

— Por que isso aconteceria? Conversamos, Kyra, não foi nada impensado ou impulsivo. Eu ponderei muito sobre me envolver sexualmente com Samara, porém era algo que eu reprimia há muitos anos. Agora ela é adulta, experiente e está a fim de diversão, por que não?

Kyra bufou.

— Às vezes acho você um grande imbecil, Alexios — resmungou ao procurar a caderneta debaixo do balcão da cozinha. — Quantos relacionamentos assim você viu Samara ter? Se liga, ela não é assim!

Ri dela, pensando em como Samara estava levando o tipo de arranjo que estávamos tendo muito bem, muito melhor que eu.

— Talvez você não conheça sua amiga tanto quanto imagina.

— Talvez você só seja muito cego para perceber o óbvio! — Ela xingou. — Não estou encontrando a merda da caderneta!

Gargalhei e me abaixei para procurar junto a ela.

— Depois o cego sou eu!

Olhamos tudo, pela cozinha toda, mas não achamos o objeto em local algum.

— Samara a levou? — Kyra olhou para a porta. — Por quê?

Também não vi nenhum motivo para que ela tivesse feito isso.

— Deve ter sido sem querer, devido à correria em que estava. Pode ter guardado a caderneta na bolsa, ou ela ter caído lá sem querer, afinal estava próxima.

Kyra concordou e pegou sua própria bolsa.

— Então, sem caderneta para decifrar, vou voltar para o trabalho e dar uma mão lá para a Lena.

Concordei.

— Ela e o Bê estão morando aqui — comentei, e ela confirmou. — Esses dias vi o menino dela no playground com a Amanda do Cadu.

— Tem sido ótima essa nova fase para o Heitor. Helena tinha tanto medo de mudar de apartamento e ele não se adaptar, mas tem feito isso aos poucos e tem dado certo. Sem contar que Bê se revelou um superpai para o menino, o que me pegou de surpresa, porque era um playboyzinho chato!

— O Bê mudou bastante depois do que aconteceu com ele. — Peguei a chave da moto, decidido a pegar menos engarrafamento daquela vez. — Então vamos voltar ao trabalho, que, mais tarde, vejo com a Samara se a caderneta está com ela.

Kyra não se moveu.

— Alexios, ela não é qualquer uma, tome cuidado com o que você faz com ela.

Ri de sua preocupação, pois penso igual.

— Não se preocupe, Kyra, eu sei o quanto ela é especial.

— Eu gostaria que soubesse mesmo! — sussurrou antes de passar por mim e sair do meu apartamento.

Fiquei um tempo por lá ainda, refletindo sobre o que ela quis dizer e qual realmente o motivo de sua preocupação, pois Samara não é o cristal frágil que Kyra está imaginando.

Samara é forte, decidida, dona de suas vontades e desejos.

Pego o celular e abro o aplicativo de mensagens para conferir se ela está online, mas ainda continua marcando que entrou no aplicativo no mesmo horário em que nos falamos pela última vez, antes de eu chegar ao apartamento.

— Alex, que bom que chegou! — Elis me entrega uma porção de correspondência, e eu lhe agradeço antes de entrar em minha sala.

— Olha, acho que teremos que ganhar bônus junto aos *hunters* dessa vez! — Eliana comenta. — Estou moída, puta merda!

Rio.

— Bônus, eu não sei, mas a cervejada já está garantida por minha conta.

— Aí, sim! — comemora.

Sento-me à minha mesa, organizo meus lápis e começo a ler todas as correspondências, questionando o motivo pelo qual as pessoas já não se adequam a enviar documentos digitais, sem uso de papel, pois são muito mais práticos e econômicos.

Sinto uma certa apreensão a cada envelope que abro, esperando encontrar outra pista anônima, mas isso não acontece. Aliviado, ligo meu computador para acompanhar o trabalho de todas as equipes na confecção dos materiais para a Ethernium.

— O pessoal lá da Karamanlis ainda não se decidiu por uma área? — Evandro questiona, parecendo ler meus pensamentos.

— Não, Kika voltou ao trabalho hoje, e ainda não estive com Kostas, mas acho que daqui a pouco teremos alguma notícia... — Meu celular toca. — Theodoros, boa tarde, estávamos falando aqui agora sobre...

— Alexios, preciso que você venha ao hospital — levanto-me assustado, reconhecendo desespero em sua voz. — Comuniquei ao Millos há pouco, e ele se encarregou de trazer a Wilka...

— O que houve? — pergunto pegando meu capacete e a chave da moto, atraindo olhares de todos da minha equipe direta.

— Kostas salvou minha vida... — Theo parece se engasgar, e sinto meu corpo gelar — mas se feriu gravemente ao fazer isso, está em cirurgia.

Não, porra! Não agora!

Saio correndo da sala, passando pelos corredores como um louco, esbarrando nas pessoas e nem me dou ao trabalho de chamar o elevador, desço as escadas correndo, a cabeça a mil, e os olhos ardendo com as lágrimas que não vou derramar.

Lembranças e imagens do garoto tímido e sonhador enchem minha cabeça; daquela noite horrível em que o vi naquele bordel; dos seus choros sentidos durante as madrugadas em que passávamos sozinhos na cobertura de Nikkós.

Não é justo! Porra, não é justo!

O abraço feliz que Kika me deu há menos de uma hora, dentro do elevador, parece me despedaçar. Imagino como Millos deve estar por ter de dar essa notícia e como será a reação dela ao que houve.

Ele não pode morrer, Kostas não pode morrer!

Não é justo, depois de tudo o que ele passou, acontecer algo assim quando encontrou Kika. Eu vi a esperança de volta nele, a luz, mesmo sem saber o que estava acontecendo entre eles. Depois, lá naquele sobrado, pude ter a dimensão

do que os dois sentiam um pelo outro e desejei, do fundo do coração, que eles se acertassem e que Kostas pudesse ser feliz.

Ele não pode dar essa vitória ao Nikkós, tem que lutar, tem que viver! Imagino a reação do desgraçado ao saber dessa notícia, pois foi o que tentou fazer todos os anos em que aplicou sua tortura. Nikkós matou nossa alma, mas continuamos resistindo fisicamente.

Kostas recuperou sua alma de volta, não pode agora perecer!

Piloto pelas ruas em desespero, tentando chegar aonde meu irmão está o mais rápido que posso, como se o tempo fosse algo que estivesse se escasseando e pudesse acabar a qualquer segundo.

Deixo a moto no estacionamento e entro no hospital, cujo endereço Theo me mandou por mensagem, corro até a recepção, ofegante, e me apoio no balcão da entrada para não despencar, pois minhas pernas estão bambas.

— Meu irmão está em cirurgia, foi uma emergência, Konstantinos Karamanlis!

A recepcionista nota meu desespero e olha no computador à procura de informações.

— Sim, chegou baleado — fico branco ao ouvir isso. — Eu preciso de um documento para fazer... — Entrego-lhe a minha habilitação, e logo ela a devolve com uma credencial. — Siga por esse corredor e vire à esquerda, o homem que o trouxe está lá.

Faço o que ela me indica, a cabeça a mil, sem saber qual notícia Theodoros terá para me dar e, quando entro em uma pequena sala de espera, encontro-o lá parado, olhando para o nada, a roupa coberta por manchas de sangue.

Engulo em seco, chocado com a cena que vejo, e o chamo:

— Theo...

Ele se vira para mim e, sem dizer nada, abraça-me forte, seu corpo tremendo com o choro. Fico imóvel, sem saber o que fazer, mas sua emoção também é a minha, compartilhamos o mesmo medo.

— Só consegui ligar agora — começa a falar, a voz embargada. — Ele chegou aqui muito mal, tiveram que ressuscitá-lo uma vez e, só depois que ele estabilizou, entraram em cirurgia — noto o desespero em sua voz. — Acho que a bala atingiu o coração.

Porra! Um tiro!

Minha cabeça dá voltas, sem entender o que aconteceu, onde eles estavam e quem fez isso.

— O que houve? — Aponto para sua roupa. — Por que você está assim?

— Descobrimos sobre o vazamento e tivemos a mesma ideia de ir confrontar o traidor. — Theo se afasta e seca o rosto. — Ela tentou me matar, Alexios, mas Kostas entrou na frente, tomou o tiro e despencou do mezanino onde estávamos, caiu em cima de uma mesa de vidro. — Olha para suas mangas. — Ele se machucou muito.

Theo continua a olhar para suas mangas, cobertas de manchas de sangue. Sua expressão chocada me deixa com medo, pois não sei o que está passando por sua cabeça.

— Quem atirou, Theo? — estimulo-o a voltar a falar.

— Viviane Lamour.

Arregalo os olhos com a revelação, lembrando-me da amiga de Theo que sempre estava em todos os eventos, como uma cadelinha abanando o rabo atrás dele.

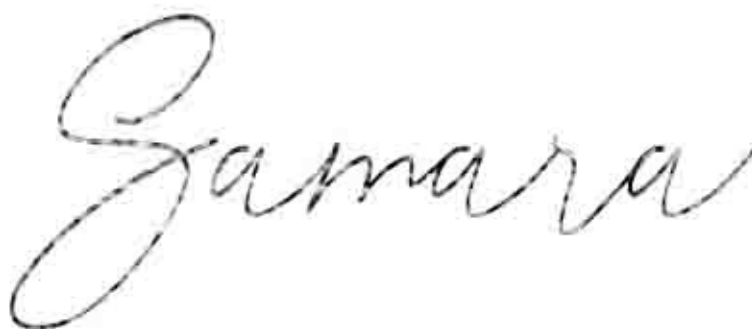
Filha da puta!

Não entendo como ela pôde ter sido responsável pelo vazamento e nem os motivos que a levaram a tentar matar Theodoros, mas não questiono, preocupado, no momento, com a vida de Kostas e com a saúde mental de Theodoros, que parece em choque.

— Você já se alimentou? — Ele nega. — Vou pegar um café para esperarmos Millos chegar com a Kika. Temos que estar fortes por ela, não será fácil, e precisamos apoiá-la.

Viro-me para sair da sala.

— Me perdoe por isso! — ele fala de repente.

Paro onde estou, encaro-o, mas Theo está com os olhos fechados e a cabeça baixa. Consigo sentir sua dor, a culpa que está carregando e o medo de perder Konstantinos.

— Não foi sua culpa. — Sinto uma lágrima rolar sobre minha bochecha. — *Nada* foi sua culpa, Theo.

Ele me encara, tão surpreso quanto eu pelo que falei. Foi sincero, espontâneo, e me dou conta de que há muito tempo já não o culpo pelo que houve. Theodoros também não tinha como saber que Nikkós se transformaria em um monstro, ninguém poderia imaginar que um pai agiria daquela forma com seus filhos.

— Eu não fazia ideia, Alexios — admite. — Não voltei porque não fazia ideia do que estava acontecendo.

Assinto, sem condições de dizer nada, e saio da sala de espera com a desculpa de buscar café, mas me enfio no primeiro depósito de limpeza que acho

e choro feito um bebê.

35

Samara

— Vamos pensar com calma. — Daniel parece tão desnorteado quanto eu, mexendo em várias pastas que eu nem sabia que existiam. — Papai não é bobo, muito menos a mamãe, então nada aqui irá nos ajudar.

— Sim — concordo com ele.

— Lá na empresa há um cofre e, dentro dele, vários documentos e anotações. Não sei se terá algo relevante, mas posso pegá-los e levá-los até sua casa para olharmos juntos. — Ele me olha. — Mas você precisa prometer, Samara, que só irá falar algo se efetivamente acharmos alguma coisa.

— Não acho isso certo, Dani. Eu já *achei* alguma coisa.

— Não! O que você achou pode significar qualquer coisa!

Olho para ele com expressão incrédula, porque é coincidência demais ter as iniciais de Nikkós Karamanlis e as do meu pai e isso não significar nada.

Daniel analisa a caderneta com atenção, lendo página por página.

— A data em que aparece as iniciais B.A.N.K.S é da época do nascimento de Alexios. — Concordo com ele. — Eu tinha sete anos, Samara, e, até onde sei, nessa época nossos pais viviam bem.

— Sim, a crise veio depois do meu nascimento. — Relembro a história que já ouvi milhares de vezes. — Mamãe conta que eles pensaram em se separar, e

papai teve uma depressão terrível.

— Isso! Nessa época aqui as coisas iam bem, então, se realmente for verdade... — Ele franze a testa. — Sabe o que todas essas anotações me lembram? — Nego. — Besteira, não pode ser!

Ele fecha a caderneta e vai até o aparador de bebidas, serve-se de uma generosa dose de uísque e a toma de uma só vez. Isso liga um alerta dentro de mim. Tenho certeza de que ele descobriu algo.

— Dani...

— Não, Samara, eu prefiro pensar que não!

Entendo-o, sinto sua dor, mas preciso saber.

— O que significa isso? — Levanto a caderneta, e ele bufa.

— Leilão. — Arregalo os olhos. — Não sei de que, mas, se você olhar bem, antes de cada lista de siglas, há números, e eles não são sequenciais. — Ele aponta. — Na que aparece o nome do papai, há o número 17-0, e, antes dele, há 18-0, 16-0, 17-1 e etc.

— São os *lotes* — digo, sentindo-me enojada.

— Sim, e os números junto às siglas parecem ser lances. — Ele pega o de papai como exemplo. — Ele não venceu se for isso mesmo.

— Mas participou. — Olho para as siglas de Nikkós que assinalei, percebendo que ele venceu a maioria.

Um leilão, e eu já posso supor o que significa o número do lote, a idade da garota que estava sendo leiloada. Estremeço ao ver os números 14 e 15 na caderneta, recusando-me a acreditar que papai participou de algo tão vil quanto isso, leilão sexual de menores de idade.

Não sei o que pensar, dou razão ao meu irmão de que devemos ser cautelosos, mas, ao mesmo tempo, sinto que devo contar tudo isso ao Alexios. Ele merece saber, mesmo que não haja aqui qualquer evidência de qual desses *lotes* possa ser sua mãe.

Nikkós venceu várias disputas, e nenhuma condiz com o momento em que Alexios foi concebido, pois todas as datas remetem a quando sua mãe já estava grávida.

Por que então a pessoa que estava incentivando-o anonimamente a procurar deixou essa evidência para ele achar? Sim, porque Alexios parece ter certeza disso, de que a caderneta foi plantada no local para que ele pudesse achá-la.

— Vou tentar segurar essa informação por alguns dias, Dani. — Ele assente, e eu guardo a folha com a inicial de papai. — Não sei como vou fazer isso, porque, além de Alexios e mim, Kyra também está empenhada em descobrir

algo.

— E ela sempre foi cabeça-dura e obstinada — ele completa, com sua implicância natural com minha melhor amiga. — Bom, tente ganhar tempo, que eu vou reunir tudo o que achar de papai ainda na empresa e levar até você para olharmos juntos.

— Obrigada por tudo, Dani.

— Faço isso por você, Samara, mas não concordo com essa busca insana de Alexios. Acho que já passou da hora de ele crescer e esquecer essa merda de "eu quero minha mãe".

— Não é assim, Dani, você o está julgando sem saber de nada. — Penso em tudo o que descobrir a verdade sobre seu nascimento representa. — É mais do que querer saber quem é a mãe dele, é sua liberdade. Nós não podemos ter a dimensão do que ele passou, pois sempre tivemos nossos pais ao nosso lado, e eles nos tratavam como deveria ser.

— Samara, Alexios era problemático, por isso Nikkós era duro com ele.

Nego, sentindo lágrimas nos olhos.

— Alexios era problemático por causa de Nikkós. — Dou de ombros, não querendo entrar nesse assunto. — Eu acompanhei, Dani, conheço meu amigo e sei como ter essas informações é importante.

— Você sempre foi uma menina ingênua. — Beija minha testa. — Contudo, confesso que tenho orgulho de ver a amiga que você é e como seu coração é bom. Alexios tem sorte de te ter ao lado dele. Só espero que um dia consiga reconhecer isso sem magoar você.

Sorrio triste, não me sentindo tão especial assim escondendo dele tudo o que descobri, esperando não ser eu a decepcioná-lo e magoá-lo. É fácil demais para quem estava de fora julgar o comportamento dele, muito fácil. Nikkós era falso, gostava de posar de pai dedicado aos filhos, abandonado pela esposa e completamente abnegado.

Só mesmo quem sentiu a dimensão de sua monstruosidade consegue ver os fatos como são. Eu vi, eu toquei, eu costurei e arrumei, mas, além dos danos físicos, sei que os psicológicos foram bem piores, pois são marcas invisíveis que nunca cicatrizam, e isso posso perceber não só em Alex, bem como em Kostas e Kyra.

Pego o celular, disposta a mandar mensagem para Alexios e dizer que trouxe a caderneta comigo, embora precise inventar uma desculpa para isso. Vejo sua mensagem perguntando se eu estou bem e sinto um nó na garganta. Porém, antes de eu começar a digitar, ele me liga.

— Oi, Alex! — atendo tentando parecer normal.

— Samara... — a voz dele me apavora. Parece que andou chorando, que ainda está soluçando.

Começo a tremer, e meus olhos se enchem d'água. Daniel percebe e fica sério, atento, desconfiado.

— O que aconteceu? — inquiro baixinho, quase sem coragem de ouvir o que ele tem a me dizer.

— Estou no hospital. — Levanto-me em um só movimento, e Daniel faz o mesmo. — Kostas levou um tiro e está em cirurgia. — Soluça. — Eu vim para apoiar, mas...

— Qual hospital? — Procuro minha bolsa em desespero. — Alexios, mande o endereço! Estou indo até você.

— Samara, se ele morrer, Nikkós vai se sentir vencedor. — Eu assinto. — Se ele morrer, significa que não há saída para nenhum de nós, que não merecemos ser felizes.

— Besteira! Ele não vai morrer!

— Quem? — Daniel pergunta apreensivo, e eu peço a ele que aguarde um momento.

— Mande-me o endereço, Alexios, estou indo.

Ele desliga, e eu olho para o meu irmão, trêmula.

— Konstantinos levou um tiro. — Daniel também se assusta. — Está em cirurgia, e Alexios precisa de mim.

Daniel pega a chave de seu carro no bolso da calça.

— Eu te levo!

Abraço-o apertado, as lágrimas rolando pelo meu rosto, imaginando a dor que seria se algo lhe ocorresse, a voz de Alexios ressoando em meus ouvidos, dizendo que, se Kostas morrer, é sinal de que nenhum deles tem direito à felicidade.

Não!

Lembro-me de quando Alexios chegou ao apartamento dele hoje, antes de eu sair correndo com a caderneta, ter contado que o irmão estava apaixonado e era correspondido. Penso no projeto que Kostas me encomendou, demonstrando o quanto ama a mulher para quem queria que eu desenhasse as estantes e o cantinho de leitura, e meu coração se aperta ao imaginar o que ela está passando neste momento.

Daniel e eu seguimos para o carro, ambos em silêncio, a notícia pairando sobre nossas cabeças como uma ave de agouro. Meu irmão não teve muito

contato com Kostas também, nem quando morávamos todos no condomínio, nem depois que todos crescemos, mas reconhecia o talento do advogado e seu profissionalismo.

— Vou entrar contigo — anuncia quando paramos no estacionamento. — Não tenho contato com Kostas, mas conheço bem Theodoros e Millos, então...

— Sim. Eu agradeço, Dani.

Caminhamos juntos, lado a lado, até a recepção, mas, como não somos parentes, pedem-nos para aguardar do lado de fora, pois os parentes estão na sala de espera, ainda na expectativa de notícias sobre a cirurgia.

Mando uma mensagem para Alexios lhe informando de que estamos aqui, e Daniel liga para Millos. Alguns minutos se passam até que o primo de Alexios aparece na recepção, sério como sempre, e nos cumprimenta.

— Obrigado por terem vindo. — Millos sorri para mim. — A cirurgia já dura algum tempo, mas deve estar no final.

— O que houve, Millos? Onde está Alexios? Ele parecia apavorado ao telefone!

Millos franze o cenho.

— Alexios não está aqui.

Arregalo os olhos.

— Está, sim, foi ele quem me deu a notícia e me enviou o endereço do hospital.

Daniel confirma, e eu sinto um frio na barriga de medo.

Volto a mandar mensagem para Alexios, mas ele não responde.

— Vou pedir a liberação para que vocês entrem e fiquem lá conosco.

— Não quero incomodar nesse momento, Millos — Dani diz ao amigo. — É uma situação familiar. Vim para deixar a Samara e demonstrar meu apoio e torcida para que tudo fique bem.

— Obrigado — Millos assente e me olha. — Você quer entrar?

— Quero! Alexios está aí dentro em algum lugar, Millos, e eu preciso achá-lo.

Millos segue até a recepção, conversa com uma das moças e, em seguida, pede um documento meu. Daniel se despede e me abraça forte, desejando que eu ache Alexios e que tudo dê certo com Kostas.

Os dois amigos se despedem com um aceno de cabeça, e eu entro com Millos, mandando mensagem atrás de mensagem para Alexios, informando-o de que cheguei e que estou à sua procura.

Paro na porta da sala de espera, tocada pela cena de uma jovem de cabelos

curtos chorando abraçada a Theodoros. Olho em volta e não vejo Kyra.

— Avisaram a minha amiga? — indago ao Millos.

— Deixei mensagens, pois ela não atende o celular. Não sei se as visualizou.

Abro o aplicativo de mensagens e mando uma também, dizendo a ela que estou aqui no hospital, pedindo que venha.

Mal termino de escrever, Alexios me responde:

“Estou na cafeteria do hospital, vim buscar algo para o Theodoros, mas não consigo voltar.”

— Onde fica a cafeteria?

Millos me indica o caminho, e ando apressada pelos corredores, coração agitado, sabendo que Alexios está em pânico, por isso não consegue ir até a sala de espera.

Encontro-o na cafeteria e o abraço forte. Nunca o vi chorar, e isso corta meu coração de um jeito indescritível. Já o vi tão machucado, sentindo tantas dores, mas nunca vi uma lágrima sequer escorrer de seus olhos. Então começo a chorar também, dividindo com ele o pranto e o medo.

— Vai ficar tudo bem! — consolo-o. — Seu irmão vai sair dessa!

— Eu fiquei apavorado com a possibilidade de Kostas morrer, Samara. — Ele segura meu rosto e me beija. — Ele acabou de encontrar a Kika, merece a vida que nunca teve e que teria com ela.

— Ele terá, Alexios, eu tenho fé.

Ele sorri triste.

— Saí há horas da sala de espera com o intuito de pegar um café para o Theo, mas desmoronei e ainda não consegui voltar. — Entrelaça sua mão na minha. — Obrigado por ter vindo.

— Eu estou aqui, como sempre estive e sempre estarei, independentemente de qualquer coisa. Sempre estarei ao seu lado!

Ele concorda e encosta a testa na minha.

— Não mereço você! — diz. — Sou muito fodido para ter alguém como você ao meu lado.

— Besteira! Você tem tudo para ser feliz como está vendo acontecer com seu irmão, e isso é a verdadeira derrota de Nikkós, vocês serem felizes!

Alexios fica um tempo me olhando sem falar nada, apenas me fitando como se estivesse processando o que acabei de lhe dizer. É verdade, eu acho realmente isso! Nikkós fodeu a vida deles durante muito tempo, mas acabou, agora é com

cada um, e ficar amargando o que houve no passado só prejudica o futuro.

Meu telefone vibra em minha mão, e vejo a foto de Kyra.

— Graças a Deus! — atendo-a. — Onde você está?

— Chegando ao hospital — sua voz treme. — Diz que ele não morreu, Malinha!

— Não e nem vai. — Alexios pede a bebida para o irmão, e eu lhe aviso: — A namorada de Kostas está lá também! — Ele pede mais café, e eu volto a falar com Kyra: — Nós vamos encontrar você na recepção.

— Obrigada!

Ajudo Alexios a levar os copos com café e, antes de irmos para a sala de espera, passamos na recepção para receber Kyra. Fico emocionada quando eles se abraçam forte, porque sei que minha amiga não gosta muito desse tipo de contato. Ela chora no ombro do irmão.

— Ele vai ficar bem! — Alexios repete minhas palavras de consolo. — Ele vai ficar bem!

Abraço Kyra também, e seguimos assim, juntas, até a sala de espera, onde eles se encontram com os parentes e a namorada de Kostas. Deixo o café em um canto, dando privacidade a eles, vendo-os conversarem, mas noto o olhar sofrido e perdido de Kika.

— Ele não vai morrer! — ela declara de repente. — Eu tenho certeza disso!

Minutos depois um enfermeiro chega, e tudo fica muito agitado, pois ele informa que Konstantinos saiu da sala de cirurgia e que irá seguir para a UTI. Kika vai com o homem para ver o namorado, enquanto Millos tenta convencer Theo a ir para casa.

— Eu liguei para a Duda e expliquei o que houve. Ela quis vir, mas pedi que aguardasse com Tessa — Millos fala com o primo. — Vá para casa, tome um banho e descanse um pouco. Qualquer novidade, eu mesmo ligo para você.

Theodoros passa por mim, cumprimenta-me e sai com Kyra.

A mão de Alexios pega a minha novamente. Millos nos olha juntos e balança a cabeça positivamente.

— Eu quero ficar mais, dar suporte à Kika, se você quiser ir... — Alex murmura.

— Não, a não ser que você deseje que eu vá.

— Nunca! Eu não quero que você saia do meu lado nunca.

Sua afirmação, dita com tanta emoção, faz-me respirar fundo e ficar tão emocionada quanto ele. Sei que Alex fala sobre nossa amizade, mas é impossível não levar isso para o coração e pensar em uma vida juntos, em uma oportunidade

de sermos felizes como ele disse que o irmão será ao lado de Kika.

36

Alexios

Abraço Samara apertado na cama, sem conseguir dormir, a cabeça cheia de ideias – a maioria absurda – que ganham corpo a cada hora em que eu penso sobre elas. Olho para o lado, para a mulher dormindo tranquila ao meu lado, seus cabelos encaracolados, cheirosos, ainda um pouco úmidos do banho.

Samara tem sido incrível comigo desde que meu irmão quase morreu. Ela foi meu suporte no primeiro dia e depois, de acordo com que o tempo ia passando, tornou-se também uma pessoa importante para todos.

Fui ao hospital todos os dias durante a recuperação de Kostas, e, em muitos deles, Samara foi comigo. Enquanto eu ficava olhando meu irmão em coma, ela e Kika conversavam, e eu pude perceber o quanto a presença dela animava minha cunhada.

Sorrio ao pensar em Kika assim, como minha cunhada, porque é o que ela é. Eu já a admirava como profissional, mas, durante essas semanas de convivência, percebendo a dedicação dela ao meu irmão, o amor que ela sente por ele, percebi que é uma pessoa maravilhosa.

Kostas está vivo por causa dela, de sua teimosia, dos esporros que a vi dando nele para que lutasse, para que acordasse. Ela entendia, assim como eu, que não era o momento de ele partir, não depois de tudo o que passou. Kika sabe, acho

que meu irmão contou a ela o que aconteceu consigo no passado, porque seus olhos brilharam de indignação quando Nikkós apareceu junto ao famoso *pappoús*.

— Quem são? — ela me perguntou baixinho.

— Nikkós e Geórgios Karamanlis — informei, não acreditando na desfaçatez do homem ao ir ali, depois de tudo o que fez para Konstantinos.

Kika se colocou de pé para cumprimentá-los, seca, diferente da Kika receptiva que todos conhecemos. Apenas Nikólaos a cumprimentou de volta, porque Geórgios Karamanlis não tirava seus olhos de mim.

Senti meu sangue ferver, não só pela indignação de o carrasco de Kostas, o nosso carrasco, estar lá, como também pelo olhar avaliador do pai dele, o homem que eu nunca tinha visto pessoalmente. Theodoros chegou logo depois, complementando o clima pesado no ambiente, apresentou Kika a eles e os levou para ver Kostas.

— Preciso ir, você ficará bem sozinha? — perguntei, querendo estar o mais longe possível daqueles dois.

— Vou, sim, daqui a pouco Kyra virá também.

— Ela marcou de vir hoje? — questionei, preocupado com a presença de Nikkós no hospital.

— Sim, disse que vem mais tarde. — Ela olhou para a porta. — Espero que *ele* não esteja mais por aqui.

Ela sabia o que nós havíamos passado, ficou comprovado por sua preocupação em ter Kyra e Nikkós no mesmo ambiente, e eu me senti ainda mais próximo dela.

— Obrigado por tudo — agradeci-lhe, e ela me olhou sem entender. — Você sabe, é difícil lidar com toda aquela sujeira sem esmorecer, e você só o fortaleceu.

Ela sorriu e me abraçou apertado.

— Eu o amo, Alex, esperei por ele toda minha vida, é por isso que sei que ele vai melhorar e vai voltar para mim. É só uma questão de tempo.

Sua certeza, seu amor me constrangeram a tal ponto que voltei para casa naquele dia pensando na vida, em tudo o que eu fiz, e percebi que só dei importância às coisas que me feriram.

Cheiro os cabelos de Samara, o coração disparado, um nó se formando em minha garganta.

Há semanas ela dorme aqui comigo todos os dias, abraçada ao meu corpo, nua. Nunca vivi isso com ninguém e percebo agora que não há outra pessoa com

quem eu gostaria de ter essa experiência, senão com Samara. Com ela tem sido mais do que sexo, mais do que somente desejo, ela me completa, nossa amizade coroa nossos momentos juntos, enche-os de leveza e significado.

Samara cuida de todos, é atenciosa, tem um coração enorme. Acompanhei mais de perto sua dedicação para com a mãe, levando-a às sessões de quimioterapia, ficando com ela quando não se sentia bem e aguardando o resultado dos exames.

Comemoramos juntos a notícia de que o câncer estava em remissão e que sua mãe precisaria fazer acompanhamento, mas as sessões de quimio estavam encerradas.

Ela dividiu comigo sua preocupação com o irmão – seu divórcio, que acabou se complicando – e com a saúde do pai. Durante todo esse tempo, além de ser minha amiga de sempre, Samara se tornou mais. Ela é minha amante, confidente, a pessoa mais importante que eu tenho em minha vida.

— O que está te fazendo perder o sono? — ela indaga de repente, tirando-me dos pensamentos.

— Estava pensando em tudo o que aconteceu durante o tempo em que Kostas esteve em coma.

Samara suspira.

— Eu tomei um susto quando você me disse que a mãe dele queria levá-lo com ela. — Bufa. — Mulher esquisita, viu?

— Pois é, mas acho que isso nem foi o pior, porque logo foi resolvido.

Ela concorda.

— Você ficou abalado com a notícia de hoje, não?

Respiro fundo.

Tentei, juro que tentei não pensar nisso. Talvez essas divagações anteriores tenham sido para evitar o real pensamento que me deixou agitado e ansioso. Não quero pensar sobre isso, embora Samara tenha sempre me incentivado a dividir o que sinto, mesmo com um profissional.

É difícil!

— Não esperava ter que vê-lo nunca mais, Samara, então, sim, a notícia de que ele irá passar um tempo aqui no Brasil com o pai me abalou.

Fiquei sabendo dessa *novidade* após Kostas ter acordado do coma. Estávamos todos tão felizes, tão exultantes com a notícia da gravidez de Kika e a recuperação do nosso irmão que, quando Theodoros nos contou que Geórgios havia comprado uma mansão aqui na cidade e que iria morar lá e que Nikkós, junto à esposa, Madeline, decidiu ficar também, isso foi como um banho de água

fria em todos.

— Por quê? — Kyra perguntou assim que soubemos.

— Porque Nikkós quis ficar, não sei, Kyra, mas *pappoús* disse que quer estar mais com Tessa e acompanhar o nascimento do meu filho e do Kostas, além, claro, de fazer pressão para o nosso casamento. Ele está velho, acho que tem medo de ficar na Grécia e não curtir os bisnetos — Kika respondeu.

Kyra sorriu e concordou, e eu nada falei, pois não tenho a referência carinhosa que eles possuem do avô. Na verdade, embora seja neto, nunca o considerei *meu* avô, mas pensava nele como sendo o avô dos meus irmãos e primo.

— Nikkós falou algo sobre trabalhar na Karamanlis? — perguntei, e Theo negou.

— Não anda bem de saúde. Está cansado, os pulmões não estão funcionando bem por conta do cigarro e, pelo que conversei com Madeline, está diabético.

— E brocha, se houver justiça nesse mundo! — Kyra disse, cheia de raiva, levantando-se da mesa onde estávamos e indo embora.

Esfreguei as mãos no rosto e respirei fundo, nervoso e preocupado com essa nova situação. Desde que Nikkós foi embora, há dez anos, nós tivemos relativa paz e condições de tocar nossas vidas sem sua sombra agourenta.

— Preocupo-me com ela — Theo comentou. — Não gosto nada de imaginar os dois no mesmo ambiente.

— Ninguém quer estar no mesmo ambiente que ele. — Ri. — E a esposa? Você conversou com ela; o que achou?

Theo deu de ombros.

— Diferente das outras. Nikkós sempre se casou com mulheres jovens, mesmo depois de velho, e, geralmente – fora a mãe de Kostas – pobres. Essa não, está na casa dos 50 anos, é viúva de um empresário suíço e não depende nada dele.

— O filho da puta encontrou alguém que o ama? — questionei incrédulo.

— É o que parece. Gostei dela, de verdade, não tive muita oportunidade de conversar lá na Grécia, mesmo porque, com Nikkós por perto, ninguém se aproxima, mas me surpreendi no dia em que a encontrei sozinha na casa do *pappoús,* que, por sinal, a adora.

Isso me desconsertou, admito, pensar que nós, que fomos vítimas dele, vivíamos nossa vida capenga, sem conseguir deixar ninguém se aproximar, e que ele, filho da puta abusador e torturador, havia encontrado alguém que não merecia e que ainda o amava.

Eu não conheci a tal esposa, apenas a vi de longe e a achei muito na dela, como se fosse uma sombra de Nikkós. Pensei que o relacionamento fosse uma situação de dependência. Não imaginava que, depois de velho, ele faria o inverso do que sempre fez, vivendo à custa de uma mulher. Sinceramente, não entendo como uma pessoa normal pode amar um monstro daqueles.

— Alexios? — Samara me chama, trazendo-me de volta ao presente.

— É, acho que fiquei abalado com a notícia, sim.

Ela se ergue na cama, apoiada pelo cotovelo e me olha.

— Ele não tem nenhum poder mais sobre vocês. Se você não quiser, nem precisa tomar conhecimento da presença dele, basta ignorá-lo. — Ela ri. — Duvido que vá ser convidado para festas de família.

Eu rio com ela e a abraço.

— Minha família era tão estranha até poucos meses atrás. — Ela concorda. — Nós nem nos falávamos direito, agora temos jantares agendados, nascimentos à vista e casamentos iminentes.

— Quem será que vai se casar primeiro? — ela especula. — Theo ou Kostas?

Olho-a intensamente e, sem pensar em mais nada, apenas em tudo o que ela me faz sentir, disparo:

— Nós dois.

Samara arregala os olhos e se senta.

— Não brinca com isso!

Faço o mesmo que ela e sorrio.

— Por que não? Somos amigos, nos damos muito bem na cama, minha família adora você. Por que não?

Ela se levanta e começa a andar de um lado para o outro.

— Porque não é assim! Alexios, não é assim!

— Eu pensei muito durante esses dias e, mesmo antes de saber da gravidez da Kika, pensei que queria ter um filho. — Samara arregala os olhos. — Kostas quase morreu, Samara, e o que iria ficar? Apenas as lembranças amargas e o trauma que o fodeu a vida toda. Não quero isso, não quero deixar isso quando eu me for.

— Alexios, isso...

— Eu sei que somos novos, que você tem prioridades no trabalho, mas eu não conseguia parar de pensar que um filho seria a chance de ter uma família que eu nunca tive, de poder amar alguém, entende?

Ela nega, seus olhos cheios de lágrimas.

— Não é assim...

— Eu sei, você, por mais moderna que seja, nunca aceitaria ser mãe sem estar devidamente casada. — Sorrio. — É por isso que estou te pedindo em casamento agora, para selar nossa parceria de anos e a transformar em algo maior.

Samara fica estática, sua expressão de espanto é enorme, e eu começo a me preocupar. Sempre soube que ela esperava encontrar alguém a quem amasse e viver o conto de fadas que sempre quis. Não sei se é justo fazer essa proposta que acabei de lhe fazer, principalmente porque não é nada como ela sempre sonhou, mas eu precisava, pelo menos, ser sincero com ela.

Eu a quero comigo para sempre, temos todos os ingredientes necessários para fazer um casamento dar certo, mais do que muitos que começam como nos romances por aí, então por que não tentar?

— Não — ela responde séria, e eu demoro um pouco a entender.

— Não?

Ela nega efusivamente com a cabeça.

— Não. — Sinto um enorme frio na coluna quando a vejo vestir suas roupas. — Eu fui pedida em casamento uma vez por um homem que dizia me amar. — Fico puto por ela me comparar ao espanhol. A situação é muito diferente! — Não aceitei porque não achei justo entrar em uma relação sem estar apaixonada, sem amar de verdade a pessoa com quem eu passaria a vida toda. — Samara engole em seco. — Não vou fazer isso, Alexios. Eu só irei aceitar compartilhar minha vida, meus filhos com alguém quando também estivermos compartilhando nossos corações.

Porra!, penso e me levanto correndo da cama a fim de pará-la. Eu sei que Samara é romântica, sempre soube disso, então vejo a idiotice que foi pensar que ela aceitaria isso por conta da nossa amizade. Não, claro que não, ela quer amor, quer o príncipe encantado, quer seus sonhos.

Merda!

— Esquece isso, okay? Vamos fingir que eu não disse nada, foi realmente uma péssima ideia, eu sei, então...

— Não. — Congelo ao ver lágrimas rolarem de seus olhos. — Isso tudo já foi longe demais, Alexios. É melhor encerarmos por aqui.

As palavras, o significado delas, são como um soco na boca do meu estômago. Percebo o quanto tenho sido egoísta ainda, o quanto minha proposta foi egoísta com ela e assinto.

— Você está certa — concordo.

Samara respira fundo e vira as costas para mim, e somente quando ouço a

porta principal do apartamento batendo é que me sento na cama, trêmulo, dolorido como nunca estive, mesmo depois de todas as surras que levei, e me dou conta de que meu maior medo se concretizou.

Ela merece mais, e eu nunca serei suficiente.

37

Samara

Esse último mês foi intenso em todos os sentidos para mim. Primeiro, o relacionamento com Alexios, o prazer em seus braços, o desejo e a entrega que tínhamos um com o outro, o encaixe perfeito.

Consegui manter a distância que pretendia, não me iludir, mas foi difícil não sentir apreensão quando mamãe teve alta da quimio e eu percebi que nada mais me prendia ao Brasil a não ser ele.

— Você não vai voltar, não é? — Daniel me perguntou um dia na empresa.

— Vou — respondi sem nenhuma convicção.

Ele bufou e se sentou ao meu lado.

— Eu sei que está acontecendo algo entre você e Alexios, mais do que apenas aquela amizade que vocês tinham. — Abaixei os olhos, não querendo admitir, mesmo que ele já soubesse. — Sinto isso cada vez que vejo você se recriminar por conta do sumiço da caderneta.

— Não acho justo não ter contado para ele e me sinto mal por tê-lo deixado se esquecer dela por conta dos problemas com o irmão no hospital.

— Não foi proposital, apenas aconteceu, ninguém mais teve cabeça para pensar nessa busca enquanto Kostas estava em coma. — Assenti, pois era verdade.

Alexios já havia me dito que, enquanto o irmão não acordasse, não havia sentido ficar preocupado com a questão da mãe e de seu passado. Todos os dias ele só falava de futuro, sua preocupação com a Kika, o medo de o irmão nunca mais acordar.

Foi natural me envolver com todos eles e me esquecer também das minhas próprias dúvidas com relação ao que encontrei naquela caderneta. Fui ao hospital várias vezes, sempre acompanhada por Alexios ou Kyra. Conheci e me apaixonei pela vibrante Kika, surpreendida no começo por ela ser tão diferente de Kostas, mas depois entendi que eles se complementavam em suas diferenças.

Cortava meu coração vê-la naquele sofá dia após dia, esperando por ele. Comentei isso com a Duda Hill quando Alexios e eu fomos ao apartamento de Theodoros com a Kyra. Quando conheci a Tessa, tive que me segurar muito para não chorar ao ver a menina. As lembranças da minha infância voltaram com força. Eu só conseguia olhar para Kyra, e ela assentia emocionada, por conta da semelhança.

— É você loirinha! — brinquei com ela. — É uma mistura sua com o Alexios.

— Sim! — ela disse orgulhosa, completamente apaixonada pela sobrinha.

Mais tarde, ao jantarmos, comentamos sobre a situação de Kika e a apreensão por Kostas ainda não ter acordado.

— Eu tenho insistido para ela ir um pouco para casa — Alexios comentou. — Mas é teimosa e não quer que ele acorde sem que ela esteja lá.

— Eu a entendo — disse. — Eu também faria igual. Tenho a achado bem abatida por esses dias, o que é compreensível, pois nem tem saído ao sol. Quase 30 dias dentro de um quarto é complicado.

— É, sim — Duda concordou. — Eu falei com ela também, mas entendo.

Passei a frequentar a família de Alexios como se fosse a minha família, como se nós dois tivéssemos um relacionamento sério, mesmo ainda nos apresentando como amigos.

Claro que ninguém caía nessa. Inclusive, na última visita à Kika antes que Kostas acordasse, ela questionou isso.

— Quando vocês vão assumir? — perguntou de pronto enquanto Alexios falava com Kostas, ainda em coma, na cama.

— Somos amigos — respondi sem jeito.

— Eu sei, mas mesmo daqui consigo ver seus olhos brilharem por ele. — Ela pegou minha mão. — Alexios é incrível, ele e eu ficamos amigos desde o primeiro dia em que tivemos a oportunidade de trabalhar juntos, e você... —

Kika suspirou. — Gostei de você assim que te vi, na sala de espera, fazendo todo mundo beber café enquanto esperavam notícias do Kostas.

Meus olhos se encheram d'água, mas eu não disse nada.

— Eu também tive medo quando me apaixonei por Kostas, éramos muito diferentes e tínhamos uma história complicada de ranço. — Ela sorriu e suspirou. — Eu acho que você é parecida comigo, sabe? Te vejo dedicada a todos, compreensiva, aberta e, bem, eles têm um passado complicado, não é? — Concordei. — Acho que se curam quando encontram alguém que os ama como são, que, mesmo enxergando os defeitos, também consegue ver quem são de verdade.

As palavras dela calaram fundo dentro de mim, mas as reprimi, não dei atenção, porque era isso, eu sempre o amei porque o conhecia de verdade. Nunca ignorei nenhum dos defeitos de Alexios, pelo contrário, eles doíam em mim, mesmo assim nunca deixei de amá-lo.

Kika entendeu meu amor como ninguém mais o fez. Todos sabiam que eu era apaixonada por Alexios, mas nunca viram o que eu sentia como ela viu, talvez por não o verem além da superfície.

Sento-me na cama, esgotada pelas lembranças, cansada de chorar e sofrer por conta do pedido de casamento que ele me fez há pouco.

Incialmente foi um susto quando ele disse que quem se casaria primeiro seríamos nós dois. Não entendi a brincadeira, e, quando percebi que ele falava sério, tudo o que evitei fazer durante o tempo em que estamos juntos aconteceu. Eu senti esperança!

Meu coração despertou de uma forma tão intensa que eu aguardava com ansiedade o momento em que ele iria dizer que tinha se apaixonado por mim. Ele estava me pedindo em casamento, então era porque me amava!

Não, não Alexios.

As justificativas para o pedido foram quebrando meu coração aos poucos. Eu sabia que seria doído o término, mas nunca imaginei que seria dilacerante. É isso, sinto-me assim, despedaçada, moída, triste.

Chegou a hora de eu recolher meus pedaços e voltar para Madri, abandonar toda a ilusão que fingi que não criei durante o tempo em que estava com Alexios. Está tudo bem com ele agora, não precisa mais de mim! Kostas já está se recuperando, Alex refez o elo com seus irmãos, e o caso da mãe dele, eu irei resolver antes de ir embora.

Preciso conversar com Daniel, pedir ao meu irmão que traga os documentos que estão na empresa para olharmos e, por fim, conversar com papai. É hora de

Alexios retomar suas buscas por respostas, assim como é hora de eu seguir com minha vida.

— Você tem certeza disso? — Daniel pergunta no escritório da casa dos nossos pais. — Eu pensei que você iria ficar mais tempo.

Eu também, pelo menos inconscientemente estava enrolando o máximo possível a decisão de voltar a Madri. Contudo, agora já não faz mais sentido protelar a viagem e nem todas as mudanças que tenho que fazer na minha vida.

— Preciso voltar — respondo. — Mamãe está se recuperando, vou acompanhar tudo de lá, mas espero que ela não precise mais de mim. Quero sua cura total. — Ele concorda. — Além disso, decidi entregar o apartamento em que morava e ir para um mais próximo do escritório onde trabalhava. Decidi aceitar a sociedade que me propuseram uma vez.

— Fico feliz com isso. E Diego?

— O que tem?

— Não gostei do que ele fez aqui, aquela pressão sobre você, a insistência no relacionamento que você já tinha terminado.

— Não acredito que Diego vá me procurar novamente.

Daniel fica um momento pensando.

— Eu ia tirar férias agora para uma lua de mel oficial. — Ele ri de si mesmo. — Acho que vou contigo, pelo menos para ajudá-la nessas mudanças todas.

Sorrio animada.

— Ah, Dani, vou adorar!

Ele pega minha mão.

— Sua decisão de ir embora quer dizer que desistiu de vez de Alexios Karamanlis, não?

Fico sem jeito com a pergunta, mas ele me conhece bem demais para eu negar o óbvio, por isso balanço a cabeça afirmativamente e não comento mais nada. *Como dizer a alguém o que ele me propôs?* Casamento baseado na amizade e no sexo... loucura!

Alguém bate à porta do escritório, e, em seguida, Cida aparece.

— Ah, vocês estão escondidos aqui! — ela brinca. — Seus pais acabam de receber visitas.

Daniel estranha.

— Eles não comentaram nada que estavam esperando alguém. Quem está aí?

Cida não esconde seu desagrado.

— O doutor Nikólaos Karamanlis e a esposa.

Arregalo tanto os olhos que os sinto arder, tamanha surpresa. Daniel apenas assente e diz que já vamos nos juntar a eles, mas eu sinto meu estômago revirar.

— O que será que ele veio fazer aqui? — questiono. — Desde que nos mudamos para cá, papai não manteve a relação de amizade entre os dois, nem mesmo profissional.

— É, eu também não sei, mas, depois daquela caderneta e do que você me contou que acontecia naquele bordel, meu conceito sobre Nikkós caiu muito. Entretanto, acho que deveríamos ir até eles para saber como está o clima da visita.

Concordo com meu irmão e me levanto.

— Vamos lá!

Seguimos juntos pelo corredor.

— Você disse que ele vai passar um tempo no Brasil. Será que tem a ver com o boato da auditoria interna que houve na empresa?

— Acho que não, pois Alexios me contou que esse assunto já foi solucionado e, pelo que eu sei, Nikkós não saiu da diretoria executiva da Karamanlis com uma imagem muito limpa.

No final do corredor, antes de entrarmos na sala de estar, vislumbramos o homem em questão, sentado em uma das poltronas de mamãe.

— Só posso dizer que ele cagou totalmente sua imagem para mim.

Sorrio para meu irmão, tentando não rir da sua expressão.

— Ah, olha eles aí! — Mamãe se levanta quando nós dois entramos na sala. — Vocês se lembram de Nikkós Karamanlis, não? — Ela se vira para o casal. — Esses são Daniel e Samara.

— Prazer em reencontrá-los. — O homem odioso sorri, encarando-me. — Samara se tornou uma bela mulher! Quando eu saí do Brasil, ainda era adolescente.

Tenho vontade de rolar os olhos, pois já estava com 21 anos quando esse desgraçado foi embora, mas me mantenho séria. Não vou fingir que gosto dele, nem por educação, mamãe que me desculpe!

— Essa é a esposa de Nikkós, que acabei de conhecer. — Mamãe parece empolgada com a bela senhora. — Madeline Karamanlis.

— Madeline Bürki Karamanlis — Nikkós completa o sobrenome da esposa, todo orgulhoso. — Minha esposa é acionista majoritária da Bürki LebensMittel, uma das maiores empresas do ramo alimentício da Suíça.

Percebo que a mulher fica visivelmente constrangida com essa apresentação, como se fosse uma cadela com pedigree em um campeonato de linhagem, e sinto uma enorme pena dela por ter se envolvido com esse homem nojento e por ser tratada dessa forma.

Daniel os cumprimenta, mas eu ainda não consigo emitir uma só palavra ou sorriso. Mamãe, como ótima anfitriã que é, mantém uma conversa leve e descontraída, falando muitas palavras em alemão – que aprendeu com a família de papai – para inserir a esposa de Nikkós na conversa.

— Eu falo pouco o português — a mulher se desculpa e me olha sorridente. — Você é bonita!

Fico sem jeito e agradeço o cumprimento.

— Fique à vontade para falar em sua língua materna, papai fala alemão fluentemente e pode traduzir qualquer coisa que não entendamos.

— Obrigada — seu sotaque carregado me faz rir. — Estou fazendo aulas de português, *precisa* treinar.

Noto que minha mãe e Nikkós conversam sem parar, mas que papai não abre a boca um segundo sequer, sentado, sério, em sua poltrona. Troco olhares com Daniel, que também percebe a postura tensa de Benjamin e decido tentar conseguir algumas informações com a nova senhora Karamanlis.

— Soube que se casaram recentemente — falo, mas ela parece processar o que eu disse, então repito a palavra casamento em alemão. — Seu *hochzeit*.

— Ah! Sim, cinco meses. — Sorri parecendo encantada. — Nikkós é um amor!

Sinto a bile subir até a garganta com essa última afirmação. É impossível imaginar como alguém pode achar que esse monstro seja um amor, a não ser que ele, por conta do dinheiro dela, a esteja tratando bem.

— Pretendem ficar muito tempo no Brasil?

Madeline fica séria, mas depois força um sorriso.

— Não sei. — Ela me olha profundamente e depois toca minha mão. — Feliz em conhecer você.

Por incrível que isso possa parecer, eu a sinto sendo sincera comigo, como se estivesse perdida e o pouco de atenção que lhe dei a tenha deixado mais aliviada.

Lembro-me de Alexios me dizendo que Theodoros havia gostado dela e entendo isso. Madeline parece tão frágil que desperta uma compaixão quase que imediata em todos, e isso me deixa alerta, porque talvez esse seu jeito doce e ingênuo seja apenas uma máscara, e ela, tão dissimulada quanto seu marido.

38

Alexios

Estou tentando adiantar ao máximo os projetos da Ethernium enquanto Kostas ainda permanece internado e Kika está com ele. Tenho tratado diretamente com Leonardo, o *hunter* que ficou responsável pelo setor enquanto a gerente está com meu irmão no hospital.

Kika tem auxiliado o trabalho de longe, agora que está mais aliviada com a recuperação de Kostas, mas ainda assim atrasamos muito o trabalho por conta das semanas em que ele esteve em coma. Obviamente, ninguém tinha cabeça para pensar na Ethernium, e eles até pararam de pressionar um pouco quando souberam do que aconteceu.

O fato é que, por isso tudo, o volume de trabalho, que já era grande, agora está exaurindo todos na K-Eng, e o único que não está achando isso ruim sou eu.

Cabeça cheia não me deixa tempo para pensar em Samara!

Rio sozinho, à madrugada, ainda na minha sala na empresa, vários documentos abertos, inúmeras decisões a tomar, e eu tentando enganar a todos vocês e a mim mesmo de que não penso nela. *Idiota! Eu só penso nela!*

Desde que Samara saiu do meu apartamento no meio da noite depois de rejeitar minha proposta e ressaltar que só se casaria quando estivesse apaixonada, tenho tentado avaliar tudo o que isso me faz sentir e o que eu

deveria fazer.

Não consigo imaginar minha vida sem ela, mas não posso obrigá-la a querer estar ao meu lado, a me amar. Nem eu sei se quero isso, porque ainda não consigo definir o que sinto por ela.

Só sei que dói demais não a ter comigo, e é por isso que tenho enfiado a cabeça no trabalho, dormido apenas quando o corpo desliga, exausto, e ficado horas dentro do meu quarto de pintura, olhando para a tela inacabada.

Não a pintei durante o tempo em que estivemos juntos, porque estávamos todos agitados com a situação do meu irmão. Às vezes ia até lá, retocava uma coisa ou outra, pois já conhecia o contorno e a suavidade do corpo dela sem ver e queria que isso estivesse explícito na tela.

— Isso está assustadoramente realista — ela comentou um dia enquanto eu retocava a pintura. — Por que eu sinto que você está enrolando para terminá-lo?

Eu ri, admirado pela sua sagacidade.

— Eu estou, sim. — Puxei-a para perto de mim. — Quero ainda muitas e muitas sessões suas, nua, para eu pintar.

Samara ergueu uma sobrancelha.

— Isso quer dizer que você está usando sua modelo para mais do que uma simples inspiração artística?

— Com certeza!

Passei o pincel sujo de tinta em seu nariz, e ela se fingiu de ofendida, então fizemos sexo ali de novo, no meio dos cheiros de que eu gosto tanto e, no final, rimos quando percebemos que ela tinha marcado sua palma da mão no meu peito com tinta vermelha.

— Isso significa o quê? Que sou propriedade sua? — sacaneei.

— Hum... — Ela se ergueu e pegou um pincel fininho, que uso para fazer pequenos contornos e veio com ele em minha direção. — Eu não faria assim, caso fosse essa a intenção.

Sorri, querendo que ela mostrasse como faria para me marcar como seu.

— Me mostre como faria, então.

Samara, sem nenhum pudor, ergueu meu pau – já em descanso depois de gozar – e escreveu seu nome nele.

— Pronto, agora, sim!

Eu gargalhei e a beijei, porém mais tarde a xinguei muito ao tentar tirar a tinta a óleo do meu pênis.

Suspiro e balanço a cabeça, tentando desvanecer esses momentos de minha mente, não querendo pensar no que vivemos e na falta enorme que estou

sentindo dela.

Covarde!, minha consciência me acusa a todo momento, e eu assumo que sou mesmo, tenho medo de ir atrás dela, tenho medo de dizer algo que a faça ter pena de mim. Não quero isso!

Uma mensagem de Kyra chega.

“Eu vou matar você, Alexios, juro!”

Tento não rir do seu rompante, tão jeito Kyra de ser, e pergunto o motivo do fratricídio iminente.

“Samara vai voltar para Madri. Eu sabia que você ia fazer merda!”

Levanto-me da cadeira, coração disparado, sem saber o que fazer e como agir com essa informação.

“Onde você está?”

Ela responde, e eu vou imediatamente até seu apartamento, precisando conversar, necessitado de seu colo e seus conselhos de irmã mais nova. Nunca foi assim, explícita, essa troca de cumplicidade entre mim e Kyra. Passei tantos anos preocupado em cuidar dela que não percebi quando ela começou a cuidar de mim também.

Piloto a moto tentando me concentrar na estrada e não no turbilhão de emoções que está dentro de mim. Não sei o que fazer, não sei o que dizer sobre o que sinto, e espero que Kyra consiga me fazer entender a mim mesmo.

A única coisa que martela minha mente o tempo todo é que Samara vai embora, talvez para sempre, e que lá, longe de todos, *longe de mim*, tentará encontrar aquilo que não consegui fazê-la sentir.

Quando chego ao apartamento de Kyra, apoio-me ofegante no batente da porta principal, toco a campainha e espero. Mal consigo respirar, sinto como se algo me asfixiasse, pressionando meu peito com tamanha força que encher os pulmões de ar é difícil.

— Alex, o que você... — ela para de falar, ainda segurando a porta que acabou de abrir e arregala os olhos. — O que aconteceu?

A princípio não entendo a pergunta, mas então me dou conta do meu rosto molhado de um choro que nem senti cair, tamanho sufocamento em que me encontro.

Abro a boca várias vezes, mas não consigo falar, apenas gaguejo sem sentido, atabalhoado, nervoso, e Kyra me puxa para dentro de sua casa.

— Alexios! — Ela me abraça forte, e esse carinho é o suficiente para que eu comece a soluçar nos seus braços. Kyra me aperta ainda mais contra si. — Eu não sei o que houve, mas estou aqui com você, estou aqui!

Balanço a cabeça, entendendo o que ela quer dizer, mas não consigo parar de chorar. Tenho tanta coisa em minha mente, tantos pensamentos, que não consigo coordená-los para falar.

Não faço ideia de quanto tempo se passa desde que cheguei aqui, nem mesmo quanto faz que estamos abraçados no meio da sala enquanto choro por algo que ela não faz ideia do que seja.

— Eu não sei o que fazer... — começo a explicar, ainda agarrado à minha irmã. — Não sei como agir com o que estou sentindo, não consigo nomear ou entender.

Kyra se afasta e me encara.

— Não sei como te ajudar, também não sei lidar com certas emoções.

Assinto, agradecido pela sinceridade dela, consciente de que somos fodidos demais, sem referência nenhuma para chegarmos sozinhos a conclusões que para outras pessoas seriam óbvias.

— Você não sabia que ela estava indo embora?

— Não.

Kyra respira fundo.

— Vocês brigaram?

Engulo as lágrimas, seco o rosto e me sento em seu sofá, agitando as pernas, tentando achar um ponto de equilíbrio para me manter concentrado e conversar com ela, ainda que dentro de mim tudo esteja bagunçado.

— Não, acho que não. — Ela não entende e se senta no chão entre minhas pernas, segurando minhas mãos. — Nós conversamos e decidimos... *ela* decidiu que não dava mais.

— Por quê? O que houve para que ela tenha decidido isso?

Fecho os olhos, lembrando-me da loucura que foi minha proposta e como ela me soa fria agora aos ouvidos. Eu não tinha ideia de como lhe dizer que queria que ficasse comigo, que eu precisava dela para sempre ao meu lado, então enfiei os pés pelas mãos em uma proposta digna de um roteiro classe C de romance

mexicano.

— Eu a pedi em casamento.

Kyra congela, literalmente. Seus olhos não se movem, sua boca aberta não disfarça sua surpresa, e acho que nem está respirando. Bufo e ponho as mãos sobre a cabeça antes de me jogar para trás no encosto do sofá.

— Eu sou um idiota!

— Espera... — Ela se levanta e se senta ao meu lado. — O que eu perdi? Eu sabia que vocês estavam numa espécie de relacionamento. Primeiro foi aquela história de amizade colorida, depois, com tudo o que aconteceu com Kostas, vi vocês dois juntos para baixo e para cima, como um casal de verdade, embora negassem o tempo todo. — Concordo. — Onde casamento entra nessa equação?

Penso no que me levou a fazer a proposta, a vontade de ter um lar, uma família, de poder zerar minha dor e minha história de violência criando um filho como eu mesmo deveria ter sido criado.

— Você nunca imaginou como seria se tudo tivesse sido diferente? — Kyra fica confusa. — Como seríamos se sua mãe não tivesse ido embora e, por exemplo, Nikkós tivesse morrido, sim, porque ele nunca seria um bom pai, mesmo dentro daquele casamento maluco que tinha com Sabrina.

— Por que isso agora, Alexios?

— Porque eu queria ser diferente! Eu queria ter crescido como as outras crianças, sem todas aquelas merdas que passamos. Ter feito amigos, ter me apaixonado por alguma garota mais velha do colégio, mas sofrer com a dor de cotovelo por ela não ligar para mim. — Kyra faz careta, sem entender meu raciocínio. — Então ter ido ao baile de formatura da Samara, perceber o quanto a queria mais do que simplesmente como amiga e me sentir suficiente para tirá-la para dançar, beijá-la e depois levá-la no meu carro para algum local e...

— Eu entendi... — Kyra me interrompe. — Era o que você queria ter feito na época? — Confirmo. — Era o que ela queria que você tivesse feito também.

Fecho os olhos, a dor dentro de mim se intensificando, a revolta por ter perdido esse momento me sufocando como uma mão pesada apertando meu pescoço.

— Por que você a pediu em casamento?

Rio e dou de ombros.

— Achei que conseguiria resgatar um pouco desse sonho de menino através de um filho. — Kyra fecha os olhos também e soluça. — A gente sempre fala que a Tessa vai ter tudo o que não tivemos, será amada dentro de um lar responsável, saberá o que é ser cuidada, protegida...

— E você pensou que Samara era a mulher ideal para ser a mãe desse seu sonho. — Ela balança a cabeça. — Alexios, sabe por que Tessa terá tudo isso? Porque Duda e Theodoros sabem o que é amar. Assim como Kika está mostrando ao Kostas e como...

— Eu sei que foi uma ideia idiota, mas na hora me pareceu um arranjo perfeito.

— E propôs um *arranjo* a ela. — Kyra balança a cabeça, repreendendo-me. — O que você sente, Alexios?

— Não sei. Eu a quero comigo, sinto sua falta lá em casa. Gosto de mim quando estou com ela, entende? Me sinto mais... mais do que realmente sou.

— Samara nunca aceitaria o que você ofereceu a ela, então, o que eu tenho a dizer, mesmo correndo o risco de falar do que não sei, é que você precisa definir o que sente, pesar se é suficiente para fazê-la feliz e tomar sua decisão. — Rio em desespero. — Sem medo, sem essa de achar que ela é mais do que você merece. Seja egoísta como você sabe ser, porra, e se você sentir que não pode viver sem ela não porque ela te faz bem, mas porque você quer vê-la bem, então, meu irmão, arregace suas mangas e corra atrás. — Kyra se levanta. — Ela embarca amanhã para Madri, e o Dedo-Duro vai com ela.

— Por quê?

— Algo a ver com ela mudar de apartamento, e, claro, ele está preocupado com o tal Diego, que ficou aqui enchendo o saco dela.

— Eu devia ter dado umas porradas naquele espanhol — murmuro.

Kyra ri.

— Era visível o quanto você queria fazer isso. — Rola os olhos. — Até o Patrick percebeu que rolava uma *competição* pela Samara. Foi engraçado.

— Só se foi para você! Eu estava fervendo de raiva.

Ela sorri.

— Por qual motivo? — Balanço os ombros, sem saber. — Ciúmes, Alexios, o nome disso é ciúmes, até *eu* sei! — Suspiro. — Quer um café?

— Quero saber o que devo fazer! A vontade que eu tenho é de ir até ela, pedir para que fique, mas não sei se tenho todas as respostas para as perguntas que ela me fará ou se estou preparado para um segundo não.

— Medroso!

— Olha quem fala! — sacaneio-a de volta. — O sujo falando do mal lavado.

— Pelo menos não sou cega!

— Veremos quando chegar sua vez, irmãzinha!

39

Samara

Madri!

Respiro fundo o ar da cidade que me acolheu por três anos, mas que, neste momento, parece desconhecida para mim. Eu sei que essa sensação vai passar e que, diferentemente da primeira vez em que vim, estou mais machucada e menos decidida.

Naquela época eu não tinha ideia do que poderia ter sido com Alexios, apenas fantasias e sonhos de menina, mas agora eu sei, vivi com ele momentos tão inesquecíveis que parecem tatuados sobre mim. Não me vejo conhecendo alguém ou embarcando em um relacionamento como fiz na época do Diego, pelo simples fato de que ainda sinto Alex dentro de mim, seu gosto em minha boca e seu cheiro impregnado em minha pele.

Situações diferentes com o mesmo desfecho.

— Fugi mais uma vez — penso em voz alta.

— Não precisa continuar — Daniel fala ao meu lado no carro que nos buscou no aeroporto. — Você pode pensar melhor e voltar para casa comigo.

— Eu sei. — Olho pela janela. — Da outra vez eu estava empolgada com todas as coisas novas que veria aqui.

— Ainda há muito de novo, Samara, além disso, São Paulo não é a única

cidade no Brasil, há mais 500 opções para você caso queira retornar.

Tento rir.

— Qual seria o sentido de ficar no Brasil e longe de vocês?

— Pelo menos nos poupa o trabalho de atravessar um oceano inteiro.

Não respondo, mas suas palavras ficam pairando sobre mim. Eu não imaginei que ia encarar meu retorno desse jeito, que iria me sentir assim, mesmo sabendo que Alexios nunca conseguiria corresponder ao que sinto por ele. A verdade é que não estou me sentindo em casa, mas ainda está cedo para eu tomar qualquer decisão.

Chegamos ao meu prédio, e, enquanto Daniel leva as malas para dentro, vou até o apartamento da Gisele, minha vizinha, para saber das chaves de Diego.

— Samara, bem-vinda de volta! — Ela me abraça. — Como está sua mãe? E o Brasil, muito calor?

Rio, adorando ouvir seu forte sotaque gaúcho. Foi tão bacana quando me mudei para cá e descobri que dividia o andar com outra brasileira. Isso nos aproximou e me fez ficar menos sozinha durante minha adaptação a Madri. Gisele mora com o marido, um espanhol, e tem dois meninos lindos, de 14 e 11 anos, com quem eu brinquei muito e ajudei a tomar conta para que o casal saísse.

— Mamãe está bem, o câncer entrou em remissão. — Ela agradece a Deus, aliviada. — O verão foi de ferver este ano, mas fiquei enfurnada em São Paulo o tempo todo e não aproveitei as praias.

— Ah, não acredito! Quer entrar um pouco?

— Não, obrigada. Acabamos de chegar do aeroporto, meu irmão e eu, e eu queria saber sobre as chaves que Diego deixou com você.

— Ah, claro, vou buscar. — Ela para sem jeito. — Terminaram mesmo, de vez? — Confirmo com a cabeça. — É uma pena, mas vocês sabem o que é melhor. Quer as suas chaves reservas também?

— Não, pode continuar com elas se não for incômodo.

Gisele pega as chaves e me entrega, falando um pouco dos filhos e do marido, além de alguns fatos que aconteceram enquanto estive fora. Despeço-me dela, mas paro quando entro no apartamento e vejo Daniel ainda com todas as malas na sala.

— Ele deixou mesmo as chaves com sua vizinha?

Assinto.

— O que houve?

— Nós vamos para um hotel — ele fala, mexendo no telefone.

Estranho a postura dele. Sei quando está tentando me proteger de algo, e um

frio atravessa minha coluna.

— Dani, o que houve? Por que vamos para um hotel?

— Você não fica aqui. — Ele começa a arrastar as malas pela sala. — Tentei algo no Villazza, mas parece que está lotado, vamos ter que usar outra rede.

— Daniel?

Olho em volta, não vejo nada anormal. As poucas plantas que tenho estão vivas e saudáveis, sinal de que Gisele veio aguá-las de tempos em tempos, e tudo parece exatamente como deixei.

Olho para o corredor que leva ao quarto e ao banheiro, e meu coração dispara. Caminho para lá e escuto Daniel me chamar, mas não paro. Tudo está certo no corredor e...

Quase perco o fôlego ao entrar no quarto e ver todas as minhas fotos picotadas em cima da cama. Diego destruiu todos os momentos que tivemos juntos e os transformou em um amontoado de recortes bizarros espalhados pela cama e pelo chão.

Entro no banheiro da suíte, que está com a luz acesa, e encontro mais devastação. Meus cosméticos estão todos quebrados, jogados pelo lavatório e pelo chão, e a palavra “puta” está escrita no espelho em vermelho vivo.

— Samara, vamos!

Estou em choque, sem palavras para expressar o que estou sentindo. Passei um ano da minha vida perto desse homem, seis meses com ele aqui, entrando e saindo do meu apartamento, morando e dividindo as coisas comigo, e parece que não sei quem é ele!

Soluço, e Daniel me abraça pelas costas.

— Ele é louco, percebi isso assim que o vi, por isso fiquei tão preocupado por você o estar hospedando.

— Não, Diego não é assim — digo para mim mesma, ainda que todas as evidências mostrem o contrário.

— Ele não se mostrava assim, Samara, mas muitas pessoas escondem quem são na realidade. Acredite em mim, eu sei julgar um bom mascarado.

Daniel me arrasta para fora do quarto, mas só tomo conhecimento disso porque o sinto me puxar, pois minha mente está em choque, assustada, com a sensação horrenda de que dividi minha vida com um total desconhecido.

— Já chamei um carro, vamos. — Ele me põe no elevador, mas eu ainda não consigo me concentrar em nada. — Samara, olha para mim. — Encaro-o sentindo um misto de gratidão e vergonha. — Você não é aquilo que ele escreveu, não o deixe te atingir. Diego estava machucado, ofendido, e você sabe

que macho ofendido tende a ser agressivo.

— Eu não esperava isso — desabafo. — Nunca pensei que ele fosse agir assim.

— Amanhã vou providenciar alguém para limpar e retirar algumas coisas do seu apartamento, e aí decidimos se voltamos para cá ou se procuramos um novo para você enquanto estivermos hospedados em algum hotel.

Sorrio, mesmo me sentindo triste.

— Obrigada por você ter vindo comigo, Dani. Eu não sei como reagiria, se não fosse você aqui.

— Com força, porque você é forte, Samara. Eu estou aqui apenas para te apoiar, mas todas as decisões são suas; se não concordar comigo em algo, basta dizer.

Agradeço-lhe e o abraço forte.

Sim, desestabilizei-me ao dar de cara com a reação agressiva de Diego ao nosso término, mas meu irmão tem razão, isso não pode me afetar mais do que já o fez. Eu me conheço, sei que não sou uma pessoa desonesta e nem a *puta* que Diego escreveu naquele espelho.

Ele é que é um preconceituoso, falso e mentiroso!

Chegamos ao hotel e decidimos dividir uma suíte grande, cada um em seu próprio quarto, mas com os ambientes integrados a uma sala. Uma camareira entrou conosco para ajudar a desfazer as malas. Ainda não resolvemos quanto tempo vamos ficar.

Não quero deixar que o que Diego fez me abale ou destrua os bons momentos que passei naquele apartamento. Só preciso sentir que não tem mais nada dele lá dentro, e isso será feito amanhã por uma equipe de limpeza que contratei enquanto fazíamos o check-in.

— Vou tomar um banho — Daniel avisa. — Você está bem?

— Estou. — Respiro fundo. — Eu não queria que tivesse terminado como aconteceu. Eu tentei esquecer, Dani, eu juro, mas tem certas coisas que, quanto mais a gente tenta superar, mais presentes se tornam.

— Eu sei. Já disse, não leve para o coração a mágoa de Diego. Você foi honesta com ele quando percebeu que ainda não tinha esquecido Alexios, ele não aceitou; o problema já não era mais seu.

Concordo.

— Eu sei, mas não fui para a cama com Alexios estando com Diego, não fiz isso. — Sinto-me envergonhada ao revelar algo assim, mas precisava dizer a alguém. — Nosso relacionamento aconteceu depois do término.

— Eu acredito, Samara. Não se preocupe com isso, e, se tivesse acontecido antes, paciência, quem nunca errou que atire a primeira pedra. — Ele ri. — Olha eu, justo eu, citando ditado religioso!

— Eu te amo! — Daniel assente. — Obrigada por não me julgar, mesmo não concordando com meu envolvimento com Alexios.

— Samara, eu só quero que você seja feliz e, mesmo não tendo certeza de que Alexios mereça você, eu te vi feliz nesse último mês. — Arregalo os olhos, surpresa. — Cabe a você agora julgar se essa felicidade era verdadeira ou ilusória.

Eu não sei, sinto-me tão confusa que não sei o que responder a ele. Nunca senti Alexios como nesse tempo em que estivemos juntos. Claro que era uma situação diferente, estávamos tendo um envolvimento sexual que nunca tínhamos tido, mas ainda assim, eu sentia! Era como se eu estivesse sendo correspondida, não desperdiçava meu amor, pelo contrário, era como se ele o absorvesse e me devolvesse ainda mais forte.

— Alexios me pediu em casamento — confesso.

Daniel, perplexo, senta-se em um poltrona. A muda de roupa limpa na mão, os pés descalços, e ele parece que tomou um soco que o deixou desnorteado.

— Então por que estamos aqui?

— Porque eu não quero casamento, Dani, eu quero amor! — Ele me olha sem me entender. — Eu o amo, mas não posso estar com ele se não sente o mesmo por mim, é uma equação desastrosa, fadada à falência.

Meu irmão fecha os olhos.

— Vocês superestimam o amor. — Nego, mas ele confirma. — Amor não mantém ninguém junto. Por isso se vê tanto casal apaixonado que não consegue manter uma relação, porque o amor é volúvel, o que mantém duas pessoas juntas são suas afinidades. — Ele respira fundo. — Encontrar alguém que aceite e compartilhe suas coisas é mais difícil do que achar amor.

Não concordo com ele, pois, se fosse assim, ele não estaria casado ainda com Bianca? Os dois estudaram juntos, faziam os mesmos programas, tinham os mesmos interesses, por que então o casamento acabou logo depois da cerimônia?

— Eu não acho, Daniel. Somente quando se ama se é capaz de compreender e aceitar o outro. Isso é básico para qualquer tipo de relação, não só a de um casal. Empatia é uma forma de amor, quando você se põe no lugar do outro para

entender o que sente. — Sorrio para meu irmão mais velho, sentindo-me estranha por estar conversando sobre isso com ele. — Talvez — continuo — você esteja buscando o resultado, mas sem querer trabalhar a fórmula.

Ele fica um tempo pensando, mas então começa a rir e se levanta.

— Por que estamos usando metáforas matemáticas para falar de um assunto que nada tem a ver com exatas? — Beija minha testa e começa a ir para sua suíte. — Está explicado por que somos péssimos em relacionamentos amorosos!

Rio de sua troça, mas no fundo percebo que ele apenas quis encerrar o assunto de maneira leve. Até hoje não entendi bem o motivo de o casamento dele ter acabado, nem o que esconde – porque ele esconde algo! – e, muito menos, o que realmente deseja.

Sento-me um instante onde ele estava e contabilizo o tempo para que Alexios e Kyra descubram que eu não só sou uma covarde, mas também uma mentirosa.

Encontrei-me com ela um dia antes de embarcar para cá e lhe entreguei a caderneta. Disse que estava na minha bolsa e que, por conta da situação de Kostas no hospital, acabei por esquecer de devolvê-la. Não falei sobre a página arrancada e, muito menos, sobre o que descobrimos, meu irmão e eu. Eu tive medo da reação dela, por isso escrevi contando tudo, juntei à carta a página faltante e pedi a uma das secretárias da Schneider que as despachasse pelos Correios hoje.

Não deve demorar muito para que Alexios receba a missiva e saiba que a amiga perfeita em que ele tanto confiava não era tão perfeita assim. Quanto ao meu pai, bem, antes de eu vir, ele foi com a mamãe para a fazenda no interior, e, por isso, também deixei uma carta para ele, em cima de sua mesa do escritório, para que, quando voltasse, estivesse preparado.

Eu sei o que vocês estão achando de mim, que sou uma grande covarde por ter feito isso e vindo embora. Também me sinto assim, mas não podia vir e deixar tudo para trás, como se não tivesse descoberto nada. O que eu queria de verdade era estar lá, com eles, tentando juntar todas as peças e formar o quebra-cabeça sinistro que se transformou essa busca.

Temo pelos meus pais. Contudo, não podia continuar a esconder a informação de Alexios, porque, independentemente de estarmos juntos ou não, desejo que encontre respostas, se cure e seja feliz.

Mal acabo de pensar nisso, e meu telefone notifica uma mensagem de Kyra.

“Samara, já deixei mil recados! Você chegou bem? Está no seu apartamento?”

Sinto lágrimas nos olhos ao ler a preocupação dela e compreender o quanto, mesmo sem me dizer nada, Kyra gosta de mim.

“Oi, Kyra, desculpa, as coisas ficaram um pouco complicadas por aqui, mas depois te ligo para contar. Daniel e eu chegamos bem e estamos hospedados no Villa Magna.”

Ela digita imediatamente, mas depois para, e meu telefone toca.
— Oi! — atendo, rindo, pois sabia que ela não resistiria a saber o que aconteceu.
— Por que vocês estão em um hotel? O que houve com seu apartamento?
Respiro fundo.
— Diego não aceitou bem as coisas e bagunçou meu apartamento.
— O quê?! — ela grita. — O que aquele filho da puta fez?
Ouço uma voz abafada ao fundo, e sinto meu corpo retesar ao pensar que Alexios está ouvindo tudo, embora não se revele ou me cumprimente.
— Nada de mais — disfarço. — Picotou algumas fotos e quebrou uns vidros de...
— Ele encostou em você? — Alexios entra na ligação. — Samara, se ele encostou em você ou mesmo te ofendeu de qualquer maneira, eu juro que vou cobri-lo de porrada!
Fico muda, paralisada, sem reação ao ouvir sua voz revoltada ao telefone e sentir sua indignação. Não esperava por isso, então meus olhos se enchem de lágrimas, e eu preciso engolir em seco para não chorar.
— Não, ele nem estava lá, apenas deixou o recado, mas Daniel achou melhor virmos para um hotel enquanto limpam a bagunça dele.
— Filho da puta!
Kyra fala algo com ele, e o escuto bufar.
— Samara, você está bem? — minha amiga torna a falar.
Balanço a cabeça, tentando convencer a mim mesma de que estou, para só então responder:
— Estou, sim, obrigada pela preocupação. — Eu queria poder lhe perguntar sobre Alexios, mas acho que ele deve estar ouvindo a ligação, por isso não o faço. — Eu vou tomar um banho agora e descansar um pouco. — Meu coração se aperta. — Adeus.
Ouço um barulho alto, um suspiro longo da Kyra, e em seguida ela responde:

— Tchau.

— Acho que está tudo certo agora. — Daniel olha para o apartamento, limpo, desinfetado e sem nenhuma marca feia que lembre a passagem de Diego por aqui. — Tem certeza de que prefere vir para cá a ficar no hotel?

— Sim, prefiro minhas coisas. — Sorrio. — Duas noites lá já foram suficientes.

— Certo. — Ele confere as fechaduras novas, detalhe que fez questão de acompanhar para garantir que nunca mais Diego consiga acesso ao apartamento. — Eu já avisei ao seu porteiro que aquele babaca não entra mais aqui, pelo menos enquanto você estiver morando no prédio. Eu queria ir até seu escritório também para...

— Daniel, não, é suficiente tudo o que você já fez, obrigada.

Ele não parece nada feliz, mas concorda.

— Então o que me resta é ir até o hotel, fechar nossa conta e trazer nossas malas para cá. — Ele olha para meu sofá-cama. — Espero que seja tão bom quanto a cama de um cinco estrelas.

Rio.

— Se quiser ficar por lá, não vou ficar ofendida.

— Não, vim para ficar com você. — Ele dá um tapa no sofá-cama. — Ele será meu companheiro de sono.

Abro as janelas para que o vento primaveril entre na sala.

— Gosto dessa vizinhança, as pequenas lojas, a floricultura... — puxo o ar com prazer — o cheiro da padaria.

— Acabamos de tomar café da manhã, Samara! — Ri. — Acho que, enquanto você vai ao escritório, vou fazer umas compras, precisamos de comida!

— Pegou o roteiro que fiz para você? — Ele concorda. — Eu vou precisar ficar esses dois dias no escritório, mas depois sou toda sua para passearmos pela cidade e, quem sabe, pelo país.

— Os barzinhos me pareceram ótimos, e eu estou precisando comer umas porcarias e encher a cara.

Paraliso no peitoril da janela e me viro para olhá-lo.

— Como é que é? — Rio. — Você num bar, comendo petisco e tomando cerveja?

Ele dá de ombros.

— Eu gosto.

Não é possível!, penso abismada, não fazendo ideia de que ele frequente esse tipo de lugar. Daniel sempre foi tão formal que eu o imaginava em algum lugar chique, tomando champanhe ou mesmo um caro destilado. Nunca soube que frequentasse bares.

— O que mais não sei sobre você?

O sorriso morre.

— Vou até o hotel para...

O interfone toca, e ele fecha os punhos, impedindo-me de atender.

— *¿Sí?* — Daniel escuta o porteiro falar do outro lado da linha. — *¿Quienes son?* — Ele arregala os olhos. — *¿Está seguro?*

Fico tensa, sem saber de quem eles falam.

— Daniel?

Meu irmão se afasta do interfone, mas sem desligá-lo e, surpreso, me informa:

— Kyra e Alexios Karamanlis estão aí. — Minhas pernas tremem como gelatina, e eu preciso me apoiar na janela para não cair. — Deixo-os subir?

Assinto, coração disparado, sem saber o que pensar sobre a vinda deles.

A vinda dele!

Alexios veio atrás de mim!

40

Alexios

Não dormi na noite em que Kyra me contou sobre a volta de Samara para Madri. Peguei o telefone tantas vezes que não sei como não o furei, mas não liguei ou mesmo enviei uma mensagem. Não sabia o que ia falar.

Vi o dia amanhecer e fiquei na janela, olhando para o céu como se pudesse ver o avião dela levantar voo e a levar para longe de mim.

Sem se despedir, de novo!

Da outra vez eu não soube com antecedência que ela pretendia ir, nem me lembrava do beijo que partilhamos em meio à minha bebedeira; agora não, agora eu sei que ela está indo embora e me abandonando com todas as lembranças dessas semanas que passamos juntos.

Tomei café e fui para a empresa trabalhar, mas não pude me concentrar direito e nem comemorei o tanto que devia quando soube da alta iminente do meu irmão. Kostas estava bem, já andava, colocou sua mãe para correr, voltando a ser o mesmo malvadão de sempre, e estava feliz ao lado da mulher que o ama e que carrega um filho seu dentro de si. As notícias eram as melhores. Contudo, eu não me sentia animado, apenas calculava as horas do voo de Samara até Madri. Confesso, vinha riscando no meu calendário os dias que já estávamos longe um do outro.

Nunca me senti tão vazio, e olha que sempre me considerei uma casca! Andava sem rumo dentro do meu próprio apartamento, não tinha ânimo para sair, nem mesmo para praticar meus esportes, muito menos para pensar em qualquer outra mulher.

Sim, meu tesão zerou!

Então veio a ligação da Kyra e depois minha visita forçada a ela, que adicionaram mais uma característica triste a mim: a impotência. Eu soube que a mulher mais especial da minha vida estava indo embora e não fiz nada para impedir. Apenas deixei-a ir. Olhei para o relógio desanimado, imaginando o avião dela levantando voo e tentei voltar ao trabalho.

12 horas depois, estava na casa de Kyra, enchendo-a para que ligasse para Samara a fim de saber se ela havia chegado bem.

— Já deixei recado, ela deve estar ocupada! — minha irmã disse irritada, morrendo de sono, quando eu pedi a ela que ligasse pela milésima vez. — Vá para casa, Alex, assim que ela me retornar eu...

O som de vibração do aparelho me fez levantar, e li a mensagem de Samara, sentindo-me preocupado no mesmo instante, pois algo acontecera para que ela estivesse hospedada em um hotel.

Kyra começou a digitar, mas eu estava aflito demais para esperar que as duas trocassem mensagens.

— Ligue para ela — Kyra me olhou, puta com o tom de ordem em minha voz. — Por favor.

Minha irmã rolou os olhos, mas fez o que pedi.

— Oi! — ouvi sua voz risonha no viva voz, e isso fez meu coração se apertar de saudade.

— Por que vocês estão em um hotel? O que houve com seu apartamento?

Samara respirou fundo.

— Diego não aceitou bem as coisas e bagunçou meu apartamento.

Cerrei os punhos com força e tive vontade de xingar, mas me controlei para que ela contasse o que havia acontecido.

— O quê?! — Kyra gritou sua indignação por mim. — O que aquele filho da puta fez?

— Eu vou matar esse filho da puta! — falei baixinho, entredentes, espumando de raiva.

— Nada de mais. Picotou algumas fotos e quebrou uns vidros de...

O quê?! Ele foi agressivo com Samara?! Apenas a ideia de que ele pudesse ter encostado nela ou mesmo a ofendido me deu vontade de matar o espanhol

arrogante.

Não resisti e quase gritei:

— Ele encostou em você? Samara, se ele encostou em você ou mesmo te ofendeu de qualquer maneira, eu juro que vou cobri-lo de porrada!

Ela ficou muda por um tempo, e eu amaldiçoei a Kyra por não ter ligado por vídeo, pois eu poderia olhar em seu rosto para saber se realmente estava bem.

— Não, ele nem estava lá, apenas deixou o recado, mas Daniel achou melhor virmos para um hotel enquanto limpam a bagunça dele.

— Filho da puta! — xinguei-o de novo, mas Kyra tocou meu ombro.

— Diego não importa mais. Se acalme, que eu vou perguntar como ela está — falou baixinho, tampando a entrada de som do telefone e depois a desobstruiu. — Samara, você está bem?

Ela titubeou, e não gostei nada disso. Fiquei com a impressão de que estava escondendo algo.

— Estou, sim, obrigada pela preocupação. Eu vou tomar um banho agora e descansar um pouco. — Outra pequena pausa, e ela concluiu: — Adeus.

Soquei a parede do apartamento de Kyra, e o gesso ficou amassado por meu punho.

— Tchau. — Kyra desligou e me olhou séria. — Para com essa merda!

— Para o Daniel a ter levado para um hotel é porque o babaca fez algo que a assustou. Eu conheço Samara, ela não esperava algo assim, deve ter ficado em choque. — Kyra ficou parada, braços cruzados, apenas me encarando. — Eu vou matar aquele filho da puta!

— Como? Via telefone?

Parei em seco. As palavras dela foram como um gancho de direita bem no meu queixo e me fizeram dar conta de que eu tinha deixado Samara partir e que não podia fazer mais nada para estar com ela, para protegê-la, para...

— Eu sou um idiota — confessei, e ela riu como se eu tivesse dito o óbvio. — Porra, Kyra, como pude ser tão cego?

Minha irmã pôs a mão no meu ombro.

— O pior cego é aquele que não quer ver. — Apontou para o celular. — Busco passagens?

— Por favor. — Riu. — Pretende ir junto?

Ela me olhou ofendida.

— Óbvio, acha que eu vou perder esse momento de te ver arrastar a bunda atrás dela? Nunca! — Riu perversa. — Esperei por isso a vida toda!

Abracei-a forte. Mesmo com um “cagaço” real de ser rejeitado, precisava

tentar. Não poderia perder Samara sem nem mesmo dizer a ela tudo o que eu estava sentindo e explicar que, assim como eu confundi as coisas ao achar que era só amizade, ela também poderia estar cometendo esse erro.

Era a minha maior esperança, porque eu senti em cada carinho, em cada momento que passamos juntos, que tínhamos a mesma sintonia. Justificava dizendo que era por causa da nossa amizade, talvez por não querer admitir e arriscar, mas já não me importava em me expor e ser machucado; já era uma ferida enorme perdê-la sem que ela soubesse como eu me sentia.

Kyra reservou passagens para o outro dia à tarde, mesmo sob meus protestos de pressa, alegando que precisava ajustar umas coisas antes de irmos. Mergulhei de cabeça no trabalho na K-Eng, não parando um minuto sequer, disposto a fazer o tempo passar rápido.

Não passou!

Mais uma noite insone na conta e uma vontade enorme de ligar ou mandar mensagem para Samara, mas me contive. Eu iria até ela, ela merecia que eu fosse, principalmente por eu ter perdido tanto tempo, por não ter assumido o que sentia antes de fazê-la atravessar o oceano.

E se ela não me quisesse mesmo? E se o que me dissera ao comparar nossa situação com a de seu antigo relacionamento fosse certo? Ela não ficaria comigo sem amor, já havia deixado claro. E se, mesmo eu sentindo por ela um amor tão absurdamente grande, ela ainda assim não me amasse? Eu seria rejeitado, e todo o medo que eu sentira a vida toda com relação a ela se concretizaria. Eu teria a certeza de que não era bom o suficiente para ela.

No dia da viagem, decidi não trabalhar. Fui até o hospital visitar meu irmão e soube que ele *não tinha visto nada* na ultrassonografia de Kika. Achei engraçado ele tão *noiado* daquele jeito, cheio de orgulho, de medo e de amor. Percebi que faz parte sentir medo e que a grande sacada de estar apaixonado é ignorar e se entregar de olhos fechados, arriscando alto para se ter a maior recompensa que uma pessoa busca: a felicidade.

Eu via a felicidade naquele quarto de hospital. Em cada olhar de meu irmão para Kika, em cada gesto preocupado dela para com ele, eu sentia a profundidade e a verdade do sentimento entre eles.

— Você disse que vai para a Espanha hoje — Kika comentou comigo. — Samara está lá? — Confirmei, e ela sorriu. — Sabia que vocês não iam conseguir negar mais por muito tempo.

Suspirei e confessei:

— Negamos a vida toda, mas acho que chegou o momento de provar se é de

verdade. — Ela pegou minha mão, e Kostas pigarreou, mesmo distraído lendo um jornal. Kika rolou os olhos, mas sorriu feliz. — Eu estou com medo.

— Eu sei, é apavorante estar apaixonado por alguém sem ter a certeza dos sentimentos dessa outra pessoa, mas o medo não faz você deixar de amar, apenas te impede de descobrir o que é ser amado. — Ela olhou para Konstantinos. — Enfrentar o medo é o primeiro passo em busca da felicidade.

O que ela me disse alimentou a esperança dentro de mim e me fez relaxar um pouco a tensão antes do embarque.

— Tome isso. — Kyra me estendeu um remédio. — Você não dorme há dias, vai chegar lá igual a um zumbi e assustará a Samara. Temos mais de 10 horas de voo, dá tempo de descansar.

— Não quero — rejeitei a pílula, e ela insistiu.

— Vai precisar de todo seu cérebro em bom funcionamento para convencê-la, e, acredite em mim, com ele em estado normal, você já é um tapado, imagine dormente de sono. — Fez cara de brava. — Toma logo!

Confesso que foi o melhor arranjo, o que me faz feliz por ter uma irmã tão inteligente e bruta como ela. Dormi a viagem toda, acordei quando paramos em Lisboa, comi algo e me senti muito mais disposto e animado.

Até agora!

— Ela não vai me deixar subir! — falo enquanto o porteiro conversa com alguém pelo interfone.

— Claro que vai, eu vim junto!

Encaro-a.

— Não era bem essa a resposta que você deveria me dar!

— Eu sou sincera! E é bom você entrar em campo com os pés no chão, sem salto alto, porque o jogo só acaba quando termina, então ponha seu melhor atacante para trabalhar e faça o gol direito!

Franzo a testa.

— Você sabe que futebol era o negócio do babaca cujo pescoço ainda vou torcer, não? Péssima metáfora motivacional.

— Não estava motivando, apenas alertando de que, se você ficar de cu doce e não disser a ela com todas as letras por que veio, vai tomar cartão vermelho! — ela provoca, mas consegue atingir o alvo.

Kyra não tem ideia de como foi complicado chegar até aqui. Eu me sinto novamente o garoto que ia levar Samara ao baile, morrendo de medo. Só espero que dessa vez eu não faça merda.

— *Puede subir* — o porteiro finalmente libera nossa passagem.

Sinto uma mistura de alívio e medo, algo estranho, que parece dar nó em minhas entranhas, mas sigo com minha irmã até o elevador.

— Você sabe o número do apartamento?

— Claro, já estive aqui antes. — Encara-me. — E se você tivesse sido um bom amigo, saberia também.

— Porra, Kyra, você não está ajudando.

— Só para te lembrar todas as merdas pelas quais você *deve* pedir perdão.

— Como se eu não soubesse...

— Saber não é suficiente, meu caro, você precisa falar para ela e deixá-la ter a dimensão da sua burrice por todos esses anos. Se, ainda assim, ela te quiser, é amor verdadeiro.

Engulo em seco.

— Falou a especialista!

Kyra ri.

— Eu sou! — Dou uma olhada irônica para ela. — Observo os outros; olhe à minha volta, meus amigos estão todos apaixonados e felizes!

— E você?

— Já sou feliz sem estar apaixonada! — Ela beija seu próprio ombro.

— Sei...

Kyra acha que me engana com esse discurso, mas eu sei que não é bem assim. Não que ela não seja feliz sozinha, acho que possa ser, do jeito dela. Contudo, sei que está sozinha por conta das marcas do passado, não porque seja uma escolha realmente sua.

Daniel está à porta do apartamento, parado como um leão de chácara na entrada, braços cruzados, cara de poucos amigos, um verdadeiro "cavaleiro de armadura brilhante" defendendo a honra de sua irmã. Xingo, querendo evitar confrontos com a família dela, mas disposto a tudo para poder falar com Samara.

— *Round one, fight!* — Kyra imita a voz do videogame, e eu aquiesço e já me preparo para entrar, mesmo que seja na porrada.

— Bom dia — Daniel nos cumprimenta. — Que surpresa.

Ele me olha sério, desafiador.

— Bom dia. Onde está Samara?

Kyra dá uma risadinha ao meu lado.

— O que você quer com ela, Alexios?

Cruzo os braços e sorrio.

— Você vai mesmo bancar o irmão dragão guardião da princesa? Qual é, Daniel, acho que Samara já é bem grande para saber falar por si mesma.

— Alex... — Kyra sussurra, mas não a olho.

— Ela é, a questão aqui não é se minha irmã é adulta, é saber se você irá se comportar como um.

— Eita! — Kyra ri e recebe um olhar enviesado de Daniel. — Meninos, a testosterona aqui está alta, mas sinto interrompê-los. — Ela empurra Daniel para o lado e o encara. — Vou dar um abraço em minha amiga, e depois nós dois vamos deixá-los conversar, então resolva o que você tem que resolver com ele de uma vez.

Ela entra, e Daniel parece confuso, como se não conhecesse o furacão chamado Kyra.

— Olha, Daniel, eu sei que você está preocupado com sua irmã e, acredite em mim, conheço o sentimento, mas vim aqui para falar com ela e, se precisar te tirar dessa porta à força, eu vou fazer isso, porque não volto para aquela porra de país sem que diga a Samara o idiota que tenho sido por todos esses anos.

Daniel não fala nada, apenas me olha e então sorri.

— Todos sabemos o idiota que você tem sido, Alex. — Ele sai da frente da porta. — Não a machuque, Samara é a pessoa mais doce que eu conheço, e sei o quanto ela já sofreu por sua causa. — Fico sério, olhando-o sem desviar os olhos, sentindo-me um moleque tomando esporro antes de sair com sua primeira namorada. — Eu quero ser seu amigo, Alex, mas se você a ferir, se prepara, porque vai ter que prestar contas a mim.

Minha vontade neste momento é de mandá-lo à merda, se foder, cuidar da sua vida, mas respondo:

— Não vou feri-la.

Kyra aparece, sorridente, e puxa o braço de Daniel.

— Vamos, te pago um café!

— Acho que vai ter que ser algo um pouco mais forte que isso — escuto-o dizer a ela antes de entrarem no elevador.

Respiro fundo, armo-me de toda a coragem que sempre tive para enfrentar grandes desafios, mas devo confessar que nada do que vivi até hoje, em nenhum dos esportes radicais – ou ilegais – que já pratiquei se compara a este momento.

Entro na sala e vejo Samara de pé perto das enormes janelas do apartamento. Entendo o motivo pelo qual ela alugou algo em um prédio de poucos andares e ficou no segundo; ela gosta da janela, da visão que tem, mas tem medo de altura, sempre teve.

— Oi, Alexios — cumprimenta-me. — Eu não esperava...

Tremo de medo e me aproximo dela, fazendo-a parar de falar. Preciso lhe

dizer o que vim fazer aqui e o que sinto antes mesmo de ela se manifestar. Não que isso vá fazer diferença caso ela realmente não queira nada comigo, apenas quero pôr para fora, quero dizer antes de uma possível rejeição.

É dela, por ela e para ela, então, ainda que não sinta o mesmo, não quero guardar apenas para mim algo que não me pertence mais.

— Eu tinha que vir. Cometi um erro anos atrás, não vou cometê-lo de novo.

Samara enruga a testa.

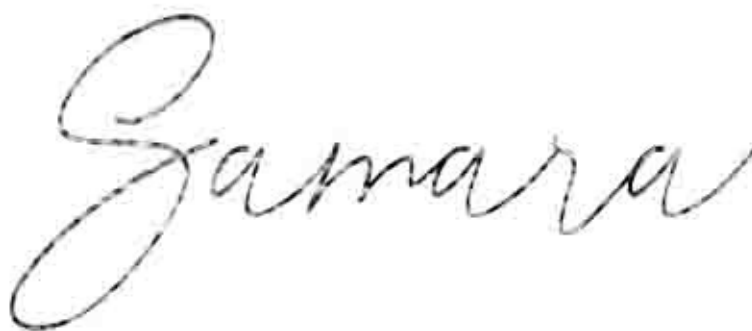
— Que erro?

— Não ter vindo atrás de você há três anos, quando foi embora sem se despedir. — Ela desvia os olhos. — Não ter me lembrado do beijo que te dei naquela noite. — Samara torce as mãos. — Não ter te tirado para dançar naquele maldito baile de formatura e ter sido o seu primeiro.

— Alexios, esses momentos não voltam mais...

Toco seus lábios com o dedo, e ela me encara.

— Eu sei, não vim apenas lamentar minha burrice, vim dizer que você é, sim, minha melhor amiga, a pessoa em quem mais confio nesse mundo, minha confidente, conselheira e tantas outras coisas que eu ficaria horas listando. Samara, você sempre esteve ao meu lado, e eu nunca tive dúvidas de que continuaria a estar. Você é meu porto seguro, é meu alicerce, meu lar. — Vejo uma lágrima cair em sua face e a intercepto com a ponta do dedo. — Eu reconheço que nem sempre correspondi a tudo o que você me dava. Eu estava tão ferido que só conseguia sentir minha dor, fui egoísta e justamente com você, que sempre compartilhou comigo todo o meu sofrimento, me entendeu mesmo que eu nunca tenha precisado explicar.

— Alexios, eu nunca tive dúvidas da nossa amizade.

— Eu sei, nem eu. — Sorrio. — Não foi somente por ela que vim aqui.

Vejo o movimento de sua garganta ao tragar a saliva devagar.

— Por que você veio?

Não tem mais volta! Agora é hora de me expor e rasgar minha alma, renunciar a todo o medo, toda a insegurança e o sentimento de inferioridade que sempre me fez temer sentir por ela mais do que o seguro sentimento de amizade.

É hora de dizer as palavras que nunca disse para ninguém.

41

Samara

Alexios veio atrás de mim!

Diego autoriza a entrada de Kyra e Alexios, e eu olho para as minhas mãos, trêmulas, coração disparado, a cabeça cheia de questionamentos, mas mando-me ter calma, não criar expectativas, não me iludir.

— Eu vou esperá-los lá fora — Daniel avisa, e eu nego.

— Não tem necessidade disso, Dani, são meus amigos!

Meu irmão sorri, anda até onde estou e beija minha testa.

— Eu sei disso, mas ele não veio até aqui pela sua amizade, isso ele já tem, mesmo longe, sempre teve. — Arregalo os olhos, e minhas mãos suam. — Se Alexios veio sem avisar atrás de você, é porque se deu conta do idiota que é, e, Samara, eu não vou facilitar para ele.

— Dani...

— Confia em mim, é só uma conversinha rápida, nada de mais!

Ele sai e deixa a porta semiaberta, permitindo-me ouvir as vozes no corredor. Estou nervosa e fico ainda mais quando ouço a voz de Alexios, que cumprimenta Daniel e pergunta por mim.

Vou até a janela, agradecida por ser um dia tão bonito de primavera, tentando ordenar meus pensamentos e sentimentos antes de conversar com ele. Não sei se

veio até aqui para retomar aquele pedido de casamento absurdo ou se...

— Ei, Malinha! — Kyra para ao meu lado na janela, olhando para o céu e para as construções que formam minha vizinhança. — Está um dia lindo!

— Está, sim. — Olho-a. — O que significa isso, Kyra?

— Uma visita! — Pisca para mim. — Eu adoro Madri e estava mesmo precisando de uns dias de primavera europeia.

Bufo, detestando que ela seja tão obtusa com tudo, principalmente com esse momento.

— Por que Alexios veio? Da outra vez ele nem...

— Ele veio porque se deu conta de algo que estava bem na cara dele, mas que ignorava por medo ou por não acreditar que merecia. — Meus olhos se enchem de lágrimas. — Sim, eu sempre desconfiei, mas era meu dever de amiga não criar mais ilusões em você, porque eu sabia que ele tinha que se dar conta sozinho. — O sorriso de Kyra é gigante. — Você não está iludida, nunca esteve ao esperar – mesmo sem querer – que isso acontecesse um dia. Só te peço uma coisa, não facilite para ele — sorrio ao ouvir as mesmas palavras que meu irmão disse. — Alexios precisa colocar para fora mesmo sem ter certeza dos seus sentimentos com relação a ele. Deixo-o falar tudo, Samara.

Assinto, secando as lágrimas, o coração apertado de ansiedade.

— Ele vai te dizer as palavras, mas acredite, são mais do que isso. — Ela me surpreende ao me abraçar. — Eu te amo, Malinha!

Não tenho tempo nem de responder, pois a doida metida a durona se sacode toda, como se expulsasse todo esse sentimentalismo e sai da sala.

Não demora muito, ouço os passos de Alexios e o vejo parada na entrada da sala. O ar à minha volta parece vibrar, minha pele se arrepia toda e esquenta de antecipação, meu coração está mais agitado do que uma escola de samba quase estourando o tempo de desfile.

— Oi, Alexios — saúdo-o. — Eu não esperava...

Paro de falar assim que ele cruza a sala com passada largas e fica a um palmo de distância de mim. Sinto uma espécie de energia estática, um magnetismo tão grande que preciso me travar no chão para não ir ao encontro do seu corpo.

Não vou facilitar!

— Eu tinha que vir. Cometi um erro anos atrás, não vou cometê-lo de novo.

Enrugo a testa. Do que ele está falando?

— Que erro?

— Não ter vindo atrás de você há três anos, quando foi embora sem se despedir. — Isso me pega de surpresa, pois raramente o ouço admitir suas

cagadas, principalmente suas atitudes egoístas. — Não ter me lembrado do beijo que te dei naquela noite. — *Ai, porcaria, como vou conseguir não chorar?* Aperto as mãos, tentando ter autocontrole. — Não ter te tirado para dançar outras vezes naquele maldito baile de formatura e ter sido o seu primeiro.

Meu sonho daquela noite, minha ilusão! Isso era tudo o que eu queria, mas já não adianta mais pensar sobre isso, as coisas aconteceram como tinham que acontecer.

— Alexios, esses momentos não voltam mais...

Ele me faz parar de falar ao tocar seu indicador sobre meus lábios, e eu volto a olhá-lo.

— Eu sei, não vim apenas lamentar minha burrice, vim dizer que você é, sim, minha melhor amiga, a pessoa em quem mais confio nesse mundo, minha confidente, conselheira e tantas outras coisas que eu ficaria horas listando. Samara, você sempre esteve ao meu lado, e eu nunca tive dúvidas de que continuaria a estar. Você é meu porto seguro, é meu alicerce, meu lar. — *Lar?* A palavra parece pequena e simples, mas eu sei bem o significado dela para ele. Lar foi tudo o que ele nunca teve e que sempre sonhou construir para si e para Kyra. Era sua meta, a coisa mais importante de sua vida. Não consigo impedir que uma lágrima caia, e ele a limpa. — Eu reconheço que nem sempre correspondi a tudo o que você me dava. Eu estava tão ferido que só conseguia sentir minha dor, fui egoísta e justamente com você, que sempre compartilhou comigo todo o meu sofrimento, me entendeu mesmo que eu nunca tenha precisado explicar.

Toda a nossa história parece passar pela minha cabeça em lembranças cinematográficas. Lembro-me com carinho das brincadeiras e aventuras, da estranheza da adolescência, dos momentos tensos em que ele tentava esconder de mim o que estava havendo dentro de sua casa, dos pedidos de socorro para Kyra e de ajuda quando precisava esconder suas marcas.

Sim, temos uma história que nem sempre foi bonita, mas sempre estivemos juntos.

— Alexios, eu nunca tive dúvidas da nossa amizade — afirmo com convicção.

— Eu sei, nem eu. — Ele sorri, verdadeiro, os olhos iluminados. — Não foi somente por ela que vim aqui.

Minha boca seca, as pernas tremem, tenho medo de não conseguir me manter de pé por muito tempo tamanha a ansiedade pelo que ele tem a me dizer. Se Kyra estiver certa...

— Por que você veio?

Alexios puxa o ar profundamente, vejo seu peito se expandir e seus ombros subirem um pouco. Ele parece estar com medo, mas ao mesmo tempo, armando-se de coragem.

— Eu amo você.

(Pausa aqui neste momento único para dizer que, se fosse um filme, certamente haveria fogos e pessoas de pé aplaudindo!)

As palavras estão aqui, cheias de emoção, de significado. Já nem sei mais por quanto tempo espero por ouvir essa confissão, sempre imaginando como seria, se ele iria falar num rompante ou iria escrever uma carta. Mais tarde, quando entrei na adolescência, sonhava que essa declaração viria após uma noite quente entre nós, na qual ele se daria conta de que eu era o sexo mais gostoso que já havia feito na vida e de que não podia viver sem mim.

Sorrio, as lágrimas se infiltrando pelos cantos dos meus lábios, e vejo a mesma emoção transbordar dos lindos olhos claros de Alexios.

Tinha que ser agora, era o tempo certo, o momento em que nós dois estamos preparados para entender a profundidade desse sentimento e termos a consciência de que é algo precioso e que deve ser valorizado.

— Eu amo você — ele repete —, não apenas como a amiga maravilhosa que você é, eu te amo por causa da mulher incrível que você se tornou; por causa da adolescente doce e protetora que você foi; e pela criança tão meiga e divertida que me fazia querer que todos os dias fossem sábado, para andar de bicicleta pelo condomínio.

Soluço, percebendo que nós nos amamos há muito tempo, e entendo, enfim, por que nunca pude apagar esse sentimento. Não era só meu, era nosso, estava apenas esperando o momento certo para que se unisse e pudesse vir à tona.

— Eu te amei mesmo sem entender o que isso significava, mas era algo tão forte que me deixava exposto, e, por tudo o que eu estava passando, eu sentia que isso era perigoso, então ignorei, tranquei o sentimento em algum lugar dentro de mim, e minhas dores e revoltas o sufocaram por um tempo. — Alexios pega minhas mãos. — Só que ele nunca morreu, Samara. Quando pude me libertar, quando cumpri minha missão de tirar Kyra de dentro daquela cobertura, eu já me sentia muito quebrado, insuficiente para você.

— Eu sempre te amei, Alexios — confesso, e ele chora. — Te amei mesmo sabendo que você não conseguiria me amar da mesma forma; te amei entendendo que, por mais que eu estivesse perto de você, nunca seria meu. Eu quis não te amar. — Ele assente. — Mas nunca porque te achei insuficiente para

mim, apenas porque pensava que eu era invisível a você.

Ele me abraça apertado, sinto os espasmos que os soluços do choro causam em seu corpo e beijo seu pescoço.

— Eu fui um medroso e te feri com meu medo — ele diz. — Perdoe-me por tudo o que eu fiz você sentir, que te feriu, magoou ou deu a entender que você não era importante para mim.

— Eu também peço perdão, Alexios, por nunca ter dito a você o que sentia de verdade e ter te deixado saber que você não era insuficiente para mim.

Alexios me beija devagar, com sentimento, uma carícia leve, plena de emoção, traduzindo em apenas um gesto tudo o que acabou de me dizer. Agarro-me a ele, deixo-o explorar minha boca como quiser, entrego-me de verdade, por inteiro, como se fosse nossa primeira vez juntos.

Sinto-me tão diferente agora, que sei que nos amamos, tão completa, como se descobrir sobre o amor dele potencializasse todo o meu tesão, tornasse-o mais forte, mais intenso, e eu fosse inteiramente consumida por ele.

Alexios me ergue em seus braços, e eu o abraço com minhas pernas para não cair. Sua boca já não acaricia, e sim parece comer a minha, roubando-me o fôlego e toda a razão restante.

Sou toda emoção, toda dele!

Ele anda comigo em seu colo, e eu abro o os olhos. Alexios beija meu queixo, o pescoço e me aperta contra si.

— Quero amar você agora.

Sorrio e concordo.

— Segue pelo corredor, primeira porta à...

Ele vai tão rápido que começo a gargalhar, o som de pura alegria enchendo os ambientes, deixando tudo mais iluminado e colorido. Sou deitada no colchão, mas continuo com as pernas em volta de seus quadris.

Alexios se movimenta, seu pau duro esfregando-se contra mim, causando-me arrepios deliciosos. Acompanho com o olhar quando ele abre o botão e o fecho da minha calça e toca o cós da minha calcinha com o dedo, brincando, entrando ou só contornando parte da peça.

— Levanta a bunda — pede, e eu lhe obedeço.

A calça é abaixada, puxada até meus joelhos. A calcinha branca, de seda e renda, aparece, e ele geme ao notar a sensualidade e delicadeza dela. Sinto-me feliz por tê-la escolhido, mesmo que não seja uma peça pequena, porque cobre boa parte do meu bumbum, brinca com a sensualidade através de seus tecidos finos e quase transparentes.

— Eu sinto seu cheiro daqui. — Fecho os olhos, mortificada, sentindo-me envergonhada por isso, mesmo que ele já tenha repetido outras vezes que é maravilhoso poder discernir meu cheiro de excitação dos outros em mim. — Eu adoro isso, Samara, é como você responde a mim, ao meu corpo no seu.

Alexios tira minhas pernas de seus quadris e, com um só puxão, livra-se da calça. Em seguida, sem dizer mais nada, ajoelha-se no chão, perto da cama, e lambe minha calcinha.

Deliro.

— Eu amo cada parte de você — diz antes de morder o elástico da calcinha e puxá-lo. — O cheiro da sua pele, que consigo sentir mesmo quando você está usando perfumes; o jeito com que seus pelos se arrepiam quando beijo sua nuca; e, principalmente, amo seus gemidos de prazer quando te faço gozar forte com minha boca.

Gemo alto, incontrolável, ao sentir sua língua dentro de mim, coletando o néctar de prazer que ele adora sentir, misturando sua saliva ao meu próprio líquido, lambuzando tudo. Ele chupa forte, sem freio, com pressa do meu gozo, com fome do meu orgasmo em sua boca.

Puxo seus cabelos, trazendo-o mais para mim, rebolo, esfrego meu sexo em sua cara sem nenhum pudor, uso seu rosto como meu brinquedo particular, sem poupar nada dele. A ponta de seu nariz movimenta meu clitóris inchado, e sinto calafrios subirem por minha coluna.

Aperto as coxas, o desejo fluindo pelo meu corpo, o tesão me fazendo refém de sua vontade. Tento controlar, atrasar, desfrutar mais da sensação do pré-orgasmo, da antecipação da liberação, mas ele não me poupa. Alexios me abocanha inteira, seus lábios se abrindo e fechando em toda a extensão da minha boceta.

— O que você está... — começo a perguntar, mas as pequenas convulsões me impedem de terminar a frase.

Explodo, transcendo, saio de mim, tamanho o prazer. Ele não para, quer mais. Ainda que não ponha muita pressão sobre meu clitóris, continua a me foder com a boca de um jeito que nunca o senti fazer.

Curto as carícias, trêmula, ainda sentindo o prazer reverberar pelo meu corpo todo. Meus pelos começam a se eriçar, os músculos do meu abdômen se contraem, e minha respiração fica mais pesada. Um calor úmido se acumula em meu ventre, sinto a diferença entre minha lubrificação normal e o líquido que está se juntando dentro de mim.

— Alexios...! — grito seu nome em uma súplica sem sentido.

Gozo novamente, um prazer diferente toma conta de mim, não tão desesperador quanto antes, porém muito mais potente. *Eu preciso dele dentro de mim!*

Não sei se digo isso em voz alta ou se Alexios entendeu do que eu precisava, pois ele enfia dois dedos e me fode tão loucamente com eles que chego a me erguer na cama. O barulho do ato é deliciosamente perverso, o som do charco que se formou entre minhas coxas é tão alto que imagino que tenha molhado tudo, inclusive o colchão.

— Vem! — chamo-o.

— Eu quero mais! — E volta a me lamber. — Quero você inteira!

— Sou sua!

Os dedos molhados deslizam para minha bunda e untam meu ânus até deixá-lo completamente encharcado. Alexios me olha quando um dos dedos se insinua dentro de mim e depois recua devagar.

Sua exploração no local é lenta, abrindo caminho devagar, alargando, preparando. O segundo dedo se junta à brincadeira, e vibro inteira quando ele me chupa enquanto fode meu rabo.

Nunca fiz sexo anal, morria de medo. Contudo, com Alexios, tenho vontade de experimentar e fazer tudo o que nosso tesão e imaginação permitirem. As sensações se intensificam, sinto-me cada vez mais molhada, excitada, então ele para e se ergue.

Fico olhando embevecida para ele quando tira a camisa, a calça, e, por fim, os calçados e a cueca. Sento-me na cama e passo a mão pelo seu corpo. Alexios fecha os olhos e levanta a cabeça, sentindo meu toque, o explorar apreciativo de seus músculos, dos pelos mantidos curtos, do seu pau.

— Você é lindo, Alexios — falo acariciando seu pênis devagar. — Perfeito!

Beijo a ponta, sorvendo a gotinha de lubrificação que ele produziu com meu toque, maravilhando-me com o gosto salgado, aguçando minha vontade de prová-lo ainda mais. Lambo-o até a base e depois volto, a língua passando por todos os relevos causados por suas veias grossas, a sensação de formigamento do sangue sendo cada vez mais bombeado para mantê-lo firme.

— Samara — ele me chama. — Chupa!

Sorrio antes de fazer o que manda, tomando-o na boca até o máximo que consigo, devorando-o como se fosse uma iguaria deliciosamente rara.

Ele é! Ele é meu!

Alexios me segura pelos cabelos, afastando-me de seu pau, ergue minha cabeça e me beija cheio de tesão, abaixando-se, encaixando-se entre minhas

coxas.

— Você é minha! — declara ao rebolar, esfregando seu membro duro em minha entrada. — Eu amo você.

Fecho os olhos quando ele me penetra, a sensibilidade da minha vagina junto ao pulsar de sua carne fazendo meu corpo todo se retesar de antecipação. Alexios ergue meus braços, retira minha blusa e deita sua cabeça entre meus seios enquanto rebola devagar dentro de mim.

Ficamos assim por algum tempo, saboreando um o corpo do outro, em movimento curtos, lentos e cadenciados. Ele me beija, lambe, cheira, enquanto está unido a mim nessa dança íntima que fazemos. Posso sentir o seu calor, a aceleração do seu coração e me ajeito para recebê-lo mais fundo.

Ele percebe minha intenção, ergue minhas pernas, encaixa meus calcanhares em seus ombros e me olha sem se mexer. Sorrio para ele, emocionada, vendo em seus olhos todas as palavras que me disse, todo o amor que ele sente.

— Eu te amo, Alexios, sempre te amei e vou amar.

A declaração o desperta do transe delicioso no qual estávamos, e, segurando minhas coxas com força, ele começa a estocar sem parar, fodendo-me do seu jeito preferido, sem freio, socando fundo.

Meu corpo responde ao dele imediatamente. Grito de prazer, salivo de tesão, empreendendo-me na viagem mais maravilhosa que alguém pode ter: a do prazer.

Os gemidos dele se intensificam, o suor em seu rosto pinga sobre minha barriga, e ele urra como um bicho, pulsando dentro de mim, levando-me consigo, no mesmo instante, ao êxtase.

Gozamos juntos, em sintonia, com a mesma força e intensidade. Ele se abraça a mim, trêmulo, ofegante, e me aperta com força, como se quisesse fundir-me ao seu corpo.

— Você é o lugar onde eu quero ficar para sempre — diz baixinho com a cabeça deitada na curva do meu pescoço, e eu sinto o coração transbordar de alegria.

42

Alexios

O dia amanhece em Madri, mas poderia ser em qualquer outro lugar do mundo, não faria diferença. Nada do que tem lá fora me chama a atenção ou me interessa, tudo o que eu quero está bem aqui, dormindo apoiada no meu peito. Pego uma mexa de seu cabelo, admirando o anelar de seus fios, enrolo-a em meu dedo como se fosse um anel.

Samara e eu passamos o dia inteiro ontem dentro deste apartamento, mais especificamente, dentro deste quarto. Depois do sexo foda que tivemos, tomamos banho juntos por um longo tempo, ambos na pequena banheira, abraçados, curtindo o momento de relaxamento pós-orgasmo um lavando o outro.

— Eu deveria ter impedido você de vir, deveria ter ido ao aeroporto — comentei em certo momento.

— Seria como a cena de um filme. — Ela suspirou. — Mas estou feliz por você estar aqui.

— Eu também!

Ela se ajeitou melhor ao meu corpo, seus cabelos presos no alto da cabeça, suas costas contra meu tórax, e eu abraçado a ela com braços e pernas. Eu não sentia a mínima vontade de soltá-la, de me separar dela, minha sensação era de

paz ao seu lado, algo que nunca tinha sentido.

— Você vai voltar comigo? — perguntei apreensivo, com medo de ela decidir ficar em Madri por um tempo ainda.

— Vou — respondeu, aliviando-me. — Eu mal cheguei aqui e já queria voltar — confessou. — Eu amo esta cidade, este país, mas ainda assim não é minha casa. Eu queria estar perto da minha família, dos meus amigos e de você.

— Por que então não ficou? — Ela riu, e, mesmo sem responder, entendi a resposta. — Eu era um asno!

— Não posso discordar disso.

Gargalhei e a apertei contra mim, beijando seu ombro úmido e cheiroso.

— Eu não mereço você. Nunca mereci.

Ela se virou e me olhou, séria.

— Então faça por merecer.

— Eu farei, Samara, juro que farei.

Ela sorriu confiante, e eu suspirei, sentindo-me o homem mais feliz desse mundo, como se a sorte estivesse realmente sorrindo para mim. O vazio que sempre esteve presente em meu interior estava sendo preenchido pelo amor dela; a raiva que sempre fervilhou em meu estômago estava aplacada, contida, como se Samara fosse a cura de todos os males.

Eu sei que pode parecer exagero, mas ponham-se no meu lugar! O que eu conhecia de amor e de carinho? Não tive isso com Sabrina, não tive isso com aquele que deveria ser o meu pai. Balanço a cabeça ao constatar que sempre tive isso dela. Eu só não enlouqueci durante aquele tempo por causa do apoio, da compreensão e do amor de Samara.

Sinceramente, não sei por que, depois de me foder tanto, a vida resolveu me dar esse privilégio que é tê-la comigo, mas não reclamo, nunca poderei reclamar. Ela é, sim, mais do que mereço, e vou passar minha vida tentando ser um homem digno de seu amor e entrega.

Samara se mexe ao meu lado e muda de posição, virando-se de costas para mim. Sigo-a, enlaço sua cintura e me encaixo no contorno de seu corpo. O cheiro de seu xampu me remete ao banho no chuveiro, depois de mais uma trepada excepcional, e meu pau acorda de vez, duro, entre as bochechas de sua bunda.

— Hum... — Samara geme e rebola. — Alguém quer dar bom-dia!

Rio e beijo seu pescoço.

— Meu pau é educado. — Ela rebola mais forte, pressionando seu corpo contra o meu. — Bom dia, Samara.

Ela suspira.

— Bom dia, Alexios.

Minha mão percorre a frente de seu corpo nu, os seios fartos, a barriguinha seca, os ossos da bacia, até mergulhar em seu sexo macio, cheiroso e convidativo. Toco-a do jeito que gosta, lambuzando meus dedos dentro de si para depois massagear seu clitóris usando sua própria lubrificação para deslizar melhor.

Samara geme e se aperta mais contra mim, abrindo mais as penas. Encaixo meu pau em suas coxas e o esfrego em sua entrada enquanto a masturbo. A movimentação é rápida, temos pressa de manhã, sempre foi assim. Encaixo minha cabeça, e ela me engole sem nenhum pudor.

Ergo uma de suas pernas e meto sem parar, fazendo-a gemer alto, contorcer-se e vibrar comigo ao ritmo que imponho. É uma trepada matinal rápida, aquela para aliviar o primeiro tesão do dia, para dar ânimo e ajudar a acordar.

Espero-a gozar, aumentando o ritmo dos meus dedos sobre seu clitóris e, quando ela o faz, sigo-a sem pudor, aventurando-me em seu prazer, curtindo a mesma onda orgástica que ela.

Continuo abraçado ao seu corpo por muito tempo ainda. Samara relaxa, ressona como se tivesse voltado a dormir, então curto os efeitos do sexo matinal, sentindo-me a porra de um homem babão, grudento, porque não consigo sair dela, de perto dela.

— Eu estou com fome — ela fala de repente.

Sorrio.

— Eu também, faz mais de 24 horas que não como nada a não ser você — brinco, e ela me olha rindo. — Seu corpo me sustenta bem, viu?

Ela se move. Gemo ao sentir meu pau deslizar para fora de seu corpo e a observo se levantar rapidamente.

— Tem um lugar aqui pertinho que tem um café maravilhoso. — Concordo. — Vou para o banho.

— Quer companhia?

Ela olha meu pau, já semiereto, e arregala os olhos.

— Mas já? — Ri.

— Sempre!

Levanto-me em um pulo só e a levo para o banho.

Samara não pôde acreditar quando eu disse a ela que ainda não conhecia Madri. Eu já havia vindo à Espanha, inclusive já tinha passado por Madri, mas não tive tempo de passear pela cidade e conhecer os pontos turísticos. Então, logo após um café na charmosa confeitaria a que ela me levou, fomos andar pela Gran Via, com suas lojas, restaurantes e teatros.

É uma experiência nova caminhar ao lado de alguém de mãos dadas, trocar beijos na rua e me sentir feliz. Essa última sensação é, sem dúvida alguma, uma experiência novíssima.

Paramos para almoçar em um restaurante que ela recomendou muito, e, preciso admitir, a comida estava excelente. Liguei para Kyra, mas minha irmã não atendeu, e Samara convidou Daniel para ir conosco ao Parque El Buen Retiro, porém, o homem declinou do convite, dizendo que ia até o Santiago Bernabéu, o estádio do Real Madri.

O parque é lindíssimo. Entendi por que ela queria tanto me levar para conhecê-lo. É um pedaço de natureza dentro da capital espanhola, com muitas espécies de árvores, trilhas e lagos.

Kyra só deu sinal de vida quando estávamos aguardando vaga para alugar um barco a remo.

— Onde você esteve? — perguntei assim que ela atendeu a ligação.

— Dormindo. — Riu. — Não dormi nada a viagem para cá, ontem fiquei andando pela cidade até tarde, fui a um bar à noite e depois despenquei no hotel, só acordei agora.

— Estava com Daniel?

— Com Daniel? Por quê?

Olhei para Samara, que também estranhou a pergunta.

— Vocês saíram juntos do apartamento de Samara ontem, por isso.

— Ah, não, tomamos um café e depois cada um foi para o seu lado. Daqui a pouco saio daqui e encontro vocês.

— Estaremos de volta ao apartamento. — Sorri para Samara. — Daniel levou as malas de Samara para lá. Amanhã ela irá devolver o apartamento ao proprietário e conversar com o pessoal do escritório onde iria trabalhar.

— Samara vai voltar para o Brasil conosco? — Kyra questionou animada.

— Eu vou! — foi a própria Samara quem respondeu, e Kyra deu um grito de felicidade.

— Ah, Malinha, agora você vai ser oficialmente minha irmã!

Samara ficou sem jeito, porque eu ainda não tinha renovado o pedido de casamento. Quero fazer tudo como se deve, como ela merece. Namorar, curtir

bons momentos juntos, pedir a mão dela aos seus pais – essa é a parte mais sensível da história – e planejar um casamento de acordo com os sonhos dela, sem pressa.

Alugamos o barco a remo e passeamos um tempo pelo Estanque Grande Del Retiro, conversando, rindo e tirando fotos. Ali, pensei em quantas coisas nós poderíamos ter feito juntos ao longo desses anos. Viagens, acampamentos, eu poderia ter lhe ensinado navegação para que me auxiliasse nos ralis, a deixaria louca de apreensão saltando de paraquedas ou fazendo voo livre em algum local turístico onde estivéssemos.

Uma vez ela me disse que queria que eu lhe ensinasse tudo o que sabia sobre sexo, mas percebi que somente isso não será suficiente. Eu preciso dividir minha vida com ela, integrá-la às minhas coisas e aprender a fazer parte das dela. Quero saber do que gosta, quero experimentar suas paixões e compartilhar nossos momentos como amigos e como apaixonados.

Ao cair da noite, a temperatura baixou muito, o que é normal, porque ainda é primavera por aqui, então chegamos à casa dela, tomamos um longo e quente banho na banheira – claro que com muita sacanagem – e só saímos da água quando minha irmã chegou.

— Pela cara de culpa, aposto que peguei os dois fazendo bobagens! — Ela piscou. — Ainda estou morta de cansaço! A que horas é nosso voo amanhã?

— À noite — informei-lhe. — Vamos sair para jantar ou pedir algo por aqui mesmo?

Kyra ficou parada, sorriso congelado, encarando-nos.

— Eu sabia que vocês ficariam lindos juntos! — Ela parecia emocionada. — É como se meu sonho de menina se tornasse real!

— Ah, Kyra! — Samara se levantou do meu lado no sofá e foi até ela para abraçá-la.

Eu deveria ficar puto com Kyra por ter escondido de mim, por todos esses anos, o que Samara sentia. Entretanto, entendo sua lealdade para com a amiga e admito que talvez eu não soubesse lidar com essa informação. Aconteceu muita coisa este ano que mexeu comigo, fez-me enxergar coisas que eu não via, talvez por isso eu estivesse pronto a admitir o que passei a vida toda tentando esconder.

O salvador do nosso jantar foi Daniel, que chegou ao apartamento com várias sacolas de comida chinesa. Por várias vezes o peguei me encarando, avaliando-me, mas depois apenas balançava a cabeça e voltava a comer.

Antes de ele voltar ao hotel, resolvemos assistir a um filme, todos juntos, e caminhamos até o cinema. Foi mais uma experiência nova e perfeita ao lado de

Samara. Claro que já tínhamos ido ao cinema antes, ela, Kyra e eu, porém nunca fiquei quase o filme todo com minha língua enfiada em sua boca.

— Vocês parecem adolescentes — Kyra reclama na saída do cinema, e eu paro de pensar no dia, apertando Samara contra mim.

— Não seja invejosa! — provoco-a de volta. — Cadê o Daniel?

— Por que você acha que eu tenho que sempre saber dele? — ela reage acuada. — Saiu no meio da sessão para fazer alguma coisa e não voltou. Deve ter tido diarreia.

— Kyra! — Samara gargalha e aponta para trás da minha irmã. — Ah, lá vem ele.

— Estavam me procurando? — Ele olha para a Kyra com uma sobrancelha erguida, e minha irmã lhe dá um gelo. — Eu vou seguir para o hotel e amanhã passo cedo lá no seu apartamento, Samara, para resolvermos juntos as coisas antes de partirmos.

— Está certo, obrigada, Dani.

Eu me despeço dele também, então ele olha para minha irmã.

— Quer dividir um táxi?

— Vocês estão no mesmo hotel? — indago, achando interessante que Kyra não tenha comentado nada sobre isso.

Ela respira fundo e nega.

— Não, ainda vou fazer algumas coisas pela cidade. É cedo para os padrões de Madri, não sou uma velha para dormir agora.

Franzo o cenho e acho interessante essa troca de farpas entre eles. Daniel nunca foi meu amigo e, por causa da idade, também não foi próximo de Kyra, porém os dois conviveram muito por conta da amizade dela com Samara, e eu nunca soube que eles tivessem problemas.

Nosso táxi chega, Samara e eu entramos no veículo, e, assim que ele se afasta da calçada, comento:

— Está um clima estranho entre minha irmã e seu irmão.

Ela ri.

— Sempre foram assim, não estranhe. — Ela suspira. — Estou cansada, mas muito feliz!

Abraço-a.

— Eu também! — Beijo sua orelha e cochicho: — Cansada demais para trepar?

Ela fica vermelha e olha para o taxista.

— Não! — Coloco a mão no meio de suas coxas. — Sossega!

Rio.

— Fiz mais do que isso no cinema! — Samara fica vermelha. — Aposto que, quando chupar você esta noite, vai estar com sabor de pipoca.

— Alex! — Ela começa a rir, nervosa, e eu a beijo.

Adoro chocá-la, vê-la ficar sem jeito, mas embarcar em todas as minhas loucuras. *Porra!* Devoro sua boca sem nenhum pudor, ligando o foda-se para o motorista. Essa é a mulher que eu amo, que me ama, e qualquer oportunidade que terei nessa vida de tocá-la, amá-la e mostrar o quanto sou louco por ela não irei desperdiçar.

Já perdemos muito tempo escondendo esse amor.

43

Samara

Acordei cedo e fiquei a manhã inteira bocejando e recebendo olhares de esguelha do meu irmão. Eu ria sem jeito, mas não comentava nada, acho que nem era preciso. Quase não dormi, a noite inteira fazendo amor com Alexios, recebendo massagem, banhos, sendo levada ao orgasmo de todas as formas possíveis.

— Você já contou a ele? — Daniel interrompe meus pensamentos de repente.

— O quê? — pergunto, sentindo-me perdida.

— Eu sei que você está vivendo no mundo da lua nesses dias. — Rio, porque é a verdade. — Mas, ao voltar para o Brasil, terá que encarar a situação que estamos escondendo há algum tempo.

Fecho os olhos e gemo, lembrando-me da caderneta e da carta que deixei para meus amigos.

— Eu vou contar para ele antes de voltarmos. — Daniel aprova. — Pensei em fazer isso ontem, mas acabamos ficando ocupados o dia todo, não vi oportunidade.

— Então crie uma, Samara. Honestidade é tudo em um relacionamento, vai por mim.

— Eu sei. — Suspiro. — Eu não faço ideia de como eles irão reagir.

— Vai contar aos dois ao mesmo tempo? — Confirmo. — Então também quero estar junto.
— Tem certeza, Daniel?
— Tenho. — Ele pega a minha mão. — Você queria lhe contar desde o início, e fui eu quem pediu a você que esperasse. Estamos juntos nessa e vamos assumir juntos essa responsabilidade.
— E se ele...
— Se ele realmente te ama, vai entender.
Assinto, não tendo nenhuma dúvida do que Alexios sente por mim, mas ainda assim fico apreensiva. Não quero decepcioná-lo, pois confiou em mim desde o começo desse assunto de sua mãe biológica, e ter escondido uma informação que possa ser importante foi injusto.

O assunto ficou martelando minha cabeça ao longo de toda a manhã, enquanto eu assinava o distrato do aluguel, conversava com as sócias do escritório no qual prestei serviço durante os anos que fiquei aqui e encerrava minhas contas de banco.
— Tudo certo? — Alexios inquire assim que entro no apartamento.
— Tudo. — Tento sorrir, mas a tensão não deixa. — Kyra está aqui?
— Estou! — ela grita, vindo da cozinha com três cervejas. — Ah, merda, vou ter que pegar mais! Esqueci que agora somos um quarteto.
Daniel ri.
— Pode deixar, que eu pego a minha.
— Ótimo!
Ela entrega uma garrafinha para Alexios e outra para mim e bebe um gole antes de fazer careta, indagando-me:
— O que está acontecendo? Por que você está com essa cara?
Respiro fundo e me sento no sofá.
— Eu tenho algo a contar, mas antes gostaria de dizer que não foi por maldade, foi...
— Samara, você está me assustando — Alexios diz sério. — O que aconteceu?
Meu irmão volta para a sala, e eu puxo o fôlego o máximo que posso antes de disparar:
— Eu reconheci uma das iniciais na caderneta — Alexios se senta numa

poltrona de frente para mim, mas não consigo encará-lo — e escondi isso de vocês.
— Por isso está faltando uma página — Kyra completa, e eu assinto.
— Quem arrancou a página fui eu — Daniel assume, e Kyra lhe dá uma olhada mortal. — E fui eu também quem pediu a ela que não contasse a vocês enquanto nós não soubéssemos o que significava.
Alexios não para de me olhar, sério, nenhuma expressão em seu rosto.
— O que tinha na tal página? — ele pergunta baixinho.
— As iniciais do meu pai — revelo, e Kyra se senta chocada, seus olhos arregalados, a boca aberta. — Foi um choque para mim também, não soube o que fazer e...
— Foi procurar por alguma evidência no escritório dele, e eu a peguei lá e a fiz me contar o que estava acontecendo. — Daniel se posta ao meu lado. — A princípio, eu não quis acreditar, mas estava lá, registrado, o nome dele em uma espécie de leilão...
— O leilão de virgens — Alexios o interrompe. — Era sobre isso os números e as iniciais, então! Já tinha ouvido falar que isso acontecia por lá.
— Puta que pariu! — Daniel fecha os olhos, e eu imagino a dor da decepção que ele sente, porque eu também a sinto neste momento. — Eu não consigo entender como ele pôde participar de algo assim!
— Nikkós deve tê-lo levado — Kyra fala. — Mas entendo a incredulidade de vocês. Tio Ben sempre foi tão reservado, tão apaixonado pela tia Ana que... — Ela me olha. — Eu entendo, Samara, também agiria assim.
— Fiquei com medo — digo, olhando para Alexios. — Papai já sofreu mais de um infarto, e mamãe estava em tratamento contra o câncer, então, tive medo de expor essa história e prejudicá-los. Depois, veio a situação com Kostas, e então nossa briga, e eu...
— Não ia me contar? — Alexios questiona, e Kyra vai até ele, tocando seu ombro como se tentasse acalmá-lo.
Olho para Daniel, porque ele não sabe o que eu fiz, então confesso:
— Ia. Mandei uma carta para o seu escritório contando tudo, inclusive pus a página arrancada junto. — Limpo uma lágrima do meu rosto. — Eu sei que foi covarde de minha parte fazer isso, mas eu não tinha coragem de te contar, mas também não queria que você não soubesse.
Alexios fica por muito tempo mudo. O rosto de Kyra demonstra sua apreensão com a forma com que ele vai reagir. O clima fica tenso, eu mal consigo respirar de nervosismo. Então ele se levanta, para à minha frente e

estende a mão.

Toco a mão de Alexios, tremendo, e ele me ergue, abraçando-me forte. Choro, arrependida, emocionada por, mesmo depois de eu lhe contar que escondi algo que pudesse ajudá-lo a encontrar o que sempre esteve procurando, eu estar sendo consolada por ele.

— Não importa, Samara, essa história já foi longe demais. — Alexios beija o topo da minha cabeça. — Não vou prejudicar sua família, seus pais, por conta de algo que nem sei se vale a pena. Eu nunca tive uma família de verdade, e sei o quanto você ama a sua, não posso prejudicá-los, pois seria o mesmo que ferir você, e isso eu não vou fazer nunca. Vamos esquecer esse assunto.

Nego.

— Você precisa saber...

— Eu preciso de você e nunca me perdoaria se, por minha causa, algo acontecesse com sua família. Você ama seu pai. Não importa o que ele fez no passado, sempre foi presente e amou você.

— Alex está certo, Samara — Kyra fala. — Além do mais, o nome dele estar na caderneta não é garantia de que ele saiba algo sobre a mãe biológica de Alexios, não é, Daniel?

— Sim — meu irmão concorda, a voz embargada. — Eu reuni uns documentos que ele guardava em um cofre na empresa. Podemos continuar buscando sem falar nada para papai...

— Eu já falei — declaro, interrompendo-o. — Deixei recado, Dani, contei o que sabíamos e disse que Alexios também ia saber.

— Samara... — meu irmão lamenta. — Quando você fez isso?

— Antes de embarcar. Fiz a carta para Alexios e deixei o recado para ele.

Daniel bufa e se senta no lugar onde eu estava. Olho para Alexios e, com o coração apertado, peço:

— Me perdoe por isso!

— Eu entendo você. — Beija-me. — Não há o que perdoar.

Olho para a Kyra, e minha amiga assente, balançando a cabeça.

— O que vocês querem fazer daqui para frente? — Daniel pergunta. — Vão continuar a busca?

— Vamos! — sou eu quem responde, segurando firme a mão de Alexios, consciente do significado das respostas sobre o passado dele: o fim do poder de Nikkós.

O retorno ao Brasil foi tranquilo, e, do aeroporto, Alexios e eu seguimos direto para o Castellani. Fui direto para o meu apartamento, e ele, para casa, a fim de trocar de roupa para ir até a K-Eng. Mal dormimos no avião, ambos preocupado com essa situação da caderneta, com medo do que poderíamos descobrir ao confrontar papai.

Uma mensagem de Daniel chega, confirmando que chegou a sua casa e que papai e mamãe ainda estão na fazenda. Eu nunca os vi passarem tanto tempo juntos desde que saí de casa, e isso é mais um motivo para eu temer.

Papai sempre foi apaixonado pela mamãe, mas ela o tratava com uma certa distância. Nunca entendi os motivos para que ela fosse assim, aceitava que era seu jeito de ser, porém, imagino como deve ter sido difícil para ele. Passaram por várias crises, ela cogitou pedir o divórcio algumas vezes, mas sempre foram pais maravilhosos e nunca deixaram nada disso nos atingir.

“Os documentos que estavam no cofre estão comigo. Vamos marcar um dia para olhá-los juntos?”

Daniel manda a mensagem, mas tenho ideia diferente.

“Vamos marcar algo aqui em casa, com Kyra e Alexios presentes. Não quero mais fazer nada sem a participação deles. Não teremos mais segredos.”

Meu irmão digita uma resposta.

“Está certo, então. Marque com eles e me comunique para levar tudo. Pode não ter nada aqui, mas ainda assim devemos olhar.”

Eu espero, de todo meu coração, que tenham respostas nesses documentos e que não seja necessário confrontar meu pai. Claro que, ao pegar o recado que deixei, ele saberá que nós descobrimos sobre sua participação em um leilão naquele bordel, mas, se ele não tiver nenhuma ligação com a mãe de Alexios, penso que não há por que expor seu erro.

Desfaço as malas, feliz ao ver algumas lembranças no meio das roupas. O

ingresso do cinema, o recibo do aluguel do barco são alguns itens que me fazem suspirar, pois, embora não fosse a primeira vez que saímos juntos, foi nosso primeiro encontro como casal.

Penso nas fotos que tenho em meu celular, o vídeo que fiz dele remando, as fotos que ele tirou de mim em momentos tão bobos e íntimos que me deixam constrangida e maravilhada ao mesmo tempo.

É real!, digo a mim mesma, sorrindo como uma menina apaixonada.

O telefone toca. Atendo feliz ao ver a foto de Alexios na tela.

— Oi!

— Oi! — ele me cumprimenta do mesmo jeito que eu, mas noto sua voz um tanto diferente.

— O que houve?

Alexios suspira.

— Acabei de descobrir uma coisa surpreendente. — Meu coração dispara, e eu me sento na cama. — Kika é filha da dona do bordel.

Fecho os olhos, sentindo-me um pouco zonza com a notícia e tento coordenar meus pensamentos.

— A Kika do Kostas?

— Sim. Eles vão demolir o sobrado, e eu estou agilizando os documentos para ele, assim como encarreguei uma das arquitetas que trabalham comigo para elaborar uma nova construção no local. Kika vai fazer uma ONG e apoiar crianças e adolescentes vítimas de abuso.

— Uau, que lindo isso! É uma forma perfeita de colocar fim a toda aquela feiura do passado.

— Sim. Hoje, na K-Eng, me mostraram uma prévia, e eu senti necessidade de ir até o sobrado. — Surpreendo-me com isso. — Eu sei que não havia mais nada lá e que o que tinha para achar, já achamos, porém me senti impelido a ir como se algo me avisasse que a chave de todo esse mistério está lá.

— Kika — concluo.

— Sim. Eles estavam lá, e ela me revelou que sua mãe biológica era a tal Madame Linete e que morou naquele lugar até ter sete anos de idade.

Meu coração se enche de esperança.

— Ela sabe algo sobre sua mãe?

— Não, mas disse que pode ajudar a achar a cafetina.

— Alex, tem certeza de que isso é seguro? Essa mulher pode ser perigosa, já sabemos do que ela é capaz.

— Sim, Kostas não está nada contente com isso, também acha que é perigoso

e quer resguardar Kika por conta da gravidez. Concordei com ele, não quero expô-la ao perigo de jeito nenhum, mas contei a ela sobre a caderneta que achei no depósito do sótão, e ela me pediu para olhar.

— É uma ótima ideia! Ela era criança, mas deve se lembrar de um nome ou outro dos frequentadores de lá. Basta torcer para que algum da época da caderneta tenha continuado a frequentar o bordel.

— Se Nikkós continuou, aposto que muitos outros também o fizeram.

Sim!, penso animada com a possibilidade de ter mais pistas sobre o passado nebuloso de Alexios e pôr fim a essa história.

— Vamos fazer uma reunião aqui em casa para examinar alguns documentos do papai que Daniel encontrou — aviso. — Convide-a para vir conosco!

Alexios ri.

— Vou fazer isso, só espero que Kyra não fique cheia de ciúmes, dizendo que agora somos uma quina!

— Ela não vai, adora a Kika! — Rio, lembrando-me da implicância de Kyra por Daniel ter entrado no nosso “trio de investigação”. — Nós vamos descobrir, Alexios, sua história será zerada também!

— Eu te amo! — ele responde de volta. — Daqui a pouco chego aí para te mostrar o quanto.

— Estou ansiosa!

Samara

— Seja bem-vinda! — cumprimento Kika assim que abro a porta do apartamento. — Kostas não veio?

— Não, ele está acompanhando o processo de Viviane Lamour. Acho que ela será pronunciada em breve por tentativa de homicídio. — Ela entra na sala e sorri ao ver Alexios e Kyra. — Olá!

— Oi, Kika! — Kyra a cumprimenta e logo saltita até ela para colocar a mão em sua barriga. — Ei, girino, a tia está louca para te conhecer, viu?

Kika gargalha com o jeito maluquinho de Kyra.

— Adoro essa coisa de girino que você inventou! — Ela abre a bolsa. — Mas agora já parece um bebê, olha!

Kyra pega a foto da ultrassonografia e me mostra emocionada.

— Ah, não é linda?! Porque certamente será uma menina!

— *Mama* Kyra ataca novamente? — provoco-a.

— Você sabe que meus instintos nunca falham! — Olha para Alexios. — Theo e Kostas já fizeram o trabalho deles direito e garantiram meus próximos Natais cheios de sobrinhos, agora falta você!

Engasgo-me com o café que estou tomando, e Alexios abre um enorme sorriso.

— Não é por falta de treinar, pode ter certeza! — Ele pisca para a irmã e, em seguida, cumprimenta a cunhada. — Vocês estão bem?

— Estamos, sim! — Ela me olha. — Estou feliz que tenham se acertado, você dois formam um belo casal.

— Samara é a melhor coisa que a vida me deu — Alexios fala, e eu não tenho outra atitude a não ser beijá-lo. — Obrigado por ter vindo, Kika.

— Estou à disposição para o que eu puder ajudar. — Ela se senta. — Adorei que marcaram hoje, porque estava tentando encontrar uma desculpa para não ir até a casa do avô de vocês.

Eu me surpreendo.

— Ele já comprou a propriedade?

— Já, era algo que estava à venda pela parte de corretagem da Karamanlis. Uma das mais bonitas propriedades que já vi, nem parece ser aqui em São Paulo!

— Aquela mansão ao estilo sítio no Morumbi? — Alexios pergunta, e Kika assente. — Filho da mãe, conseguiu o que todo paulistano sonha, a tranquilidade do mato dentro da cidade!

— Fechou até com os móveis do antigo proprietário — Kika continua. — Hoje, Madeline e ele me convidaram para tomar chá, e seu irmão quase não dormiu à noite, apreensivo, porque eu ainda não tinha dado resposta, e ele não queria que eu fosse.

— Então minha ligação hoje de manhã foi a desculpa perfeita!

— Foi! — Kika ri. — Eu gostei de Madeline, embora tenha minhas reservas ainda, afinal, ela é casada com Nikkós. O doutor Geórgios é reservado, conservador, mas eu vi o quanto gosta de Kostas enquanto ele esteve internado, por isso estava constrangida em declinar do convite.

Olho para Alexios, avaliando sua expressão com o que Kika acabou de dizer de seu avô, o homem que nunca quis conhecê-lo. Ele me olha de volta, e sinto um enorme alívio ao perceber que o relato de Kika não mexeu com ele.

— Nikkós e Madeline estiveram na casa dos meus pais também — revelo, e dois pares de olhos verdes me encaram surpresos. — Eu não disse nada porque não havia achado a visita relevante, mas posso afirmar que meu pai esteve desconfortável o tempo todo. — Lembro-me da esposa de Nikkós e sou obrigada a concordar com Kika. — Madeline parece ser muito doce, até mesmo um pouco oprimida por ele. Notei o quanto ele gosta de expor a fortuna dela e o quanto isso a constrange. Sinceramente, não entendi como alguém como ela pôde se casar com aquele monstro.

— Ele é o mestre da dissimulação, Samara — Kyra comenta. — Durante

todos esses anos, as pessoas do nosso círculo de convivência o admiravam por ter ficado sozinho e se dedicado aos filhos quando foi abandonado por Sabrina.

Concordo, pois eu mesma, se não tivesse visto tudo o que fez com Alexios, nunca teria imaginado o psicopata que ele era.

Minha campainha toca novamente, e vou abrir a porta, ciente de se tratar de Daniel.

— Desculpem-me pelo atraso. — Ele entra sem jeito e olha para Kika durante um tempo considerável, até que Kyra pigarreia, e ele pede desculpas. — Sinto muito, mas você me lembrou alguém — ele se justifica. — Daniel Schneider, irmão da Samara, como vai?

Kika fica sem jeito, mas o cumprimenta.

— Wilka Reinol, noiva de Konstantinos.

Daniel enruga a testa.

— Reinol? — Ela confirma. — É um sobrenome diferente.

Não entendo o que está acontecendo, mas sei que existe algo, pois logo em seguida Daniel me olha de um jeito estranho. Alexios oferece uma cerveja a ele, e eu sirvo suco de laranja para Kika, antes de começarmos a conversar sobre o bordel.

— Eu me lembro de algumas coisas que aconteciam por lá — Kika comenta. — Alguns rostos, nomes, principalmente dos clientes mais assíduos e que se demoravam no bar. Algumas das meninas que trabalhavam lá cuidavam de mim, me arrumavam e levavam à escola, e eu sempre ouvia algumas histórias sobre clientes.

Alexios entrega a ela a caderneta, e noto as mãos trêmulas de Kika.

— É a letra dela — confirma. — Não mudou nada até hoje!

— Tem certeza?

Ela encara Alexios e assente, visivelmente emocionada.

— Há alguns anos a reencontrei, depois que meus pais adotivos morreram.

— Quando foi isso? — Daniel a interrompe. — A morte de seus pais.

Kika franze a testa, mas responde à pergunta.

— Há 10 anos, mas eu só a encontrei há pouco mais de cinco.

Novamente olho para meu irmão, sentindo que há algo no ar, porque ele não é uma pessoa curiosa, que faz perguntas sem um propósito específico. Daniel está desconfiado de algo.

— Eu vou pegar os outros documentos que trouxe da casa de papai. — Levanto-me. — Dani, você me acompanha?

Imediatamente ele se levanta.

— Claro! — Coloca a pasta com os documentos que trouxe em cima da mesa e me segue.

Andamos até meu quarto calados, mas posso sentir sua tensão, tanto quanto eu estou tensa. Entramos no quarto, e eu fecho a porta antes de olhar para ele.

Daniel anda de um lado para o outro, demonstrando agora seu nervosismo.

— O que está acontecendo, Dani?

— Um dos documentos que achei na empresa, mas que não trouxe por achar irrelevante, é sobre um ex-funcionário da Schneider que trabalhou com o vovô e com o papai a vida inteira até se aposentar. — Ele respira fundo, para e me encara. — Plínio Reinol.

Abro a boca, espantada diante da coincidência.

— É parente da Kika?

— Eu acho que é o pai dela, Samara. — Ele se senta na minha cama. — Quando eu assumi a empresa, descobri que há anos vínhamos pagando moradia para um ex-funcionário nosso que era casado com uma professora que trabalhou em uma das escolas da mamãe. — Minhas mãos começam a suar de apreensão ao que ele está me contando. — Tentei descobrir mais, se havia alguma decisão judicial ou algum acordo que justificasse esse pagamento, mas, como não achei nada e ainda descobri que o casal já havia falecido, mandei interromper os pagamentos, e o proprietário pediu a casa de volta.

— Os pais dela morreram há dez anos — concluo.

— Exatamente, na mesma época em que eu assumi a Schneider.

— Daniel, o que você...

— Não é coincidência, Samara! — ele se interrompe, nervoso. — Eu acharia estranho papai manter uma obrigação assim com um ex-funcionário, mas não desconfiaria de nada se não fosse o fato de a filha adotiva deles ter vindo de um local que papai frequentou em segredo.

— Você acha que eles sabiam?

Daniel dá de ombros.

— Não sei o que pensar, mas só posso concluir que sim, que eles sabiam e que chantageavam o papai com isso.

Faço careta e nego.

— Em troca de um aluguel? Não faz sentido! Se fosse chantagem, pediriam muito mais do que isso.

Daniel suspira e coloca as mãos sobre a cabeça, deslizando os dedos por seus cabelos negros. Vejo o desespero em seus olhos escuros como os meus, talvez por temer que o ídolo que teve a vida toda fosse uma mentira.

— O que nós...

Alguém bate à porta. Pego rapidamente a pasta com algumas folhas que trouxe do escritório do papai e a abro.

— Algum problema aí? — Alexios indaga, olhando-nos desconfiado.

Suspiro.

— Sim, Daniel descobriu algo na documentação que pode ligar a família adotiva de Kika ao nosso pai.

Alexios arregala os olhos, visivelmente confuso.

— Eu vim avisar que seu pai está subindo. — Ele parece tão desconcertado quanto Daniel. — Que loucura é essa que vocês estão falando?

— A empresa pagou a moradia da família dela por muitos anos, e isso não era prática da Schneider.

Alexios bufa.

— Melhor voltarmos para a sala, elas estão olhando os documentos, e seu pai já deve estar aqui no andar.

Concordo com ele, deixo a pasta no lugar onde estava e chamo Daniel, que ainda parece quebrar a cabeça com o que acabamos de descobrir.

— Samara, você conseguiu achar... — Kyra para de falar assim que vê Daniel. — O que aconteceu?

— Benjamin Schneider está subindo.

Kika levanta o rosto e para de ler um documento.

— O pai de vocês é Ben Schneider? — Assinto, o coração disparado. — Meu pai sempre falou muito dele, eram grandes amigos, e sempre me dava esculturas de madeira.

Paro de respirar, olho para Daniel estupefata com o que ela acaba de dizer. Não havia chantagem, mas sim amizade, a ponto de papai presenteá-la com os mesmos mimos que fazia para mim. Meu cérebro tenta processar essas informações, mas logo a campainha ressoa pelo apartamento, e Alexios abre a porta para receber meu pai.

Chegou a hora da verdade, eu sinto isso com todas as minhas forças.

— Boa tarde! — meu pai nos cumprimenta e entra na sala, passando os olhos por mim, Daniel e depois por Kyra e... Ele fica pálido, seus olhos escuros se enchem de lágrimas. Kika sorri para ele, mas também parece se dar conta de que ele não está bem e começa a se levantar.

Benjamin Schneider leva a mão trêmula ao coração, e Daniel passa por mim, correndo como uma bala, para ampará-lo antes de ele cair no chão.

— Pai! — grito em desespero, mas Alexios me contém.

— Calma, seu irmão está com ele, e Kyra está ligando para uma ambulância.

Soluço em desespero, a mente acusando-me de ser responsável por isso, mesmo que não entenda o que ocorreu. Olho para Kika, que parece estar em estado de choque, perdida, sem entender o que está acontecendo. Kyra se aproxima dela e a abraça, e, de repente, vendo-a chorar, tenho a mesma sensação de reconhecimento que Daniel teve ao chegar, só que consigo me lembrar de com quem ela se parece.

Hadassa Schneider, a mãe de meu pai.

45

Alexios

O que estava previsto para ser uma reunião simples, com várias pessoas lendo documentos e tentando achar ligações através daquela caderneta maldita, se tornou um pesadelo!, penso ao ver meu irmão entrar como um trator no corredor do hospital onde todos estamos.

— O que você aprontou?! — Kostas esbraveja comigo.

— Dessa vez não fui eu. Kika está com Kyra e Samara no banheiro, foi apenas um susto.

— Ben Schneider está bem? — ele pergunta, mais calmo.

— Está, sim, apenas em observação por causa da pressão, que está elevada. Foi emoção, só isso, mas na hora todos pensamos que estava tendo um infarto.

Kostas se senta no banco ao meu lado.

— Kika me ligou soluçando, dizendo coisas desconexas. Fiquei louco até entender que era o pai da Samara que estava no hospital, e não ela. — Ele bufa. — O que vocês descobriram?

Penso naquilo que Daniel e Samara conversaram comigo dentro do quarto e depois na reação do homem ao ver Kika na sala. Definitivamente há uma ligação aí, e tenho medo só de pensar no que possa ser.

— Você acha que elas se parecem? — pergunto ao Kostas de repente.

— De quem você está falando?
— Kika e Samara.
Kostas franze o cenho, mas concorda.
— Elas são morenas, e, quando Samara usa os cabelos lisos, ficam mais parecidas, sim. Mas é só isso. Kika é baixinha, Samara é mais alta. Kika tem mais curvas e menos... — Ele me olha sem jeito, mas aponta para seu próprio peito. — Você sabe!
Concordo. Sim, elas têm o mesmo tipo, embora não os mesmos traços, o que não significa nada. Samara possui alguns traços de sua mãe, de ascendência espanhola, como os seus cabelos fartos e encaracolados, os olhos e os seios fartos.
Contudo, o sorriso das duas é parecido, bem como a personalidade doce e empática, embora Kika seja mais geniosa que Samara, mas talvez por tudo o que passou. Diferentemente de Kika, Samara foi criada cercada de pessoas, de mimos, teve uma criação carinhosa e normal. Pelo que eu sei de Wilka Reinol, ela batalhou sozinha para conseguir chegar aonde chegou, sem família desde que seus pais adotivos morreram.
— Por que essa comparação toda? — Kostas indaga.
Fico dividido entre contar a ele ou não, mas os questionamentos dentro de mim são tão fortes que não aguento; preciso da opinião de alguém que não esteja tão envolvido nisso tudo.
— Kika disse que Ben Schneider e seu pai adotivo eram amigos. — Kostas se surpreende. — O pai de Kika trabalhou na empresa da família da Samara desde a época do avô dela.
— Que coincidência!
— Não sei, Kostas. — Ele não entende, e eu decido abrir o jogo: — Ben Schneider pagou as despesas de moradia da família Reinol até quando teve que se afastar da empresa, depois disso Daniel assumiu e, sem entender o motivo, cortou a ajuda.
Kostas fica pasmo.
— Sim, Kika me contou isso, que eles moravam numa casa custeada pela empresa para a qual o pai trabalhou, mas que ela teve que sair assim que eles faleceram e quase ficou na rua.
— Sim, foi quando Daniel assumiu a diretoria da Schneider.
— Ainda assim não entendo o que tem a ver uma coisa com a outra. Se Kika disse que eles eram amigos, talvez foi por isso que Ben os ajudou...
— Eu peguei o documento, Kostas. O relatório que Daniel pediu mostra que

os pagamentos começaram assim que eles adotaram a Kika. — Isso desarma meu irmão. — Entende? Não antes da adoção, nem mesmo depois da aposentadoria deles, mas assim que Kika foi adotada. As datas coincidem.

Kostas levanta-se e começa a andar de um lado para o outro à minha frente, processando, assim como eu fiz, os dados que acabei de apresentar. Então, para deixá-lo ciente de tudo, dou a informação que falta:

— Ben Schneider frequentou o bordel de Madame Linete.

— Caralho! — ele xinga, mas, em seguida, tenta se controlar.

Olho na direção em que ele está parado e vejo Kika, Kyra e Samara vindo juntas pelo corredor.

— Vocês já contaram isso a ela? — ele questiona rápido, e eu nego.

— Temos que descobrir qual é a ligação primeiro.

Kostas ri, irônico, olhando para elas e dispara:

— Elas são irmãs, porra, é mais do que óbvio! — Engulo em seco e confirmo, pois também acho isso. — Puta que pariu, que confusão da porra! — Então, do nada, ele ri e me olha. — Nossa família já era uma bagunça, agora vai ficar um pouco mais!

— Ei, tudo bem? — Samara assente. — Ficou quieta o trajeto todo… No que está pensando?

Ela olha para a entrada da casa dos seus pais e suspira.

— Tenho medo do que vamos descobrir hoje. — Eu a entendo e pego sua mão. — Papai insistiu em virmos, mas não sei se devemos...

— Samara, ele está medicado, está bem, e, se pediu para que viéssemos, é porque está disposto a dizer tudo o que sabe. Seu pai foi até você naquele dia para dizer algo, ele só não contava encontrar a Kika.

Samara suspira.

— Não sei como contar a ela, mas sinto que devo. — Ela me olha. — Se ela for realmente minha irmã, quero que saiba e espero que me aceite em sua vida dessa forma.

Sinto um enorme orgulho da mulher por quem me apaixonei. Eu não tinha dúvidas de que essa seria a reação de Samara desde quando comecei a desconfiar de que essa poderia ser a ligação entre as famílias Reinol e Schneider. Sabia que Samara aceitaria Kika sem nenhuma restrição.

Minha surpresa foi Daniel.

O homem é tão engessado, tão conservador que eu temia que ele criasse problema com essa descoberta, porque, querendo ou não, mexe também no direito de herança deles. Entretanto, não, Daniel disse que, se Kika for mesmo sua irmã, deverá saber a verdade e ter a escolha de fazer o que bem quiser com a informação, decidir se irá querer ou não conhecer e aceitar Benjamin como pai.

Concordo com ele, acho o mais certo a se fazer.

— Vamos? — chamo-a para sair do carro.

— E se tudo o que tivermos seja só esse segredo de meu pai? E se ele não tiver informação nenhuma sobre sua mãe?

— Continuaremos procurando até achar ou deixar de ter importância. — Sorrio. — Se você estiver ao meu lado, estarei feliz, não importa mais o que aconteceu no passado.

Samara me beija e encosta sua testa na minha.

— Eu amo você!

— Eu também, Samara, mas precisamos ir.

Ela assente e sai do automóvel, atravessando o jardim até a entrada principal, onde Cida já nos aguarda.

— Alexios! — ela me saúda alegre. — Quanto tempo, menino!

— Oi, Cida! Nem parece que o tempo passou, continua linda!

Ela ri.

— E você, o mesmo galanteador de sempre! Não me admiro minha menina ser tão apaixonada por você!

— E eu por ela! — declaro, e Samara me abraça.

— Papai está nos esperando, Cida.

Entramos pelo grande hall da mansão. Olho em volta, notando traços do bom gosto que dona Ana Cohen sempre teve. Nunca vim aqui, parei de frequentar a casa deles quando se mudaram do condomínio e, como já não era bem-vindo nem quando dividíamos o mesmo espaço, tentei não invadir sua área nova.

— Sim, ele me pediu para levá-los até o quarto dele. Mais cedo, seus pais conversaram, e sua mãe decidiu ficar uns tempos no SPA daquela amiga dela, no interior.

— É, eu soube, Dani me disse.

Cida bate à porta da suíte e a abre para entrarmos.

— Samara e Alexios chegaram — Daniel anuncia, levantando-se da poltrona na qual estava sentado ao lado da cama.

Benjamin sorri triste ao me ver e depois foca na minha mão entrelaçada à de Samara.

— Então é mesmo verdade! — ele diz. — Alexios Karamanlis foi buscar minha filha na Espanha.

Sinto a tensão no corpo de Samara, o medo dela de uma briga ou troca de farpas entre nós. Não vou fazer isso, não tenho motivo algum que me faça machucá-la.

— Eu não tinha outra escolha, Ben. Ou a trazia de volta ou me mudava para lá. A única opção que não considerei foi ficar sem Samara.

Benjamin balança a cabeça e vejo seus olhos brilharem de satisfação. Samara amplia o sorriso ao perceber que ele não irá recriminar ou ser contra nosso relacionamento e que não ficou com mágoa pelo que houve, por a busca pela minha mãe biológica ter trazido à tona o seu maior segredo.

Sentamo-nos em cadeiras que, providencialmente, Daniel já havia posicionado no quarto. Samara não solta minha mão, não querendo perder o contato comigo, pronta para me transmitir consolo ou comemorarmos juntos.

— Peguei seu recado assim que cheguei aqui — Benjamin começa. — Fiquei pasmado ao saber que vocês encontraram algo tão antigo, que eu nem sabia que existia. Fui até seu apartamento para tentar explicar, mas então...

— Viu a Kika — Samara completa a frase.

— É, eu a vi, e já fazia um bom tempo que não a encontrava.

— Por quê? — Daniel é quem pergunta. — Por que nunca nos contou sobre ela? Por que nunca contou a ela?

— Quando Samara nasceu, Ana teve uma forte depressão. Tentei de tudo para fazer com que se recuperasse, mas ela não conseguia sair do estado de frustração em que se encontrava. — Ele respira fundo. — Não foi por sua causa. — Benjamin olha para Samara. — Foi somente por eu não ser o homem com quem ela queria ter filhos. — Suspira. — Eu nunca fui o grande amor da vida de sua mãe, apenas o substituto dele quando o perdeu em um acidente.

— Papai... — Samara se inclina na direção da cama e toca sua mão. — Eu sinto muito!

— Eu achei que ela conseguiria superar, me amar, mas nunca foi possível. Quando você nasceu, ela se lembrou dele, dos planos que os dois faziam sobre ter uma menina, e isso a tragou para uma tristeza sem fim e a total rejeição ao meu suporte, ao meu toque e ao meu amor. — Ele dá de ombros. — Não estou colocando a culpa nela ou justificando o que fiz. Não era a primeira vez que ia à casa de Madame Linete, estive lá anos antes, detestei o lugar e não voltei, mas estava me sentindo tão frustrado, tão magoado, que acabei voltando. Bebi muito naquela noite, Linete sempre foi uma bela mulher e... — Respira fundo. —

Arrependi-me no dia seguinte e nunca mais retornei. Só soube da existência de Wilka quando, depois de uma denúncia, a menina foi tirada da casa, e Linete me procurou. Ela jogou na minha cara que nunca me pediu ajuda porque não iam acreditar na palavra de uma puta e que não precisava de homem nenhum. Então, como naquela época já era possível fazer exame de DNA, ela me contou da possibilidade de a menina ser minha filha e o que havia acontecido.

— O senhor fez o exame?

— Não. — Ele ri para Daniel. — Não achei necessário. A menina tinha todos os traços de mamãe, o exame demorava muito na época, e eu não tinha tempo. Sabia da vontade de Plínio e Zelina de terem um filho, éramos bem próximos, eu confiava bastante neles, então fiz a proposta de adotarem Wilka e da ajuda que eu lhes daria. Foi uma boa escolha, nunca faltou nada a ela, e eles a criaram maravilhosamente bem.

— Ela disse que o senhor a visitava e que lhe dava miniaturas — Samara comenta.

— Assim como fazia com você — admite. — A visitei durante toda a sua infância com a desculpa de ser o patrão do pai dela. Zelina nunca soube de nosso trato ou da ligação verdadeira entre mim e sua filha. Quando Plínio morreu, eu já estava doente, cansado por causa dos problemas na empresa e, na época em que infartei, nem soube da morte de Zelina.

— Eu assumi e descobri o contrato e os recibos de aluguel. Por que era a empresa quem pagava e não o senhor?

— Eu tinha receio de sua mãe descobrir, então, pela empresa era mais fácil fazer essa transação. Eu me apaixonei pela menina, tão assustada no começo, mas que crescia com um coração enorme, assim como vocês. — Ele olha para os filhos. — Só descobri que Daniel havia parado os pagamentos da casa mais de um ano depois, quando retornei para a empresa como consultor. — Dani confirma. — Contratei alguém para encontrá-la, então descobri que estava morando em uma espécie de república, trabalhava em uma loja e fazia faculdade à noite. Acompanhei-a de longe, vendo-a crescer sozinha, cheio de orgulho, mas covarde demais para ir até ela. Pensei que, quando se formasse, poderia conseguir algo para ela na Schneider, mas ela, por mérito próprio, entrou na Karamanlis.

— Coincidências da vida! — Daniel fala. — Ela foi trabalhar na empresa da família de um dos maiores frequentadores do bordel onde nasceu.

— Pois é, mas nessa época Theo já havia assumido, e Nikkós estava na Grécia, o bordel tinha sido fechado, e Linete, presa.

— Tudo resolvido! — digo com ironia, e ele me encara.

— Sim, eu pensei isso na época, mas não significa que fiquei bem comigo mesmo. Nunca a esqueci, apenas me conformei com não a ter por perto. Vocês vão contar a ela?

— Acho que ela merece saber, pai — Samara responde.

— E decidir o que irá fazer depois disso — Daniel completa.

Benjamin fecha os olhos e balança a cabeça.

— Pai, sobre a caderneta...

— Samara, aquilo foi um erro pelo qual me arrependo e tive que pagar muito caro. Ainda pago até hoje.

— O que você sabe sobre meu nascimento? — decido fazer a pergunta que está engasgada na minha garganta desde que entrei.

Benjamin olha para o filho, vejo seus olhos ficarem úmidos, então, ele respira fundo e começa a me contar:

— Quando eu a conheci, já estava grávida. — Meu coração se aperta, a sensação de, finalmente, descobrir sobre meu passado me atingindo forte. — Não sabia que era um filho de Nikkós, apenas a vi passar, o ventre inchado, e fiquei um tanto assustado.

— Por quê? — inquiro confuso.

— Ela era uma menina, Alexios — a informação me desarma. — Não parecia ter mais de 15 anos, mas soube que tinha completado 16. — Samara ofega ao meu lado. — Fiquei apavorado. Havia dado lances, movido pela bebida, por uma garota que anunciaram ter 18 anos, mas então comecei a questionar a verdadeira idade de todas.

— Nikkós falou a você sobre ela?

Ele nega.

— A prostituta que bebeu comigo naquela noite foi quem me contou tudo, dizendo que a outra havia tirado a sorte grande e engravidado do cliente mais rico da casa.

A revolta ameaça tomar conta de mim, mas Samara aperta minha mão. Solto o ar devagar, tentando ouvir tudo o que ele tem para me dizer antes de ter qualquer reação.

— Então ela engravidou com o propósito de extorquir dinheiro de Nikkós — presumo. — Como ele sabia que a criança era dele?

— Porque não tinha como ser de outro. Eu mesmo questionei isso, foi então que a mulher comigo me disse que a menina havia sido um presente para Nikkós assim que completou 15 anos e que o serviu até que se descobriu grávida.

— Meu Deus! — Daniel exclama, abismado demais com a podridão da minha história.

— Ela não era prostituta, então?

— O primeiro e único cliente dela foi seu pai, até onde soube. Ela era especial por ser a irmã caçula da dona da casa. — Benjamin olha para Samara. — O nome dela era Leila, tinha 16 anos quando você nasceu e nunca mais foi vista.

Levanto-me, incapaz de ficar parado, sentindo todo meu corpo tremer e o estômago embrulhar a ponto de me fazer respirar fundo para não vomitar. Minha mãe era uma garota inocente que foi usada pela ganância daquela cafetina imunda e pelo louco do meu pai, que abusou dela, serviu-se dela como se fosse uma mercadoria e depois...

— Ele a matou? — pergunto, o pranto fazendo minha voz sair intercortada.

Samara abraça minhas costas. Sinto meu coração se acalmar imediatamente ao seu toque, mas continuo a tremer, a imaginar o horror que a menina sentiu.

— Eu não sei, Alexios, realmente não sei. Depois disso passei anos sem pisar naquele lugar e, quando retornei, já não falavam mais do assunto, todos tinham medo. Sabiam que ele tinha pegado você assim que nasceu e desaparecido com ela.

O filho da puta nunca me contou a versão verdadeira, constato isso, rindo feito louco, pois passei anos imaginando qual história era a verdadeira, e não era nenhuma delas. Um sádico de primeira linha era o que ele era.

Leila, o nome dela era Leila, e tinha só 16 anos! Está prestes a fazer 50 se estiver viva. Não sei se ela não me quis ou se não foi lhe dada a opção de me querer, mas isso já não importa, nunca terei essas respostas, encontrá-la será como achar agulha em palheiro.

— Isso é tudo o que eu sei, e sinto muito se não pude ajudar mais — Benjamin completa. — Agora se acabaram todos os segredos, não há mais motivo para eu continuar ajudando-a a fugir da cadeia...

— Quem, pai? — Daniel sonda, e eu olho Benjamin.

— Linete. — Surpreendo-me. — Ela tem me chantageado por anos com essa história de Wilka, e, sinceramente, vocês terem descoberto só me mostrou que eu deveria ter contado tudo há muito tempo. — Ele suspira. — Talvez eu ainda tivesse tempo para conquistar o carinho da filha que nunca pude criar e não teria me sujado tanto!

— Você sabe onde ela está?! — inquiro descontrolado, e Daniel se levanta. — Talvez ela saiba mais...

Benjamin nega.

— Ela me envia números de contas de vários bancos e agências diferentes, em nome de laranjas, e eu deposito a quantia que pede. Não sei onde ela está e, sinceramente, não acho que ela te diria a verdade. Seu pai se encarregou de fechar a boca daquela mulher de forma eficiente. Além disso... — olha para Samara — ela pode ser perigosa.

— Temos noção disso, pai — Samara diz e toca meu ombro. — Ela chantageou a Kika também, ameaçou-a, só por isso demonstra que não tem nenhum tipo de moral ou sentimento.

— Ela fez isso? — Benjamin se ergue na cama. — A desgraçada prometeu ficar longe da menina!

— Não dá para confiar na palavra de um ser tão sujo! — Daniel comenta. — O senhor está bem? Fique calmo, sua pressão subiu. — Ele olha para o aparelho que monitora o pai. — Acho melhor encerrarmos essa conversa.

Concordo, não querendo prejudicá-lo, grato por ele ter me contado pelo menos algo verdadeiro sobre minha mãe e minha história.

— Eu sou sobrinho dela — comento com Samara, desgostoso, ao sair do quarto.

— Não, você é primo da Kika! — Ela ri e entrelaça a mão na minha. — Agora, sim, nossa família virou uma bagunça!

Rio e concordo, adorando o jeito positivo com que ela vê a vida.

— Kostas já havia dito isso sem saber do meu parentesco com sua futura esposa, não quero nem pensar quando tivermos filhos!

Samara parece pensar sobre o que nossas crianças serão dos filhos de Kostas e Kika, mas parece não chegar a conclusão nenhuma e começa a rir. Sorrio para ela, mas ainda sinto uma pressão em meu peito, algo estranho, como o que senti quando fui até o casarão por impulso e encontrei a Kika.

— Não acabou ainda — declaro de repente e aponto meu coração para ela. — Eu sinto que há mais!

— Eu sei, eu também sinto isso, mas não importa quanto tempo passe, Alexios, nós vamos descobrir tudo, eu prometo a você.

Abraço-a.

— Casa comigo? — faço o pedido que tenho ensaiado e planejado desde que fui até ela em Madri. Queria algo especial, com flores, champanhe e música. Contudo, não há outra pergunta a ser feita agora a não ser essa. Quero-a comigo para sempre.

Samara ri entre lágrimas e risos e assente.

— Pensei que não ia pedir mais.

— Estava ensaiando algo bonito, mas acho que essa coisa “planejadinha” e conservadora não combina comigo. — Beijo-a. — Eu amo você, quero você para sempre, você é meu chão, é meu norte, é meu sonho e minha realidade. Eu só espero poder ser tudo isso para você também, sempre que precisar!

Samara chora, balançando a cabeça, então Daniel aparece e toma um susto ao vê-la aos prantos.

— O que aconteceu? — pergunta assustado.

Seguro-a forte em meus braços e o encaro.

— Você acaba de ganhar, oficialmente, um cunhado — conto, e ele arregala os olhos. — Samara aceitou meu pedido de casamento.

46

Alexios

— Eu estou tão zonzo que parece que tomei um porre de cerveja ruim! — Millos ri, sentado comigo ao balcão do pub a que sempre vamos juntos.

Rio da piadinha sem graça dele e tomo mais um gole do chope.

— Eu sei, fico confuso às vezes, mas é isso, sou primo e cunhado *duas vezes* de Kika.

— Para ficar mais confuso ainda, só falta a Kyra se casar com o Daniel. — Millos gargalha. — Impossível, mas seria engraçado!

Fecho a cara, não gostando nada da provocação. Só Millos mesmo para pensar algo assim!

— Você pensou sobre o convite do *pappoús?* — sonda.

Respiro fundo.

Não queria falar sobre esse assunto, não hoje, que estamos ele e eu aqui, comemorando o fato de eu estar comprometido, apaixonado e reorganizando minha vida em busca da felicidade.

Há alguns dias, Millos me ligou para transmitir o convite de Geórgios Karamanlis, que decidiu fazer uma reunião familiar em sua mansão nova e quer a minha presença.

— E ele supõe que eu deva me sentir honrado pelo convite, não? — ironizei

antes de encerrar a ligação e o assunto.

Tarde demais!

Samara ainda tentou racionalizar as coisas dizendo que isso também faz parte do processo de zerar meu passado para poder seguir em frente, mas eu não concordo com ela. Ele não tinha nenhum motivo para me rejeitar, nem mesmo me conheceu ou teve qualquer tipo de ação, carinhosa ou não, em relação a mim.

Eu não existia para Geórgios Karamanlis, e ele passou a não existir para mim também. Isso não tem por que mudar, não vai fazer qualquer diferença no meu futuro simplesmente porque ele não fedeu nem cheirou para o meu passado.

Descartei a ideia e encerrei os discursos de Samara sobre família e a idade do velho trocando suas palavras por gemidos de prazer, utilizando um dos presentes que dei para ela, um vibrador potente, antes de treparmos gostoso.

Ah, isso, sim, é pensamento bom: os brinquedos que compramos juntos e que estou louco para usar, um por um, com ela. Foi divertido ver sua cara ficar vermelha a cada coisa que a mulher do sex shop nos mostrava, mas a curiosidade e vontade eram muito maiores do que o constrangimento, e ela quis levar tudo para casa.

Testamos até agora o vibrador e um pequeno plug anal, com um gelzinho que a atendente da loja recomendou que levássemos se fosse uma iniciação ao ato.

— Ou seja, ela quer saber se seu cu ainda é virgem! — cochichei no ouvido de Samara e estendi a mão para a moça da loja. — Queremos levar isso também!

Confesso que fiquei um tanto temeroso de aquilo anestesiar demais o rabo dela e eu acabar a machucando, mas não, ele é uma espécie de dessensibilizante, só a deixa mais confortável e não sem sentir nada.

Ainda não o usei com o meu pau, porque estamos quebrando o gelo aos poucos, usando os plugs para que ela se acostume. Não posso reclamar dessa espera, principalmente porque posso foder sua boceta enquanto mantenho o plug em seu rabo, e isso é um tesão só!

— Alexios? — Millos me chama, e eu dou um pulo. — Estava começando a ficar preocupado com sua cara para mim. Parecia que queria me comer!

Faço careta.

— Você não faz meu tipo! — Millos ri, e eu decido encerrar o assunto da festa de família à qual fui convidado. — Não aceitei e nem vou aceitar o convite, Millos, assunto encerrado. Não há possibilidade de eu colocar Samara no mesmo ambiente que Nikkós por livre e espontânea vontade.

— Então problema resolvido, meu caro! Ele vai retornar para a Europa. Parece que houve algo que requer a presença de Madeline na Suíça, e ele foi

com ela.

— Achei que era a esposa dele que estava organizando a tal festa.

— Era, sim, mas aconteceu esse imprevisto, e eles foram embora hoje. Foi um alívio para o *pappoús*. Embora ele lamente profundamente que Madeline não estará presente, ficou feliz por ter o filho longe, pois ninguém iria aceitar o convite caso ele estivesse aqui.

Sim, imagino que, assim como eu, nem Theo, nem Kostas querem expor suas famílias àquele homem nojento. E eu nem considerei que Kyra cogitasse a ideia de ir a esse encontro, mas agora, talvez, ela vá.

— E Kyra?

— Confirmou presença, só faltam você e Samara.

Bufo, sentindo-me encurralado.

— Vou conversar com Samara e te ligo depois para confirmar ou não.

— Gosto desse novo Alexios, tão domesticado e racional.

— Vai se foder, Millos! — Bebemos juntos. — Mas, sim, confesso que também gosto desse novo Alexios: feliz!

Ficamos mais um tempo conversando, então ele vai embora, e eu tomo uma última cerveja antes de ir para a calçada pegar um táxi para ir ao encontro da minha mulher em casa.

Minha mulher! Essa expressão me enche de orgulho e, mesmo que ainda não estejamos casados legalmente, eu já enxergo a Samara assim. Fodam-se as convenções, o que nos importa é aquilo que sentimos.

Olho para o celular, um tanto trôpego, e confiro que fiquei no bar mais tempo do que tinha planejado.

“Já estou indo, amor. Desculpa a demora, Millos fala como uma velha fofoqueira!”

Samara aparece online, mas não me retorna a mensagem, ao invés disso envia uma foto.

— Puta que pariu! — Olho para a rua, desesperado por um táxi para chegar logo à casa dela.

Samara está usando uma das fantasias que compramos, de policial, com direito a algemas e cacetete.

“Eu confesso, bebi demais, xinguei um cara que encostou em mim no bar e cantei uma gostosa, mas só porque a confundi com você!”

Ela digita:

“Anjinho rebelde, você transgrediu muitas regras hoje, vai ter que dormir algemado esta noite! (Ei, espero que essa história de ter cantado alguém seja mentira!)”

Meu pau pulsa na calça, agitado, querendo-a, então, enquanto o táxi não vem, começo a digitar uma sacanagem pesada para deixá-la animada, mas algo do outro lado da calçada me chama a atenção.

— Chicão?

Aperto os olhos para focar melhor e confirmo ser meu amigo. Abro a boca para chamá-lo, mas então uma mulher surge, saindo de um carro parado perto da área mais escura da calçada. Sorrio, achando-o muito safado por estar tendo um encontro no escurinho. Um carro passa e ilumina o casal, fazendo-me reconhecer de pronto a mulher que vi apenas uma vez, em frente ao prédio da Karamanlis e que me deu a pista sobre o casarão.

Fico paralisado, olhando-os conversarem, rirem e depois o vejo abraçá-la e se afastar. Guardo o celular no bolso, esqueço o táxi e o sigo, mantendo-me distante do outro lado da calçada.

Chicão vira a esquina. Atravesso a rua correndo para não o perder de vista e então o vejo entrar em um prédio simples de apartamentos. Dou um tempo, esperando para ver se ele vai sair e, quando nada acontece, vou até a entrada e confiro os nomes no interfone.

Figueiroa! Sinto o corpo todo gelar ao perceber que ele tem um apartamento na cidade, mesmo quando diz que não tem morada certa e fica comigo, hospedado como um hippie em minha sala.

Tento olhar além da porta de ferro e vidro da entrada, mas, ao que parece, não há porteiro no prédio. Bufo de raiva, olho para cima, para o andar do número do apartamento junto ao seu nome na campainha do interfone, calculando qual deveria ser sua janela, o tempo todo questionando o motivo de suas mentiras.

Decido ir embora e voltar aqui outro dia, quando uma moto de entrega por aplicativo chega com sacolas de comida, toca o interfone de algum morador e entra. Sigo atrás dele, subindo as escadas ao invés de utilizar o elevador,

nervoso, o pequeno pileque desfeito, tamanha a desconfiança sobre o que vi e o que estou prestes a descobrir.

Toco a campainha, mas tampo o olho mágico da porta para que ele não consiga ver que sou eu e tente fingir que não está em casa. Aperto o botão várias e várias vezes, até que ele abre uma fresta e fica lívido ao me ver.

Ajo rapidamente, colocando meu pé no vão que se abriu, impedindo-o de fechar.

— Abra a porta, me deixe entrar e me explique tudo — ordeno ofegante, cheio de raiva, devagar. — Não posso acreditar que mais isso na minha vida era mentira. Eu confiei em você, te amei como se fosse um pai, então, por favor, explique!

Chicão fecha os olhos, bufa e abre a correntinha de segurança da porta.

Entro atento a qualquer movimento dele. Já não confio mais, não tão cegamente como o fiz durante todos esses anos. A sala parece com o estilo do que eu conheci como sendo dele. Tudo muito alternativo, com vários equipamentos esportivos, sem TV e muitas, muitas fotos.

— Alexios, eu não sei o que você viu, mas...

Caminho até a mesa baixa que ele tem sobre um tapete e vejo fotos minhas, assim como de meus irmãos, em vários momentos. A garganta seca quando aparece, no meio dessas todas, uma fotografia de Nikkós com quem acho que seja sua nova esposa.

— Diz para mim para quem você trabalha — peço, controlando a raiva, tentando não gritar. — Fala, porra!

— Você não conhece — Francisco responde sério.

— Foi atrás de mim já sabendo quem eu era, não? — A dor da traição por saber que o amigo em quem sempre confiei na verdade estava ao meu lado apenas para cumprir um trabalho machuca muito. — Por quê?

— Alexios, eu não posso dizer nada, apenas acredite em mim quando digo que não fingi em nenhum momento que era seu amigo, porque eu sou seu amigo. É verdade que não cheguei até você sem querer como fiz parecer, mas isso não muda que eu quero você como a um filho.

— Não fode! — Encaro-o. — Como eu posso acreditar nisso? — Aponto para todas as fotos na mesa. — Você esteve nos espionando! Você enviou aquela mulher para me fazer ir até o casarão! — Arregalo os olhos ao me lembrar que ele estava em minha casa na época em que Kostas me entregou as chaves do casarão. — Você plantou a caderneta!

Chicão não se defende, irritando-me com seu silêncio a ponto de eu socar a

parede da sala.

— Fala, porra! — Desespero-me e ando pela sala, notando mais fotos no aparador e algumas em porta-retratos. — Eu nunca vou te perdoar caso continue calado, eu juro que...

Paro de falar ao reconhecer uma pessoa que aparece em uma foto com Francisco, os dois rindo, no meio de parreiras. Ando até a mesa de centro e pego a fotografia de Nikkós com sua esposa; é ela!

— Não! — Fecho os olhos, trêmulo. — O que você tem a ver com eles? O que você pretendia?

— Alexios, eu não fiz nada para te prejudicar, pelo contrário, estou há anos cuidando de você, protegendo, consolando e...

— Porra, fala logo o que você tem a ver com o meu pai!

Ele ri.

— Nada. — Balança a cabeça. — Eu nunca tive e nem quero ter nenhum contato com seu pai. — Olho para a foto novamente e sinto meu coração disparar. — Sua mãe me pediu para cuidar de você, e é o que tenho feito, mesmo que não concorde com o que resolveu fazer agora. Não a julgo, ninguém faz ideia do que ela passou, teve que morrer para poder viver, mas nunca se esqueceu do filho que foi arrancado de dentro de si sem que deixassem que ao menos lhe olhasse. — Despenco no chão da sala, chorando como um louco, incapaz de acreditar que, enquanto eu a buscava loucamente, ela esteve com todos, menos comigo.

— Madeline é minha mãe? — pergunto, molhando a foto dela com minhas lágrimas.

— É, sim. O nome dela era Leila até ser vendida como escrava sexual e passar anos se prostituindo no leste europeu, até que fugiu, conseguiu documentos falsos, foi trabalhar na casa de um magnata como faxineira e acabou se casando com ele. — Balanço a cabeça, tentando ver naquela mulher a garota que foi abusada e vendida. — Ela teve sorte, Alexios, muita sorte, mas no caminho viveu um pesadelo atrás do outro e não pôde esquecer nada disso.

Tento controlar meu corpo, que parece querer se desintegrar de tanto tremer. Não entendo nada do que ele me fala, parecendo fantasioso demais e totalmente sem sentido, se ela se casou com o monstro que desgraçou sua vida.

Arregalo os olhos, de repente achando sentido em suas atitudes.

— Ela não tinha intenção alguma de vir ao Brasil e me conhecer, não é?

Chicão chora, algo que nunca o vi fazer, e nega.

— Ela só queria que eu garantisse que você fosse feliz, minha missão

terminaria aí, mas então eu entendi que você nunca seria completamente feliz se não soubesse sobre ela e decidi guiá-lo na direção das respostas.

— O pai de Samara. — Ele assente. — Que sabia apenas o suficiente para me acalmar.

— Achei que resolveria as coisas para você sem expô-la.

— Ela sabe o que eu descobri?

— Sabe, por isso foi embora.

Tento segurar a dor de saber que ela se afastou quando percebeu que poderia ser descoberta.

— Por que ela não quer que eu saiba?

— Porque, assim como eu, ela tem sua própria missão, que já teria acabado há algum tempo se não fosse o que aconteceu com seu irmão.

Balanço a cabeça, compreendendo o que ele me diz. Tento não a julgar como ele diz que não o faz, porém é difícil entender por que ela acha que sua vingança é mais importante do que me contar a verdade.

— Ela quer matá-lo, não é?

— Eu não posso falar nada mais, Alexios, não devo.

Começo a rir como um louco, mesmo não tendo motivo nenhum para fazê-lo. Sempre achei que teria paz ao encontrá-la, ao conhecer minha história, mas percebo agora que dei a tudo isso importância demais. Ela sempre soube onde me encontrar, mandou Chicão para ficar de olho em mim, foi atrás de Nikkós para cumprir seus planos e, nesse tempo, nunca teve interesse algum em me conhecer.

— Não precisa falar mais nada, Chicão. — Levanto-me, enxugo meu rosto e toco seu ombro. — Sua missão está cumprida, segue sua vida e finge que nunca tivemos essa conversa.

— Alexios, ela só quer te...

— Não, ela não pensou e nem pensa em mim. Se me amasse e quisesse me ver feliz, teria vindo me encontrar e deixado Nikkós se foder sozinho, porque acredite, ele vai. Eu não tenho mãe, Chicão, e sabe o quê? — Sorrio. — Isso já não me faz diferença alguma! Não posso consertar os erros deles, mas posso não os cometer. Você provavelmente já sabe, mas Samara me ama, e eu a ela.

— Sempre soube, garoto.

— Ela é meu recomeço, minha família e felicidade. — Ele sorri e assente. — Não vou expor Madeline, vou deixar que siga com seu intento e arque com as consequências dele, seja como for.

Passo por ele, sentindo um enorme peso sendo deixado aos seus pés, para

trás. Agora eu sei de tudo, ninguém mais tem poder sobre mim por causa da minha ignorância, não vou mais ser manipulado e enganado por ninguém.

O que o futuro reservou a essa história dos dois, eu não sei, importo-me apenas com a minha, com a mulher que eu amo, com os irmãos com quem me sinto unido como nunca.

É hora de seguir em frente, virar a página e ser feliz.

O resto, é outra história!

EPÍLOGO

Samara

Quando se ama alguém, tudo o que importa é a felicidade do ser amado.

Olho para Alexios ao meu lado, seu sorriso sincero, cheio de alegria e, claro, muito orgulho, então suspiro cheia de satisfação, meu corpo trêmulo de emoção, registrando para sempre os momentos que estou vivendo.

Tanta coisa aconteceu até chegarmos aqui!

Kika chora, e eu sou levada até o dia em que Daniel e eu contamos a ela sobre papai. Vocês lembram que Kostas encomendou comigo um móvel sob medida? Pois bem, quando fomos instalar as estantes, surpreendendo-a com o presente, convidei-a para um café.

Kostas já estava sabendo da desconfiança que tínhamos sobre o nosso parentesco, e, quando fiz o convite, ele sabia que precisaria estar ao lado dela.

— Por que você não vem aqui após arrumarmos os livros nas estantes? — ele sugeriu, e prontamente aceitei. — Podíamos aproveitar que Samara é design de interiores, Wilka, e já consultá-la sobre um projeto grande para a nossa casa nova.

— Adorei a ideia! Você topa, Samara? — Kika respondeu animada à sugestão dele.

— Claro! — Sorri para Kostas, agradecida pela ajuda. — Será um prazer!

— Ah, que felicidade saber que seremos concunhadas! — Kika me abraçou. — Estou muito feliz por você e por Alexios!

Senti um embargo enorme na garganta, uma mistura de emoção e medo à reação dela ao que eu iria contar. Fiquei ansiosa demais até a chegada da data da conversa. Alexios tentou me acalmar diversas vezes e de formas maravilhosas, mas eu só ficaria bem quando pudesse dizer a ela que nós éramos irmãs.

Kika não é boba, e, quando cheguei ao seu apartamento acompanhada de Daniel, ela logo captou que aquela era uma visita mais séria do que eu tinha deixado parecer no convite.

— Você se lembra do meu irmão, Kika? — perguntei ao reapresentá-los. — Daniel é o CEO da Schneider desde que papai se aposentou.

— Lembro, sim, como vai? — Ela sorriu, mas vi em seus olhos que não entendia a presença dele.

— Wilka, no dia em que Ben Schneider passou mal, Samara e Daniel fizeram uma descoberta — Kostas foi quem introduziu o assunto. — A empresa da família deles manteve, por anos, o aluguel da casa onde você morava com seus pais.

— Eu sei, tanto que, quando eles faleceram, eu tive que sair da casa — Kika lembrou.

— Não foi porque eles morreram — Daniel começou a explicar. — Foi porque eu assumi, e papai estava na UTI, se recuperando de uma cirurgia cardíaca. — Ela franziu a testa. — A Schneider nunca pagou moradia de funcionários, e eu achei estranho quando descobri o caso de sua família, por isso mandei cortar. — Kika balança a cabeça e sorri, entendendo que Daniel só havia feito o trabalho dele. — Acontece, Kika, que os pagamentos começaram na mesma época da sua adoção, e isso, somado ao fato de sabermos que meu pai frequentou o bordel onde você nasceu, nos deixou com uma sensação de que havia uma ligação entre a ajuda e o local de seu nascimento.

Kika olhou cheia de dúvidas para Konstantinos, seus olhos cheios de lágrimas.

— Eu não estou entendendo que ligação poderia haver. Como eu disse uma vez, Ben Schneider era amigo de papai, e eu o vi bastante em nossa casa visitando-os.

— Ele estava *te* visitando — Daniel disparou à queima-roupa, e ela arregalou os olhos. — Sim, você tem razão sobre a amizade entre nossos pais. Benjamin Schneider confiava e gostava tanto do seu pai que pediu a ele um favor.

Kostas tomou a mão de Kika entre as suas, percebendo que sua noiva estava começando a entender do que estávamos falando.

— Kika — interrompi Daniel e me aproximei dela —, naquele dia meu pai

passou mal ao te ver lá em casa. Foi emoção, surpresa por ter nos visto juntos, *seus filhos* juntos.

Kika balançou a cabeça como se negasse o que eu acabara de lhe dizer.

— Sim, Wilka, eles estão dizendo a verdade — Kostas falou baixinho para ela e lhe contou o que Alexios havia lhe dito. — Quando eu fiz a denúncia e você foi tirada daquele lugar, Linete procurou seu pai e contou que você era sua filha. Ben Schneider, então, arrumou para que Plínio e Zelina Reinol, seus funcionários e amigos, te adotassem e cuidassem de você.

— Isso é tão absurdo! Mamãe dizia que há anos tentavam adotar e que, quando eu apareci, eles souberam que não podia ser outra criança, pois eu já era filha deles de coração.

— Sim, e isso não é mentira — tentei acalmá-la. — Papai nos disse que eles queriam muito um filho e que confiavam que iam criá-la com muito carinho. — Peguei sua mão. — Kika, saber que você tem nosso sangue não muda em nada o fato de que seus pais são os Reinols, só acrescenta na sua vida mais pessoas que estão muito felizes em saber que você é nossa irmã. — Olhei para Daniel, e ele assentiu.

Ela chorou, Kostas a abraçou, Daniel e eu ficamos sem saber o que falar a ela, como consolá-la, então Kika disse que sempre se sentiu só a vida toda e que saber que tinha irmãos era algo que não contava, mas que a deixava feliz. Senti um enorme alívio por ser aceita por ela e a abracei apertado, orgulhosa de ter uma irmã como ela.

— Eu ainda não sei se quero conversar com ele — ela disse sobre se encontrar com papai. — Quando meus pais morreram e tive que sair da casa, fiquei sozinha no mundo, sem apoio, sem consolo ou mesmo incentivo. Orgulho-me muito de ter vencido sozinha, ter superado todas as adversidades, porque isso me fez ser a mulher que sou hoje, então saber que ele poderia ter estado ao meu lado e não quis me machuca demais.

— Eu entendo — Daniel respondeu. — Ele sabe que errou e se arrepende de não ter estado ao seu lado, nos disse isso.

— Eu tenho pai, Daniel, e ele se chama Plínio Reinol, um homem que me criou com amor, me ensinou sobre o respeito, a empatia e a importância de ser honesto e sincero. Eu me orgulho de ser filha dele, independentemente do sangue em minhas veias. Por isso, nesse momento, por mais que eu esteja feliz ao saber que ganhei dois irmãos e um primo... — ela sorri, referindo-se a Alexios, pois Kostas já havia lhe contado que ele era filho da tia de Kika — eu ainda não me sinto à vontade para falar com Benjamin Schneider.

Confesso que entendi demais a posição dela e acho que me sentiria igual por um tempo. Kika tinha muita coisa a processar do que lhe dissemos.

Daniel contou da nossa conversa com ela ao papai e me disse que ele ficou bem abalado por ela não querer falar com ele, mas entendeu também. Além disso, meu irmão soube que mamãe havia retornado e que ela e papai ficaram horas falando e acertando todas as arestas, e nada me fez mais feliz do que saber que estavam dispostos a manter o casamento, porém de verdade, não apenas a conveniência.

— Acho que chegou a hora de eu fazer o pedido oficialmente, não? — Alexios sugeriu quando contei a ele que os dois tinham se reconciliado. — Eu não me importo com isso, mas quero demonstrar à sua família que eu a amo e que quero tudo o que você quer, tudo o que você sonha.

Senti-me emocionada com as palavras dele e concordei em marcar um jantar para a comunicação de que iríamos nos casar. Kyra se dispôs a me ajudar a montar a mesa, a deixar tudo pronto com seu bufê, pois queria eu mesma promover o encontro de Alexios com meus pais.

— Acho melhor eu fazer tudo na Ágape e trazer tudo pronto para cá — Kyra explicou, mostrando o menu que preparara. — Pensei em usar essa louça, com esses cristais e talheres, o que acha?

Concordei com o layout da mesa montada e das fotos com as amostras dos objetos.

— Sem superstição para montar meu jantar de noivado, não? — provoquei-a.

— Amiga, você não tem ideia do cagaço que eu tenho andado nesses dias! Acha que essa é a única festa que tenho montado? — Ela riu. — Kostas me convenceu a fazer um casamento surpresa para a Kika, acredita?

Fiquei feliz com a notícia, e ela suspirou.

— Contei a ele sobre meu medo, só que simplesmente ignorou isso, dizendo que nada no mundo poderia separá-los. — Concordei, pois sabia da ligação de ambos desde a infância e de como a vida se encarregara de reuni-los de novo. — Bom, não tive como dizer não, só estou tomando algumas precauções.

Gargalhei, imaginando o que ela deveria estar fazendo para prevenir afundar o casamento de seu irmão.

— Bom, também não acredito que algo possa me separar de Alexios...

— Nem eu! — Ela sorriu. — Vocês, literalmente, nasceram um para o outro, só foram idiotas demais para admitir isso.

Concordei com ela e segui com os preparativos de uma pequena reunião entre os Schneiders e os Karamanlis para lhes demonstrar nossa intenção de

casamento e de formamos nossa própria família.

Uma semana depois dessa reunião com Kyra, vi meu mundo balançar com a chegada de Alexios a minha casa completamente destruído. Quando o vi, parado na porta do quarto onde eu o esperava vestida de couro, com quepe, algemas e cacetete, soube que algo terrível havia acontecido.

Corri até onde ele estava e o abracei, senti seus espasmos de dor, mas ele não derramou uma lágrima sequer.

— Minha vida está zerada, Samara — disse, a voz embargada das lágrimas que estava contendo. — Ninguém mais tem o poder de me ferir com o meu passado. — Assenti. — Já sei o que aconteceu, como fui gerado, como nasci e quem me gerou.

— Eu sei.

Ele suspirou.

— Leila morreu — declarou, e eu arregalei os olhos. — Foi vendida como escrava sexual, condenada a viver longe de seu país, e morreu.

— Alexios, você tem certeza disso?

Ele balançou a cabeça.

— Sim, não restam dúvidas. — Segurou meu rosto e encostou a testa na minha. — A mulher que surgiu com a morte dela não é minha mãe.

Fiquei confusa, e então ele me contou tudo sobre Madeline ser Leila e estar em uma missão de vingança contra Nikkós.

— Eu a entendo de certa forma — comentei. — Não o fato de ela nunca ter se aproximado de você, mas ela odiá-lo tanto. Nós não temos ideia do que passou durante os anos em que foi obrigada a se prostituir para continuar viva, nem do que passou depois, ao fugir, estar sozinha em outra terra. — Suspirei, cheia de dor. — Você acha mesmo que ela quer matá-lo?

— Que outro motivo teria para se casar com seu carrasco?

Pensei na mulher doce que conversou comigo na casa dos meus pais, entendendo naquele momento seu olhar satisfeito ao me conhecer e por que puxou tanto assunto comigo.

Ela sabia quem eu era por causa das informações que Chicão lhe passara. Sabia da minha amizade com Alexios, do meu amor por ele e, talvez, até que ele também me amava.

Eu entendo a mágoa de Alexios, afinal, ela poderia ter ido atrás dele há muitos anos, desde que enviou Chicão, mas também percebo a preocupação dela, mesmo de longe, com o filho que lhe foi negado. Eu sei da importância que Francisco teve na vida de Alexios, resgatando-o das drogas, incentivando-o na

prática de esportes e atuando como o pai que ele nunca teve.

Indiretamente, Madeline cuidou do filho, porém, eu não entendo por que nunca se revelou a ele, e foi isso que verbalizei para Alexios.

— A sede de vingança é mais forte do que o amor que ele disse que ela sente por mim — ele afirmou.

— Infelizmente, sim — tive que concordar.

Eu nunca desistiria de estar com um filho por nada nesse mundo, nada nunca seria mais importante. Contudo, não passei pelas experiências que ela passou, então é difícil julgá-la.

A roupa de policial teve que esperar outra ocasião para entrar em ação, mas não deixei de amá-lo, consolá-lo e me entregar a ele com todo o coração naquela noite.

Foi um sexo de toques especiais, beijos intensos e muitas reafirmações do que sentíamos um pelo outro.

— Você é o amor da minha vida — ele declarou, mexendo devagar seu corpo sobre o meu, deliciando-me com o encontro de nossas carnes. — Eu sou seu por inteiro, meu corpo, meus pensamentos, minha alma. Tudo pertence a você, e me sinto completo por saber que você também me pertence.

— Eu sou sua, sempre fui! — gemi. — Amo você, vejo você, sinto você! Você é meu, Alexios Karamanlis, para sempre!

— Tudo bem? — Kyra me pergunta, arrancando-me das lembranças deliciosas.

Volto a prestar atenção ao que ela preparou, no salão de festas de sua empresa, no qual estão presentes todas as pessoas que nos importam e que torcem pela nossa felicidade.

Ponho a mão sobre meu ventre inchado, sentindo meus bebês mexendo devagarinho, lembrando-me da maravilhosa arte que é a vida crescendo dentro de mim, fruto de um amor tão grande e inabalável que venceu muitas barreiras até aqui.

Não, não estou me casando ainda, é minha festa de noivado que está ocorrendo, meses depois do que nós tínhamos planejado por conta de *fatos* que ocorreram e requereram mais atenção.

Nem pensei que ele ainda pretendia fazê-la, afinal, faltam apenas dois meses para que nossos filhos nasçam, e nós já tínhamos estabelecido que, assim como Duda e Theo fizeram, iríamos esperar as crianças nascerem para realizar um casamento simples.

Ah, não disse a vocês que são dois meninos, gêmeos idênticos, que estamos

esperando ansiosamente para conhecer, não é? A gravidez foi uma surpresa boa em um *momento tenso* para todos, que veio para nos encher de alegria e renovar a esperança de que tudo ia dar certo.

Minha irmã, com minha sobrinha Olívia no colo, vem até onde estou, ainda parada pela surpresa e me abraça.

— Você está linda! Esses irmãos adoram uma surpresa! — Ri, lembrando-se do seu próprio casamento, meses atrás. — Alexios queria se casar, mas eu sei que você quer seus filhos presentes nesse dia, então ele se contentou em uma festa de noivado como a que vocês teriam *quando tudo aconteceu*.

— Obrigada por isso! — Beijo a testa da pequena menina, que dorme tranquila. — Ter vocês duas aqui comigo... — pego a mão de Kyra — minhas irmãs, minhas madrinhas, minhas melhores amigas, é uma emoção enorme.

— E eu? — Alexios sorri.

— Você... — Abraço-o pelo pescoço. — Você é o grande amor da minha vida!

Ele me beija, provocando uma enorme salva de palmas entre os presentes.

— E você é o grande amor da minha vida, Samara! — Põe a mão sobre minha barriga. — Vocês são os meus grandes amores.

BÔNUS

Alexios

Grécia, um ano depois.

Lua de mel, finalmente!

O sorriso safado não esconde o que estou pensando, e Samara sorri, balançando a cabeça, ao descer do carro. Então essa é a famosa Villa Dorothea, a menina dos olhos da família Karamanlis, longe da agitação das praias e ilhas da moda.

— Uau! — Samara para ao meu lado, admirando o jardim bem-cuidado e a vista impressionante de um mar azul infinito. — Quando disseram que a propriedade era uma das mais velhas de sua família, não tinha ideia de que era assim. — Ri. — Confesso que esperei algo bem decadente e estranho.

— Eu sabia que seria incrível, a velha raposa não dá ponto sem nó, nem valor ao que não tem valor.

— Sim, nunca conheci ninguém mais esperto que seu avô!

O barulho da risadinha dos bebês enche o ar, causando uma mistura de sons perfeita! O barulho que vem do oceano, das aves marinhas e da felicidade de meus pequenos marujos!

Samara sai correndo ao encontro dos nossos filhos, um no colo de cada babá, e eu suspiro, pensando na lua de mel a seis que iremos ter. Não reclamo, nunca faria isso, Davi e Tiago são meus tesouros, a personificação do amor entre mim e

Samara.

O mais velho, Davi, estende seus braços em minha direção, e o pego no colo, jogando-o para o alto, fazendo aumentarem as risadas. Os dois nasceram idênticos, cabelos escuros como os de Samara e olhos na mais pura cor do mel. Olho para trás e vejo Samara de mãos dadas com Tiago, que, mal aprendeu a dar passos, já quer correr.

— Eles não parecem bebês de 10 meses — Samara comenta rindo e coloco Davi no chão também. — Têm muitos dentes e já querem andar!

Gargalho, orgulhoso.

— São meus filhos, eu nunca fui muito paciente com essa coisa de fazer as coisas no tempo certo. — Ela concorda. — Com dois anos já andava de bicicleta igual a um catiço, nadava e corria mais dos que os outros meninos maiores.

Sorrio, e ela também o faz. A sensação de poder falar do meu passado sem que isso me cause dor é maravilhosa! Claro que nada disso seria possível se não fosse o apoio incondicional de minha esposa e o acompanhamento psicológico que venho fazendo há meses.

Não é fácil viver carregando bagagens pesadas a vida toda e, de repente, ter de soltá-las, perceber que não é necessário levá-las todas de uma vez e, principalmente, que dá para compartilhar e aliviar o peso.

Apenas depois que descobri isso é que consegui pôr fim a tudo o que aconteceu no passado. Balanço a cabeça para afastar esses pensamentos, pois não estou aqui para ficar me lembrando do que já passou, tão somente para criar memórias felizes.

Meu telefone toca.

— Oi, Millos!

— E aí, já chegaram? — meu primo indaga animado.

— Já, sim, e você tinha razão ao dizer que o lugar é um espetáculo!

— Eu não erro, Alexios! — Ele ri. — Aproveitem bem esses dias antes de todos chegarem aí; depois que todos os Karamanlis estiverem reunidos nesse lugar, "adeus, paz"!

— Eu vou, obrigado pela dica! — Olho para baixo ao sentir que Davi se sentou no chão para brincar. — Vou levar os pequenos marujos para velejar um pouco, já que vieram dormindo no iate.

— O carro estava na marina esperando por vocês?

— Estava, sim, ainda bem, é um bom trecho de lá até aqui em cima.

— *Pappoús* quis a melhor vista e não se importou em calcular a enorme distância que ficou entre a marina e a casa. — Ele debocha: — Nada é

impossível para Geórgios Karamanlis!

— Estou sabendo!

Converso mais um pouco com ele, sempre de olho no pequeno Davi, que brinca na grama, e em Samara, com Tiago perto da piscina.

Mais tarde, depois de tudo acomodado em seu devido lugar, Samara e eu descemos a enorme encosta em direção ao veleiro de Millos, atracado na marina ao lado do iate de Theodoros.

Foi uma experiência única curtir o pôr do sol abraçado a ela, vendo meus meninos brincarem juntos enquanto singrávamos devagar pelo mar, sentindo o vento e o cheiro maravilhoso que vinham dele.

— Estou pensando em pintar algo aqui — comento com ela assim que retornamos à casa.

— Isso é ótimo, seus últimos quadros ficaram lindos!

— Nenhum se compara ao seu! — Beijo sua orelha.

— Ainda morro de vergonha ao pensar que nossa arrumadeira o vê cada vez que vai guardar roupas ou limpar o closet.

— Besteira. Você está linda, nunca poderia ficar escondida!

Ela sorri, envaidecida, e eu me sinto orgulhoso por ter conseguido fazer uma obra que a retratasse tão bem. Demorei a terminar a pintura, na verdade só a concluí após o nascimento das crianças, mas confesso que o resultado foi maravilhoso. O realismo na tela era tão grande que eu senti que Samara poderia ganhar vida na tela a qualquer momento. Eu a eternizei, assim como o momento em que nos entregamos um ao outro pela primeira vez, e a cada pincelada de tinta, eu ficava excitado como se estivesse pintando sua pele, não uma tela.

Ele ficou pronto quase ao mesmo tempo que nossa casa, e, quando eu disse a ela que queria colocá-lo em nosso quarto, Samara foi terminantemente contra, então negociamos duramente até que ela aceitasse expô-lo em seu closet.

Gosto dele lá, de trocar de roupa, vindo do banho, e me vestir olhando suas costas, a curva de seu quadril, os cachos de seu cabelo espalhados pelo travesseiro branco, deixando sua nuca à vista, um local que eu adoro beijar.

— As crianças já dormiram? — Samara me pergunta dentro do banheiro, pronta para tomar banho.

— Já, passei há pouco no quarto delas e conversei com as babás. — Abro uma das minhas valises e pego algo que trouxe especialmente para ela. — A essa

hora, estão todos dormindo.

Ouço o barulho do chuveiro, espero ansioso que ela acabe, sentado na cama, pronto para dar o bote assim que ela sair.

— Vou passar lá também, eu fiquei um tempão ao telefone com papai e...

Pulo da cama quando ela sai, vestindo apenas um roupão. Samara arregala os olhos quando eu a viro de costas para mim e vendo seus olhos.

— Estou te raptando. As crianças estão bem, e nós vamos dar uma voltinha.

— Alexios! — Ela ri. — O que você está aprontando?

— Foi uma dica que peguei com Millos.

— Ai, meu Deus!

Rio da sua preocupação, mesmo que saiba que ela está tão ansiosa quanto eu. Nosso fogo nunca abaixa, nossa paixão nunca diminui, mesmo durante a gravidez não conseguimos estar longe um do outro, das carícias e do prazer que nossos corpos nos proporcionam.

Levo-a devagar para a área externa da casa, um local que tenho certeza de que ela irá amar quando o vir.

Mais cedo fui até lá para organizar tudo. Cada detalhe lá foi feito pensando em agradá-la, em lhe mostrar o quanto a amo, minha amiga, minha companheira, minha amante e esposa.

Paro próximo à porta de vidro e sussurro em seus ouvidos:

— Preciso que fique aqui, que não tire a venda, ok?

— Certo!

Entro no local e faço os últimos ajustes o mais rápido que consigo antes de voltar até onde ela está e retirar sua venda.

— Nossa lua de mel começa hoje!

Samara abre a boca em total deslumbre, olhando em volta da enorme estufa toda de vidro e cheia de plantas. Eu sabia que ela iria amar, porque, além daquele jabuti raivoso – apenas comigo, porque as crianças já fazem dele gato e sapato –, Samara adora plantas!

Ela caminha entre as flores, o lugar todo iluminado por velas, e para no meio, onde mais cedo eu improvisei uma cama e a cobri com pétalas de rosa. Ao lado dela, uma mesa baixa com um balde de gelo, champanhe, uvas e chocolates.

Aperto o play no aplicativo de música, e Samara sorri ao ouvir a música do nosso casamento, a mesma que tocou naquele baile, a qual não dancei com ela.

Endless Love toca baixinho, e eu estendo a mão em sua direção, convidando-a para uma dança.

— Eu amo você! — declara-se emocionada.

— Não mais do que eu!

Dançamos juntos, e a escuto balbuciar parte da letra, sabendo que cada palavra é dita com verdade. Canto junto a ela, sentindo meu coração disparar a cada estrofe, declarando-me através da canção, reconhecendo que ela é meu amor infinito.

Abro o roupão, descobrindo seu corpo, que já conheço tanto, mas que, a cada vez que toco, parece ser a primeira vez. Desnudo seus ombros e os beijo devagar, seu pescoço, o lóbulo macio da orelha, até voltar minha boca para a sua.

Samara abre minha camisa, suas mãos espremidas entre nossos corpos, porque não há como eu me afastar dela. Deixo-a tirar a peça e aproveito para jogar seu roupão no chão, enquanto ela abaixa minha bermuda, levando junto minha cueca.

— Me toca! — peço e gemo ao sentir sua mão segurar meu pau com firmeza.

Sou apaixonado pelo jeito com que ela me pega, dona de mim, dona do meu corpo e do meu tesão. Samara consegue ser essa mulher doce e apaixonada, ao mesmo tempo em que é decidida e firme com seus desejos.

Muitos podem julgá-la precipitadamente, achando-a frágil ou até mesmo boa demais, porém eu sei o quanto essa mulher é uma fortaleza, mesmo sendo delicada.

Essa é a característica que mais amo nela! Ela é forte sem ser bruta, como um diamante já lapidado, brilhante, parecendo frágil, mas de uma firmeza impressionante. Lembro-me do parto dos nossos filhos e de ela se manter firme enquanto dava à luz naturalmente, dentro de uma banheira, acompanhada pelos médicos, a doula e eu.

Nunca admirei tanto alguém quanto a ela. Samara estava sofrendo com dores, teve que passar por dois nascimentos consecutivos, mas não levantava a voz, não gritava e, sempre que me olhava, tinha um sorriso emocionado e sussurros de amor.

Eu verdadeiramente não me importaria se ela esbravejasse, xingasse ou mesmo me expulsasse de lá, pois compreendia o sacrifício que ela estava fazendo por amor ao trazer ao mundo nossos filhos. Entretanto, não seria minha Samara se fizesse isso. Mesmo com dor, ela estava radiante de felicidade!

Eu, nervoso “pra caralho”, tentando passar uma falsa impressão de que estava calmo e confiante, desmoronei quando os dois nasceram e foram colocados em meus braços para que eu os levasse até ela.

Chorava tanto que soluçava mais que meus filhos recém-nascidos, e ela me consolava, segurando um bebê em cada braço e beijando meu rosto.

Nada no mundo vai se comparar ao que sinto por ela e por meus filhos.

— Quando você planejou isso tudo? — Samara pergunta, ainda em meus braços, dançando suavemente ao som de Lionel Richie e Diana Ross.

— Meu sogro ajudou!

Ela gargalha.

— Eu não entendi nada daquela ligação! Ele ficou falando, falando e falando por horas! Isso não é típico dele, mas relevei, achando que estava preocupado com nossa vinda para cá.

— Não, eu pedi cobertura para distrair você!

Ela segura mais firme no meu pau, e eu gemo.

— Safado!

— Sou, sim, não valho nada a não ser para seu uso!

Ela me beija.

— Então diz que sou sua dona!

— Você é minha dona! — sussurro em seu ouvido. — Meu pau é seu, minha língua, minha porra, tudo é seu, apenas seu!

— Seu coração é meu! — ela rebate, e eu confirmo. — E, no momento, ele bate bem aqui!

Ela passa o dedo sobre a glande, e eu fecho os olhos, adorando quando ela espalha minha lubrificação e a usa para me masturbar gostoso.

Aproveito a deixa e insiro minha mão entre suas coxas, encontrando sua boceta completamente molhada. Faço o mesmo que ela, encharcando-a toda antes de excitar seu clitóris.

Gememos juntos, corpos ondulando contra nossas mãos, lábios se encostando, dividindo a respiração, o tesão, como se pudéssemos morrer sem o ar um do outro.

Levo-a para a cama e a deito sobre as pétalas multicoloridas de rosas, o aroma doce e delicado tomando o ar, perfumando nosso desejo. Deslizo sobre seu corpo, beijando seus peitos, sua barriga e parando sobre sua virilha, tomando ciência do seu cheiro de mulher misturado ao perfume das flores.

Beijo-a, não chupo, nem lambo, mas beijo-a em sua intimidade, meus lábios se movendo como faço quando estão em sua boca, a língua entrando e saindo dela, trazendo ao meu paladar os seus sabores, fazendo meu pau se contrair a ponto de ser doloroso, como se fosse rasgar de tesão.

Samara geme, agarra meus cabelos, contrai as pernas como faz sempre que está prestes a gozar. Desloco o foco do beijo para o exato ponto de tensão que ela quer tanto liberar.

Ouço-a gritar, suas pernas travam minha cabeça entre suas coxas, sua respiração sai acelerada, e o líquido quente e pouco mais espesso que o da lubrificação escorre para minha língua.

Não me contenho mais, ergo-me e entro nela ainda sentindo as contrações de sua vagina. Samara urra e se aferra a mim, arranhando minhas costas. Beijo-a, compartilhando seu gozo, movendo-me intensamente dentro de si, causando outra explosão de prazer nela.

— Quero tudo de você, Alexios! — ela diz ainda gemendo. — Me come como gosta, como gostamos!

Abro um sorriso e não me faço de rogado. Retiro-me de sua maravilhosa boceta e ergo suas pernas, apoiando-as sobre meus ombros. Uso a cabeça do meu pau para levar até seu rabo apertado a lubrificação de que preciso e começo a entrar devagar, sentindo aquela pressão gostosa ao passar pelo ânus, deslizando para dentro de sua bunda como se estivesse entrando no paraíso.

Samara adora quando faço isso! Desde que iniciamos a fazer sexo anal, ela se surpreendeu com o prazer que sentia, e eu, claro, senti-me um puta sortudo por isso.

Brincamos muito antes de fazer a sério, e acho que isso ajudou a mantê-la relaxada, consciente de todos os pontos sensíveis que há nessa área.

Samara abre as pernas, levando sua mão safada até seu clitóris, e eu não consigo desviar os olhos. Morro de tesão toda vez que ela faz assim, por isso essa posição é nossa preferida, porque a vejo extrair o prazer de todas as formas possíveis.

— Queria ter trazido o anel companheiro nessa viagem — comento, e ela concorda. — Mas imagina a mala passando pelo raio-x do aeroporto e ficando retida por ter um pênis extra nela!

Rimos juntos até que eu me encaixo totalmente em seu interior.

— Porra, vou aguentar pouco agora — confesso, sentindo já os efeitos do orgasmo. — Quero assistir a você gozar mais uma vez antes.

— Então mete, Alexios!

Sorrio cheio de malícia.

— Seu pedido é uma ordem!

Ondulo meus quadris devagar, saboreando com o pau seu cuzinho apertado. Seguro seus pés, ganhando apoio para aumentar a velocidade à medida em que a mão dela também acelera sobre sua boceta.

É delicioso “pra caralho” ver e sentir!

Olho em seus olhos no exato momento em que goza, não deixo de olhá-la,

vibrando com seu êxtase, adorando-a como a uma deusa pagã do sexo. Meu abdômen se contrai, e eu sei que estou em xeque-mate.

Meus pensamentos nublam, o corpo inteiro vibra, o suor aumenta na pele, e então explodo, urrando como um bicho, esvaindo-me dentro dela como se estivesse sendo tragado junto.

Caio ao seu lado, busco ar, enquanto o coração parece sair pela boca. Sinto tudo rodar, o ar parece carregado de energia, que vibra sobre meu corpo, eriçando meus pelos.

Porra!

Viro-me para ela, seus olhos lânguidos, inebriados de prazer e satisfação. Um sorriso bobo se desenha em mim, a segurança e a certeza de que ninguém poderia ser como ela. Somos um, duas metades que se completam perfeitamente.

— *...amo-te como um bicho, simplesmente, de um amor sem mistério e sem virtude, com um desejo maciço e permanente.* — Samara sorri. — *E de te amar assim muito e amiúde, é que, um dia em seu corpo de repente, hei de morrer de amar mais do que pude.*[23]

O soneto do Poetinha sempre a fez sorrir, desde a adolescência, quando aprendeu a declamar cada uma das estrofes. Samara sempre foi apaixonada por poemas, e Vinícius de Moraes está entre seus poetas favoritos.

— É incrível como você me conhece e se lembra de cada detalhe meu! — Abraça-me. — Eu imaginava que nada que eu fizesse chamava sua atenção.

— Eu tentava, de verdade, não te perceber. Mas sabe o que descobri? — Ela nega. — Que somente o fato de você existir me faz amar você.

Samara sorri e beija a ponta do meu nariz.

— Eu sempre senti o mesmo! — confessa. — Obrigada pela surpresa!

Esfrego meu nariz no dela.

— Ela ainda nem começou!

Fim.

Agradecimentos

A Deus, sempre!

À minha filha, que teve muitos momentos roubados para que eu pudesse terminar este livro. Manuela, eu amo você e espero que um dia tenha muito orgulho da mamãe!

À minha família, presente como dava para estar, em especial à tia Nilma, que me acolheu e entendeu minha rotina louca de trabalho em sua casa. Obrigada!

À amiga sempre presente, irmã do coração, Wilka Maria Andrade, minha Kika, por todas as conversas, pelo apoio incondicional, pela sinceridade e pelas broncas (ela é mestre em me “bater” e me fazer amá-la ainda mais por isso!).

Às queridas amigas e profissionais que trabalharam neste livro:

Analine Borges Cirne, revisora que eu admiro e quero para sempre comigo; e

Laizy, da Layce Design, que fez essa capa lindíssima e a diagramação maravilhosa em tempo recorde! *Máquina!*

Às minhas amigas, que estão sempre apoiando meu trabalho e vibrando com minhas loucuras: Ana Carolina Rangel, Erica Macedo, Francijane Coura, Mary Dias, Rosilene Rocha e Sirlene Dias.

E claro, às minhas Jujubas, leitoras lindas do meu Potão e do meu Potinho, além daquelas que me seguem no Wattpad, que estão sempre levantando mil teorias, agitando as redes sociais e me enchendo de orgulho por ter as melhores leitoras do mundo!

#gratidãoSEMPRE

Sobre a autora

J. Marquesi sempre foi apaixonada por livros e, na adolescência, descobriu seu amor pelos romances. Escreveu sua primeira história aos 13 anos, à mão, e desde então não parou mais. Só tomou coragem de mostrar seus escritos em 2017, tornando-se uma das autoras bestsellers da Amazon e da Revista VEJA.

Outras obras

NEGÓCIO FECHADO

Série *Família Villazza*, livro 1

Disponível em e-Book

Compre aqui!

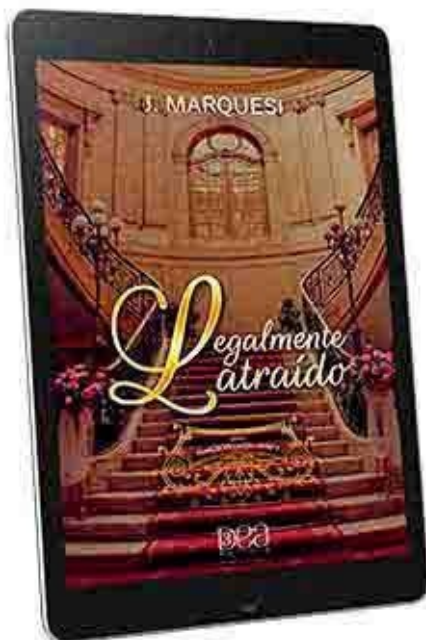
Disponível em formato impresso

Compre aqui!

SINOPSE

Marina, com apenas 24 anos, carrega marcas profundas causadas pela perda dos pais e pela saudade. Sozinha, sem formação e experiência, vê a oportunidade de reconstruir sua vida trabalhando como camareira em um luxuoso hotel do Rio de Janeiro. Porém, a chegada de um misterioso hóspede e a atração irresistível entre eles, desperta nela sentimentos nunca antes conhecidos.

Antonio é um italiano que mora no Brasil desde criança e já se considera um brasileiro. Ele carrega dentro de si um sofrimento que esconde de todos, embora essa dor norteie a sua vida, e nem todo o dinheiro que tem é capaz de amenizá-la.

Poderiam pessoas de mundos tão distantes viverem uma grande paixão?

LEGALMENTE ATRAÍDO

Série *Família Villazza*, livro 2

Disponível em e-Book
Compre aqui!
Disponível em formato impresso
Compre aqui!

SINOPSE

Frank Villazza é conhecido como o CEO playboy. Homem charmoso e rico, muito satisfeito com a vida que leva sem compromissos. As únicas coisas que lhe importam são: sua família, sua guitarra e suas amadas motos... e, claro, todas as mulheres gostosas que como ele, querem apenas diversão. O que o playboy não sabe é que ninguém pode controlar o destino – ou o coração.

Isabella Romanza é uma advogada determinada que sempre batalhou para se tornar a melhor em sua área. Mas, atrás dessa mulher independente, esconde-se uma garota que foi magoada pela rejeição do homem que amava e por um segredo que envolve a sua família.

O destino – que não conspira a favor de ninguém – coloca a advogada sexy e temperamental para trabalhar com o playboy, deixando-o louco. Levar a mulher para cama era o desafio de Frank. Não entregar o coração para o Frank

“Galinha” Villazza era o desafio de Isabella.

SEGREDO OBSCURO

Série *Família Villazza*, livro 3

Disponível em e-Book

Compre aqui!

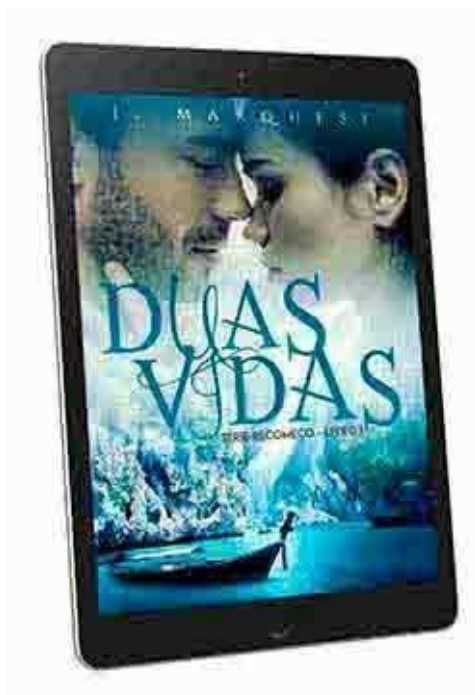
SINOPSE

Giovanna desistiu de tudo por um objetivo e, iria até o fim!

Uma das herdeiras da rede Villazza de hotéis, pede demissão da empresa de sua família, na Itália, e muda-se para São Paulo levando consigo um segrego capaz de mudar a vida de todos à sua volta.

Nicholas Smythe-Fox é um homem com princípios e, um dos solteiros mais cobiçados do Brasil. Engenheiro premiado, com obras em vários países e fama internacional, Nick se vê obrigado a assumir o cargo de CEO da Novak Engenharia, quando seu pai decide ingressar na carreira política.

Ele se tornou o elo que Giovanna precisava para cumprir sua missão, mas ela não esperava que a atração que sentiam fosse tão intensa, criando um sentimento sólido que a fez questionar todas as suas certezas. Acontece que um segredo obscuro permeia esse relacionamento, põe em xeque todos os sonhos que ambos construíram, e os torna alvo de uma pessoa sedenta por vingança.

Muitos segredos serão revelados, muitas máscaras cairão nesse livro cheio de erotismo e mistério.

DUAS VIDAS

Série *Recomeço*, livro 1

Disponível em e-Book

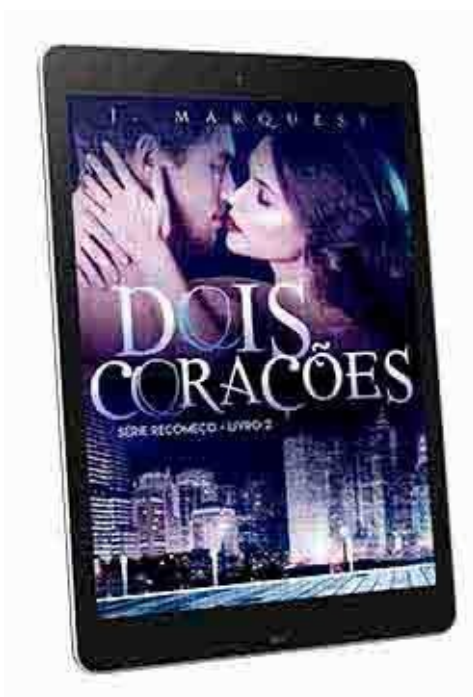
Compre aqui!

SINOPSE

Dois homens iguais, duas vidas marcadas por um jogo do destino.

Eric e Thomas Palmer são gêmeos e possuem uma relação conturbada. Após um grave acidente a vida dos dois é colocada em xeque e um só tem uma segunda chance. O sobrevivente precisa reaprender a viver, a lidar com sentimentos confusos, culpa e com as limitações físicas que o acidente lhe deixou.

Analiz Castro é uma mulher independente e segura. Ela batalhou até se formar em fisioterapia, o que ama de paixão, e após ser despedida do hospital onde trabalhava, Liz recebe a oportunidade de cuidar da reabilitação do homem que, no passado, a machucou muito, fazendo-a voltar à ilha que prometeu nunca mais pisar.

O destino os reúne novamente, dando a possibilidade de um recomeço para ambos. Um romance sobre perdão, recomeço e segunda chance.

DOIS CORAÇÕES

Série *Recomeço*, livro 2

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

Cadu Fontenelles tem fama, dinheiro e mulheres, mas trocaria isso tudo por apenas uma coisa: a oportunidade de criar sua filha.

Depois de perder a mulher que amava, ele se vê totalmente perdido, afundando em drogas e álcool, sendo impedido de ficar com Amanda, que está sendo criada por seus ex-sogros. Decidido a mudar de vida para ter a menina, ele enfrentará uma enorme batalha contra o vício. Contudo, irá descobrir que o destino ainda guarda muitas surpresas para o seu coração.

Lara Martins mudou-se para São Paulo para estudar e acabou se tornando babá de Amanda Kaufmann, uma menina solitária e infeliz que perdeu a mãe ainda bebê e cujo pai é limitado a vê-la sob supervisão. Lara entende o que é uma infância triste, pois nasceu com um problema cardíaco que a restringiu de ser como as outras meninas e cresceu sob a superproteção de seus pais. Disposta a tudo para fazer sua pupila feliz, ela bola um plano para aproximar pai e filha e, no percurso, acaba se apaixonando por Cadu.

Ele, um homem quebrado, cheio de marcas do passado, que insiste em viver

um eterno luto sentimental. Ela, querendo viver intensamente, aberta a sentir o amor pela primeira vez. A paixão entre os dois é intensa, mas Lara sabe que Cadu não pode amá-la, uma vez que continua ligado à falecida mãe de Amanda.

Há chance de dois corações tão sofridos serem finalmente felizes?

DOIS DESTINOS

Série *Recomeço*, livro 3

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

No coração do Pantanal, dois destinos tão diferentes se encontram...

Guilherme é peão pantaneiro que gosta das coisas simples: seu cavalo, sua viola, um bom churrasco e um tereré após o trabalho duro. A verdade é que nem sempre sua vida foi assim. Misterioso, o peão guarda dentro de si uma dor que tenta esquecer, mas a culpa o impede. A fazenda e os tios são tudo o que mais preza, seu porto seguro, e ele não deixará ninguém atrapalhar isso.

Até que uma dondoquinha da cidade grande aparece...

Malu Ruschel é uma executiva de sucesso disposta a trabalhar sem parar para atingir seu objetivo: ser a primeira mulher na diretoria da Karamanlis. Sua obsessão pelo trabalho a faz ficar doente, e ela é obrigada a tirar férias (acumuladas há 10 anos) e, assim, embarca para um SPA no Mato Grosso do Sul. Acontece que o tal SPA nunca existiu, e Malu se vê no meio de uma fazenda de gado no coração do Pantanal Sul, sem nenhum meio de se conectar com a civilização, com apenas uma ordem: descansar!

Como ela conseguiria relaxar com um peão xucro – e muito gostoso –

provocando-a a todo momento, levando-a ao limite da raiva e do desejo? Guilherme não gosta dela por trazer de volta lembranças amargas de seu passado e Malu não entende por que esse homem a atrai tanto. Os dois resolvem curtir uma aventura de férias sem saber que isso é apenas o início de um verdadeiro recomeço.

DOIS DESTINOS, o terceiro livro da série RECOMEÇO, vem recheado com humor, erotismo e, claro, um segredo de tirar o fôlego!

THEO

Os Karamanlis, livro 1

Disponível em e-Book
Compre aqui!

SINOPSE

Uma família separada pelo ódio...

Criado pelo avô, renegado pelo pai, odiado pelos irmãos, Theodoros Karamanlis recebeu o cargo de CEO da empresa da família. Sua principal meta é provar a todos que é mais competente do que o homem que sempre o renegou, seu pai. Para isso acontecer, falta apenas comprar o imóvel onde funciona um pequeno pub na Vila Madalena e assim fechar uma conta aberta há mais de dez anos.

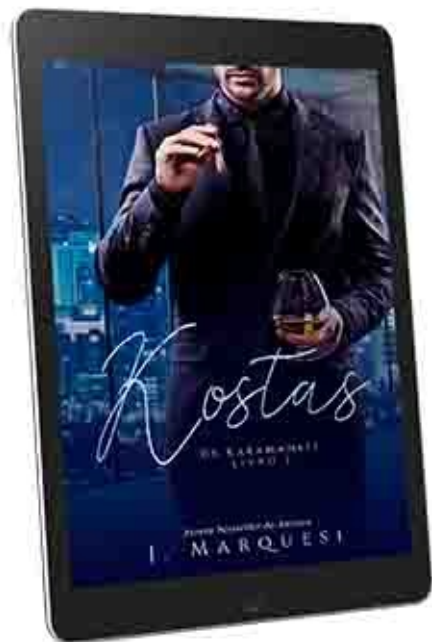
Uma família mantida pelas lembranças...

Maria Eduarda Hill sempre teve o sonho de ser uma renomada chef de cozinha, mas, por circunstâncias do destino, acabou assumindo o antigo boteco de seu pai na Vila Madalena. Ela trabalha duro para manter o negócio e preservar a memória de sua família e luta bravamente contra o assédio de uma empresa que quer comprar e demolir o lugar.

Uma noite, um bar, e uma química explosiva...

Depois de cair em uma armadilha e conhecer a irritante cozinheira que o impede de fechar o maior negócio de sua empresa, Theo se vê dividido entre essa forte atração, conquistar o que seu pai não foi capaz e uma promessa feita ao avô. Por mais que resista, o grego não consegue ficar longe de Maria Eduarda, então começa uma implacável sedução para tê-la em sua cama.

Theo e Duda têm tudo para se odiarem. No entanto, mal sabem eles que a paixão não se conduz pelo óbvio!

Atenção: esse livro não tem continuação. O próximo da série é de outro Karamanlis: Kostas.

KOSTAS

Os Karamanlis, livro 2

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

Confiança: palavra inexistente no dicionário de Konstantinos Karamanlis.

O segundo filho de Nikkós Karamanlis é um homem duro e frio, que prefere a sinceridade de umas notas deixadas na cama após o sexo à falsidade de carinhos e beijos interesseiros. Arrogante, seguro de si, um brilhante advogado, dirige sua vida como quer e não precisa de ninguém ao seu lado, nem da família e muito menos de uma mulher!

Disposto a ir até às últimas consequências para tirar seu irmão mais velho da presidência da Karamanlis, Kostas não se importa em ser solitário e faz questão de esconder seus medos e traumas do passado. Contudo, há uma pessoa capaz de arranhar suas defesas e causar reações que ele achava não serem possíveis: a irritante e debochada Wilka Maria Reinol.

Kika Reinol vive intensamente!

De personalidade esfuziante, é querida e amada por todos que a cercam.

Focada, objetiva, competente, líder nata, é gerente da Karamanlis e odeia intromissões em seu trabalho, principalmente as do diretor jurídico Kostas – ou Bostas, como o apelidou. Embora seu jeito vibrante esteja presente em cada palavra, sorriso ou gesto, Kika esconde algo que pode abalar o que construiu em sua vida, por isso, fará tudo para proteger o seu futuro.

Os dois se detestam; não sabem, no entanto, o quanto já estão envolvidos.

Atenção: Contém SPOILER do livro Theo - Os Karamanlis 1.

Contato

Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

Facebook | Fanpage | Instagram

Wattpad | Grupo do Facebook

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores. Obrigada.

Sumário

Notas

Nota da autora: Trocadilho com o nome do personagem com a Teocracia – método de governo onde o governante é o próprio deus encarnado. Exemplo de governo teocrático: o Egito antigo e seus faraós.

[←2]

Nota da autora: Deus, em grego.

[←3]

Nota da autora: *Nada a declarar*. Ultraje a Rigor. 1999.

[←4]

Nota da autora: Ágape (amor) em grego.

Nota da autora: anjo caído em grego.

[←6]

Nota da autora: bobo, em grego.

[←7]

Nota da autora: Praça São Marcos, a única praça existente em Veneza, na Itália.

Nota da autora: sinto muito, em espanhol.

[←9]

Nota da autora: desculpe-me, em italiano.

[←10]

Nota da autora: *“Sinto muito” foi o suficiente. Eu falo espanhol.*

[←11]

Nota da autora: *Sem problema.*

[←12]

Nota da autora: *Com a câmera.*

[←13]

Nota da autora: Aeroporto Adolfo Suárez, conhecido como Madrid-Barajas, o principal da Espanha e o quarto maior da Europa.

[←14]

Nota da autora: Antoni Gaudí, famoso arquiteto que fundou o modernismo catalão.

[←15]

Nota da autora: avó, em grego.

[←16]

Nota da autora: a tradução literal do alemão seria “coraçãozinho”. A expressão é usada para “querida”.

[←17]

Nota da autora: personagem do desenho *Caverna do Dragão* (*Dungeons & Dragons* no original).

[←18]

Nota da autora: pressa, em espanhol.

[←19]

Nota da autora: *sempre quis ser o dono do brilho em seus olhos, mas hoje percebi que ele pertence a alguém. Que pena que você irá perceber que esse pirralho arrogante nunca o mereceu.*

[←20]

Nota da autora: *me disseram que não devia levar a sério uma brasileira, são boas para foder, mas não valem a pena.*

[←21]

Nota da autora: *eu quero foder você como um animal.*

[←22]

Nota da autora: embalagem para armazenamento ou transporte de pranchas de projetos, que parece um canudo.

[←23]

Nota da autora: Moraes, Vinícius de. *Soneto do Amor Total*. Rio de Janeiro, 1951.